UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
Departamento de Psicologia Social

YURI FRACCAROLI

“Era um olhar e pronto”:
Memórias cotidianas do homoerotismo em São Paulo

São Paulo
2019

YURI FRACCAROLI

“Era um olhar e pronto”:
Memórias cotidianas do homoerotismo em São Paulo

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Psicologia Social da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Parodi Svartman

São Paulo
2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação Biblioteca
Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo autor

Fraccaroli, Yuri
"Era um olhar e pronto": Memórias cotidianas do homoerotismo em São Paulo / Yuri Fraccaroli; orientador Bernardo Parodi Svartman. -- São Paulo, 2019.
322 f.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

1. Memória Social. 2. Sexualidade. 3. Homossexualidade. I. Parodi Svartman, Bernardo, orient. II. Título.

Nome: Fraccaroli, Yuri

Título: “Era um olhar e pronto”: memórias cotidianas do homoerotismo em São Paulo.

Dissertação apresentada ao Programa de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em: _____ / _____ / _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Bernardo Parodi Svartman
Instituição: Universidade de São Paulo / Instituto de Psicologia.

Assinatura:

Prof. Dr. Luis Eduardo Frانção Jardim
Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / Departamento de Psicologia – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde.

Assinatura:

Prof. Dr. Júlio Assis Simões
Instituição: Universidade de São Paulo / Departamento de Antropologia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Assinatura:

AGRADECIMENTOS

Equivoca-se em grande medida quem pensa que uma escrita nasce de forma autônoma, isolada, fruto de um impulso criativo do autor. Pelo contrário, penso que não conseguiria dizer o que devo a quem. Amigos, familiares, professores, livros, filmes, músicas... todos, de alguma maneira, dialogaram e contribuíram essencialmente para esta escrita. Sei bem que ao citar nomes, invariavelmente, corro o risco de esquecer, apagar ou invisibilizar certos sujeitos, ideias e práticas que, certamente, em muito contribuíram para esse tímido trabalho. Sem embargo, gostaria aqui de agradecer principalmente àqueles que me ensinaram a amar. Como bem ensina Bira, essas pessoas que nos fazem sentir aquela deliciosa sensação sintetizada na máxima: "jamais me perdoaria se tivesse vivido apenas pra mim".

A minha família, um afetuoso abraço, grato pelo apoio emocional, pelo reconhecimento e respeito por minhas paixões, opiniões e posturas. Amo vocês três.

Aos meus amigos de longa data, gostaria de pormenorizar um pouco. A Juliana Westmann, Vinicius Fernandes e Marcela Ambrosio, obrigado pelo companheirismo, união de alma e gostos. A Lucas, Beto e Dani, por todas as conversas no *Palais.* Ao Andre Kviatkovski, por esses quase dez anos de "casamento". Ao Gui, por aquela tarde de sol em "devir-páscoa".

Aos amigos que criei – claramente, uns mais que outros, nesse percurso e a quem muito devo e agradeço: Lóris, Bira, Rui, Regis, P.J. e Leandro.

Agradeço a três mulheres muito importantes em minha vida: Erika Amaral, pela puxada de orelha em 2013; Helena Vieira, mentora intelectual, amiga e companheira de lutas; Prof. Ecléa Bosi, gratidão por me ensinar sobre a sensibilidade e o respeito em nosso labor.

Aos professores que marcaram minha trajetória: Prof. Bernardo, obrigado pela calorosa acolhida e por sua incomparável capacidade de dialogar, ensinar e aprender; Jayo, diria que esse trajeto teria sido mais difícil sem nossos cafés, risadas e (mal) humor; A Renan Quinalha, agradeço pelas tão importantes coordenadas iniciais; A Profa. Kerches pelo incansável apoio.

Aos companheiros de pesquisa: Tadeu Bellitz, Fernanda Heinzelmann, Luz Amparo López Barreyro, Rocio Shuña, Suzy Pistache, Anderson Nascimento, Renato Barboza, Kátia Pirotta, Patricio Simonetto e Remom Bortolozzi. Aos amigos do grupo da Pós: Marcela, Sol, Clarissa e Raul.

Ao Yan Daniel Silva, pelos momentos de amparo, prazer, loucura e compreensão que tivemos.

A todos aqueles que lutam e acreditam em um futuro diferente.

“A esquerda compreende muito bem as questões sociais, acha que existem problemas pessoais, mas não vê ligações entre uns e outros. Ela praticamente separa o real em duas partes: se apossa da luta social pública, mas joga a luta pessoal para uma terra de ninguém”. (Fernando Gabeira para O Lampião em 1979)

“Nada a esquecer, não podemos esquecer nada, pelo contrário, é preciso saber muito mais. Lembrar (e conhecer) o que foi esse tempo de silêncio e meias verdades ao som de hinos militares ou militarizados que cantavam o medo e a renúncia. A Anistia não vem para apagar fatos da nossa história recente: ela deve vir para ativar nossa memória, para fazer dessas recordações atualmente dispersas e pessoais uma observação viva na consciência coletiva da nossa gente”.
(Hebert Daniel em carta publicada também em O Lampião, em 1980)

“Para mim isso é uma missão, acabar com essa história de que homossexual é uma coisa triste, sofrida, que tem de ficar se escondendo”.
(Entrevista de Ney Matogrosso a Vânia Toledo e Nelson Motta, 1978)

PREFÁCIO

Não me lembro do seu nome, de sua voz ou de nenhum momento em que tenhamos estado juntos "ao vivo" para além daquela foto. Ouvi muito de você, sei que era um grande amigo da minha mãe, jovem, recém-chegada do Mato Grosso do Sul a uma São Paulo efervescente na década de 1980; moça que ouvia de alguns de seus familiares que tinha vindo para cá "tentar a vida fácil".

O Minhocão, a Amaral Gurgel, a São João. Santa Cecília, Campos Elíseos, Barra Funda... sei que vocês trabalhavam por lá em um galpão debaixo do minhocão que, hoje, comicamente, tornou-se uma igreja neopentecostal. Eu sempre me deliciei imaginando o que seriam as conversas de vocês. Do que vocês falavam? Tinham mais amigos ou companheiros de trabalho como vocês? O que pensavam do ambiente profissional que viviam, machista e conservador em vários sentidos? Você nunca me respondeu. Mas minha mãe sempre me contou de ti, dos amigos que vocês perderam na época da aids, mas também da alegria deles nos sambas em que tocavam, de como você levava tudo "numa boa", se impunha e era até mesmo respeitado. Porém, é claro, nem tudo eram flores e sei que isso não foi de graça. Sei que você tinha que "maneirar" dependendo da situação em que se encontrava e que, provavelmente, tinha que trabalhar o dobro pra "compensar" seu "desvio". Quando nos mudamos pra Pompéia, você ajudou minha mãe com a mudança e plantou com ela aqueles vasinhos de violeta na janela que acompanharam toda minha infância.

Entretanto, do pouco que sei e ouvi de ti, nada supera aquela foto tirada em um churrasco da firma de vocês. Você sentado em um banco alto, de shorts jeans, camiseta roxa, com as suas pernas escandalosamente cruzadas, tênis branco, óculos estilo Ray-Ban, expressando um sorriso irreverente e provocador em uma performance linda, autêntica e feminíssima.

Depois de muitos anos, eu me lembrei de ti com especial atenção em uma roda de conversa com amigos *queer*, termo que não deve/deveria fazer nenhum sentido pra você. E lá, enquanto dialogávamos, fui indagado: "qual é a sua primeira memória de alguém diferente como você?". E eu pensei em ti. Recordo sempre de ti. Me dói não saber mais de você pra além dos estereótipos. Penso que contar com alguém como você por mais tempo durante a infância ou adolescência faria meu percurso muito mais fácil. Como foi sua primeira vez? Você teve que sair de casa para sair do armário? Você frequentava o Val, que era do lado da firma? Você se sentia sozinho? Sonhava em casar? Foi solidário na época da aids? Pelo que escutei, sei que felizmente você não foi levado pela terrível onda e é muito provável que esteja vivo.

Sei também que você não militava "organizadamente", mas eu acho que sua existência

era de uma potência política fodida, bicha! Infelizmente, você e muitos outros não estão nos livros do movimento LGBT ou nas já clássicas histórias da sexualidade brasileira. Você não militou no SOMOS, não era das "artes", não frequentava a intelectualidade do teatro e/ou da comunidade *uspiana* e, acredito eu, não tinha todos os espaços de lazer abertos para ti, já que você não era apenas uma bicha, era uma bicha pobre, preta e que morava na periferia. Os trechos das músicas da Linn talvez dialoguem mais contigo do que os registros que hoje posso ler produzidos por alguns de "seus" contemporâneos.

Desconhecido amigo, peço licença para considerar sua existência e a de tantos outros "desconhecidos" similares a você como o elemento central da intriga que articula a trama da narrativa (Ricœur, 1994; 2006) que aqui busco compor, que tenta superar em parte os limites de certa narrativa coletiva privilegiada no interior do mito das homossexualidades (Bosi, 2013a, p. 17) que tem sido produzida e difundida hegemonicamente no Brasil. É importante lembrar, como bem aponta Trevisan (2018, p. 345-46), que se anteriormente o *homossexualismo* foi formulado por médicos, psicólogos, advogados e criminalistas, agora a homossexualidade é geralmente produzida por antropólogos e intelectuais e que ao assumir essa empreitada de contar histórias, também corro o risco de aumentar a cacofonia de discursos sobre algo deveras banal, "adicionando palavras a um discurso já demasiadamente barroco" (Guasch, 2007, p. 10)

Disse existência, porém faz-se necessária uma retificação. Por meio de tantos diálogos, imaginários e concretos, percebi como as identidades são fluidas e como as pessoas me relatavam muito mais suas práticas e as pessoas que haviam cruzado durante seu percurso de vida do que faziam referências a identidades fixas enquanto "viados, bichas, maricas, gays, homossexuais". Percebi que a ênfase costumeiramente recaía no fazer, no agir, em síntese, na capacidade de inventar um cotidiano vivível apesar de suas inegáveis limitações, já que compulsoriamente enquadradas socialmente como desviantes. Como diz Trevisan (2018, p. 612): "Criar, tirar do nada, inventar, não é o que fazemos a vida inteira? A partir de espaços rarefeitos e emoções recônditas, criamos e inventamos o nosso mundo incessantemente para poder sobreviver no exílio que nos meteram".

Acredito que por meio desses micro-combates, pessoais, mas coletivos, muitas mudanças tornaram-se reais e possíveis. Nesse sentido, decorre que a ênfase do presente estudo não pode estar focalizada em identidades fixas, no "ser homossexual", mas sim em pensar como a partir de determinadas circunstâncias, as quais memória e história podem ajudar-nos a recompô-las, um corpo fez seu prazer e desejo possível, considerando as pressões de uma heterossexualidade compulsória (Rich, 2012).

Longe de desconsiderar a importância dos grupos de liberação, gostaria de me aproximar dessa revolução, pessoal, coletiva e iminentemente política a partir de um elemento de muita importância nesse tempo de silêncio: a amizade. Amizade como forma de atenção e principalmente como criação de modos de vida (Foucault, 1981; Cornejo, 2015).

RESUMO

FRACCAROLI, Yuri. **“Era um olhar e pronto”: memórias cotidianas do homoerotismo em São Paulo**. 2019. Dissertação de mestrado (Psicologia Social), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Tendo como premissa as recomendações metodológicas de pesquisa em memória social de Ecléa Bosi e da pesquisa-participante, o presente estudo teve como principal motivação aproximar-se do cotidiano de indivíduos dissidentes à heteronormatividade, mais especificamente, viados, bichas e homossexuais que vivenciaram sua juventude e sua sexualidade na cidade de São Paulo durante as décadas de 1970-80. Os relatos foram motivados prioritariamente a partir da indagação dos espaços e práticas de sociabilidade da cidade e da escuta atenta das estratégias e táticas utilizadas para vivenciarem esses prazeres proscritos. Os depoentes foram escolhidos segundo a sua idade (58-80 anos), sua orientação sexual dissidente, além do critério de busca por narrativas não-militantes; conforme designação corrente na literatura especializada, são priorizadas as narrativas do ‘gueto’ em detrimento àquelas de militantes das chamadas frentes de liberação, levando-se em conta uma relativa ausência desse espaço do “cotidiano comum” nas principais narrativas que versam sobre as ‘homossexualidades’ no país durante o período compreendido pelo estudo. Para a realização das entrevistas, com o objetivo de produzir questões exploratórias que auxiliassem o depoente a recordar, foram realizados uma pré-entrevista e levantamento bibliográfico sobre o tema. Desta leitura, foi produzido o capítulo teórico inicial sobre gênero, sexualidade e homossexualidades no Brasil. Com a realização das entrevistas, seguiram as transcrições e a composição dos testemunhos, nos quais os depoentes puderam alterar suas versões. Esses testemunhos integram o miolo deste trabalho. Optou-se pela perspectiva da extração fenomenológica desenvolvida por José Moura Gonçalves Filho, estabelecendo diálogos entre depoentes, teoria e arquivo. Baseio a opção por esse entendimento da linguagem e do sujeito em dois autores: (i) no entendimento do cotidiano e dos indivíduos em suas potências/agências criativas, inspirado em Michel de Certeau; (ii.) em elementos da teoria de interpretação hermenêutica de Paul Ricœur. Vale dizer que a compreensão de gênero e sexualidade esboçada por esse trabalho trata de articula-la com os conceitos de cotidiano, memória e narrativa. Por fim, apresento os principais eventos recordados, as tramas e escolhas tomadas no processo de narrar a si mesmo, refletindo sobre as memórias coletivas e sociais e as particularidades expressadas pelos espaços biográficos relatados.

PALAVRAS-CHAVE: Memória Social; Sexualidade; Homossexualidade.

ABSTRACT

FRACCAROLI, Yuri. **"You could tell just from the look": Everyday Memories of Homoeroticism in Sao Paulo**. 2019. Master's Thesis (Social Psychology), Psychology Institute, University of Sao Paulo.

Based on the methodological premise of Ecléa Bosi's research recommendations regarding social memory and participant research, this study focuses on the daily life of youths in São Paulo during the 1970s and 1980s who dissented against ideas of heteronormativity – specifically, 'faggots', 'queens' and homosexuals. The reporting primarily drew its motivation from the investigation into the city's spaces and practices – in terms of sociability – as well as the attentive listening of the strategies and tactics used to experience the forbidden pleasure involved in heteronormative dissension. Those who gave testimony were selected according to their age (58-80 years) and 'dissident' sexual orientation, as well as other non-militant criteria. As typical nomination in the literature, the narratives of the 'ghetto' are prioritized to the detriment of those in so-called 'liberation fronts', considering a relative absence of the 'common everyday life' aspect in narratives around 'homosexualities' in Brazil during the time period covered by this study. Interviewees took part in pre-interviews to assist with the formulation of exploratory questions that would stimulate memories during the actual interview process, while a bibliographical survey on the subject was also carried out. It was from the latter that the opening theoretical chapter – about gender, sexuality and homosexualities in Brazil – was produced. Throughout the process, the interviewees followed the transcription and composition of their testimonies, and had the ability to change their versions as they saw fit. It is these testimonies that are at the heart of this study. The study adopts the perspective of phenomenological extraction developed by José Moura Gonçalves Filho, establishing dialogues between the interviewees, theory and archive. It bases this option for understanding the language and the subject in the work of two authors: firstly, in the understanding of the 'everyday' and of the individuals and their creative power and agency, inspired by Michel de Certeau; and secondly, in elements of Paul Ricœur's theory of hermeneutic interpretation. It is worth mentioning that in this work, the concepts of the everyday, memory and narrative are articulated via the understanding of gender and sexuality outlined therein. Finally, I present the main events recalled by the interviewees, the plots and choices they made in the process of narrating themselves, while reflecting on the collective and social memories expressed in their stories.

KEY WORDS: Social Memory; Sexuality; Homosexuality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Dançarinos da Corintho, espetáculo “Champagne” 109
Figura 2. Chegada de Wilza Carla à “Noite da Broadway” (1976) 179
Figura 3. Tradicional anúncio da Medieval na Folha de S. Paulo (Anos 1970) 181
Figura 4. Recorte de texto e foto sobre o pretígio da Medieval e seu público.....183
Figura 5. Foto de Condessa em capa da Revista Agora (1984) 186
Figura 6. Recortes de fotos de Condessa, no miolo de matéria da Revista Agora (1984)189
Figura 7. Anúncio da Nostro Mondo (divulgação interna) 191
Figura 8. Informações sobre a Homo Sapiens no Bandeirante Destemido.....194
Figura 9. Arte de divulgação da cerimônia de reparação de Andrea 196
Figura 10. Fotos da performance realizada pelo grupo VIADAS no Cemitério da Consolação (Novembro/2017) 197
Figura 11. Área interna do Bar Caneca de Prata.....203
Figura 12. Descrição do Café Teatro Oscar Wilde (Antigo GAY CLUB) no Bandeirante Destemido 204
Figura 13. Roteiro eclético dos WC’s pau-listas no Lampião (1980).....217
Figura 14. Ansiedade heterossexual e a “economia do mictório” ou “como mija o macho” 219
Figura 15. Anúncio do Thermas Danny 220
Figura 16. Anúncios das Saunas Thermans Danny e Le Rouge 80 221
Figura 17. Saunas e “Cruising” em São Paulo.....225
Figura 18. Anúncio em jornal de Dzi Croquettes 249
Figura 19. Lennie Dale fotografado em Lampião.....250
Figura 20. Foto do grupo Dzi Croquettes 251
Figura 21. Coluna “Opinião” de Lampião, ano 2, n. 24, maio/1980 272
Figura 22. Travesti sendo violentamente abordada por policias durante as operações de Richetti. 275
Figura 23. Após abordagem em seu carro, travesti é violentamente jogada no chão. 275
Figura 24. Travesti é presa. De gravata, o torturador José Wilson Richetti 276
Figura 25. Fotos dos protestos de 13 de Junho contra a violência policial.....277
Figura 26. Charge de Michele Iacocca ilustrava o artigo de Perlongher (1985) 282
Figura 27. Diagrama da aids como metáfora da guerra em recorte jornalístico. 290

LISTA DE SIGLAS

ABIA	Associação Brasileira Interdisciplinas de Aids
GAPA	Grupo de Apoio à Prevenção à Aids
GIV	Grupo de Incentivo à Vida
HS	Homo Sapiens
LAMPIÃO	Jornal O Lampião da Esquina
LGBTT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
MCI	Movimento Comunista Internacional
MHB	Movimento Homossexual Brasileiro
MR-8	Movimento Revolucionário Oito de Outubro
SOMOS	Grupo Somos de Afirmação Homossexual

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **11**

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS **31**

1.1. A MEMÓRIA, O COTIDIANO E A PESQUISA-PARTICIPANTE: OBJETIVOS E DESENHO METODOLÓGICO 36

1.2. CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS DEPOENTES 41

1.3. VIDAS QUE SE REVELAM: OS DEPOENTES 43

1.4. SOBRE A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS 44

1.5. TRANSCRIÇÕES, FORMAÇÃO DE NARRATIVAS E DEVOLUÇÕES 48

1.6. MEMÓRIA, NARRATIVA E SEXUALIDADE: PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE 49

2. LEMBRANÇAS E VOZES DISSIDENTES **63**

2.1. LAIR 64

2.2. REGIS 74

2.3. BIRA 94

2.4. LÓRIS 122

2.5. RUI 136

2.6. P.J. 153

3. CRUZANDO VOZES **173**

3.1. "PORQUE VIADA PRA INVENTAR COISA NÃO TEM IGUAL" 177

3.1.1. A Medieval *178*

3.1.2. A Nostro Mondo da Doce Condessa.. ..... *185*

3.1.3. Homo Sapiens. *192*

3.1.4. Andréa de Mayo: o Val Improviso, o Val Show e a Prohibidus.. ..... *195*

3.1.5. Outras purpurinas: Caneca de Prata, Gay Club, Off e a Corintho... ..... *201*

3.2. QUANDO ESPAÇOS SÃO PRÁTICAS 208

3.2.1. Cinemas *209*

3.2.2. Banheiros *215*

3.2.3. Saunas *219*

3.2.4. A Rua: trottoir, footing e autoramas. *222*

3.2.5. Era um olhar e pronto *227*

3.3. ACONTECIMENTO E TEMPO NAS NARRATIVAS 231

3.3.1. Descobrir-se? Assumir-se? Negociando identidades *232*

3.3.2. "Sabe um vulcão em erupção?".. ..... *245*

3.3.3. Saudades do Doutor Richetti? A memória política. *260*

3.3.4. "Aí foi um baque": a aids e o retorno do recalcado *280*

DEPOIS DE TUDO **301**

REFERÊNCIAS **307**

INTRODUÇÃO

Sou um homem, sou um bicho, sou uma mulher
Sou a mesa e as cadeiras deste cabaré
Sou o seu amor profundo
Sou o seu lugar no mundo

Sou a febre que lhe queima, mas você não deixa
Sou a sua voz que grita, mas você não aceita
O ouvido que lhe escuta
Quando as vozes se ocultam
Nos bares
Nas camas
Nos lares
Na lama

Sou o novo, sou o antigo
Sou o que não tem tempo
O que sempre esteve vivo
Mas nem sempre atento
O que nunca lhe fez falta
O que lhe atormenta e mata

Sou o certo, sou o errado
Sou o que divide
O que não tem duas partes
Na verdade existe
Oferece a outra face
Mas não esquece o que lhe fazem
(Mal Necessário, Mauro Kwitko [comp.],
Ney Matogrosso [int.])

No marco de celebração dos quarenta anos do movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTT)[1], a cidade de São Paulo recebeu no ano de 2018 uma série de eventos com o propósito de relembrar sua recente trajetória, comemorar os avanços conquistados e refletir sobre os principais obstáculos e desafios contemporâneos que se apresentam à população LGBTT[2]. Traço comum dos empreendimentos/agenciamentos de memória coletiva (Lifschitz, 2014), era fácil notar a influência de elementos políticos e sociais

[1] Cabe dizer que não há consenso sobre a fundação do Grupo Somos em 1978 como marco-zero do ativismo LGBTT no Brasil. Essa discussão esbarraria, principalmente, em questões relativas à definição do que seria "o político" e o que seria um movimento social.

[2] Regina Facchini (2005) desenvolve uma discussão sobre as disputas pela sigla que denomina o movimento social que luta pelos direitos relativos às orientações sexuais e identidades de gênero dissidentes, por meio da análise da categoria êmica "sopa de letrinhas". Em síntese, a autora entende que as disputas pela sigla seriam formuladas pelo "campo" do movimento (atores sociais que participam do cotidiano da militância) e não necessariamente levariam em conta as realidades, demandas e interesses da "arena" (todos que poderiam se reconhecer ou ser reconhecidos a partir delas) (Facchini, 2012, p. 133-134). Destarte, por meio do uso da sigla LGBTTT, não tenho a pretensão de definir a totalidade das vivências dissidentes no que se refere à gênero e à orientação sexual, mas apenas apontar as atuais categorias com relativa visibilidade social e política em termos de identidade política/coletiva. Sobre as discussões sobre as denominações relacionadas às identidades trans*, parecem-me oportunas as proposições de Platero (2015, p. 98-99)

do presente nessas elaborações mnemônicas, sobretudo, com a iminente vitória de um candidato de extrema direita à cadeira da presidência da república.

Como pesquisador, militante dos direitos LGBTT e sujeito dissidente à heteronormatividade (Rich, 2012), pude estar presente em grande parte desses eventos, tendo a oportunidade de ouvir "ao vivo" palestras e conferências de militantes históricos do movimento, como James Green, Marisa Fernandes, Edward MacRae, entre outros que contavam de forma coletiva e pessoalizada como haviam vivenciado a chamada liberação sexual.

Paralelamente a esses eventos, realizava entrevistas e contatos de campo com pessoas que também tinham vivido suas sexualidades dissidentes nos anos da ditadura civil-militar na cidade de São Paulo, mas que não tinham militado nos chamados grupos de liberação[3]. Desse modo, notava um grande descompasso entre as narrativas do campo e as memórias retomadas nesses eventos que, quase sempre, referiam-se às perspectivas acadêmicas, às questões de organizações políticas, à luta contra a ditadura, à militância e suas divergências internas e externas e os impasses entre a chamada "luta maior" em relação às "lutas menores".

Por vezes, pareciam-me dois (ou mais) universos distintos: se nos ciclos de palestras, ouvia constantes menções ao Jornal O Lampião da Esquina (Lampião) ou ao grupo SOMOS de Afirmação Homossexual (SOMOS), no campo, era remetido ao mundo de boates, saunas e bares, questões e problemas familiares, batidas policiais, paixões e afetos, não sendo poucas as vezes em que ouvi comentários como "não conhecia o Somos", "O Somos não diz nada pra mim", "nunca pude ler um Lampião, nem sabia direito que existia" ou "queria muito ler o Lampião, mas não tinha coragem de comprar". Obviamente, não há dúvidas de que a militância ocupou um importante e estratégico espaço político nos enfrentamentos contra a ditadura civil-militar e na luta pela conquista de direitos básicos de cidadania, que viriam a ser disfrutados não apenas pelos militantes. Entretanto, como me diria Regis: "isso seria apenas um recorte".

Pude perceber essa cisão com mais clareza em palestra proferida pelo Professor Edward MacRae na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP) em setembro de 2018, durante evento integrante do ciclo de debates "Todo Sexo é Político". Após sua fala, com o microfone aberto ao público presente, um militante de aproximadamente sessenta anos tomou a palavra e indagou MacRae sobre uma suposta divisão entre a militância e o gueto (denunciando certa visão estereotipada do gueto), afirmando que havia "adquirido" sua consciência política e social enquanto sujeito homossexual no gueto e não nos grupos de

[3] Para um panorama histórico dos grupos de liberação na América Latina que trata de ponderar os efeitos da Revolta de Stonewall e a circulação desse "gay power" na região, buscando variáveis locais para entende-los, consultar: Simonetto, 2017.

liberação. Em linhas gerais, o que pude compreender naquele momento é que seria a partir desses espaços de sociabilidade dissidente, que surgem na década de 1970 e crescem com especial força nas décadas de 1980-90[4], que o atual militante havia tematizado politicamente a homossexualidade e tido contato com outros sujeitos diferentes que lhe eram semelhantes.

A pergunta dialogava francamente com o clássico artigo de MacRae (1983) intitulado "Em Defesa do Gueto", no qual há uma especial ênfase nas possibilidades criativas do gueto, apesar de seus inerentes e tão criticados limites estruturais e mercadológicos. Em síntese, neste artigo, MacRae aponta a importância desses espaços para a aparição da homossexualidade em público ao se constituírem como importantes espaços de apoio e até mesmo aprendizado; locais nos quais era possível o contato com uma alteridade semelhante, afastando os medos e estigmas de adotar determinadas práticas e posturas, com o aumento da autoconfiança por meio da criação de amizades, casos e outros tipo de contatos afetivos e a formação de redes de solidariedade e de apoio.

Para uma melhor compreensão dessa suposta cisão, é importante retomar a localização dessas questões em um quadro político e cultural mais amplo, seja referente ao contexto brasileiro especificamente ou a uma onda internacional de contestação cultural (MacRae, 2018, p. 25). Entendo que pela leitura de outros textos de MacRae (1982, 1987), das críticas de Peter Fry (1982) e/ou das reflexões de Trevisan (2018) sobre "ser ou não ser homossexual", é possível tentarmos parcialmente tornarmo-nos contemporâneos (Agamben, 2014) do clima dos principais temas de debates e dúvidas da época[5], que remontam uma miríade de posicionamentos políticos, entendimentos conceituais e influências locais e globais na compreensão do que viria a ser a homossexualidade e quais seriam os papéis e práticas do então Movimento Homossexual Brasileiro[6] (MHB), considerando os riscos e potencialidades da afirmação homossexual (MacRae, 1987) em um país tão diverso, no qual a significação da homossexualidade seria da ordem de uma "infinita variação" em razão da pluralidade de fatores estruturais e culturais (Fry & MacRae, 1985, p. 8-9, 15).

---

[4] Para uma minuciosa análise dos espaços e práticas de sociabilidade, e os entendimentos identitários das décadas de 1980 e 1990, recomendo a leitura de França (2010), Perlongher (1987) e Trindade (2018).

[5] Faço referência às discussões do contemporâneo por Agamben (2014, p. 27), que metaforicamente define as possibilidades de "tornar-se contemporâneo": "escuridão do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo [...] e por isso ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem porque significa ser capaz não só de manter fixo o olhar na escuridão da época, mas também de perceber nessa escuridão uma luz que, dirigida até nós, afasta-se infinitamente de nós. Ou ainda: ser pontual a um compromisso ao qual só podemos faltar"

[6] Sobre as relações entre universo do autor e produção textual sobre as homossexualidades no país, consultar artigo de Ronaldo Trindade (2002).

Nessas discussões, é notável a influência do filósofo Michel Foucault em razão do efeito provocado pela publicação de "História da Sexualidade v. 1: vontade de saber" e sua refutação da hipótese repressiva, que, entre vários aspectos, suscita criticamente os limites discursivos decorrentes da afirmação política baseada na ideia de uma homossexualidade, categoria considerada tardia pelo autor (2015, p. 4). De fato, em entrevista na qual comenta a recepção de sua obra pela militância, longe de discordar do uso da categoria para assegurar direitos básicos em lutas precedentes, como a dos uranistas na Alemanha, o que Foucault sinaliza são os perigos que acompanhariam a aceitação implícita de uma noção de sexualidade e de todos os biologismos e psicologismos que tal definição carregaria, defendendo, portanto, a necessidade de questioná-la (Foucault, 2015, p. 5).

A questão do gueto é especificamente tratada nessa entrevista quando é questionado sobre as possibilidades de fuga e de captura em espaços como saunas e boates, momento no qual o entrevistador busca evitar o uso da palavra "gueto" devido à interpretação depreciativa por parte de alguns militantes. Chamam atenção três aspectos na resposta de Foucault a partir dos quais gostaria de retomar as questões gueto/militância no contexto brasileiro: (i) a ironia utilizada pelo autor para apontar que todo tipo de prática sexual desviante seria própria do "gueto burguês" (Foucault, 2015, p. 21); (ii) ao fugir de uma valoração positiva ou negativa de saunas e bares, o autor se contenta em indicar as possibilidades de dessubjetivação e subversão nessas práticas e suas capacidades de fabricar novas experiências dessexualizantes de prazer (Foucault, 2015, p. 22); (iii) as interdições de experiências de felicidade posteriores à prática de prazeres proscritos: "não é a partida para o prazer que é insuportável, é o despertar feliz" (Foucault, 2015, p.13).

Em diálogo com o primeiro ponto, cabe dizer que havia também no Brasil, nesse momento, certa visão que entendia o "homossexualismo" e/ou as práticas de sexo entre iguais como hábitos burgueses ou como atos que expressavam e difundiam valores subversivos. Por parte dos grupos políticos alinhados à direita, veiculava-se a ideia do *homossexualismo* como uma degenerescência (Morando, 2015) e como estratégia de um difuso Movimento Comunista Internacional (Cowan, 2016), principalmente após o fim dos embates com os grupos de guerrilha e a falta de um inimigo claro à ditadura civil-militar (Cowan, 2015). Já no campo político à esquerda, havia uma série de preconceitos, indisposições e desconfortos de se lidar com o tema, sendo recorrentes as afirmações do homossexualismo como prática burguesa, como ilustra a seca resposta do então líder do jovem Partido dos Trabalhadores, Lula, que ao

ser indagado sobre "o homossexualismo na classe operária" pelo jornal Lampião, teria dito: "não conheço"[7].

Nos grupos revolucionários, como o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), por exemplo, eram frequentes e até mesmo internalizados certos entendimentos e posicionamentos como a opinião de que o egocentrismo homossexual dificultaria o trabalho coletivo, que o socialismo corrigiria tendências individualistas e que caso a revolução chegasse a prosperar, tal prática poderia até mesmo deixar de existir, já que não haveria homossexuais na União Soviética (De la Dehesa, 2007, p. 46-47). Para além disso, era possível observar uma divisão de tarefas e responsabilidades clara entre o masculino e o feminino na vida cotidiana dos guerrilheiros (Green, 2018; De la Dehesa, 2007, p. 45), em um tempo no qual o corpo e o cotidiano não eram entendidos como terrenos políticos (De la Dehesa, 2007, p. 46).

Essa breve retomada do panorama político e ideológico do fim da década de 1960 e dos anos 1970 e 1980 explica em boa medida as constantes tensões entre os grupos que viriam a compor o MHB e os partidos políticos: seria possível a criação de pontes, diálogos ou conexões? Como o episódio do chamado "racha" no Somos ilustra – e demonstra até hoje (Green, 2018b; Trevisan, 2018b), não há/havia consenso sobre essas questões, já que se a liberação homossexual teria seus limites discursivos por um lado, a adesão à chamada "luta maior" e suas burocracias, ideologias e táticas políticas mais difundidas também representavam limitações para a ação política da chamada "contestação homossexual". Dinâmicas corporais e oficinas de relato de histórias de vida no grupo Somos suscitavam parte das grandes diferenças (e até mesmo inovação) entre algumas das práticas e formulações ideológicas dos grupos de liberação com o imaginário e as práticas políticas da esquerda mais ortodoxa à época. Entendo que essas "novas" práticas demonstravam possibilidades de se fazer política de outro modo, aproximando-se àquilo que Foucault se refere no segundo aspecto por mim destacado.

As descrições de Trevisan (2018, p. 326-327) sobre o potencial político de uma dinâmica em que os participantes do núcleo de estudos do SOMOS tiraram suas roupas em grupo, referência máxima que exemplifica as dinâmicas políticas do grupo que considerava as próprias relações sexuais como campo político e a necessidade de constituírem a homossexualidade como "instância de determinação dos próprios homossexuais" (Trevisan, 2018, p. 325), não apenas exemplifica as diferenças com a esquerda ortodoxa à época, como também relata a percepção das possibilidades de uma consciência de poder e politica a partir

[7] Reportagem sem autor. "Alô, alô, classe operária: e o paraíso, nada?" *Lampião da esquina*, ano 2, n. 14, julho de 1979.

da visualização e contato destes corpos, algo similar as percepções de Samuel Deleny[8], que relata a percepção das possibilidades de uma consciência de poder e politica a partir da visualização nas saunas de uma massa de corpos dissidentes (Scott, 1998, p. 297-298):

> O encantamento foi geral. Resolvemos repetir a dose, numa outra ocasião. Dessa feita, éramos uns doze rapazes tocando-se no escuro, indiscriminadamente, durante mais de uma hora. Lembro que fiquei fascinado, sentindo numa mão a textura inflada de uma cabelereira afro e, na outra, o inflar-se de um pau generoso, ambos se entregando ao meu carinho. De tal modo a experiência nos fascinou que passamos a pensar, sarcasticamente, em propor a nudez generalizada nas reuniões dos partidos de esquerda, para subverter as sisudas discussões sobre os caminhos da revolução. Era o final de 1979. Aquilo parece ter sido o cisne de nossas tentativas de instigação política e de autonomia. (Trevisan, 2018, p. 327)

Enfim, caso se entenda o corpo e o cotidiano como espaços de poder, influência da compreensão do micropoder foucaultiano (De la Dehesa, 2097, p. 45), qual seria a linha divisória de um ato enquanto militância política e como ato apenas em sua dimensão de prazer? Estariam desconectados? Em saunas, banheiros e cinemas de São Paulo, muitos podiam deixar por algumas horas suas realidades enquanto "casados", pais de famílias, sujeitos profissionais e desfrutarem do prazer desconhecido com desconhecidos outros que ali estavam.

Essa questão nos conduz, por fim, ao último elemento apontado em Foucault: a possibilidade de um dia feliz após o prazer. Durante as entrevistas, com recorrência ouvi depoimentos em que após os atos de prazer, a culpa e o medo eram a tônica; sentimento atenuado com a eclosão da epidemia do hiv/aids. Se a existência de tais práticas era algo conhecido, sendo atribuídas ao gueto e a outros espaços marginais, sua aparição não era, como observa-se nas violentas experiências cotidianas de travestis e transexuais (Vieira & Fraccaroli, 2018; 2019) e na repressão de atos que acontecessem de forma pública, na rua. Como me disse Bira: "pra dentro, tudo bem", ou como reflete Lair: "vejo esses meninos de mãos-dadas no metrô hoje e nossa...". Invisíveis geografias de desejos e de prazeres, que circunscreviam as possibilidades e as condições da vivência dessas práticas ao terreno do privado ou a determinados espaços e momentos de natureza semi-pública e vigiada, constituindo a

[8] Samuel Deleny, afro-americano nascido em 1942, é escritor, professor e crítico literário. Entre os temas que escreve, podemos destacar as questões relativas à sexualidade, sociedade e suas memórias enquanto sujeito dissidente sexual (gay). A obra citada por Joan Scott (1998) é "The Motion of Light in Water" de 1988, livro autobiográfico no qual relata sua vida e crescimento como sujeito gay e negro nos Estados Unidos.

heterossexualidade compulsória como prerrogativa da possibilidade *una* de experiência do público, do visível, ou melhor dito, do aparecimento. Se não era segredo a existência de atos sexuais entre homens, era vedada sua visibilização e a própria possibilidade do amor[9].

Apesar de datado, é curioso observar como certos ecos dessa suposta divisão ressoam ainda hoje. Não são poucas as vezes que escuto que a Parada de São Paulo perdeu seu sentido, que tratar-se-ia apenas de uma festa, de um carnaval fora de época sem efeitos políticos ou sociais, entre outros argumentos que reforçam definições do que é o político e que, automaticamente, excluem as potenciais dimensões performativas desses corpos em massa nas ruas (Butler, 2018) e a consideração de que o pessoal pode sim ser político, como bem ensinou a segunda onda do movimento feminista.

Longe de desconsiderar a real presença dessas discussões e os fluxos e refluxos gerados pelas cobranças de um posicionamento político responsável da Parada, sobretudo, frente ao avanço do *pink-money* e a cooptação das chamadas "pautas identitárias" pelo mercado, gostaria de iniciar este estudo[10] a partir da recusa dessa cisão, desse "ou isso ou aquilo": *I'd rather not* de Bartleby. Ou política ou gueto, ou lazer ou militância, ou seriedade ou falta de consciência:

> A maior parte do tempo, quando me colocam uma questão, mesmo que ela me interesse, percebo que não tenho estritamente nada a dizer. As questões são fabricadas, como outra coisa qualquer. Se não deixam que você fabrique suas questões, com elementos vindo de toda parte, de qualquer lugar, se as colocam a você, não tem muito o que dizer. A arte de se construir um problema é muito importante: inventa-se um

[9] "Penso que é isto o que torna "perturbadora" a homossexualidade: o modo de vida homossexual muito mais que o ato sexual mesmo. Imaginar um ato sexual que não esteja conforme a lei ou a natureza, não é isso que inquieta as pessoas. Mas que indivíduos comecem a se amar, e ai está o problema. A instituição é sacudida, intensidades afetivas a atravessam, ao mesmo tempo, a dominam e perturbam. Olhe o exército: ali o amor entre homens é, incessantemente, convocado e honrado. Os códigos institucionais não podem validar estas relações das intensidades múltiplas, das cores variáveis, dos movimentos imperceptíveis, das formas que se modificam. Estas relações instauram um curto-circuito e introduzem o amor onde deveria haver a lei, a regra ou o hábito". (Foucault, 1981)

[10] Faço referência à distinção entre estudo e pesquisa traçada por Giorgio Agamben (2017), no qual, ao destacar discrepâncias em termos de envolvimento, natureza de atividades, pressupostos epistemológicos, ambiente e tempo de realização, entre outros aspectos, o autor propõe o estudo como paradigma cognitivo superior ao da pesquisa: *"A differenza del termine "ricerca", che rimanda a un girare in circolo senza ancora aver trovato il proprio oggetto (circare), lo studio, che significa etimologicamente il grado estremo di un desiderio (studium), ha sempre già trovato il suo oggetto. Nelle scienze umane, la ricerca è solo una fase temporanea dello studio, che cessa una volta identificato il suo oggetto. Lo studio è, invece, una condizione permanente. Si può, anzi, definire studio il punto in cui un desiderio di conoscenza raggiunge la sua massima intensità e diventa una forma di vita: la vita dello studente – meglio, dello studioso. Per questo – al contrario di quanto implicito nella terminologia accademica, in cui lo studente è un grado più basso rispetto al ricercatore – lo studio è un paradigma conoscitivo gerarchicamente superiore alla ricerca, nel senso che questa non può raggiungere il suo scopo se non è animata da un desiderio e, una volta raggiuntolo, non può che convivere studiosamente con esso, trasformarsi in studio".*

> problema, uma posição de problema, antes de se encontrar a solução (Deleuze, 1998, p. 9)

Seja no presente ou no passado, militantes frequentam/frequentavam os espaços de sociabilidade e "não-militantes" por muitas vezes não participam/participavam de movimentos por medo, desconhecimento ou até mesmo por falta de interesse em determinado momento ou por diferentes percepções da importância e sentidos conferidos à militância, sendo possível que mais adiante mudassem de posicionamento. Por outro lado, seria um crasso erro desconsiderar o que há/havia de político na fechação, na "pintosidade" de bichas mais afeminadas e no claro enfrentamento de transexuais e travestis com as normas que conferem/conferiam inteligibilidade às matrizes heteronormativas de cada época (Butler, 2015b; Butler, 2018b).

De ambos os lados, acredito terem sido produzidos deslocamentos significativos. Mas é grande também a possibilidade de deslocamentos e mudanças a partir de linhas de fuga que nem sempre vemos ou entendemos: "as coisas nunca se passam lá onde se acredita, nem pelos caminhos que se acredita" (Deleuze, 1998, p. 12). Ou seja, o problema pode transitar de um "ou-ou" para um "nem-nem", ou muito pelo contrário, de sorte que a abertura ao diálogo e ao acaso (Deleuze, 1998, p. 18) foram as primeiras condições para o movimento que corporalmente esbocei nos últimos meses, seja no contato com a inteligência *phronética* ou pela abertura a saberes para além da Psicologia Social, ou então da Psicologia Política.

Em suma, se em exercício de qualificação propunha a análise da consciência política de "não-militantes" durante a ditadura civil-militar (Fraccaroli, 2018), tentando inferir razões da "não-militância" e buscando um perfil diferente daqueles que escrevem nossas histórias bichas, gostaria de demarcar inicialmente quatro entendimentos que aprendi ao dialogar no campo de pesquisa e que resultaram em fortes mudanças de rumo dessa dissertação: (i) identidades não são fixas, de modo que mesmo considerando a falaciosa cisão militante/não militante, pessoas mudam durante o curso de sua vida não apenas em suas leituras de mundo, mas também corporalmente, o que prejudica qualquer pretensão de totalidade da ideia de um sujeito "militante"; ii) os próprios entendimentos identitários são plurais e variam ao decorrer do tempo, de modo que aproximações às experiências do passado baseados em categorias identitárias são contingentes e momentâneas (Soliva, 2018, p. 121) ; iii) a questão da militância como critério diferenciador e a ditadura civil-militar eram claros recortes meus, agenciamentos que determinavam de antemão as narrativas que desejaria encontrar, aderindo a uma formatação de uma realidade temporalmente prévia ao modelo teórico que utilizaria, reduzindo as possibilidades de escuta dos entendimentos, das sensibilidades e da possibilidade de criação de

narrativas por parte de sujeitos historicamente afastados das possibilidades de relatarem a si mesmo. Não é porque percebia e percebo narrativas coletivas privilegiadas (Bosi, 2013a, p. 17-18) de certo grupo ou de outro que tal dimensão se constitua em um problema para as pessoas com as quais dialogaria ou que a divisão entre aqueles que fazem a história e os que vivem seja algo da ordem do real; **(**iv) por fim, como aponta Cornejo (2015, p. 140), a autorreflexividade não é ato equalizador em si, desse modo, a escolha que fazia anteriormente de partir da minha experiência enquanto sujeito dissidente em outro momento histórico como possibilidade introdutória de demonstrar a diversidade de experiências dissidentes, legitimando então minhas leituras do outro, não apenas supunha certa fragilização do outro, mas a utilizaria como problemática e necessária intriga para que assim pudesse tecer uma narrativa (Ricœur, 1994; 2006).

* * *

Em linhas gerais, tais entendimentos me conduziram ao raciocínio de que aderir a uma narrativa *una* sobre a ditadura civil-militar ou sobre o que viria a ser a "homossexualidade" nesse período, negando o espaço privado e possibilidades de rememorações que não sejam sempre aquelas negativas, marcadas pelos irreparáveis danos e violências promovidos pelo Estado e pela sociedade, poderia ser uma grave redução:

> " [...] não se deve reduzir a história do Brasil entre 1964 e 1985 à história da ditadura militar. É um simples jogo de palavras, mas com ele quero sustentar que não podemos pensar o período simplesmente como tendo sido o palco de enfrentamento entre repressão e vítimas: na esfera do cotidiano, da vida privada, das relações interpessoais, muita coisa surpreendente aconteceu [...] (Fico, 2015, p. 16)

Se a literatura é clara em demonstrar o inegável contexto de repressão às homossexualidades no período da ditadura civil-militar (Green & Quinalha, 2015, 2015b; Cowan, 2016), os entendimentos identitários mais difundidos (Fry, 1982; Guimaraes, 2000) e o papel que tiveram as movimentações contraculturais e de contestação homossexual na busca por possibilidades de alargamento das experiências possíveis de prazer e de viver conforme se desejava (Green, 2000; Green & Polito, 2006; Trevisan, 2018; Figari, 2003), parece-me que ainda pouco sabemos desse espaço cotidiano e contamos com a possibilidade de dialogar com aqueles que vivenciaram esse momento.

Claramente, as performances artísticas de Ney Matogrosso, Dzi Croquettes, os movimentos e vestes de Caetano Veloso em "Odara", os concorridos shows de travestis e transformistas em São Paulo, Rio de Janeiro e outras cidades, assim como a ação política militante tiveram muito influências no alargamento das possibilidades de ser/estar dissidente à ortodoxia heternormativa (Guasch, 2007) à época. Entretanto, muitos "Clóvis"[11] (Perlongher, 1987) também alargaram ou ao menos questionaram de forma contundente as fronteiras do direito à aparição a partir de suas corporalidades[12], da busca pelo prazer e pela felicidade, atravessados por questões de raça, classe social, idade, localização geográfica, em enfrentamentos nos quais a "homossexualidade" poderia ser ou não o fator principal.

Paralelamente, penso eu, muitas vezes enfocadas nas definições identitárias do que seria a "homossexualidade" ou de significações outras da prática de sexo entre homens, pouco sabemos das vivências cotidianas desses prazeres marginais, assim como são poucas as análises localizadas nesse espaço de fronteira individual-social, o que, consequentemente, resulta em poucas informações e relatos sobre as mediações pessoais frente às violências ou pela busca de parceiros (Simonetto, 2018), invisibilizando as produções de diferentes tecnologias, práticas e espaços que permitiam a vivência desses desejos proibidos (Salazar, 2015).

Entretanto, não pretendo com isso aderir uma visão individualizada da vida que outorga a responsabilidade da mudança da sociedade ao indivíduo como entidade autônoma e de agência ilimitada. Claramente, algumas narrativas podem esboçar certo *arrinconamiento biográfico* (García, 2010), porém, em linhas gerais, pude perceber que esse movimento por uma vida mais vivível se dava justamente a partir do rompimento do isolamento, por meio da busca do estar com outro (Gonçalves Filho, 1998).

Em fragmento de diário utilizado por Barbosa da Silva (2005) em pioneiro estudo sociológico sobre homossexuais paulistanos, podemos ler os sentimentos relatados por um angustiado jovem que trata de relatar seu sofrimento e elaborar sua sensação de não pertencimento, de não lugar no mundo, materializada na própria incompreensão dos motivos de um repúdio ("sem razão" para o jovem) dos outros contra si. Lamentando as privações de habitar o mundo conforme desejava, sobretudo, em razão das limitadas condições de exteriorizar esse desejo e/ou viver esse prazer, o que, consequentemente, impactava nas

[11] Refiro-me ao testemunho encontrado no princípio do livro de Perlongher (1987), no qual um homem conta suas impressões sobre São Paulo anteriormente ao período de análise da etnografia.

[12] Como desenvolverei adiante com o uso de conceitos de Michel de Certeau, entendo que os conteúdos/produtos dessas ações são socialmente compartilhadas/fornecidas, mas que suas combinações se desenvolvem por meio de múltiplas táticas.

possibilidades de contato com uma alteridade desejada e que desejava do mesmo modo, assun poetizou o jovem:

> Noite fria, esfumada, lua encoberta. Há qualquer coisa de poético, de triste, de opressor... As janelas do meu quarto estão escancaradas, de uma eu vejo a lua, da outra o cemitério. O cemitério frio e hostil. Uma aragem invade meu quarto como se fosse o espírito da tristeza, pois eu sinto sua presença concreta aqui. Nunca me senti tão só e nunca estive tão sozinho. A solidão será sempre o estigma de minha vida? Se continuarem "odiando-me sem razão", talvez eu fique louco. Estou tão triste que seria capaz de fazer algo, pelo que haveriam de me odiar com razão. E no meio do quarto: eu! Esquecido, triste, humilhado..." (Barbosa da Silva, 2005, p. 11)

Essa busca, recorrentemente, implicava a criação de novos modos de vida (Foucault, 1981) a partir da criação de amizades, da substituição de saberes exteriores como instâncias de autoridade e validade da vida por novas matrizes de conhecimento (García, 2010, p. 42). Nesse sentido, esses corpos inventariam novas formas de viver, de denominarem-se, de se entenderem e de experimentar o prazer, como bem exemplifica Barbosa da Silva (2005) ao perceber a importância dos grupos de amizade (as chamadas *clichés*) e seus juízos de valor para a autoestima dos sujeitos que entrevistou.

Em síntese, esse trabalho nasce principalmente de dois, três, quatro ou mais incômodos:

(i) Seja pela definição de recortes conceituais específicos ou pela própria desconsideração das possibilidades de diálogos com pessoas que vivenciaram esse momento, é comum certa redução de suas vidas enquanto "homossexuais", enquadramento que não apenas aceita "uma natureza essencial da diferença que possibilita a resignação de dominados ao status atribuído pelos dominantes" (Borrilo, 2010, p. 35), como também exclui a possibilidade do surgimento de outras categorias como raça, classe social e idade em tais narrativas dissidentes (Simonetto, 2018)[13] ao transformar em substantivo o que antes seria apenas um adjetivo (Trevisan, 2018, p. 35).

(ii) Apesar das recorrentes menções à interseccionalidade, há uma estrutura significante que agencia certos enunciados, priorizando algumas questões, dimensões e eventos como referências de significação em detrimento de outros.

[13] A crítica à "homossexualidade" como bloco histórico comum formulada por Simonetto (2018, p. 31) é central à base teórica deste trabalho.

Nesse âmbito, convém destacar, sobretudo, certo eclipsamento de outras experiências políticas, como a potência de experiências de desobediência e do corpo, uma vez que a história da militância é o recorte normalmente priorizado.

(iii) Se o olhar ao passado permeado pela busca do reconhecimento político é sem dúvidas importante, deve-se atentar aos limites das representações imbuídas em seus empreendimentos. Consonante a Butler (2003), faz-se mister pensar que cada inclusão é sempre acompanhada de certas exclusões e que, por vezes, aspectos deveras mais relevantes que incidem sobre a exclusão não são refletidos, como, por exemplo, a estrutura ou o próprio ato/cena de reconhecimento. Quais são os limites das histórias que temos contado? Quais sujeitos estão sendo incluídos? Quem tem definido essas representações? Não podemos estar operando exclusões que poderiam ser minimizadas a partir de outras práticas de memória? Isso serve para pensarmos tanto nos aspectos que ressaltamos como dignos de serem relembrados, quanto a certa ênfase na relação com o Estado como cena principal de reconhecimento.

(iv) A busca por relatos repletos de potência de vida, de ousadia, de abertura ao desejo, da inventividade de um cotidiano outro não significa de forma alguma um apagamento ou esquecimento da violência protagonizada pelo Estado ditatorial (Green & Quinalha, 2015b) e seus enquadramentos do humano e o não-humano (Bento, 2018). Pelo contrário, são até mesmo evidências do que esse passado significou e significa para nós dissidentes. Entretanto, aqui faço coro aos argumentos de Bortolozzi e Areda (2017, p. 163), quando retomam o conceito de *cosmos* e *ethernidade* de Zé Celso como modos de romper com as constantes narrativas de morte que nós da comunidade LGBT brasileira somos expostos cotidianamente. Apenas de tristezas podemos nos lembrar? Devo essa central reflexão também a produções audiovisuais como *São Paulo em Hifi, Divinas Divas e ABC Bailão*.

A partir das premissas teóricas e dialógicas aqui apresentadas, acredito ser mais fácil ao leitor entender o objetivo desse estudo e a forma pela qual foi composto.

* * *

O objetivo central do presente estudo foi explorar as práticas e espaços de sociabilidade dissidentes à heteronormatividade na cidade de São Paulo nas décadas de 70 e 80 tendo como ponto de partida a escuta das memórias de pessoas que se autoidentificam como homens e vivenciaram esse contexto em sua juventude para além dos grupos de militância política. Mais do que a mera procura de relatos sobre as práticas e espaços, buscou-se observar os principais eventos recordados, as tramas e escolhas presentes no processo de narrar suas histórias (Ricœur, 1994; 2012), refletindo também sobre as estratégias e táticas[14] adotadas para tornar certos prazeres possíveis e os modos pelos quais foram compostas tais narrativas.

A ênfase na vivência, tantas vezes mencionada, é aqui mais uma vez necessária: opta-se pelo foco nos espaços e práticas em detrimento de identidades devido ao fato de que, como apontam as narrativas e como viria demonstrar o advento da aids, os espaços e as práticas eram compartilhados por sujeitos que se entendiam ou não como bichas, homossexuais e viados e que mesmo se entendendo como tal, não necessariamente disso decorria a assunção de uma identidade, seja pela inexistência da fórmula "prática = identidade" ou pela adoção de uma postura "no armário". Como relata Lair, em consonância ao modelo bicha-bofe de Fry (1982), as bichas transavam com homens, sendo possível e até mesmo tolerado que meninos que tinham namoradas "se aliviassem" com eles. P.J. era (e ainda é) casado e frequentava as saunas com certa assiduidade. Regis riu quando soube que os textos de seu blog que cobram uma postura mais assumida circulavam nas saunas da cidade do Porto em Portugal, locais onde muitos homens casados podem se des-identizarem por um tempo. Bira, em sua primeira experiência com um homem, não queria ocupar o papel do passivo, entendimento próximo do relato de P.J., que afirma ser comum na época para alguns homens até mesmo se gabarem de tais práticas sem problema algum: "fui lá e comi um viado".

Nesse sentido, é importante ressaltar que dos seis testemunhos presentes nesse trabalho, um deles foi elaborado a partir da escuta de um participante que não se declarou como "homossexual", mas que devido a seu trabalho (bombeiro), pode estar presente em boates e teatros do "fervo" paulistano: "adoro ferver com as bichas".

Do ponto de vista teórico, o primeiro desafio foi construir um marco conceitual capaz de funcionar como critério de seleção dos participantes e atender certos critérios qualitativos de pesquisa, mas que, com isso, não deixasse de ser capaz de compreender as expressões

[14] Refiro-me aos conceitos desenvolvidos por Michel de Certeau (2014) e explicitados em capítulo metodológico e em capítulo de análise. Tomo a utilização dos conceitos de Certeau (2014) para a análise das práticas homoeróticas segundo as proposições de Salazar (2015) como inspiração dessa articulação, ainda que de modo distinto.

identitárias como próprias do campo de indagação dos sujeitos (Cutulí & Insaustí, 2015) e, portanto, plurais e suscetíveis a ficções, imprecisões e mutabilidades. Para isso, parti da reflexão de Simonetto (2018, p. 47) como disparador que problematizasse a referência aos participantes a partir de suas práticas sexuais de modo interseccional:

> Referirse a estos actores en su calidad de disidentes sexuales por mantener prácticas implica una elección: el análisis de una parte de su vida cotidiana por sobre otras. ¿Cómo podemos determinar si su calidad de lesbianas u homosexuales tendría un factor más explicativo que su pertenencia etaria o de clase? ¿En qué medida no accedemos solo a esa variable explicativa, limitados por los registros que eligieron señalar y exaltar solo aquel aspecto de sus vidas? Consideramos que a través de la compleja variedad de formas con las que sostuvieron sus identidades sexuales y afectivas es posible acceder a otras dimensiones de sus vidas, sin las cuales cometeríamos el error de totalizar la narrativa histórica de quienes fueron fustigados por el Estado, los médicos y sus familias. (Simonetto, 2018, p. 47)

Pela ênfase nas práticas e na dissidência à linearidade de uma matriz heterocentrada (Butler, 2018b), optei pelo conceito de homoerotismo e cotidiano como categorias de análise. Com o objetivo de utilizar uma terminologia que se distancie de noções médicas, religiosas, jurídicas (e então, morais) relacionadas ao aparecimento de nomenclaturas em torno de 'homossexual' e 'homossexualismo', o termo homoerotismo é proposto por Costa (1992).

A utilização do termo não pretende propor uma nova maneira correta de se referir a indivíduos, mas aparece como uma tentativa de alteração de hábitos linguísticos culturais, no sentido de descarregar sentidos pejorativos atrelados às antigas nomeações. Ao considerar que formações culturais apresentam medidas linguísticas que levam à formação de agrupamentos e exclusões, pensar este novo termo é interessante, pois, em si, não mais carrega algo essencialista e familiar sobre uma suposta identidade/subjetividade homossexual homogênea. Pelo contrário, leva em conta uma construção histórico-cultural e, a partir disso, aponta de forma descritiva para pessoas do gênero masculino engajadas em relações sexuais e afetivas com outros do mesmo sexo. Esta medida, nos estudos do autor, obviamente, não garante que não haja mais preconceito e intolerância, mas ocorre no sentido de nos convidar a problematizar a temática para além de algo" biologicista" ou determinista. Para tal, o autor toma como base a impossibilidade de que sujeitos sejam resumidos aos grupos a que são relacionados em suas vivências sociais. Este questionamento só é viável pois leva-se em conta que noções acerca da divisão de grupos (bem como a forma como estes são valorizados ou não socialmente) também

são processos culturais formatados historicamente, impossibilitando, assim, categorizações genéricas.

Sobre a ideia de cotidiano, adoto como referência as discussões de Certeau (2014), que além de permitirem a compreensão da construção das performances de gênero como distintas operações de bricolagem elaboradas por aqueles que o autor denomina como consumidores, dá especial ênfase "à construção de frases próprias com um vocabulário e uma sintaxe recebidos" (Certeau, 2014, p. 39), reconhecendo esta fabricação como uma espécie de poética, ponto no qual proponho uma amarração com a ideia de narrativa desenvolvida por Paul Ricœur. Como demonstro em capítulo metodológico, apesar da recusa de Certeau (2014) em retornar aos indivíduos para o exame das práticas (operações de usuários no cotidiano), seu entendimento do cotidiano como produção ativa e dinâmica é mais próximo da inventividade que esse estudo e seus testemunhos suscitam, longe da passividade ou da espontaneidade assimiladora conforme propõe alguns autores como Heller (2016). Em síntese: "o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada" (Certeau, 2014, p. 38).

Essa relação é contingencial e claramente produzida desde a posicionalidade do pesquisador. Entretanto, acredito ser um interessante elo de compreensão e possibilidade de articulação dos conceitos de memória, narrativa, cotidiano e as questões de gênero e sexualidade. Se as possibilidades de fabricação do cotidiano (sobretudo, quando dissidentes), do gênero e de seu relato (posterior à memória) são possibilitadas na/pela da linguagem, assim como ocorre em relação à produção das performances de gênero, suas combinações são múltiplas e socialmente demarcadas, tecendo então repetições e deslocamentos. Portanto, longe da individualização excessiva[15], o que proponho justamente é um duplo olhar: por um lado, a essas mil maneiras de "bricolar" o desejo proibido e, por outro, as tramas escolhidas que buscam relatar de forma objetiva e totalizadora (*intentio*) o que a memória traz de forma fluida, considerando os elementos possíveis para estas composições que se referem a experiências um dia habitadas e que buscam ser comunicadas a um outro (Ricœur, 2018).

Para além da discussão conceitual, detalho os procedimentos metodológicos, buscando, minimamente, atender a quatro critérios de reflexibilidade cruciais às pesquisas feminista (Haraway, 1995; Ackerly & True, 2010, p. 15 apud Silva, Ornat & Junior, 2017, p. 18): 1. Reflexibilidade quanto à força da epistemologia; 2. Reflexibilidade sobre as fronteiras e limites do empreendimento analítico; 3. Relações e 4. Dimensões da localização do pesquisador e suas

[15] Vale lembrar que para Bosi a memória não seria o avesso da história e que muito menos o indivíduo estaria fora de um mundo composto por diversas relações sociais, das quais o testemunho seria "sempre um foco singular de visão e elocução [...] o testemunho é subjetivo" (Bosi, 1995, p. 310).

interações no processo de pesquisa. Desenvolvo, portanto, seção sobre a trajetória da pesquisa, discorrendo sobre minha posicionalidade e as mudanças de percurso. Relato também os critérios de seleção dos participantes, seus perfis, como foram realizadas as entrevistas, suas transcrições, devoluções e análise. Em subcapítulo destinado a detalhar o procedimento de análise em si, aliado à perspectiva linguística de Paul Ricœur (1994; 2012; 2018), trato de explicar suscintamente como foi operada a interpretação das memórias que poderia ser resumida sinteticamente na seguinte expressão: busca de diálogo a partir das afinidades eletivas entre memória, teoria e arquivo com foco no que foi lembrado.

Vale dizer ainda que a categoria da amizade cobra especial atenção nesse capítulo metodológico, entendendo os contatos intersubjetivos no campo para além de uma relação de extração de mais-valia (Bosi, 2013c, p. 61), mas sim como importante práxis de um exercício de atenção. Pretendi assim romper ou questionar dentro do possível a interpretação mais corrente da ciência, que a entende como um campo de produção de conhecimentos desde uma perspectiva que objetiva o funcional, o utilitário, ignorando muitas vezes as necessidades humanas em nome de princípios metodológicos ou conceituais abstratos, não situados (Haraway, 1995), baseados numa suposta neutralidade (García, 2010, p.42) e em certa universalidade do sujeito e seu domínio sobre o "objeto". Sobre este aspecto, é oportuno recordar a crítica de Chauí sobre esse tipo de ciência no que se refere especificamente ao campo da Psicologia Social em comentário que integra introdução da obra seminal de Bosi (2010):

> Ora conferindo à sociedade industrial o estatuto da objetividade e da racionalidade, elegendo-a como tema de investigação, dando-lhe necessidade e universalidade, fazendo-a cânone do real, dando ao mundo social historicamente determinado e submetido ao poderio de uma classe o estatuto de uma 'coisa' quase natural e de uma idealidade inteligível, a psicologia social acredita estar fazendo ciência. Se assim é, talvez não seja descabido indagar se queremos fazer ciência (ou pelo menos esta ciência)."(CHAUÍ, 1979, p.)

Atrelado a essa compreensão[16], por inspiração no movimento elaborado na principal obra de Bosi, como também em entendimento com os depoentes, o miolo desse estudo é

[16] Claramente, isso não pode significar um relativismo descompromissado com a realidade material e com a própria seriedade, ética e responsabilidade com os processos investigativos. O que trato de ponderar aqui é simplesmente o fato de que ainda que seja frequente a crítica sobre os métodos qualitativos formuladas por pesquisadores mais alinhados aos métodos quantitativos, não existe conhecimento científico neutro. Ou seja, por mais que se persiga uma finalidade objetiva, não somente os referencias utilizados, mas também nossa própria interpretação, interesses, métodos escolhidos e disposições gerais de estudar um tema são demarcados por experiências subjetivas (Montero & Dorna, 1993), limitados pela linguagem e permeadas também por incontáveis ideologias e pressuposições automáticas que delas despontam.

integrado pelas narrativas produzidas em conjunto entre o pesquisador e os depoentes. Tratam-se de fragmentos que remetem a momentos de encontros intersubjetivos, nos quais as fronteiras entre pesquisador e entrevistado não foram tão tensas e rígidas como certos métodos e posições recomendam. Nelas, mais do que a assepsia de roteiros fechados, protocolos, termos assinados ou a busca de sentidos ocultos em pequenos segredinhos discursivos ou quantitativos (Deleuze, 1998), valeu a máxima de Camus em "A Pedra que Brota": desarma-te (Bosi, 2002). Desarmar como estratégia para a escuta, para o conhecimento de uma alteridade absoluta. Em minha análise, esse é o núcleo central do presente estudo.

A partir dos procedimentos escolhidos para a análise, trato de colocar os depoimentos em diálogo com obras e arquivo, refletindo sobre os espaços e práticas de sociabilidade dissidentes, assim como os acontecimentos e tramas elaborados no processo de relatar a si mesmo, discussões presentes nos subcapítulos e seções do capítulo "Cruzando Vozes".

Por último, teço breves conclusões e convido os leitores a participarem de práticas de diálogos com o passado nas quais os sujeitos que vivenciaram esse contexto não sejam uma vez mais agenciados compulsoriamente, que não se tornem novamente alvos de enquadramentos por novos saberes disciplinares[17]. Trata-se de movimento que intenciona demonstrar a importância da transmissão da experiência, do "boca-boca", da oralidade como fonte de conhecimento e atenção. Enfim, que entre outras práticas e métodos, possamos coletivamente discutir, rememorar e estabelecer quais são os critérios para a formação de nossos arquivos e representar (ou não) aquilo que somos, fomos ou podemos vir a ser, discutindo as políticas de reconhecimento ou ruptura que desejamos estabelecer:

> Nós somos as fontes diversas e variadas das temáticas de arquivos que desejamos fazer emergir. Nós todos somos possivelmente arquivistas arquivados. Arquiviventes! E isso também é o que queremos despossuir. (Bourcier, 2018).

Em diálogo com o trecho acima, gostaria de mencionar que por muitas vezes fui criticado pela escolha de depoimento orais como ponto de partida de minha análise, como se por isso meu estudo deixasse de ser mais "científico" ou "verdadeiro"[18]. Ironicamente, gostaria de indagar se daqui algum tempo não serão esse trabalho e seus testemunhos os ditos arquivos

[17] As críticas de Sergio Carrara (2014) sobre a insurgência de um suposto terceiro dispositivo da sexualidade centrado nas discursividades em prol dos "direitos humanos" é muito precisa.
[18] Reflexo de certo fetiche com a noção de "arquivo" do aclamado e incriticável San Foucault, como briga Hija de Perra (2014)?

dignos de serem utilizados, indexados e manipulados com luvas brancas, consignados pelo poder arquivístico (Bourcier, 2018)[19], resquícios factuais da "verdade" de um tempo histórico.

Portanto, para além de uma retórica pós-moderna, *queer* ou pretensiosamente "desconstrucionista", tratei de evitar um abismo entre os preceitos teóricos que aqui formulei e as práticas que dele despontaram, não apenas naquelas concernentes ao "campo" de pesquisa em si, mas em outros espaços de minha vida. Nesse sentido, o que posso apresentar nesse estudo é o resultado de uma forte aposta pela amizade e pelo diálogo como práticas de libertação (Martín-Baró, 2017) que inspiram o exercício de pensamentos e reflexões situados na lacuna entre o passado e o futuro (Arendt, 2018, p. 41).

Entende Arendt também que é nessa mesma lacuna que se encontra a possibilidade de nos encontrarmos com a verdade, se é que ela existe. Desse aspecto, não me parece equivocado interpretar então que o problema da verdade se cruza, portanto, com a questão da humanidade, de sorte que, tomando como referencial um pressuposto intersubjetivo de tal espaço e da humanidade, um alguém não se constitui como algo a ser dissecado, mas pelo contrário, um parceiro com o qual dialogamos e então interpretamos e interrogamos o mundo em conjunto (Gonçalves Filho, 2003, p. 9).

É nessa lacuna que pode a memória também estar presente e contribuir. É interessante relembrar que, para os gregos, o conceito de verdade seria expressado pelo termo alétheia, o não-esquecido (léthe = esquecimento): "a relação com a verdade passa, portanto, pelo ato de lembrar-se, de recuperar o esquecido pela lembrança" (Pinto, 2013, p. 11). Assim, ainda que consciente que a memória seja apenas um dos modos do pensamento e que, fora de um quadro de referências preestabelecido, não tenha potência (Arendt, 2018, p. 31), são de difícil negação seus aspectos intersubjetivos e sua íntima ligação com a experiência de um ser no mundo, condição *sine qua non* da possibilidade de relatar os eventos e acontecimentos da experiência a um outro (Ricœur, 2018).

Em tempos de forte polarização e até mesmo de um abismo entre o pensamento acadêmico e a realidade social[20], assim como entre militantes LGBTTT (arena) e sujeitos que poderiam se identificar com tal sigla (campo)[21], nossa memória deve ter o poder de fazer com

---

[19] Mas isso, é claro, dependerá do que LGBTT e arquivo significarem nesse futuro (Derrida, 2010), assim como a possibilidade de pesquisar esses temas.

[20] Não me parece em vão ou sem razão certo sentimento de ódio à intelectualidade presente atualmente, oque me faz pensar que talvez seja o momento de voltarmos às coisas e abrirmos vias efetivas de diálogo que devem partir das próprias condições de comunicabilidade, expressão e compreensão.

[21] Ambas expressões se referem ao já mencionado modelo de interpretação proposto por Facchini (2005;2009).

que retornemos para as coisas[22]; que mais do que conceitos abstratos, possamos alargar os marcos de discussão de nossa memória dissidente a partir das experiências relatadas e dos diálogos por elas possibilitadas. E desse ponto, bom dizer que tais críticas servem em muito a mim, postas tantas palavras introdutórias, tantos caminhos e citações para poder dizer algo relativamente simples, ou seja, tanto para voltar efetivamente às coisas das quais parti ou o que talvez, desde o princípio, queria dizer, mas que devido aos moldes e exigências da escrita acadêmica, acabei tardando em fazê-lo.

Grosso modo, parece-me que enquanto os empreendimentos de memórias e histórias LGBT[23] não incluam aqueles e aquelas das quais tanto falam, estendendo a chamada inclusão às condições de participação em seus enquadramentos, estaremos fadados a seguir contando e repetindo uma interessante mas pequena história, que a poucos pertenceu em dado momento de revolução e que hoje a poucos pertence, cujos narradores mais hegemônicos esquecem do tesouro que um dia tiveram e que também a experiência narrada teve. Nos termos de Bourcier (2015), é tempo de romper com uma ideia de arquivo baseada na memória do papai.

Frente a essa questão, esse estudo se funda em uma das várias alternativas que temos para nos aproximarmos desse tesouro. Evitando um apego excessivo ao que, apesar de sua importância, tem se tornado um significante despótico dos olhares ao passado dissidente no Brasil, esse estudo é semeado por meio de uma necessária desobediência epistemológica a saberes que um dia foram dissidentes, mas que hoje recorrentemente trazem nossos interlocutores como coisa pensada (Gonçalves Filho, 2003), agenciando-os e formatando-os ao que queremos escutar e ao que podemos ouvir, limitando novas imaginações e interpretações possíveis.

Afinal, se sabemos que a história se reescreve a cada mudança de quadro dirigente (Todorov, 2000, p. 12), as possibilidades de contar e inventar histórias ou memórias dissidentes não deve se limitar apenas às desobediências teóricas; é preciso concebe-las também de forma performativa.

* * *

[22] De acordo com Bosi (2013e, p. 123): "deve-se confrontar cada asserção com a experiência e voltar para as coisas. Na medida em que o pensamento se formaliza, afasta-se desse confronto com as coisas, deixa as coisas como estão; o poder com o poder".

[23] Deve o próprio termo deve ser tema de debate, com distintas possibilidades, diálogos, fugindo de uma cristalização.

Como o suor que escorre do pescoço aos pés no calor de uma sauna, sem saber de onde veio, nem para onde vai, qual é o meu ou o seu suor, nossa memória deve brotar de todos os poros, fazer todos os percursos possíveis e impensáveis, romper as fronteiras e definições do individual, do social e do coletivo, sem distinções de cor, raça, idade, localização geográfica... apenas suor. Fronteira em si.

Evidentemente que há também o suor menos prazeroso. Aquele que corre por todas partes com o medo da polícia numa revista, do temor de ser repreendido ao dar um beijo, da tensão do sair do armário... Suor frio da tortura e da violência. Suor da corrida para não apanhar. Suor que cai da testa quando se conta até dez para não responder uma provocação, desde o *bullying* na escola ao grito de viado na rua. Mas este é o suor de medo, um suor reativo, um suor que não cria vida, apenas a faz possível.

Suor é a mistura de cloreto de sódio e ureia, de gosto salgado. Sua origem vem de "sudor" (suor), que remete às origens da palavra "sudoríparo", cuja partícula "parere" significa em latim gerar ou parir. Como o suor, nossa memória deve vir para parir (Vieira & Fraccaroli, 2019), para gerar vida onde não há, feitiços e magias que há tempos estamos acostumadas a fazer já que em nossas histórias, percursos e narrativas, o amor nunca vem sem exigências; lutamos para habitar o mínimo, ou em outros termos, o humano. Longe de valores canônicos, figuras de ternura como a família, por muitas vezes, para nós representam mais a dor do que o amor. Nossas histórias não cabem nos roteiros que nos foram criados, dos percursos e trilhas lógicas que deles decorrem. Somos o dissenso (Silva, 2010).

Como o suor, por reação às condições externas que se fazem internas, parimos. Parimo-nos. Justamente por estranhamento. Na condição de alteridade que confere sentido à normalidade, como o suor, veem-nos como sujos, como a excreção. Abjetos, degenerados, subversivos. Tidos apenas como a sujeira, como o suor ao corpo, esquecem o quão dependente de nós são para poderem existir. Nesse sentido, bom lembrar que não há volta para o corpo, somos gerados no ato de expelir, uma vez que é na parte de fora que nos constituímos. Interno/externo. Gramática tão binária. "Fazer parte" não é um termo da ordem do real de nossas gramáticas.

Talvez nossa memória mais do que trabalho, seja puro suor. Apenas suor. Memória-trabalho? Memória-suor.

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Cambie de pie tantas veces, temores y sueños también
El tiempo pasa dejando huella en mi corazón
Aunque mi memoria mienta, traigo una historia en mí
La digo sin darme cuenta, la cuento sin decir
(Ese Camino – Julieta Venegas)

Para discutir os procedimentos metodológicos deste estudo, tomo como ponto de partida algumas das reflexões de Ecléa Bosi (2016, 2013) sobre a pesquisa em memória social. Segundo a autora, quando se pergunta sobre o método de um trabalho científico, deve-se buscar a resposta em pelo menos dois níveis: i. a orientação geral da pesquisa (tendência teórica que guia a hipótese inicial até à interpretação dos dados); ii) a técnica particular de pesquisa, ou seja, o procedimento em si (Bosi, 2013b, p. 50). Isso se daria pelo fato de que, em sua interpretação, estes níveis se cruzariam, uma vez que o pesquisador reflete enquanto observa ou colhe os dados e que "desde o passo inicial, no encaminhar de uma simples questão, já se revela a filosofia que subjaz o trabalho" (Bosi, 2013b, p. 50).

Inspirada pelas proposições de Henri Bergson, filósofo que transforma radicalmente o entendimento da consciência ao descrevê-la como a vida de um corpo organizado (Pinto, 2013, p. 49), caberia recordar que a compreensão de memória desenvolvida por Bosi possui uma forte dimensão corporal (Bosi, 2013a, p. 36). Considerando também a centralidade de referências à totalidade (Bosi, 2013, p. 171c) e à atenção (Bosi, 2013, 209-219d) em sua obra, podemos entender sua negação da possibilidade de desmontar em partes o trabalho de pesquisa, embora reconheça a importância de "rememorar os caminhos trilhados para auxílio dos futuros investigadores" (Bosi, 2013b, p. 50).

Nesse sentido, devo dizer que "corporalidade" e "rememoração de um trajeto de pesquisa" não foram focos de minha leitura da professora Ecléa Bosi de forma acidental ou em vão. Parece-me que tanto o reconhecimento da possibilidade de uma significação da obra desde o mundo do leitor (Ricœur, 2006; 2018), quanto à relevância dada ao corpo em minhas leituras das proposições conceituais e metodológicas de Bosi são claros indícios de decisões e orientações tomadas durante a pesquisa que revelam, em certo sentido, como os dois mencionados níveis de pesquisa efetivamente se cruzaram durante sua realização.

A escolha por uma abordagem qualitativa, exploratória, dialógica (Jardim, 2016) e metodologicamente orientada pela noção de pesquisador participante (Gonçalves, 2003) não foi tampouco fortuita. É justo lembrar que muitos corpos me marcaram e por mim foram

marcados nesse percurso, de forma que seria impossível - e também sem propósito, definir ou atribuir autoria e/ou intencionalidade a determinadas observações, reflexões e decisões tomadas ao longo desse estudo. Não saberia localizar temporal ou espacialmente a quem devo cada argumento aqui exposto.

Gostaria, portanto, de iniciar o presente capítulo metodológico a partir do uso de um conceito feminista relativamente contemporâneo que, em minha leitura, cumpre a função de relembrar corporalmente a trajetória deste estudo desde a perspectiva do pesquisador. Refiro-me ao conceito de posicionalidade do pesquisador, desenvolvido majoritariamente pelas perspectivas decoloniais e feministas. Entendo que entre suas várias vantagens, esse conceito permite situar pesquisador e pesquisa, demonstrando a parcialidade e os limites das interpretações e proposições conceituais de qualquer método (Haraway, 1995).

Para tanto, como principal referência do conceito, importo as discussões de Hopkins (2016) sobre o campo das Geografias Feministas[24] para a Psicologia Social. Segundo o autor, ainda que nem todos os aspectos da posição do pesquisador lhe sejam cognoscíveis, é importante que se reflita sobre as parcialidades do pesquisador, do conteúdo e do ambiente pesquisado (Hopkins, 2016, p. 114), situação em que "o pesquisador nunca é completamente igual, nem inteiramente distinto dos seus participantes" (Hopkins, 2016, p. 155). Essas reflexões, além de dialogar com algumas das dimensões interseccionais que notei nas aulas que pude frequentar da professora Ecléa, parecem-me suprir certa lacuna metodológica de uma noção que lhe era muito cara, o conceito de comunidade de destino cunhado por Jacques Lowe:

> Segundo Jacques Loew, em Journal d'une mission ouvrière, é preciso que se forme uma comunidade de destino para que se alcance a compreensão plena de uma dada condição humana. Comunidade destino já exclui, pela sua própria enunciação as visitas ocasionais ou estágios temporários no locus da pesquisa. **Significa sofrer de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos sujeitos observados** [grifo do autor] (Bosi, 2016, p. 38).

Nesse sentido, se compartilho certa comunidade de destino com os depoentes no que tange à inescapável experiência do envelhecimento e à vivência de uma sexualidade dissidente na cidade de São Paulo, faz-se mister ter cautela com essa suposta familiaridade (Grele, 2002, p. 174) em razão da confluência/operação de outros marcadores sociais da diferença, dos quais,

[24] Pude entrar em contato com essas discussões tão centrais a este capítulo em realização da disciplina "Tópicos Especiais II: Gênero e Sexualidades na Análise Geográfica", ministrada por Joseli Maria da Silva e Marcio Ornat.

sem dúvidas, despontaram com especial ênfase a forte assimetria decorrente de minha posição como pesquisador[25] e a diferença de idade.

A descrição de tais diferenças e percepções ao longo do processo de campo e análise, ou seja, a reflexividade do pesquisador, longe de intencionar a produção da fragilização de um outro (Cornejo, 2015), vêm justamente aliada a propósitos, perspectivas e dimensões mais amplas perseguidas por esse estudo, com a intencionalidade de tecer críticas ao atual estado de coisas do mundo e sinalizar o quanto ele deve ser mudado (Hopkins, 2016, p. 18).

Em síntese, esse capítulo trata de elucidar os limites deste estudo partindo da premissa de negação de uma objetividade científica descorporificada (Haraway, 1995, p. 9), adotando a ideia de um conhecimento situado como fundamento metodológico que intenciona reconhecer explicitamente a historicidade das mediações através das quais tratamos de conhecer o mundo (Haraway, 1995), aspecto fundamental dos estudos de gênero e sexualidade e em especial quando articulados a partir de perspectivas interdisciplinares. Nesse sentido, as metodologias dos estudos de gênero, pela necessária interdisciplinaridade e complexidade de suas dimensões de pesquisa, devem ser "coerentes como nosso posicionamento epistemológico" e "demonstradas nos procedimentos que realizamos" (Silva et al, 2017, p. 402).

É nesse sentido que não podemos nos esquecer das preocupações de Halbwachs em desenvolver uma sociologia da vida cotidiana (Duvignaud, 2013, P. 7-8), com o abandono de seu mestre Henri Bergson, deslocando-se para uma tentativa de entendimento da memória em termos *durkheimnianos* como laço social (Lifschitz, 2014) em um momento de forte ruptura no continente europeu[26]. Interessante notar também a relevância desse contexto de fragmentação social, que não deixaria suas marcas apenas nas formulações relativas às noções de memória coletiva e social, mas também nos próprios saberes e gramáticas disciplinares. Conforme Joel Candau (2016, p. 29), haveria que atentar-nos a esse momento histórico em particular, no qual são produzidas as chamadas "retóricas holistas":

> Entendo por retóricas holistas o emprego de termos, expressões, figuras que visam designar conjuntos supostamente estáveis, duráveis e homogêneos, conjuntos que são conceituados como *outra coisa* que a simples soma das partes e tidos como agregadores de elementos considerados, por natureza ou convenção, como isomorfos (Candau, 2016, p. 29)

---

[25] Se a figura do "pesquisador" já representava uma forte barreira, o fato de ser um estudo na Psicologia Social (com ênfase no Psicologia) também se relevou limitante, herança de uma problemática relação entre as ciências psi e os sujeitos dissidentes no passado e ainda no presente (Aragusuku & Lee, 2016).

[26] Seria imprudente compreender essa busca por uma orientação prática por Halbwachs sem compreender tal contexto social, quando consideramos os trágicos efeitos desse em sua vida, brutalmente interrompida no campo de concentração de Buchenwald no ano de 1945.

Noções e expressões como sociedade, consciência, memória, identidade cultural, estariam dentro dessas retóricas que "remetem mais ou menos a uma realidade, mas sem ter uma ideia precisa do que isso implica" (Candau, p. 29). Segundo o autor, essas retóricas seriam parte da herança das disciplinas, que "no quadro de problemáticas investigativas e de esquemas de pertencimento, constituíram uma boa parte de seus vocabulários na era industrial" (Candau, 2016, P. 29), aspecto também destacado por Vera Paiva (2014, p. 117) ao indicar o uso da ciência "a partir de uma proposta racionalista-empirista e de formulação de visão de mundo". Esta era seria entendida pelo autor como um período em que as massas são representadas e pensadas como entidades coletivas, favorecendo o surgimento de conceitos "superinterpretativos" ou subinterpretativos (de acordo com o ponto de vista adotado) e a emergência da ficção de um ou vários sujeitos coletivos[27].

Esses aspectos, em conjunto a um já conhecido silêncio heteronormativo presente em grande parte destes e outros conhecimentos e saberes descorporificados que fundam as ciências sociais representam os principais limites epistemológicos do presente estudo, para além de certa desconsideração de entendimentos trazidos pelo campo dos Estudos Culturais no que se refere, por exemplo, às relações entre às compreensões da faculdade humana da memória e o desenvolvimento tecnológico de suportes e mídias de armazenamento (Kittler, 1999, p. 10)[28]. Epistemologicamente, estes são os limites do saber aqui formulado.

* * *

Sobre o percurso do estudo, poderia auxiliar o leitor uma breve rememoração de seu percurso prévio à atual delimitação, movimento que já esbocei parcialmente em seção introdutória, mas que em razão de critérios de compreensão e da estrutura do texto, parece-me necessário retomar apenas que, entre exercício de qualificação e o atual texto, ocorreram dois deslocamentos centrais: 1. De certa focalização da temática da ditadura e da não participação política (militância) em relação às experiências de dissidência sexual, decidi indagar aspectos

[27] Sobre esse contexto, Javier Lifschitz (2014, p. 146-147) aponta a influência do pensamento sociológico nas formulações de Halbwachs. Se para Durkheim, o trabalho ocuparia relevante espaço para pensar e analisar a agregação e desagregação social, Maurice Halbwachs haveria encontrado esse espaço de possível solidariedade ou desagregação em uma dimensão menos instrumental da vida: a memória.

[28] Sobre esses aspectos não incorporados no arquivo que aqui escrevo, é justo mencionar a importância das reflexões que pude realizar na disciplina “Arquivo, Escrita e Testemunho” ministrada pelo Prof. Dr. Jorge Pavez Ojeda na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas no primeiro semestre de 2018.

relacionados à sociabilidade (ainda que permeados por uma intriga narrativa como demonstrarei adiante), os quais trouxeram percepções sobre o contexto político de maneira mais fluida e não diretamente agenciada pelo pesquisador; 2. Esta mudança de perspectiva resultou na supressão do modelo de análise da consciência política (Sandoval, 2016)[29] como metodologia de análise das memórias, com a opção pelo uso do conceito de memória conforme as proposições de Bosi (2013, 2016) e da metodologia de extração fenomenológica de Gonçalves Filho (1988, p. 96), em conjunto aos entendimentos sobre a linguagem e as questões do tempo e da narrativa de Paul Ricœur (1994; 2006), perspectiva que considero mais adequada à pluralidade de experiências que objetivei escutar:

> A memória revê o curso da existência como heterogêneo e fértil de possibilidades imprevistas, repleto de pequenos acidentes nunca negligenciáveis, suspendendo qualquer relação de mando e obediência entre o sujeito e a história, insuflando-a de mistério e surpresa, risco e expectativa, iniciativa e observação. (Gonçalves, 1988, p. 96).

Aliada a essa concepção da memória e "suas possibilidades imprevistas", foi também fonte de inspiração teórica as considerações de Arendt em curso ministrado na Universidade de Cornell, proposta pedagógica que operava a partir da negação da diferença entre aqueles que fazem e os que vivem a história. Como elucidado em capítulo introdutório, desde o princípio, objetivei a ideia de uma "vida comum", termo vago, mas que pode ser significado em relação ao arquivo do qual parte, entendido, portanto, como elementos da vida para além da militância política, elemento que articula centralmente a intriga de uma narrativa coletiva mais privilegiada (Bosi, 2013a). Valeria recordar que a ideia de uma "pessoa comum" aparecia várias vezes no Lampião, como por exemplo em diversas cartas da seção Cartas na Mesa, em que leitores pediam entrevistas com "pessoas comuns".Nesse sentido, a própria expressão poética presente em prefácio e a opção por manter os testemunhos em sua totalidade como miolo desse estudo são também ressonâncias da leitura de Arendt e da ênfase concedida à experiência e à narrativa.

Elucidados limites e premissas teóricas, nas próximas seções trato de relatar como teci as relações entre pressupostos teóricos, metodológicos e os interesses de pesquisa, explicitando

[29] As discussões e incômodos causados com a perspectiva de linguagem e discurso utilizado em grande parte das análises que utilizam o modelo da consciência política resultaram no artigo "Memória e Consciência Política: uma proposta de revisão teórica e metodológica para o campo da Psicologia Política". Ver: Fraccaroli, Arantes & Aragusuku (2018).

os seus principais conceitos e como desdobraram-se em objetivos, propostas, recortes metodológicos e instrumentos de pesquisa e análise.

1.1. A memória, o cotidiano e a pesquisa-participante: objetivos e desenho metodológico

O objetivo central do presente estudo foi explorar a memória coletiva e social do cotidiano dissidente da cidade de São Paulo a partir da indagação das práticas e espaços de sociabilidade dissidentes à heteronormatividade durante as décadas de 1970 e 1980. Nessa direção, partiu-se da escuta das experiências narradas pela memória-trabalho (Bosi, 2016) de participantes que se autoidentificaram como homens e que vivenciaram suas práticas de sociabilidade dissidente para além dos grupos de militância política, situação hegemonicamente explorada pelo campo científico dedicado às análises das sexualidades dissidentes no país. Como mencionado em seção introdutória, esta contraposição, em parte fabricada, constitui a intriga que orienta o tempo e a narrativa deste estudo.

Buscou-se, portanto, escutar pessoas que, segundo as narrativas mais difundidas pela história e pela antropologia, vivenciaram um contexto político-social que seria marcado tanto pelo rígido controle e repressão das sexualidades dissidentes (Cowan, 2015, 2016; Green & Quinalha, 2015; Quinalha, 2017), quanto pelo surgimento de uma massiva oferta de espaços de sociabilidade e por uma crescente visibilidade, ao ter-se em conta o desenvolvimento dos centros urbanos e um relativo momento de melhoria das condições econômicas (Green, 2000).

Esse recorte inspirou questionamentos iniciais como: reconheceriam os dissidentes essa tensão? Incidiriam sob a percepção desse contexto aspectos relativos à classe social ou raça, por exemplo? Teria a repressão atingido a todos de igual modo? Suas narrativas dialogariam com as principais perspectivas formuladas por nossa história bicha? Quais seriam as mediações pessoais frente à violência de familiares, policiais ou no ambiente de trabalho (Simonetto, 2018)? O acesso a certos espaços seria homogêneo ou diversificado? Em síntese, se conhecemos os elementos gerais da cultura dissidente, da organização política e das condições sócio-política nacional e regionais[30] desse período, como seriam suas combinações, seus diferentes modos de fazer, quer dizer, quais seriam estas "operações heterogêneas que compõem os patchworks do cotidiano" (Certeau, 2014, p. 45)?

Nesse sentido, a perceptível ênfase teórica na ideia de um cotidiano traduziu-se metodologicamente em exercício de evocação e escuta das memórias de sujeitos que não

[30] Com ênfase nas regiões de Rio de Janeiro e São Paulo.

participaram politicamente nos chamados grupos de liberação homossexual (Facchini, 2010), com o objetivo de tentar esboçar o que que Bosi (2013a, p. 15) compreende como uma "história das sensibilidades", proposta que dota a história de subjetividade em tentativa de fazer-nos capaz de ver:

> o fato a partir dos indivíduos ao mesmo que tempo que reencontra neles a ascendência mais pertinente dos acontecimentos, as influências mais profundas e indeléveis de uma época... [cruzando] história e a intimidade, o mais público e o mais pessoal, em crônicas muito originais e prenhes de contingência, crônicas do indivíduo na família, na escola, no trabalho , no bairro ou na cidade, em todo grupo onde os homens se nutriram simbolicamente e onde empenharam, não sem contradições, aquilo que eles são: aí onde os sujeitos aparecem imantados por pulsões discordantes e que esquema nenhum pode abarcar (Gonçalves, 1988, p. 99)

Essa história das sensibilidades teria como aspectos de especial atenção pequenas estórias que versam "do descontínuo, do pontual, do que parece fragmentário, ao ponto de esquecer o tecido histórico que sustenta os fatos, como é o caso da psicologia dos microcomportamentos" (Bosi, 2013a, p. 15). Entretanto, se a memória pode ser uma via de acesso ao relato do cotidiano, é preciso ter cuidado com os riscos de uma "ideologização", ou seja, de incorrer-se em uma interpretação que entenda essas crônicas como o "avesso oculto da história política hegemônica" (Bosi, 2013a, p. 15), como se as individualidades pudessem ser apreendidas socialmente isoladas de um contexto.

Em resposta a essa aparente tensão, além de esclarecer que nem mesmo mil histórias de vida poderiam substituir um conceito ou uma teoria de história (Bosi, 2013b, p. 49)[31], a proposta de Bosi (2013a, p. 15) se desdobra na possibilidade do trabalho da memória dos velhos como um modo informal de mediação cultural entre o presente e as testemunhas do passado, a qual pode fazer emergir pontos de vista distintos ou contraditórios, muitas vezes suprimidos nos processos de formalização institucional da história.

Em síntese, nem um retorno extremo ao indivíduo, muito menos uma supressão do indivíduo para compreender os processos sociais, aspecto o qual entendo ser possível estabelecer um diálogo com a compreensão do cotidiano de Michel de Certau (2014, p. 38), cuja proposta reconhece uma pluralidade incoerente de lógicas combinatórias expressadas pelos indivíduos. Ainda que reconheça certo radicalismo em sua proposição conceitual, ao quase suprimir a díade indivíduo e sociedade para a compreensão do cotidiano, dois aspectos de sua

[31] Em adição, questionaria em via inversa: uma teoria de história daria conta de mil histórias de vida?

compreensão me parecem interessantes e possíveis de serem coerentemente utilizados com a perspectiva teórico-metodológica que aqui busquei articular e, assim, passíveis de empréstimo.

O primeiro aspecto a ser destacado é que a compreensão do cotidiano de Certeau (2014), além de enfocar as práticas – aspecto mimetizado por este estudo, exprime uma compreensão dos indivíduos em sua potência criativa, sintetizada na máxima: "sempre é bom recordar que não se devem tomar os outros por idiota" (Certeau, 2014 apud Giard, 2014, p. 19). Se por um lado é exagerada e binária sua compreensão da sociedade (dominadores x dominados), por outro, sua compreensão do cotidiano contempla "a inteligência e a inventividade do mais fraco, na atenção extrema à sua mobilidade tática, no respeito dado ao fraco, sem eira nem beira, móvel por ser assim desarmado em face das estratégias do forte, dono do teatro de operações" (Giard, 2014, p.19). Conforme relatariam os testemunhos deste estudo, apesar de incontáveis limitações e restrições, uma série de combinações de inteligência tática saberiam jogar com as condições do presente, sacando proveito de situações cotidianas e inventando possibilidade para a experiência e vivência de um desejo fora da ordem erótica oficial (Gonçalves Filho, 1998)[32].

Nesse sentido, ao reconhecer "artes" e "estilos" no fazer cotidiano, a compreensão de Michel de Certeau me parece mais adequada aos objetivos deste estudo do que aquela expressada por Heller (2016), cuja ênfase na espontaneidade reprodutora e assimiladora do cotidiano, principalmente pela ação dos *face-to-face groups* na transmissão dos valores sociais[33], apesar de contribuir em grande valia ao reconhecer o cotidiano como centro da história e servir como interessante subsídio teórico para compreender a reprodução da heterossexualidade compulsória (Rich, 2012) nessas instâncias de mediação, como a família e a escola, peca por deixar pouco espaço para a subversão das normas e para a inteligência dos sujeitos. De modo distinto, a compreensão cotidiana de Certeau desafia o poder dos intentos de organização da autoridade e do poder:

> Sua não credulidade diante da ordem dogmática que as autoridades e instituições querem sempre organizar, sua atenção à liberdade interior dos não-conformistas, mesmo reduzidos ao silêncio, que modificam ou desviam a verdade imposta, seu respeito por toda resistência, ainda que mínima, e por toda forma de mobilidade aberta por essa resistência,

[32] Seja por meio da transformação de "acontecimentos" em "ocasiões" (táticas) ou de cálculos a partir do domínio de um lugar isolável de um ambiente, capaz de ser "circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta" (Certeau, 2014, p. 45) (estratégia), esses prazeres se fariam reais.

[33] Para Agnes Heller (2016), o cotidiano, que se apresenta de forma espontânea, em certo sentido demanda a assimilação dos indivíduos em relação aos valores da cotidianidade por meio de grupos (família, escola, comunidade) que elaboram "a mediação entre o indivíduo e os costumes, as normas e a ética de outras integrações maiores" (Heller, 2016, p. 38).

> tudo isso dá a Certeau a possibilidade de crer firmemente na liberdade gazeteira das práticas. Assim, é natural que perceba microdiferenças onde tantos outros só veem obediência e uniformização" (Giard, 2014, p. 18).

O segundo aspecto que empresto das formulações do cotidiano de Michel de Certeau se refere a seu entendimento das lógicas operatórias dos usuários como "modelos que remontam talvez às astúcias multimilenares dos peixes disfarçados ou dos insetos camuflados, e que em todo o caso, é ocultada por uma racionalidade hoje dominante no Ocidente" (Certeau, 2014, p. 37). Ao suscitar uma razão de outra ordem, para além daquilo que podemos conhecer ou traduzir conceitualmente, longe de essencializar ou naturalizar determinados aspectos da ação humana, a formulação de Certeau vislumbra uma lacuna misteriosa, mas capaz de conferir inteligência para estas ações que compreendemos como intuitivas, como o constante relato da troca de olhares pelos testemunhos elucidaria: "era um olhar e pronto".

Sobre este aspecto, invade minha memória o ditado em espanhol: "ojo de loca, no se equivoca"[34], as constantes menções que fazemos no gueto ao "*gaydar*" ou o ditado que o Sr. Lóris me ensinaria: "Bicha burra nasce homem". Como compreender essas inteligências para identificar parceiros e possíveis experiências em ambientes muitas vezes hostis a estes desejos?

Por último, gostaria de destacar que a opção pela escuta atenciosa e interessada pelos aspectos de um cotidiano recorrentemente invisibilizado, com ênfase nos chamados microcomportamentos (Bosi, 2013a, p. 13)[35], teve também um sentido vinculado à ideia de *praxis* ao compreender o trabalho da memória no sentido da humanização, possibilitando a devolução ao sujeito de sua sociedade e de sua história, recuperando a suposta dimensão macrossocial sem descartar sua dimensão microssocial e vice-versa:

> A incorporação da dimensão macrossocial exige elaborar todas as mediações psicossociais que vinculam historicamente a realidade das estruturas sociais básicas com os comportamentos concretos dos indivíduos. Na interface entre o macro e o micro são filtrados e depurados os interesses sociais e se gera, portanto, a ideologia [...] mas é necessário examinar, também, a relação na direção inversa, isto é o sentido da ação de um indivíduo no interior de sua sociedade e o impacto que suas diversas formas de agir produzem no equilíbrio de forças sociais. (Martín-Baró, 2013, p. 583)

---

[34] Em português, "olho de louca não se equivoca".

[35] Elementos próprios de uma crônica, gênero anedótico "tecido de pequenos sucessos, episódios breves, cenas de rua vividas" (Bosi, 2013, p. 13)

O que trato de dizer é que para além das exigências de coerência aos padrões científicos, busquei estender os compromissos ético-políticos deste estudo para além da seara acadêmica. Em linhas gerais, mais do que buscar indícios que confirmassem a pluralidade já apontada pelo campo bibliográfico, a *raison d'être* desse trabalho foi a busca de um diálogo que permitisse a emergência não apenas de plurais retratos, mas a criação de novas possibilidade empíricas de estabelecer diálogo com o passado, emergindo novos pontos de vistas e inteligências, visando a compreensão da pluralidade da condição humana.

* * *

Retornando ao desenho metodológico em si, vale ressaltar que mesmo com o recorte territorial e a seleção do espaço urbano inicial, elementos pertinentes tanto aos estudos de memória (Halbwachs, 2003; Candau, 2012; Bosi, 2016), quantos aos de sexualidade (), resultou necessária uma definição mais específica que fosse capaz de traduzir os objetivos da pesquisa em fenômenos cotidianos palpáveis (Andrada, 2018, p. 239), capazes de serem apreensíveis pelo testemunho. Para além disso, esse recorte foi necessário ao ter-se em conta certos critérios desejáveis à pesquisa qualitativa (Bryman, 2008, p. 405-406) e sua própria utilidade metodológica quando parte-se do reconhecimento da interseccionalidade inerente ao tema, que alerta sobre as grandes possibilidades de incorrer-se em estereótipos e generalizações do outro (Bosi, 2013e, p. 68), demandando delimitações e considerações mais precisas. Para tanto, decorreram as seguintes etapas de pesquisa:

1. Delimitou-se conceitualmente os principais conceitos utilizados pela pesquisa, como: dissidência, sexualidade e homoerotismo a partir de levantamento bibliográfico realizado, movimento que originou o capítulo introdutório.
2. Foi realizado levantamento bibliográfico e hemerográfico sobre as experiências da sexualidade na cidade de São Paulo, com enfoque nos espaços e práticas de sociabilidade. Cabe dizer que esse objetivo teve como função introduzir-me aos aspectos do cotidiano dos participantes, funcionando como substrato para o estabelecimento de perguntas que proporcionassem um diálogo e que fossem motivadoras para o participante (Bosi, 2003, p. 59). Os acervos consultados foram: Acervo Digital da Folha de São Paulo; Acervos Outra Coisa, Somos e Turma OK do

Arquivo Edgard Leuenroth; a coleção dos jornais Lampião disponibilizada pelo site do grupo Dignidade.

3. A partir dos critérios de seleção definidos, foi iniciada a tarefa de escuta e colheita das memórias das histórias de vida dos participantes durante um ou dois encontros com duração média de 1h30m. Os relatos foram motivados a partir da indagação de perguntas relativas aos espaços e as práticas de sociabilidade na cidade, ou seja, perguntas sobre casos, boates, saunas, bares, amores e paixões. A partir de tais perguntas, constituiu-se certa temporalidade narrativa, com a referência a determinados espaços e práticas e a definição de acontecimentos que estruturaram o relato – ponto interpretado dialogicamente a partir das considerações de Ricœur (2006; 2012).
4. Com as memórias transcritas e transformadas em narrativas, aprovadas e/ou alteradas pelos participantes, procedeu-se à etapa de interpretação das memórias, em consonância com a inspiração na extração fenomenológica (Gonçalves, 2002), "com foco no que foi lembrado" (Bosi, 2003), para então analisar as memórias em seu conjunto e a partir das categorias apontadas como relevantes pelo exercício mnemônico, colocando-as em diálogo com arquivo e estudos acadêmicos, movimento que elucido no último subcapítulo metodológico a partir de uma compreensão da teoria da interpretação de Ricœur (2018) e de suas contribuições teóricas sobre o processo de narração (1994;2006).

1.2. Critérios e modos de seleção dos depoentes

Tendo em conta as relações entre espaço, memória e as práticas homoeróticas que pude aprender durante pesquisa bibliográfica, assim como as limitações de tempo e recursos desse estudo, propus a delimitação territorial dos entrevistados à cidade de São Paulo e, caso houvesse tempo disponível, expandiria a algumas regiões do interior paulistano que fossem próximas à capital, em razão dos possíveis custos de deslocamento.

Ainda que consciente quanto aos limites e problemáticas inerentes a periodizações históricas, para a seleção dos entrevistados, optei inicialmente por um recorte temporal inspirado na periodização da ditadura militar proposta por Green & Quinalha (2015), considerando como marco inicial do período analisado o ano de 1969, quando ao mesmo tempo em que, segundo os autores, há um recrudescimento da repressão, começam a prosperar as condições econômicas das classes éedias, favorecendo a proliferação de "espaços semipúblicos

de sociabilidade LGBT"[36]. Em outras palavras, decidi buscar narrativas que remetessem as décadas de 1970 e 1980.

Baseado em entendimentos produzidos em estudo anterior que teve como objeto de estudo as políticas públicas de juventude no Brasil (Fraccaroli, 2013), preferi determinar o recorte geracional em contato com o campo, com a tentativa de perceber com qual idade começaram "a sair", "viver a juventude" e frequentar o chamado gueto gay. Se inicialmente pensei em entrevistar participantes de aproximadamente 65 anos, o que corresponderia a uma idade de aproximadamente 16 anos no começo da década de 1970, foi necessário aumentar um pouco a faixa de idade compreendida em razão das dificuldades de encontrar depoentes para a participação na pesquisa.

Nesse sentido, cabe dizer que por meio da criação de perfis em aplicativos sociais (Grindr e Hornett[37]) imaginava ser possível encontrar contatos-raiz para realização de amostragem tipo bola-de-neve, forma amostral não probabilística que utiliza cadeias de referência, de muita utilidade para o estudo de grupos com dificuldades de serem acessados (Vinuto, 2014, p. 203) por razões de estigma, invisibilidade, entre outras questões. Nos perfis criados, me identificava como "Pesquisador LGBT" ou "Pesquisador USP" e, nas descrições, escrevia: "Pesquisador LGBT interessado em narrativas sobre os espaços de sociabilidade LGBT nas décadas de 70 e 80 em São Paulo".

Meu esboço de amostragem falhou miseravelmente. Houve uma completa ausência de contatos, negativas e/ou interesse apenas em práticas sexuais. Regis, acostumado a manter contatos virtuais, por vezes anônimos, com alguns dos participantes que procurava, me comentou por Facebook:

> É muito difícil encontrar gays que viveram as décadas de 60 e estarem vivos hoje. Os vivos não querem se expor e os poucos que vivem a cena gay paulistana estão espalhados por todos os espaços sociais. Talvez você consiga encontrá-los no gueto, local de socialização. Também, o ABC Bailão às quintas-feiras". (Regis, 24/08/2018)

Como também me parecia plausível que isso acontecesse, para além de uma necessária heterogeneidade, em projeto de pesquisa havia proposto a busca de outros espaços para a busca de contatos. Nesse sentido, a partir do "boca-a-boca", de frequência a espaços de sociabilidade,

---

[36] Vale mencionar que esse é o recorte temporal histórico utilizado para circunscrever o grupo que pesquisaria, que, por sua vez, produziria seus próprios entendimentos temporais.

[37] Baseado na pesquisa de Carlos Henning (2014), inscrevi-me também no site Man Hunt. Entretanto, tampouco tive contatos.

ou de achados pelas redes sociais, consegui estabelecer contato com seis depoentes. Entretanto, diferentemente do que eu pensava, apenas um deles me indicou outro amigo que concordasse em participar da pesquisa, sendo que este, por sua vez, não indicou ninguém; importante dado de pesquisa.

1.3. Vidas que se revelam: os depoentes

Todos os depoentes residem na região da Grande São Paulo, sendo: um deles no ABC, três na região do Centro, um na Zona Leste e um na Zona Oeste. Um depoente mora sozinho, dois com a família, um apenas com a filha, um com um antigo parceiro e outro com seu esposo. A idade dos depoentes variou entre 58 a 79 anos, sendo a média de 66 anos. Quatro eram solteiros, um casado com seu marido e outro casado com sua esposa, mas em relacionamento estável com um namorado há mais de vinte anos.

Sobre o contexto educacional, pode-se dizer que foi relativamente elevado: cinco deles são no mínimo graduados em um curso superior e um chegou a concluir curso de mestrado na área da educação. Politicamente, como transparece nos depoimentos, as opiniões eram das mais variadas, transitando entre a direita e a esquerda, cenário bem representativo do atual contexto politico brasileiro, onde as opiniões políticas apareciam mesmo quando não explicitamente questionadas, já que os temas morais têm se tornado uma das principais pautas de discussão política no país (Almeida, 2017).

Em relação ao critério socioeconômico, por mais que houvesse algumas variações, é possível afirmar que todos pertencem aos estratos socioeconômicos médios da população, alguns com mais posses que outros, mas todos assalariados (4) ou profissionais autônomos (2), sendo que dois deles trabalham ou trabalhavam em instituições públicas.

A maior limitação da amostra, ainda que não tenha pretensões de representatividade quantitativa, foi a completa ausência de depoentes negros: todos os depoentes eram brancos. Sobre essa questão, cheguei a comentar com os depoentes, indagando se não haveria pessoas negras em seus círculos sociais ou se pessoas negras frequentavam o gueto. Pouco me disseram sobre o tema, alguns dizendo inclusive não se lembrarem de *gays* negros no gueto, o que, por um lado, pode remontar certo preconceito social nesses espaços, já identificado por alguns autores no que se refere especificamente às questões de orientação sexual, e por outro, sinalizar certo apagamento de guetos outros frequentados pela população dissidente negra de São Paulo. Aqui valeria lembrar o relatório do grupo Adé Dudu (1981) e as percepções registradas por Allen Young no texto “Gay gringo in Brazil” para o livro The Gay Liberation front:

> O mundo gay no Brasil reflete o racismo da sociedade brasileira, ainda que eu deseje em princípio salientar que o racismo no mundo gay não seja pior que entre heterossexuais; o racismo permeia a sociedade brasileira. Virtualmente todos os meus amigos brasileiros são brancos e de classe média, o que é talvez culpa minha, mas eu prefiro pensar que isso tem mais a ver com circunstâncias do que com consciência. [...] Agora, estas são pessoas que pensam em si mesmas como sendo opostas à discriminação racial, que classicam como de algum tipo de esquerda. Uma vez eu contei para meu amigo que eu tinha transado com um cara negro, e ele fez uma careta confessando pra mim: "Eu sou racista quando se trata de sexo". (Green & Polito, 2004, p. 166).

Sem embargo, é preciso considerar que esse dado pode dizer muito também da corporalidade do pesquisador, que apesar de não-branco, em termos socioeconômicos, pode ser lido de tal modo em decorrência dos espaços de privilégio que ocupa. Em suma, se algumas questões poderiam soar familiares devido à minha experiência subjetiva e de uma considerável leitura teórica sobre o tema, foi necessário relativizar esse suposto conhecimento no sentido de evitar o que Grele (2002, p. 274) identifica como uma falsa sensação de pertencimento ao meio-social que se estuda. Conforme o autor, podemos compartilhar dos pontos de vista políticos daqueles que entrevistamos, sem embargo, dificilmente compartilhamos suas vidas.

Com o objetivo de justamente contrabalancear as vozes presentes nas entrevistas e trazer seu background de realização, aspectos tão importantes para a compreensão do material final e poucas vezes explicitados nos textos (Candida Smith, 2012, p. 47), detalho brevemente nos próximos subcapítulo como foram realizadas as entrevistas e os procedimentos de escuta, transcrição, transformação em narrativa, devolução e, por último, a análise.

1.4. Sobre a realização das entrevistas

Após o estabelecimento do primeiro contato, usualmente por meios telemáticos (internet, WhatsApp, email), com a explicação de meus interesses enquanto pesquisador, de meu entendimento da memória como via de acesso ao relato do cotidiano (Bosi, 2003) e da ideia da entrevista como uma conversa gravada (Andrada, 2018, p. 240), deixei a cargo dos participantes a escolha do local de realização das entrevistas. Dos seis depoentes, quatro escolheram realizar as entrevistas em casa e dois em locais públicos (um café, o SESC 24 de Maio e um restaurante na Avenida São João, esta vez por mim sugerido em um segundo encontro).

Talvez por coincidência, os dois que realizaram as entrevistas em locais públicos foram aqueles que são casados. Em apenas uma das entrevistas, um familiar esteve presente nos primeiros momentos, aproximadamente dez minutos, abandonando o quarto após questionamentos ásperos em relação à opinião política de seu avô.

Sobre a questão do anonimato, uma vez que optei pela liberdade do depoente em decidir sobre a inclusão de seu nome ou não, diferentes posturas decorreram, como é possível notar em alguns inícios ou finais de testemunhos. Dos seis depoentes, pode-se dizer que os três que decidiram pela inclusão de seu nome foram aqueles cuja orientação sexual é vivida de forma mais aberta em seu cotidiano. Em dois casos, optei pela alteração do nome do depoente, uma por falta de resposta clara quanto à questão e outra por motivos de saúde. Por último, apenas P.J. optou pela supressão de seu nome em razão de motivos familiares, ainda que tenha reconhecido a dificuldade da questão por compreender que: "Apesar de me reconhecer como tal, de ter saído do armário, publicamente, em respeito a minha esposa, filhos e netos, é complicado"

Munido das informações disponibilizadas pela produção de revisão bibliográfica, pude realizar a primeira entrevista de caráter experimental para perceber quais perguntas das iniciais que havia proposto geravam narrativas mais fluidas. Nessa entrevista, pude afinar meu vocabulário com as expressões que, para o campo, faziam mais sentido do que aquelas que utilizava, descobrindo que a prática do *trottoir* ou *footing* realmente fazia parte do vocabulário dos participantes que vivenciaram esse período, escutando termos até então desconhecidos por mim como "fervo", "pintosa", "caçação", "caso", entre outros.

A partir desse encontro, pude perceber que as perguntas que em um primeiro momento desenhei (presentes em texto apresentado em exercício de qualificação) não faziam muito sentido para meus interlocutores, o que me levou a considerar ser necessário reconstruir um instrumento de pesquisa que permitisse certa evocação sistemática, mas que, no entanto, não significasse cerceamento de suas escolhas narrativas para relatarem a si mesmos, às suas práticas e aos momentos que vivenciaram (Bosi, 2013, p. 55).

Nesse sentido, os entendimentos de Henri Bergson sobre a memória sintetizados por Ecléa Bosi ao distinguir a chamada memória-hábito da memória-sonho e sua proposição do conceito de memória-trabalho foram de muita importância para o desenho desse novo instrumento, pois, se por um lado, houve espaço de liberdade para a rememoração individual, convém destacar que a memória, longe de ser caracterizada apenas pela individualidade, é também forma coletiva e social de organizar o passado, corporificada em termos de classe

social, profissão (Bosi, 2013, p. 54), raça, orientação sexual, entre outros marcadores sociais da diferença que constituem a marginalização de determinados grupos sociais no Brasil[38].

Conforme Bosi: "no tocante às técnicas de pesquisa, estas devem ser adequadas ao objeto: é a lei de ouro. Não conheço outra" (Bosi, 2013, p. 55). Quais seriam então os aspectos a serem explorados nessas entrevistas capazes de trazer aspectos do cotidiano e de traços micro-sociais que almejava escutar desde o princípio desse estudo?

Como mencionado, tomei como ponto de partida a literatura e algumas conversas, decidindo então indagar os participantes a respeito dos espaços e práticas de sociabilidade dissidente na cidade de São Paulo por entender que nesses espaços e a partir dessas práticas, mesmo que temporariamente, a humilhação social infligida pelo amor, sexo, desejo ou prazer fora da ordem erótica oficial (Gonçalves Filho, 2003) era temporariamente reduzida, rompendo com o isolamento e a sensação de não pertencimento, de não lugar no mundo. Em outras palavras, entendo que nesses locais e por meio dessas práticas, parece-me que era atenuado, em certa medida, o sofrimento resultante da negação de habitar o humano, espaço intersubjetivo que permite a revelação de um humano, quem por sua vez pode apenas constituir-se como humano em companhia de outros (Gonçalves Filho, 1998). Ou seja, enquanto existiria para alguns a possibilidade de tornar-se efetivamente alguém, o que na concepção arendtiana pode significar o rompimento com a interioridade do eu e irrupção do inédito no mundo público, trazendo assim a pluralidade de aparições e a responsabilidade por um mundo comum (Freitas, 2014, p. 25), a outros restaria a negação das condições de situarem-se nesse espaço intersubjetivo, de ingresso à comunidade. Quer dizer, fora da dignidade humana e impedido do contato com os outros, condição para nela ingressar.

A ideia de dignidade expressada poeticamente por Caio Fernando de Abreu se aproxima do sentido de que aqui busquei descrever e que, em minha interpretação, em muito se aproxima a algumas das noções expressadas pelos testemunhos escutados por este estudo:

> Meu amigo Cláudia é uma das pessoas mais dignas que conheço. E aqui preciso deter-me um pouco para explicar o que significa, para mim, "digno" ou "dignidade". **Nem é tão complicado: dignidade acontece quando se é inteiro.** [grifo do autor] Mas o que quer dizer ser "inteiro"? Talvez, quando se faz exatamente o que se quer fazer, do jeito que se quer fazer, da melhor maneira possível. A opinião alheia, então, torna-

[38] Este foi o momento em que percebi que um roteiro fechado que indagasse a não-participação política e percepções sobre a ditadura civil-militar como técnica de pesquisa não faria sentido, posto que as percepções do quadro político, por vezes, viriam posteriormente ou nada diriam ao participante que "apenas trabalhava", por exemplo: "nesse contexto, a marginalidade politica a que se relegam os estratos pobres da população brasileira é causadora do espantoso vazio memorativo brasileiro" (Bosi, 2013b, p. 54).

> se detalhe desimportante. O que pode resultar – e geralmente resulta mesmo – numa enorme solidão. Dignidade é quando a solidão de ter escolhido ser, tão exatamente quanto possível, aquilo que se é dói muito menos do que ter escolhido a falsa não-solidão de ser o que não se é, apenas para não sofrer a rejeição tristíssima dos outros[39].

Em síntese, entendo que por meio da possibilidade de aparição, reunião e contato, mesmo que em um ambiente estigmatizado como o gueto, um outro mundo se fazia possível para muitas pessoas por meio da possibilidade da vivência em comunidade e do alargamento das condições de viverem como desejavam, reduzindo medos, angústias e desconhecimentos. Em outros termos, o já mencionado potencial político do gueto segundo MacRae (1983), que, segundo interpretação de Simões e França (2010, p. 310):

> não apenas amplia a oportunidade de encontrar parceiros e viver experiências sexuais, mas também pode contribuir decisivamente para reduzir os sentimentos de desconforto e culpa em relação à própria sexualidade, reforçar a auto-aceitação do desejo e, eventualmente, a disposição 'para assumi-la' em âmbitos menos restritos.

Desse modo, a partir da indagação sobre espaços frequentados, como se fazia para procurar um parceiro, como eram os locais de fervo e caçação, decorriam muitas vezes relatos de aspectos mais íntimos e relacionados a outras esferas como a família, o trabalho, a classe social, e, em alguns casos, as narrativas de *coming-out*. Por meio dessas indagações, os participantes passavam então a relatar episódios de sua vida e apareciam então aqueles instantes crônicos tanto almejados pelo pesquisador, momentos de inteligência *phronética* que intencionavam recompor um todo, elegendo suas próprias tramas (Ricœur, 2006) e, assim, revivendo sensibilidades da época ao permitir o papel não apenas de narrador, mas também de cidadão, já que capazes de emitir suas opiniões e verdades e abrirem as possibilidades de diálogos sobre o passado com a de outros depoentes, com as presentes em arquivo e as opiniões do pesquisador[40].

Destarte, em nenhum momento busquei inquirir os depoentes em busca de uma verdade factual como se esta existisse como ente em si a ser descoberto individualmente, buscando recuar sempre com cuidado em qualquer momento que uma presunção ideológica em mim despertasse como verdade autoevidente. Nesse sentido, é interessante recuperar as considerações de Arendt (2018 [1954], p.41) sobre o exercício de pensamento político na lacuna

---

[39] Abreu, C.F. (sem data). Meu Amigo Claudia. Recuperado de: <http://caiofcaio.blogspot.com/2010/11/meu-amigo-claudia.html>

[40] Resulta essencial considerar que a visão da testemunha é "sempre um foco singular de visão e elocução [...] o testemunho é subjetivo" (Bosi, 1995, p. 310).

entre o presente e o passado onde: "põe-se em suspenso o problema da verdade; a preocupação é somente como movimentar-se nessa lacuna – talvez a única região onde algum dia a verdade venha a aparecer".

Por outro lado, a opção por narrativas mais abertas recorrentemente produzia uma difícil tensão entre os aspectos relevantes a meu estudo, ou seja, foco das narrativas que me interessavam e o fluir das memórias dos depoentes (Pereira Queiroz, 1988, p. 6). Parte da inteligência de escuta que desenvolvi veio apenas por meio da experiência.

Vale dizer que a profundidade desses testemunhos esteve diretamente relacionada à qualidade dos vínculos de amizade[41] que pude estabelecer durante esse período, alargando as possibilidades de diálogo, no qual foi central o exercício de atenção conforme Simone Weil (1996), para quem: "a atenção tem os dedos leves, escapa da lei da gravidade, é o contrário da certeza e da posse. Por isso, [...] afirmara em sua juventude descrente que os que não creem estão mais perto da verdade do que os que creem. 'Tudo é mentira'" (Bosi, 2013, p. 212). Em síntese, a atenção se revelou extremamente importante ao intencionar permitir que os participantes expusessem suas opiniões, percepções da época, até mesmo preconceitos da época da epidemia do hiv/aids e as diferenças e dificuldades de compreender os atuais entendimentos identitários. Claramente, limitados pelos limites da linguagem e a capacidade de compreensão do pesquisador.

Assim, pela busca da supressão do eu nessas entrevistas, pela abertura ao diálogo com uma alteridade e por coordenadas que auxiliassem a geração de uma memória-trabalho é que se tentou aceder às purpurinas (Bortolozzi & Areda, 2016) de memórias individuais, mas coletivas e sociais, de uma certa época e de um certo espaço: memórias de um dos guetos gays de São Paulo entre as décadas de 1970 e 1980.

1.5. Transcrições, devoluções e formação de narrativas

Com a gravação das conversas em mp4, pude reproduzi-las por meio do *software* iTunes, paralisando-as conforme ritmo da digitação no editor de textos *Word* (2016). Após as transcrições, ouvia a conversa mais uma vez, principalmente, no caso de entrevistas em locais públicos, nos quais alguns trechos resultaram inaudíveis. Foi curioso perceber como em alguns casos entendia certas passagens de modo distinto do qual me recordava e/ou que tinha entendido no momento da entrevista, assim como foi um aprendizado ir afinando minha capacidade de

[41] Claramente, com alguns dos depoentes, criei laços mais fortes e continuo a ter contatos. Com outros, busco ter certo contato a partir do espaço que me é permitido.

escuta, uma vez que percebi certa interferência um pouco excessiva de minha parte nas duas primeiras entrevistas.

É preciso também ressaltar as diferenças entre a entrevista, momento *per se* de interação dialógica (Lang, 2010, p. 47), de encontro intersubjetivo, com a sua textualização no que se refere a grandes perdas, como a de gestuais, entonações, olhares, risadas, entre outros aspectos que, de acordo com McCleary (2011, p. 106), podem nos indicar certa cautela para que não se confunda a entrevista com a transcrição e a produção textual que dela decorre.

Finalizadas as transcrições, operei um processo de exclusão de minhas perguntas e uma vez em que não havia feito perguntas de natureza fechada, havia certa sequência entre as falas do depoente, nos quais faziam-se necessários apenas o uso de alguns conectores. Uma noção que foi de extrema valia é a da memória como mapa afetivo (Bosi, 2003). Nesse sentido, busquei a atenção e o respeito aos modos como se trabalhou a memória e como esta se organizou. Como tornar-se-á mais claro na próxima seção, a opção pelo estudo das narrativas busca justamente respeitar esta *intentio* do operar da intriga.

Posteriormente à correção das transcrições, enviei os testemunhos para cinco dos seis depoentes (um estava em condições de recuperação cirúrgica), dos quais dois concordaram em realizar uma segunda entrevista, adensando certos pontos e possibilitando uma melhor compreensão de alguns episódios narrados, assim como a rememoração de outros. Com um dos depoentes, não consegui estabelecer mais contato, e dois receberam os depoimentos, leram, mas não esboçaram nenhuma intenção de altera-los.

1.6. Memória, Narrativa e Sexualidade: procedimentos de análise

"A experiência vivida, como vivida, permanece privada, mas o seu sentido, a sua significação, torna-se pública. A comunicação é, deste modo, a superação da radical não comunicabilidade da experiência vivida enquanto vivida"
(Paul Ricœur)

Antes de elucidar os principais fundamentos que embasaram o método de análise das memórias, ou melhor dito, das narrativas produzidas durante e posteriormente aos diálogos estabelecidos, parece-me uma boa estratégia iniciar este subcapítulo por meio da referência de uma cena interlocutória que, para além de seu potencial didático, representa, pelo menos para

minha memória, o início de minhas preocupações epistemológicas que resultaram, em última instância, nos procedimentos de interpretação e análise aqui formulados.

* * *

Como exigência da disciplina "A memória das testemunhas"[42], deveríamos entregar ao final do curso o relato de alguma memória de um evento político que tivéssemos vivenciado, que deveria ser procedida por um capítulo de análise. Sem saber muito bem como fazer uma análise, não foram poucas as vezes em que perguntei à professora Bosi como fazê-lo, quem gentilmente me respondeu mais de uma vez: "isso é você quem vai me dizer".

Se não tinha – e, todavia, não tenho -, a pretensão de dizer aquilo que efetivamente a professora Bosi queria significar nesse evento, como muito menos posso recordar com precisão os detalhes de tal cena interlocutória vivenciada apenas por mim e por ela, uma vez textualizada, posso a partir deste ponto fazer referência a esse evento de distintos modos e alargar os sentidos, as compreensões e o campo de significações possíveis, tentando reviver um pouco dessa esfera dialógica e apreender o seu conteúdo proposicional. A que se refere, portanto, "isso é você quem vai me dizer"? Qual foi seu sentido?

Para explicar e logo compreender, posso tentar retomar o local da cena, explicando que trocamos essas palavras nos corredores do bloco B do Instituto de Psicologia da USP antes ou depois da aula, acrescentando detalhes de que não dispúnhamos de muito tempo. Por outro lado, posso fazer uma referência a um "eu" do discurso, retomando algumas questões por mim relembradas de minha posição naquele momento e que poderiam ter influenciado esse diálogo, como, por exemplo, dizer se estava feliz ou triste, se tinha medo ou algum receio, se me sentia apreensivo e inseguro ou confidente. Poderia também relacionar a unidade sintética "Isso é você quem vai me dizer" com outras falas rememoradas de suas aulas ou anotações de caderno que realizei, assim como poderia lançar mão de suas produções textuais teóricas ou do relato de outros alunos para tentar deduzir qual significação se propunha nesse evento.

Entretanto, em nenhum desses casos, não aparece como opção uma via de análise estritamente linguística fundada na distinção saussureana entre *langue* e *parole*, uma vez que o que busco apreender dessa unidade sintética não são as partes (palavras) de sua frase, ou seja, não busco analisa-la a partir de sua dissociação. Pelo contrário, o que me interessa apreender,

[42] Disciplina realizada durante o primeiro semestre de 2017 no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

ou ao menos tenta-lo, é compreender seu conteúdo proposicional, buscando, portanto, em certa medida, reviver e analisar seus processos integrativos e a significação final dessa unidade semântica enquanto evento da linguagem.

Deste último ponto, em conjunto a certa terminologia utilizada nestes dois últimos parágrafos, torna-se fácil para um leitor mais atentou e/ou afinado com algumas das discussões realizadas pelo filósofo Paul Ricœur (1994, 2012, 2018) identificar que o entendimento de linguagem expressado por esse estudo se refere a ideia do discurso enquanto *logos*, isto é, do discurso enquanto unidade sintética que entrelaça reciprocamente as funções de identificação e predicação numa só frase (Ricœur, 2018, p. 23-24), com a capacidade de identificar um só elemento (conteúdo específico), atualizando-se temporalmente a partir da dialética do evento e da significação:

> Se todo o discurso se atualiza como um evento, todo discurso é compreendido como significação. Por significação ou sentido designo aqui o conteúdo proposicional, que justamente como síntese das duas funções: a identificação e a predicação. Não é o evento enquanto transitório que queremos compreender, mas a sua significação – o entrelaçamento do nome e do verbo, para falar como Platão, enquanto dura (Ricœur, 2018, p. 25).

A compreensão do discurso proposta, como o próprio autor ressalta, nada mais é do que a revalorização da discussão inicial de Platão no Crátilo e no Teeteto, onde o filósofo mostra que "o problema da 'verdade', das palavras isoladas ou nome deve permanecer indefinido porque a denominação não esgota o poder ou a função da fala O *logos* da linguagem requer pelo menos um nome e um verbo e o entrelaçamento destas duas palavras constitui a primeira unidade da linguagem e do pensamento" (Ricœur, 2018, p. 11). Entretanto, o autor reconhece que ainda que o problema em si seja antigo, os termos nos quais deve ser discutido atualmente necessitam considerar os avanços da linguística, principalmente em razão da consideração da noção de código, categoria de análise não conhecida pelos gregos (Ricœur, 2018, p. 12).

Para prosseguir sua discussão, Ricœur retoma as formulações de Saussure para apontar como a compreensão da linguagem a partir da dicotomia *langue* e *parole* acabou por colocar a mensagem entre parênteses, dando menor ênfase ao "evento por mor do sistema, a intenção por mor da estrutura e a arbitrariedade do ato pela sistematicidade das combinações dentro de sistemas sincrônicos" (Ricœur, p. 14). O efeito desse "eclipse do discurso" (Ricœur, 2018, p. 14) teria sido motivado principalmente a partir da aplicação de tal compreensão linguística a unidades maiores do que as frases, como a análise estrutural dos mitos realizada por Lévi-Strauss e o tratamento dos contos pelos formalistas russos.

Em resposta ao que considera como uma abordagem unidimensional da linguagem[43], Ricœur propõe, portanto, uma abordagem bidimensional em duas unidades irredutíveis (os signos e as frases), ponto no qual distingue o campo da análise semiótica do campo da análise semântica, entendida por ele como a ciência da frase. Diferentemente da semiótica, para o autor, uma análise semântica daria ênfase aos processos integrativos da linguagem, considerando que o discurso não seria:

> simplesmente um evento evanescente e, como tal, uma entidade irracional, como poderia sugerir a distinção langue/parole . O discurso tem uma estrutura própria, mas não é uma estrutura no sentido analítico do estruturalismo, isto é, como um poder combinatório, baseado nas oposições prévias de unidades discretas. É, antes, uma estrutura no sentido sintético, isto é, como o entrelaçamento e o efeito recíproco das funções de identificação e predicação numa só frase (Ricœur, 2018, p. 24).

Poderíamos prosseguir a minuciosa explicação filosófica de Ricœur sobre o conceito de discurso, entretanto, para os objetivos aqui propostos, bastam-nos apenas algumas referências ao todo de sua obra. Nesse sentido, ainda que sejam importantes as discussões sobre a autorreferência do discurso, as compreensões sobre os atos locutórios, ilocutórios e perlocutórios para a compreensão da dialética do evento e da significação, o que nos interessa especialmente na discussão desta dialética é o que se refere especialmente ao discurso enquanto ato interlocutório.

Em síntese, trata-se da consideração de que o discurso essencialmente se dirige a alguém (Ricœur, 2018, p. 28-34); vale lembrar que, para Platão, a estrutura do discurso seria em si a do diálogo, sendo até o solilóquio um diálogo consigo mesmo (Ricœur, 2018, p. 29). De modo mais objetivo, o que busco ressaltar é que este aspecto se refere, em última instância, ao discurso enquanto ato de comunicação.

Nesse sentido, expandindo as discussões de Jakobson no campo da comunicação ao apontar a necessidade de uma investigação filosófica de seu modelo, uma vez que compreende que, se para o linguista a comunicação é um fato, "para uma investigação existencial, a comunicação é até mesmo um milagre" (Ricœur, 2018, p. 29-30), o autor sinaliza a importância da função comunicativa pela possibilidade por ela aberta de permitir a transferência de uma experiência do locutor para outro, ainda que esta não possa tornar-se a experiência do outro:

---

[43] "A esta abordagem unidimensional da linguagem, para qual os signos são as únicas entidades básicas, quero opor uma abordagem bidimensional, para qual a linguagem se funda em duas unidades irredutíveis, os signos e as frases" (Ricœur, 2018 p. 18).

> um acontecimento que pertence a uma corrente de consciência não pode transferir-se para outra corrente de consciência. E, no entanto, algo passa de mim para vocês, algo se transfere de uma esfera de vida para outra. Este algo não é a experiência vivida, mas a sua significação. Eis o milagre. Este novo aspecto da dialética de evento e significação merece atenção. O evento não é apenas a experiência enquanto expressa e comunicada, mas também a própria troca intersubjetiva, o acontecer do diálogo. A instancia discurso é a instância do diálogo. O diálogo é um evento que liga dois eventos, o do locutor e o do ouvinte. (Ricœur, 2018, p. 30).

Em minha interpretação, de modo contrário à interpretação estruturalista, Ricœur trata de compreender a linguagem essencialmente enquanto mediação entre as mentes e as coisas (p. 18), mas também como mediação entre as próprias mentes, isto é, compreender a importância do discurso enquanto modo de comunicação, de possibilidade de relato da experiência e troca intersubjetiva. Em síntese, utilizando a terminologia de Wittgenstein da qual o autor lança mão anteriormente, trata-se da consideração da linguagem enquanto "forma de vida", e não somente como um sistema autossuficiente de relações internas (Ricœur, 2018, p. 18).

É a partir da comunicação, portanto, que se torna possível a irrupção da solidão da experiência humana, uma vez que, ao extremo, o que é vivido por uma pessoa nunca pode se transferir como tal a um terceiro. Sem embargo, para o filósofo, o evento da linguagem não seria apenas esta abertura da possibilidade do relato da experiência vivida, mas também o próprio acontecer do diálogo, isto é, a troca intersubjetiva por ele possibilitada: "a instância do discurso é a instância do diálogo. O diálogo é um evento que liga dois eventos, o do locutor e o do ouvinte. É em relação ao evento dialógico que a compreensão como significação é homogênea" (Ricœur, 2018, p. 30).

Considerando a polissemia das palavras e as inúmeras possibilidades de sentido e de referência de uma frase e/ou de um discurso, quando falamos algo intencionamos comunicar algo especificamente, isto é, apontar a uma "única coisa que queremos dizer" (Ricœur, 2018, p. 31), sendo a função do diálogo justamente a de filtrar tal polissemia e auxiliar na redução do mal-entendido para, posteriormente, se compreender aquilo que se intencionou comunicar (Ricœur, 2018, p. 31).

Se essa cena se complicaria no caso de considerarmos os atos de linguagem ilocutórios e perlocutórios, Ricœur afirma que ambos os atos de fala, quando intencionados, são capazes de comunicar "atos mentais" em certo sentido, sendo sua diferença apenas a presença ou ausência da intenção de "produzir no ouvinte certo ato mental" (Ricœur, 2018, p. 33-34). Ou seja, a intenção de comunicação implica necessariamente a intenção da intenção do outro

(Ricœur, 2018, p. 33), sendo a reciprocidade de tais intenções o evento do diálogo, momento no qual a solidão da vida é iluminada (Ricœur, 2018, p. 34), em que a experiência privada se faz pública:

> A linguagem é a exteriorização graças à qual uma impressão é transcendida e se torna uma expressão ou, por outras palavras, a transformação do psíquico em noético. A exteriorização e a comunicabilidade são uma só e mesma coisa, porque nada mais são do que a elevação de uma parte de nossa vida ao *logos* do discurso. (Ricœur, 2018, p. 34)

A última contribuição para que se possa compreender essa elevação da experiência privada à esfera pública é possível mediante o entendimento da significação como "sentido" e como "referência", ou simplesmente, o "quê" (sentido) e o "acerca de quê" (referência) do discurso (Ricœur, 2018, p. 34-35). A partir desta dialética é que se torna possível compreender simultaneamente a frase enquanto dito (interna) e a frase como aquilo do que se diz (relação com um mundo exterior), dialética que reconhece a linguagem para além de sua relação consigo mesma (Ricœur, 2018, p. 35):

> Enquanto o sentido é imanente ao discurso, e objetivo no sentido de ideal, a referência exprime o movimento em que a linguagem se transcende a si mesma. Por outras palavras, o sentido correlaciona a função de identificação e a função predicativa no interior da frase, e a referência relaciona a linguagem ao mundo [...] Só esta dialética [a de sentido e referência] diz alguma coisa acerca da relação entre a linguagem e a condição ontológica do ser-no-mundo. A linguagem não é um mundo próprio. Nem sequer é um mundo. Mas porque estamos no mundo, porque somos afetados por situações e porque nos orientamos mediante a compreensão em tais situações, temos algo a dizer, temos a experiência para trazer a linguagem. (Ricœur, 2018, p. 35-36).

Sob esta óptica de compreensão do discurso, resulta central considerar que os testemunhos que integram este estudo surgem como a textualização de algumas cenas interlocutórias, nas quais o depoente intencionou comunicar algo ao pesquisador, que quando em dúvida ou interessado em determinados aspectos, fazia perguntas e/ou complementos para verificar ou intencionar compreender a intenção de comunicação do outro. Porém, uma vez textualizadas, essa cena dialógica é suprimida, já que com a inscrição do discurso, ocorre uma série de alterações nele.

Entretanto, antes de pensarmos nessas mudanças e o que fazer com elas, proponho retomarmos inicialmente uma consideração crítica sobre os momentos de entrevista como início da explicação do instrumento de análise.

* * *

O primeiro aspecto que deve passar pelo crivo teórico-metodológico de nosso instrumento de análise é a diferenciação entre a memória *per se* e de seu relato. O que procuro ressaltar é que, uma vez convidado a dar um relato sobre sua vida, inicia o depoente um trabalho em sua memória (Bosi, 2013, 2016). Esse trabalho de memória e aquilo que é lembrado por meio dessa evocação constituem uma substância a qual não deve ser confundida com sua narração. O que intenciono afirmar é que uma coisa é o que o depoente lembra, outra o que é produto do que ele relata, isto é, aquilo que escutamos e podemos interpretar.

Por meio desse processo do relato, não seria de surpreender que certas lembranças possam ser suprimidas em decorrência de outras ou que, por tantos motivos, intencione-se ocultar certos eventos. Para além da presença de um outro que escuta o relato e de todas as emoções e sentimentos que tal trabalho pode ativar, é também oportuno considerar a necessidade de formatar as lembranças à linguagem de modo que a experiência se torne compreensível a quem ouve[44], ou seja, comunicável.

Deste ponto, torna-se clara a impossibilidade real de um procedimento de análise das memórias em si. O que parece ser passível de análise são as narrativas produzidas a partir da memória, os elementos por elas trazidos, assim como o processo narrativo pelo qual é relatada. Entendo ser sob este ponto que a ideia do cotidiano de Certeau (2014), compreendida como uma poética, possa se aproximar da ideia de narração de Ricœur (2006), quem entende o relato como a imitação de uma ação, *mimesis praxeos*.

Se é o cotidiano relatado pelos depoentes uma poética no sentido de uma arte de fazer a partir de elementos heterogêneos (Certeau, 2014), o relato possibilitado pela memória seria quase como uma meta-poética, isto é, a poética de uma poética, síntese de elementos heterogêneos efetivada a partir da operação narrativa (Ricœur, 2012, p. 10). Em última instância, o que quero dizer é que ainda que a pretensão inicial deste estudo se funde na tentativa de aproximação a um cotidiano um dia habitado pelas testemunhas, independentemente de qual seja nossa opção de acesso a ele (memória, teoria e/ou arquivo), já não nos encontramos com a composição em si, em outras palavras, com a vida ali habitada, ainda que a partir da narrativa possamos experimenta-la no modo do imaginário (Ricœur, 2006).

[44] Como exigência deste critério é que escrevi os subcapítulos anteriores, para que se possa, em parte, retomar os eventos dos momentos dialógicos.

O que de fato nos deparamos é com o que resta desse cotidiano a partir daquilo que resulta da operação narrativa, na qual as frases, para além de um sentido, isto é, aquilo que querem dizer, se referem às coisas, a um mundo um dia habitado, a si mesmo e a outros a partir de certa perspectiva, compondo então uma intriga (Ricœur, 2006), que passa a ser obra não apenas de quem viveu e relata, mas também a obra de quem a recebe e, mesmo que de modo fictício, passa a dela fazer parte, acompanhando na tentativa de compreendê-la em sua totalidade enunciada (Ricœur, 2006).

Especificamente, se pensamos nas tantas performances e performatividades de gênero relatadas pelos depoentes, seja nos entendimentos sobre si ou de terceiros, encontramos a presença de vestígios dos mais variados, elementos advindos de uma série de discursos, que vão desde o mundo das artes aos saberes psi-médicos e/ou religiosos. Esta situação é um exemplo paradigmático de uma verdade material: não posso entrar em contato direto com essas performances em si para além daquilo que pude escutar e daquelas que pude ver e presenciar durante as entrevistas. E desta assunção, decorre o primeiro compromisso epistemológico ao optarmos pelo testemunho, que é a confiança naquilo que se relata, não como evidência factual histórica, mas como respeito ao projeto de ser-no-mundo que aí se enuncia, claramente desde que este opere com respeito à pluralidade da condição humana

Ainda sobre as questões de gênero e sexualidade, é certo que Judith Butler opera sua proposição teórico-conceitual a partir de um entendimento da linguagem em muito distinto do qual aqui lanço mão, entretanto, gostaria de me apropriar de seu entendimento do gênero enquanto ato performativo à luz da compreensão da linguagem de Ricœur, isto é, do ato performativo enquanto ato de comunicação, uma vez que para além do efeito que produz, intenciona o reconhecimento dessa intenção por um outro.

Por mais que esta proposta se constitua como um uso em certo sentido forçado da proposição *butleriana* de performance[45], o que desejo indicar nessa alteração conceitual é que, partindo de determinadas matrizes, seja pela combinação operatória rumo à adequação ou em direção à subversão, para além do desejo do sujeito, as inúmeras performances implicam um reconhecimento de uma intencionalidade por um outro alguém e, ainda que não sejam instâncias autofundantes, há uma operação poética: a algo único se refere e algo único se pretende transmitir a partir destas e por estas composições de elementos tão heterogêneos.

[45] Vale lembrar que mais recentemente, na esteira das discussões políticas de Arendt, Judith Butler (2015c) vem discutindo a ideia do reconhecimento e o direito à aparição, para além de uma maior consideração da intersubjetividade na constituição do sujeito e de seu relato em Relatar a Si Mesmo (2017), aqui provocada pelas discussões de Cavarero (2011).

Acredito ser neste ponto que memória, cotidiano e gênero possam ser trabalhadas de forma contingente, mas para isso, é necessário mais uma vez voltar às coisas: afinal, onde se encontram esse cotidiano e essas performances de gênero? A que se referem às memórias?

Novamente, são as Geografias Feministas e das Sexualidades que podem nos auxiliar a esse propósito de regressarmos à materialidade, ou melhor dito, ao mundo, para além da linguagem e do gênero enquanto sistemas virtuais. Mutiloa (2013, p. 20-21), ao desenvolver uma perspectiva dialética entre espaço e gênero, explicita que se as regras socioespaciais influenciariam as subjetividades e determinariam possibilidades das performances de gênero, as performances de gênero também teriam o poder de constituir o espaço no qual são realizadas, e, em algumas determinadas situações, a partir do escape, contesta-lo. Essas relações seriam determinantes para o acesso e o controle do espaço público e seus bens simbólicos, que em efeitos espaciais, definiria incluídos e excluídos a partir da adequação dos corpos e performances de cada sujeito às normas de gênero.

Nesse sentido, o argumento que busco construir é que conceitos abstratos como gênero e cotidiano têm sua existência ou possibilidades de enunciação em referência à certa dimensão espacial. Ou seja, se faz o gênero por alguma parte, se vive a vida em algum local. Esta afirmação revaloriza as proposições conceituais de Perlongher (1987) e também permite uma conexão com o conceito de memória, já que sua genealogia é intimamente relacionada com a ideia de espaço (Halbwachs, 2003).

A conclusão dessa discussão conceitual se encaminha em certas afirmações e, consequentemente, em algumas propostas. Para além de sua dimensão performativa, os distintos modos de ser/estar no mundo, no que se refere à linearidade sexo-gênero-desejo-prática (Butler, 2003; 2018b), são operados a partir de incontáveis composições no cotidiano de elementos culturais, sociais e políticos. Essas composições, seja pela ruptura ou pela continuidade, ainda que não sejam estáveis ou estáticas, presumem e/ou intencionam um todo, intenção esta que, independentemente de seus desejos iniciais, exigem um reconhecimento de dignidade por parte de um outro e propõe uma significação inteligível ou não a partir do todo que compõe (Ricœur, 2012).

A esse agenciamento de múltiplos elementos, fornecidos pela linguagem, pela materialidade e pela cultura, em uma composição performativa, chamaria de uma *poética existencial transviada*. Por mais que ali se encontrem dimensões sociais mais amplas, há sempre algo de único nessa poética existencial, ou em termos arendtianos, essa irrupção do inédito,

algo sobre o qual podemos aprender, uma sabedoria que se revela a partir da narrativa destas mil artes de (se) fazer.

Entendo que mais do que a disjunção de partes como um sistema fechado, a leitura destas construções deve ser operada em nível semântico, isto é, nos processos de constituição. Claramente, existe um sentido dado pelas partes, mas a referência excede a dissociação de suas partes constitutivas. Portanto, se consideramos tal *poética existencial transviada*, para além da identificação de traços sociais mais amplos, nos interessa justamente o que essa composição específica produz, a que mundo em específico se refere, mundo o qual busca comunicar. É em respeito a essa intenção de demarcar a diferença, mas também de comunicar algo da ordem do comum é que se encontram presentes os testemunhos no miolo do trabalho. É o respeito ao que Bosi (2013) entenderia como a visada intencional dos testemunhos.

Mas, como disse anteriormente, se acessamos essas experiências por meio da memória, ou, melhor dito, a partir de sua narração, é preciso que consideremos que o que está em análise tampouco é essa poética existencial, que talvez até mesmo não exista de uma forma, já que tão fluida e constituída em operações sempre em falta. O que podemos analisar, portanto, são as narrativas proporcionadas pelas memórias narradas naquele dia, quer dizer, essa apreciação da memória enquanto composição narrativa com certa intencionalidade que constitui uma identidade narrativa.

A memória elege acontecimentos, eventos e elementos diversos para sua composição narrativa enquanto operação que visa uma compreensão pelo outro, mesmo que em sentido dissidente: pressupõe um todo, combina o heterogêneo e, assim, em seu "suposto todo", aporta uma mensagem. A essa consideração da memória enquanto uma possibilidade de escrita de si dissidente daquilo que normalmente se tem como uma vida e, em especial, de seus marcos temporais, parece-me apropriado batiza-la de uma *memória performativa*, uma vez que longe de visar constituir uma fixidez identitária, considera o respeito à pluralidade de aparições da condição humana e seus projetos de ser-no-mundo, reconhecendo a infinidade de possibilidades de escritas e reescritas de si, além de expor outras dinâmicas espaciais para além daquelas elaborados pela heteronorma.

Dialeticamente, emprestando a lógica de Mutiloa (2013), diria que se as vivências de gênero e sexualidade são em certo sentido agenciadas pelo conteúdo das memórias transmitidas socialmente, sobretudo pela ação cotidiana dos *face-to-face groups* (Heller, 2013), as vivências dissidentes, ao buscarem a visibilidade de seu reconhecimento por meio da transmissão da memória superando um constante apagamento, podem influenciar nas possibilidades de

vivenciar o sexo e o gênero. Aqui vale o argumento de Sócrates, quem entende que apenas uma vida possível de ser analisada seria uma vida digna de ser vivida, ou seja, humana (Ricœur, 2006, p. 9).

Longe da palavra final, à essa memória, cabe, portanto, a empreitada de tornar a vida humana: buscar conceder dignidade ao relato e operar com o objetivo de possibilitar o que Arendt entenderia como o alargamento de mentes. Não se trata de empatia, mas sim a capacidade de ampliar o diálogo de si consigo mesmo a partir do máximo de posicionamentos distintos que podem em nós serem internalizados; trata-se de esforço que deve partir especialmente de um sério e comprometido exercício de atenção. Mais do que uma técnica, requer uma própria conversão (Bosi, 2013, p.126).

Para tanto, deve o instrumento de análise que pretenda trabalhar com essas memórias considerar o discurso em sua dimensão intersubjetiva, sendo capaz de rearticular sua instância dialógica, porém, desta vez não com seu auditório inicial, mas sim, com outras narrações das cotidianas poéticas da existência, sejam estas a de outros participantes ou aqueles relatadas em outros fragmentos presentes em arquivo que podem participar do mundo do leitor, considerando os acontecimentos, práticas e espaços de referência desde outras perspectivas. Uma vez textualizada, é preciso reativar a instância dialógica um dia existente.

* * *

Situado na fronteira entre o individual e o social, é a narrativa o *corpus* de análise que aqui consideramos, sendo necessário, portanto, um instrumento de análise que para além de reativar a instância dialógica perdida com a fixação do discurso no texto, considere seus elementos sociais e individuais, proporcionando diálogos e reconhecendo as particularidades e as universalidades relatadas.

Em razão desse entendimento, busco interpretar e compreender os testemunhos como um todo, sendo a operação de escrita do pesquisador. Pelo diálogo entre vozes, teoria e arquivo, o movimento busca compor uma intriga enquanto movimento que reconhece essas narrativas como forma de mediação entre o humano e o mundo (referencialidade), entre o humano e o humano (comunicabilidade) e entre o humano e si mesmo (compreensão de si) (Ricœur, 2018).

Para isso, como desde o início explicitado, considerei os espaços e as práticas de sociabilidade como “os pontos de apoio que pode encontrar o relato na experiência viva do agir e do padecer” (Ricœur, 1994, p. 12). Considerados estes espaços e práticas como as referências

dos sentidos das ações comunicativas elaboradas, aqui compreendidas desde a dialética do evento e da significação, os primeiros subcapítulos da seção "Cruzando Vozes" buscam a eles novamente se referir a partir de sua reativação dialógica por meio da dialética explicação/compreensão, cruzando não apenas as vozes dos testemunhos, mas também aqueles no arquivo e a interpretação decorrente do pesquisador, já que responsável pela escrita.

A busca no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL/Unicamp)[46] e no Acervo da Folha (online) em muito contribuíram à tentativa de produzir a escrita de uma obra que tentasse mimetizar a função do diálogo enquanto "filtragem de contexto" (Ricœur, 2016), auxiliando a explicação/compreensão destes espaços e práticas por meio do alargamento de compreensão decorrentes de diversas perspectivas.

Para isso, assim como é uma experiência dialógica, prezei pela horizontalidade, não havendo hierarquia entre arquivo, memória e teoria. Todas, com suas potencialidades e limitações, ao serem combinadas dialogicamente podem conduzir-nos a uma compreensão mais dilatada de um tempo e de determinadas condições humanas, principalmente quando se tratam de experiências marcadas pelo signo da humilhação política (Gonçalves Filho, 1998).

Sobre este aspecto, Jardim (2016, p. 13-14), pesquisador que sintetiza e em muito me ensinou boa parte dos princípios que resultaram na postura metodológica aqui adotada, dá ênfase ao exercício de pensar, reconhecendo *arendtianamente* os deslocamentos que podem vir a ser produzidas pelo conversar, que possibilitam a abertura a novas experiências e o "pensar compartilhado", pelo qual: "Alargam-se as compreensões sobre a cidade, sobre as relações e inauguram-se modos de ser" (Jardim, 2016, p. 14).

Especificamente a respeito do trabalho de composição *per se*, Gonçalves Filho (2003, p. 24) didaticamente relata a compreensão de Ecléa Bosi sobre esta tarefa como um labor artesanal:

> Zeca, disse-me ela, pôr depoimentos e livros em comunicação é como enxerto de flores. Não é coisa simples e rápida, pede paciência e muito trabalho. Se de flores vermelhas e brancas desejamos flores mistas, não basta justapor, plantá-las lado a lado. É preciso ligar seiva com seiva, cortando pela raiz, delicadamente e amarrando bem. Então nascem flores tão bonitas, que a gente não sabe a quem dever mais, se aos vermelhos ou aos brancos. Devemos a todos.

[46] Os acervos consultados entre 2018 e 2019 foram: Grupo Somos, Grupo Outra Coisa, Acervo João Mascarenhas, Grupo Gay da Bahia (GGB).

Trata-se, portanto, conforme aponta Svartman (2010, p. 42-43), de respeitar o caminho traçado pelo depoente, sem tentar reduzir a complexidade do que se diz, muito menos forçar passagem "por espaços em que não foi convidado".

* * *

Não poderia deixar ainda de comentar que para relatar suas experiências, motivadas pela indagação de espaços e práticas por meio do relato de uma história de vida, a virtude da narrativa é justamente extrair uma história única de múltiplos incidentes (Ricœur, 1994; 2006), sendo ela mais do que a mera enumeração de incidentes (Ricœur, 1994; 2006).

Pelo contrário, a história produzida tem a capacidade de "organizar componentes tão heterogêneos como são as circunstâncias" (Ricœur, 2006), reunião que faz sua intriga concordante e discordante ao mesmo. Como resultado desta integração, produz-se uma temporalidade composta por duas classes de tempo, uma que é a "sucessão discreta, aberta e teoricamente indefinida dos eventos", e outra que é o aspecto temporal resultante da integração, culminação e conclusão (Ricœur, 2006), da qual se extrai uma configuração *una* de uma sucessão.

Portanto, para além dos relatos e práticas, foi necessário considerar como categorias de análise os eventos que mais recorrentemente apareceram como acontecimentos que contribuíram aos processos integradores das narrativas, valendo lembrar o acontecimento como "algo a mais do que um incidente". Estes acontecimentos foram também considerados como referências para o diálogo com teoria e arquivo.

Consequentemente, pela eleição destes acontecimentos e a composição de uma narrativa, foram produzidas certas temporalidades. O relato de Rui torna muito claro como a partir da narrativa se extrai uma compreensão temporal:

> Eu sinto dessa forma: eu peguei abrindo, aí vem o Richetti e dá uma grande fechada na gente, ainda não tinha a aids, mas aí a perseguição política e por causa de gênero notadamente, né, aí a gente começa a liberar novamente, cai o Richetti, aí a população, a noite volta a se inflar...

A apreciação das distintas temporalidades produzidas é essencial quando levamos em conta certa discrepância entre os marcos temporais *grosso modo* difundidos pelas instituições

sociais e as experiências dissidentes ao sistema sexo/gênero, tema de análises como a de Henning (2014), por exemplo.

Diferentemente da análise de Bosi, por exemplo, onde a categoria trabalho é tomada como essencial ponto de partida para a compreensão da memória política relatada pelos testemunhos (Bosi, 2016), ainda que não seja inexistente nos testemunhos escutados por esse trabalho, seria deveras desmedido atribuir-lhes centralidade no relato da memória social e política. A infância tampouco é o espaço de maior profundidade dos relatos – claramente, em razão dos interesses de pesquisa, mas também por motivos para além deles.

2. LEMBRANÇAS E VOZES DISSIDENTES

LAIR

Eu sou de Ribeirão Preto, nasci em Araçatuba e me criei em Ribeirão Preto e vim pra cá em São Paulo com 19 anos em 1971. Tinha um encantamento por São Paulo, né? Que eu, assim, eu queria arranjar emprego porque em Ribeirão na época não tinha nada interessante e eu queria muito vir pra cá pelo anonimato mesmo, né? Pra ser um anônimo no meio da multidão e ninguém reparar em mim, que eu sou gay.

Desde os 14 anos, eu tinha relações esporádicas, tinha já grupos de encontro social *gays* que eu fazia parte e aí um amigo meu veio, ele tinha vindo um ano antes, e eu vim na sequência pra gente morar junto. Em Ribeirão, existe um bar e a gente estudava na época, né, com quinze anos, estudava à noite, então assim, depois da escola, a gente passava no bar e conversava com as pessoas. De fim de semana, a gente se cruzava nesse bar, a gente saía pra ir nesse bar. Lá a gente tomava cerveja, arranjava algumas paqueras e isso foi... era um grupo assim de sete, oito pessoas, que a gente, éramos... que inclusive assim eu era o mais jovem da turma, eu era o menos abastado, então era um pessoal de um nível social mais alto assim. Foi uma experiência bem agradável.

Era um bar, um bar que a gente ia, o bar do Moacir e todo mundo ia pra esse bar do Moacir. Assim, era frequentado por todo mundo menos *gay*. Todo mundo frequentava lá, muita coisa, os gays eram só o grupo que eu fazia parte. Era um boteco, sabe? Então, um boteco onde tinha comida, onde as pessoas que frequentavam esse bar eram heteros, pinguços, cachaceiros, eles tinham um poder aquisitivo. Eu tava com quinze, tinham umas pessoas que já tinham 30 anos de idade, e eles eram o dono do pedaço, assim, eles dominavam o pedaço, tá? Eram as bichas que mandavam. Então, a gente frequentava esse bar e outras bichas da cidade não, elas não iam lá.

Esse amigo, que veio pra São Paulo, ele tinha dois anos a mais que eu. Então eu tinha 15 e ele tinha 17, trabalhava de cabelereiro, conhecia o povo todo da alta sociedade e ele conhecia esse pessoal, então foi por esse, foi pelo Zé, o Zezinho, que eu conheci esse pessoal e que eu frequentei lá. Frequentei uns três anos, parece uma eternidade, mas foram só três anos, porque depois quando o Zé veio embora pra São Paulo, eu quase não saía mais pra ir pra esse bar.

Tinham algumas pessoas com condição financeira melhor e outras não tanto. A minha, por exemplo, eu era auxiliar de escritório, não tinha a menor condição. Mas como eu não bebia

quase, então enquanto o pessoal tomava um monte de cerveja, eu tomava um copo. Então ficava lá fazendo relação social com eles. Trabalhava de dia e estudava à noite.

Nessa época, Ribeirão não tinha muitos lugares, bar e boate. Isso não existia em Ribeirão na época. Por isso que eu falo que o povo com onde eu me segurei foi um pessoal que eles tinham determinado que aquele bar seria deles e não que fosse proibido que outras gays frequentassem, mas ficou marcado, né?

Naquela época, era curioso isso... que assim, em frente ao bar do Moacir tinha uma padaria, aí tinham os meninos, o pessoal da padaria. Que eram rapazes normais, heteros, com namoradas, casadas e tudo, e eles vinham pra porta da padaria depois, assim... onze horas e meia-noite, eles deixavam a namorada em casa e vinham lá pra... eles, algumas pessoas a gente saía com alguns deles, mas era assim, eles não eram homossexuais, eles só transavam com homossexuais, sabe como é? Aquele papo "eu só como, não dou...". Isso não era muito comum, acontecia com uma regular frequência, mas não era o mais comum. Então assim, quando eu na época eu precisava de alguém, se eu quisesse alguém, antes de ir pro bar do Moa, eu dava uma passeada pela praça, por algum lugar, mais pra conseguir... se não conseguia nada, eu ia lá pra lá, se conseguir pessoal da padaria, tudo bem, se não conseguia, ia pra casa e se virava do meu jeito.

Naquele tempo não tinha ativo/passivo. Tinha, eu... eu sou viado, eu sou bicha, sou gay, tá? E dou pra homens que... na época era isso assim. Eu vim conhecer essa história ativo e passivo aqui em São Paulo e já numa outra dinâmica, porque aí já tinha boate, tinha coisa, onde você ia num lugar você encontrava uma pessoa igual a você. Nessa época, as bichas não tinham relações entre elas, elas tinham relações com homens. Pessoal passava de carro olhando e aí eles paravam ou não e aí a gente saía de carro pra fazer sexo. Era mais ou menos assim, eu tava passando, o cara passava devagar, eu passava, olhava. Assim, caçação igual é em todo lugar. Sempre vinham de carro. Porque não tinha aonde transar, então tinha que ser alguém que tinha que ter carro, eu não tinha carro e nem tinha idade pra ter. Aí parava, olhava, gostava ou não gostava... porque se ele tava te paquerando significava que ele tava afim, então se eu gostasse, já ia, naquela época não tinha perigo, não tinha essa coisa de assalto, não tinha nada disso, então a gente ia que ia mesmo. A gente saía pra perto da cidade e parava o carro e fazia. Não tinha motel, tinha hotel... hotel de beira de rodoviário, beira de não sei o que, mas motel não tinha. Eu vim andar, entrar em motel aqui em São Paulo.

Da família, eu escondia sim. Os meus amigos... bom, porque assim, amigos que eu tinha na época eram amigos de escola. Então eles sabiam que eu era, porque na época eu era muito

magro e alto e devia pesar uns 50, 55, 60 kg. Era muito magro, então ficava aquela coisa assim, bem explícita. Então os meus amigos da escola sabiam que eu era gay e ponto. E amigos gays, eu tinha amizade com esse pessoal do Bar do Moa, tinha algum conhecimento com pessoal da rua, esse pessoal que fazia *trottoir* também junto com a gente... porque assim, o Zé, o Zezito, eu andava com ele pra cima e pra baixo, então a gente já tinha alguns conhecimentos na rua. Não de ponto, a gente andava pela rua, assim: "vamo na praça lá em cima", a gente ia na praça lá em cima, 3km de distância, a gente ia andando e voltava. Aí a gente fazia esses passeios, voltava pro Bar do Moa, ficava um pouco mais lá e ia embora dormir. Caçando ou não, foi sempre esta coisa.

Na realidade, assim, eu tô contando pra você o que eu fazia nessa época dos quinze, porque na realidade eu levantava de manhã, trabalhava, ia pra escola, passava ou não na porta do Moa, mas assim não se caçava sempre, cê sabe? Não era todo dia, todo fim de semana, então às vezes eu ficava meses sem ter relação sexual, mas sempre passava no Moa, sempre tinha contato com os meninos, sempre tinha. Então, assim, eu não era também a Rainha da Cocada Preta.

Olha, tinha uma certa tolerância sim. Porque pelos meninos da padaria, por exemplo, eles adoravam a gente, eles brincavam muito com a gente. Então, na realidade eu tinha muito mais amizade com eles do que transa e sexo. O sexo assim era bem esporádico com eles e a gente vivia coisa de porta de Bar do Moacir e ninguém mexia com a gente, ninguém... todo mundo sabia que a gente ficava lá. Porque assim, ficávamos lá, mas também não era toda noite que tinha. Era sexta, sábado e domingo, que a gente se reunia mesmo lá de fato. O resto... alguma vez, por exemplo, vindo da escola, tinha um que tava lá tomando uma cerveja sozinho, eu entrava, cumprimentava, não sei quê e ia embora rapidinho porque tinha que levantar cedo no outro dia, era simples assim.

Entre eles, esses contatos eram vistos como normal, eles comentavam entre eles sim e como não era uma coisa muito frequente assim, toda semana. Não sei te falar quantas vezes eu fiz sexo com um deles, deve ser pouquinho, 3 a 4 vezes em três anos. Era diferente, porque assim... uma coisa que é muito comum na época, que era muito comum, era: "ah... o cara tinha namorada, a namorada dela não dava pra ele na época e aí ele precisava descarregar de alguma forma". Uns iam pras prostitutas ou um dia, por acaso, ele pegava alguém: "vem cá, faz uma boquete" ou "faz um", sabe como é? Era isso. Então, assim, eles precisavam descarregar desejo, ponto, era isso o que acontecia. Inclusive grande parte deles eu sei que casaram, tiveram filhos,

então, eles eram homens que descarregavam as necessidades deles da forma como dava. Era o equivalente a uma masturbação, sabe como é?

* * *

Quando o Zezito veio pra São Paulo, eu tava com 17 para 18 anos. Então eu tava esperando fazer reservista, essas coisas todas pra poder vir, então vim com 19 anos. Eu fiz 19 em Setembro e vim pra cá em Janeiro. Nunca tinha vindo para São Paulo, naquela época não tinha esse luxo de vir fazer o fim de semana aqui. A viagem de ônibus demorava cinco horas e era cara, como é hoje. Nesse período que morei aqui, voltava uma vez por mês para lá.

Não tinha nada engatilhado, vim na cara e coragem, porque eu cheguei num domingo à tarde, eles foram me buscar lá na rodoviária antiga e daí me levaram pra casa de um pessoal na Santa Efigênia que era perto da rodoviária, a gente ficou lá e aí eu fui mais à noite, assim seis horas, sete horas, pra casa da minha tia em Pinheiros. Ela morava na Teodoro Sampaio e eu fiquei três meses morando com ela.

Assim, na primeira semana, passou terça, quarta e na quinta, já tinha arrumado emprego, então depois desses três meses, eu morava na Santa Cecília encostado aonde eu trabalhava, tinha uma pensão "aluga-se quarto" e o Zezito veio morar lá. A gente morava junto nessa pensão, dividíamos o quarto. Continuei a ser auxiliar de escritório aqui.

Lá em Ribeirão, eu comecei como *office boy* com quinze anos trabalhando em escritório de contabilidade. Daí eu começava a separar nota fiscal, não sei quê, comecei a fazer lançamentos de livros de ICMS, essas coisas, então eu fui promovido nesses escritórios de contabilidade até que no último ano em Ribeirão eu trabalhava numa loja onde vendia aparelhos para dentista, onde todos os alunos da faculdade de odontologia passavam por lá para poder comprar material. Então, assim, eu trabalhava administrativamente lá, quando eu vim pra cá eu me arrumei um trabalho de faturista. Batia máquina para tirar nota fiscal de uma importadora de material fotográfico, importavam do Japão, a Olympus, um monte de coisa assim, então eu trabalhei nesse faturamento durante seis anos.

Depois eu fui promovido lá dentro pra área da importação e aí eu fui trabalhar, ser gerente de uma loja de roupas, na Teodoro Sampaio. Eu fiquei de 78 até... não, de 77 até... aí eu comecei a trabalhar com roupa. Até 1987, eu fiz vestibular para psicologia, entrei, fiz faculdade.

Aqui era muito diferente de Ribeirão Preto. Foi difícil. Porque assim, eu tinha que vir com meu primo de carona, ele me trazia, subia a Teodoro Sampaio, descia a Consolação até à Praça Roosevelt, passava no túnel, ele me largava lá, ia embora pro trabalho dele e eu pegava a Amaral Gurgel e vinha Amaral Gurgel - Santa Cecília. No tempo que eu morei em Pinheiros foi assim. Então, quando eu voltava à noite pra casa da minha tia, ia pra Amaral Gurgel, pegava a Consolação, Largo de Pinheiros e ia... assim, eu me diverti porque eu nunca tinha andado de ônibus e quando eu pegava esse ônibus de Pinheiros, era daqueles que se levantava o pé, cê não tinha mais onde botar o pé no chão, eu achava muito divertido e foram só três meses que durou esse inferno, mas eu me divertia, porque levantava o pé, não tinha onde botar o pé mais, porque tinha um pé que tinha tomado seu lugar. Depois foi mais fácil, saía da pensão e já estava do lado de casa.

Zezinho trabalhava num salão de cabelereiro na Praça da República. Tinha apenas o pessoal do salão como amigos dele. A gente viveu muito junto, o pessoal lá do salão dele acabou sendo um pessoal onde eu também saía com eles, porque assim, não tinha muito gay... nessa época, eram mulheres, senhoras e não sei quê que trabalhavam em salão, então a gente tinha amizade com esse povo e *gay* a gente só fazia quando a gente saía para o Arouche ali.

Por muito tempo, meu círculo de amizade foi o pessoal do salão, o pessoal do trabalho eu não tive contato com ninguém, assim, tinha amizade, não sei quê, mas nada de sair... então assim, a gente saía de fim de semana pro Arouche pra alguma coisa circunstancial que tinha no Arouche, na época eu fui algumas vezes pra boate, já nem lembro mais o nome das boates que tinha. Tinha uma na Consolação, perto da Paulista.

A gente morou nove meses nessa pensão e aí a gente alugou um apartamento na Nestor Pestana. Então a gente morava, tinha uma boate que ficava atrás do Hilton, numa rua pequena, de uma quadra só, então a gente ia muito lá nessa boate e eu não lembro mais nome de nada, como se chamava essas coisas, essas boates, não lembro nada. Isso por volta de 70, 72, 73, 74. A gente morou um ano e pouco nesse apartamento, aí depois a mudou pra esquina da Nestor Pestana com a Consolação, apartamento que já era maior, já tinha um quarto, que essa era uma kitnet, e a gente morou mais uns dois anos. Aí o Zezito arranjou um namorado e eu fui pra uma kitnet sozinho na Barão de Limeira, mas não aqui perto da Aurora, porque ela começa na Praça Julio Mesquita, mas eu fui no último quarteirão dela, lá longe, perto da Barra Funda, pelos Campos Elíseos e aí eu morei sozinho.

As boates que eu ia eram de frequência gay. Olha, eu não lembro muito com detalhes de preço nada, mas eu ia uma vez por mês talvez numa boate dessa, então era o que meu dinheiro

dava pra fazer. Eu lembrei agora da Medieval, não sei se você já ouviu falar, a Medieval era na Augusta. Essa da Consolação que eu falei que era na altura da Paulista, tinha a da Condessa, que eu não lembro o nome da boate agora, deu branco. A condessa que era dona da boate, até eu fui muitas vezes, essa Condessa, não sei quando ela começou a morar lá em Franco da Rocha. Aí a gente tava na faculdade, isso em 88, 89, e tinha uma pessoa que fazia show na boate dela e que tava com hiv positivo e eu fazia parte de um grupo de apoio e a gente visitou muitas vezes esse travesti na casa da Condessa, mas eu nunca encontrei a Condessa lá. Eu entrava, visitava a pessoa e eu saía.

A Condessa era um travesti que fazia show e era dona dessa boate, que daqui a pouco eu lembro, se eu não lembrar, você vai arranjar, o Bira com certeza vai saber. Então assim, tinha uns bares na Rêgo Freitas, tinha um perto do Arouche, também tinha uns bares que a gente frequentava lá. É isso.

Ainda não tinha metrô, mas todo mundo frequentava, frequentava até cinco horas da manhã, depois pegava o ônibus cinco horas da manhã pra voltar pra casa, isso inclusive tem bichinha que dança na Blue Space, dança nos coiso assim e fazem isso. Vão pra boate, fica dançando até cinco horas da manhã e depois volta. Pega o ônibus. Na boate da Condessa, não era elitizado, era o pessoal do povão, mais povão mesmo. O pessoal mais elitizado ia no Medieval. O Medieval, eu não lembro o nome de quem foi o dono dela...

Nesses lugares, se tinha liberdade total pra dançar, beijar, ninguém incomodava, polícia, nem ninguém. Lá dentro era livre, você podia beijar quem você quisesse, você podia... só não tinha sexo explícito porque não dava. Mas então, como a gente ia de sábado, a gente lotava muito. Tinha show, show de travestis, essas coisas. Se gostasse de alguém, ia pra casa ou ia pra casa de alguém. Hotel, motel, não.

Eu não lembro de ter fila de espera para entrar em boate. No Medieval, eu fui poucas vezes porque eu não tinha cacife e, quando eu fui, ela já tava mais pra decadente do que nos tempos áureos dela, porque nos tempos áureos dela, tinha umas festas que faziam que fechava, parava o trânsito da Rua Augusta. Era uma loucura mesmo.

Não era nada aberto, nada de pegar na mão na rua, nada de beijinho, nada disso acontecia. Uma coisa que me chamava muita atenção era a Rogéria, esses travestis mais famosos, até os travestis que não eram tão famosos, mas que faziam shows em boate, eles tinham uma vida muito curiosa, porque eles eram respeitados pela sociedade. Logicamente que eles viviam na marginalidade, mas eles eram respeitados pela sociedade. Agora, eu não... assim, dentro de casa, eu era uma coisa, fora de casa eu era outra coisa. Sou o que eu sou desde sempre.

Então, assim, hoje eu vejo o pessoal andando de mão dada na Paulista, se beijando na Paulista, eu fico às vezes “ah”, olhando e pensando: “meu Deus”, porque no meu tempo nada disso acontecia. Isso é uma coisa que acontece atualmente, no metrô então eu fico... na época, não, nada disso era permitido.

* * *

Como eu era auxiliar de escritório, não teria nenhuma, nada, nenhuma responsabilidade, então nunca tive essa coisa de pressão por casamento, etc. Por exemplo, nesse lugar onde eu trabalhei, durante seis anos, eu trabalhava com uma chefe, ela era general, mas era uma pessoa com quem eu tive uma boa relação. Assim, ela era uma general dentro da empresa, ela era procuradora da empresa e era bem-querida pelos donos da empresa. Então, assim, a gente tinha um certo, um certo... privilégios por trabalhar com ela, só que tinha que trabalhar muito, porque se você não trabalhasse... porque no lugar onde você trabalhava, cê tem que trabalhar, cê não pode ter nada pra faturar, mas cê vai pegar serviço nos outros departamentos pra trazer pra fazer, tem que trabalhar. Era assim o negócio com ela. Então assim, eu fiz muita amizade com ela, ela sabia que eu era gay... os meninos todos sabiam que eu era gay e todo mundo me tratava muito bem. Então...

Querido, eu nunca fui discriminado a não ser lá em Ribeirão quando era muito adolescente ainda, que a gente adorava sair fervendo na rua, então ouvia: “oh, bicha”, “viado!”, essas coisas assim que o pessoal falava, mas pra mim nunca isso pesou no meu orçamento. Quando eu vim pra São Paulo, eu nunca tomei um baile na rua, aqui em São Paulo nunca fui achincalhado de qualquer forma, nunca fui. Mas claro que tinha gente que sofria sim. Porque, assim, quando você é muito pintoso, você normalmente vai ser discriminado, então eu não tenho experiência de discriminação nenhuma, eu nunca tive.

Quer ver... Hoje eu tenho morando aqui em casa comigo um rapaz, ele trabalha de segurança e a gente foi namorado dois anos, mas ele já mora comigo há cinco, então mora comigo há três, quatro anos e ele odeia gente que dá pinta, odeia... ele fica olhando com um cara de... então, na realidade, assim, como eu já tive problema de doenças e não sei quê, então eu durmo com ele pra um dia eu não cair aqui e me acharem dois dias depois, três dias depois morto, né? Então é por isso que eu trouxe ele pra dormir comigo aqui em casa. Então, na realidade, eu fico assim, porque ele vê qualquer ator, qualquer coisa, personagem que faz alguma viadagem na televisão, ele fica horrorizado. Mas ele é assim, ele... quando a gente se

conheceu, ele morria de medo de eu dar uma pinta qualquer em um lugar público, então ele tem problemas de se aceitar também, né? Então isso já é uma coisa que inclusive eu trabalho muito com pacientes gays que tem problema de autoestima bem rebaixada porque não aceita ser homossexual, né? Fala "ah, meu Deus", então não tem jeito.

Mas tinha sim uma diferença, porque, na realidade, o pessoal muito pintoso, a gente evitava. Tinha essa percepção. Dentro da boate, eu tinha contato com os pintosos, assim, fazia... tinha alguns pintosos que cê vai conhecendo na vida, né não? Pintosos que você tem amizade, mas você só fica com ela naquele lugar, fora dali, não existe. Ah, por quê? Porque queima o filme, você sabe como é? Mas é que assim, não é uma pessoa que eu encontro na rua fácil. Cada vez que eu encontrava com alguém numa boate, eu dizia: "oi!", ela mora lá na Zona Norte, eu morava no Centro, pronto.

Sabe que eu não sei te dizer como é que elas vivem a vida dela. Porque na realidade, eu fico pensando que é o seguinte, é muito... acho que depende da família delas. Tem família que aceita, tem família que não aceita, então, se elas... porque que nem, por exemplo, esse pessoal que quando eles me receberam lá na rodoviária e me levaram pro apartamento de um amigo deles lá na Santa Efigênia, era um pessoal, eram professores, né. Davam aula em escolas públicas não sei o quê, e eles tinham um jeitinho, mas não era um jeitinho escandaloso, sabe? Tinha um jeitinho, mas... jeitinho parecido com o da gente assim que quando a gente tava entre a gente, a gente dava uma escorregada mais na banana porque, né? E lá, eles, no apartamento deles, então era assim... fora de lá, eles eram bem diferentes, esses amigos do Zezinho.

Tinha um menino, o Zé Milton, que morava com esse pessoal, que era um prédio onde tinha três apartamentos e eram habitados por pessoas que a gente conhecia. O Zé Milton morava num deles. E o Zé Milton era de Ribeirão e conheceu o Zezito, encontrou com Zezito e vivia, assim, eles tinham amizade. Então o Zezito foi me pegar na rodoviária, me levou na casa do Zé Milton, me apresentou os amigos deles, eu cheguei umas quatro horas, eu saí de lá devia ser umas seis horas, seis e meia... peguei um táxi pra ir pra Pinheiros, porque eu não sabia nada... Ah... tive um contato mas não com muita frequência assim. Lembrei do Zé Milton agora contando essa história pra você, nem lembrava dele e lembro de um carinha loiro que era professor de português e não lembro o nome... que isso tudo foi em 71, é quase cinquenta anos!

Aqui em São Paulo era diferente. Tinha um certo perigo e eu não me arriscava tanto, dava medo. Dava medo, eu não me arriscava. Porque assim, sexo quando a gente é jovem, adolescente, a gente é meio inconsequente, mas depois que a gente vai ficando adulto, a gente

vai pensando mais que... então assim, as minhas relações sexuais eram com pessoas que eu namorava esporadicamente. Se eu não tivesse namorando, eu não transava.

Teve um menino que eu transei muito com ele, que trabalhava comigo nessa firma, ele trabalhava num... não lembro que departamento lá e a gente transava uma vez por mês, ele era casado, morava em Osasco, então assim, quando eu morava próximo, ele tinha um primo que morava no prédio seguinte, então ele ia pra casa desse primo, tomava banho, jantava, não sei o quê, antes dele sair pra Osasco, ele passava em casa, a gente fazia alguma coisa. Como eu fiquei nove meses nessa pensão, aí quando eu fui pro apartamento, não que ficou melhor, mas ficou mais fácil pra não ter o problema dele ser visto, né, porque imagina se ele fosse... porque inclusive o tempo que eu fiquei nove meses nessa pensão foi o tempo que eu fiquei nessa mesma rua, porque a empresa mudou pra uma rua General Olímpio da Silveira

A cinquenta metros do minhocão tinha a General Olímpio da Silveira, e a gente tinha, a gente mudou pra lá, empresa bem grande, não sei o que... então, ficava mais fácil ainda pra ele, porque quando ele tomava um ônibus pra ir lá pra Osasco, ele tomava na Praça da República, então da Praça da República até a Nestor Pestana era fácil. Então assim, a gente continuou naquela conta de uma vez por mês, uma vez. Eu fui muito apaixonado pelo Luiz. Muito apaixonado por ele. E ele só queria sexo. Então assim, a gente ficou uns quatro anos nesse chove e não molha, teve épocas que a gente brigava, eu sofria, ouvia bolero, música de corno, aquelas coisas. Mas aí um dia acabou...

Ele era casado e não permitia nenhum, nenhuma aproximação do rabo dele, não podia nem tocar, nem nada. E aí depois eu soube que ele entrou no Corpo de Bombeiros, foi bombeiro, foi a última vez que eu fiz contato com ele. Depois não vi mais. Pra mim era um namoro. A gente teve algumas experiências, por exemplo, ele queria ir numa sauna, então eu levei ele no Danúbio que era na Brigadeiro Luís Antônio, tinha um hotel que chamava Danúbio e tinha uma sauna bem boa, eu levei ele lá. Então assim, a gente ia no cinema algumas vezes, muito pouco, né? Não dava pra ficar muito tempo também, né? Porque uma viagem desde a Praça da República devia ser sei lá quantas horas...

A sauna do Danúbio era uma sauna hetero, ponto. Ninguém fazia nada, todo mundo... não sei se a pessoa caçava, eu não vi nada, porque eu fui umas duas ou três vezes nessa sauna, era uma sauna bem boa, limpa, sabe? Uma sauna bem interessante. Diferente das saunas de hoje, onde o povo vai pra matar, né.

Tinha também os cinemas na República, cinemas, né? Na Ipiranga e tinha aquelas sessões de cinema. Tinha sauna, mas eram saunas que eu já fui próximo do final dos anos 70.

Porque assim, o Zezito gostava muito de ir pra Sauna e eu não. Porque eu era muito magro, eu tinha uma autoestima lá embaixo. Porque eu me achava um lápis johan faber II, sabe? Magro e alto. Então eu não tinha muito material pra mostrar. Então eu não gostava muito de sauna.

O Zezito tinha um comportamento bem diferente do meu, ele teve sempre mais dinheiro do que eu, mais condição financeira, depois que ele veio pra São Paulo, que começou a trabalhar com cabelereiro, ele ganhou muito dinheiro então ele foi, ele era diferente, era muito mais destemido. Ele era um atirado, imagina. Ele foi uma pessoa sempre muito bonita, então ele era bonito. Ele era pintoso, era bonito e ele fazia sucesso com o povo todo. Enquanto eu era donzelinha lá, cinderela, muito, muito mais tranquilo, muito mais tranquilo.

Não tive nenhuma outra paixão como a do Luís. Pra você ter uma ideia... de 71 até 81, quando eu voltei pra Ribeirão, o Luís foi o grande amor da minha vida, o grande não sei quê... Então daí pra frente eu não tive ninguém. Quando eu fui convidado pra voltar pra Ribeirão, eu conheci um garoto lá em Ribeirão e fui em dois minutos pra lá. Mas assim, eu cheguei, daí em um mês ele foi embora pra Suécia pra fazer intercâmbio. Ele tinha dezoito anos, esse intercâmbio juvenil aí que o pessoal fa.

Ele trabalhava na loja. Ele trabalhava na loja do Shopping. Porque assim, em janeiro, fevereiro de 81 inaugurou o shopping em Ribeirão, tinha um shopping, o primeiro shopping de Ribeirão. E ele trabalhava na loja e aí eu fui convidado para ser supervisor das quatro lojas, porque aí eu já tinha tido a experiência de gerente aqui na Teodoro Sampaio. Quando eu vim pra trabalhar em loja em 77, eles tavam tentando implantar lojas de franquia por lá, então eu fui trabalhar na loja da Teodoro Sampaio, mas que não foi bem, não deu muito sucesso. Aí quando eu fui pra Ribeirão, eu fui convidado pra trabalhar nas quatro lojas de lá, aí já era franquia, já tava indo muito bem e hoje. Isso foi em 81 e voltei pra cá em janeiro de 85, fiquei quatro anos em Ribeirão, devido ao trabalho.

REGIS

Não existem muitas referências da homossexualidade, o Brasil é carente de tudo, entendeu? História, memória... agora até tem, cê vai ali no metrô da República e tem o Museu... o Museu da Diversidade. Mas assim, o foco é outro. Ele mostra a diversidade do LGBT de uma forma, como que eu diria pra você? Artística. O mundo não é artístico. O mundo real é outra coisa… É vivido, entendeu? Então a última vez que o rapaz esteve aqui, um sociólogo, estudante de sociologia, ele falou: "ah, o que mudou?". Porque olha, veja... Eu vivi a juventude, quantos anos você tem?

Com 26 foi quando minha mãe morreu, isso foi em 1985, ou seja, você tava nascendo ou você não tinha nem nascido ainda. Eu peguei a infância, final dos anos 60, aí entrou nos anos 70, eu já tava no colégio. O que mudou? Mudaram as tecnologias, o mundo evoluiu, mas o Brasil é muito pequeno, principalmente nas questões da diversidade. Eu não defendo Bolsonaro, mas ele tá certo, as minorias… eu não me considero minoria, sabe? Isso é discurso político. Sair do armário é discurso político, pelo menos é pra mim. Eu sou um cara que lê muito, estudei muito, transei muito, conheço o mundo gay como ninguém, mesmo o mundo atual, entendeu? Muito pasteurizado, muito plástico, muita balada, sabe? Muita manchete, muito youtuber. É legal, é legal, mas assim, nada mudou, por quê? Se nós estivéssemos em 1974, eu e você batendo este papo aqui, a sociedade era a mesma que tá aqui, sabe? Não tinha aquele "ah, medo da repressão", porque eu vou… as pessoas simplesmente te ignoram quando você é heteronormativo. As pessoas não te ignoram quando você é trans, quando você tem uma identidade de gênero do feminino, entendeu? Então assim: o que mudou? O mundo mudou. Tudo que nós trazemos para nossa sociedade, a gente importa. Estados Unidos, Europa… sempre foi assim, desde os primórdios, sabe? É a cultura europeia do Brasil no século XIX, começo do século XX. Então, a gente importa tudo, né?

Até ontem eu tava na internet lá em casa, eu moro aqui perto, lá na frente do Bailão… Eu moro em frente. Bem no prédio de frente. E aí eu tava pesquisando, né, todos os projetos do Jean Wyllys… cara, ele não fez nada! Procura lá. Então assim, ele entrou com o projeto dele junto com não sei quem do PSOL. Assim, ele é uma personalidade que os gays se identificam. Por quê? Porque foi do Big Brother. Porque se ele não fosse Big Brother, jamais seria deputado. Ele usou o Big Brother para visibilidade, para poder ter alcance pras pessoas, pra poder se eleger. Entendeu? Mesma coisa esse menino aqui de São Paulo: Katiguti não… é… Holiday. O quê que ele fez? Ele fica na internet só atirando, só bombardeando, você entra na plataforma

dos caras, cê não vê o cara fazer muita coisa, ele tá lá, ele não traz nada pro movimento do LGBT, já que ele tá na política, não traz visibilidade, nenhuma. Quem dá mais visibilidade á a televisão. Hoje as mídias sociais, Facebook, Youtube, nem o WhatsApp, dá mais visibilidade do que o trabalho que os caras fazem.

Então assim, você é feliz porque você tá numa época diferente, porque eu acho que a tecnologia, né, ela te permite o conhecimento. Se as pessoas estão um pouco mais tolerantes hoje não é por causa de leis, de gente defendendo nossos direitos, não. É por causa da informação. A informação que chega nas pessoas. Então, antigamente, você vinha nessa banca aqui e comprava um jornal, sentava aqui e ficava lendo o jornal. A notícia de um mês atrás hoje era notícia. Hoje é notícia de meia hora atrás, já se você não pegou, passou. Entendeu? Então é isso, mas conta de você.

* * *

Cara, parabéns. Tem que se assumir mesmo, porque assim, não é pro mundo, é pra você. E outra, a sociedade ela permite, mas com certos controles, que sempre teve, tá? Tava vendo essa campanha política, Bolsonaro, Haddad… Porque assim, o gay ele foi pra esquerda. E o gay foi reprimido na esquerda brasileira… presos políticos, sabe? Tem histórias, tem livros, de presos políticos que eles eram abominados pelos esquerdistas heteros.

Não só o Hebert Daniel, mas nos porões, gente anônima: professores, principalmente acadêmicos, professores de ginásio na época de colégio, eles sempre foram engajados, os professores sempre foram engajados, né? E aí eu tenho até a história de um camarada que eu conheci, que ele foi preso junto com um famoso aí de esquerda nos anos de 70, depois do AI-5… Aí foi barra… barreira, the wall mesmo. E aí ele falou: "meu, eu tava lá e o cara tava me reprimindo. Eu levei cinco meses pra tentar conversar com o cara de que nós tavamos ali por causas ideológicas e não de gênero e não de sexualidade, só que o cara abominava, entendeu"? Chegaram a brigar, ficaram juntos numa mesma cela aqui no Ibirapuera. No antigos DOPS, é… DOI-CODI, polícia do exército, ficou preso ali. Então, o gay ele foi pra esquerda, mesmo hoje, a tendência igual aos artistas é ir pra esquerda. Eu não sou de esquerda, eu não sou de direita, por quê? Nós assim, como ser humano, eu não me rotulo como gay, eu sou cidadão, minha sexualidade compete a mim.

É só um traço, é um conjunto de coisas, sexualidade é só uma delas. E aí eu tive que também sair de casa, por causa da sexualidade? Sim. Mas foi legal porque eu cresci, me formei,

eu fiz duas faculdades. Eu fiz na época contabilidade, nunca me afinei com isso e depois eu fiz tecnologia, informática, né… e foi o que eu consegui crescer, trabalhar, me aposentar, eu programei pra parar de trabalhar aos 58 anos, tô com 59, ano que vem vou fazer 60. Eu programei. Pra quê? Pra aproveitar a vida. Eu adoro viajar, é o segundo companheiro que eu tenho, mais velho que eu, já vai pra onze anos, moramos no mesmo prédio, tive um outro, vinte anos, então assim, segue a vida, entendeu? Mas você tá fazendo um trabalho de que?

* * *

Então, eu nasci em São Paulo, na Zona Norte, lá pela Vila Maria, que era reduto do Jânio Quadros na época. E assim, né, a gente começa a descobrir a sexualidade muito novo, independente de época, eu sempre fui muito precoce, então eu com onze anos, eu já tava me catando com outro homem mais velho que eu. Namorei com garotas com catorze, quinze anos, eu não era, não tinha pele. Aí eu falei: "não, eu sou viado", na época se falava, a palavra gay é americanizada, pós-69, pós Stonewall, então assim, a gente herdou muito disso.

Então, o quê eu fazia? Eu saía do bairro, pegava um ônibus sozinho e vinha pro centro. Porque o centro das grandes cidades do Brasil e do mundo sempre foram ponto de referência de tudo, inclusive de encontros gay. Então assim, quando eu me introduzi no mundo gay já tinha alguns bares, não tinha a quantidade de baladas, boates, bares, points, saunas que tem hoje, mas tinha. Tinha o Caneca de Prata na Vieira de Carvalho. Aquilo era um luxo, cara! Hoje é um lixo, decadente, igual o La Cueva no Rio de Janeiro, que foi o primeiro, o mais antigo da América Latina. Quarenta anos ou mais. Então eu comecei a frequentar essa região aqui: Vieira, Arouche… Tinha pegação na Avenida São Luís, gente que estacionava o carro, pegava o cara e tchau. Iam pros seus apartamentos, particulares, né. Então o meu mundo, ele foi muito assim: Vieira de Carvalho, Largo do Arouche. Por quê? Porque o Caneca era referência e aí surgia outro bar mais simples na frente, por quê? Pra cuidar da demanda. O Caneca é um ovo! É, até hoje é um ovo. Então, começaram a surgir: um bar aqui, um bar ali.

Aí surgiu algumas boates, já tinha o Nostro Mundo, que é onde tem o ABC Bailão, que por sinal era do meu xará Reginaldo, que depois eu conheci em Nova York, entendeu? Quando armaram pra fechar a boate dele com droga, polícia, fecharam… Foi quando os travestis começaram a passear pelas ruas, a famosa visibilidade, não pra mídia, mas pro gay ou hetero que tivesse naquele local, né? Então a minha vivência foi essa, aí começaram a surgir Anjos Bar na Consolação, Boate Off, tudo isso eu já relatei no site. Muitas histórias minhas, boate

Off, Val Improviso aqui embaixo, vários bares, tinha o Pianos Bar aqui na rua de trás, maravilhoso. Tinha o Paris Bar aqui na Praça Dom José Gaspar, então assim, os bares meio que distribuía mercadoria. Que nem hoje: você quer balada que só vai jovem, você vai em tal lugar, assim você que pegar pessoas mais maduras, você vai em tal lugar, você mistura sendo jovem. Eu sempre mais jovem, comecei a me misturar, né? Aí comecei a frequentar a Medieval, aí veio a época das discotecas, já no final dos anos 70, aí sempre gostei de glamour, né? Não pra mim, mas sempre gostei de ver, sempre fui voyeur por natureza, então, as bibas tão indo ferver no Banana Power, porra, Banana Power era uma puta duma… não era gay, mas assim, se você quiser entender como que o gay se inseriu na sociedade, como que ele se inseriu, assista todos os filmes de discoteca, Os Embalos, Os Últimos Dias da Disco, Studio 54. Por que? Foi quando a sociedade se misturou, rico e pobre no mesmo local, consequentemente, gay e hetero, bissexual, mulheres, então, foram as discotecas do mundo, não foram do Brasil ou dos EUA, que deu a possibilidade do gay se inserir, porque se você pegar Stonewall, você deve conhecer a história, era um bar, baixo Manhatan, que eu conheci, estive lá em 2002 e 2015, era frequentado por quem? Por afeminados, por drags, os travestis um ou outro, só. Polícia desceu o pau! Só que os elos gays heteronormativos, os gays enrustidos, que não tem cara nem pinta de viado, começaram a frequentar o bar também. Só que eles não davam bandeira, eles não ferviam, eles ficavam no cantinho namorando, tomando seu drink e as bibas vinham, loucas, se drogavam e bebiam e enchiam a cara, a polícia sabia, entrava, extorquia e pegava as biba, camburão. Camburão. Cana! Aqui não era diferente…

Era a mesma coisa. Sempre, sempre. As bibas sempre tomavam no pau. As travecas que fazia, que ficavam fazendo ponto ou pra sexo ou não, polícia vinha, pegava, jogava no camburão e prendia. Aí elas faziam um escândalo, tirava a roupa, ficava pelada, gritava, levava porrada. Agora o gay mais heteronormativo, não acontecia nada disso. Por isso que eu digo que nada mudou.

Então, você vê, por que o Bolsonaro foi eleito? Primeiro, contra Lula e PT, falando de política. Né? E segundo, porque o brasileiro é conservador, o mundo é conservador, tá? Quando um Bolsonaro entra, 55% da população votou no cara: família, né? A segurança, a polícia, igreja… Isso! Então assim, o ser humano, na minha visão, o ser humano... eu sou - eu achei que não fosse, eu já fui mais rebelde, tá? Aí de repente, tava vendo agora há pouco: "ah, vai estrear o Bohemian Rhapsody, a vida do Freddie Mercury". Porra, ele teve no Bailão, gente! Eu vi o cara. 85. 81, perdão, quando ele veio fazer um show no Morumbi que eu fui. Entendeu? Aí, porra, tõ lá, aqui no HS, aí, porra, de repente, Freddie Mercury. Mandou fechar a casa. Eu fui

obrigado a sair! Porque ele queria só pra ele. Aí escolhia a dedo: esse garoto, essa garota aqui, esses ficam. Eu era feio, magrinho e bigodudo, então foi área: "olha, gente, a gente vai ter que até talvez devolver o dinheiro pra vocês, mas nós estamos com uma visita ilustre, ele mandou fechar a casa, a gente permitiu, vocês tavam sabendo que até uma hora tudo bem, depois da uma não". Vaza. Aí eu tô saindo, chegou o carro, vidro fumê, desceu Freddie Mercury, uma boneca, escandalosa, pintosa. Chegou, dois carros, segurança, pau, ele entrou, eu tava saindo, já tava na rua, ele entrou, passou por mim, então assim, você vê? História… essa eu ainda vou contar, não contei no site ainda. Então assim, o mundo, as pessoas são conservadoras, os gays são conservadores.

Sabe por que? Porque a gente herda dos nossos pais! Aí a gente, a juventude é ótima porque você tenta se rebelar contra tudo, só que a gente começa a crescer, envelhecer, ter dificuldades, perdas, traumas… aí você começa, sabe, a sossegar o facho. Comigo foi assim. Eu cheguei a transar com dez numa noite. E eu não era garoto de programa. É que naquela noite eu achei dez que eram os meus números. Aí o garoto que tava tomando um suco comigo aqui, falou: "caramba, hoje tá tão difícil", aí eu falei: "tá nada, tem aplicativo, até botei no site". Até fiz o artigo, até mandei pra ele e disse: "oh, dá uma olhada lá no site".

Então assim, é que a ideia que o gay faz dos anos 70 e 80 é de que era mais romântico. Era mais respeitoso, no sentido de eu ser gay, tô aqui, tô flertando, de repente o cara lá corresponde. Pra eu chegar lá ou ele chegar aqui, não era "oi, tudo bem? Tudo", já vai sentando e aí já vai catando, já vai beijando. Não era assim não. Era: "dá licença, posso me sentar, podemos conversar?". E aí podia rolar sim ou não. Podia rolar uma conversa antes, hoje não, o cara encontrou, já sai de boca.

O que eu digo, até eu uso muito essa palavra, bem de sociologia, né? Os guetos. Quando você entra no gueto, você sabe o que você vai encontrar no gueto. Seu número, não seu número, novos, jovens, velhos, então assim guetos, então os espaços públicos eles eram bem demarcados na metrópole. Vieira, Largo do Arouche, é… São Luís, Praça Dom José Gaspar, aqui a Praça Roosevelt, que é essa aqui em cima. Fervia, bicho! Mas fervia! Cê não dava conta, parecia feira. Começava a chegar sete, oito da noite, nove, dez, onze, porra, bombava. Neguinho pegava uma cerveja no bar tomava e ia pra praça, sentava e ficava, ficava lá, porque enturmava em pequenos coletivos, quatro, cinco e aí passava: "dá licença, vou caçar que se não acaba a noite". Saía andando naquele espaço demarcado e fazia o gênero pra flertar mesmo, pra arrumar companhia.

A calçada de lá pra quem sobe, então você saía, porque tipo assim um grande espaço de calçada que começava lá na São Luis, perdão, na Ipiranga com a São João, ali onde tem a

música do Caetano. Aí saía dali, vinha pelo Cine Ipiranga, pelo calçadão, aquilo tava lotado! Quinhentas, oitocentas pessoas, mil numa noite. Ao ar livre. Não chegava a ser um carnaval, porque ninguém ficava batucando, fantasiado, então as pessoas faziam o *footing*, alguns vinham até a Sete de Abril, a rua no escuro, vinham pra São Luís. E na São Luís era como se fosse mercado de sexo. Hoje eu sei que esse mercado tá em todos os espaços da metrópole, o michê. O michê encostava lá numa porta qualquer e ficava, aí vinha um carro, parava, chamava, o cara falava: "ah, eu cobro tanto" e o cara ia embora. Sabedores disso, aqueles que não faziam por dinheiro competiam com os michês. Sabiam quem eram os caras, que já eram habitués do pedaço, entendeu? E se aventuravam e atravessavam o negócio dos miches. E daí saía sexo, saía caso. Saía relação.

Saía tudo! Eu mesmo tive caso com um cara que eu conheci ali. O cara tinha um puta de um Opala verde abacate paradão, eu tô passando, ele pá na buzina, ele abriu o vidro, eu fui, ele falou: "oi, quer entrar pra gente bater um papo?". "Ah, legal, vamo sair?". Aí saímos. Aí quando chegou lá na Liberdade, ele falou assim: "quanto é que você cobra?". Eu disse: "cobra? Eu não cobro nada, eu tô aqui por causa de você, cara". Um tesão desse aqui, não ia deixar passar. Vambora, vambora. Cara, o cara virou relacionamento estável meu por um ano. Entendeu? Então, era dessa forma aqui, era muito nos espaços, nos guetos mesmo, demarcados.

Não só das outras partes da cidade, vinham do Rio de Janeiro, das cidades do interior, Minas. Conheci muita gente de fora de São Paulo! Gente que se hospedava num hotel no final de semana, tinha uns hotéis baratos e passavam sexta, sábado e domingo aqui. Pra aproveitar, pra arranjar companhia.

O lugar de transa dependia muito. Eu sempre gostei de homem mais velho que eu, então, poucos deles moravam só, a maioria morava com família, logo eu não ia pra casa dele. Eu morava com a minha família, logo, sobrava hotel, sobrava uns quartos de trepação e pra você poder socializar, o que você fazia? Transava, legal, vamos tomar uma cerveja? Vamo pro bar. Socializar. Ah, não gosto de discoteca. Vamo pro bar. E ficava no bar, bebendo, conversando, aí na semana que vem: "Vamo pra Santos?". Vamo pra Santos. Vamo pro Rio de Janeiro? Passear. Não era só curtição, era se relacionar. É estreitar o relacionamento, se conhecer melhor. Porque assim, né, hoje talvez não seja diferente, mas uma percepção que eu sempre tive é que o gay sempre viveu a noite. Por quê? Pra não mostrar. Primeiro, fomos confinados em gueto. Nós somos confinados, sociologia muito clara e é real. Então, a polícia: "ah, faz vista grossa daquela rua ali, ali só tem viado", "ah, mas eles não incomodam", "então deixa lá". Ah, tem um, dois, três bares, deixa eles por lá. Então, os gays se confinavam em guetos para socializar.

Era necessidade de socializar, cara! Mesmo que não rolasse transa. Porque, porra, muita neura! Quando você descobre a sua sexualidade, ou a homossexualidade, meu, o cara pira! Eu vejo e acompanho, jovens se matando, sabe? E assim, nós estamos na época da comunicação, Yuri. Ainda assim, gays estão se matando por não aceitação, por um choque. Muitos se antecipam dizendo: "ai, eu não tenho futuro sendo gay. Minha família vai me matar, eu vou apanhar, sabe? Eu vou ser colocado à margem da sociedade, vou virar chacota". Então assim, não era diferente lá atrás. Então quando você descobria, você não tinha com quem compartilhar, cara. Você vai chegar pra mãe que só lia o jornal uma vez por mês e dizer: "oi mãe, sou gay… sou viado, sou homossexual. Sou pederasta, sou boiola". É todos os nomes que se tinha lá atrás. Cê entendeu?

Não, então cê guardava no meio familiar e social, vizinhos, parentes, você não tinha com quem falar. Muito menos em escola. Tinha *bullying*? Tinha, mas era pro menininho afetado, afeminado, entendeu? Então cê não tinha com quem falar e aí você saía, sexta-feira, vou tomar uma cerveja lá na Vieira de Carvalho. Uma hora de busão, pá-pá, não tinha nem metrô na época… não tinha nem metrô! Foi inaugurado a linha em 73, mas era Santana-Jabaquara. Então chegava na Praça do Correio, caminhava, parava em um ou outro bar, às vezes encontrava alguém e então fazia conhecidos: "e aí, tudo bem? Vamos bater um papo", "ah, cê tá sumido, por onde anda?". " e aí, tá com alguém, não tá?", sabe? A curiosidade era mútua, era mútua, tanto minha, quanto do meu interlocutor. Aí quando chegava no gueto mesmo, aí tudo bem: "oi, amiga, e aí, como é que tá?", sabe? "E aí, sumida? E aí, casou?", sabe? Porque quem some, casa. No gueto, quem sumia, casava. Não sei se hoje é assim.

Então era isso, no gueto você tinha a aprendizagem, sua aprendizagem enquanto ser humano, sabendo que você não era o único. Você não tinha notícia no jornal, televisão muito menos, você não tinha notícia de que tinham gays no mundo, todo mundo achava que era único. É verdade…

Pra mim, antigamente, era mais fácil. Porque na medida que você amadurece, você volta pro conservadorismo. Eu vivo na chácara, lá perto de Botucatu, é longe. Aí quando eu tava na chácara… sexta-feira, semana passada, eu tava pensando “pô, eu tenho que votar, vou voltar pra São Paulo”. Aí eu tava lá na chácara, sozinho, casa enorme, dois chalés, meu companheiro ficou aqui. Aí eu tava pensando: "caramba, né? Eu tô aqui na chácara e meu celular não pega, né? Não tem rede lá, é mato. Então, mas ah, tá tudo bem, porque como eu já vivi isso lá atrás sem tecnologia, pra mim tudo bem, né. Aí eu peguei, saí, fui na cidade e passei na praça, tava de carro… aí sentou uma bichinha, bichinha mesmo, bem afetada, bem *quá-quá* que vocês

chamam. Sentou na praça, cruzou as pernas e ficou arrumando o cabelo e tal. Aí eu falei: "caraca! Essa cidade é um ovo, é quatro mil habitantes, no meio da serra! E a bichinha perdida". Então eu falei assim, não é um privilégio de eu ver isso, sempre teve. Uma louca, né? Uma louca que virou a perua da cidade, principalmente em cidades pequenas. Então assim, na metrópole, tudo se perde, espaços enormes, espaços públicos grandes, mil possibilidades. Tudo se perde.

É, então assim, com o advento, Mundo Mix, mídia, celular, tecnologia, espalhou. Ficou mais difícil. Quantos amigos hoje você tem? Dois… três… eu já tive mais de 500. Que não eram amigos, eram conhecidos, se você frequenta o gueto, duas vezes por semana todo mês durante cinco anos, você fica conhecido. Todo mundo te conhece. E essas pessoas, principalmente com o advento da AIDS, começaram a morrer. Cadê fulano, cadê? Sumiu, morreu. Por quê? Porque assim, as amizades eram restritas ao gueto.

Sim. Ninguém saía do gueto e ia na minha casa: "Oi, Regis, vamos sair". Não. Muito menos eu ia… um ou outro, a gente ia tendo mais afinidade, mas a minha vida mudou mesmo quando eu saí da minha casa… minha mãe morreu em 85, eu saí em 86, aí fui morar com amigos, turma gay, que era do interior paulista, dividi apartamento. Na Liberdade, aí eu conheci um coroa que ficou comigo por vinte anos, aí eu vim pro lado de cá, aqui na General Jardim, ali perto do Aliança Francesa. Aí moramos e aí eu comprei meu apartamento, em 94, lá em frente ao Bailão, já era o Bailão. Tava fechado, ficou três anos fechado.

Então assim, eu não sou saudosista, mas era mais gostoso. Sabe aquela coisa do proibido? Que é mais gostoso? De você flertar o cara e não saber no que que vai rolar, podendo levar porrada? Sabe aquela coisa do perigo, era gostoso, era… por quê? Porque te fortalece. Te faz forte como pessoa. Então hoje eu sinto uma juventude gay muito frágil, primeiro, emocionalmente, por mais que transpareça alegria, vivacidade, "ah, tudo pode", sabe? Mas assim, quando tem o enfrentamento o cara corre. Eu cansei de rolar no chão com hétero, cara. "Tá achando que eu sou viado?", "Eu não, você é? Eu sou", então, porrada. Cansei de rolar no gueto e fora dele. Então isso te fortalece, sabe? Sabe aquela coisa de coitadinho do *bullying* da escola? Foda-se, desculpa, eu falo assim. Que *bullying* que nada, *bullying* sempre existiu. A mídia trouxe a palavra americanizada, né, *bullying* pro Brasil, porque tão incomodando, né, então, eu não sou minoria, o gay não é minoria, por quê? Se dez por cento da população mundial for viado…É muita gente, cara! Pega o Brasil. Olha, eu acho que no Brasil, 9%, vai? 18 milhões de viados, de viados e lésbicas, tá bom? É minoria 18 milhões? Elege um governador de Estado!

É, em São Paulo, pega quantos milhões de votos o Dória teve… 10 milhões, ou seja, tem muito mais viado no mundo do que os votos que ele recebeu pra governador. Então assim, não é minoria. Esse papo de minoria é político, é discurso político, então eu sou contra, vira-e-mexe, um ou outro vai fazer comentário político, eu barro, eu caio fora, eu deixo todo mundo opinar livremente, mas sem contextualizar, sem levar pro lado político. Por que? É isso. A gente não tem que se vitimizar.

A gente tem que se fortalecer, você não precisa adotar posições políticas, né? Hoje eu sou respeitado pela minha família sendo gay por ser bem sucedido. Eu falava: "caraca, como que eu vou poder dar rasteira nessa sociedade?", estudando, lendo, trabalhando, guardando dinheiro, construindo patrimônio, sem depender do pai, da mãe, de herança, não, tudo que eu tenho é meu. Eu chego aos meus cinquenta e nove anos de idades bem sucedido, a gente não precisa… tudo bem, uma roupa de marca, mas todo mundo é igual. Todo mundo é igual, eu vejo todo mundo igual. Tá? Sabe? Por isso que não trato de política no blog. Entendo, compreendo, não voto em candidato LGBT, não… sabe? É rótulo, é política, sempre tem viés político, eu sou cidadão, eu quero ser reconhecido como cidadão do bem, que tenho a minha individualidade, a minha sexualidade e que tenho outras tantas coisas boas em mim enquanto ser humano, que gosta de ler, de questionar, de se divertir, adoro viajar, São Paulo pra mim é uó, né, como dizia antigamente: "aqui é uó". Porque, é, aqui é pra trabalho, aqui que você ganha o dinheiro. Aqui que eu construí todo meu patrimônio, então, beleza, agora eu quero usufruir. Porque quem gosta de mim, quem respeita… meu pai é vivo, tenho pai com 83 anos de idade, irmãos que ajudei a criar, hoje eles são todos senhores e senhoras, avós… eu não tive filhos e nunca quis, eu já sabia o tempo todo, tem gente que se martiriza, né? Gay… aí vem a famosa "ai, eu vou adotar", as famílias homoafetivas, sabe? Eu não sou contra, mas viado não precisa disso. Cê precisa? Casa logo com uma mulher e faz o filho, porra.

Igual cachorro. Eu não gosto de animais presos. Já tive um cachorro na infância, que eu herdei o cachorro, depois que ele morreu, nunca mais eu quero ter cachorro, porque assim, aí veio a indústria do Pet Shop pro Brasil, que fatura bilhões aqui…Implantou, então assim, viado e velho e cachorrinho na mão…Cara, ridículo. Ridículo… Precisa? É, então, assim, pô, vai procurar, bater um papo que nem eu tô tendo com você, vai procurar ter o seu vizinho como amigo, né? Se você tá sozinho ou pra esconder a sua homossexualidade na velhice, vai arrumar um cachorrinho? Para, meu!

Então assim, são minhas opiniões, mas todas as minhas opiniões, elas são muito contestadoras. Eu contesto qualquer contexto político, porque no social, você fez ciências

sociais e sabe, eu faço parte da sociedade, tenho os mesmos direitos que qualquer hetero, mesmos direitos, mesmo direitos. Respeito, cumpro as leis e espero o mesmo em relação a mim. Então, na minha última viagem pra Campos do Jordão agora, eu e meu companheiro, a gente costumava ficar num hotel. Eu tive que mudar… Eu liguei pro hotel e falei: "olha, a gente vai passar aí três dias tal, cê reserva pra gente?", "Ah, um momentinho só, qual seu nome?", dei o nome e ouvi: "Ah, senhor, a gente não tá aceitando casais de homens". Eu falei: "mas eu não to pedindo cama de casal". E poderia, mas falei: "tá bom, obrigado". Liguei no Frontenac, que é um outro hotel que a gente fica lá em Campos do Jordão, "Oi, Reginaldo, sou cliente tal, reserva pra mim um apartamento com cama de casal, tá? Tem um acompanhante, Mariano Bezerra", "Ah, tá bom, pronto, Seu Reginaldo, você já ficou aqui, tudo bem, o senhor tem preferência?", "Não, pode ser de frente do hotel, pra rua".

Ah! Cama de casal, cara. Cama de casal é detalhe, sabe? O outro dizendo que o hotel não estava aceitando casal de homem se hospedar, século XXI, cara. Vai falir, vai fechar. Sacou? Então assim, claro que isso lá atrás, na minha juventude era mais difícil. Só que eu tô falando da última metade do século XX, o que mudou? O século XXI é o século do serviço, cê quer ganhar dinheiro? Venda serviço pro gay, pro não gay, pros bissexuais, pras rachas, pra sapata, pra quem for. Até pra travesti, sabe? Porque as pessoas tão aprendendo a oferecer serviço ainda em 2018, os caras não aprenderam ainda, entendeu? Então, no século XX era mais produto, não era serviço, eram produtos, né? Então você queria comprar um cinto, cinto não é serviço, é produto, né? Hotel era serviço, não tinha, tinha a famosa pensão familiar, já colocava familiar pra não aceitar solteiros. Você aceitar solteiros, mesmo que fosse gay enrustido era pra ter uma forma de comportamento: familiar. Chegar de madrugada, não chegar bêbado, não gritar, sem fazer escândalo, principalmente comprometer a reputação da pensão familiar chegando com seu namorado altas horas, bêbado, arrastando porta, entendeu? Fazendo barulho. Então assim, mudou porque o século XX era de produto, não era de serviço. Hoje é serviço. Então, com serviço, você tem todas as possibilidades, basta ter dinheiro. Entendeu?

Só que assim, aí sim existe uma minoria dentro do que dizem a minoria LGBT que são aqueles pobres, paupérrimos, que tão agora lá na periferia morando num favelão, que não tem perspectiva, primeiro porque não tem recurso, não tem educação, às vezes não tem trabalho, se já se aposentou, vive de salário mínimo… ele vai pra onde? Não vai, ele fica lá, inserido, perdido, escondido dentro da favela do Paraisópolis, dentro da favela do Heliópolis, dentro de qualquer favelão do Brasil. Por isso que eu sempre, eu tenho um leitor do blog, tem um que é de Portugal e tem outro que é do Paraná, eles vivem me mandando privado, email. Por que você

fala tanto em se estabelecer, fazer dinheiro, ter patrimônio? Porque é isso, cara. É isso que vai diferenciar qualquer viado dentro da sociedade, dinheiro compra respeito. Ou não?

Facilita, claro que facilita, isso não era diferente lá atrás. Porque somos conservadores, somos preconceituosos, entendeu? Então, por isso que eu disse, era conservador lá atrás e continua sendo hoje. Nada mudou, cara. Quem muda somos nós. Trabalhar faz toda diferença. Construir patrimônio também, sabe? Porque lá, lá na minha velhice daqui dez anos, se Deus me der mais dez anos de vida, eu vou estar sozinho. Viado termina a vida só. Isso é fato. Se você parar pra pensar, não é só viado, heterossexual também…

É. Fim. Então, pô, daqui dez anos, tô lá sozinho, tô doente, não consigo me locomover, vou ter que contratar uma *home care*, cara. Se eu não tiver o dinheiro, eu tô fodido, eu tô lascado. Eu tô lascado mesmo, porque assim, a gente não precisa de roupa de marca, precisa se alimentar bem, alimentar seu espírito, não sou ateu, mas também não professo nenhuma fé, tá? Vivo, pratico o bem, sabe? Sou muito crítico em relação ao, como te falei, à política LGBT. Porque acaba virando mais do mesmo. A política te leva pra outro lado, outro viés, que você acaba perdendo seu foco. Sabe quando você sonha, idealiza… porque eu não vejo assim ninguém hoje, foi o que eu falei com o menino que estudava sociologia, eu não vejo ninguém hoje preocupado, né, não vou nem cobrar do Estado, tá? Porque como eu trabalhei numa ONG durante trinta anos, eu nunca acreditei no Estado, então, assim, se a previdência quebrar, eu não morro de fome. Só que 80% dos aposentados vão morrer de fome. Porque dependem do dinheiro da aposentadoria pra comer, pra comprar remédio, pra pagar suas despesas, pra se vestir, sabe? Não se dá o luxo de nem poder viajar.

A realidade é dura. Então assim, é o que eu falo, o blog tá indo pra dez anos. Antes do blog, eu vendia serviço, eu tinha o grisalhos.br que o domínio é meu até hoje, eu vendia filminho de sacanagem pra gay, viado ver. O cara se associava, pagava por mês, trazia dos EUA os filmes… hoje tem Netflix, enfim… hoje não tem nada disso. Então eu fiz muito dinheiro, muito dinheiro… eu sempre gostei de filme, cada filme pra mim é um livro, então eu li muito, mais de 4000 livros na minha vida, eu até coloquei no site a nova edição do livro do Trevisan. Saiu, puta, no dia que saiu a última edição, eu corri na Cultura e já peguei o meu. Eu tinha uma versão antiga que eu dei pra um amigo, vou acabar de ler esse com todas as atualizações e eu vou dar pra outro amigo.

Eu tenho minhas ressalvas a esse livro do Trevisan… Porque assim, ele escreve como militante. Ele não foi imparcial. Se você pegar, começar a ler, ele começa a contar as experiências dele: "ah, eu vivi, eu tava lá, era assim, era assado", daqui a pouco já muda o viés,

já coloca o viés político. Só isso. Oh, Seu Trevisan, única coisa que assim, seu livro é maravilhoso, é uma puta obra, sabe, de memória. Então é assim, mas você revê o que você escreveu e coloca o viés político. Não, não tem que colocar a opinião dele. Ele dá a opinião dele com viés político, eu acho que a gente tem que ser imparcial, como você me perguntou: "como que era?", "olha, era assim, eram guetos", "mas e a polícia?". A polícia nunca me incomodou, pelo contrário, eu me sentia protegido pela polícia, hoje, a gente não tem proteção nenhuma. Na época da ditadura, eu me sentia protegido dentro do gueto. Hoje como o gueto praticamente ocupou qualquer espaço público das grandes cidades, não tem a segurança. Então assim, da mesma forma que as pessoas estão pedindo segurança hoje, tem pessoas que sentiam que lá atrás tinha segurança. Eu me sentia seguro no gueto, eu não sentia que se eu tivesse num bar, se eu soltasse, se eu desmunhecasse, que ia vir alguém e ia dar porrada. Não. Como se tivesse paredes invisíveis que te protegiam. Eu saía às vezes na Vieira, carro de polícia, na boa, os caras nunca me abordaram, uma vez ou outra, assim… nada de chegar: "documento, mão na parede", constrangimento, não, nada.

Mas como eu disse, quem sofria mais eram os efeminados, aquele que deu bandeira, aquele deu a cara pra bater, aquele que fazia comércio sexual nas ruas, michês, seja bofe ou seja travesti, entendeu? Claro. Tem, tem pessoas maravilhosas, Claudia Wonder, sabe? A militância dela era uma militância daquelas travestis que tavam perto dela…

Claro que eu conheci Andréa de Mayo, era outra que teve ONG até aqui embaixo também. Entendeu? Só que assim, né, ela se engajou quando surgiu a aids. Porque ela tinha a turminha dela, uma turma, né, oito, dez, saíam, ferviam de bar em bar, né, de boate em boate, né, aí quando veio a aids, as amigas começaram a ficar doentes, aí foi quando despertou o lado materno dela pra cuidar. Cê entendeu? Aí a coisa tomou volume, uma proporção, que acabou virando referência, que nem tem aquele menino, aqui na Brigadeiro também, que tem... você já foi lá? Precisa ir! A Casa 1. São pessoas que são colocadas pra fora de casa. É legal? É legal. Então assim, tem ajuda do Estado? Não. Como eu tava te falando, eu trabalhei numa ONG trinta anos, o Brasil é um continente, o Brasil tem tudo pra dar certo, mas a gente precisa tirar o foco do Estado. Tem que ser privado, privado. Então, o que o menino fez lá na Brigadeiro, legal, ótimo, se tem subsídio agora não sei…

Mas tem que ser, tem que ser privado. É do privado que você consegue fazer as coisas, porque o Estado é engessado. Cara, não é só do Brasil, claro que tem exceções, na América é diferente, no Canadá, que eu conheço, é diferente, alguns países europeus também são diferentes. Mas no Brasil, é tudo engessado. Por que esse Brasil não desenvolve mais? Porque

o empresário vem de lá pra cá pra investir aqui, chega aqui tem mil regras, mil leis. Entendeu? Então, o cara fala: "quer saber de uma coisa? Eu vou pro Uruguai, vou pra Argentina, vou pra outro país, aqui não dá". É assim que é, porque todo mundo queria investir aqui, porque não, tirando o chinês que quer o nosso monopólio, né, as nossas *commodities*, ninguém quer investir. Então assim, bem no foco LGBT, sem contextualizar nada de política, são os gays que tem que fazer, se associar com a iniciativa privada pra obter suas iniciativas, pra atender um aqui, um grupo ali, um grupo lá… e assim, veja, nós somos muitos, a nossa… se o ser humano é diverso, imagina o gay.

* * *

Tava, tava, tava aqui. Sempre vivi em São Paulo, eu morei um ano no Rio de Janeiro, só saí pra minhas viagens, mas sempre morei aqui. Meu apartamento já vai dezoito anos que é meu, na frente do Bailão, já que eu moro lá, faz 24 anos que eu comprei. Entendeu? Então assim, a época quando chegou hiv/aids pro Brasil, ela chegou pelos grandes centros, mas ela chegou por vetores das bichas que iam pros Estados Unidos, São Francisco, se contaminaram lá e vieram pra cá. E aí, tinha nenhum cuidado… porque assim, é uma bola de neve. Hoje tem controle, tem vacina, tem o PrEP, tem medicação, mas na época não tinha nada, morreu muita gente em pouco tempo, a morte era rápida.

Eu lembro do Francisco, quando eu penso em aids, eu penso no Francisco. O Francisco era um coroa cinquentão, bonito, cabelo grisalho, bem vestido, só marca, empresário bem sucedido, herdou da família lá uns negócios, aí Francisco vivia alegre, mas era muito promíscuo, por isso que associavam a aids à promiscuidade. E era. Hoje eu concordo, era mesmo. Aí Francisco foi pra Nova York, transou com uns dez num mês, aí foi pra São Francisco, ficou uns vinte dias, transou com uns 20, sauna todo dia, os lugares de transação, de transa, toda noite. Ele ia fazer turismo sexual nos EUA. Aí voltou. Aí ele voltou, tava no bar… passou um mês, alguém falou: "ah, Francisco tá doente", foi muito rápido. Eu até vi o Francisco uma última vez no bar, ele morava pro lado da Lapa, aí passou um mês o Francisco morreu, "ah, por que?", "morreu da peste gay". Cara, tô falando de 1980… e um. Peste Gay. Nossa...

Aí, fulano morreu. "Ah, cadê o outro?", morreu. Acabou. Esvaziou o gueto, tá? As pessoas começaram a ficar com medo, a sumir. Transa? Ninguém queria mais transar com ninguém não, meu. "Ah, vamos usar preservativo", "não, pode estourar", aquela história besta, né. Eu lembro que eu, especificamente, falei: "dessa doença, eu não vou morrer". Primeiro, que

eu fui promíscuo? Eu tive uma época de promiscuidade lá mais jovem, onde eu tive todas as experimentações sexuais que era o aprendizado, é natural pra todo ser humano, hetero, gay, até pra animal o sexo é uma experimentação, você tem que experimentar sexo, senão fica muito platônico, fica muito… fica muito irreal, né? Você tem que tocar, pegar, sentir, pele. Mas aí, Francisco morreu, aí morreu o outro, aí morreu o Januário, aí morreu Chico, aí morreu Zezinho, aí morreu Elias, puta eu lembro, cê vai falando, eu lembro de nomes. Eram pessoas que eu conhecia há anos no gueto, aí falei: "dessa doença, eu não vou morrer". Aí foi quando eu dei uma retraída sexualmente, um, dois, três anos sem sexo mesmo, fiquei abstêmio, até tem um artigo recente no blog sobre a "homossexualidade abstêmica", hoje, ela é muito mais acentuada do que era lá atrás. É, o não fazer sexo. É ser homossexual e não fazer por questões religiosas, familiares, não aceitação, sabe? Medo, achar que é errado, que vai pro inferno, essas coisas todas. É, traumas, perdas de parceiros, uma infinidade, dá pra elencar.

Tá lá, foi agora, esse mês, foi que eu falei das eleições, fui bem neutro, não gosto de me meter em política, o rapaz me elogiou e falou: "nossa, que legal, cara, nossa, eu tava no Youtube, os caras lá fazendo campanha política, defendendo os gays". Eu falei, meu, ninguém tem que defender ninguém, eu que tenho primeiro que me defender, se eu tiver a oportunidade de fazer um trabalho social, o meu trabalho social é o meu blog. Por quê? Porque eu falo não só da minha experiência, mas a experiência de colegas, de pessoas que tem contato, tenho, ainda tenho vários contatos, né. Tanto que pelo blog, eu tenho vizinho que veio do Rio e tá morando aqui.

O Alexandre. Ele que mandou o artigo sobre a sauna Camões no Porto. Ele tava lá, pegava meus artigos, imprimia, plastificava e botava na sauna, pegava os artigos que davam uma porrada nos gays mais velho, colocava e falava: "olha, que legal". Aí ele foi fazendo, ele fez uma pasta de arquivos meus. Aí ele me mandou: "Regis, eu posso"? Eu falei: "cara, fica a vontade, é social, é social". Aí ele fez uma pasta na sauna, aí os coroas lá no Porto, vão pra sauna… É, a maioria casou, mas é gay, aí vai lá, tem uma transa, não quer se arriscar no relacionamento, ah, lê aqui esse artigo, leia esse, o Regis lá… Que fala que gay tem que ousar, tem que sair, tem que se divertir, cara, é a cabeça. Oh, você envelhece, mas a sua cabeça não envelhece, se você não cuidar da sua cabeça, seu corpo padece. Viado ou não viado. Entendeu? Tudo é a cabeça, cara, assim, muito gay dos anos 60, 70 pirou. Porque achava que não tinha saída, pô, na vida de todo mundo, sempre tem uma porta. Sempre tem uma porta, a gente tem que agradecer a Deus, por ter membros, por não ser deficiente visual, auditivo… Isso muda tudo, porque você fica dependente das pessoas. Então assim, pô, só de você poder caminhar

livremente, sem neuras, sem ajuda, sabe? Eu recebo, eu tenho um monte de email de gays que são cadeirantes, cegos, surdos, negros, sabe? Eles se sentem a escória da escória. Cara, para, levanta essa cabeça, meu. Sabe? Se valoriza, mas não adianta, é um trabalho. Por isso que eu digo é muito a formação familiar, a gente leva a formação familiar, a gente leva isso pra vida, então assim, graças a Deus, eu tive uma mãe presente, um pai presente e isso me ajudou muito. Então cê entendeu, é isso.

Eu tava vendo o Bolsonaro, eu também já fui militar, eu servi o exército. Foi bom? Foi ótimo. Também ajudou a moldar quem eu sou hoje… valores, respeito ao próximo, retidão, sabe? E exigir o mesmo em troca da sociedade. Saber, sabe, o momento certo de se colocar em questões políticas, questões religiosa, questões familiares e questões de sexualidade, lá no blog eu solto mesmo. Eu falo, por que? Porque ninguém tem coragem de falar, fica muito fantasiado, tem muitos blogs legais, eu acompanho um deles, principalmente os de jovens, que acha que tudo é um mar de rosas, não é. Não é, e a gente tem que se preparar pros altos e baixos da vida. Então assim: eu tenho medo de envelhecer? Não. Eu tenho medo de ficar sozinho? Não. Eu tenho medo de ficar doente? Não. Eu ainda fumo, não bebo, entendeu? Mas eu optei por ter uma vida a dois, por que? Porque eu já perdi muita gente nessa vida… e outra, o gay quando envelhece, ele fica mesmo, ele sossega o facho, sabe? Ele percebe que ele não tem muitos amigos, igual você tem atualmente, que vai rareando, que não cabe na palma da mão. Ele fala: “não, eu preciso arrumar um companheiro, que além de companheiro de transa seja meu amigo”. Assim. Tá cheio, claro. Tem gente que gosta do sexo livre, do poliamor, tudo é válido. Mas a velhice é igual pra todos. Ela chega. Oh o Trevisan, tá casado. Com um garotão, dez anos me parece, ele já tá com setenta. Então, o garoto tem trinta, então, ele era um porra louca, década de 70, Lampião da Esquina, movimento LGBT, sabe?

Eu lia o Lampião, comprava na banca de jornal… papel... Não vinha com tarja nenhuma. Passava na banca, tava o jornal Lampião sorrindo pra mim e eu vendo. Era o que chamava de Imprensa Alternativa.

Nunca fui a nenhuma reunião. Por que? Eu tinha um amigo, que era engajado, aí um dia eu falei: "Cara! Para, meu! Que isso, viado só quer saber de brigar". Não se entende, e essas reuniões do Grupo Somos, cada um colocava seu ponto, "não, tem que ser assim", "não tem que ser assado"... e os partidos já se infiltrando, por isso que eu disse, assim, o que tá surgindo agora e eu acho legal são os gays conservadores de direita, que assim, cara. Tá cheio! Não são extremistas, claro, ou é direita ou é esquerda, são extremos, mas assim, eu acompanhei, eu tava fazendo buscas na internet, tô sempre lendo, assim, e aí eu tava vendo os gays de direita, tá

cheio. Conservadores, família, respeito, não ficar soltando a franga em locais públicos, não ficar beijando, não ficar de mãozinha dada, respeitar a sociedade, sabe? Então, viado. Então, por isso que eu digo, o viado, ele é um cidadão, ele pode ser político, se ele enveredar na política, ele vai ou pra direita ou pra esquerda ou para o centro, sabe? Eu não sou nem de direita, nem de esquerda, nem centro. Eu sou apolítico, mas eu não deixo de ler sobre política, porque bem ou mal, é o que rege a nossa vida, cê que fez ciências sociais sabe melhor do que eu, né? Então, eu não tomo partido nem de um, nem de outro, né, votei no João Amôedo lá, pra ver se mudava, não entrou. Segundo turno? Branco. Porque o brasileiro não vota em partido, vota em pessoas. Por conta do modelo político do Brasil.

Mas voltando a falar lá atrás da Aids, deu uma freada. Então assim, deu uma freada na população LGBT da época, o Brasil inteiro, mundo inteiro, ou seja, um dos únicos serviços que os gays tinham eram saunas, e sauna é serviço, fecharam todas. Tinha de tudo. Tinha de tudo, né. Claro que as saunas gays no Brasil, a maioria dos proprietários eram gays, estabelecidos, tinham capital pra investir, pra começar, pra investir, sauna era outra coisa completamente louca, hoje eu não sei como que é uma sauna… você frequenta sauna?

Cara, essa coisa de ser monogâmico não é depreciativo, porque assim, eu acho que assim, uma coisa é sexo, outra coisa é relacionamento. É difícil encontrar no mundo gay alguém que você tenha intimidade sexual, que tenha um sentimento e que tenha um convívio social legal, principalmente nos jovens. Mas à medida que se vai envelhecendo, há uma tendência natural e uma predileção de arrumar um companheiro, primeiro pra não ficar só, depois, pra de vez em quando transar, ter alguém que cuide de você, que seja seu amigo, seu confidente. Tudo que eu tenho na minha vida, eu aprendi com meus parceiros. Na velhice gay, os gays idosos procuram isso, companhia. Por não terem amigos. Porque a gente envelhece, a gente retoma as nossas origens familiares, eu já tô percebendo essa mudança em mim, ainda não tenho sessenta anos, mas eu percebo. Tô ficando mais conservador, ou seja, escolhendo melhor as amizades, os ambientes, companhias que tenham afinidades pra viajar, sabe?

É, então, assim, eu não bebo, já fumei maconha, já cheirei cocaína, lá na adolescência, né? Tomei bolinha, anfetamina, era uma época louca, sabe? Os anos 70 e os anos 80 eram louco, louco, louco, louco. Talvez hoje também seja… era mais visível, hoje tá mais fragmentado, era mais visível, por que? Você não tinha muitos lugares… É, "olha aquela bicha lá, tá louca, oh lá vomitando, oh lá, tá bêbada, oh aquela, oh aquele lá tá espumando pelo nariz, ih, é cocaína". Então assim, claro, também tinham as pessoas que não se drogavam, e eu posso dizer que quem vive na noite cotidianamente, há uma tendência pro álcool e pras drogas. É natural. Então assim

deve ser assim hoje, era assim lá atrás. Por isso que eu digo que, pra Sociologia, nada mudou, sabe? Nada mudou. Claro, se adaptaram, a cidade cresceu… mas a forma, a percepção como eu vejo a sociedade hoje é a mesma que eu tinha quando tinha dezoito, trinta anos, né? Eu lembro que eu tava na faculdade, tinha um professor que eu tava louco atrás daquele professor pra trepar com ele. Sabe? Eu sabia que ele era viado e ele veio, sabe: "não, olha, acho que você tá confundindo". Eu falei: "oh, se você tá no armário, fica no armário, porque você não se aceita, porque sair do armário é aceitar-se, pra você, não pro mundo, não precisa ficar gritando pra todo mundo: "eu sou viado, eu sou viado"... e o professor - até contei isso no blog, passou um tempo, eu vejo o cara, sabe, na sauna, a hora que ele me olhou, ele não sabia onde colocar a cabeça. Aí eu falei: "professor, fica tranquilo, meu… quem tá aqui, tá procurando homem. Eu tô procurando homem, você tá procurando homem, então fica tranquilo. Agora, pra trás você não quis porque era professor-aluno". Aí não rolou, eu já tava em outra, já tinha passado seis, sete, dez anos. Entendeu? Porque o sexo é muito o hoje, é muito hoje… E quando eu olhei, pensei: "nossa, eu desejei transar com esse cara". Aconteceu, porque eram dez anos antes, ele tava dez anos mais velho, mas eu não me vi dez anos mais velho … mas eu enxerguei ele dez anos mais velho, isso é natural. Natural do ser humano sabe? E bola pra frente, cara, enfim que mais?

* * *

O recorte da militância e dos livros é muito pequeno, a visão é muito fragmentada como se aquilo fosse uma verdade e não era. Por que não? Eu li James Naylor Green, Além do Carnaval, primeira versão, lá nos anos 80, aí eu voltei a ler, saiu pela UNESP. Ontem eu passei pela UNESP, ela falou que não tem previsão, eu acabei dando, né? Legal. Ele tirou uma fotografia, ele foi tirando fotografias. Mas assim, não individual, bem coletivo, bem no coletivo, como pegar: "ah, os gays no carnaval tem oportunidade de, de sexo, de… de ser quem quer ser". Não é uma verdade, era uma verdade. Então assim… Não, não… era… então assim, o carnaval para o gay era o gueto itinerante anual, sacou? A forma que eu tô falando tá bem dentro do que eu penso, eu não ficava esperando chegar o carnaval pra expor a minha sexualidade publicamente, porque eu já expunha a minha sexualidade publicamente no gueto, sacou? O carnaval era só uma oportunidade de socializar com outros grupos que não estavam no gueto que eu vivia.

Então eu saía de São Paulo, ah, vou curtir o Rio de Janeiro. Legal. Vou curtir Escola de Samba. Eu saí na Caprichosos de Pilares, saí na Beija Flor, lá nos anos 80, né? Eu fui nos bailes

Gala Gay do Rio de Janeiro, Scala… então, quando eu tinha a minha vida normal aqui, quando chegava o carnaval eu ia para o Rio de Janeiro, eu ia pra Santos ou curtir o carnaval de São Paulo. Mas eu não me sentia mais livre pra expor a sexualidade por estar no Carnaval. É que como ele tentou linkar esse recorte na cultura do povo… Carnaval é cultura do povo, então, talvez ele se esqueceu, né, de ampliar isso, porque pro acadêmico, aquilo não é uma verdade, é um recorte apenas, é um registro, só que ele teria que falar do Natal, teria que falar do Verão. Porque toda a costa brasileira, de norte a sul, fervilha de corpos… nus! Você vê possibilidade de encontro, de sexo, as pessoas saem das suas cidades e vão para o litoral, muito mais que no carnaval, porque o carnaval fica restrito a Rio, Recife, Olinda, São Paulo, Olinda que cresceu… Salvador agora, agora, né? E só. Agora cê imagina, verão que começa 21 de dezembro e termina lá em março, solzão, quarenta graus, sabe? Você vai lá em Torres no Rio Grande do Sul é 32 graus. Cê chega de carro, você chega na praia, quando você olha aquela… corpos pra tudo que é lado. E o gay, ele tá dentro daquele estrato social, daquele local. Tem gente lá flertando, socializando, tem gente namorando, tem gente casada, sabe? Então assim, é todo o litoral e o litoral do Brasil é um continente. Eu até uma vez postei no blog sobre isso, quando chega o verão é a oportunidade de você pegar uma cor, ir pra praia, socializar, procurar parceiro pra sexo, pra romance, pra o que for. Pros quiosques… aqui em São Vicente, tem a Barraca da Cris. Cê já foi lá?

Então, São Vicente tem várias barracas gays, como aquelas do Rio de Janeiro, Copacabana, sabe? Então assim, pessoas que tão vendendo produtos e serviços para um público específico. Tem a Barraca da Cris que é mais lésbicas, né? Aí tem o irmão da Cris que fez a barraca pros gays. Então assim, você não vai ver garotinho de vinte anos na barraca. Porque é aquela coisa de socializar na beira da praia num quiosque com o pessoal dos anos 80, 90, entendeu? Trintão, quarentão… o cara que chega lá pra bater papo com amigos que moram em apartamentos aí perto, Copacabana a mesma coisa, né. A palavra certa é espaço de convivência. Então, falta ao gay espaços de convivência no Brasil. Tem? Tem, mas sauna não é espaço de convivência, já foi… Boate? Não! Balada? Não. Bar? Bar em São Paulo é espaço de convivência pra gay. Cê vai lá no Largo do Arouche, tem o Trabuco. De vez em quando, aparece uma louca soltando a franga lá e gritando e querendo aparecer, né? Então assim, até as bichas de hoje são iguais as bichas de ontem.

Devagarinho, vamos nos conhecendo. Claro! É, eu tenho uma visão não fragmentada, bem ampla da cultura LGBT anos 60, 70, 80 e assim, sem o viés político, sabe? Por que? Porque aqueles que se engajaram… como eu poderia dizer? Porque na verdade, eles copiaram o

movimento americano, tá? Então cara vem lá de fora, ele vem com a versão dele, tupiniquim… e a gente compra isso, assim, os acadêmicos compram isso, eu não compro… eu enquanto cidadão eu não compro, mas assim, o gay não tá muito preocupado contestar com qualquer artigo, livro, qualquer artigo acadêmico, tese… ninguém tá, o cara quer viver a vida dele, ele olha pro mundo, ele fala assim, oh: "eu vivo"... Antigamente, nós não éramos tanto individualista como somos hoje, essa individualidade, o mundo em geral tá muito individualista, cada um tá no seu canto, no seu *app*, sabe? É… os coletivos, principalmente no meio gay, ele se dissipou. Os gays antigamente eram muito mais unidos do que são hoje, Parada Gay pra mim é evento cultural da cidade. Não representa uma realidade, pra mim, a Parada Gay é o que o Green fala Para Além do Carnaval, trazendo esse contexto pro século XXI. Entendeu? É uma vez por ano, "ah, vamo lembrar", mas não tem que lembrar porra nenhuma, sabe? Ah, o tema desse ano… se você pegar os temas das paradas, eles têm apenas, como que eu diria, "menos homofobia, mais amor". Para, gente! Homofobia foram os movimentos gays, sociais que criaram, sabe? Sempre vai existir *bullying*, sempre vai existir homofobia, em alguns países mais, em outros menos. Meu ponto de vista, o meu… o meu ponto de vista.

Então assim, vamos fazer a Lei Anti Homofobia… Para! Não precisa de lei, o que a gente precisa é de segurança e não somos só os gays, os héteros também. Sua mãe, seu pai, seus irmãos, lá em Atibaia ou aqui em São Paulo, qualquer lugar do país, você precisa de segurança. Ah… por que? Porque 99% dos homossexuais que são assassinados no Brasil são travestis. Pesquisa, cê não vai achar pesquisa, vai lá no Grupo Gay da Bahia. Então assim, você nunca vai ser assassinado, eu nunca fui. Oh! Desde que eu me conheço por gente, eu nunca vi ninguém, nenhum gay ser assassinado... no meu círculo e não era pequeno. Eu nunca vi nenhum. Primeiro porque eles não eram travestis, agora a questão do travesti é uma, como se diz, é um recorte a parte. Dentro do universo homossexual, é um recorte a parte, porque você mexe com gênero. Identidade de gênero. Se você me perguntar: "você se sente mulher?" Eu me sinto homem, 80% da população gay masculina se sente homem. Então assim, o travesti, o transexual não é minoria, é o que sempre sai na foto dos movimentos LGBT e não deveria. Ninguém fala em direito pra idoso, ninguém em asilo para idoso LGBT que tá sozinho, ninguém fala. Por que? Porque não tem interesse, mas se esquece que todo gay vai envelhecer… se não morrer. Se não for assassinado. É o meu ponto de vista, sacou? Nesse ponto, eu sou bem político, procurei ler muita literatura brasileira e de fora pra tentar contextualizar, encaixar, tirar algo de bom, então, nós não tínhamos isso lá atrás e mesmo assim vivíamos. A repressão da ditadura não era com os gays, era com todo mundo. Pai de família, o trabalhador, dona de casa,

era com todo mundo. Cê entendeu? Então assim, se eu vivi mais de quarenta anos da minha vida sem lei que me protegesse como cidadão LGBT, as leis que estão aí, elas não servem pra mim. Ah! De certa forma, me protege, mas só de certa forma, porque o grande problema do acadêmico é que ele teria que mapear vários estratos da sociedade, estratos eu digo é o favelão, é o cara da Zona Norte, é o cara de Atibaia, é o gay de São Paulo, é o gay de Botucatu, do Rio, sabe? Todas as idades como faz o IBOPE quando tem eleição, sabe? Começa a entrevistar pra poder pegar todo esse painel que é diverso, põe diversidade nisso e trazer pra mesa e falar: "deixa eu tentar organizar". Tem o gay assim, tem o gay assado, tem o gay do interior, é diferente, a percepção é outra, então o que vale na metrópole não vale no interior, é outra coisa que eu bato sempre na tecla, né? O gay do interior.

Porque aí tem o êxodo rural, o cara saí da cidade do interior pro grande centro. Por quê? Porque lá ele não consegue ser quem ele quer… não é que ele não consegue, ele não consegue arrumar ninguém pra trepar, cara! Ah, não, São Paulo tem viado pra tudo que é lado, eu não vou passar fome! Mas é também uma forma de libertação, se libertar da família, dos grilhões familiares, religiosos, sabe? A pessoa, ela é livre. Claro, você longe da família, se você batalhar, você cresce. Passei fome na minha vida, não tinha o que comer. Aí eu falei: não, nunca mais eu vou lamber osso, que é passar fome, é uma gíria. Eu me considero um cara bem sucedido, mas eu planejei esse meu futuro que eu tô vivendo agora.

Eu sempre trabalhei desde os catorze anos. Fiz de tudo! Engraxate quando era garoto, fazia carreto na feira pra ganhar dinheiro, aí quando eu completei quatorze anos eu fui ser office boy, aí estudando, fui crescendo nas empresas, auxiliar de escritório, auxiliar fiscal, entendeu? Meu último cargo foi gerente financeiro. Eu fui gerente financeiro por vinte e cinco anos da minha vida, eu comecei lá embaixo como todo mundo, mesmo no exército, quando eu entrei no exército, eu entrei como cabo, entrei como soldado raso, e eu saí como terceiro sargento na reserva. Porque estudei, porque me esforcei pra subir, independente de sexualidade. Rolou transa no quartel? Lá dentro não, fora rolou um monte, cê entende? Então, nasci pobre, família pobre, cheguei onde cheguei, com meu patrimônio, sozinho eu construí com meu trabalho e com meu estudo. E com planejamento, tá? Se você não fizer planejamento, a gente nunca chega lá na frente. Eu abdiquei de bons anos da minha vida de viado, festas, baladas, gueto, boate, sauna, transa pra guardar dinheiro. Juntar uma grana pra hoje dizer eu não dependo do governo pra viver.

BIRA

Bom, na década de 1960, eu era muito menino, né? Eu tenho 58, então na década de 60, eu era adolescente, eu era criança, né? Eu nasci em 60, então da década de 60, eu não sei nada. Eu comecei a ter algum contato com a vida gay em 1974, eu sei exatamente o ano porque foi um marco, né? Eu tinha um grupo de amigos da escola, nunca tinha nem pensado sobre gay, sobre isso... essa palavra nem existia! Não existia gay, a palavra gay praticamente. Eu não falava disso e não tinha a menor relação com isso. Mas aí chegou um amigo, eu tinha um amigo da escola e chegou um primo dele do interior e aí naquela noite a gente ia sair, fomos sair só eu e esse menino, primo de um amigo meu.

Eu morava na Mooca na época, né, morava com meus pais ainda, tinha catorze anos de idade. Então, a gente sempre saía de fim de semana, domingo tinham as domingueiras, ia pra bailinho da tarde no domingo e tal, mas meus pais eram mais liberais assim do que a média. E aí naquela noite, não sei por quê, acabamos saindo só eu e ele, em geral, saíam uns bandinhos, mas saímos só eu e ele. Eu nem conhecia o menino, foi a primeira vez que eu vi o menino e a gente saiu e ele falou que ele queria, se eu não me importava, né, que ele queria visitar um professor de natação dele que morava em São Paulo, ele morava no interior e o professor de natação morava aqui. Eu falei: "legal, vamos lá". Aí ele disse que depois a gente ia num barzinho e eu disse legal. Mas ele avisou: "só tem uma coisa, esse professor meu, ele é gay... ele é entendido", que se falava entendido, né? Aí eu perguntei: "entendido no quê, entendido de quê?". Aí ele me explicou: "não, entendido é quando um cara curte outro cara, gosta de outro cara, cê tem algum problema com isso?". Eu disse: "nem sei direito do que se trata, tanto faz pra mim, a vida é dele, né?".

E aí a gente foi conhecer, fomos encontrar esse professor dele pra depois sair. E tá, aí foi num apartamento, não lembro exatamente onde era e era a Gaiola das Loucas aquele apartamento! Muito louco que eu entrei lá, devia morar umas três ou quatro bichas lá, tinha uma de bobes na cabeça, tinha uma de cueca andando pra cima e pra baixo, outra passando creme na cara. Pra mim, aquilo era um Fellini dantesco, né! Mas super sussa, tava muito de boa. O pessoal bacana, batendo papo e aí fomos no Roleta, que foi esse bar aqui da Bento Freitas, tomar chopp. E o Roleta era um bar mesmo, era um lugar bem cafona, né, hoje em dia seria muito cafona! Era um bar que tinha assim umas estátuas gregas na frente, tinha uma fonte de água, não sei o quê.

E bom, tinha lá as mesas e a gente sentado tomando chopp e aí eu comecei a perceber aquela malícia, assim, aquela coisa assim: “nossa, cê tá olhando aquele? Tá vendo aquele... aquele é, aquele é também, aquele outro também é”, aquela coisa meio de troca de olhares e tentar adivinhar quem era o quê, quem não era e não sei o quê e ficava meio que paquerando. E era nesse nível assim de se olhar, sorrir, aquela coisa bem paquera mesmo, paquera bem ingênua até.

E aí tinha um cara, que se chamava César, um homem maravilhoso, um dos homens mais bonitos que eu já vi na minha vida. Ele tava numa mesa, ele me olhou e aí fez sinal que ele queria tomar um chopp comigo, veio pra nossa mesa e ficamos conversando. Aí saímos de lá e fomos pra casa dele, na realidade, ele morava com uma bicha mais velha, ele tinha vinte e dois anos, morava com um cara que devia ter uns quarenta e pouco. E a gente saiu de lá, eu, esse primo do meu amigo, que eu tava saindo com ele pela primeira vez, o César e um outro cara moreno, que eu não lembro o nome e na realidade era assim, se formou dois casais, eu e o César e meu amigo e esse cara moreno, e fomos tudo pra casa dessa bicha mais velha, que era na Rua Rocha.

Aí tamô lá e conversa, conversa, conversa, conversamos muito e não sei quê, aí chegou uma hora que o César falou: “bom e aí, né?”. E aí essa bicha velha falou: “não, tudo bem, eu vou dormir”, saiu e foi dormir, esse casal outro foi pra um quarto e eu fiquei na sala com o César, a gente deitou e a ideia era sexo mesmo. Então a gente deitou e aí ele queria me beijar e eu não queria beijar porque na minha cabeça eu ia comer ele e eu achava que eu comendo ele não significava nada, né, em termos da minha sexualidade. E aí eu acho que ele não gostou muito da minha atitude assim, né, de não beijar, de só querer comer ele, de não querer botar a mão no pinto dele e tal, aí deu uma travada assim e acabamos nem transando, mas ficamos pelados juntos na cama. A expectativa era de trepar, mas sei lá, passou. Passou porque na realidade eu não me abri pra aquilo exatamente, né? Enfim... eu queria fazer um teatro com ele pra eu me salvaguardar de uma posição masculina. Uma bobagem, mas, enfim, eu tinha catorze anos, né? Não faz sentido...

Aí depois disso, esse meu amigo ficou com esse moreno e eles se apaixonaram, começou a rolar um caso e foi aí que eu descobri que se chamava caso isso, quando dois homens se namoram, chamava caso. Ele ficou super apaixonado pelo menino, não sei quê e tal. Bom, e eu nada com esse César, né, aí depois disso, eu e esse menino que era primo do meu amigo, a gente começou a sair juntos, só eu e ele à noite. E pra vir na República, pra olhar os lugares gays, meio que descobrindo juntos a vida gay, né?

Mesmo quando saía à noite, íamos de busão, taxi era uma coisa muito cara, a gente também não tinha grana pra ficar tomando taxi, não tinha metrô, era busão mesmo... então passávamos à noite e vinha de ônibus mesmo de madrugada ou acabava vindo de manhã. Ah, E nessa pegada de ir caçar lá na Praça da República, acabava arrumando alguém, ia no hotel ou ia dormir na casa de alguém... enfim, era meio isso assim... eu cheguei a ter um carro logo quando eu fiz dezoito anos, eu tive um carrinho... não, dezenove anos, quando eu entrei na USP, aí eu tinha um carro, com dezenove, era uma Brasília. Tive um jipe primeiro e aí depois eu tive uma Brasília, e aí sim eu ia de carro em geral pros lugares. Mas antes disso, era busão, super de boa.

E a gente andava pela Praça da República, as pessoas chegavam a oferecer grana, chegavam a oferecer dinheiro pra gente. E a gente falava: "não, a gente faz por amor!". E aí uma ou outra vez, a gente transou assim. Teve uma vez que a gente transou junto, um cara chegou e chamou nós dois pra transar e a gente foi pra casa dele, transamos os três. Teve uma outra vez que pintou um cara pra mim, aí eu fui com esse cara pra um hotel, foi muito ruim porque eu não tinha essa manha de hotel, que tinha hotel que podia ir e outros que não podia. Esse cara era mais velho que eu, mas também não era muito traquejado e a gente acabou indo em um hotel que a gente foi meio que destratado. O cara até deixou a gente entrar, mas meio que tirando o sarro, sabe? Uma coisa pesada, eu fiquei super chateado, acabei nem conseguindo transar com ele, fiquei muito chateado. E aí depois disso, eu falei: "ah, não, chega, não gostei". E fiquei uns dois ou três anos sem transar com homens, sem ter sexo com homem, cheguei até a namorar uma garota...

A experiência do hotel, acho que foi importante pra mim, acho que me fez ver uma coisa suja, sabe? Me fez ver uma coisa pesada, uma coisa de ser ridicularizado, sabe assim? Porque eu peitei o cara na realidade, porque o cara entrou numas de fazer umas piadinhas porque nós éramos dois caras, né, aí eu falei: "mas isto aqui não é hotel, cara? Qual é o problema?". Eu peitei porque eu era topetudo, mas aquilo me magoou por dentro. E o lugar era muito feio, era muito sujo, sabe? Bem *trash*, uma coisa *trash*. Aqui no centro, não lembro exatamente onde, mas era no centro. Isso meio que me deu um embrulho e eu falei: "não, essa vida aí não é legal". Aí fiquei fora um tempão dessa vida, mas pensando em sexo, pensando nesse cara gostosão, nas pouquíssimas experiências que eu tive, sei lá...

Essas experiências todas foram com catorze, porque eu conheci essa menina aos quinze. Essa menina que eu comecei a namorar... então, foi meio que um ano dessas experimentações, aí achei que não era por aí, conheci a Cris, namorei com ela acho que uns dois ou três anos.

Mas eu tinha tesão em homem, mas eu não tinha assim com a cara lavada, de olhar no espelho e falar: “tenho tesão em homem”, né? Tinha toda uma desconfiança a respeito de mim comigo mesmo, né? E eu namorava com a Cris, que era uma pessoa legal, mas ela me enchia o saco pra caralho, porque ela falava pra cacete! Puta que pariu! Queria que eu colocasse a mão no peito dela, eu não queria colocar a mão no peito dela, achava aquilo um saco, enfim... mas eu tava lá fazendo um ritual.

Aí quando eu fiz dezoito ou dezessete, de dezessete pra dezoito, eu conheci um cara e me apaixonei por ele, amigo de um amigo e me apaixonei assim violentamente, fulminantemente por ele. Então eu cheguei na Cris e falei: “oh, Cris, não vai rolar mais, não quero mais namorar, eu tô gostando de um cara”. Eu acho que ela também não tava tão a fim mais porque ela não sofreu muito, só disse: “ai, então tá bom”. E aí a gente se separou, mas nesse período, eu sofria muito, sabe? Eu pedia pra Deus me afastar daquelas sensações, daqueles tesão, daqueles sentimentos e tal... mas depois que eu conheci o Marco, que foi esse menino que eu me apaixonei, aí eu finalmente relacionei o sexo com outro homem com amor. Então quando eu fiz esta relação, eu falei: “não, não é uma putaria, pode ser amor, quer dizer, posso constituir uma família com outro homem, eu posso ter filhos com outro homem, eu posso ser feliz com outro homem, bom, eu posso o que eu quiser com outro homem, não precisa ser com uma mulher”. E aí eu me libertei disso, me assumi e tal.

* * *

Bom, a história da minha mãe, da minha mãe armada, é na realidade um pouco a história de como eu saí do armário, né, de alguma forma, porque eu... enfim, como eu disse, conheci esse cara gay quando tinha catorze anos, catorze pra quinze anos e a gente ficou amigo e aí saímos algumas vezes e pegamos uns caras e tal, mas eu achava que era tudo, sei lá, brincadeira, achava que isso não significava nada em termos identitários, eu continuava sendo um hétero e tal, bom, enfim...

Aí um dia, um amigo de um amigo meu trouxe um amigo dele pra gente sair junto num sábado e era o Marco, que foi a pessoa, o primeiro homem por quem eu me apaixonei e aí evidentemente que eu passei a entender que eu era gay, porque era amor e tal, tava sentindo amor e era uma coisa super boa... Bom, não tem por que negar isso, se isso é uma coisa boa e pronto, né? Claro que demorou um pouquinho, eu dei uma canseirinha no Marco... a gente tinha muito tesão, mas a gente não podia transar, porque eu achava que eu não era gay e tal, mas ele

foi super paciente... mas chegou uma hora que eu não aguentei, a gente se entregou e transamos, começamos a namorar.

Bom, e aí eu falei: “bem, se é assim, eu vou contar pras pessoas”. Aí contei pras pessoas que são importantes pra mim, eu contei pra uma irmã minha, uma irmã mais velha e ela falou: “eu preferia que você não estivesse nesse esquema, mas se é isso, okay, né? Pode contar com meu apoio”. Aí eu falei: “bom, agora vou contar pra minha mãe”. E nesse ínterim, na realidade, um pouquinho antes de eu contar pra ela, eu já tinha decidido que eu ia contar, que ia contar pra todos os amigos e tal e a minha mãe percebeu e marcou um encontro com o Marco, que era meu atual namorado. Era o único homem que ela tinha visto comigo, porque eu antes namorava mulher e tudo e tal, e ela realmente achava que ele estava me tirando do caminho, né, do bom caminho...

Teve um dia que ele ligou pra mim e falou: “sua mãe marcou um encontro e tá vindo aqui falar comigo”. Aí eu falei: “bom, tudo bem, fala com ela e okay, né?”. Enquanto isso, eu procurei um lugar pra morar, porque eu achava que tudo bem, mas se minha mãe não quisesse conviver comigo porque eu sou gay, eu iria morar em outro lugar, eu não teria, enfim, direito de obrigá-la a conviver comigo, mas ela também não teria o direito de me fazer uma coisa que eu não era.

Fiz umas ligações, consegui um lugar pra morar, se fosse necessário, né, e quando minha mãe chegou em casa, ela teve uma conversa comigo e falou: “cê acha que é certo isso que vocês tão fazendo e tal?”. Eu falei: “mãe, não é questão de ser certo, é questão de eu ser feliz, ele tá feliz e se trata de ser feliz, não é nada de outra coisa e se você não tá bem com isso, então você quem deve procurar ajuda, não eu, porque eu tô bem”. Eu até falei pra ela: “cê já amou alguém?”, ela respondeu: “não, eu nunca amei e tal”, aí eu disse: “bom, então talvez você não entenda o que eu tô sentindo, eu lamento, mas eu tô amando, é uma coisa super boa, desejo isso pra você também, agora se você não quiser que eu fique em casa, eu saio fora”. Aí ela falou: “não, de jeito nenhum! Você é meu filho”, e eu disse: “então a senhora liga pra ele e pede desculpa”, porque nesse ínterim, ele me contou que ela tinha ido falar com ele armada e que no meio da conversa, ela abriu a bolsa e mostrou, que era um revólver que meu pai tinha que era do meu avô, um Schmidt lindo com rabo de madrepérola todo niquelado, o revólver era lindo. Ela foi armada, mas não pra ameaçá-lo, mas porque ela tava desesperada na realidade, ela pediu pra ele se afastar de mim porque ela tava prestes a fazer uma loucura contra ela e não contra ele, né? Coisa de *mama*, aquela coisa desesperada, atacada, macarrônica, né? Bom, por fim, ele perguntou: “o que a senhora quer?”, e ela respondeu que queria que ele se afastasse de mim. E

foi aí que ele disse: “mesmo que eu me afaste do seu filho, haverá outros, porque seu filho gosta de homens, não é de mim que ele gosta, ele gosta de homem, né? Então ele gosta de mim no momento, mas, na realidade, não sou eu, se eu saio da vida dele, ele vai continuar gostando de homem”.

Depois, aos poucos, ela foi entendendo e tal e conforme eu pedi, ela ligou pra ele, pediu desculpas, falou que ele era muito bem-vindo e que, então, na realidade, ela via ele como um filho e que ele era bem-vindo em casa. E a partir daí... na verdade, ele continuou frequentando a minha casa, a casa onde eu morava, que eu ainda morava com os meus pais, mas logo depois eu fui morar só, né? Não por causa disso, mas, enfim... aí passamos a viver bem. Mas minha mãe pediu como condição que eu não contasse pro meu pai e eu achei que okay, sabe? Falei: “tá bom, mãe”. Era um alívio pra mim, de não ter que contar pro meu pai, porque seria uma conversa difícil e, também em respeito a ela, eu falei: “então tá, terminamos esse assunto por aqui”.

E ficou assim, mas teve um dia que eu tava transando com o Marco na cama e meu pai abriu a porta assim, não é que ele viu penetrações, nem nada, mas ele viu uma movimentação suspeita assim e agitada, né, como se a gente tivesse escondendo alguma coisa e ele percebeu, não falou nada. Veja como ele era ingênuo, porque ele não imaginava nada, tanto que ele abriu a porta do quarto pra chamar a gente pra almoçar e achando que a gente era maior *brother* e nem imaginando que a gente se pegava. Mas aí a gente deu aquela disfarçadinha e tal e falamos: “ah, tudo bem, a gente já vai”.

Depois eu vi que meu pai ficou muito quieto, percebi que ele tinha percebido, mas na verdade, ele nunca me procurou pra conversar sobre isso e eu também não, não o procurei. E eu acho que isso foi um alívio assim, porque eu não sei como ele lidaria, não sei se ele saberia lidar, na realidade, acho que ele não queria lidar com isso e pra mim foi um alívio ele ser discreto, sabe, ele não falar nada, ficar na dele, isso foi bom porque evitou acho que constrangimentos. Meu pai era um cara que nasceu em 1926, foi criado pelo meu avô, que nasceu no século XIX, seria impossível ele falar: “ai, filho, que bom que você é gay”, sabe? Seria um processo difícil, então ele preferiu viver isso lá no silêncio dele, o que acabou me respeitando e facilitando bastante a minha vida.

E nós nos amamos loucamente, eu e meu pai, embora ele tenha morrido muito jovem, temos um amor muito grande um pelo outro. E pela minha mãe também, um amor enorme, essa doida que tentou assim escandalosamente fazer alguma coisa, fazer a sua parte, né? Acho que ela sentia que devia e podia fazer alguma coisa pra evitar, deve ter se sentido muito culpada por

muito tempo, mas depois, aos poucos, ela me pareceu bem assim adaptada, uma pessoa que não escondia que o filho era gay, que sempre assim super lidou com muita leveza, com muita tranquilidade, inclusive com outros namorados que eu tive depois no futuro, né? Então no final foi uma coisa bem digerida na minha família, mas foi assim que aconteceu.

Mas com os meus amigos, não foi tão bem digerido, porque vários amigos meus passaram a me desprezar, tipo não quererem ser mais meus amigos porque eles sentiam vergonha ou se sentiam expostos quando eu tava com eles, porque eu nunca fiz questão de esconder minha sexualidade, então eu acho que quando eu saía com eles, eles se sentiam constrangidos... Enfim, parte dos meus amigos, né? Outra parte, não. E, na realidade, é a parte que eu acho mais legal no final da história, né. E daí pra frente, depois de um tempo que eu tava com o Marcos, que aí que eu comecei a conhecer as outras putarias, né? Porque aí sim, assumi uma vida gay, sou gay e comecei a descobrir sauna, cinemas, banheirão.

A gente não ia junto, porque eu fiquei com o Marcos, fiel a ele, a maior parte do tempo. A gente namorou uns dois anos, dois anos e meio. E depois eu me desinteressei por ele, eu fui me desinteressando e chegou uma hora que eu percebi que eu não gostava mais dele. E é um pouco antes de eu terminar com ele que eu comecei a procurar, sabe? Cinema, tentar conhecer, tava muito curioso, então queria conhecer. Tinha um amigo em comum que era bem putanheiro, bem, bem, bem putanheiro. Acho que ele nunca nem namorou na vida dele assim. Então ele sabia as putarias e falava as putarias e eu ficava super a fim de conhecer, né? Então eu ia, fui, conheci alguns lugares, mas já bem no finzinho da história do Marco, aí depois terminei com ele. Bom, tive outros namorados ao longo da vida e aí putarias mil ao longo da vida, né?

* * *

O Jeca, cê vai ouvir certamente, não sei se você já conhece. O Jeca é Ipiranga com São João, agora tá reformado e tal, mas era um lugar na época que não fechava, porque não tinha tanto lugar que não fechava no final de 70, 80, tinha alguns lugares que não fechavam, mas não como tem hoje, hoje tem muito mais coisa 24 horas. Então o Jeca ficava lá, fica... acho que agora deve ter mudado de nome, na Ipiranga com a São João, na esquina oposta do Bar Brahma. Então, o Bar Brahma fica na esquerda, se você vai na Ipiranga, né, ele fica à esquerda e na direita é o Jeca, que ainda é um bar. E ali era muito comum que as pessoas se encontrassem pra tomar café-da-manhã, depois de sei lá, vindo de hotel ou uma balada qualquer, que não chamava

balada, né? Chamava “vindo da boate”, né? Aí um monte de restaurante que existe ainda hoje, vários.

O Ferro’s que certamente você ouviu falar. Era das lésbicas, mas eu fui muito também, quer dizer, era mais das lésbicas, mas tinha gay também, que fica na Martinho Prado em frente à sinagoga que tem lá, né? Hoje parece que é um anexo de um restaurante, parece que é meio que um lugar de troca de vestuário, um lugar de apoio de um daqueles restaurantes que tem na Avanhandava, mas ele foi antológico esse lugar, porque teve lá um ato de resistência das lésbicas, né? Porque o cara queria as lésbicas, queria a grana das lésbicas, mas não queria que fizessem política lá. Mas eu acho que essa coisa de não querer fazer política nos estabelecimentos, eu tô supondo, mas eu tenho a impressão que era um jeito dos proprietários não quererem ser rotulados, embora eles já fossem rotulados, na realidade, em sendo rotulados, tinham medo de que eles perdessem público. Porque tinha muito público no armário, né? Bom, tem até hoje...

O La Farina, que tem até hoje, era um dos que ficava aberto a noite toda, dos poucos que ficava aberto à noite, agora ele já nem abre mais à noite, mas era dos poucos. Montecchiaro ainda existe, o Galetto’s e tal, mas que era assim mesmo... bom, o Ghigetto, era super gay.

Aí tem todas essas casas... bom, você pode observar que a maioria desses lugares aqui fica nessa região que hoje é o Bixiga, que já era o Bixiga na época, que era aonde tinha essas cantinas todas, a Orvietto era uma maravilha, não existe mais, o Pingão era aqui no Arouche. Então que quê era? Ou era Arouche, essa região aqui do centro que é Arouche, República até a praça da biblioteca lá. A Praça Dom José Gaspar era onde tinha muito michê e ficava uma michezada grande lá, o pessoal que caçava os michês, mas tinha os gays tudo andando também e tinha o Pari Bar, aliás, tem o Pari Bar até hoje. Então ali, do Pari Bar até República, aqui até à Praça da República, na Avenida Ipiranga, no Jeca, tinha muito hotelzinho e tal e o Largo do Arouche. Você pode observar que é aqui na Vieira de Carvalho e até Marquês de Itu na realidade, porque na década de 80, o que bombou mais aqui pelo centro foi a Marquês de Itu, teve a abertura do HS, né, Homo Sapiens. Aí a Marquês de Itu bombava muito, então no centro era isso. E além do centro, o outro ponto de boêmia fortíssimo era mesmo o Bixiga, esse monte de café, tinha essa onda de café, né? Cê pode ver que aqui tem muita coisa dessa região, sobretudo, cantinas e café. O Planeta’s, que existe ainda, tinha, mas acho que não tá aqui, em frente ao Planeta’s, tinha uma lanchonete chamada Xereta... O Xereta era pegação forte assim, barzão, botecão, todo mundo chegava e sentava no balcão, tomava sua cerveja, ficava se

olhando e tal, então caçação forte, sabe? As pegações são sempre mais em bar, né? Embora nos restaurantes, a frequência seja gay também.

Caneca de Prata, que tá aberto ainda, que existe... o 266 oeste, que hoje é uma tipografia, um negócio de tirar xerox ali na Marquês de Itu. A Homo Sapiens que agora é o Bailão, né? Aliás, tudo é muito parecido, não mudou quase nada internamente, só que onde agora é o bar, no térreo agora tem dois bares, um quando você entra à direita, na porta assim, você entrou na porta logo à direita e outro no fundo do térreo e tem outro bar em cima. Esse, entrando logo à direita, que hoje é um bar, era um palco, porque ali tinha muitos shows, shows bem legais. A Man's Country que era aqui na Santa Isabel, a Medieval, que bombava geral! A Nostro Mundo também. O Off que era de gente meio mais chique assim. A Picapau eu conheci, que era no Largo do Arouche e tinha show também. A Val Improvisu que foi derrubada pra fazer o negócio de ônibus aqui embaixo na Amaral Gurgel, que era assim a última das últimas, né, de fechar.

Tinham os cinemas também. O Arouche tá aí, o Art Palácio, Barão, Belas Artes, Bristol... tudo pegação, né? Copan, Coral, Windsor que também eram ótimos, todos, né? Dessa região aqui do centro, só o Marabá que agora foi reformado e que agora não é mais gay. Os outros, ou fecharam ou é putaria.

E os banheirões... no Largo do Arouche, lembra que eu te falei que tinha um banheiro no largo do Arouche? Que fazia fila pra entrar? A Biblioteca Mario de Andrade, Presidente Kennedy, Galeria Prestes Maia tinham os banheirões, né? No Largo do Arouche tinha um forte e na Praça da República tinha um forte também, esse da Praça Ramos também era babadíssimo, sabe, saindo do Theatro, tem a Praça Ramos e descendo, embaixo, tinha um banheiro. Na República também, não precisava nem falar e rodoviária também não precisa nem falar, todas as rodoviárias do mundo têm pegação.

Também rolava sauna. As Alterosas, olha que ótimo! Amazonas existe ainda, essa Alterosas é meio contramão, né, ela é meio fora do centro assim, eu nunca fui, mas ouvi falar que é um pessoal super *friendly* assim, era pelo menos, faziam churrasco, era uma convivência bem harmoniosa, meio grupal assim. Amazonas que ainda existe, a Aquarius que não existe mais. A Castelinho nem sei, nem conheci... Miguel, Oceano... A For Friends que foi a melhor que já existiu, que foi fechada não faz tanto tempo assim. Essa Danny's mudou de nome, agora é 484, aqui na Jaguaribe no mesmo lugar, a Fragata era de prostituição masculina, a Le Rouge que continua bombando e a Ipanema que não existe mais, a Ipanema era na esquina da Santo Antônio, tinha uma lá na Martins Fontes que era famosa também, enfim...

O Hotel Del Rio, eu fui, Louvre tá aí até hoje, até hoje rola no Louvre. Esse negócio de hotel era muito louco, porque assim, não era todo hotel que deixava entrar homem, né? Hoje se você chegar num hotel com um homem, um cara chegar com outro cara, normalmente não vai ter problema de pedir um quarto e tal. Mas nessa época, era fodíssimo, então você precisava ir naquele que você sabia que eles iam te deixar entrar e não eram todos, você precisava saber qual que podia e qual que não podia.

E tinha algo que a gente chamava de Via Sacra ou trottoir, né? Via Sacra era lugar que você passava pra ficar caçando. Aqui na Avenida, na Praça da República, as pessoas ficavam andando em volta da Praça meio que se procurando, trocando olhares e tal, em vários locais. A Galeria California, então, a Galeria Califórnia na Barão, ela tinha o Cine Barão dentro dela e era tudo de perdição. A Metrópole era a mesma coisa, também tinha um cinema dentro que era babado e confusão, né? Largo Paissandú, como você pode ver, o mundo, a cidade toda.

A Praça Dom José Gaspar era michê. Trianon chiques, porque lá na Trianon era prostituição do mesmo jeito, só que prostituição meio de carro, então os caras que tinham carro que iam lá, os meninos ficavam na rua, ficam até hoje, não sei. Sobretudo naquele quarteirão do colégio, do Dante, e o pessoal que tinha carro passava ali, o Ibirapuera até hoje, eternamente... Obviamente, lá sempre vai ter. Martinho Prado, Praça Roosevelt... o centro, né? A Bento Freitas tinha uma boate, que agora continua boate, mas mudou o nome completamente, na realidade era um bar que se chamava Roleta e agora é uma boate e tem muita travesti que vai lá, é uma boate gay, mas com uma pegada trans assim, de travesti.

Enfim, mas tinha uma coisa que hoje em dia tem muito pouco que era... tinha muita chantagem, né? Os viados eram muito achacados assim, porque como todo mundo queria se esconder, não podia se revelar e tal e tudo era muito por baixo dos panos, então, de repente, você tava num cinema fazendo uma paquera, vinha um cara e te paquerava e aí cê ficava assim no cara e ele te extorquia, então tinha muito isso assim. Você encontrava uma pessoa que ela poderia ser um gay como você e rolar de ser um amigo de trepar e não sei o quê, mas cê também podia encontrar uma pessoa que ia te extorquir, porque era um sem vergonha com esse objetivo. De repente, você até fazia algo com eles, porque esses caras gostam, né, de uma chupetinha, uma pegadinha, então normalmente eles aproveitavam, deixavam pegar, não sei quê e tal, e depois extorquiam, e diziam tipo assim: “sou da polícia”... uma vez aconteceu comigo.

Eu tava num cinemão, nesse Barão, foi no Barão? Não sei, acho que foi no Barão. Eu tava lá, sentou um homem bacana, interessante do meu lado, bonito, aí tirou o pinto pra fora, eu fiquei olhando, não sei quê e tal, aí a gente deu uma brincada. Quando a gente terminou de

brincar, ele botou a mão no meu ombro e falou assim: “agora você vem comigo” e foi me levando... o cara era super mais alto do que eu, grandão, me levou pra fora do cinema e me falou que ele era policial, tava à paisana, né, óbvio, que ele era policial e que ia me levar em cana, que ia fazer boletim de ocorrência, porque acho que era atentado ao pudor, né? Mas acontece que nós dois tínhamos brincado, então, teoricamente, se fosse hoje, eu teria outra atitude. Mas isso era comum, os caras falavam, fingiam que eram da polícia e que iam levar pra fazer boletim de ocorrência, avisar à família e cê já imaginava que sua família ia ficar sabendo que você era gay, que seus amigos iam descobrir, uma situação vexatória, que você foi pego fazendo pegação no cinema e não sei quê e aí os caras pediam uma grana e você dava a grana.

Isso era muito comum e já aconteceu também de eu apanhar num cinema da polícia mesmo, dos caras chegarem e, assim, um cinema de pegação, que sempre foi de pegação, de repente parou de passar filme de sacanagem, mas ninguém avisou, botou a plaquinha lá: “não pode fazer mais pegação”, porque era uma coisa frequente, todo mundo sabia e todo mundo fazia o tempo todo. Aí eu fui num dia, até achei estranho que não era um filme de sacanagem, mas eu não consegui associar então que o cinema queria mudar de rumos, né, de clientela. E aí um cara entrou no banheiro, passou, olhou, todo mundo lá se masturbando no banheiro e depois chegou e levou todo mundo pra uma salinha lá, falou que era da polícia e que não podia fazer aquilo, que aquilo era crime, atentado violento ao pudor... e deu uns cascudos na gente, bateu um pouco, mas nada assim muuuito de sangrar violento, mas deu uns sopapos lá na gente e liberou. Eu tinha muita vergonha, medo da vergonha de ser exposto numa situação assim. Nem de ser descoberto como gay, também, mas sobretudo nessa situação, nessa circunstância, né? De repente as pessoas sabendo que você foi preso porque você tava cometendo um ato violento contra o pudor. Isso é desagradável, né?

Mas a pegada, sobretudo, era cinema. Assim, bom, tô falando de mim, né? Porque sempre teve as bichas mais casadoras, né? Nunca foi muito a minha carreira, né, bom... casei, tive casamentos ótimos e tal, mas a pegação mesmo, eu sempre tive uma vida muito livre, né? E era sobretudo em cinema, sauna veio depois do cinema, cinema veio antes mesmo e depois que começou a pintar saunas... era uma delícia, uma libertação, porque você transava com quantos você queria e seguro, não tinha aquele medo do cinema, porque o cinema tava envolto em medo e sujeira, aquele cheiro ruim e tal... mas era bem gostoso, tinha uns cinemas que era, nossa, muito babado! Eram muito bons, mas tudo putaria, né? Como tem hoje, né, mas hoje tem meios eletrônicos, tem outras coisas... eu nunca tive muita paciência pra ir no bar, sentar e

ficar olhando, ver se vai rolar, se não vai rolar.... Acho prático, mas eu não me dou bem com aplicativo, quando eu quero trepar, eu vou na sauna mesmo. Mais fácil, eu acho bem mais fácil.

* * *

Bem, conheci o Marco mais ou menos quando eu tinha de dezessete pra dezoito anos, fiquei com ele até uns dezenove, quase vinte, depois me separei dele e aí namorei outras pessoas. Namorei o Ângelo em seguida, que era um menino lá da época e a gente tinha um relacionamento aberto, eu e o Ângelo. Então continuei com as putarias...

Mas esse foi o jeito que eu descobri a sexualidade e eu acho que naquela época era um jeito muito comum esse, sei lá, mas a impressão que eu tenho é que a gente estabelecia... as pessoas saíam na rua pra encontrar afeto, elas sabiam que elas tavam indo procurar um namorado, elas saíam na rua pra procurar namorado, mas elas sabiam também que elas podiam encontrar só sexo, mas sabiam também que podiam encontrar sexo e algo mais, alguma coisa que rolasse. Mas a proposta inicial sempre era uma coisa afetiva, as pessoas se olhavam, pelo menos com quem eu convivi nessa época, elas se olhavam numa perspectiva afetiva, a perspectiva de envolvimento emocional, que poderia acontecer ou não e certamente viria depois do sexo, quer dizer, no mínimo ia rolar sexo, depois via o que dava. Hoje em dia eu não sinto muito isso, hoje em dia, eu sinto que as pessoas saem meio que pra caçar mesmo, né, buscando sexo e só sexo, buscando mais diversão que relação, né? Parece-me.

Era outra visão do sexo, outra liberdade. Porque eu vivi a USP, ECA, a Matemática era doideira também total. Porque a Matemática era meio que dividida, tinha lá os asiáticos, digamos assim, sendo bem preconceituoso, tinha os cu de ferro, porra, na Matemática! Mas era pouca gente que ficava lá estudando Cálculo I, II, III e IV, né? E tinha os malucão, eu tava na turma dos malucão. Pessoal que fazia política estudantil, né, era época de Libelu, era ditadura ainda. Era ditadura. Então era centro acadêmico, assistia filme alternativo, rodas de discussão política, bebia pra caralho! Pra caralho! E eu era o único gay ou... se não era o único, era o mais famoso! Da matemática. Porque todo mundo falava, desde que eu assumi o Marco, né, que eu assumi que era gay em função de ter me apaixonado pelo Marco, eu passei a viver minha vida abertamente.

Quando eu comecei com o Marcos, morava com meus pais, mas quando eu terminei não. Nesse período eu mudei, entrei na USP e fui morar no Butantã, num apartamento lá perto da USP, tinha vinte anos. Aí saí da casa dos meus pais e fui. Mas, pros meus pais... meu pai na

realidade morreu antes de saber que eu era gay, embora ele tenha me visto essa vez na cama com o Marco...

E aí eu saí e fui morar no Butantã, já não tava mais com o Marco, comecei a namorar o Ângelo. Naquela época, eu tive alguns namoros longos assim, o Ângelo eu também fiquei dois, três anos, depois teve outro menino da ECA também... não! Da Sociais, da FFLCH. E naquela época de liberdade, de liberdade sexual assim, ninguém se ligava de nada, nem de eu ser gay, nem de eu trepar com um, com dois, com três, com quatro... não tinha isso. As pessoas sabiam que eu era gay, mas eu era um gay que... tinha muitos homens héteros que queriam experimentar... tava todo mundo experimentando muito, a verdade é essa, naquela época, que foi o quê? 78, 79, 80... na USP, nos meus amigos e acho que na maioria da sociedade daquela idade, todo mundo tava experimentando tudo, então, assim, cê chegava lá, tava numa república, chegava uma mulher, que morava lá, com dois namorados e levava pro quarto e trepava... um cara de repente vinha trepar comigo e com meu namorado, sabe? Era uma coisa meio que bagunçada assim, porque o lance era experimentar, o tesão era conhecer coisas diferentes.

Eu fumei muito maconha nessa época, todo mundo fumava maconha, mas tinha gente que pegava um pouco mais pesado, eu não cheguei perto assim, mas eu sei que tinha gente que usava cocaína, que eu nunca gostei, e tinha gente que usava ácido, né? Mas aí era outra pegada. E bebida, assim, muita gente bebia pra caralho, as festas... tinha piscina de cerveja assim, um negócio louco! Umas puta festas, todo mundo pegava todo mundo, era uma coisa meio orgástica assim, que era bem a descoberta, né?

O Dzi Croquettes eu não peguei, porque o Dzi Croquettes eu era novo, eu já ia em teatro nessa época, mas não foi uma coisa que me chamou atenção, que eu fui assistir. Mas o Ney sim, o Ney foi um sucesso estrondoso e um escândalo estrondoso! Ele não foi só um sucesso, ele foi um escândalo! Foi um escândalo. E os jovens, todo mundo gostava do som dele, um som legal e tal, mas eu lembro dos meus pais recriminando, falando: “esse anormal!”. Eu lembro do meu pai falando isso, bem assim: “esse anormal, isso não é homem, isso não é normal”. A minha mãe também falava... eu acho que no começo, eles tinham uma esperança de meio me regenerar, né, alguma coisa desse tipo. E era... o Ney teve esse impacto. O Dzi, eu não vi, mas eu comecei a logo ver muito show de transformistas, que tinha muito naquela época, né. Ainda tem, mas acho que é outra qualidade hoje em dia, menos frequente.

Na época, tinha muito show de transformista e tinha uma pegada assim de fazer uma coisa bem-feita, uns shows glamorosos e tal, eu assisti muito. Até toda a década de 80, que foi minha juventude, né, quando eu fiz de vinte a trinta anos, foi a década que eu comecei com

vinte anos e terminei com trinta, eu ia muito, muito... tinha épocas que eu ia todo dia, namorei um menino que era bailarino de uma boate, da Corintho, e eu ia todo dia na boate. Boate abria de terça a domingo, eu ia de terça a domingo direto, porque também ia pra depois vir com ele pra casa e tal. Ele morou comigo um tempo. Foi ele que morreu de aids, né? Que foi em 86... eu conheci ele em oitenta e... fim de 85, comecei a namorar ele e em 86 a gente descobriu que ele tinha aids. Ele morreu em 88, então, assim, nesse período que eu conheci ele até descobrir que ele tinha aids, que foi mais ou menos um ano, um ano e pouco, que eu ia na boate o tempo todo. Depois ele ficou doente e se recuperou e voltou a trabalhar e também nesse período que ele voltou a trabalhar, eu também ia sempre pra boate.

E também antes disso, tinha a Medieval, né? Que também foi uma boate que em 79 foi o último "Noite da Broadway" da Medieval, que eu fui, e aí a Medieval fechou logo depois. Medieval foi mais década de 70, né? E eu frequentei bem mais no finzinho da Medieval, agora a Corintho, eu frequentei do começo ao fim. Todo o período, quase todo dia, tava lá.

Eu acho que a Medieval teve duas fases. Teve o glamour assim da Medieval, eu ainda era muito jovem, então eu não conheci a Medieval no começo, eu conheci a Medieval no fim, que já era mais decadente, sei lá, devia ser uns trinta conto pra entrar, mais ou menos, supondo em termos de hoje. E eu já tinha uma boa profissão, quer dizer, eu comecei como analista de sistemas e era uma profissão muito... na realidade, comecei como programador de computadores e já era uma profissão que rendia bem, então eu tive aumento em pouco tempo e acabei me estabilizando. Eu trabalho desde os 13, lindo! Sempre trabalhei e já tinha uma certa independência, morava sozinho desde os vinte, desde 1980 e trabalhava desde 73. Não era rico, mas eu não era um cara que tinha problema com dinheiro assim, então eu podia ir e era barato no final, mas, no começo, dizem que era muito cara mesmo, que era uma boate de luxo, que tinha jantares e tal, então essa fase eu não sei, mas na fase que eu frequentei, eu podia ir todo dia e ia numa boa, não tinha problema nenhum, saía, bebia, magina!

Jantava fora direto, tinha uma vida que era até mais confortável que hoje se você pensar, sei lá, aquelas cantinas, todo mundo ia, jantava, ia muito em café, em café teatro, não me lembro de... era tudo, não sei, eu tenho a impressão de que hoje é mais caro e deve ser mesmo. Por exemplo, se a gente for jantar na Montecchiaro, que é uma das cantinas que tem aí, que existe até hoje, você vai gastar mais de cem pau por pessoa eu acho, né? Pedir lá um macarrão, gastar cem, cento e vinte pau por pessoa. Hoje, eu acho isso uma puta grana. Mas na época, não, eu não sei que dinheiro que era na época, não sei que dinheiro que era, mas as pessoas saíam, eram tudo estudante, fodido assim, uns mais fodidos que outro, quem tinha pagava pra quem não

tinha, ficava tudo meio que assim, mas eu não lembro de falar: “oh! Não”. Ia no Café do Bixiga, pedia minha bebida, pedia meu café, não tinha muito essa coisa. Agora também não sei essa divisão de classe, só tinha meio que lá, sabe assim? Então era tudo meio que misturado, depois que eu acho que começou a rolar uns lances mais no Jardins, umas coisas, umas bichas meio carão, sabe?

Mas tinha a Nostro Mundo que era um lugar assim mais popular, né? E era muito delicioso. Eu fui, conheci a... fui perto da inauguração, fui recebido pela Condessa, que era a dona do local, que era uma fofa, um doce, uma doçura de pessoa. A Nostro Mundo era muito popular, era um lugar que a bebida não era boa, era barato e tinha uns shows bem *trash*, mas cê tá cagando e andando, né? A gente queria era mais é beber, dançar e curtir e tal. E depois, numa fase mais adiantada da HS, começou a ter os primeiros shows de homem pelado... na HS não, na Nostro Mundo! Os primeiros shows de homem pelado começaram lá. Então era mais delicioso ainda, você ia, via os homens pelados, fazia show e era uma delícia, porque era uma multidão e aí todo mundo meio que se esfregava assim, chegava todo mundo perto do palco e ficava um bloco, aí de repente um roçava aqui, outro roçava ali, era uma delícia! Era muito gostoso. Rolava putaria... mas não era assim putaria que nem hoje tem *dark room*, que a pessoa vai e trepa, mas era assim, era aquela de se esfregar, ir no banheiro, tentava dar um jeito lá, de se esconder no banheiro, fazer uma pegação...

A história do *dark room* começou durante a década de 80 e eu lembro que, assim, a primeira boate que eu lembro de dizer: “essa boate tem um lugar pra trepar”, se chamou... foi a boate mais legal que teve em São Paulo, que se chamava... na Rui Barbosa... que eu vou lembrar o nome, daqui a pouco eu lembro. Era um cabaré que tinha... era uma boate sofisticada assim! Era um teatro na frente, um palco italiano, eles serviam jantar, serviam almoço, serviam café da manhã e não sei o quê... almoço acho que não, mas café da manhã tinha. E aí depois cê passava por um corredor e no fundo tinha uma pista e uma escada que você subia e ia pra um cinema, que passava filme de sacanagem... e depois tinha um corredorzinho que Deus me livre lá! E aí depois as outras começaram a imitar. Então a Medieval, que ainda existia nessa época, começou o mezanino da Medieval, ela mantinha fechado e escurinho, mas sabia que o povo subia lá pra se pegar, entendeu? Aí que começou essa onda do *dark room*. A Corintho não tinha *dark room*, mas no Carnaval não precisa, né, no Carnaval era uma loucura, na rua e em todo lugar, mas lá não tinha *dark room*. Mas na Medieval também não tinha oficialmente, mas todo mundo sabia que subindo lá, rolava. E nessa que eu te falei da Rui Barbosa, essa era oficial, cê

tinha *dark room*, você ia lá pra trepar. Hoje em dia, nem sei se tem ou não tem, mas deve ter, sei lá.

Ia muito também no Val Improviso! Porque eu sempre tive muitas amigas travestis, inclusive por conta de namorar o Luis, que trabalhava em uma boate e era bailarino de show de transformistas. Ele trabalhava como bailarino, mas os shows tinham as travestis que faziam shows de transformistas. Tinha travesti e tinha gente que não... hoje em dia não se diria travesti, mas que se transformava pra fazer o show. Tipo uma drag, mas sem o exagero, né? Porque a drag tem uma coisa estética de exagero e tal. O transformismo era assim, se vestir de mulher, mas a pegada era de ser uma mulher fina, uma mulher chique, uma mulher elegante... meio Rogéria, exatamente, isso que era transformista, quer dizer, eram travestis ou gente que nem andava, nem tinha peito, nem andava montado de mulher o dia inteiro, era uma bichinha qualquer, uma bicha doida, que ia lá e se montava toda. E quando ela era feia, em geral, ela se montava do que a gente chamava de caricata, quer dizer, ela não tentava ficar glamorosa porque ela sabia que não ia dar, né? Tinha umas feias famosíssimas, a Lola Batalhão, por exemplo, era uma bicha feia... feia, velha e ela se montava pra fazer coisa cômica e a gente chamava isso de caricata, né? Então tinham as bonitas e as caricatas.

E o Luis, ele era um bailarino, não tinha nada com isso, não vestia roupa de mulher. Ele dançava ballet... olha aquela foto lá! Isso era um show chamado Champagne na Corintho.

Figura 1. Dançarinos da Corintho do espetáculo "Champagne".

Fonte: Acervo Pessoal de Ubirajara de None Caputo.

Então, aí eu conheci os outros bailarinos através dele, outras travestis. Eu namorei também a Maika, que era um menino no meio do caminho, começando a se transformar e fazia também shows, dublagens, não sei quê, então eu acabei conhecendo muita travesti, né? Sempre gostei muito. E o Val Improviso era um lugar que ia muita travesti, porque as travestis vivem de madrugada, né? Dorme até cinco horas da tarde, acorda cinco horas da tarde e fica até meio-dia sei, lá, na pegada. E a Val era a última boate que fechava, a Val fechava de manhã. Então, no Val, ia muita travesti depois de terem feito os shows todos, às vezes faziam shows lá, mas era três e meia, quatro da manhã, né? Eu ia sim na Val, mas não era direto assim, onde eu ia direto mesmo era na Corintho, por causa do Luis, e no Medieval eu fui bastante, mas mais mesmo foi na Corintho que eu acho que foi a boate mais legal mesmo que teve. A mais profissional, tinha uns shows lindos!

Eu cheguei a conhecer a Andréa de Mayo, mas nunca fui amigo dela. Conheci assim de vista, de saber que aquela era a Andréa porque eu sabia que ela era dona do Val, então sabia que ela era a dona. A Andréa era uma figura meio esquisitona, porque ela era muito abrutalhada, muito grandona, às vezes deixava a barba meio crescer, não tirava direito, tinha uma bunda meio grande demais, meio amassada a bunda dela, era toda uma figura... era meio que assim, imagina uma... ela era uma... montada de mulher, mas assim, uma mulher meio que relaxadona, sabe assim?

E eu lembro dela porque do Val, ela abriu outro Val que durou outro tempo, que chamava Val... que foi na Marquês de Itu, no final da Marquês de Itu, que chamava também Val qualquer coisa, eu sei que ela era dona também. Mas eu sei que depois do Val Improviso, ela abriu uma boate na Amaral Gurgel, que era uma boate que você subia uma escadinha e tal, e era *trash*, bem *trash*, bem a cara dela. E eu... e aí ela morreu, não sei se tinha a ver com droga, com negócio de tráfico, não sei. Eu sei que ela era metida com droga, é o que diziam, né? E aí ela morreu. Mas a lembrança que eu tenho é de uma pessoa triste, sabe? Nunca falei, sentei, bati papo com ela, mas olhando, observando de longe, eu tinha a impressão de que ela era uma pessoa triste, uma pessoa envolvida nessa coisa da noite, porque tem uma amargura na noite.

A noite tem todo um glamour, mas também tem um amargo, sabe? Um amargo da solidão, um amargo do submundo mesmo, né? Eu frequentei muito a noite, mas eu nunca fui de usar droga, de cair duro, de me meter com bandido, de me... nunca! Nada, minha pegada era completamente outra, então eu tava no lado light digamos assim. Então eu via e achava que ela não sei, ela tinha uma nuvem meio negra assim, eu achava. Não que ela fosse uma pessoa ruim,

não é isso, mas eu sentia que ela tava um pouco imersa numa coisa meio escura assim, que eu não tinha a menor atração por isso, enfim.

E na década de 90, teve a Gent's, que foi uma boate importante, que ficava na Avenida... Ibirapuera? Depois que fechou a Corintho, que era lá numa travessa da Avenida Ibirapuera, abriu a Gent's, que ficava na Avenida Ibirapuera, que era uma boate bem badalada e que fez bastante sucesso, mas aí em 90. Em paralelo com a Corintho, teve a HS, que agora é o Bailão. São as grandes, né? E teve as meio que fora desse roteiro, teve o Club Off, teve a Colorido, que era aqui mais pro Jardim Europa, essa coisa mais fresca, mais chique, mas ali no centro, basicamente era isso. Devia ter outra... não, teve outras! Teve a boate Aquarius na Augusta, pouco tempo, mas teve... teve uma boate na Rui Barbosa, que eram vários andares, boate, sauna, era tudo junto, que eu também não lembro o nome agora. Era bar embaixo, boate no meio e depois sauna em cima, três em um, que durou um tempo e tal, porque nessa época de 80, antes da aids explodir, a gente tava numa coisa meio *dark* assim, sabe?

O sexo tava caminhando pra uma coisa... começou a aparecer cabines de sexo, essa que você põe o pinto, põe a bunda, que hoje em dia, isso tudo é normal, mas na época não, porque não tinha antes. Então começou essa coisa mais fetichista... tinha um clube famoso em Nova York, que teve aquele filme do Al Pacino, famoso, que mostrava aquele negócio de *fisingt*, de fazer xixi... eu acho tão engraçado, porque naquela época era tão chocante, hoje em dia qualquer *gaytube* que cê entra na internet, você vê gay enfiando o braço inteiro, mijando na cara, né? Mas naquela época, começou a ficar essa coisa mais *trash,* começou a aparecer essa coisa de BDSM, começou a ter os *dark rooms*, as saunas mesmo começaram a ter esses quartos com buraco, com aquela cama... cadeira erótica, que você senta e fica lá de perna aberta, essas coisas, né? E aí com a aids, deu uma segurada total...

* * *

Foi assim: em 82 foi o primeiro caso de aids em São Paulo. Os primeiros casos, eu tinha um amigo... amigo não, era namorado de um amigo, que ele morava numa república e um cara dessa república era namorado desse fulano que morreu nesses primeiros casos, que era o Marquito, um cabelereiro que foi pros EUA, voltou doente e foi um caso assim, todo mundo falava e não sei o quê. Então logo no começo da aids, eu fiquei sabendo, né? "Ah, o fulano que namora o fulano que mora com não sei com quem...". Bom, aí eu já fiquei logo ligado no lance, mas depois eu conheci o Luis... e não era assim. Primeiro que as pessoas não faziam exame,

nem era assim “vou fazer exame”, não era assim. O exame era caro, não era tão eficiente, então primeiro você morria e depois eles faziam o exame, mais ou menos isso, né?

Então quando eu conheci o Luis, ele ficou doente, pegou uma pneumonia, emagreceu e foi... a gente foi no hospital, pediram o exame de aids e aí o resultado do exame deu positivo e o médico não falou pra ele que deu positivo. Eu tava com ele no médico, eu vi o médico abrir o exame, vi o positivo e o médico não falou nada. E tanto que ele, logo em seguida, teve uma internação e falou: “do que que eu vou morrer?”, perguntou pra mim. Aí eu falei: “oh, cê tá com aids, mas isso não quer dizer que você vai morrer ou que você vai morrer agora, mas cê ta com aids”. Aí eu tentei fazer o meu exame, mas a médica disse que não: “cê não tem sintoma nenhum, não vou te fazer exame”. Então, era diferente a pegada... eu fui fazer tempos depois, quando o Luis já tava bem doente, no particular. Fui no laboratório, paguei no particular e aí o meu exame deu negativo... não foi milagrosamente, porque a gente sempre se cuidou, eu e o Luis, né? Sempre usamos camisinha e tal, mas se eu tivesse me descuidado, provavelmente teria pego.

Bom, e aí o Luis ficou doente, depois melhorou, tentamos todos os tratamentos possíveis e imagináveis, depois ele piorou de novo e morreu. E em seguida da morte dele, eu conheci o grupo Lambda, que era um grupo de ajuda, um grupo assistencialista basicamente, que encontrava as pessoas, leva alimento pras pessoas, levava camisinha, dava orientação, às vezes a pessoa não podia limpar casa, tinha que ir no hospital e não tinha quem levasse e tal... e aí era isso basicamente, só que o Lambda, basicamente, funcionava desse jeito: era o Ubiratan da Costa e Silva que tinha um apartamento aqui na Major Sertório e não podia receber as pessoas lá, então ele recebia cesta básica e organizava tudo, mas os voluntários iam lá na casa dele e ele falava: “oh, você vai visitar fulano de tal, vai visitar fulano de tal, tem essa situação para resolver... Ah! Morreu o pai, ficou a mãe e a criança e as duas tão com aids, não tem dinheiro, tem que mandar ela de volta pra família dela... essa moça é uma prostituta e precisa voltar pra ficar com a mãe porque ninguém cuida dela, mas ela não tem quem faça a mudança dela. O fulano não tem dinheiro pra comprar comida, precisa ir lá...”. Enfim, ele dava os problemas e a gente ia atender as pessoas e solucionar. O que era pra fazer, a gente fazia.

E foi assim por um tempo, até que começou a aparecer o AZT, alguma perspectiva de vida, de sobrevida e aí a aids foi aos poucos saindo da pauta, da tão emergencial que ela foi no começo, né?

No começo era muito rápido, porque em geral a pessoa... justamente, como ela sabia que não tinha cura, que não tinha o que fazer, né, então meio que se entregava assim, né? Ficava muita gente deprimida no hospital, você andava pelo hospital e cê via muita gente sozinha, muito deprimida, doente. Eu atendi uma moça, atendi... era amiga na realidade de um cara que morava comigo, que a mãe dela não quis quando ela descobriu que ela tinha aids. A mãe dela não quis cuidar dela e então ela veio pra minha casa, ficou na minha casa por um tempo e tal. Então era isso, quer dizer, as pessoas se ajudavam mutuamente e se escoravam umas nas outras e tentando fazer o que era necessário fazer, né? Levar no hospital pra fazer um exame, levar alimento...

Foi um baque mesmo assim, mas eu não sei... quanto à sexualidade, não sei, teve muita gente que ficou neurótica quanto à sexualidade e que tá neurótico até hoje, né, tipo... gente que... às vezes cê vai transar com uma pessoa, a pessoa fica toda, você percebe que a pessoa é mega neura, que tem medo de um monte de coisa, que, né, sei lá, cê percebe... e hoje em dia também cê vê que tem muito mais gente que é solta, que deixa cê por sem camisinha, que se você não fala: "oh, meu, e a camisinha?", né? Fica meio que o dito pelo não dito, então hoje em dia a gente vê que o pessoal deu uma relaxada mesmo, né?

E naquela época também quem tinha... a gente não conhecia muito essa questão da sobreposição de vírus, então quem tinha achava que se foda, não entendia que se ele se recontaminasse seria pior, né? Então tinha gente que maldosamente dizia: "bom, se eu já peguei, então foda-se, se eu posso morrer, todo mundo pode". Hoje também tem, né? É, tem essa adrenalina... Mas tem o PrEP hoje, tem a pós-exposição, tem medicação, naquela época era diferente mesmo, era uma coisa que bem diferente.

Mas com o Luis, a gente tinha esperança que ele vivesse porque ele melhorou, ele teve essa primeira pneumonia, melhorou bem, a gente fez tratamento natureba, foi em centro espírita, fez de tudo! E ele melhorou bem, voltou a trabalhar, voltou a dançar, então a gente achou que ele seria um dos casos que iam superar, porque há casos... esse meu primeiro namorado que eu citei, o Marco, ele tem há mais de 30 anos que tem aids e tá vivo, lindo, leve e solto. Tive outro namorado também que também tá vivo, sei lá, há trinta anos, então teve alguns casos que sobreviveram, né? Mas a maioria realmente ficou, né, pelo caminho...

* * *

Minha história com o Gera aconteceu em 1984, provavelmente, mas para ser melhor entendida é preciso iniciar alguns anos antes. Em 1978 eu prestava vestibular no Instituto Técnico da Aeronáutica (ITA) e amigos, também recém-egressos do Colegial, segundo grau de então, estavam estudando medicina em Taubaté. O exame era realizado em três dias, salvo engano, e, como o ITA fica em São José dos Campos, me pareceu mais fácil hospedar-me com os amigos de Taubaté que voltar para São Paulo a cada dia de exame. Assim fiz.

Chegando na casa "república" do meu querido amigo Celso, logo conheci o Marcelo. Menino, eu diria hoje, mas na ocasião me pareceu um "gato". Fiquei surpreso quando o conheci. Olhar doce, risada solta e tão boa de ouvir, andar desengonçado, boca linda. Meu amigo Celso não se dizia homossexual. Tampouco achei que Marcelo o fosse e me mantive comportadíssimo. Rolou uma conversa solta e interessante, saímos pra curtir a noite em uma cidade próxima e voltamos mais ou menos cedo, especialmente porque eu teria que viajar até São José para o segundo dia de exames, logo pela manhã. Lembro claramente que estava sentado numa poltrona da sala quando o Marcelo me abraçou por trás, cruzando os braços sobre meu peito, encaixou a cabeça sobre meus ombros e, num movimento inesperado, me pegou pela mão e me levou até seu quarto. Nos amamos e acolhemos docemente.

No dia seguinte, corri para o exame mas dormi durante a prova. Lembro de forma confusa o examinador em pé, ao meu lado, com intenção de me acordar. Em vão. Não entrei no ITA, felizmente. Ao voltar para Taubaté, para minha surpresa, eu havia me tornado a bicha predadora que vinha da capital para desvirtuar os jovens incautos. Estava famoso na cidade. Algumas pessoas, assim imagino, acharam que o Marcelo era um rapaz heterossexual e ingênuo que fora seduzido. Outras devem ter tido inveja. E outras, que sabiam que o Marcelo era gay, acharam que eu o havia induzido a trair seu namorado, cuja existência, aliás, eu desconhecia completamente.

De volta a São Paulo, eu procurei Paulo: o tal namorado. Sou desses que aprecio o alívio de ter mal-entendidos sobre a mesa. Ele fazia residência no Hospital Emílio Ribas e era um jovem sério, muito bonito e adorável. Tomamos um café na lanchonete em frente ao hospital e eu lhe expliquei que havia feito amor com seu namorado, quando não sabia do relacionamento de ambos. Também disse que sentia um doce bem-querer por Marcelo, mas que desejava que eles fossem felizes juntos. Paulo era um jovem muito amável – que a aids levaria alguns anos depois – e estabelecemos uma relação amistosa e de admiração mútua. O romance deles durou mais um pouco e eu acabei transando com o Paulo e novamente com Marcelo. Contextos diferentes: com Paulo era por "esporte" e com Marcelo por amor.

Alguns anos depois, em 1982/1983, a aids tomou conta dos noticiários de todo o mundo. Uma das primeiras vítimas brasileiras foi um rapaz que namorava um amigo do Paulo e que, inclusive, morava com ele num apartamento na Rua Barata Ribeiro, em São Paulo. Essa proximidade precoce com a questão da aids me levou a tomar precauções logo no início da epidemia. Devo a isso, penso, minha vida.

O Geraldo, o Gera, foi namorado de Paulo e logo se soube que ambos estavam contaminados. Convivi pouco com Gera, mas ele foi uma das pessoas mais doces que conheci. Inteligente, divertido, gentil e adorava cinema. Só qualidades. Eu sentia um amor enorme por ele, mas diferente do que senti por Marcelo. Com este, eu namoraria, faria planos, teria filhos, etc. Com Gera, era um amor de longe. Bastava desejar que ele estivesse bem, que superasse a doença. De fato, me sentia um pouco constrangido em me aproximar de Gera. Um pouco porque poderia parecer, de novo, que eu estava dando em cima de um namorado de Paulo. E um pouco porque a doença trazia um constrangimento tácito. Ela estava sempre ali, exposta e eloquente em meio às relações.

Quando ele foi internado, resolvi visitá-lo. A aids se alastrava rapidamente e o Hospital Emílio Ribas não dava mais conta. Havia um hospital que recebia pacientes de aids na Rua Antônio Carlos, próximo à Rua Peixoto Gomide. Fui até lá. Não foi uma decisão fácil. Era constrangedor, para o visitante e para o paciente, esse contato. Desde o início, a aids era algo a se esconder. Trago muitos sentimentos misturados dessa situação. Hoje sei que teria uma história pessoal com a aids, que ela mataria meu marido – que então nem havia conhecido – e que eu desenvolveria uma ação política de prevenção e combate a AIDS durante os anos que se seguiriam. Mas eu já sentia que esse era um assunto que, de algum modo, me dizia respeito.

Meus planos eram modestos. Comprei um livro sobre o Glauber Rocha e pretendia deixá-lo na recepção. Eu apenas queria que ele soubesse que, de algum modo, eu estava por perto, solidário. Eu queria dar algum corpo ao amor que sentia e fazê-lo entender que eu me importava e torcia muito por ele. Dei o azar/sorte de chegar justamente no reduzido horário de visitação e a moça da recepção me disse: pode subir. Gelei. Antes de subir para visitação, era preciso vestir um avental, touca e máscara para proteção dos pacientes. Subi para o andar e caminhei por um corredor em que todas as portas dos quartos ficavam abertas. Não sei por quê. Quando cheguei ao quarto do Gera, me apoiei no batente da porta, abaixei a máscara e sorri para ele. Não era permitido, nesses primeiros tempos em que pouco se sabia da doença, entrar nos quartos.

- Trouxe um livro do Glauber para você: eu disse. Mas é preciso primeiro passar pela enfermagem para desinfecção. Aí eles te entregam.

A reação dele ainda me faz chorar, mesmo depois de tanto tempo. Ele abriu um sorriso e disse:

- Entra. E entrega você mesmo. Não é preciso desinfetar o livro. Ainda mais do Glauber -, brincou.

Entendi que o maior presente para nós era podermos nos tocar, estarmos vivos um para o outro. Sem medo, sem futuro, porque o presente era valioso demais. Eu não tinha medo algum da doença, nunca tive. Mas pensava em não expô-lo. Ele, no entanto, já havia superado o medo de morrer. Queria a vida inteira, mesmo que breve. Eu entrei, o abracei longamente e o amei como a vida: rápida e intensamente. Gera morreu alguns dias depois.

Fui percebendo que a aids trazia o melhor e o pior de cada um. Vi coisas feias e lindas. Muitas pessoas conheceram o abandono, mas o apoio de onde não esperavam. Muitas descobriram o valor de viver, na iminência da morte. E, afinal, entendi por que vivia e concluí que jamais me perdoaria se tivesse vivido apenas para mim.

* * *

Ah, de aids, eu acho que é isso, foi uma coisa que marcou muito a vida de todo mundo, acho, todo gay, porque no começo era uma doença gay, né?

A camisinha existia antes da aids, mas ela era de péssima qualidade, eu acho que a aids ajudou muito a desenvolver esse látex mais fino, mais resistente, porque era usada antes mais basicamente por casais hétero que não queriam ter filho, né? Aquilo era quase uma dedeira, uma coisa horrorosa assim... eu não cheguei nem a usar essa merda, mas eu lembro que minha mãe tinha na gaveta lá, quando meu pai era vivo ainda, eu lembro como era, era uma coisa bem grosseirona assim, depois que foi desenvolvendo.

Também no começo teve uma discussão se o governo deveria ou não distribuir, seringa também, se deve ou não distribuir, porque tinha, assim, uma coisa moralista, né... Mas aí depois fizeram a conta e descobriram que era muito mais barato dar camisinha do que cuidar do paciente, né? Então hoje em dia é uma coisa mais livre, mas na época do Lambda, não era. A gente recebia do exterior doações... caixas! Engradados de camisinhas! E a gente levava, distribuía. Eu atendia uma menina que era prostituta e eu levava a caixa fechada pra ela. E ela dizia que os clientes pagavam mais pra transar sem camisinha...

É que hoje o pessoal ainda tem alguma esperança a mais de sobreviver, como se viver desse jeito fosse bom, né, tomando remédio. Mas teve muitos outros grupos naquela época que se formou. O GIV se formou, era um grupo só de soropositivos, eu namorei com um menino que participava do GIV... o Pela Vida, se formou também a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA)... não era ABIA, ai, mas teve vários, como o GAPA... o GAPA foi um dos mais famosos no começo da epidemia, né? Então teve muita gente que se mobilizou, hoje em dia já não é uma coisa tão gay, não tá tão associado... ainda tá, né? É associada aos gays, mas não é por ignorância agora, agora é de propósito, né, é declarado.

Apesar de participar do Lambda, naquela época, eu era meio avesso à política, sabe? Eu não tinha muito interesse em política, mas o Marco, esse menino que eu namorei, ele participou do SOMOS, e aí ele me falava algumas coisas, que tinham algumas reuniões e que aí tinha gente que queria tirar foto e eles brigavam pra não tirar foto porque tinha muita gente enrustida, né? Então tinham algumas discussões e era uma coisa bem política e isso nunca me interessou muito, sabe? Tanto que a minha atuação era assistencialista, o LAMBDA era um grupo que atendia assistencialisticamente. Hoje em dia que eu tenho uma militância mais política do que naquela época.

Mas do SOMOS, eu sei pouco ou quase nada, eu sei que era um grupo com vista a exigir do Poder Público o reconhecimento dos direitos gays, equidade dos direitos gays, mas que também era um grupo um pouco de acolhida, né? Porque era um grupo que as pessoas iam meio que pra encontrar seus iguais, né, porque hoje em dia, cê liga a televisão e tem gays, naquela época, não, ser gay era mesmo uma coisa proscrita, todo mundo sabia que existia, mas que ninguém queria ver e os gays também não queriam ser vistos, tudo era muito mais gueto, tudo era muito mais escondidinho e tal. Então certamente o SOMOS foi um lugar que essas pessoas puderam se socializar, é claro...

A rua não era como era hoje. Na rua, tinha os bares, como tinha aqui no Largo do Arouche também, bares com cadeira na calçada e tal, mas as pessoas não ficavam se pegando. Elas ficavam tomando suas cervejas, mas não ficavam de mãos dadas, não ficava dando beijos, nada disso... você passava, era um grupo de gente sentada e como se fosse... como se não fossem gays, entendeu? Não tinha essa coisa que nem hoje que você vai num bar, abraça, beija, pega na mão... em qualquer lugar! Lá você tinha lugares cuja frequência era gay, então cê sabia que, se você fosse, você ia encontrar outros gays, mas você não ia dar beijinho, você não ia ficar de mãos dadas, entendeu? A menos que fosse a portas fechadas... então o Xereta, por exemplo, como eu falei, que era um bar que as pessoas super iam se pegar, quer dizer, se pegar não, se

conhecer! Se encontrar, mas não de... cê passava, era um monte de gente em volta de um bar tomando cerveja, você sabia que era tudo viado, mas não tavam se pegando. Conversava e aí se rolasse, a gente saía e ia pra um lugar fechado pra transar ou fazer sei lá o quê, que não era o bar, que não era o bar.

Tinha alguns lugares que até de repente rolava no banheiro, mas não era como se fosse uma coisa assim permitida, sabe? Vá lá banheiro... mas era quase que permitida, porque todo mundo sabia que rolava, entendeu? Mas não tinha, a função não era essa. Tinha um bar que chamava Big Burger, Big Burger acho que chamava, na Consolação e que era um lugar que quase só tinha gay, que as pessoas se olhavam, se paqueravam e iam no banheiro e não é que eles trepavam, tiravam a roupa, mas iam fazer pegação no banheiro e depois saíam, porque trepar mesmo não era lá, era em outro lugar. Beijar sim! Todo lugar fechado, seja boate ou barzinho fechado. Tinham uns barzinhos muito legais, fechados, sobretudo barzinho de lésbica, que tinha som ao vivo, cantoria, correio elegante, não tinha problema nenhum! Tinha um bar ótimo que era em Santo Amaro. Fechou a porta, lugar de porta fechada, sim, beijo, abraço, conversa, toque, problema nenhum. Agora, pra trepar mesmo, tinha que ser no *dark room* ou fora, em outro lugar. Sei lá, na casa de um, de outro, enfim... como hoje, né?

* * *

Depois que eu conheci o Marcos, que eu assumi que eu era gay, eu falava gay. A palavra gay já existia, era a palavra preferida, mas eu falava muito viado, como eu falo até hoje, porque eu gosto um pouco de chocar assim, né? Porque eu não acho que tem que ser uma coisa asséptica, né? Então eu falava: “ah, eu sou viado sou bicha...”, mas gay acho que é a palavra mais legal, mais okay assim pra se usar.

Naquela época, não tinham todo esses termos assim que nem hoje. Mas assim, tinha uma divisão, porque... eu acho que tinha uma... era tudo muito mais misturado porque era todo mundo muito mais solidário no sentido de que as pessoas entendiam a sua dificuldade representada no outro, sabe assim? Não a dificuldade de ser, mas a dificuldade que enfrentava o gay era muito parecida com a dificuldade da lésbica, da travesti, então era tudo assim... essas distâncias não eram tão grandes como hoje, porque ninguém tava preocupado com identidade na realidade.

Então, por exemplo, os bares de lésbicas... eu acho muito engraçado hoje em dia quando eu vou conversar com uma lésbica e ela me responde seca, porque eu tive tantas amigas lésbicas

e tão legais e que eu amava tanto e que me amavam tanto que elas eram pra mim exatamente o que era um gay pra mim em termos de... era tudo primo! Tudo patrício como dizia meu avô antigamente: “é tudo patrício!”. Então, hoje em dia, eu sinto que eu tô conversando com uma lésbica e ela me responde como se ela tivesse num lugar diferente do meu, é engraçado... como se sei lá, meio que me acusando de machista, branco... enfim, toda essa complexificação que houve. Mas na época, talvez por ter menos visibilidade, sei lá, era tudo muito mais misturado, mas era diferente... tinha a lésbica, a bicha e tinha a travesti, mas quando tinha uma bicha afeminada, era uma bicha louca, a gente mesmo chamava de bicha louca, ela não era assim tão proscrita como hoje, eu acho que era muito mais próximo... assim, você era bicha, você podia ser uma bicha bofe, mais bofe, que a gente chamava de entendido, e você podia ser uma bicha mais doida, escrachada, afetada, mas eu não sinto... não que não houvesse, havia sim um certo demérito, digamos, mas era uma coisa muito mais próxima do que é hoje, hoje eu sinto que tem um demérito enorme na bicha afetada, na bicha não sei quê... e na época, não, a identificação era maior, não tinha uma bicha que dizia assim: “não, eu vou ser bofe porque eu sou menos bicha”, não! Era bicha. E a travesti era, também não era bem uma coisa diferente, eu acho... sim, tinha uma diferença, ninguém confundiria uma travesti com um entendido, mas tinha o entendido ou o viadão, a bicha afetada e a travesti, era meio que várias versões sobre o mesmo tema, uma coisa assim, né?

Agora, eu namorei uma travesti... não, na verdade não namorei, eu queria namorar, mas acabou não rolando. E ela falou pra mim: “Bira, eu sou tão bicha quanto você, você é tão viado quanto eu”. Quer dizer, eu concordo com você, tudo bem que cê tem peito e tem uma puta bundona e tal, mas eu posso ir pra cama e dar pra você, fazer o que eu quiser com você, você pode fazer o que cê quiser comigo e a gente vai continuar a mesma coisa, você é uma pessoa e eu sou outra pessoa e o que interessa é se a gente está a fim de transar, se a gente tá a fim de namorar... é disso que importa! Era uma coisa muito mais pessoalizada eu acho.

Mas é lógico que as travestis e as afeminadas sofriam mais! Elas foram... na época do Richetti, foi terrível o que fizeram com elas, né? Eu lembro, mas eu não sofri a violência diretamente, mas eu sabia que ela existia e que ela estava acontecendo, o Luis, que eu te mostrei lá do quadro, ele foi preso numa dessas arrastões aí do Richetti, então os viados também sofriam isso, não só as travestis, mas muito mais as travestis, porque ele levava, dava porrada mesmo, porque ele tava completamente empoderado pela ditadura e o Jânio Quadros dizia: “tem que limpar isso aqui”, então era uma questão de higienização mesmo, de higiene pública. Então,

quem tava na rua, por exemplo, se eu tava na rua, mesmo entendidinho, mas se eu tava no meio das travestis, se passasse, me levava também.

Elas diziam que sofriam muito assim, eram torturadas, tomavam banho de água fria, raspavam a cabeça, tinham umas coisas bem *tras*h assim, tanto que o SOMOS foi... acabou sendo um efeito de uma resistência a respeito desse cara, que era o Richetti. Mas eu, pessoalmente, não sofri não. Mas também não era muito de ficar na rua, sabe? Eu ia numa boate e tal, ia, entrava... e aí também, o Richetti foi no fim de 70, começo de 80 e acho que eu comecei a sair mais mesmo na época da Corintho, que eu saía quase todo dia, e aí já era 83, 84, acho que já tinha meio que passado essa onda do Richetti, sabe?

Claro que existia uma ditadura, mas eu não tinha isso muito claro porque a minha família nunca foi muito politizada, né? Então a ditadura foi 64-68, 68 que foi o AI-5, eu tinha oito anos de idade, mas eu lembro na USP que a gente via que tinha gente infiltrada, a gente percebia que tinha uns caras à paisana observando, mas o que eu lembro bem da ditadura é o quê? É ter medo da polícia. Então mesmo como estudante, não por ser gay, ter medo da polícia era a tônica, todo mundo tinha que ter medo da polícia. Era universal, todo mundo tinha medo e por quê? Porque a polícia podia fazer o que ela quisesse, era isso, ela podia fazer o que ela quisesse. Ela podia te parar, ela podia te prender, ela podia te bater, ela podia te fazer o que ela quisesse com você, não tinha regra pra ela, ela tinha todo o poder. Eles podiam fazer o que eles quisessem e ninguém podia fazer nada, ninguém pensava assim: "tenho direitos, eu tenho... onde estão os meus direitos?", não! Quem tem direito é a polícia e de fazer o que ela quiser. Então você que tome cuidado de não fazer nada que eles não gostem, né?

Era isso, eles tinham todo um poder de vida e morte sob todo mundo, então isso eu lembro bem. Hoje eu não tenho mais medo da polícia, mas, dependendo da situação, eu sei que eles são capazes de implantar maconha na minha bolsa, eu sei do que eles são capazes, né? Mas naquela época, era uma coisa meio acintosa, porque eu era jovem, estudante, então tinha aquela coisa do "subversivo", né? Então a pecha de "subversivo", ela pairava sob a cabeça de todo mundo... jovem, estudante e da USP, né? Então tinha toda aquela coisa, eu tinha mais medo da polícia enquanto estudante da USP do que como gay. Porque como eu te falei, eu não era de ficar na rua, eu vou num lugar, entro, lá dentro, tô lá dentro, saio e vou pra casa. Não era muito de ficar pela rua... aí é diferente, né. Quer dizer, na década de 70 sim, quando eu comecei sim, mas depois quando eu me assumi, já na década de 80 e tal, aí eu não tinha muito interesse em ficar na rua, eu ia onde eu queria, na boate e dançar e ia embora.

* * *

Eu lembro de ver poucos negros no gueto. Mas também nunca prestei muita atenção, pra ser bem sincero, assim: “oh, um negro, oh, um branco”. Eu não lembro muito pra te ser sincero... É que o racismo tinha uma liberalidade muito maior. O que hoje nos choca, o que hoje a gente não admite, era muito admissível, digamos, quando eu era criança, por exemplo, não era raro uma família branca ter uma empregada negra que comia no quintal, entendeu? Isso não era incomum, não era uma coisa... uma aberração como hoje, imagina hoje, cê ter uma empregada negra e dizer: “se você quer comer, vai comer lá fora”. Bom, eu jamais diria isso nem quando eu era criança, mas era uma coisa que era meio que palatável isso, sabe? Era uma coisa que... se falava muito assim: “ah, vou ver se eu trago uma moça do Nordeste pra me ajudar aqui em casa”, sabe? Tinha uma coisa dessa assim, não só negra, mas pobre, né, uma coisa pobre... eu lembro que a gente teve uma empregada que ela veio do Nordeste e minha mãe criou ela como filha e foi no casamento dela, batizou os filhos dela, virava uma coisa da família, mas era um anexo da família que não se perdia a noção... sí, pero no mucho! Exatamente. Mas tinha essa... tinha uma liberalidade muito maior com os negros, era muito mais acintoso, hoje seria acintoso de ver o que se fazia.

Minha família era classe média, média pra baixo assim. Média pra baixo... a gente tinha uma casa própria, mas não tinha grana sobrando não, minha irmã começou a trabalhar cedo, eu comecei a trabalhar cedo... Meu pai era oficial de justiça e minha mãe trabalhava em casa, ela era do lar. Mas o que eu lembro é que não faltava nada pra gente, mas a gente só estudava em escola pública, aliás, escola pública era a melhor, né? A saúde, se precisasse de saúde, era hospital público, então acho que precisava de menos dinheiro pra viver naquela época, entende?

Quem estudava em colégio particular a gente dizia que era burro! Era quem não conseguia passar na escola pública, e eu, graças a Deus, sempre fui bom aluno, sempre estudei em escola pública. E também se tinha algum problema, ia em hospital público, então eu nunca... a família conseguia viver com menos dinheiro, né? Mas era assim, era comida simples, não tinha luxo, não tinha as férias, não tinha isso de viajar, a gente nunca viajava, não tinha grana pra viajar, não tinha luxo nenhum, nada, mas o básico a gente sempre tinha, né? Era uma família remediada, nunca teve muito, mas também nunca faltou nada. Eu lembro muito que eu estudava com um caderno doado, porque a gente tinha isso, né? Uma classe passava os cadernos pra classe seguinte, então o mesmo caderno era usado várias vezes, então era simples, era uma coisa simples, mas nada de miséria não, de fome... Cê quer pedir uma pizza?

LÓRIS

Não podia, você não podia... não era por você ser ou não ser homossexual, mas pelo motivo do que você tava fazendo na rua. Por exemplo, existia uma lei chamado "vadiagem", pode gravar isso aí, hein, isso aí é importante pra você. Então, ele não aceitava, porque tinha gente que ia na rua era vagabundo, naquela época tinha emprego, agora não tem, agora eles maneiraram porque sabe que não tem emprego, então mais emprego, mas muita gente gostava mais é de... ficar fazendo trottoir. Os homossexual daquela época não é o que tem agora, agora tem homem que faz programa, entendeu? Antigamente, não tinha isso. Tinha um respeito muito grande, por exemplo, um pro outro e hoje não... nossa senhora! Hoje existe muita gente que, sabe, a maioria dos travesti, eles são pra roubar. Não é só por ser homossexual, mas pra roubar. Cê não mora na cidade? Cê não vê? Ali no Arouche, meu Deus do céu!.

Antigamente não era assim. Era lugares bom, de gente que tinha dinheiro, a maioria dos travestis sempre trabalhou em salão famoso, elas faziam peças de teatro famoso, entendeu? E... shows famosos! Naquela época, né, agora... Em... na época que a Isis nasceu, antes dos anos 80. Antes ainda. Os travestis no Brasil eram tão famosos e tão bonitas que elas iam pra França, como... ela não era daqui, mas era famosa, a Rogéria, daqui tinha a Thelma Lipp, a Cristina, a Teresa, mas o nome dela de travesti chamava Nataly, que foi uma das travestis mais bonito de São Paulo... você nunca falava, se era operada... A Marcela...Nossa senhora! Tanta gente, mas tanta gente! A Biá. Magina! Eu conheci a Biá antes dela ser viado. Depois que ela virou bichona, magina.

Ah! Eu to sempre com a Biá, eu tô sempre junto com ela, de vez em quando eu falo: "viado, cê não cria vergonha na cara, bicha?". Mas eu gosto dele. A Manon... cê já ouviu falar, né? São famosas... E existia, aí depois apareceu o Richetti naquela época, aí começou a por ordem no galinheiro, que era muito coisa. Aí teve um lugar que não é da sua época não, acho que você nem tinha nascido também, chamado Galeria Metrópole na Praça Dom José Gaspar, você já ouviu falar de lá? Nossa, aquilo ali era um luxo. E cê terminava os shows, você tinha uns lugares aonde que só reunia gente que tinha dinheiro, um lugar na Nestor Pestana chamado Eduardo's. Cê nunca nem ouviu falar, né? Mas lá só ia quem tinha dinheiro, meu bem.

Eu sempre fui nos lugares bons, eu nunca fui em lugar ruim, aí depois tinham as boates, as boates famosas, com shows maravilhoso! Muita artista da televisão e também artista normal. E muita gente fez nome nesses lugares, enfim. Aí surgiu em São Paulo, um show de travesti

que transformou São Paulo, chamado... como chamava? Peraí que eu lembro. Peraí, que eu lembro, tem hora que falta minha memória...

Les Girls!! Nossa! Aquilo, o teatro ficava assim ó! Nem artista famoso fez sucesso como aquelas bichas fez. Ali tinha Rogéria, né? A Biá também trabalhou, Manon, a... Jane de Castro. Cê não conhece? Mais pela televisão, a Jane Castro. Vish! Tantas. Aí depois veio um homem, maior bailarino, tanto na França, como São Paulo, ele chamava... o show chamava Dzi Croquettes, do Lenni Dale Nossa Senhora! Aquilo ficava assim, ó, parecia formigueiro. Ele fazia show mais no teatro da Brigadeiro. Um teatro grande, era coisa assim... nossa, dançava, puta que pariu. Eu acho que o Ney Matogrosso baseou muito nele. Ele se transformava, cê tem que ver que coisa mais linda que era aquele cara.

E aí teve um secretário da segurança pública, o homem era o cãão, meu filho! Nossa Senhora! Erasmo Dias. Esse homem pôs ordem no galinheiro, né? E depois passou, aí hoje São Paulo tá aí, ó, uma coisa terrível, o mundo gay, um matando o outro, que tá demais, né, meu filho? O mundo gay, um matando o outro, muita droga, muito traficante, muito ladrão na cidade, entendeu? Os lugares maravilhoso que a gente poderia ir, tanto no teatro, como num cinema, essas coisas hoje não tem mais. Isso aqui já... nossa! São Paulo já foi São Paulo, viu? Você não, você é criança. É muito criança ainda. Cê nem tinha nascido. Você é um rapaz bonito. Você é uma pessoa inteligente, a única coisa que eu acho, cê vê ali no, na Vieira, tem o lado dos que dizem que são rica, né? Caneca... ali diz que são rico. Mas é uma coisa de viado, um olhando pro outro, velho, derrubado já na vida. Tô errado?

Eu falo na cara deles! Eu conheço tantos, eu falo: “gente, que que cês tem na vida? Que que cês pensa?”. Mas cada um é cada um. Eu acho que cada um... ali tem o Vermont, aquele mundo de mulher, uma beijando a outra no meio da rua, aquelas brigas, aquelas coisa, eu acho aquilo horrível. E tem um pouco mais pra frente o lugar onde tem mais é... os meninos de programa, né? Os michê... Tem os meninos de programa. Ah... corre droga!

Na época do Richetti, não tinha nada! Ai, foi muita droga na época também, mas eles tiraram. Nossa, ele acabou com tudo isso. Você não via vagabundo na rua, você não via gente, é... como que fala? Você não via gente assaltando os outros de jeito nenhum, menino. Nossa Senhora! Ele era brabo! Cê já ouviu falar dele, né? Eu trabalhei com ele. Dezesseis anos. Ele fechava ali ó: Praça da República, Sete de Abril, Barão de Itap... tudo fechado! Aí ia o caminhão e vai jogando gente dentro. Tudo vagabundo. Eu acho que ele foi um grande homem. Eu acho, entendeu? E teve muita gente que morreu, aí a AIDS também acabou, né? Hoje tem muitas delas principalmente, Akiko, já ouviu falar? Akiko, a Yoko, eram tudo japonesas, são

verdadeiras mulher! Era mulher, entendeu? Era travesti, mas hoje elas vivem na Espanha, em Paris, são casadas e tal. E aqui teve também muito famosas, Thelma Lipp. A Thelma Lipp se envolveu com um cara, né, de prisão, era traficante, botava muita droga, ela passou a usar droga, enfim... mas teve muitas famosas, Eloína! Eloína, eu tenho muita amizade com ela. Com todas elas eu tenho, porque eu trabalhava, né? Eu trabalhava na rua... Ai, tem a Marcela, a Marcela cê não conhece, né? Tem a famosa também... são tudo operada. Cê já ouviu falar dela... ai, eu esqueço o nome dessa putaiada toda!

Então, depois tinha o luxo e o lixo. O luxo era Vila Buarque, onde tinham as mulheres, as boates, entendeu? Teve boate famosíssima, nossa senhora! As mulher trocavam de roupa quatro, cinco vezes na noite, numa noite só. Mas só atendia empresário, nossa! Gente que a gente não pode nem falar o nome, se não vai preso. Aí depois tinha a Santa Efigênia, que era o baixo meretriz, as mulher fazia trottoir na rua, eram presas, enfim... esse é a vida que São Paulo teve.

Eu... eu trabalhava, eu ia pra minha casa, cuidar da minha família, nunca tive problema com ninguém e até hoje, muita gente me conhece e fala: "Seu Lorival, o senhor é uma pessoa maravilhosa, o senhor nunca arrumou confusão". Eu nunca arrumei confusão, só falava: "entra no carro aí, pronto, acabou, vai presa, chega lá, não responde pro delegado, hein?". Aí eles punham eles pra lavar banheiro, punha pra... como que fala? É, punha pra varrer, é castigo. Chá de banco. E muitas deles, isso daí foi muito triste, se cortava... nossa, cada uma. Tinha muita gente que se deformou se cortando.

Não sei se teve gente que morreu, porque a gente não ficava sabendo, né? Mas era, e na repressão daquela época, na repressão não tinha isso, depois é que veio. Aí foi quando quem tomou posse... o Temer também não foi bom não, viu? Não, ele era meio estranho com o pessoal que fazia a noite, mas o pior de todos eles foi o secretário de segurança pública chamado... ai, me ajuda. Ai. Peraí... eu já falei o nome dele, o Erasmo Dias. Você pode perguntar pra São Paulo inteirinho. Acho que cê já ouviu falar, né? Nossa Senhora! Nossa, aí depois entrou como governador Paulo Maluf, que foi um grande governador, mas eles mandavam a ROTA matar, e a ROTA matou muita gente...

Eu sou policial. Sou oficial da Polícia Militar. Então essas coisas, meu filho, que foi acontecendo, eu falo tanta coisa que eu falo: "meu Deus, que saudade do Doutor Richetti!". Queria ver se esses viados fariam o que eles fazem aqui na rua. Porque tem uns... meu querido, presta bem atenção: existe o homossexual e o homossexual viadinho. Homossexual é aquele que tem postura, ele se impõe. Agora tem uns viadinhos, uns menininhos da periferia, nossa, é

terrível, né? Cê vive ali no Largo do Arouche, eu tô mentindo? Nossa senhora! Mas tem cada um que tem vergonha, né, eu tô mentindo? Que isso.

Eu? Não, nunca fui. Eu gosto de ver o meio. Adoro ver o meio, eu acho o homossexual muito inteligente, que até tem um ditado muito certo: "viado burro nasce homem". Cê já ouviu falar isso? Cê já ouviu falar? Todo mundo fala. Vê lá no meio se o pessoal não fala isso! "Viado nasce homem, seu puto". Mas cada um, meu filho, tem a sua vida. Eu não reparo nem em mulher, nem em homem, cada um tem a sua vida, né. Tem muita gente, meu filho, que sempre achou que eu fosse homossexual, não sou não. Gosto, adoro! Ai, eu adoro conversar com ele, porque eu acho que, eu acho que é aquela história que eu acabei de falar: "bicha burra nasce homem". Eu acho. É um ditado. Mas eu acho que tudo nesse mundo feito com respeito é bonito. E é tão bonito amar. Ai! Como é gostoso amar! Entendeu? E a gente é assim e eu gosto, gosto muito dos meninos, eu tenho muita amizade, fervo com eles! Ah! Nossa senhora! Faço a maior putaria. Mas não, se eu fosse, eu falaria. Você já viu que eu sou aberto, né? Ah! Mas tá doido.

* * *

Eu nasci em Goiás, vim pra Ribeirão Preto quando eu tinha três meses. Eu estudei em Ribeirão. Conhece Ribeirão? Cê viu que cidade, menino? Linda, né. Eu morei lá, eu nem lembro mais. Estudei lá, depois eu fui pra Viradouro. Depois, primeiro eu fui pra Sertãozinho, que é uma cidade perto de Ribeirão Preto, depois fui pra Viradouro. E fui criado mais em Viradouro, né? Eu fui pra Ribeirão, mas pra estudar. Depois vim pra São Paulo e tô aqui nessa cidade linda, maravilhosa, mas infelizmente, mal governada.

Ai, foi lindo! São Paulo foi maravilhoso, meu filho, nossa senhora. Pra mim, aqui teve dois homens maravilhosos que foi governador de São Paulo, Paulo Maluf, o... Prestes Maia, deixou coisa aí! E o Franco Montoro. Esses foi, esses eu tiro chapéu pra qualquer um dele, tanto pro povo, como pro... mas o rei de São Paulo, melhor governador que São Paulo também teve foi Ademar de Barros, nossa! Aquele homem... não só ele, como a mulher dele. A mulher dele foi a primeira dama, nossa senhora! Mas depois veio a Dona Lucy Montoro, né, uma mulher maravilhosa. Eu conheci elas demais! Ela era magrinha, linda. Eu tinha muita amizade com o Ademarzinho, o filho dele que morreu agora há pouco tempo. É, eu conheci tanta gente, meu filho!

Eu morei na São João, eu morei na Timbiras, eu morei ali na na Barra Funda, mas na parte de cima, quase perto da... ali onde que, da General Olímpio da Silveira. Praça Marechal,

na rua de perto. Mas isso aqui foi, foi maravilhoso, nossa senhora! Eu morei muito tempo também no Ipiranga.

Ai, menino, faz tanto tempo! Olha só que eu conheço São Paulo, eu vou fazer setenta e nove anos agora, eu... ai, mil novecentos e sessenta e quatro, por aí. 64, por aí, 64, 65. Mas eu fui conhecer os homossexuais depois. Se ouvia, mas cada um... eu acho que cada pessoal que cria sua vida que tem vontade. Eu não discrimino ninguém, Deus me livre, credo! Acho que discriminação... eu tava até hoje falando, vendo a televisão, eu vejo o branco, a pessoa branca, ela... o negro. Que pra mim não existe essa palavra preto. Pra mim, eu acho que a gente tem que ter respeito, é a mesma coisa que você chegar e falar assim: "ai, eu vou no banheiro cagar". Mentira! Não pode falar isso. Ai, eu vou ao banheiro. Se quiser falar o que foi fazer, fala fui fazer xixi, tem tantas coisas, maneiras de falar, que não ofende o ouvido de ninguém. Não é verdade? Ai eu tava com dor de barriga, né? Ai, eu fui obrar. Não tem muito jeito de falar? A vida é assim. E vai correndo a vida. E que a vida a gente faz ela da maneira que a gente quer.

* * *

Se era frequentado? Todo mundo, cê ia num cinema, cê se vestia, cê se arrumava, viu. Cê se impunha. Era a vida, né? Os restaurantes, você não ia mal arrumado de jeito nenhum, que São Paulo sempre teve uma vida, né, é uma metrópole isso aqui. É uma cidade, Deus me livre! Então, a gente que é policial, principalmente eu que fui do Corpo de Bombeiro, entendeu? Eu sempre, a gente sempre é destacado pra trabalhar nesses shows, nessas coisas da sociedade, por exemplo, o carnaval, que é a pior porcaria que existe. Hoje não! Tá doido, pior carnaval que existia no Brasil era São Paulo. Porque paulista não tem aquela vivacidade que o carioca tem, né, que o baiano tem, não tem. É besteira. Norte e Nordeste sabem fazer, sabem brincar, mas hoje não. Hoje é diferente, hoje o carnaval de São Paulo é elitizado, só vai ver quem tem dinheiro, se você quiser ver o carnaval, você tem que ver pela televisão, pessoalmente é muito caro. Enfim, tinham os bailes famosos em São Paulo naquela época, era do Corinthians, do Palmeiras, entendeu? Ah, Theatro Municipal. Mas aí era dos milionários. E São Paulo sempre teve uma vida assim, agora o que eu achava muito bacana de São Paulo é que não existia separação de classe, bastava cê ter dinheiro, São Paulo basta cê ter dinheiro, cê vai em qualquer lugar. Entendeu? E é uma cidade cara, né, bem. Aqui é. Hoje é mais cara. Mas isso daí é porque vai passando o tempo, as coisas vão aumentando de preço e tudo, né? Mas, olha, a vida em São Paulo hoje já não é mais como era.

São Paulo nunca foi amigo não. O paulista é muito individualista, mas ele tem razão de ser assim, porque é uma cidade em que ele tem tudo. Aqui cê não acha tudo? Se você quiser leite de onça, você vai achar. Cê concorda comigo? E tem tudo. Eu como já viajei muito, tanto no Brasil, como fora, América do Sul mais que eu fui, né? Mas, cê vê, uma das cidades mais gostosa depois de São Paulo - depois de São Paulo! - é uma cidade chamada Santiago do Chile. Nossa! Que maravilha que é aquilo lá, menino. Lugar bonito, gente muito... Agora lugar de elite é Argentina. A cultura, são mais culto que o brasileiro, nossa!

* * *

E... São Paulo, meu filho, ai, é outra coisa. Aqui foi São Paulo da garoa. Hoje não existe mais isso. O clima aqui mudou tudo. Aqui você saía, cê tinha que levar roupa. Casaco, guarda-chuva, tudo. Aqui foi uma cidade que fazia as quatro estação do ano em um dia. Esse é o São Paulo que eu conheci, né? Agora quem estragou muito São Paulo, uma época, foi o PT. Eu acho que a liberdade, as pessoas têm que ter, mas com pulso, com respeito, porque liberdade sem respeito... Cê mora aonde lá? Mas ali tá perigoso, né, bem. De dia, ainda dá pra andar, mas à noite é perigoso! Nossa senhora.

A Lilia, eu conheci a Lilia não era bosta nenhuma. Ela teve, agora não me lembro o nome... um, dois, três que foi ali na Amaral Gurgel, que fechou. Que foi, até trabalhei num, quando foi madrinha da boate dela a Eva Dutor, aquela atriz, mas eu acho aquela mulher muito trabalhadeira, a Lilia. Mentirosa. Eu acho ela mentirosa, que ela fala que é filha do Nelson Gonçalves. Mentira! Meu filho, tem um ditado, tá gravando? Então, isso eu não posso falar! Tem um ditado muito certo, meu filho, que é: "gosto é que nem cu, cada um com o seu". Cê nunca ouviu falar isso? Isso quem me falou, eu ouvi há muitos anos, foi uma senhora de setenta anos, uma mineira, ela falou: "por isso, não existe censura, as pessoas gostam, gostam, não gostam, não gostam, pronto acabou".

Eu conheci tudo essa gente, mas a Elisa Mascara, ela era gerente. Ela não era dona. Ê, mas ali! Ali era frequentado só por gente que tinha dinheiro, meu filho. A Monique Evans chegava montada num cavalo branco, ai meu Deus! Wilza Carla. Foi de elefante! Eu trabalhava. Dentro, fora, eu conhecia todo mundo. Eu era bombeiro nessa época. Nossa, você precisa ver, que lindo, era Noite da Broadway, elas inventavam, né? Porque viada pra inventar as coisas, não tem igual! Agora lindo, lindo, lindo era o baile que tinha no Teatro Brigadeiro. Cê já ouviu

falar? Era um luxo. Nossa. Cê só entrava fantasiado. Era um baile famoso, dos gays que eles falavam, que tinha no Rio de Janeiro e São Paulo não ficou atrás, né? Peraí! Tem que ter!

Meu trabalho era só ficar fazendo policiamento, ficar olhando pra ver se não tá fazendo coisa errada, né, só isso. Droga. Droga sempre tinha. Não era como agora, era menos. Nossa senhora! Por exemplo, cê arrumava um namorado, ele olhava pra você, você olhava pra ele, ele ia te esperar dois, três quarteirões bem longe. Onde não tinha ninguém perto. Você conhece o HC? Aquele ator da televisão. HC. Ele era menino de programa, nossa senhora. Conheci tantos. Mas, cada um cada um, né?

Eles não chamavam de travesti, era caricata. Vestia, ai, às vezes era uma palhaçada que elas se vestiam, entendeu? O homem quando era uma travesti bonita não era caricata, aí era travesti. Teve cada uma! Hoje não, hoje só tem bagaça. Você tem amizade com a Biá. Eu te apresento, ela é minha amiga. Mas, tenho muita amizade com ela, nossa senhora. Cê quer ver a Biá lá na Vieira? Cê vai no Bar do Neto. Um pequenininho. Ela é de lá. Você conhece o Padre que é bicha? Vou te apresentar. Padre Marcos. Gordão.

Meu filho, eu conheci Tarcísio Meira. Eu conheci o Procópio Ferreira, a filha dele, uma grande atriz, pra mim, a melhor que tem no Brasil. Fernanda Montenegro, não. Eu não acho. A gente vivia trabalhando no meio, né? Nossa, tanta gente, tanta gente. Agora, grande atriz que foi naquela época, nossa, que mulher que foi aquela, Cacilda Becker. Nossa senhora! Um grande ator também, teve vários, teve o Procópio Ferreira, esse era o que mandava, né? O Francisco Cuoco foi o homem mais lindo que teve na televisão; ele era bicha. Hoje tá mais ou menos, né? Já tá com quase noventa anos.

Mulher linda que teve na televisão foi Lolita Rodrigues. Nossa! Que mulher. Quer ver uma outra também? Natália Timberg. Ah! Não acredito! Pára. Ela fez uma novela esses tempo atrás, ela era caso da Fernanda Montenegro. Nossa, aquela mulher é um... nossa, eu acho. Uma outra maravilhosa foi Tonia Carreiro, maravilhosa, nossa, que mulher, bonita, chique, simples, maravilhosa. Depois vem Maria de la Costa, nossa, que mulher bonita, meu, eu conheci tudo essa gente, menino! Paulo Autran, mulheríssima, nossa. Agora, quem teve, quem foi muito famoso, peraí que eu quero falar. Sergio Cardoso! Nossa, que homem aquele. Tem um teatro, onde que teve uma grande atriz, ela era portuguesa, nasceu em Portugal? Não tem a escadaria ali no Bixiga, uma escadaria famosa, é um teatro ali do lado, ela tinha só uma filha. Ai, não lembro.

E, meu filho, tem Ferro's Bar! Nossa Senhora! Bethania, Simone... ah, como que ela chama? A Gal Costa! Nossa, ficava tudo lá, eu conheci tudo essa gente. A feijoada que tinha à noite era caro. Aquelas mulher, nossa senhora. Mas lá, cê olhava mesmo e falava que sapatão era homem! Ai era. Mas tudo impecável. Aí depois teve uns bares, tudo ali de artista, meu Deus! Eu queria conhecer todo mundo. Nicete Bruno! Nicete Bruno foi bailarina, não sei se você sabe, ela foi vedete. Ela teve um, ela era dona do Teatro Alumínio, que era na Praça da Bandeira. Credo! To velho, né? Ai, eu conheço tudo essas coisas velha!

Aí depois teve uns lugares da noite paulistana, que é o Som de Cristal. Nossa! Era de negro. Nossa, que espetáculo, ali na Bento Freitas. Não, não tinha nada de travesti, nem nada não. Tinha mulheres linda, entendeu? Aí depois teve os dancings, que era na Rio Branco, as mulher só ia lá pra dançar. E eu fui picotador, o primeiro emprego meu. É, meu filho, isso aqui já foi bom! Hoje é uma bosta, Deus me livre. Cê vai lá pro Jardins, tem um mundo de viado empetecado um em cima do outro. Antes não era assim, ê, por exemplo, se sua classe social fosse naquela época, cê era pobre. Mas você queria andar muito bem vestido, entendeu? Todo mundo tinha vaidade e tudo. Hoje você põe uma jaqueta boa, eles te roubam na esquina. Cê põe um tênis de marca. É mentira? Muda tudo.

* * *

Ai, cê vê o luxo. Esse da Major Sertório, não é Marjor Sertório não, ai, esqueci o nome, onde é o Teatro Cultura, que antigamente era TV Manchete. Nestor Pestana. Lá tinha uma churrascaria chamado Eduardo's. Ficava assim de gente só pra ver as pessoas entrarem. Menino! Cada mulher da sociedade, essas piranhudas, tudo ia lá. Agora, os travestis, só entrava travesti famoso. Mas essa foi a nossa São Paulo, bem. Não é essa São Paulo que você tá vendo agora não, aquele lixo. Existe um lixo pior do que esse Largo do Arouche?

Você vê, ali tem o Gato que Ri, que não era essa bosta que é agora. Nossa senhora. Aí mataram a mulher, né? Ai não, já foi bom, hoje não, no tempo da velha, que é a fundadora, né. Mas acho que foi o sobrinho, cara não tinha herdeiro... acho que quem mandou matar foi o sobrinho dela, ela só tinha esse sobrinho. Ali só restou o La Casserole, que é francês, ainda vai muito gente ali. Ali depois teve um outro muito famoso ali, nossa. Ai, não me lembro nome agora. Até o Antônio Ermírio de Moraes, tudo esses pessoal comia lá. Dinho's Place. Nossa, era um espetáculo, cê devia de ver. Aí depois tinha o Rubayat, é pra quem tem dinheiro! Nos Jardins.

O Gighetto era mais popular, era numa travessa da Augusta, na Avanhandava. E o Gighetto foi famosíssimo, agora é a Famiglia Mancini. Teve um outro lá também famosíssimo, nossa senhora. Fechou. Subindo a Augusta, também tem muitos restaurantes famosíssimos, só ia artista.

Meu filho, agora o bar mais famoso que tinha era na Rua Aurora quase chegando na Rua do Arouche, ali tinha um restaurante, era o fim da noite. Todos artista ia comer ali. Outro dia até ainda tava falando pra Biá: "nossa, Biá, cê viu que só tem merda por aqui, né?". Depois de muitos anos que aí veio o Boi na Brasa, hoje é bom, mas aí teve um, o Parreirinha, o Parreirinha era peixe, não tinha pra ninguém. Depois veio... tem até hoje. O, ai meu Deus, que faz comida italiana, ali no Centro. La Farina! Foi bom. Aí teve a Salada Paulista, você não era nem nascido, teve a Salada Paulista, era um espetáculo, você comia uma salada de batata com salsicha, mas era diferente, ou com uma calabresa. Nossa! Ficava assim, nossa! Era frequentado por gente grã-fina. Depois teve a Casa do Quibe, que também fechou.

Ali agora famoso mesmo foi o barzinho da esquina ali, foi feito até aquela música. O Brahma sempre teve ali. Caetano Veloso. Ronda. Era ali. O barzinho da esquina, tinha um caldo verde que, nossa senhora. Ih, bem! Isso aqui, viu, São Paulo já foi! Hoje tem hora que eu olho assim que eu fico até com dó.

Ih, meu filho, Teatro Natal! Parece que eu to vendo como se fosse hoje a Ângela Maria, o Cauby. Gente muito famosa da televisão, mas do Rio de Janeiro, Colé. Já ouviu falar, né? Cauby é... pra mim, Cauby, Agnaldo Rayol, Ângela Maria. Ah, você nem era nascido! Dalva de Oliveira! Nossa, teve tanta gente bonita que foi embora. Mas a pior de todas, a mais barraqueira que tinha, chamava-se Wilza Carla. Nossa senhora! Eu não gostava dela não. Eu acho que um filho que bate numa mãe... Ela era muito ruim pra mãe dela. Ela morava num favela, era a casa mais bonita que tinha ali no Rio de Janeiro e... ela era muito brigona, ela fazia as roupas de carnaval, só ela que queria ganhar. E nossa senhora! Ih! Aquilo lá pra arrumar briga, bem. E eu conheci muito, mas muita gente, nossa senhora.

Ah, mas o Cauby era uma pessoa muito fina, né? Ele era. Só ele que sabia cantar "Conceição". Ângela Maria, ai que gracinha. Nossa! Parece que eu tô vendo ela saindo no Teatro Natal, era o Teatro dela, ela não saía de lá. Aí tinha o restaurante Papai, cê já ouviu falar? Nossa, então você não sabe de nada. Ai meu Deus! Tinha o Papai, tinha o Rouxinol, tinha o Salada Record, ainda tem até hoje, mas não é mais como era de jeito nenhum. Ai, que mais que tinha ali que era bom? Ai meu Deus. Teatro Paramount, já te falei. Teatro Natal, também já te falei. Teatro Nações... onde a Dercy Gonçalves fazia o show, aquilo que foi mulher, viu? Aquela

foi. Aquela era destemida. Ela falava pra você: “oh, bem, cê vai dar o cu?” e cê ria. Ai, que bosta! Tinha bosta pra tudo que era lado! Ela sabia falar e a gente ria que se matava. Oscarito também era muito gozado. Agora o artista mais completo que eu conheci foi Grande Otelo. Ele dançava, cantava interpretava, ai, ele era tudo. Pequenininho, neguinho, maravilhoso. E quem foi também uma mulher que fazia show naquela época era Eliana Pittman, cê conhece? Nossa senhora. Muito famosa, muito antipática, muito nojenta, mas era. A pessoa é como é, né? Eu acho.

Vivia, muita gente vivia esse meio. Nossa, muita gente. Hoje eu vejo, cê vê muita gente famosa, esses... o Arthur, acho que... eu não guardo muito nome, Artur Moreira Lima era o maestro, ai que espetáculo. O João, esse que tem a mão deformada... Nossa senhora, é um monstro. Um dos melhores, maiores do mundo, né? E eu conheci tudo essa gente, meu filho! Hebe Camargo? Parece que eu tô vendo até quando ela começou. Ela era muito metidinha, ela não era aquilo que a gente via na televisão não. Mas ela sempre foi a maior rival da Hebe Camargo, sabe quem foi? Maysa. Porque a Maysa casou com o homem que a Hebe Camargo amava.

Nossa senhora! E ela era bonita, viu? Era. A minissérie não era mais ou menos como era, que a gente conheceu, eu conheci ela, meu Deus do céu, eu lembro como se fosse hoje, ela inaugurando uma casa, ai não me lembro o nome agora, mas na Avenida Santo Amaro. Ai, meu Deus! Menino, cê só via gente da alta sociedade. Agora ela era grossa, estúpida, bebia demais. Leny Andrade pra mim foi uma das maiores cantoras brasileiras. Doris Monteiro. Sabe quem é a Doris Monteiro? Então eu vou te contar, ela cantava aquela música:

“e o barquinho vai, ai ai ai ai ai”

Cê já ouviu essa música? É dela. Pra mim, ela e o Agostinho dos Santos, cê não conheceu, ele morreu, Bossa Nova era eles dois. Depois veio o Ronaldo Boscoli, aí veio outra, Elis Regina nem sonhava de ser Elis Regina. Doris Monteiro... a Elizeth Cardoso! Nossa, que monstro! E, meu filho, tem tanta gente boa que já foi tudo embora, né?

Nelson Gonçalves, pra mim foi o maior, né? Aquele foi. Ele era gago! Ele era ali da Mooca. Ele é da Mooca. É ali que ele começou naqueles barzinhos ali, Mooca já foi famoso! Hoje não. Eu tenho muitos amigos ali na Mooca, que são empresários, a Mooca hoje é classe média alta, né? Agora igual o Tatuapé, não tem. Cê já foi aqui? Aqui é pra quem tem dinheiro,

né? Muito caro, eu acho um absurdo. Tem um shopping, pra mim, depois do Bourbon, pra mim o Shopping mais bonito de São Paulo é o Anália Franco. Pra quem tem dinheiro, né, bem? Tá doido! Tá doido! Uma cueca custa seiscentos real, vai tomar no cu! Vai se foder. Mas tem, cê vê, tem o Anália Franco, que lá é só pra rico, não tem que ficar fazendo graça não, depois tem o metrô e o outlet que é do outro lado, aí depois tem o Plaza também, entendeu? Agora as boutiques aqui é só em residência, cê viu, né? O luxo, né, tem dinheiro pra pagar, né, eu não tenho! Deus me livre. Eu como a carne de pescoço porque eu sei fazer. Mas o Tatuapé hoje não é pra pobre não, né, meu filho. A única coisa que eu acho aqui é que o povo não é educado, não são fino, tem dinheiro, mas não são finos. Uma vez nós estávamos num restaurantes aí, lá em cima, aí: lálálálá, eu olhei assim e falei pro garçom, eu fiquei de pé e falei: "que baru;ho é esse? Que adianta cê ter dinheiro e não ter educação pra entrar?". Ah, eu falei, eu falo! Eu sou grosso. Sou direto, eu não mando recado pra ninguém.

Meu filho, pra cê aguentar essa Vieira ali, cê precisa ter peito, hein? Ali eu mando todo mundo tomar no cu e eu ainda falo assim pros viados: "não vai tomar no cu, que cês tá doido que eu mande, mas não mando não! Não vai tomar no cu!". Ai, tá doido! Os travestis lá, eu falo: "por que é que cê não arruma mulher pra casar, hein, viado?". Agora tem travesti muito perigoso ali, Andréa de Mayo, nossa senhora. Cristo! Ah, como é que ela chama? Jacqueline... matou muita gente. A Andreia era perigosa, tinhosa, mas tinham outras pior do que ela. Ai, eu não falei de uma boate que foi famosa naqueles anos, era fim de noite, os travestis iam tudo pra lá, era o Val Improviso.

A Andréa só teve uma boate ali na Marquês de Itu com a Amaral Gurgel em cima. Ela falava que o Val era dela. Ela era mentirosa... oh, viado mentiroso. Ela falava que ela era filha do Nadir Figueiredo, eu falava: "viado, para com tua conversa, se o homem souber disso, manda te matar, viado!". Tinha uma bunda desse tamanho, cê chegou a conhecer ela? Nossa senhora, a bunda dela não passava dessa porta. Meu filho, eu conheci tudo essa gente da noite. A Andréa foi bem famosa, mas também ela era atrevida, né? Ela pulava na frente de todo mundo. Ela queria ser a dona do pedaço, dona da cocada.

A Condessa já era moderada, a Condessa tinha boate, a Nostro Mundo. A Condessa, a gente, a Nostro Mundo, cê subia uma escada, cê já foi lá? Fechou? Ai, outra que era famosa também era a Mama Bruschetta, sabe que ela é viado, né? Não é mulher não, é homem. Sempre viveu como mulher, né? Mas uma pessoa que eu admiro muito é a coisa. Ela até vai entrar numa novela da Globo, como é que ela chama? Ela é de Poços de Caldas. Nanny People. A Nanny People, ela é uma bicha da sociedade, né? Se veste super bem, nossa senhora.

A Silvetty, eu já acho que não. Uma vez eu falo: “nossa, bicha, cê quer aparecer, hein?”. O coisa ria que se matava, ah... Essa que nós falamos, a Biá. Ai, a Biá morre de rir e fala: “você fala na cara, né?”. Eu falei: “é lógico! Vou dar colher de chá pra esses viados?”. Eu não acho ela nada, não acho nada naquela bicha, eu acho mais naquela que faz televisão, como é que ela chama? Ela tá sempre com a Gimenez. É um mulherão. Eu acho ele e a Nanny People. Agora, tem viado bonito, hein! Agora, cê quer ver viado bonito, bem? Vai em Juiz de Fora! Nossa! Se você nunca viu viado na tua vida, elas brota assim no chão. Lá tem o Miss Brasil, nossa, vem viado do mundo inteiro, lindo, lindo. Juiz de Fora é uma cidade bonita, mas é a cidade dos viados. Antigamente, se falava que era Campinas, eu falava que não, que era Juiz de Fora, ave maria!

Ah, a Condessa era querida, né? No meio da televisão, da sociedade... agora, uma artista, cantora, como cantora, é a Valéria. Nossa senhora! A Valéria, a gente tira o chapéu pra ela. Cláudia Wonder não cantava bem como ela. A Valéria é a Valéria, né? Era igual a doida que morreu, como é que ela chamava? Lá do Rio, ela morreu agora há pouco tempo, a Rogéria. A Rogéria foi, ela era peituda, viu? Ela se metia em tudo. Ela não tinha medo. Agora aquelas outras que eram amiga dela, a Eloína é quieta, foi muito bonita, nossa, como a Eloína foi bonita. Você não falava que era viado! Agora, de todas, a mais bonita foi a Nathaly, cê já viu a Nathaly? Ela tá sempre na Praça da República, sentadinha lá, tá velha! Eu falava: “viado, tira o pau não, viado! Quero ver como é que cê vai...”. Eu sou cara de pau, menino! Eu falo! Mas eles não aceitam não, se você for falar, Deus me livre, eles batem em você. Ai meu Deus. Nadia Lip? Muito bonita também, era uma traveca linda.

Mas aqui teve muita gente bonita, muita gente famosa. Os pior da noite, tá vivo até hoje, que pega os outros pra fazer show, como é que ele chama, não lembro o nome daquelas pestes lá... ei, menino, mas teve gente, nossa, mas teve gente famosa!

Mulher linda também que eu gostava dela, são duas. Uma que morreu é a Marcia de Windsor. Não tinha mulher mais elegante, mais chique na televisão brasileira que ela. E a mais bonita foi a Vera Fischer, nossa, aquela mulher pelada, vi muitas vezes ela pelada, que corpo, como ela era bonita. Mas mulher mais bonita de corpo que eu vi até hoje, que eu vi, mas de rosto não era feia, de jeito nenhum era Isadora Ribeiro, bem! Você não lembra dela, lembra? Ela era garota do fantástico, Tieta do Agreste, que corpo. Mas as pernas mais bonitas da televisão, adivinha quem era? Cê conhece. Ela fez muita novela, muitos filmes, hoje ela vive nos Estados Unidos, Sonia Braga! Que pernas! Mas só as pernas, que eu falava pra ela, ela era muito amiga da minha mulher, eu falava assim: “Sonia, tem que cortar o teu pescoço, porque

não é possível, só pra baixo que você é bonita". Uma mulher que também foi muito bonita, foi a Gloria Menezes, foi, nossa, agora tá um bagaço, né? Credo. O tempo passa, tudo nesse mundo, né.

E, meu filho, Nei Latorraca, toda essas bostas, conheço tudo essas merdas. Minha mulher trabalhava no teatro, eu conheci muito. Não sei que que ela fazia lá não, ela era muito amiga da Rosa Maria Murtinho, elas eram cu e as calças, e o Jô Soares. Nossa, ele era muito simpático, cê precisa de ver. Bicha, né? Não tem jeito não, ele era mesmo, fazia as duas coisas. Nossa, quanta gente famosa que eu conheci, meu Deus! Até fico parado assim... nunca ninguém me deu um tostão, sempre me trataram muito bem.

Eu tinha meu filho que morreu, ele foi namorado da Elba Ramalho, morou com a Eliana de Lima, sabe quem é Eliana de Lima, né? Sabe sim, ela canta:

> Foi sem querer que derramei toda emoção
> Undererê e cerquei seu coração, undererê
> Me machuquei, te feri, não entendi

Lembra? Tocava isso o dia inteiro, que dava até dor de barriga. Eu morava ali na São João numa cobertura. Hoje eu moro aqui. Eu adoro aqui. Aqui é gostoso. Meu filho, sabe quanto custa um sobradinho aqui? Menos de oitocentos mil, cê não compra, mas nem. Tá tudo muito caro! Nossa, cê viu aquele prédio novo? Cês vieram do quê? De metrô. Mas vocês vieram pela Celso Garcia?

Meu filho, aqui tem apartamento de vinte e tanto milhões! Vai lá perto, no Anália Franco pra você ver! Eu também não vou porque eu não tenho dinheiro. Eu já fui lá, eu já comi lá, porque eu sou muito metido a besta, eu gosto de coisa boa. Ai, meu Deus do céu! Os restaurantes lá é lindo, muito bonito, meu Deus. Ai lembra daquela novela, que o cara era costureiro? Foi feito aí no Anália Franco. Ai, mas eu ria tanto! Cê não lembra? Mas ele matava a gente de rir! Ele brigava com o outro, quem era o outro? O Murilo Benício, mas ele não tem jeito de viado de jeito nenhum! Ele, Tony Ramos, cê já viu o Tony Ramos fazer um papel de bicha? Não tem jeito não.

Quem trabalha muito bem é Gloria Pires, né? Cê sabe que a Glória Pires é uma das melhores atrizes do Brasil. Ela é natural, né? Ah, eu gosto também daquela menininha, aquela que tem cara de menininha, que tá na Belíssima. Não lembro o nome dela, que agora tá parecendo jovem naquela época, mas agora já tá bem meio de idade. E eu conheço tanta gente, menino! Eu falo pro pessoal: "gente do céu, vocês não conhecem porra nenhuma!". Nossa senhora. A mulher que pra mim mais enganou o Brasil foi a mãe da Ticiane. Garota de Ipanema,

nunca foi, quem era a garota de Ipanema era uma morena linda. Eu morava ali no Rio. Ninguém gosta desse homem... epa, o que tá acontecendo? Ai isso aí foi muito triste, né. É o cemitério da Consolação na TV! Eu conheço São Paulo, bem.

Ê, menino, cê devia ter conhecido na época o Clodovil. Clodovil era foda. Muito inteligente, metido, mas era inteligente. Não, ele não dava muita confiança pros outros não, não era todo mundo não.

Nossa, que judiação, matar um homem desse que fazia o bem pros outros... mas vão pegar, hein? Quer apostar? Quanto você quer apostar? O homem é famoso, se fosse qualquer um... agora, o que fizeram com aquele jogador de futebol também, já descobriu, a mulher era uma puta, ele era um viado que gostava de ver os outros comer a mulher dele... ai, justamente, no aniversário da filha, né? Agora eu achei uma maldade ter cortado o pinto do homem e o pescoço, eles queriam cortar o pescoço dele... nossa, que absurdo! Tem que ser uma pessoa muito ruim.

Duas coisas que aconteceram ultimamente que eu fiquei assim estarrecido. Foi aquela menina de Mogi, cê viu? Uma que foi numa festa com as amigas e ela não ficou na festa, saiu, que o cara era segurança de um posto de gasolina que matou ela, o cara era bonito. Nossa, que triste e que mulher linda! Outro também que deixou a gente foi aquela menina, né? Lá daquela cidadezinha aí, do patinete. Nossa senhora, abalou o Brasil. Como é que ela chama, meu Deus do céu? Ela saiu pra brincar de patinete, pegaram ela enganada. Não lembra? Foi agora, não faz muito tempo não, tem uns quatro mês. Nossa, foi difícil de encontrar o corpo dela... nossa, prenderam o cara. Ai credo! Não é bom nem pensar. Tadinha da menina, foi pega, os traficante pegou a menina pensando que era irmã de um cara que devia droga. Ai, aqui, de perto de Sorocaba, como que chama aquele lugar? Perto de Araçoiaba da Serra. Nossa, que absurdo aquilo também, né, menino. Deus me perdoe, ave maria.

Ah lá, olha, quer ver ele falar assim oh, atira nele. Eu gosto da Record, porque a Record mostra direitinho, oh lá. Mas eles já tinham roubado? Eles já tinham roubado dois caras que tavam numa rua ali perto, aí apareceu, a câmera filmou os dois. Escute que vai dar pano pra manga.

Falei tanta besteira, né? Meu filho, quando cê ver uma pessoa de idade, nunca fale que ele é velho. É uma pessoa experiente, uma pessoa que tem conhecimento, coisa que eu conheci, cê vai conhecer? Só a gente mesmo...

RUI

Sou natural de Vitória da Conquista – Bahia, saí de lá aproximadamente com três anos de idade, quando minha mãe se separa de meu pai - vou morar em Salvador, meu pai vem a falecer quando eu tenho cinco anos de idade, moro com minha mãe e eventualmente... meu pai falece em sessenta e...três? Eu sou de 58, né? Moro com minha mãe, minha mãe é professora primária e em um determinado momento, a gente se muda pro Rio de Janeiro, isso em 1970.Na época que eu tava falando anteriormente é que morava eu com minha mãe e às vezes minha vó e uma tia minha, sempre um ambiente mais feminino... Bastante feminino, né?

Eu me descobri muito cedo, com uns 13, 14 anos, por me sentir atraído por homens, sem ter sexo, nada disso. Eu gostava de homem, não tinha rótulo, depois que eu fui me rotular, me descobri essa coisa. Eu era tão burro, tão burro, tão burro, que na realidade lá no Rio de Janeiro, eu comprei uma camisa do Alice Cooper achando que era uma mulher! [risos] Eu crente que era uma mulher!

E morava em Salvador, ao mesmo tempo passava minhas férias em Conquista, minha cidade natal, onde aí tinha um cabedal de primos imenso. Fui morar no Rio, minha mãe foi fazer um curso de especialização para ensinar surdos, aí eu fui junto. Era pra passarmos um ano, ficamos quatro. Minha mãe acabou casando lá de novo e é no Rio de Janeiro que eu descubro minha homossexualidade, né? Eu chego lá com onze a completar doze anos e fico até os quinze. Eu fico doze, treze, catorze, quinze. Quando volto pra Salvador em... em setenta e, setenta e quatro... setenta e quatro. Aí fico em Salvador quatro anos, faço meu colégio e um ano de faculdade de física na Universidade Federal da Bahia...

Nesse período é que eu tava fazendo colegial, que a gente chamava na época, né, o equivalente ao hoje em dia segundo... sei lá qual é o nome... o período anterior à faculdade, né. Eu no Rio já havia descoberto minha homossexualidade, algumas brincadeirinhas até meus quinze anos, né? Eu era muito rato de praia, volto pra lá pra Salvador, faço três anos de colégio, um ano de faculdade, tenho uma relação platônica com um rapaz de dentro do colégio, a gente inclusive participava de um grupo religioso juntos, eu participei muito da vertente cristã de grupos de jovens, sabe? Esse menino também participava, foi onde o conheci e a gente jogava esporte junto também, voleibol. Ah... Me apaixono, platônico, etecetera e tal, parará parará, e em determinado momento, não tava dando certo muito lá na faculdade, eu tava abandonando, eu era melhor do que os professores, assim, eu tinha mais conhecimento do que os professores

de primeiro de ano de física e de matemática, que eram estudantes também, sabe? Não eram ainda formados, nem nada disso, e sei lá, eu não me achava mais incapaz que esses caras... [

Opa. Acho que chegou... meu... curativo. Quer continuar, só esse terminar? Tá gravando ainda?

Então, aí eu fui no último ano, eu já tava na faculdade e alguma coisa minha mãe não sabia, mas aí nessa época, no último ano acabo contando... no último ano não, no penúltimo, né, em setenta e... seis, eu acabo contando pra minha mãe que eu sou apaixonado por um cara, etecetera e tal, ela até meio que conhecia o Alberto, ah... eu fui fazer faculdade, aí fui abandonando, não aguentava muito ficar no mesmo ambiente, sempre eu tava encontrando com o Alberto e isso me dava, não me dava legal, aí eu falei: "vou embora!". Minha mãe falou: "cê vai só se passar pelo psicólogo antes". Aí eu passei no psicólogo, fiz uma sessão, eu conhecia o psicólogo antes, minha mãe tambem já conhecia assim mais a meio de qualquer coisa, e ele me disse: "não, vai embora!". Aí minha mãe veio e me perguntou: "o que foi que ele te falou?", e eu disse: "ele falou vai embora". Aí, eu me mudei pra São Paulo e a gente para nesse recorte por enquanto.

* * *

Quando eu cheguei já aqui em São Paulo, né, em setenta e oito, eu saí do Rio, depois Salvador, abandonei a faculdade de física e vim pra cá, pra São Paulo. Com o Alberto, foi platônico, nunca teve nada, sexo, não. Tínhamos muito carinho um pelo outro, ele sabia que eu era apaixonado, né? Eu cuidava dele, ele cuidava de mim, sem sexo. Ele me levava pra casa, ele desviava pra caralho pra me levar, pra dar carona e hoje eu penso assim, será que ele me queria que eu... e se eu fosse mais assertivo ou tomasse uma iniciativa mais real? Porque assim, nessas horas eu sou muito tímido, né? Então eu não tomo muito iniciativa, principalmente se é por força de alguém que eu tenho um carinho muito especial. Ele tinha a mesma idade que eu.

Participávamos do grupo de jovens cristão, a gente fez treinamento de liderança cristã, aí dirigia grupo de jovens, né, como com orientação, eu era coordenador de um desses grupos e a gente vinha, lia algumas coisas de estudo teórico digamos assim e fazemos, produzimos uma missa semanalmente, aliás, produzíamos duas, né? Missas, uma na quinta e uma no domingo, a cada quinze dias ou por mês alguma coisa assim, que era na escola, e outra que era numa igreja normal mesmo, né? Que a gente que fazia a missa jovem.

No Rio, apenas tive aquelas brincadeiras de criança. Já em Salvador, passo a me relacionar com algumas pessoas, no Rio mesmo algumas brincadeirinhas assim que aconteciam, etecetera e tal, mas nunca pra ir pra cama, pro motel, não, era mais coisa de praia, dentro da água, né? Brincadeira de ficar tocando um no outro, eu frequentava muito o Posto 4, Posto 4 todo mundo se tocava... E em Salvador, aí eu já comecei a transar mesmo, de vez em quando e tal, mas nunca fui sexualmente muito ativo, até agora. Era cinema, rua, boate, já tinha, eu frequentava, já tinha meus amiguinhos, que a gente se drogava junto, bebia junto, saía junto. Com o Alberto, foi platônico. Ele era do colégio, né? O resto era pessoal da rua, colega de bairro, né. O Alberto, o platônico, era do colégio.

Foi minha mãe que pediu pra eu ir ao psicólogo, né, a ideia era de tipo assim, entre aspas, ser convertido, sei lá o que. É... mas aí eu vim com esse retorno, ela provavelmente foi conversar com Herculano, que foi o cara que me atendeu e ele deve ter falado alguma coisa que ela me liberou de eu vir pra São Paulo, né? Eu queria ir pro Rio, voltar pro Rio de Janeiro, mas ela não deixou, preferiu São Paulo porque aqui eu tinha um tio que pelo menos eu podia pedir socorro, etecera e tal, apesar de que eu não vim morar com ele.

Vim pra São Paulo, aí eu fiz vestibular no meio do ano, pra Cásper Líbero, só pra eu falar: “deixa eu ver como é que é o vestibular aqui” e passei. Passei bem, em terceiro lugar, né, na faculdade de comunicação que não tinha nada a ver comigo, eu tava fazendo física, né? Mas aí acabei passando. Tentei física na USP naquele ano, mas no final de ano fui pra Salvador e lá levava dias pra poder chegar jornal, etecetera e tal, pra você pegar lista, então nem sei se passei ou não passei no vestibular, fiquei lá no Porto da Barra, tava bom mesmo, já tava com uma faculdade aqui, que era a Cásper Líbero, então optei por relações públicas, uma faculdade de três anos na época, me formei e foi aqui que a coisa foi.

Vim pra morar sozinho. Num primeiro momento, fiquei em pensão, um ano, aí depois fui dividindo apartamento, vai pra casa de um, vai pra casa de outro, fica uma temporada aqui e essas coisas assim, né? Enrolando entre amigos. Só depois dos trinta, um pouco antes talvez, que eu comecei a ser mais fixo assim, que eu considerava o local como meu, era eu que alugava, cada vez morando com mais gente, alugava, dividia, sempre morando junto. Eu fui parar de morar junto tem pouco tempo, vinte anos, sei lá, né? E eu era do tipo daquela pessoa que você chama pra ficar seis meses na sua casa e eu ficava seis anos. Na casa de uma foi assim, foram nove que eu fiquei. Baiano é assim, vai se acostando, quando vê...

Eu ainda não trabalhava, eu tinha uma renda que me dava uma certa estabilidade, mas era uma renda assim que pagava a faculdade, porque a Cásper era paga, mas assim, eu comia sanduíche na rua e morava em quarto de pensão, etecerera e tal, era nesse nível. Eu fui começar a trabalhar em oitenta e... um. Acho que foi em oitenta e um que eu comecei a trabalhar aqui em São Paulo, tinha chegado em 78, que eu fui trabalhar no Paço das Artes, que funcionava no mesmo endereço do Museu da Imagem e do Som. Só que ali tinha até a década de 90, funcionava o MIS e o Paço das Artes, o Paço das Artes foi pra Cidade Universitária, na frente da educação, não sei se você chegou a conhecer aquele espaço, ele se desmembrou em dois, mas por bastante tempo eu trabalhei nele, ficava na Avenida Europa trabalhando.

Então era muito gostoso... cheguei a antes de me formar e tal a fazer estágio na Abril Cultural, mas aquela coisa de empresa mesmo. Trabalhar no Estado na situação na área cultural me permitiu, te dá muito... entre aspas, liberdade também, né, mas não existe uma busca ideológica ou uma busca de gênero, não existe essa coisa de correr atrás de neguinho, de ficar no armário ou fora do armário, essas coisas não existiam, você está num Espaço Cultural, né? Então são coisas que não eram muito trabalhadas, né, não existia perseguição, nem nada por causa disso. Mesmo no colégio, na faculdade, na Cásper, eu não sentia. Eu era muito, sempre fui muito arisco, né? Então assim, só mais aqui na EACH, depois de trocentos anos de só levanta-vem-desce, me sinto mais a vontade, zoo, brinco, né?

Eu não me segurava, né? Primeiro que eu tava aqui sozinho em São Paulo, não tinha a quem dar satisfação. Minha mãe já sabia, tá? Então não tinha a quem dar satisfação, né? Mas é que eu sempre fui mesmo mais tímido mesmo, nunca fui muito pintoso, nada disso assim, pelo menos que eu me identificasse como, não. Mas aí tinha, tive um círculo bom aqui em São Paulo, né, faltava eu dizer isso sobre minha chegada aqui. Porque quando eu vim pra cá em setenta e oito, eu cheguei assim: “porra, tô indo pra São Paulo, baiano, nunca frequentei carnaval”. A não ser quando fosse criança, quatro/cinco anos de idade, mas eu nunca gostei, não gosto muito de aglomeração, boate até que vai, mas assim, esse espaço de correr atrás de trio elétrico não é minha praia não. Melhor nem passeata! E olha que é mais tranquilo.

Mas assim, eu fui conhecer o carnaval da Bahia no ano que eu venho pra cá, em setenta e oito. E acabei conhecendo uma turma daqui de São Paulo no carnaval, acabei ficando com eles junto e tal, eles estavam ficando hospedados na casa de amigos meus em comum etecetera e pra fugir da muvuca de carnaval diário, eu só ia pro carnaval à noite, que eu achava muito mais gostoso. Ficou sendo com certeza, era fresco pelo menos, ficava ali na praça Castro Alves.

Então fui e logo no primeiro dia que eu cheguei aqui em São Paulo, domingo de manhã, domingo à noite já tava saindo com uma moçada lá pro bar no Bixiga. Que aí foi que eu fiquei durante anos ali, dez anos ali, eu era diário frequentador do Café do Bixiga e do Gay Club que era na rua de trás. E aí, amigos comuns, parará parará, fiquei um ano em pensão, aí fui começando a rodar casa de amigos, alguns até desse grupo que eu frequentava. Esse grupo era bastante grande, na realidade, a gente era uns vinte... que eu conheci em Salvador eram cinco, mas aí o grupo que frequentava todo mundo eram vinte ou mais. Notadamente, psicólogos e arquitetos, né, eram as profissões dos caras, da moçada, muitos tavam fazendo arquitetura, pessoal da psicologia já era formado e tal, homens e mulheres.

Também era o núcleo de psicólogos que era muito maluco, quase todos os homens gays, mas assim, também gente que estudou junto, então tinham casais mesmo etecetera e tal e era uma turma maluca. Pessoal de psicologia é aquela coisa, né? Ouve durante o dia, bebe durante a noite. Nossa! Nunca vi povo beber tanto quanto eles. E eu nessa coisa, a gente sempre ficava lá, Café do Bixiga e depois era... começava a ficar quase sócio proprietário do Gay Club, entra e sai a hora que quer, etecetera e tal e era época que também tava o... que eu não conheci, fui conhecer bem mais adiante que é o... qual o nome do que tava no meio da Augusta? O Medieval, mais classe média alta, o Gay Club era classe média, digamos assim, né. Então eu frequentava bastante, conhecia algumas pessoas, conheci também, comecei a conhecer pessoal também de dança e um pouco do pessoal também dos shows, né? Da vida noturna. Notadamente quem? A Cassandra. Ah... daqui a pouco eu lembro o nome... Claudia Wonder, eu cheguei a.… a gente se conhecia, se falava. E umas outras pessoas da noite, etecetera e tal... antes meu clubinho ficou meio restrito assim ao Gay Club, aí depois já há alguns anos, eu comecei a frequentar a Medieval. Uns namoros indo e vai, parapapá, chego lá no Off, né? Que até hoje na realidade o Celso Curi é amigo pessoal meu e a época do Off, aí eu namorando mais sério assim, morava junto com o cara e tal, né, aí era uma noite mais...

Que a balada sempre foi até tarde, né, eu na realidade sempre fui, gerei o hábito logo, já desde quando eu vim pra cá e comecei a fazer a faculdade lá na Paulista na Cásper Líbero. Eu fazia faculdade à noite, aí daí da faculdade eu já descia lá por trás e chegava no Bixiga e normalmente ficava até de manhã, né? Então assim, durante... é, eu comecei a minha vida era assim: dormir seis, oito horas da manhã, acordar no meio da tarde, ir pra faculdade, da faculdade ia pro barzinho, ficava virando. Nessa época, eu ficava virando mais pro Gay Club, mas na época do Medieval e do Off, eu já ficava virando mais com namorado, etecetera e tal. E de lá, a gente ia, eu tava tentando lembrar hoje o nome, eu não lembro... que era uma boate que tinha

ali embaixo do Elevado, ali na altura do início da Duque de Caxias... Cara, era uma ruazinha que saía do Largo do Arouche e ia até a São João, ali tinha uma boate que era fim de noite. Lá começava a funcionar era duas, três horas da manhã, sabe? Assim, acabavam todas as outras e a gente ia pra lá. Ou ia pra lá ou ia pro Nostro Mundo. O Nostro Mundo era mais... os dois eram mais populares, mas assim, O Nostro Mundo era mais... Nostro Mundo? O Nostro Mundo é o da Paulista?

É o da Condessa! Da Consolação com a Paulista! A Condessa eu conhecia mais de vista, eu nunca fui muito de falar com ela. Mas assim, era o Nostro Mundo e tinha essa outra que era ali entre o Largo do Arouche e a São João, que aí o pessoalzinho das boates melhores, digamos assim, ia final da noite pra lá, porque lá tinha o quê? Cinco horas da manhã e tinha concurso de boys, tinha show de calouros, etecetera e tal, parará papá, mais consistentes que os shows do Nostro Mundo, né? E com o pessoal mais bem montado, mais... a gente ficava lá até sei lá, saía de lá de manhã cedo, claro, a gente saía, botava o olho, entrava de novo porque já tava sol, aquelas coisas. Então, a gente ia muito pra lá, pra essa boate.

Peguei a época do Richetti. A gente, tipo assim, foi uma época que, na realidade, ele corre atrás do pessoal LGBT e qualquer lugar que tenha barzinho de moçada, né. Então foi uma época que sei lá, dois, três, quatro anos, sei lá quanto que durou o Richetti, foi a perseguição que na realidade ele efetivou e que se continuou. Todo mundo se reunia nas casas de pessoas, então você deixou de ir pra rua, né, e o ambiente que você ficava era mais em casa, era um pouco por aí.

Chegava nos barzinhos! Chegava com caminhão, assim de levar cem neguinhos, teve uma vez que levaram dois caminhões. Sabe assim, fechou uma, que eu não cheguei a frequentar, um barzinho ali da Paulista com a Angélica, era ali embaixo, mas eu fui uma ou duas vezes lá, eu ficava mais no centro, centrão mesmo, pro Arouche e o Bixiga. No Bixiga, na época, inclusive eu comia ali... conhecia muito o pessoal do teatro, mas notadamente Ballet, então saía do espetáculo, ia jantar, às vezes eu tava junto também, ia no Montecchiaro, uns dois ou três que tinham ali, Piolina... Tinha o Ferro's também ali na frente da sinagoga, mais de sapata, né, onde tinha a famosa feijoada de sábado. Era mais ou menos isso. Na Marquês de Itu que tinha o HS, Hospital do Servidor, Homo Sapiens. Os caras tão aí há 30 anos, 40 anos, cara! Quer dizer que ainda existe o ABC? Onde tinham as matinês de domingo? A mesma coisa.

* * *

A Cassandra que eu disse era uma magra do Rio Grande do Sul, tá? Essa Cassandra era família alta, classe média alta do Rio Grande do Sul, ela vivia bancada, fazia shows porque fazia parte, mas não fazia programa... ela ficava de mulher dia e noite. Cem por cento. Assim como a Claudia Wonder só saía de mulher.

Eu acho que a gente falava pra eles mais pra transformista, porque como faziam muito mais palco do que rua, né, eu acho que o travesti a gente guardava mais pro pessoal da rua que fazia a vida, né? Enquanto que o povo de show, essa coisa toda, mais porque ela anda montada ou... mas não travesti, né, acho que a gente não usava o termo travesti. Não tinha essa conotação, porque existia na época, pelo menos inclusive da minha parte eu posso falar que existia um preconceito meu, né? Contra a questão de estar ou não estar com travesti, de sair, etecetera e tal, o pessoal da vida que fazia a vida, eu não tinha muita relação. Até que depois, começa a usufruir dos serviços. Aí é outra história!

A época do Richetti foi barra pra todo mundo! Não era só pro pessoal LGBT, era a moçada. Então assim, eles pegavam muito o pessoal lá do Largo do Arouche, que já tinha sua prostituição, mas também era um lugar de andada do pessoal, né, normal. Caneca de Prata tinha lá, aliás, Caneca de Prata daqui a pouco vai ser sexagenário sei lá... Um amigo meu falou: "a última reforma quem fez fui eu!". Amigo meu que eu retomei contato vinte anos depois esse ano aqui, o Celso, que era parte de um pessoalzinho que fazia arquitetura, etecetera e tal. Então eu fiquei muito, muito com esse pessoal, e aí teve assim, momentos assim, né, que sei lá, são recortes, né, de coisas... teve uma época que eu saía com um modelo, com um casal de modelos, ele já não tava muito atuando como modelo não, muito bonito, um negro lindíssimo, e a gente sempre saía com uma menina amiga nossa, né e tal. E a gente numa certa forma era gigolô dela, a gente arrumava meninos pra ela namorar, ela não transava, tipo assim, sei lá, durante mais de anos, acho que foram principalmente dois ou três caras que ela namorou. Um era filho de dono de mina de sal de Espírito Santo e o outro, o pai dele era dono de uma empresa agrícola norueguesa e assim os caras andavam com pasta 007 de dinheiro. Assim, não é que existia acordo, nada disso, saíamos eu e esse menino íamos juntos, ela pagava as contas, bebidas, jantares, etecetera e tal. Mas era muito interessante, era muito engraçado, eu me sentia meio assim gigolô. Isso foi um recorte que eu tive aí, sei lá, entre Bixiga e momentos aí assim. E.. não sei.

Era o Val Improviso que eu tava falando ali! Embaixo do... entre a São João e o coiso. O Val Improviso eu tinha conta! Pagava por mês. Porque a gente, o final da noite ou era Nostro Mundo ou era Val Improviso. O Val normalmente ia um pessoal mais abonado, sentava na

mesa, tinha contas, né. E o Nostro Mundo já era uma coisa mais popular eu acho e nem sempre tinha show. Mas o Val Improviso não! O Val Improviso era certeza, cara, final da noite, pode ir, que cê vai encontrar, o que restou da noite tava lá no Val.

Conheci a Andréa sim. Uma pessoa que foi presidente da associação, acho que foi ela. Acho que ela foi presidente da... não é uma de quadrilzão? É isso. Eu falava: "mas pra quê tudo isso?. E de barba na cara, né, botava assim um peitão, um quadrilzão, ai, a Andréa. E com barba por fazer. Era uma coisa assim: meia sereia, meio tubarão. A gente sempre usava essa expressão: meia sereia, meia tubarão. Ela foi presidente do Sindicato dos Transformistas, dos Travestis ou sei lá o que. Porque eu acho que ainda existe... tem com certeza, né. Eu sempre pensei em falar com você, de você procurar o Celso Curi, que era o dono do Off. Porque ele, ele tava nessse burburinho e ele viveu muito, muito esse pelo lado inclusive empresarial, né. Como dono de casas de espetáculos, etecetera e tal, e ele conhece mais internamente que eu, eu era um cara chegando da Bahia, eu to te falando como um usuário, eu não sou nenhum protagonista, nem coisa, mas tem gente que trabalha... o Celso Curi ainda rola por aí, na época ele era da Secretaria da Cultura se não me engano.

Eu não era não de relacionamentos. Eu era, eu sempre fui do cão que ladra, mas não morde, sabe? Eu paquerava, mas não namorava, fica muito mais com os amigos do que na realidade com o caso. Assim, namorar assim fixo, teve o meu maior além dos platônicos, que cê fica anos, né, eu tive um relacionamento fixo de quatro, seis meses que foi o máximo de tempo que eu permaneci com uma pessoa. Eu sempre fui mais quietinho.

O Gay Club tinha fila às vezes, era bastante cheio, o público era bastante alto, às vezes de não caber gente lá dentro, inclusive o clube era pequeno. E naquela época, começa a Disco. Começa a Disco, né, eu me lembro que no Gay Club, que foi o primeiro assim que eu frequentei mais, quer dizer, início de 78, 80 e tal, né, onde é a época que você dançava de igualzinho, você fazia coreografia, cada música tinha uma coreografia e o seu grupinho tinha sua coreografia e dançava, então isso durante muito tempo era assim, coreografado mesmo. Treinava e tal, sei lá, mas treinar, a gente não treinava mesmo não, era mais segue o mestre, sabe? E vai aprendendo mesmo lá dentro na boate e etecetera e tal. Desse pouco tempo foi por aí. Aí eu fui cada vez mais indo e me relacionando mais com o rock, né, deixando um pouco mais o popular, digo a música americana popular mais em direção ao rock, quando começa já não é nem mais Medieval, é quando começa a vir mais outras casas, essa história toda depois da década de 80 e tal.

Teve uma boate que pra mim foi ícone aqui em São Paulo, chamada Tifo. Poucas pessoas, não é que poucas pessoas frequentavam, muita gente frequentava, né. Mas ela foi, ela começa a se popularizar ou... na realidade, depois da época do Richetti, que todo mundo ficou em casa, se tinha poucas coisas, aí começa a pipocar novamente a vida noturna etecetera e tal, os lugares aparecendo e na época você tem um movimento muito legal na Europa, né, do Rock e começa a vir o New Age, que já é depois, né, mas um pouco antes do New Age, porque, saindo Richetti, vindo... fica assim, começa a borbulhar algumas coisas, fica a época que, pelo menos pro meu grupo e coisa, a cocaína é mais aberta, né, o sexo se torna mais aberto nessa época e a Tifon é um modelo disso, que era uma boate que não tinha rótulo, né, assim frequentava todo mundo de todos os gêneros.

É... por exemplo, isso no início de 80, era uma boate que não tinha banheiro por sexo, era misto, né. Já tinha uma proposta bastante audaciosa, né, quem fazia, assinava a trilha musical, o conjunto musical, a escolhas das músicas, etc, era um cara recém chegado na época, recém chegado de Londres... puta que pariu, qual era o nome dele? Bem... eu lembro daqui a pouco. E que veio trazendo muita gente boa, aí que eu conheci o rock e uns amigos que eu fiz também já numa segunda leva de amigos pós esse pessoal da Bahia, que era um pessoal que certos eram do meio também, mas era um pessoal mais ligado ao rock e que aí a gente viu o nascimento em certo sentido tanto do New Age de um lado, como do punk do outro. Assim... teve aquele hit do Gil:

> "Ai, sou punk da periferia,
> Sou da Freguesia do ÓÓÓ
> Ó
> Ó, aqui pra vocês!
> Sou da Freguesia".

Foi o primeiro lugar assim que parece que teve um bar punk e o segundo foi um que teve ali na Marquês... Martim Francisco? Não, Marquês de Itu, né, O Napalm. Que era assim, só entra se você tá de negro e o drink da casa é Rabo de Galo, né? Cê chegava era isso, tinha aquilo de lei. E ela era uma boate mais *hardcore* digamos assim, mais punk mesmo do que a, que também na época – que vem um pouquinho depois na realidade – que é aquela boate atrás da Rui Barbosa... ali no Bixiga, cara... que também foi um dos lugares do punk, mas um pouco mais isso. O punk do Napalm, cara, era um punk pesado. Era um punk da periferia, que só tinha gente de negro, etc e tal, e era muito engraçado, que nessa época eu tinha um amigo, que faleceu já, tinha um cu, cara, um rabo desgraçado, cara. Ele sempre pegava o carro do pai, nunca me

esqueço, um Landau, o cara conseguia sempre estacionar na porta dos lugares! Carro gigante e a gente saía de bonita. Era muito engraçado! Nossa, ele tinha isso assim, achava vaga em pouco tempo, parecia que o povo encontrava vaga pra ele. Já chegava e tal.

Então, tinha o Napalm que era um pouco mais hard, né? E tinha... gente, eu tô vendo essa boate, ainda existe até hoje! Ou foi revitalizada umas duas vezes desde a década de 80/90. Era uma casa de esquina na Rui Barbosa, né? Que eram umas histórias punk também etecetera e tal, mas tinha um pouquinho mais de cor e tal, tinha gaiola que ficava alguém dançando ali, às vezes ficava nu ou não, uma vez eu me lembro que chegou um cara, um punk e me disse: "ah, deixa eu apagar o cigarro na sua mão", e eu respondi: "só se você me der a mão", aí a gente botou o cigarro na mão e ele correu. Aí eu falei: "tava vendo nego! Até que eu tô bom". Por duas ou três vezes, uma vez aconteceu por duas ou três vezes, assaltado, porradinha do lado de fora, estando trêbado. Lembro que uma vez o delegado disse: "mas cê já não veio aqui antes?" Puta que pariu! Um ano depois e o cara ainda lembra, os caras são foda e tal.

Eu passei por todas essas coisas, né, aí vem o New Age que eu curto mais, né, o rock eletrônico, o pessoal da Alemanha, Kraftwerk etecetera e tal... Nina Hagen, que pra mim foi uma figuraça, não sei se você conhece. Ela era, cantava rock meio em inglês, meio punk, ela é precursora do punk, a família dela vem de música e de ópera, tanto que ela tem um conhecimento de ópera muito grande, então ela tem um volume de voz maravilhoso. Nina Hagen, era maluca! Até namorou com o Supla aqui quando veio pro Rock in Rio, teve uns *affairzinhos* etecetera etecetera e tal, né?

Ah... é engraçado, que aí um belo dia, show do Rock in Rio, a Nina vem fazer um show aqui e quem que tá aqui em São Paulo? Minha mãe. E aí ela vai! Levo eu minha mãe pra ir. E a Nina Hagen, e a gente andava, né, era meio, vamos dizer assim, uma figura riquíssima feminina, muita maquiagem e a gente também se compunha dessa forma, né? E lá foi um bando de vinte, se arrumando lá em casa, vinte neguinho e minha mãe. Já eram outros assim, mas era a turma do momento, não foi a turma de Salvador, foi da turma que tava aqui que eu já na realidade, já tinha novos amigos, na verdade tinha um em comum nessa turma toda, mas era o pessoal que tinha, meio a meio. Só que aí a gente foi desse jeito e aí eu levei minha mãe. Eu maquiado, minha mãe: vamo! E a Nina é precursora aí do punk, né, e também aí frequentando o New Age, não pelo lado tão eletrônico, mas surgindo, aí você tem na realidade nesse momento esses gêneros e paralelamente o caso da aids que começa a rolar. Aí é que a porca torce o rabo, né? Porque aí cê começa a ter uma série de receios, porque depois do Richetti, cê tava numa linha de liberação sexual muito grande, sabe? As pessoas já não se perguntavam, começou a

deixar de ter sentido essa coisa “qual é sua opção sexual”, tá? Já não existia, a Tifon foi, eu acho, o auge disso daí, que aí assim apresenta seu banheiro unissex, dentro do banheiro, o lava-pia... quer dizer, pra lavar a mão, não existe pia, existe uma fonte que todo mundo vem e é no próprio banheiro que tem uma galeria de arte com duas três mesinhas que você fica ali, etecetera e tal.

Então aí o pessoal vai pra boate mais até aí “do momento”, que era do lado do Shopping Ibirapuera. Depois dela vem uma boate que uma moçada fez no Morumbi no estilo tão ousado quanto a Tifon, mas a Tifon tinha isso, boa parte dos garçons eram malabares, outros eram, andavam de monociclo, serviam de monociclo. Você entrava dentro da Tifon, era bem grande, porque antes era ali inclusive uma casa de roller. Teve uma época que teve a história de patins aqui em São Paulo, a febre dos patins. Então lá era um espaço de roller, imagine que é grande e tal, não tinha muito divisória, era mais um galpão, com paredes divisórias na lateral. Então na Tifon você entrava na boate e a primeira coisa que você via era uma cafeteria. Foi a primeira vez que eu vi uma cafeteria dentro de uma boate. À sua esquerda, quando você entrava, existia uma banca de frutas e um jornaleiro. A cafeteria era em frente, as duas aqui e do lado direito o bar, aí você tinha outro bar. Então você tomava uma certa estranheza da coisa. E lá como tava começando vários estilos musicais, inclusive o punk etecetera e tal, começa daí a surgir o que o pessoal da... não era o hip hop ainda, nem os grunges, os grunges é bem depois, mas o pessoal de rap, música da rua, que começaram a dançar fazendo movimento, etecetera e tal, a Tifon ela era assim assim, durante a noite às vezes tinha cinco espetáculos. E era bem eclético. Aí você tinha assim dez. quinze minutos e era ópera, às vezes você tinha um conjunto sinfônico, às vezes você tinha um pessoal de rock, você tinha realmente malabares, você tinha gente do circo, sabe? Quer dizer, todo santo dia tinha uma série de coisas que... apresentações, sabe, que eram muito interativos, etecetera e tal. E lá era aquela coisa, sabe, realmente não existia sexo. Quer dizer, não existia rótulos sexuais, cê podia fazer o que quiser, podia sair com delegado, com sei lá.... um monte de gente de lá de dentro. Aí vem a AIDS que fode novamente as histórias, as relações. Um dos primeiros cinquenta caras que faleceu era amigo meu... deixa eu ir ao banheiro.

* * *

Aí que veio a parte punk, mas não de estilo musical, que foi a coisa da aids. A coisa da aids, cê tava assim com essa pulsão sexual dos anos 80, ela tava acontecendo quando veio a aids. E ninguém sabia muito bem o que era naquela época. Eu morava no Paraíso, acho que eu vivi porque eu não tava no inferno... começa a surgir essa doença que ninguém sabia muito bem o que era. Eu, dessa época, tive dois ou três amigos que sobreviveram, mas tenho vários casos pra contar de amigos íntimos e outros que não eram assim tão próximos.

Durante a época depois dessa coisa da Tifon, já com aids e etc, tinha uma boate, os nomes vão falhar, uma que funcionou muito tempo ali na Consolação. Tinha uma boate muito legal ali, logo no início na Consolação de baixo, descendo a partir ali da Paulista que devia ser na quarta/quinta quadra ali pra baixo, era próximo daquele restaurante GLS da Augusta, que tem a rotatória e que era um barzinho e tal que era restaurante também. Que aí rock, basicamente rock, os eletrônicos pegando ainda, né? Público jardins, né. Oitenta e pouco, etecetera. Uma época também que no meio, pelo menos na minha roda, nada muito pesado, ninguém era *junkie*, sabe? Mas todo mundo consumia droga diariamente. O máximo cocaína. A gente pegava uns pontos pretos da USP, que era sei lá, uns *lsd's* fajutos, não tenho certeza, a gente ficava assim, era anfetamina. A gente falava: "hoje é o dia do quatro formaggi!". Vish! Já sei. Quatro formaggi era o quê? Maconha, cocaína, o ponto preto e álcool, quatro bebidas, quatro coisas pra... época também que, financiado por um conterrâneo meu, um grupinho, eu, Mario, Alberto mais outro menino que mora aqui em São Paulo ainda hoje, um grupinho que usava basicamente essas quatro modalidades de consumo e boate. E claro que a gente sempre no final da noite, contratava um ou dois go-go boys. Então assim foram quatro cinco anos vivendo assim, diariamente, go-go boy sempre no final da noite, pelo menos umas duas/três vezes por semana, constante.

Até que o povo começou a ter uns problemas, morrer, não sei o quê... esse menino que a gente frequentava a casa dele tinha uma cobertura ali na Consolação, pequena a cobertura, mas legal. O namorado vem de Portugal, tava contaminado, não falou nada, contamina ele. Aí ele morre de aids. Um outro amigo, coisa que nunca aconteceu comigo, dessa turma mesmo e tal, gostava um pouco mais da cocaína e se picava... faleceu. Um dos primeiros cinquenta neguinhos que faleceram aqui em São Paulo e foi assim uma experiência meio impactante pra mim, né, que a gente mal sabia de aids etecetera e tal, um belo dia chega na minha casa, tava saindo, na porta de casa saindo pro trabalho, ele chega: "ai, tal". Aí eu disse: "que que cê manda? Faz tempo que eu não te vejo". "Ah, tava internado". Aí eu falei: "que que aconteceu?". Ele diz: "eu tava no Emílio Ribas, to com aids".

Menino... quando falou isso, as perninhas minha... Era época que ainda assim você não tocava nas pessoas por receio porque cê não sabia como que passava. Então a gente conviveu com esse cara ainda por um bom tempo, um puta receio, todo mundo morrendo de medo etecetera e tal. Mas um cara que era da nossa amizade, a gente não ia botar pra fora, né? Muito pelo contrário, tava sempre com a gente e a gente convivendo com ele e sabendo o que tava acontecendo, que ele teve todos os problemas, de queda de cabelo, de ficar raquítico, de sair toda a pele da boca e... ele tava morando em Santos, vinha muito aqui pra casa ou pra casa do namorado dele que morava do lado da gente na época, né, mas que não se contaminou, pelo menos não naquela época. Ele era viciado em sexo esse menino, né? Mas bem nessa altura... ele era mais ou menos da sua cor, um pouco mais escuro, mais de praia, né, também rato de praia de Santos. Frequentava nossa casa e um belo dia... nossa senhora... Me chama, eu, Mario, Roberto, acho que o Fábio também foi, esse cara que era da Bahia e tinha essa cobertura lá na Consolação, etecetera e tal e lá fomos nós pra Santos, que ele preparou uma comida pra gente. A gente foi pra casa da família dele, etecetera e tal, a coisa chata foi a sobremesa que ele fez, que era morango. A gente falou: ih... Olha a cabeça da gente: "e se ele cortou o dedo?". A gente não vai saber se tem sangue aí nesse negócio... era um comentário meio totalmente discriminatória e coisa, mas ao mesmo tempo ele era fruto de um medo nosso, que a gente não sabia o que podia acontecer. Naquele dia, ele fez um inventariozinho, antes da gente ir embora, foi a última vez que o vi, fomos embora, ele deu um presente pra cada um de nós: "Isso aqui é pra você lembrar de mim, isso aqui é pra você lembrar de mim... muito legal". Eu ganhei um disco... já nem lembro mais de que, cara, tem um tempão.

Ah., e aí depois, teve esse cara da cobertura, que é baiano e tal, que veio o namorado de Portugal, contaminou ele e ele morreu. Aí veio outro amigo meu que gostava de tomar uns picos de vez em quando, ele falece mais ou menos na mesma época que uma outra pessoa íntima minha, íntima assim que me carregou no colo quando eu era criança, né. Faleceu também. Eles gostavam de tomar no cano... aí houve, e a gente sobrevivendo...

E aí tem a história, eu sempre fui o cão que ladra, mas não morde. Eu sempre saí, fui parará papá, mas nunca fui tão ativo sexualmente. Então eu por mais que participasse das surubas essas coisas, só que aquela situação de ser ativo ou ser passivo sempre passou ao largo, eu gostava da brincadeira. Das preliminares e não necessariamente do ato em si, né, e a gente começou claro a se cuidar, mas mesmo assim, né, meio coiso, e quando ficava louco sabe-se lá Deus e a gente sobrevivia esse grupo de droga pesada que a gente consumia.

Na realidade, eu em 81, 82, 83 acho, entro no funcionalismo, que fico lá no Paço das Artes, etc e tal, assim tinha uma vida mais tranquila, né, então eu permitia sabe assim essas saídas, curtir a noite, porque o trabalho era só a tarde, minha faculdade era só à noite.

Então, olha, foi mais ou menos isso e com esse rapaz lá da Consolação, a gente tinha esse padrão: sexo, drogas e rock'n roll, literalmente. Aí eu já vou ficando velho, etecetera e tal, já começo a não conhecer tantos locais mais novos, tipo assim eu zoei bastante, já tava cansadinho, com meus trinta e poucos eu já tava bem cansado, né? E eu tenho um casamento outro que é com a mística. Misticismo. Então, assim, eu tenho essas duas coisas num outro lado e talvez até seja por isso que eu nunca me relacionei muito forte com as pessoas, porque eu tava muito mais casado com a mística do que com qualquer outro. Queria encontrar alguém dentro da mística que eu frequentava, dentro do grupo que eu frequentava, mas que nunca ocorreu. Eu acho que é isso. Não sei mais o que falar, Yuri, não sei o que você gostaria que eu te contasse...

* * *

Eu me lembro que assim, pra eu passar a mão no cabelo... quase me veio o nome dele. Pra passar isso... Cara, eu levei dias pra ter coragem de tocar, pra passar assim, fazer isso, parecia que era totalmente contagioso, mas você não sabia como acontecia o contágio, e claro né, tava vindo com o estigma da doença de homossexuais, peste gay, essas coisa toda, até se descobrir como é que as coisas aconteciam, é diferente. E hoje em dia você vê que na realidade já nem existe mais essa preocupação com hiv/aids, porque já existe um coquetel que te previne, pelo que eu saiba os go-go boys fazem, os que fazem filme utilizam. Eu acho que eu ainda tenho um amigo que tava vivo de muito tempo atrás, um baiano, que ele pegou, foi um... foi logo no começo, mas sabia mais ou menos como que era. Mas o pessoal hoje se cuida, não é...

Houve muita solidariedade, teve a Andréa de Mayo, que foi presidente de um dos sindicatos aí, tiveram atuação forte, né, se não me engano, eu não lembro se ela faleceu em decorrência de HIV ou de excesso de silicone que ela tomou. Porque nossa, ela era siliconada pra caralho. O bundão dela era inacreditável. Era o dobro do ombro, era o dobro do ombro, cara... E era assim! Era mesmo. Mas ela não era gorda, era o quadril mesmo, quadrilzão, uma bunda que era enxertada mesmo pra caralho.

Quase nada sabia da militância. Quase nada. Eu, como baiano, vamos dizer assim, eu cheguei em 78, na Bahia, na realidade, esses movimentos pouco me atingiram. Eu tava com 18, 19 anos. E não tinha uma inserção de militância, tá? Desde sempre. Eu nunca fui militante.

Sempre fui... não um covarde, mas quase isso. Eu, por exemplo, eu me lembro da revolução de 68, o quebra-quebra que teve. Em 68, Salvador foi um dos lugares mais fortes que teve confronto com os militares e população civil. Eu fui pego no meio entre aspas dessa coisa, então eu tenho trauma, talvez por isso mesmo que eu não gosto dessa coisa de aglomeração, eu peguei um trauma dessas histórias, que eu vi ônibus ser quebrado, tive que fugir do colégio que minha mãe não me pegava, tava com dez anos, tive que pular muro e foi uma coisa meio impactante pra mim na época. Em 68... que foi a Revolta do Estudantes que acontece. Então eu vi acontecer ainda garoto...não sou nenhum estereótipo de lutador e tal, cara de homem, né, muito pelo contrário, sempre muito magrinho, cabelão grande e o povo me parava na rua perguntava se eu fazia ou não sobrancelha!

Eu só fui saber o que era guerrilha depois de 74, 76, já de volta pra Bahia, porque eu fiquei morando quatro anos no Rio, voltei quatro anos pra Salvador e vim pra cá com os 19. Então assim, eu via pouco... eu era, eu não tinha um grande círculo de amizade, tá? Até vir morar aqui em São Paulo talvez... porque eu me mudava muito com a minha mãe, então eu não tinha muitos círculos, quando a gente começava a se estabelecer, já mudava, aí sai de Salvador vai pro Rio, volta pra Salvador, aí eu venho aqui pra São Paulo, sabe, quer dizer, assim, não tive... e eu era naquela época dos nerds, né? Naquela época, minha diversão era ficar fazendo exercício em casa, comprar livro de matemática e de física, ficar resolvendo, passava a tarde toda fazendo isso, era bem nerdzinho.

Com uma tendência, com uma aceitação homossexual já da minha parte, que foi aos poucos que eu fui descobrindo e criando relações pra poder sair na rua, sair na noite, quando eu comecei a sair em Salvador na noite, já foi assim, dois anos antes de vir pra cá, tinha uma boate, esse cara lá da Consolação eu conheci lá, ele estudava lá, fazia faculdade lá, ele também era baiano. O meio de transporte em Salvador era mais complicado, eu ficava na rua até seis horas da manhã pra vir ônibus, pra poder voltar, a não ser por um negão, cara... era um negão, não sei o que aquele cara viu. Se apaixonou por mim, sei lá porque cargas d'água, porque nunca fiz nada com ele, mas se ele me encontrava na rua, me levava pra casa, pegava o táxi e me levava pra casa. Nunca tivemos nada. Ele era taxista. E aí até que tinha uma coisinha, uma brincadeira nossa, era uma funerária lá em Salvador chamada Esperança. Aí normalmente passava a Kombi da Esperança quatro, cinco horas da manhã, e a gente falava: "ih, acabou de morrer a esperança", era hora de ir porque já não tem mais nada. Mas era mais ou menos isso aí.

O grupo SOMOS não me diz nada, eu ouvia falar um pouco do Lampião, mas era uma coisa muito... cheguei a comprar o Lampião uma ou duas vezes, mas era muito pouco, porque

lá existia uma dificuldade maior de tabloides e literatura lá em Salvador. Talvez esse primeiro pessoal que eu me relacionei aqui em São Paulo, esse grupo de vinte pessoas que eu falo, eles tinham como o hábito de fazer um espetáculo, um encontro anual. Então um grupo que vai fazer um teatro, um grupo que quer fazer uma peça, mas assim, coisas assim de alto conteúdo. Ou pelo menos se propunha a ser. Então, era assim: um dia a gente alugava uma casa noturna, a gente ia muito no Lopes 2004, tava ali na Consolação, uma boate que a gente fechava e fazia peça de Mario de Andrade, sabe assim? Então era bem aquele povo de intelectualidade. Mas fora isso, não tinha realmente nenhum contato maior, nada disso, eu já comecei, então já cheguei aqui na época da discoteca, Grease, nos tempos da brilhantina, John Travolta, Olivia Newton John, essa coisa assim dançante. Então já era uma coisa fruto da abertura que tava tendo, se iniciando naquele período, então eu vivi mais esse período de abertura, o fechamento pra mim foi mais por causa de doenças, da aids, dessa coisa toda, que cê vai e volta.

Eu sinto dessa forma: eu peguei abrindo, aí vem o Richetti e dá uma grande fechada na gente, ainda não tinha a aids, mas aí a perseguição política e por causa de gênero notadamente, né, aí a gente começa a liberar novamente, cai o Richetti, aí a população, a noite volta a se inflar, aí começam a ter aí esses novos movimentos musicais, e vários ao mesmo tempo, né, se constituindo, cê começa com o rock, aí o New Age de um lado, o Punk de outro, não sei o que de um lado, não sei o que de outro... o eletrônico, sei lá o que... os rocks progressivos, né? Que também vem... então assim, tem uma variedade muito grande de movimentos musicais e você tem assim, vamos dizer, o rock e o new age clássico que foi símbolo de um momento e a coisa mais pesada, mais underground, que é o punk, que vem e que surge. Então você tem esses dois movimentos acontecendo simultaneamente e criando meio que um confronto entre os dois, um confronto não físico, mas de ideia e de atitudes. O punk era mais questionador, enquanto que o new age era mais classe média. O punk é a periferia e a classe média vai no rock, no new age, essa coisa toda, até que começa a se ter o punk de galeria, também porque tudo vem. O mercado, cê percebe, ele vai assimilando alguns conteúdos, algumas coisas e vem. De repente, cê não tá todo furado, mas cê começa a usar aquelas coisas no seu chaveiro, tem aquela correntona que você coloca, alguns traços você começa a se apropriar na cultura e na moda normal.

Cheguei a assistir um espetáculo de Ney na Bahia, essa coisa eu sempre fui voltado, na Bahia, notadamente. Eu sou do interior, então eu tenho muito essa coisa de música raiz, quando a gente diz raiz é na família, é no interior. Gosto da música baiana, gosto da música raiz, não gosto de Chitãozinho e Xororó, gosto da música raiz, gosto de Pixinguinha, não, Pixinguinha também, mas é samba, eu queria falar de Dominguinhos, Gonzaguinha, esse pessoal aí mais

legal. E gosto de música popular, sempre... lá na Bahia, era música popular, minha história era com a música popular, fanático por Caetano, Gil, Betânia, né? Era fã de carteirinha, aí entra nessa *vival*, Milton Nascimento, Djavan, mesmo que não sejam baianos, são os que fazem a nova música popular brasileira frente aquilo que eu falo de raiz, frente à música de raiz, que canta a terra, e na época, aí sim, que eu entendia muito e inclusive muito com Chico Buarque, que era música de protesto que eles faziam. As coisas que eles tinham, como eles se colocavam frente àquilo que eu via como ditadura, isso já vinha... já tinha essa noção do movimento de 64, mas isso eu só fui ter quando eu entrei no ensino médio, os últimos três anos de colégio que eu fui ter uma ideia, que eu fui entender por quê que eu corri lá em 68, só aí... dez anos depois. Aquilo foi bem traumático.

Conheci Dzi Croquettes de longe, mas peguei o começo dos Mutantes, que o Dzi tem a ver, né? Pegar Rita Lee, os Mutantes... uma coisa que era estranha.... Novos Baianos também, né? Pepeu, né, a esposa dele... Baby. Eu cheguei a morar no Rio de Janeiro com a mãe de Glauber Rocha, a família do Glauber Rocha, somos conterrâneos da mesma cidade, minha mãe conhecia tia Lucia e ela tinha uma pensão no Rio de Janeiro em Nossa Senhora de Botafogo. E eu morei nessa pensão por um tempo lá com minha mãe e a Baby naquela época nem era a Baby, nem tinha aparecido no Chacrinha, aí ela, Pepeu e o grupinho ia lá e Tia Lucia dava o resto de comida e pãozinho pra eles. Quase todo dia eles passavam lá pra comer... assim, não entravam, né, recebiam a quentinha lá fora etecetera e tal. Porque a pensão de Tia Lucia era muito pousada do pessoal artístico que vinha da Bahia pra passar dois, três, quatro dias, mas minha mãe a conhecia e a gente morou realmente lá por um tempo. Ele era baiano, mas eu conheci só a filha dele...

P.J.

Você tem que me dar um nome? Porque cê vê que é uma coisa complicada, né? Apesar de me reconhecer como tal, de ter saído do armário, mas publicamente, em respeito a minha esposa, filhos e netos, é complicado. Eu queria que você me identificasse como professor, professor aposentado. Com o nome P.J. Fala pro Martinho que eu fiquei muito lisonjeado dele me indicar. Porque ele sabe que eu sou do ramo, mas nunca militei, eventualmente, fui a Medieval no início da década de 70, frequentava sauna, mas barzinhos, eu raramente ia ou de ficar em causas politicamente, sabe? Nunca militei.

A militância era um recorte. Seria o que 10%, 15%? Uma coisa que me conforta hoje, mas já sofri muito por isso, é saber que, como eu, existem milhões e milhões de pessoas que passam a vida assim, muitos amargurados, muitos dentro do armário, muitos levando vida dupla, sabe? E vão..., mas foi um sofrimento muito grande pra mim, eu não me aceitava, a adolescência foi um horror pra mim, fui até em psiquiatra, porque eu tive depressão. Me sentia uma aberração. Uma aberração..., mas foi passando. Aí, olha a ideia que, como eu, quantos fizeram: "ah, casando passa, vai passar". Tive duas namoradas, com a primeira não fiz sexo, a única mulher que eu fiz sexo na vida foi com a minha esposa. Até a gente tinha um relacionamento e fazia. Mas esse ano, sabe quantas vezes eu fiz sexo com ela? Uma. Então vai mudando a gente também, percebe?

Nasci em uma cidade do Grande ABC, minha família também é de lá. Sempre me senti diferente, eu nunca me esqueço de uma cena: meu pai era taxista em Santo André e uma vez eu devia ter cinco ou seis anos, eu tava lá no ponto dele, o amigo dele tinha uma filha e meu pai falou pra ele que a filha dele queria me abraçar e eu fiquei parado e senti que meu pai ficou puto da vida comigo, sabe? Uma cena marcante na minha vida, foi terrível você ficar se sentindo uma aberração. Devia ter uns cinco anos, seis no máximo, mas essa experiência foi marcante pra mim. Meu pai veio: "ei, você não é homem? Vai lá, a menina tá querendo te dar um abraço". Ele não disse verbalmente, mas até hoje me incomodava, eu lembro perfeitamente onde eu estava, foi uma cena marcante, eu não devia ter mais que seis anos. Como quem diz: "você tem que ser homem, vai lá, se a menina tá te abraçando, abraça". Eu fiquei estático e senti o escárnio tanto dele quanto dos amigos, muito marcante isso. Me senti mal. Na época, eu não tinha noção de nada, nem sabia dessas questões.

Mas foi passando, casei em 77, meu filho nasceu em 79, depois que ele nasceu, começou a me dar uma angústia, como é que eu diria, uma vontade. E aí eu comecei a ir em sauna. Ia em

cinema, mas só pra ficar naquela pegação. Já fecharam todos: Cine Olido, Cine Marrocos, Cine Ipiranga, Cine Metrópole, Windsor... e ficava aquela pegação toda, sabe? Mas sempre no armário. Sempre no armário. E eu acho que pra mim tem um fator facilitador que é que eu passo batido. Não sou afeminado, então quando eu passo na rua, só quem é do ramo percebe e alguns nem se dão conta..

Eu também tenho um tio, ele faleceu esse ano, oitenta e quatro anos, eu acho que ele sempre foi, mas nunca saiu do armário. Casou, teve filho, mas ficou na dele, nunca tocamos no assunto, mas eu tenho certeza que ele era. Então, existem muitos, Yuri, muitos mesmo, acho que essa sua pesquisa vai ser fascinante, porque você vai trazer pessoas que levam uma vida discreta, mas que se aceitam, como no meu caso. Me aceito como sou hoje, sei que sou gay, não tenho dúvida nenhuma, não sinto atração, só tive sexo com a minha mulher, se passar a mulher mais bonita do mundo, eu não vou sentir nada.

Minha mãe era doméstica, eu frequentava a escola pública. Minha família era católica rigorosa. No primário, passou como eu falei, não sofri porque só sofria quem era mesmo afeminado. Nossa, a discriminação era terrível! Eu tinha um primo, que até faleceu, foi assassinado, ele é um ano mais novo que eu e ele era bem mais afeminado. Até quando a gente era criança, a gente fazia aqueles troca-troca que fala, né? Sempre na surdina, nunca fomos pegos com a boca na botija. Coitado, ele era muito discriminado, percebe? E coitado, não sei nem por qual motivo acabou assassinado. Fazer o quê? Tem alguns anos isso. Eu ficava olhando pra ele e pensando: “que dó dele, né? “. Mas por que eu vou ter dó se eu também sou do ramo? Mas na época, eu não tinha essa consciência, entendeu? Como eu era mais masculino, ativo, eu achava que eu não era, mas depois eu comecei a perceber que como eu não tinha atração por mulheres, só por homens, então alguma coisa estava errada. Eu nunca fui daqueles de dizer: “ai, comi um viado”, nunca fiz isso, nunca falei isso, nunca tive essa concepção, mesmo no tempo em que eu não me aceitava. Muitos falavam isso, era comum, os homens não tinham vergonha de dizer: “ah, comi um gay”. Mas como assim, comi um gay? Não falava gay, né, falava viado, gay é coisa mais recente.

E na ditadura, eu acho que assim, ah... eu passei pela ditadura e não tive nenhum problema. Claro, quem não tinha, não era contrário ao regime, a vida ia, tocava, as coisas iam, só que quem não se incomodasse, por exemplo, de você estar andando na rua, para um policial, te pede o documento ou dentro de um ônibus passa a batida pra pegar documento. Então tinha esses inconvenientes e também censura, de um jeito ou de outro, mas a vida ia. Até pra você ver, em 76, eu fiz um concurso para a Secretaria de Segurança Pública e fui nomeado pra

trabalhar no DOPS. No ano seguinte, eu casei, minha esposa já era professora na época e eu era escriturário. E quando na escola souberam que eu trabalhava no DOPS, muitos se afastaram dela: “nossa, ele é espião!”. E quando eu dizia para as pessoas que eu trabalhava no DOPS? As pessoas ficavam pálidas. Mas eu era escriturário, trabalhava no protocolo, eu só fui entrar na carceragem quando teve o Museu da Resistência. Inclusive, você já foi lá?

Do DOPS, eu tenho um episódio muito interessante pra te contar, porque eu era funcionário do DOPS, mas trabalhava em um setor que não era relacionado com a carceragem. Mas um dia, eu tive que ir lá, não sei por causa de qual documentação e o prédio tem três andares como você sabe. Quando eu embarquei no elevador, adivinha quem veio do subsolo, que era a carceragem? Fleury. Ai! E era a época do Esquadrão da Morte. Um homenzarrão alto, ele me olhava assim do alto, eu quase fiz xixi nas calças de medo. Quando eu cheguei na seção, uma colega me perguntou: “que que aconteceu? Você tá tão pálido”. Eu falei que nada e fiquei imaginando um preso político na mão daquele infame. Cê sabe a história dele? A morte dele é até hoje meio controversa.

No trabalho, eu nunca disse, eu trabalhava na polícia. Antes, de 71 a 74, eu trabalhei na Secretaria de uma escola, eu não era funcionário, eu era admitido como PM e aí que eu namorei por dois anos com essa menina, somos amigos até hoje. Eu parei o colegial, depois fiz o supletivo e eu não queria saber de estudar, não queria saber de nada, hoje eu entendo e agradeço tudo que ela dizia, tenho até mestrado. Engraçado que eu nunca senti nada, não lembro de ter ficado de pau duro pensando nela. E com ela, até que eu faria porque até que era gostoso. No fim, foi suficiente.

Então, tenho essas experiências e uma vez que fui pra Medieval em 71 ou em 72. Eu fui em 72, uma única vez, você vê que mesmo dentro do armário, eu fui pra boate gay. Outra boate gay que eu fui, foi o Homo Sapiens, você ouviu falar? Festas de luxo. A única vez que eu fui pra Medieval, foi com um amigo da escola, eu tava no primeiro colegial e foi com um professor de desenho, que eu até transei com ele na época. Ele deve ter o que, se estiver vivo, deve ter uns 72, 73 anos. Foi uma única vez.

Eventualmente eu tinha essas relações, esporádicas, agora relacionamento homoafetivo mesmo foi com o Alfredo, um amigo que é professor e que de tanto eu insistir, ele cedeu. Engraçado que ele tem um perfil que nem é o meu, ele é afeminado, eu gosto de homem com cara de macho que nem o Nestor. Quando eu conheci o Nestor, passou imediatamente, entendeu? Foi 15 de março de 1998. Tava caçando na praia, eu morava no Guarujá essa época,

aí ficou até hoje. Mas intelectualmente, há uma grande diferença entre nós, sabe? É bem difícil e agora com essa questão da política piorou.

Tem um incidente com esse meu amigo querido que eu queria te contar. Nós estávamos num local ermo depois do trabalho e estamos fazendo felação. De repente, vemos um farol bem em cima da gente. Era a polícia! Foi terrível aquilo, a nossa sorte é que tinha um graduado lá, porque podíamos ser extorquidos, né, com essa questão. Foi muito... até hoje quando eu lembro disso, cê já imaginou isso? Ser levado pra delegacia por atentado violento ao pudor? Foi antes de 98 isso, já tem mais de vinte anos, de quando tínhamos o nosso relacionamento. Foi um fato marcante.

Mas outra coisa que eu li em um livro e que felizmente eu nunca passei essa situação, era que nos cinemas de pegação, como o Cine Windsor, às vezes a polícia batia e pegava todo mundo que tava na plateia, levava todo mundo pra achacar. Mas esse episódio com esse meu amigo foi muito marcante, muito marcante. Não sei como não fomos achacados, nem levados pro distrito policial pra ser feito boletim de ocorrência por atentado violento ao pudor. Mas o vexame que nós passamos, a forma como eles nos encaravam, foi como se nós fossemos seres abjetos, sabe aquele machismo? Mas, na verdade, nós erramos porque não pode ficar a la vontê, né? Foram muito ríspidos, do tipo: "vocês não tem vergonha na cara?", e nós respondíamos: "Não, nós somos professores, eu sou casado". Coisa horrorosa! Nunca passei uma situação tão constrangedora como aquela, foi difícil. Até hoje eu não entendo como deixaram a gente sair... na verdade, eu acho que nós estávamos errados, porque intimidade tem que ser em local privado, né? Estávamos dentro do carro em um local ermo, mas era público, né? Foi uma situação extremamente vexatória.

Acho que pra quem era gay dentro do armário, a vida ia tranquila. Mesmo pra quem era assumido, tinham as batidas, mas eram mais pra travestis. Ou gente que nem o Trevisan, digo gente mais ligada às artes, né? Eu já li o livro dele Pai-Pai. Não é muita amargura? Nunca me senti tão mal lendo um livro como aquele. Acho que ele fez uma terapia nesse livro e se abriu, mas é muita amargura. E eu fui no lançamento aliás, tenho o livro dele assinado.

E por falar em ditadura, mesmo o PCdoB não aceitava, a esquerda também tinha preconceitos. No meu tempo lá, não percebia isso, mas também não se cogitava essas questões, apesar de que eu não senti pressão, não senti nenhuma fala que fosse homofóbica da parte deles.

Minha infância não foi ruim, o pior foi na adolescência, quando eu me senti que eu era diferente. Eu não sentia atração por mulheres e quando eu olhava homens, sentia atração. Tinha sim uma pressão da família, mas meus pais nunca souberam de mim, nunca. Uma coisa que eu

fiquei sabendo, quando eu me dava com meu irmão, né, é que meu irmão, quando era adolescente, meu pai pediu para um amigo leva-lo na zona e comigo nunca aconteceu isso! Comigo não. Agora eu queria saber a reação dos meus pais, minha mãe ia chorar até não sei aonde e meu pai ia reclamar dela. Porque na minha casa eram quatro meninas, eu e meu irmão, eu sou o penúltimo, teve mais um que nasceu e morreu, éramos sete. Mas meu irmão era dez anos mais velho que eu, então fui criado no meio de meninas, mas também não é relevante isso, né?

E no começo do ano 2011, eu contei para o meu irmão, meu irmão ficou meio assim. Mas passou um dia ou dois, ele ligou pra mim e me falou assim: "eu aceito você como é". Mas depois, recentemente, tivemos uma briga homérica, ele revelou que é homofóbico. Sabe o que ele falou? Eu nunca vou perdoa-lo.

* * *

Bom, ele falou o seguinte: "pelo menos o meu só sai e o seu entra. O meu é mais limpo do que o seu, porque o meu sai, o seu entra". Quer mais do que isso? Me arrasou. Terrível, demonstrou que é homofóbico, quer dizer que é uma coisa suja quando ele fala que o dele é limpo porque só sai e o meu não, o meu entra. É uma bobagem, mas isso demonstrou, revelou, entendeu? Me distanciei dele totalmente. Mas duas das minhas irmãs sabem numa boa, falaram que vão levar até o túmulo. Depois, fiquei sabendo que o linguarudo contou pra elas. E eu acho que ele contou também pra uma prima que faleceu no começo do ano.

Enfim, agora se na família alguém perguntou, eu digo: sou! Tranquilo, não tem mais nada hoje. Quando eu briguei com meu irmão, parece que saiu um peso da minha cabeça. É claro, acho que dificilmente alguém vai chegar, desconfio que muitos dos meus amigos sabem, mas ficam na deles. Quem vai entrar na minha página do Facebook, se é perspicaz e é do ramo, percebe pelas postagens, pelos personagens que eu crio e pelas publicações que eu faço. Pra mim, hoje passa batido, mas foi um sofrimento atroz. Muito grande. Tanto é que eu imagino quantas pessoas como eu casaram achando que iam se curar?

Fui ao psiquiatra na adolescência, tomei remédio, inclusive pensei em suicídio na época. Foi terrível pra mim. Procurei essa ajuda psiquiátrica por meio da família, chegava a desmaiar, foi uma coisa muito ruim, a histeria do momento, né? Mas no fundo eu sabia, né. Quando eu via e falava: "nossa, esse cara é gay", eu tinha um certo preconceito, eu via isso no outro – não tinha preconceito, nunca tive, mas achava estranho.

Hoje eu não ligo, pra mim tanto faz, como tanto fez. Me sinto psicologicamente bem resolvido. Minha mulher sabe, claro que não aceita, a represália é que ela dorme muito pouco na nossa cama, vamos dizer que a cada mês ela dorme duas ou três vezes na cama, no resto dos dias dorme com os netos, o que quer dizer que ela não aceita. Agora se fosse outra, né? Mas eu não imagino minha vida sem ela e sem ele. Isso é engraçado, né? Eu amo ela e não me imagino sem ela, tenho pavor dela morrer antes de mim. Mas quando eventualmente faço sexo com ela, é pensando nele. Pelo que eu saiba, ela não fez sexo com nenhum outro homem. Coitada, né?

O meu sonho era o seguinte, olha que situação almodoviana, é que ficasse os três juntos. Esse sonho eu tenho, mas já falei e nem ele, nem ela. Abominam essa ideia, não aceitam de jeito nenhum. O ideal seria se ficássemos os três. Nos últimos anos, quando fazia sexo com ela, era pensando nele e aí uma fantasia sexual, de vê-la com outro homem. Eu não entendo também o por que ela me aceita. Ela é aposentada e tem uma renda razoável.

O Nestor, antes de me conhecer, tinha uma pessoa, mas ele se relacionava com mulheres também e olha a cabeça dele, olha que limitação, ele achava que ele não era gay, porque na cabeça dele o gay era só aquele que dá. Agora ele entende, eu convenci que ele é também, mas quem o vê, não percebe. Cê já viu foto dele? Então, alguém imagina que ele seja? O jeito dele é normal e é esse tipo de homem que me atrai, tipo rude, com cara de macho. Isso me atrai. Essa questão.

Na ditadura tinham também as pornochanchadas. A válvula de escape eram as pornochanchadas. Adivinha por que eu ia ver as pornochanchadas? É claro que não tinha nu frontal, só tinha aquelas simulações, mas o gozo era esse. A maioria dos homens ia pra ver mulheres, mas eu ia pra ver os homens.

Naquela época, o máximo que eu fazia era no cinema, o máximo era rala-rala. Era tipo assim, acho que hoje não tem, um sentava perto do outro, começava a tocar o pé, encostava e aí no máximo o que pegava era no órgão genital. E na infância, fazia troca-troca com os primos. Os seus outros entrevistados falaram isso? E pra você como foi? Pra sua geração é mais fácil, né? Você não é afeminado, sofre mais quem é afeminado.

* * *

No meu caso, eu sempre gostei de ser ativo, mas com o Nestor, ele sempre foi ativo, só depois de muitos e muitos anos que ele cedeu pra ser passivo. Mas aí o que aconteceu? Eu comecei a padecer de disfunção erétil, tenho a ereção, mas não suficiente pra penetração, gozo

e tudo, cê vê que droga? Tomei viagra um tempo, mas não deu muito certo. Antes ele não aceitava, de jeito nenhum, por machismo dele. Como lhe falei, o conceito dele é que ele não era gay; como ele só era ativo, quem era gay era o passivo. Hoje ele aceita, mas não gosta, muito tradicional, muito como é que eu diria?

E esse meu amigo, não era ele que me flertava, eu é que dava em cima. Eu o conheço desde 93 e comecei a dar em cima dele em 93 e ficamos nessa até 98, quando eu conheci o Nestor. Virou um amigo, somos amigos até hoje, se você ver na minha página do Facebook, vai encontrar ele lá.

Na época da ditadura, era tudo no submundo, no armário. Eu nunca frequentei a Vieira de Carvalho, mas acho que já tinha aquele bar, o Caneca de Prata. Quer dizer, já tinha uma vida gay, mas mesmo os que frequentavam lá, muitos deles não eram militantes. Ficavam na surdina. Então nosso meio de pegação era o cinema. Aí em 80, eu comecei a ir em saunas, mas não tive contato com os michês, só uma única vez... tinha uma sauna lá em Arthur Alvim, uma única vez que eu fui, eu me constranjo com isso. Porque tinha também uma sauna que era na Borges Lagoa, que nem sei se tem ainda, que lá era de michê também. Nessa de Arthur Alvim eu estive e não gostei na da experiência não. Sabe a pessoa, tudo bem que ela procura te dar prazer, mas não foi satisfatória, tive uma única experiência, mas realmente não gostei. Eu não gostei não é porque eu achei assim repugnante, mas sei lá, essa coisa de pagar pra fazer sexo, né? Agora, uma única vez, que eu brochei, tinha o quê? Uns 16, 17 anos e estive com uma prostituta, meu tio que me levou. Aí quando chegou lá, tinha uma criança chorando. Uma casa muito pobre.

Bom, como te falei, eu casei em 77, meu filho nasceu em 79. Aí em 79 eu comecei a ir na ForFriends, você já ouviu falar? Fechou agora. Eu fui muito lá, mas não era de michê lá aquela sauna, era um pessoal bem classe média que ia, que frequentava lá. Próximo dela tinha uma que agora diz que virou sauna de lésbica, nem sei se existe ainda. Aí eu ia muito lá também. Mas aí o que acontece nos anos 80? Foi um horror. Precisou tirar o time de campo. Eu fiquei apavoradíssimo, apavorado. Começou a sair na imprensa, primeiro foi nos Estados Unidos. Falavam a peste gay naquela época, tava muito associada aos homossexuais, foi persecutório.

Eu tinha um amigo, o Maurício, historiador que tem até um livro publicado, ele era diretor de um Arquivo daqui, pois ele casou, teve três filhos e morreu de aids. Mas a mulher sabia, sou amigo da mulher dele até hoje, faz 22 anos que ele morreu. Depois ele saiu desse Arquivo e foi convidado pro Arquivo Municipal de outra cidade. Sempre ficou no armário, entendeu? Aí casou também, quantos casaram... É isso que eu gostaria que a sua pesquisa

levantasse, essa questão. Como a pessoa tem uma vida dupla? Tem um casamento formal, uma vida dupla e tem uma união homoafetiva.

Eu me sentia culpado, eu sentia como se tivesse dupla personalidade. Eu não sei até hoje como eu fazia, eu tinha uma estratégia psicológica pra não me magoar. Mas passou batido, faz muito tempo isso. Quando eu comecei? Acho que quando eu comecei a me assumir assim foi com o Nestor em 98, já com o Alfredo sim, mas com o Nestor foi mais intenso, porque aí eu me entreguei totalmente. Paixão, sexo maravilhoso, mas eu tive que me adaptar a uma situação que eu não gostava, no começo foi horrível, depois eu me acostumei. Não é que eu gosto hoje, mas eu me acostumei, entendeu?

Mas ele tem umas manias... não gosta de fazer felação e eu gosto. Tenho que insistir pra que ele faça e é tão gostoso. Então, eu acho que essa questão é como que vive, como é que pode ter uma vida assim? Creio que muitos amigos sabem, mas acho que ninguém vem questionar.

* * *

Na sauna, era só pegação. Poucas vezes nos falávamos. Poucas amizades extrapolavam aquele contexto e as pessoas iam lá justamente para esse fim. E eu sempre percebi que tinham pessoas que eram casadas, muitas que eram casadas, isso não era exceção. Eu me sentia bem, mas com o sentimento de culpa. Agora eu não tenho mais esse sentimento de culpa, eu acho que agora eu sei ver que eu não sou uma aberração. Fazer o quê? Que eu sou gay, eu sou gay! Eu me sinto bem quando eu falo que eu sou gay.

Mas quando se fala gay, gay é multifacetado. Tem vários perfis. Esse meu amigo Alfredo, ele é gay, mas ele é conservador. Extremamente conservador, vai à igreja, vai à missa. Não foi casado, acho que teve uma vez só com uma mulher. Nós fizemos uma vez um cruzeiro de Miami a Barcelona e também fomos a Buenos Aires. Sempre que a gente viaja, a gente quebra o pau, porque ele começa a me criticar. É um quebra-pau danado! Ficamos amigos, uma única vez tivemos algo depois, Nestor nem pode saber. Depois de alguns anos que eu tava com Nestor, tivemos uma recaída, tenho até vergonha de pensar porque hoje fica algo como incestuoso de tão amigo que a gente ficou... Ele tem sessenta e um anos.

Agora assim, eu ainda sinto uma certa culpa, porque eu acho que, aliás, eu acho que é um erro ter pessoas como eu, o que me conforta é que sei que são milhões que casam achando que casando vai passar. Expectativa não só minha, mas com certeza de muitos que casam e acham que não vai sentir mais atração por homem. E muitos ficam dentro do armário, como eu

que durante esses quinze, vinte anos de casamento, levava vida dupla. Saía, mas parece que eram duas pessoas distintas, não é patológico isso? Os outros entrevistados falaram isso?

Teve um tempo que eu achei que era bissexual, será que eu sou bissexual? Mas eu só fiz sexo com a minha mulher e não senti atração por mulher outra nenhuma. Aí que tá, será que existe bissexual mesmo, que sentem o mesmo tipo de atração por homens e mulheres? Isso eu queria saber. Mas agora eu sei o que eu sou, agora eu sei, sempre fui. E atualmente eu fico assim, bem resolvido. Só sinto uma certa culpa de ter envolvido minha mulher, porque ela é uma mulher muito boa e não sei como ela aceita uma situação como essa.

Ela repudiou quando ficou sabendo. Às vezes quando brigamos, ela taca na cara, como se eu fosse uma aberração. Isso foi depois do Nestor, antes era tudo velado. Por exemplo, amanhã o Nestor tá de folga, só tá trabalhando à noite, eu vou pra lá amanhã e só volto na terça. Fico dois dias com ele. Mas uma coisa que eu percebo é que viver no mesmo espaço que ele não daria certo. Porque ele é muito metódico, muito certinho, ele quebra as coisas. Pra você ter uma ideia, uma vez ficou um ano e pouco a descarga do banheiro quebrada e ele não arrumava, ficava jogando água. Então nesse ponto não daria. Há uma completa diferença entre a gente. Outra coisa é que ele não lê mais do que três linhas e agora nessa onda, ele ficou fanático. O que aconteceu com as pessoas, Yuri? Pessoas que eram alienadas e agora tão achando que é o mito. Outro dia eu dei uma alfinetada nele, quero ver a hora que essas pessoas descobrirem que esse mito é um mico. Ele curtiu, mas não falou nada.

Essa época da aids foi terrível. No princípio, eu fiquei apavorado. Foi um horror aquilo. Sabe o que eu acho? Isso era até o que eu queria te contar também, para os jovens de hoje da tua faixa etária, mais novo ou mais velho, parece que não existe aids. Inclusive, eu vejo filmes pornôs, as pessoas fazendo sexo numa boa, ejaculando. Não é preconceito. Isso é preocupante, parece que a aids não existe mais, porque antes, quem tava com aids era condenação de morte. Foi terrível isso nessa época e foi justamente na época da ditadura. Aí cê vê uma coisa até que interessante, mesmo com a ditadura, o Brasil foi um dos países que agiram imediatamente pra conter o avanço, com medicação, pesquisa, isso foi maravilhoso. Mas nessa época da ditadura, não tinha essa onda evangélica como a que tem hoje, isso que é preocupante. Você quer mais uma taça de vinho? Vou pegar lá.

* * *

A segunda taça! Vamos tirar outra foto para o Facebook. Preciso fazer terapia por conta disso, viu?

Com esse amigo historiador, algumas vezes eu tive sexo com ele. Mas éramos grandes amigos, eu sinto até hoje saudades dele, fizemos sexo algumas vezes. Mas é exatamente por isso, porque ele era muito promíscuo e exatamente por conta disso que ele contraiu aids, entendeu? Eu fiquei muito preocupado e com medo de que eu tivesse pegado também, felizmente não.

Quando eu conheci o Nestor, depois de três ou quatros meses, nós fizemos o teste. Eu não tinha feito o teste antes, fiz com ele. Quando eu soube que meu amigo tava com essa doença, foi muito duro. Você não passou isso. As novas gerações não percebem, eu vejo isso. Até pode ser promíscuo, mas tem que se proteger, né? Não sei se você vê vídeos pornográficos, não é um absurdo aquilo? Me assusta a falta de prevenção. E atualmente não se fala tanto, parece que não existe mais. Na nossa época, era sentença de morte. E cê vê que nessa época o Brasil avançou muito, né? Quando começou a aids era ditadura ainda, o Brasil foi referência de tratamento. Eu não participei de nenhuma organização.

Enfim, o teste foi tranquilo, sem nenhum problema, com ele eu faço sem nenhum tipo de precaução. Mas fiquei bons anos com medo, muito medo. E eu tinha relações com minha esposa e tinha medo de passar pra ela, isso seria como se eu estivesse cometendo um assassinato, né? Não sei como seus entrevistados reagiram nesse período, mas pra mim foi um horror. Um horror.

Eu tive um amigo próximo que se foi, o Maurício. Era muito rápido. São os casos que o Drauzio Varella fala naquele livro dele chamado “Por um Fio”. Homossexuais que viviam juntos, um morre, a família imediatamente muda a fechadura e deixa o outro pra fora. Que horror isso, né! Mas aí você vê como o Brasil avançou nisso, porque agora temos direitos, não tínhamos antes. Mas também é como eu falo, acho que é uma faca de dois gumes, porque se nessa geração não der certo e separa, como é que fica a pensão? Como é que fica a divisão de bens? Tem o ônus e o bônus.

Agora isso que eu acho estranho, Yuri, não sei se os amigos da sua faixa etária, um pouco mais novos, um pouco mais velhos, veem a questão da aids. Agora vou te contar uma intimidade, embora eu seja passivo, na hora da ejaculação, ele tira. Entendeu? Muito raramente goza dentro.

Em geral, somos só nós dois, mas já tivemos umas duas ou três vezes com outros. Conhecemos na internet um professor de Arapiraca em Alagoas e fomos lá. E fizemos a três

também com uma outra pessoa que é um advogado, mas com essa pessoa não foi legal. Com o professor foi bom, mas sabe o que eu senti? Você já sentiu o que eu senti, isso de que a outra pessoa se afeiçoa mais por um do que por outro?

Mas o gozo grande que eu consegui foi quando ele aceitou ser penetrado. Mas ele dá risada, depois que ele permitiu, passou um ano ou um ano e pouco, aí tive o problema de ereção. Mas aí eu gozo na barriga dele.

Então, e a ditadura foi dessa forma. Quem tava no armário vivia tranquilo, agora quem padecia mesmo e até hoje acho que é quem padece é o afeminado ou travesti. Travesti então... acho que foi o seu artigo que eu li, que eu fiquei escandalizado, que a Jacque fala que o maldito policial colocou uma navalha na bolsa dela. Vai pra puta que pariu! Eu acho o fim da picada isso. E não era um caso isolado isso, isso acontecia sempre. Por isso mesmo eu me emocionei com o texto. Justamente ela relata o que acontecia com ela, de chegar ao cúmulo de um policial corrupto colocar algo para incrimina-la. Olha como ele é idiota!

Eu sabia que o grupo SOMOS existia, mas eu nunca quis entrar, sabia que tinha uma movimentação, eventualmente a imprensa comentava com muita sutileza, sem dar muito alarde. Sabia que tinha resistência, mas nunca participei, nunca tive o interesse. Claro que se eu fosse, seria aceito com certeza, mas eu nunca fiz parte, nunca tive interesse. Não que fosse contrário... talvez hoje até entrasse.

Essa época das pornochanchadas, era a época do rala-rala, de encostar os pés. O Lampião eu via de longe, eu nunca comprei, até hoje eu sinto o idiota que eu fui, por que eu não lia? Tinha gente que comprava e o jornaleiro colocava num envelopinho. Eu não lia, mas sabia da existência. Isso foi, como eu diria? Uma vanguarda. Acho que foi na entrevista que o Trevisan deu, num vídeo, que ele relata que na redação um dia chegou um homem casado, com filhos e que ele queria saber como é que era, aí soltou a franga e depois morreu de aids. Como é que eu diria, se voltasse pro passado, me arrependo amargamente, porque eu sabia da existência do jornal O Lampião, mas nunca li... eu ficava de lado, só de olho, mas nunca comprei. Queria, queria, como eu queria. Não é trauma... como é que fala? A palavra correta é uma frustração. Eu sei que o acervo agora tá todo digitalizado, é só pegar e ver. Mas eles foram de vanguarda mesmo e você vê, era no auge da ditadura, naquela época, percebe? Por isso que se fala que a ditadura era uma faca de dois gumes. Porque foi um desbunde total, vê o Ney Matogrosso! Eu acho que apesar dos pesares do regime e da repressão e antes do advento da aids, as pessoas eram mais soltas, era um olhar e pronto. Já podia fazer. A promiscuidade era total.

Caetano Veloso, Ney... Nossa, 1972! Nossa. Eles foram vanguarda na época e você vê, mesmo com ditadura, era permitido que eles cantassem, eles apareciam. Não é um paradoxo? As chacretes... Aliás, se você não assistiu, eu te recomendo assistir porque o Chacrinha não é da sua geração, se você viu, você viu só no final. Eu até chorei vendo esse filme com algumas coisas, eu nunca fui fã dele, mas tá tão bem feito o filme que parece que é o Chacrinha que tava em cena. Na peça de teatro que teve dele, eu não fui.

Você vê, quando eu era jovem, eu ia duas vezes por mês ao teatro, hoje se eu vou uma vez por ano é muito. Tinha a Murro em Ponta de Faca, Roda, Bent, que inclusive falava do homossexualismo na época da Segunda Guerra ... eram peças que eram da resistência, eles tentavam de certa maneira resistir... olha o nome: MURRO-EM-PONTA-DE-FACA. Foi 78, não lembro, não sei se foi no final da década de 70 ou no começo da década de 80. E eu ia muito no teatro.

Tinha também no ABC, tinha peças de vanguarda lá também. Eu tive a oportunidade de assistir lá uma peça com a Tônia Carrero chamada Casa de Bonecas. Teve uma outra agora. No final, é surpreendente quando a personagem dorme e o cenário desaba, como quem diz que a vida dela acabou.

Tinha também a Cassandra Rios! Nossa, cê sabe que eu vi um documentário dela feito pela Hanna Korich que é fantástico, ela foi uma mulher fantástica, ela foi vanguarda mesmo. Eu lia escondido! Olha como ela foi esnobada pela academia, porque ela vendia milhões de livros. E a Joana, que acho que foi companheira dela, é minha amiga no Facebook. Sabe quantos anos ela tem? 79 anos. Ela é muito conservada. E ela me contou, eu já admirava ela, agora mais ainda, que quando a Cassandra Rios ficou doente, ela tava numa situação financeira muito complicada e precisava de tratamento. E aí, acho que foi a Joana que ligou pra assessora da Erundina e passou meia hora, a Erundina mandou, ela foi internada e pelo menos morreu com dignidade. Parece-me que ela tá enterrada, o corpo dela tá lá no cemitério Santo Amaro.

Tinha uma outra, que não era de lesbianismo, mas também era polêmica... se chamava Adelaide Carraro, já ouviu falar? Acho que ela teve um caso com o Jânio Quadros... os livros dela eram tudo de putaria.

Mas foi só uma vez que eu li a Cassandra. Nossa, foi muito chato que minha mãe achou e rasgou o livro. Eu comprei aonde o livro? Eu não lembro mais, eu era adolescente. Biblioteca eu não emprestei, porque não tinha esse livro na biblioteca. Não sei como eu arranjei, agora eu não lembro, já tem mais de cinquenta anos isso. Todo mundo lia! Cê lembra do Marcelo Paiva Filho? Ele falou que na adolescência, ele se masturbava lendo os livros dela. Você vê que ela

deixou marcas indeléveis, ela era uma pioneira, batalhadora. Mas acho que na época dela não tinha nem movimento, mas ela era vanguarda, ela foi pioneira. Ela que abriu. Parece que a Joana foi parceira dela. Recomendo que você assista o documentário dela, da Cassandra Rios, vale a pena. Ela chega a ser até anterior à ditadura, mas ela sofreu muito na ditadura, foi muito censurada. Tenta ver uma entrevista dela que ela deu pro Jô Soares um pouco antes de morrer. Veja no Youtube, talvez você encontre, acho muito importante pra seu objeto de estudo.

E a vida foi assim pra quem tava na época, embora não se assumisse como gay, mas era gay. A maioria das pessoas viviam dentro do armário, tinha a vida dupla, dava um jeito de dar umas escapadas, mas publicamente não. Alguns, até que a família sabia, no meu caso, acho que não. Com exceção do meu irmão e das minhas irmãs. Uma delas falou: "vou levar esse segredo pro túmulo". Agora eu tenho um sobrinho que ele tem 45 anos, acabou de se separar da mulher, ele é homofóbico, se ele souber de mim... amo esse meu sobrinho, adoro esse sobrinho, tenho como se fosse meu filho. Ele me contou que separou, mas a mulher é uma jararaca, tem um filho de dezoito e uma filha de treze, catorze anos, doze, treze.

E tem outro primo... bom, um dia, minha irmã me contou, eu fui pra Paranapiacaba com o Nestor, não tem aqueles animais silvestres, os veadinhos na placa? Eu tirei uma foto imitando. Aí meu sobrinho viu e disse: "mãe, olha o tio!". Mas se um dia ele vier me perguntar, eu vou dizer que eu sou sim e perguntar se ele tem alguma coisa com isso. Qual é o teu problema? Porque no meu ponto de vista, também penso assim, todo homofóbico vê no outro o que ele deseja, eles não têm consciência dessa questão, muitos deles, cê não pensa assim? Porque parece que o outro faz o que ele queria.

Ai, pena que esse aí que passou agora não é do ramo! Ai que droga!

Mas mesmo pra mim, eu ainda tenho essas nuances, são tantas as características, intersexo... eu não entendi direito isso. São conceitos que ainda não digeri muito bem. Na nossa época era gay, lésbicas e travestis. O SOMOS que formou a sigla LGS? GLS é gay, lésbicas e simpatizantes?

Agora você vê, num ambiente como esse, se você observar a sua volta, você vai ver quantos do nosso ramo estão aqui. Vários estão aqui. O que facilitou minha vida, de não sofrer bullying, nem discriminação, é o fato de eu não aparentar muito. E eu me dei conta disso recentemente vendo os meus vídeos. Os vídeos que eu faço, eu não me vejo como tal, passaria batido. Se bem que depois no Orkut, eu criei um personagem que era no cabaré KitKat. Então esse cabaré funcionava na Berlim belicosa de 1940, mas olha, eu era professor e tinha uma gaita

de foles imensa, pena que eu perdi esses arquivos. Era uma coisa muito louca, muito rica. Era uma comunidade de cinéfilos, acabou, o Orkut acabou também, mas era riquíssimo aquilo. Os personagens que eu criava, as pessoas que entravam, era como se eu tivesse no teatro. Agora não sei se você percebeu no Facebook, tem algumas amigas, que eu coloco elas na postagem e eu dou a continuidade, elas dão sequência, como se fosse uma montagem.

Eu me divirto, viu. É o que eu te falo, eu me considero um bom personagem almodoviano, daria um bom roteiro almodoviano. Falando do Almodóvar, por onde ele anda? O último que eu vi foi aquele ridículo do avião.

Ah! Aquele que passou aqui é do ramo sim!

Bom, a Agrado que eu escrevo no Facebook é do filme Tudo Sobre Minha Mãe. Lembra desse filme? Lembra da Agrado, aquela que era caminhoneira e depois se transformou em travesti? Eu falo que o Almodóvar ficou de saco cheio dela e ela veio pro meu blog! Você já entrou no meu blog? Quem lê meu blog o que pensa? Você achou legal? Se você não soubesse, saberia que eu sou do ramo? Se você é do ramo e não viu, acho que passa batido.

Atualmente, eu ando meio preguiçoso, ando mais postando fotos do que escrevendo. Você leu a epístola que eu escrevi pra Marquesa de Santos? E pro Tiradentes? E o visual das freiras? Eu tenho fetiche. Eu tenho fetiche por freiras, não que eu sinta prazer. Nunca me vesti de freira, esse fetiche de me vestir de mulher eu nunca tive, tem gente que tem, né?

* * *

Ah! Lembrei dessa, preciso te contar, você precisa saber dessa, não sei se os outros te contaram. Os olhares! Quando você passava na rua, você olhava, o outro olhava e de repente seguia e você virava pra ver. Quando você virava, o outro virava e aí parava. No centro, eu lembro nitidamente, foi nos anos 80, meados dos anos 80, eu tava no Cine Belas Artes antigo, não tem aquele subterrâneo? Eu tava naquele subterrâneo, eu vinha de um lado e ele vinha do outro, aí passou, me encarou, quando passou, eu olhei e ele olhou, aí paramos. Incrível isso! Uma coisa, sabe aquele encontro que você nunca mais vê a pessoa? E que foi marcante.

E uma vez também quando eu morava no litoral. Morei lá de 77 a 2002, meus filhos nasceram lá e tudo. Eu tava em Santos, isso eu lembro perfeitamente, em 83, foi o primeiro carro que eu tive, um fusquinha. Eu tava andando na rua, na orla do porto, aí uma pessoa parou, eu tava no carro, ele olhou, eu olhei, fomos parar num hotel lá em São Vicente! O olhar...

O negócio do olhar era assim, você também não sabia quem era o outro. A questão era: quando você olha pra trás e o outro também olha, pronto. Não tem mais isso, mas era um tesão, nossa, uma delícia. Era uma coisa fogo de palha, depois daquele momento, você nunca mais via, entendeu?

Esses casos esporádicos que teve. Mas caso, caso mesmo foi com o Nestor. Teus amigos têm casos de longos anos? Seus entrevistados falaram de disfunção erétil? Eu sou o primeiro que fala? Tem gente que têm assim um tabu... eu acho que seria legal tocar nessas questões. Mas eu conto com suas intervenções e as do Martinho, fala pro Martinho que eu queria ter contato, trocar experiência, ver como vivem essas pessoas, porque eu sei que eu não sou único, mas eu acho que não é muito comum ter ssa vida dupla assim. A mulher sabe e o companheiro sabe e vão vivendo.

Eu acho que hoje estou sendo bem franco com você, desibinido, os outros também foram? Ou ficam constrangidos? Algum dos entrevistados te cantou? Eu acho o seguinte, na nossa faixa etária, não é que estamos inibidos, mas não é mais aquela coisa de fazer o sexo, aquela coisa do sexo. A gente muda, eu acho que isso muda.

Mas isso do olhar era uma coisa incrível, você não imagina como era isso, você nunca teve essa experiência, já teve? Mas essa coisa da pessoa olhar e não ser correspondida, eu nunca tive essa questão, mas alguns dos seus entrevistados já foram ameaçados? Nunca tive experiências de violência ou extorsão, nem nos cinemas... Ai, tinha também um cinema, como que se chamava, lá no Largo... Cine Paissandú! Era outra pegação naquelas escadarias que você não faz ideia! Ai, muitas lembranças desses tempos, porque deixou saudades, mas a que ponto chega, né, de você se sentir... e na época, era dentro do armário.

Agora o duro é que nem esse meu tio, passar a vida inteira no armário e morrer nodo armário. Meu pai era machista e eu nunca vi meu pai discriminar meu tio. Porque assim, meu tio foi o filho caçula da minha avó, ele cuidava da casa que era uma maravilha, eu achava meu tio diferente, afeminado. Enfim, casou.

Tive um tio, mas na sua família também deve ter. Muitas pessoas ficam no armário a vida inteira. Agora aqueles que casam, ficam assim, mas será que ele é? Porque ele é casado... Quando eu casei, eu falei: “agora serei curado”. Casei em 77 e até o nascimento do meu filho foi tranquilo. Eventualmente ia no cinema, numas pegações, mas depois começou a me incomodar. Minto! De 77 a 79, casei e fiquei na minha. Mas chegou um ponto que deu, sabe um vulcão em erupção? Não dá mais pra ficar segurando, foi isso que aconteceu. Hoje eu sei que foi um erro meu, pensar que o casamento me curaria.

Na adolescência, eu não contei nem pro psiquiatra. Eu disse que me sentia mal, que não queria viver mais, nem pro psiquiatra eu me abri. Eu achava, olha, que eu tinha algum problema, você percebe como é inculcado? O que me espanta hoje em dia é essa cura gay, que absurdo isso! Isso não existe. Eu nunca falei pra ele, como ele é psiquiatra, deve ter percebido que os meus desmaios aquelas coisas todas, o meu histerismo tinha alguma coisa incutida ali. Eu desmaiava. Um dia eu tava na biblioteca, de repente, eu desmaiava, eu falo histerismo. Me constrange quando eu lembro disso, uma vez eu queria me jogar de um viaduto lá em Santo André. Foi difícil pra mim, depois passou. Um absurdo isso. Depois acerta o seu bigode, tá pontudinho aqui desse lado.

* * *

A frustração maior é essa, porque eu nunca tive uma crise com o Nestor como eu tô tendo agora por causa de política. E eu te pergunto: como pode a política afetar a vida sentimental? Porque são vinte e um anos que vamos completar em março, não dá pra jogar fora. Cê vê, o apartamento que nós temos é meu e dele, tá no nosso nome, sabe? Ele tem cartão adicional meu, isso prova nossa união, tanto o apartamento, como o cartão, porque você nunca daria um cartão adicional pra um amigo, né? E tá patente essa questão, mas ele não aceita, não aceita... a família dele deve saber, mas ele finge que não sabe. Tem uma coisa que eu não gosto que ele faz, tem uma foto nossa na sala e quando a família vem, ele põe outra em cima, então significa que... é bem significativo e eu já falei pra ele isso. Você percebe? Aceita e não aceita, é complicado isso.

Ele é extremamente machista, tanto que não se via como tal. Ele tem um fator que é o fato dele ter se relacionado com mulheres antes, ele teve um relacionamento com uma por seis, sete meses... e não foi uma, diz ele que desconfia até que tem um filho, mas nunca se provou. Então ele esteve com mulheres, mas desde que ele me conheceu... eu tenho minha esposa, mas ele foi mais do que eu.

Nós morávamos em um condomínio anterior, que tinha um casal gay, mas os dois eram casados, foram casados, os dois tiveram filhos e depois separaram das esposas e vivem juntos até hoje e são aceitos por todos no prédio. Tanto é que um deles é o síndico. São uns cinco, dez anos mais jovens que eu.

Hoje quando eu falei na internet da minha predileção, o que eu quis dizer é: “e daí?”. Eu gosto, você deve ter percebido, de criar textos com histórias dúbias, que têm duplo sentido,

né... e também nem precisava ter dito o que eu tô fazendo, né? Não me sinto pressionado de ter que afirmar alguma coisa.

Não me sinto mais na vida dupla que falava... porque, olha que curioso isso, eu também não me imagino vivendo o tempo todo com o Nestor, porque eu fico dois, três dias com ele e dá faísca. Mas tem umas coisas que eu admiro muito nele, até me emociono quando eu falo... café da manhã, ele prepara; no banheiro, ele leva à toalha, sabe essas coisas que demonstram amor e carinho? Eu não faço nada, ele que faz tudo, o café tá arrumadinho lá, prepara... enfim, lembro daquele curta-metragem com o Ney Matogrosso, lembra? Como é que chama aquele curta-metragem? Cê deve ter assistido. É um casal de meia-idade, aparentemente, o Ney é casado com uma mulher e eventualmente, ele visita o companheiro. Se chama "Depois de Tudo". Quero que você assista. Nossa, eu chorei quando vi esse curta. Tão solitário o companheiro dele, no final... olha, eu me emociono até lembrando do final, que ele vai embora e ele fica sozinho. Eu sempre me emociono quando lembro. O filme deixa a entender que o Ney Matogrosso tem uma família e tem também esse companheiro, uma situação parecida com a minha, entendeu?

Ai, me emocionei. Depois de assistir você me fala. O Martinho deve conhecer esse vídeo, ele é cinéfilo como eu. Eu adoro o Martinho, quando você encontrar com ele, fala que eu sou um fã dele, adoro o jeito dele, a franqueza dele, uma pessoa excelente, muito inteligente.

Você vê essa emoção de lembrar um vídeo que te reporta uma situação parecida? É um vídeo que deveria ser divulgado. Você não vai sentir a emoção que eu senti, com certeza não, mas me senti na pele de um deles, no que faz o Ney, que é bem similar. Porque quando eu volto, ele fica sozinho lá.

Eu fico pensando o que teria sido se eu tivesse me casado com minha primeira namorada, como seria? Porque na época, não te contei isso, eu nem tinha ensino médio terminado. E essa namorada estava nos últimos anos da faculdade, ela era cinco anos mais velha que eu, ela já tava na faculdade, em Letras. E ela me questionava muito e aquilo foi me sufocando, mas depois eu me formei, hoje sou até mestre. Eu fico pensando em como seria minha vida sem ela, porque eu só fui fazer faculdade depois de casado e a pedagogia realmente mudou minha vida.

Hoje é um dia marcante na minha vida, porque em 9 de janeiro de 1986, eu ingressei em um órgão público da cidade de São Paulo e fiquei lá até 1992, quando ingressei no Estado. Eu fico pensando, será que eu teria feito faculdade? Como que seria, né? E se eu não tivesse filhos, como que teria sido? Eu amo meus netos, os quatro. E fica, né? São reflexões, não tem

como saber como teria sido, como é que eu diria? Como eu falei, meu sonho os três juntos. Fico sempre curioso de saber se tem pessoas como eu, até iria naquela sauna que você me indicou, não é pelo sexo, é mais pra ter um contato com alguém com uma vida parecida com a minha.

Eu tô nesse processo de envelhecer. De repente, você... por exemplo, eu vivi no litoral de 77 até 2002, vinte e cinco anos, né? Meus filhos nasceram lá, casei lá, enfim... e essa cidade é relativamente pequena, na época da temporada lota, mas conheci uns e outros. De repente, me dá um choque, quando eu vou lá e vejo alguém, penso: "nossa, como essa pessoa envelheceu!". Às vezes, ela deve pensar a mesma coisa de mim, a meu respeito. De repente, você vê pessoas que eram garbosas e vigorosas, uns dez, quinze anos, quando eu tinha quinze, dezesseis e a pessoa tinha trinta ou um pouco mais, e agora estão bem caquéticas. Eu também já tô, vou fazer sessenta e seis, né? É uma coisa, como é que eu te diria... uma coisa que eu não te contei, mas acho importante relatar, que é como a questão do desejo diminui. Percebe? Cê viu que eu te falei de ir pra sauna pra conhecer gente? Antes, eu iria pra pegação, hoje é pra conhecer gente, ter um contato.

Tenho um amigo argentino que sempre me manda convite de vez em quando pra ficar se mostrando na internet, mas eu já não tô a fim disso. Hoje tem essa coisa dos aplicativos, né, que não tinha antes, era tudo na rua mesmo, era no olhar. E esses dias, o Alfredo me contou que se relacionou com um cara, eu perguntei pra ele como é que ele levava alguém que não conhece pra casa.

Eu tenho um amigo jornalista que não é do nosso ramo, mas o filho é, e outro dia ele disse uma coisa que eu achei muito interessante e fiquei pensando. Ele é mais velho, vai fazer 77 anos e ele fala que é como se você ficasse em banho-maria. Entendeu? Essa é a questão. Você vê, não que você não seja um homem atraente, mas é diferente agora, você não fica pensando, fazendo fantasia... ah, mas fantasia eu faço. Então essa é a questão, que muda um pouco a perspectiva, você podia ser meu neto ou um de meus alunos. Nossa, tudo passa, não é não, Yuri? Eu fico muito feliz em ver pessoas tão jovens e tão envolvidas com coisas que nem são da sua geração e agora você tá sabendo.

Mas sabe o que tá me preocupando sobremaneira agora? Principalmente com a eleição desse ignaro, tosco, higienista e homofóbico? É o retrocesso, obscurantismo. Cê vê, até na questão da doença mental, querem internar em instituição religiosa e ter uma ministra desse perfil me preocupa. Acho um grande retrocesso. Mesmo sendo ditadura, acho que o moralismo de agora é maior e te digo isso com absoluta convicção. Não é que eu tenho saudades da ditadura, longe disso. Essa questão é uma faca de dois gumes, por quê? Eu nunca vi essa questão

de fundamentalismo tão acirrado. Isso é um grande retrocesso. Olha, será que era a ditadura? Eu fico pensando. Era repressivo? Era, sem dúvidas, mas tinha vida, poxa. Agora também tinha o outro lado da moeda, né, porque a polícia te explorava, felizmente, não aconteceu comigo. Essa época dos cinemas era glamorosa, tinha o Cine Paissandú, que você já deve ter ouvido falar... eu sinto falta disso, de ir no cinema, hoje é tudo decadente. O Art Palácio, então, você entrava e tinha cheiro de esperma...

Não é saudosismo pelo saudosismo. Não tem o positivismo que diz que tudo vai sempre se desenvolvendo? Sinto que agora tá retrocedendo e eu não tô conseguindo entender... o Nestor é uma pessoa pacífica e, de repente, se transformou. Desculpa, mas hoje eu estou mais emotivo que a outra vez que conversamos.

* * *

Alfredo me convidou para ver um filme aqui no Centro. Eu agradeci o convite, mas disse que não iria porque eu não me sinto seguro pra ver um filme aqui e voltar sozinho à noite, não tenho mais segurança. E isso eu não te contei, mas o Cine Ipiranga, naquela época que eu ia pra ver filme mesmo, eu ia à meia-noite! Voltava andando até o Parque Dom Pedro, pegava um ônibus e voltava pra casa. Nunca senti nada. Só que, em contrapartida, eu discordo de quem achava que era lindo e maravilhoso, é só pegar aquele jornal Notícias Populares, que você espreme e sai sangue. E o Esquadrão da Morte então? Como assim que não tinha violência? É claro que era menos, porque eram menos pessoas! Em 1970, nós éramos 80 milhões, hoje somos mais de 200... triplicou!

Agora, me assusta o avanço dessa onda fundamentalista, o ápice do meu terror é saber que alguém com esse perfil de dizer que menino veste azul e menina veste rosa vai ser ministra... isso é muito metafórico!

Uma coisa que eu queria que você registrasse é que me faz muito bem na contemporaneidade ter certeza do que eu sou e não me sentir mais como uma aberração, que era como eu me sentia. Você não imagina como foi doído, hoje você é mais solto, as pessoas aceitam mais, não tem esse drama que tinha. Quantos não pensaram nisso... sabe que eu fico condoído quando lembro de meu tio? A vida que ele teve, um católico fervoroso.

Mas assim, não gosto é de pessoas do nosso ramo ridicularizando quem é gay, eu acho deplorável esse tipo de piadinha, detesto. Cada coisa ridícula e ainda partindo do nosso ramo! Se fosse homofóbico, ainda vai lá, se sente o machão, né? Eu até entendo. Pra quê essa

discriminação com o afeminado? Fiquei indignado, vou te mandar esse vídeo pra você ver. Ai que bom ser seu amigo, um amigo que poderia ser meu neto e a gente tem tanta afinidade.

Tem gente que pensa que todo homossexual não pode ver um homem que já quer sexo, não é bem assim. Não é bem assim, você pode sentir atração ou não, mas não é só isso. No senso comum, somos promíscuos.

3. CRUZANDO VOZES

Aristóteles, na "Poética", após comentar sobre os enredos narrativos e suas operações de composição, aponta para a principal diferença entre a poesia e a história: "A tarefa do poeta não é dizer o que de fato ocorreu, mas o que é possível e poderia ter ocorrido segundo a verossimilhança [probabilidade] ou a necessidade" (Aristóteles, 2017, p. 95).

Tendo como ponto de partida essa compreensão e considerados o desenho metodológico traçado e seus entendimentos de linguagem, busco nas próximas seções colocar em diálogo as particularidades relatadas pelos testemunhos, por meio da escrita de uma narrativa fruto da leitura do conjunto dessa obra, claramente articulada desde o mundo do autor (Ricœur, 1994; 2006). Esse movimento intenciona perceber as múltiplas possíveis semelhanças e as diferenças entre os pontos relatados e as demais fontes que pude estar em contato ao longo da realização deste estudo. Se os depoentes intencionaram uma totalidade em seus relatos, aqui é o pesquisador quem se incumbe dessa tarefa e pede a gentileza para cruzar suas vozes, abrindo-as ao acaso de seus entrecruzamentos e as multiplicidades dessas encruzilhadas.

Nesse sentido, parto do semelhante, ou seja, aquilo que se apresentou como os principais referenciais entre as narrativas para que estas, posteriormente, pudessem esboçar suas particularidades. Na primeira seção, articulo as falas e fontes que versam sobre os espaços nos quais os enredos relatados ocorreram, considerando não apenas sua "materialidade" enquanto espacialidades físicas, mas principalmente com ênfase aos possíveis processos pelos quais eram constituídos desde certos sentidos, referências e significações para os depoentes, hoje expressados como pontos de ancoragem das memórias coletivamente compartilhados (Bosi, 2003; Halbwachs, 2013; Abreu, 1998).

Nos relatos sobre esses lugares, um critério de divisão me pareceu claro ao ser interpretado por meio da compreensão de Michel de Certeau (2014) proposta por Salazar (2015), referente às relações entre os lugares e as práticas cotidianas. Em alguns casos, certas práticas eram possíveis pois haveria o controle do território enquanto propriedade, o que Certeau entende como estratégia (Certeau, 2014, p. 45). Em outras, fazia-se necessária certa inteligência tática para que os lugares pudessem se transformar como propícios para as práticas desejadas, tratando-se de clara apropriação de espaços majoritariamente utilizados/destinados para outras funções/práticas; como o texto demonstra, espaços de um "outro":

> Chamo de "estratégia" o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer poder é

> isolável de um "ambiente". Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um *próprio* e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta [...] Denomino, ao contrário, "tática" um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. **A tática só tem por lugar o do outro** [grifo do autor] [...] Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias [...] o que ela ganha não guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em ocasiões.

Resulta oportuno dizer que a ideia de uma classificação baseada nas territorialidades para a compreensão das relações e envolvimentos sexuais entre homens não se constitui como uma alternativa inovadora por esse trabalho. Pelo contrário, como demonstra Trindade (2018, p. 51), desde as primeiras contribuições de Barbosa da Silva (205), enfoca-se a importância da formação de uma base espacial para a sensação de pertencimento e percepção dos "homossexuais" enquanto grupo social particular. Ainda de acordo com autor, a opção pelas territorialidades seria expandida por Perlongher (1987), sofisticando as discussões dos sociólogos da Escola de Chicago (Trindade, 2018, p. 54), e também seria considerada por leituras mais contemporâneas, seja as acadêmicas, caso de Green (2000) e Trevisan (2018), ou aquelas relacionadas às percepções relembradas pelos entrevistados de sua pesquisa e de outras pesquisas, caso de Clóvis (Perlongher, 1987).

Paralelamente, outro relevante critério que percebi ao escutar as memórias aqui narradas foi aquele relacionado ao uso dos espaços no que se refere aos tipos de práticas sexuais desejadas ou não e aos distintos modos de se buscar parceiros ou de conviver com outros sujeitos dissidentes. Divido, portanto, esta seção em duas partes.

Na primeira parte, busco analisar os espaços de diversão e lazer destinados ao público "homossexual" que surgem com especial ênfase na década de 1970. Historicamente, segundo Green (2000, p. 251), haveria que se atentar ao fato de que apesar da censura e a repressão que marcariam o regime militar, sobretudo a partir de 1969, o pós-guerra (1945-1969) no Brasil teria sido marcado por uma grande transição da população das áreas rurais para as urbanas. Muitos desses migrantes seriam então incorporados pelos setores industriais, com especial ênfase a São Paulo, cidade que "se tornou a mola propulsora da industrialização de todo o país" (Green, 2000, p. 252). Esse contexto econômico, marcado por uma crescente prosperidade, formaria então "um mercado em expansão e uma crescente classe média urbana" (Green, 2000, p. 252) que, aliados às mudanças nos modos de consumo cultural, como a difusão do rádio e, posteriormente, a instalação de televisões, gerariam novos arranjos e modos de conceber os

papéis de gênero e as identidades sexuais: "No fim dos anos 60 [...] mudanças culturais passaram a questionar esses valores e a enfraquecer os papéis sexuais tradicionais" (Green, 2000, p. 252). Como demonstra o autor, surge nessa etapa uma série de práticas e posturas que procuraram conferir visibilidade à questão. Em um dos primeiros números de *Lampião*, podemos perceber um pouco deste "antes" e "depois":

> Houve uma época terrível, em que a rua e seus perigos eram a única opção [...] Hoje a coisa mudou: ainda no gueto, porém fora das esquinas e calçadas, se situa outra face, não tão exposta do homossexualismo masculino. [...] Fora das reuniões em apartamentos, dos fins de semana nas praias do litoral paulista e fluminense, esse outro lado da população guei das grandes cidades se encontra em saunas, clubes e discotecas bem instaladas[47].

Entendo ser este o contexto dos espaços analisados que, em certo sentido, constituíam uma difusa produção de uma "cultura" homossexual, ou melhor dito, dissidente, no que se refere às músicas, exposições, apresentações artísticas, criação de ciclo de amizades, estilos de vida, modos de transa e pegação, entre outras. A novidade desses espaços, segundo Green (2000, p. 400), é que ao se constituírem como pontos de encontro permanente para o convívio com amigos e na busca de potenciais parceiros, eles construiriam um certo nível de coesão entre indivíduos dissidentes, espécie de formação do que se entende como uma identidade coletiva:

> Esses locais representavam um ponto de encontro permanente para amigos e potenciais parceiros. A música disco que se ouvia ali e os turistas estrangeiros que as frequentavam reforçavam os laços com as tendências mais recentes da subcultura gay internacional. Assim como os bailes de carnaval criaram um espaço onde os indivíduos podiam dançar ao som de uma música com um subtexto homossexual e afirmar coletivamente sua identidade e sexualidade, do mesmo modo esses clubes noturnos contribuíam para um nível de coesão entre homossexuais de diferentes origens.

Sobre o peso da ditadura civil-militar e a possibilidade de existência desses espaços frontalmente contrários ao ordenamento moral-legal desenhado e vigiado pelo governo autoritário (Quinalha, 2017), parece-me suficiente o argumento de Green (2000, p. 399) que aponta o grau de controle que os militares tinham sobre a sociedade brasileira e a desconsideração desses territórios como preocupações, já que compreendidos como

---

[47] Coluna sem autoria. (1978, maio/junho). Discoteca, sauna, clube: um admirável mundo novo? *Lampião da esquina*, ano 1, n. 1. Recuperado em: 11 de Julho de 2019.

insignificantes, sempre que em espaços fechados, movimento que seguia a tendência de crescente tolerância com manifestações públicas, como shows de travestis, desde que realizados em espaços fechados.

Sobre o título da primeira seção, “Porque viada para inventar as coisas não tem igual”, trato justamente de privilegiar essa criatividade artística e cultural desses espaços e a importância da arte transformista nas produções identitárias de sujeitos como travestis, bonecas e caricatas, referências de alteridade para os depoentes. O título busca também valorizar a importância dessas invenções para a formação desse sentimento de pertencimento, consonante às argumentações de MacRae (1983) “em defesa do gueto”.

Na segunda parte, enfoco aqueles espaços mais diretamente relacionados às buscas por práticas sexuais. Tratavam-se de claras apropriações de espaços, nas quais havia riscos de repressão e violência, com exceção das saunas em um segundo momento. Essa diferença encontra sentido também nas discussões de Green (2000, p. 400-401), quem aponta que apesar da fama e do potencial de formação de identidades/pertencimentos coletivos dos espaços referidos na primeira parte (boates, bares, etc), estes não seriam “antros de depravação e libertinagem”. Como categoricamente afirma Regis: “sauna não é espaço de convivência”. Nesse sentido, o título “Quando espaços são práticas” busca justamente ressaltar a íntima relação entre estes espaços públicos e semipúblicos e os diferentes usos produzidos para a realização do desejo e das práticas sexuais, como saunas, cinemas, autoramas e a rua.

Posteriormente a esse olhar aos espaços e práticas, busco analisar os acontecimentos e marcos frequentemente relembrados e utilizados para a composição narrativa que expressam então uma temporalidade. Estes foram: “o descobrir-se diferente” e as questões iniciais relacionadas à aceitação e ao preconceito, que frequentemente retratavam a percepção de uma “sujeira”. A frequência ao gueto e o contato com “pessoas diferentes como eu”, momento de certa autoaceitação e de euforia do desbunde surgem como acontecimentos ameaçados pela repressão politica e frontalmente deslegitimados e estigmatizados com o advento do hiv/aids, ponto nodal das composições narrativas, onde ocorre a volta dos estigmas, temores e ideários sociais inicialmente relatados.

3.1. *"Porque viada para inventar as coisas não tem igual"*

Uma forte impressão que esse conjunto de lembrança nos deixa[48] é a importância que a arte transformista teve nos espaços noturnos do gueto paulistano rememorados pelos participantes. Em um momento no qual as distinções entre identidade de gênero e orientação sexual não eram tão nítidas quanto às de agora, situação concomitantemente marcada por certo grau de proximidade, como aponta Bira, mas também por preconceitos e discriminações com as mais afeminadas, conforme ressaltam Rui e Regis, as artistas transformistas ocupariam um lugar diferente e até mesmo contraditório:

> Uma coisa que me chamava muita atenção era a Rogéria, esses travestis mais famosos, até os travestis que não eram tão famosos, mas que faziam shows em boate, eles tinham uma vida muito curiosa, porque eles eram respeitados pela sociedade. Logicamente que eles viviam na marginalidade, mas eles eram respeitados pela sociedade (Lair, 24/04/2018).

O que a fala de Lair parece retratar é que para além das questões de sexualidade e/ou gênero, que claramente não passariam despercebidas na vivência do cotidiano por parte dessas pessoas, o prestígio das travestis e transformistas estaria intimamente relacionado à sua importante presença nos palcos, entendimento que desponta de especial maneira quando Seu relembra a transformista Valéria, com a primeira menção a ela como cantora e artista, não como pessoa travesti ou homossexual: "agora, uma artista, cantora, como cantora, é a Valéria. Nossa senhora! A Valéria, a gente tira o chapéu pra ela. Cláudia Wonder não cantava bem como ela. A Valéria é a Valéria, né?".

É a própria Claudia Wonder (2008, p. 132), em coluna dedicada à Valéria, quem nos dá pistas para compreender esse mundo dos palcos intimamente ligado às travestis e transformistas tão rememorado por Seu Lóris. Claudia faz menção a um "tempo dourado" dos anos 1960 e 1970, no qual "travestis eram sinônimo de glamour", sendo Valeria um dos ícones deste tempo. Ainda segundo Wonder, Valéria teria seguido sua carreira fora do país, tendo cantado até mesmo para o presidente Juscelino Kubitschek na ocasião de seu aniversário em família e teria sido a única travesti retratada pelo renomado artista Di Cavalcanti. Para Wonder (2008, p. 133-134), que vivenciou sua juventude na década de 1970, os shows de travestis sempre fizeram parte da vida noturna gay e "representariam a diversidade por si só", o que a leva a compreender

[48] Claramente, parafraseio Bosi (2016, p. 2016, p. 415) em início de seu capítulo "Tempo e Memória".

o travestismo como representante de um todo dessa cultura, para além de bares, cinemas e banheirões.

Deveras exageradas, as palavras de Wonder são de especial importância quando consideramos a sólida trajetória do transformismo e/ou travestismo nos palcos brasileiros (Meneses & Jayo, 2018), longo histórico que claramente imprime suas marcas nos relatos escutados por esse estudo, que em muito contrastam com certo apagamento de tais experiências em parte das principais narrativas históricas sobre as "homossexualidades" no país.

No presente subcapítulo, busco, portanto, explorar um pouco mais a história e a memória dos principais espaços da noite de São Paulo relembrados pelos participantes, assim como as personagens e personalidades que dele faziam parte. Faz-se mister considerar as ponderações de Perlongher (1987, p. 84) sobre as relações entre o que ele denomina como os níveis territorial e categorial:

> Os dois níveis interpenetram-se: em grande parte, as divisões espaciais têm sentido em função das divisões categoriais. A adscrição a sistemas de valores sociais invocada como legitimação das escolhas – do tipo "gay é a elite culta"- parece ser, de modo geral, interna aos próprios modelos. Assim, os gays identificam-se manifestamente com certa "classe média intelectualizada"; as bichas e bofes, desse ponto de vista, ficariam do lado do centro.

Essa inter-relação é também observada por Trindade (2018) ao analisar o gueto paulistano nas décadas de 1980 e 1990, indicando como as designações de "*bicha quá-quá*" seriam acompanhadas de divisões territoriais: para as bichas do centro, as *qua-quás* seriam as do Jardins e vice-versa. Nesse sentido, a divisão presente nesse estudo, realizada em dois diferentes capítulos, tem como seu principal limite a falta de uma melhor articulação entre estes dois níveis. Sem embargo, nas seguintes subseções, trato de respeitar os termos identitários utilizados pelos testemunhos e pelo arquivo, indicando também as descrições de público e os modos de "caçação" e paquera nos espaços relembrados, apontando, quando possível, tais entrelaçamentos.

3.1.1. A Medieval

Mencionada em todos os testemunhos deste estudo, pode-se certamente dizer que a Medieval foi um dos principais *points* da noite "gay" paulistana durantes a década de 1970 e o início da década de 1980. Localizada na Rua Augusta número 1605 e inaugurada em 1971, a Medieval não era inicialmente um estabelecimento destinado ao público pelo qual viria a ser conhecida. Pelo contrário, a boate era "uma casa de música ao vivo frequentada por casais

heterossexuais”[49], como demonstram os tímidos registros publicados pelo jornal A Folha de São Paulo em três ocasiões no ano de 1971: duas curtas referências ao concerto do compositor Johnny Alf[50], trio e Marcia, “a moça de voz rouca e bonita”[51], e uma menção a um *jam-session* organizado pela Cooperação Social e Tia Lenita em prol da campanha “Não deixe ninguém morrer de frio”[52].

Entretanto, segundo o mesmo jornal, com a chegada repentina de homossexuais e a decisão de seus proprietários em “comprarem essa briga”[53], a boate foi aos poucos se tornando um estrondoso sucesso da noite paulistana, com a produção de uma variedade de espetáculos luxuosos do que então era denominado como o “transformismo” e a realização de eventos anuais glamorosos como a “Noite da Broadway”, Baile de Carnaval e a Noite Oriental. Um breve olhar à diversidade dos espetáculos apresentados ou às memoráveis performances como na Noite da Broadway de 1976 (Steffen, 2017) podem auxiliar-nos a compreender Seu Lóris quando exclama, após lembrar do evento, as seguintes palavras: “Porque viada para inventar as coisas não tem igual!

Figura 2. Chegada de Wilza Carla à “Noite da Broadway” (1976).

Fonte: Acervo online Folha de São Paulo.

[49] “Adeus à Medieval, até Dezembro”. Folha de São Paulo, 11 de agosto de 1984.
[50] “Negro e homossexual, Alf fazia canções de harmonia sofisticada, mas melancólicas e saudos, nas quais com frequência mencionava seus amores masculinos de um modo indireto. A mais emblemática é ‘Rapaz de bem’ escrita e lançada em 1953, que faz celebração irônica da profissão de michê [...]” (Trevisan, 2018, p. 269).
[51] “Johnny”. Folha de São Paulo, 24 de maio de 1971; “Johnny Alf”. Folha de São Paulo, 28 de maio de 1971.
[52] “Na boate Medieval para matar o frio”. Folha de São Paulo, 1 de agosto de 197.
[53] “Adeus à Medieval, até Dezembro”. Folha de São Paulo, 11 de agosto de 1984.

De fato, para além do luxuoso exagero eternizado em episódios como o de Wilza Carla montada em um elefante na Noite da Broadway ou a performance como Branca de Neve da transformista Darby Daniel[54], muitas foram as produções artísticas da casa sob o rígido comando de Eliza Mascaro (Steffen, 2013) e seu esposo Fernando Simões, principais responsáveis pela casa e seus espetáculos que seriam aplaudidos pela crítica especializada, sendo inclusive comparados às produções internacionais:

> Seguindo a proposta autoral de uma casa-espetáculo, os shows produzidos eram, conforme as criticas, primorosos. Contando com figurinos caríssimos confeccionados com material da Europa ou dos EUA, corpo com até 29 bailarinos e coreógrafos, as travestis e transformistas eram tidas como as estrelas do espetáculo e divas da Broadway. Os espetáculos por vezes tinham montagens que consumiam até três meses. Diante de tamanha dedicação, Elisa exigia profissionalismo, não tolerava atrasos e usava uma tabela que gerava multa a cada erro em cena. (Bortolozzi, 2017, p. 16).

A primeira menção aos espetáculos da Medieval na Folha de São Paulo, considerados pelo jornal como "exóticos", ocorreu em setembro de 1973, ao divulgar a evolução de um "show de rapazes" apresentado de terça à quinta-feira, cujo início teria sido semiprofissional quanto à montagem artística, mas que haveria evoluído "para um espetáculo completo sem apelações pornográficas descabidas [...] e [que] no conjunto pode-se ver que no tipo espetáculo exótico alcançou-se um nível que antes só víamos nos centros de diversões das grandes cidades quando viajávamos ao exterior"[55].

O espetáculo ao qual o jornal se refere provavelmente seria "The Gay International Jet Set" ou apenas "International Jet Set", sucesso que ficaria em cartaz por vários anos, sendo descrito, também pelo jornal, como "um espetáculo sério, sem apelação, que pode ser assistido até pelo noctívago mais puritano. Este show esbanja arte e musicalidade e põe frente ao público as figuras, devidamente caracterizadas, de Marilyn Monroe, Marlene Dietrich, Hanne Russel e outras inesquecíveis estrelas da antiga capital do cinema"[56].

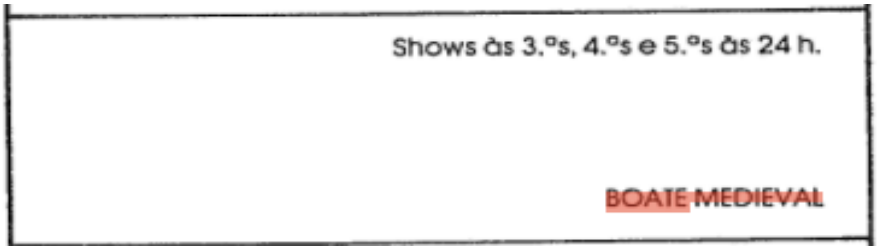
Por mais que fossem recorrentes as menções a este espetáculo durante toda década de 1970 pelo Roteiro da Paulicéia, coluna da Folha de São Paulo, vale lembrar que o espetáculo

---

[54] "Enfiada num caixão carregado por sete anões, ela despertava com o beijo de um príncipe montado num cavalo branco. Ao roçar os lábios, cuspia uma maçã, num soluço amoroso". Trecho de "Filmes e livros resgatam memória das boates mais extravagantes do país". Folha de São Paulo, 22 de maio de 2016.
[55] "SHOW". Folha de São Paulo, 7 de setembro de 1973.
[56] "Domingo fantástico". Folha de São Paulo, 30 de Outubro de 1973.

estava em constante renovação, fazendo da boate a "camisa 10" das noites paulistanas[57]: "Embora permaneçam em cena alguns quadros exigidos pelos fãs, há sempre novas cores, música atualizada e aquele som gostoso que valorizam os efeitos do 'playback' em conjunto com a arte incomum que estrelam o show"[58].

Figura 3. Tradicional anúncio da Boate Medieval na Folha de S. Paulo durante os anos 1970.



Fonte: Acervo Online Folha de São Paulo.

Em relação a números específicos e outros espetáculos, encontramos menções a um tributo a cantora portuguesa Amália[59], no qual Vick, "grande astro transformista", dublaria com perfeição temas como "Lá vai Lisboa" e "Tudo isto é fado"[60]; A dublagem de Eliana Pitman por Aloma[61]; a estreia em julho de 1976 do espetáculo "A Boneca está Certa", caracterizado pelo "bom-gosto de Fernando Simões e os dons inatos dos astros transformistas recém-contratados"[62]; o show "The Black is Beautiful" divulgado em abril de 1977; a Revista Musical "Terezinha, aquela que já foi André" de Ronaldo Ciambroni em 1981[63]; e Ilusão, protagonizado pela inesquecível Phedra de Cordoba, em notícia de 1983[64]. A partir de outras fontes, Bortolozzi (2017, p. 16) também menciona o show *Sweet Years*, protagonizado por Lisa, Marguinha, Blanche Segal e Makiba, e *Show Time*, com direção de Abelardo Figueiredo e estrelado por Samantha, ainda que tivesse sido planejado para a atuação da carioca Geórgia Begnston.

Esse breve *tour-de-force* pelos detalhes de alguns dos espetáculos da Medieval na década de 1970 suscita o prestígio e a sofisticação que a casa e seus artistas tiveram, o que nos leva a compreender em parte sua fama como um lugar da "classe média alta" como aponta Rui, indicando às restrições de ordem financeira para frequenta-la. Por certo, a casa ostentava o

[57] "Som-Show-Som-Show". Folha de São Paulo, 7 fev 1975.
[58] "The International Jet Set continua um show vibrante". Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 1975.
[59] "Medieval homenageia Amalia". Folha de São Paulo, 5 de Setembro de 1975.
[60] "Medieval homenageia Amalia". Folha de São Paulo, 5 de Setembro de 1975.
[61] Foto de Aloma proseguida por texto sobre "The Gay International Jet Set". Folha de São Paulo, 14 de noviembre de 1975.
[62] "Acontece por aí". Folha de São Paulo, 20 de julho de 1976.
[63] "Terezinha de Jesus". Folha de São Paulo, 4 de novembro de 1981.
[64] Trecho sem título sobre o espetáculo Ilusão. Folha de São Paulo, 23 de Setembro de 1983.

"status" de ter uma frequência para lá de seleta em razão de seus tradicionais shows e eventos: "A boate Medieval [...] continua apresentando um dos melhores shows destas noites paulistanas agora, repletas de grandes espetáculos. **E a nossa melhor sociedade, turista e curiosos vão ao sofisticado ponto da rua Augusta** [grifo do autor], para ver os seus artistas transformistas se apresentarem em números que não saem mesmo do cartaz [...]"[65].

A casa, que chegou a realizar a entrega de Oscar para seus "artistas e frequentadores" mais destacados do ano[66], tinha entre seus habitués Chiquinho Scarpa e recebeu personalidades de todos tipos como Hebe Camargo, Lisa Minelli, Bo Derek, Ivete Vargas, Silvio Santos e até mesmo o violento Erasmo Dias[67]. Em abril de 1974, em publicação sobre a segunda edição da "Noite da Nostalgia", evento em que foram prestadas homenagens a Derci Gonçalves e Walter Pinto, lê-se: "muita gente famosa esteve na boate de Fernando Simões [...] A mesa de Derci, onde também estava este seu colunista, uiscavam Dener, Silvinha Guimaraes Sanches, Hilton Vianna, Ezio Roma e o famoso cabeleireiro Giovaninni"[68]. Bom recordar que nem todos iam para caçar, mas que, claramente, tratava-se de um espaço de frequência entendida[69], sendo propício, portanto, para o flerte e a caçação.

Outro episódio no mesmo ano ilustra a casa em mais uma de suas "demonstrações de força": "A casa recepcionou em grande estilo para festejar mais um aniversário, e os dois [Eliza e Fernando] ofereceram o melhor do melhor em uísque, som e show aos convidados. Essa reunião, a que esteve presente a sociedade paulistana, foi mais uma demonstração de força por parte da casa [...]". Em 1975, a Medieval recebeu até mesmo "diretores, críticos, delegados e artista da Bienal de São Paulo"[70].

Sobre o interesse e perfil daqueles que frequentavam a casa, ironizando uma frequência "não assumida", Bivar descreve: "Nos meses de janeiro e fevereiro, quando os maridos estavam de férias, registrou-se uma média de 50 por cento de *cigarras* casados que iam lá para ver o show ou para eventuais aventuras. Foi no Medieval que Evinha, crioula, *mignon*, 18 anos, sofisticada, gaúcha, conheceu um risco francês que se apaixonou por ela e levou-a para viver em Paris"[71].

---

[65] "Exotico". Folha de São Paulo, 01 de marzo de 1974.
[66] "Adeus à Medieval, até Dezembro". Folha de São Paulo, 11 de agosto de 1984.
[67] "Adeus à Medieval, até Dezembro". Folha de São Paulo, 11 de agosto de 1984.
[68] "Homenagem com Shows". Folha de São Paulo, 5 de abril de 1974.
[69] Bira afirma recordar que mais para o fim da Medieval, o mezanino da boate se constituiria como uma espécie de *dark room*.
[70] Foto de Elisa e Fernando Mascaro com artistas da Bienal, procedida de descrição. Folha de São Paulo, 24 de outubro de 1975.
[71] "Revolução sexual à paulista". Reportagem de Antonio Bivar. Ele & Ela, Ano IX, Abril de 1977, p. 52.

Figura 4. Recorte de texto e foto sobre o prestígio da Medieval e seu público.

Com a casa cheia, em noite superfestiva, a boate Medieval realizou, segunda-feira, a entrega do seu "Oscar" aos artistas e frequentadores que mais se destacaram na casa durante o ano passado. Um show, com os maiores astros transformistas da cidade e no qual não foi possível destacar ninguém (todos estiveram sensacionais) deu colorido a esse encontro. Na foto, a vedete Marina Montini e o cabeleireiro Antônio Carlos. Ao lado, Eduardo Rodrigues Teixeira, Manoel da Costa, Eliza Simões (anfitriõa) e Luis Ambrosio, dono da Carreta.

Fonte: Acervo online da Folha de São Paulo.

Porém, de acordo com os relatos, com o tempo, a Medieval perderia um pouco dessa aura de glamour e entraria em uma fase mais decadente: "Eu acho que a Medieval teve duas fases. Teve o glamour da Medieval, eu era muito jovem, então eu não conheci a Medieval no começo, eu conheci a Medieval no fim, que já era mais decadente". Lair também concorda com essa divisão temporal, de uma época mais glamorosa e outra na qual "a casa já não teria o brilho de outrora"[72], comentando inclusive sobre o que isso significava em termos financeiros: "No Medieval, eu fui poucas vezes porque eu não tinha cacife e, quando fui, ela já tava mais pra decadente do que nos tempos áureos dela".

Se tomamos como referência dois anúncios divulgados pela Folha, podemos ter alguma noção mais quantitativa que auxilie a compreensão das relatadas restrições de ordem financeira para ingressar à casa mesmo em sua "fase decadente". Em divulgação da "Noite Oriental" realizada em agosto de 1976, o valor de entrada com direito a consumação de bebidas seria de Cr$ 130, o que em valores atuais seria de aproximadamente R$ 253,66[73]. Em novembro de 1981, o ingresso para a revista musical de Ciambroni seria de Cr$ 500, valor próximo de atuais R$ 61,28. A festa que fecharia as portas da boate em Agosto de 1984 teve ingressos entre Cr$ 12.000 e Cr$15.000, valores próximos aos atuais R$ 111,81 e R$ 139,76.

Decadente ou não em um segundo momento, percebe-se que a Medieval permaneceu na memória como referência de luxo e glamour, símbolo de uma era da arte transformista. Mesmo

[72] Adeus à Medieval, até Dezembro". Folha de São Paulo, 11 de agosto de 1984.
[73] Os valores foram atualizados por calculadora disponibilizada pela Fundação de Economia E Estatística, selecionando como critério da conversão o Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI/FGV).

em seus últimos anos, a boate continuava a receber personalidades, dentre elas até mesmo a inusitada visita da ex-primeira dama Iolanda Costa e Silva em outubro de 1983:

> A sisudez dos anos passados em Brasília não *[sic] comprometeram* em nada dona Iolanda Costa e Silva e sua arraigada vocação democrática. Na semana passada, ela veio a São Paulo votar. Não como simples eleitora, mas como membro do júri de um concurso de novos talentos da boate Medieval – centro propulsor da vida gay paulistana. Acompanhada por uma jovem e animado amigo, dona Iolanda deu sonoras gargalhadas no júri e até arriscou alguns animados passinhos na pista de dança – sem temer a perigosa coreografia de alguns bailarinos locais. Finalmente votou e soube aceitar complacente à vontade de outros membros deste congresso. Em primeiro lugar, ganhou um de dançarinos (para frisson dos convivas, um homem e uma mulher_. Em segundo, ficaram os preferidos da ex-primeira dama. Dois rapazes bigodudos, vestido em esvoaçantes paétes, com o delicado cognome de "As Diabéticas"[74].

Parece-me que mesmo com a decadência, os valores e a frequência continuavam a ser certo impeditivo para o ingresso de outros públicos. O que fariam então as bichas mais pobres? Não poderiam entrar em contato com essas pujantes expressões artísticas? Teriam outros espaços para frequentar e estar em contato com o transformismo?

Inaugurada também no ano de 1971[75], a Nostro Mondo, gerenciada pela tão carinhosamente lembrada Condessa Mônica, disputaria com a Medieval a popularidade do público entendido paulistano, segundo Rui, ainda que, como ele afirma, "não era sempre que ocorriam os shows de transformistas", shows estes que, na perspectiva de Bira, seriam "mais trash", acompanhados de bebidas de baixa qualidade. Em síntese, como avalia Lair: "Na boate da Condessa, não era elitizado, era o pessoal do povão, mais povão mesmo. O pessoal mais elitizado ia no Medieval". Detenhamo-nos, portanto, nas recordações da Nostro Mondo e da "doce" Condessa.

---

[74] "Votos na noite" (coluna Pano Rápido de Walcir Carrasco). Folha de São Paulo, 3 de outubro de 1983.

[75] Não há consenso sobre o ano de fundação da boate: em recortes disponibilizados pelo Acervo da Turma Ok no Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp, o ano de 1973 é tido como marco; Steffen (2013) aponta o ano de 1971 e Bortolozzi (2016), baseado no guia Spartacus, 1972. Em matéria sobre o encerramento de atividades da que seria a "boate gls mais antiga de São Paulo", a Folha de São Paulo também indica o ano de 1971 como data de fundação.

3.1.2. A Nostro Mondo da doce Condessa

A poucas quadras da Medieval, na Rua da Consolação, 2554, no ano de 1971 seria inaugurada a Nostro Mondo, boate com proposta artística similar à da Medieval, mas com preços mais palatáveis e uma concepção de espaço e clientela um tanto diferentes.

O primeiro aspecto que me chama atenção nas lembranças da Nostro Mondo é que lembrar da casa é invariavelmente lembrar-se da figura de Condessa Mônica, proprietária do local. Como percebemos ao ler estas lembranças, trata-se da evocação de uma imagem a partir das características positivas de Condessa, quase como a expressão de saudades por alguém querido que se foi ou partiu: "Ah, a Condessa era querida, né?", diz Seu Lóris. Isto se percebe claramente no relato de Bira quando relembra sua primeira visita à casa: "Era muito delicioso. Eu fui, conheci a... fui perto da inauguração, fui recebido pela Condessa, que era a dona do local, que era um fofa, um doce, uma doçura de pessoa".

O que trato de dizer é que, a partir das lembranças, intuímos um ambiente de amizade, confiança e de proximidade à dona da casa, mapa afetivo francamente distinto das memórias da Medieval que, em grande parte, são elaboradas como um local inigualável em termos de luxo e glamour, porém esboçadas como territorialidade de outros, não havendo grandes relações de pertencimento com a casa; tratam-se de memórias próprias de uma alteridade de quem narra: "Ali era frequentado só por gente que tinha dinheiro, meu filho", disse Seu Lóris.

Pelo contrário, a Nostro Mondo e a Condessa aparecem nas memórias evocadas pelos participantes como figuras de um "nosso", de algo que um dia lhes fez parte, aspecto que, com efeito, dialoga com as descrições de Bortolozzi (2017, p. 18-19) sobre o local:

> O estilo da casa era bem familiar, com uma clientela fiel e construída em torno de Mônica, a Condessa. A casa seguia a filosofia de propiciar momentos em que as pessoas sentissem as palavras, curtissem o amor e vivessem a amizade. Condessa optou criar uma nova família em torno da casa, construindo um círculo de amigos, entre clientes e profissionais da boate. A intimidade familiar era tão grande que por vezes era chamada de mãe.

Sobre o apelido de mãe, Condessa em entrevista à reportagem para a Revista Agora! em 1984, comenta: "É sim, o pessoal me chama de mãe. É um apelido antigo, mas que curto para valer. Talvez tenha pintado porque sou uma pessoa que trato todos com carinho e com cuidado. Isso também funciona com o público, eu me preocupo em oferecer o que há de melhor para ele. De mãe para filho"[76].

[76] Revista Agora, 1984. Disponível em: Arquivo Edgard Leuenroth (Acervo Outra Coisa).

Figura 5. Foto de Condessa em capa da Revista Agora, 1984.

Fonte: Acervo Edgard Leuenroth/Unicamp.

Na mesma reportagem, é traçado um breve perfil de Condessa e da Nostro Mondo, considerada pelos jornalistas como "fortaleza dos homossexuais de todo o País – que em busca de proteção e guarida, encontraram a liberdade de viver sua opção sexual da maneira mais natural possível"[77]. É este ambiente de proximidade e descontração em um momento todavia marcado pelo preconceito e repressão às homossexualidades que, segundo Bira, acabaria por ser até mesmo mais importante que o grau de sofisticação das apresentações e números: "A bebida não era boa, era barato e tinha uns shows bem *trash*, mas cê tá cagando e andando, né? A gente queria era mais é beber, dançar e curtir e tal".

Entretanto, para além de seu potencial de diversão, seria um engano pensar que essa limitação de recursos impediria a boate de ser um importante centro de criação da arte transformista, sendo notoriamente reconhecido que grandes nomes por lá surgiram, como também encontramos registros de visitas ilustres à boate, provando que realmente "viada pra inventar coisa não tem igual", inclusive quando o orçamento não é dos mais generosos.

Um dos números que se tornaria talvez o mais tradicional da casa era protagonizado pela amiga de Seu Lóris, Miss Biá. Nessa performance, a transformista imitava Hebe Camargo,

[77] Revista Agora, 1984. Disponível em: Arquivo Edgard Leuenroth (Acervo Outra Coisa).

paródia intitulada de "Herbe". Miss Biá, que foi figurinista e maquiadora da TV Bandeirantes na época em que por lá trabalhava Hebe[78], imitava a apresentadora, anunciando produtos e entrevistando artistas[79] como Ney Matogrosso, Regina Duarte, Edson Celulari, Raul Cortez[80], Adriane Galisteu, Lucinha Lins, Paulo Autran e Claudia Raia[81]. Além de "Herbe", Miss Biá também fazia dublagens de divas icônicas como Liza Minelli, embora se reconhecesse mais como uma "caricata": "Eu sou meio caricata, não consigo ser muito séria, até um olhar meu pode ser engraçado"[82].

A "confissão" de Miss Biá remete às não tão claras distinções das transformistas entre travestis e caricatas, linha de fronteira comentada por Seu Lóris: "Eles não chamavam de travesti, era caricata. Vestia, ai, às vezes era uma palhaçada que elas se vestiam, entendeu? O homem quando era uma travesti bonita não era caricata, aí era travesti". Essa distinção é também ressaltada por Bira, porém com o uso da categoria "bonitas" para definir o oposto de caricata:

> quando ela era feia, em geral, ela se montava do que a gente chamava de caricata, quer dizer, ela não tentava ficar glamorosa porque ela sabia que não ia dar, né? Tinha umas feias famosíssimas, a Lola Batalhão, por exemplo, era uma bicha feia... feia, velha e ela se montava pra fazer coisa cômica e a gente chamava isso de caricata, né? Então tinham as bonitas e as caricatas.

Entre travestis, bonitas e caricatas, Bortolozzi (2016, p. 19) aponta outros shows que ficariam marcados na história da boate, como "As Gigolettes", estrelado por Vera Abelha em conjunto com Condessa, os Heróis de Hana Bar-bicha, Dublagem de Ouro e o clássico Condessa Convida. Na página do Facebook "Condessa Mônica (in memory)", alguns *posts* trazem fotos e comentários de algumas edições do número "Condessa Convida". Outros nomes que passaram pela casa são: Silvetty Montilla, Márcia Pantera, Kaká di Polly, "Aizita Brasil, Dulce, Walkiria, Paula Baker, Tina, Maira, Pink, Lola, Nata e Xuxa" (Bortolozzi, 2016, p. 18), Nany People, Phedra de Córdoba e Salete Campari[83]. Parte de seu sucesso seria motivado pelo apresentador Silvio Santos, que além de recrutar transformistas para seus programas televisivos, anunciava a casa como um lugar com shows muito bonitos[84].

---

[78] "Uma top loiruda que fax fuxico". Folha de S. Paulo, 23 de abril de 1995.
[79] "Uma top loiruda que fax fuxico". Folha de S. Paulo, 23 de abril de 1995.
[80] "O fim do mondo". Folha de S. Paulo, 9 de fevereiro de 2014.
[81] "É tudo Nostro". Revista TRYP, n. 204, 24 de outubro de 2011.
[82] "Uma top loiruda que fax fuxico". Folha de S. Paulo, 23 de abril de 1995.
[83] "É tudo Nostro". Revista TRYP, n. 204, 24 de outubro de 2011.
[84] "É tudo Nostro". Revista TRYP, n. 204, 24 de outubro de 2011.

Para além dos shows de travestis, caricatas e transformistas, mais adiante, Bira afirma que a boate inovaria a cena *gay* de São Paulo ao promover os primeiros shows de strip-tease masculino: "E depois, numa fase mais adiantada da HS, começou a ter os primeiros shows de homem pelado... na HS não, na Nostro Mundo! Os primeiros shows de homem pelado começaram lá".

Tomando como referência o Bandeirante Destemido, guia gay de São Paulo produzido pelo grupo militante Outra Coisa, é possível afirmar que os shows já ocorriam no começo da década de 1980, uma vez que o guia foi publicado em 1981. Sobre a boate, o guia informa: "Rua da Consolação, 2556. Terça a domingo, das 21 às 4 horas. Bar/drinks/snack. Strip-tease de boys às quartas. Show especial às sextas. Matinê no domingo"[85].

Em matéria intitulada de "Trash" na Folha de São Paulo em 1989, encontramos outras referências a respeito desses shows, ainda que em uma época mais a frente com características e estéticas um tanto diferentes. Mais especificamente, a análise do jornalista descreve o show de strip-tease masculino chamado "A Noite dos Leopardos":

> No começo da madrugada, nas quintas-feiras da Rua da Consolação, em São Paulo, todos os gatos são leopardos. Trajando quimonos com motivos de oncinha, eles surgem no palco da boate Nostromundo apresentado pelo travesti Tanya Starr, dourado dos pés à cabeça. O público se aglomera em torno da passarela que infiltra salão adentro. É o festejado show de strip-tease masculino "A noite dos Leopardos", que culmina numa inusitada ereção "em masse". Apesar de o espetáculo ser definitivamente grotesco – ou por causa disso-, a plateia exulta, inebriada.

A opinião conservadora e amargurada do jornalista, centrada em uma crítica ao que denomina como cultura "*trash*", desconsidera ou até mesmo menospreza razões outras pelas quais as pessoas estariam ali presentes e o que esses shows poderiam gerar em termos de emoções e sensações de pertencimento e/ou coletividade. A lembrança de Bira é capaz de reviver sentimentos muito distintos do suposto "manjar para os dentes ultracínicos da cultura 'pós-moderna'" identificado pelo pensamento heterocentrado do jornalista:

> Então era mais delicioso ainda, você ia, via os homens pelados, fazia show e era uma delícia, porque era uma multidão e aí todo mundo meio que se esfregava assim, chegava todo mundo perto do palco e ficava um bloco, aí de repente um roçava aqui, outro roçava ali, era uma delícia! Era muito gostoso. Rolava putaria... mas não era assim putaria que nem hoje tem *dark room*, que a pessoa vai e trepa, mas era assim, era aquela

[85] O Bandeirante Destemido: um guia gay de São Paulo. Grupo Outra Coisa, 1981.

> de se esfregar, ir no banheiro, tentava dar um jeito lá, de se esconder no banheiro, fazer uma pegação.

Essa sensação de "delícia", quase de um êxtase, é melhor compreendida à luz de outros fragmentos mnemônicos que narram as restritas condições para viver esses desejos e práticas fora de determinados territórios. Como ilustram os depoimentos em sua totalidade, as experiências dissidentes seriam circunscritas aos âmbitos privados e/ou semipúblicos e, quando ocorriam em espaços públicos, corria-se uma série de riscos e perigos. Essa ideia de uma pegação mais ingênua é também comentado pela blogueira de moda Marcelona em reportagem da revista Trip: "Era uma pegação ingênua, não tinha droga"[86].

Neste contexto, não é difícil imaginar a importância da Nostromondo e a recordação afetuosa de Condessa Monica, cujo envolvimento com a boate iria exceder as relações de propriedade e lucro, preocupando-se em proporcionar esse espaço de possibilidades múltiplas, nutrido pelo amparo e pela troca. Também em reportagem da Trip, a artista Kaká di Polly comenta: "**Era um lugar pra mim** [grifo do autor], onde podia viver minha vida, com meus amigos".

Talvez através de um olhar mais aprofundado à trajetória de Condessa possa se compreender alguns dos aspectos que a motivaram a abrir o Nostro Mondo e parte de suas preocupações em manter tais condições, que poderiam ser resumidas pela sinonímia entre os termos cliente e amigo.

Figura 6. Recortes de fotos de Condessa, no miolo de matéria da Revista Agora (1984).

Fonte: Acervo Edgard Leuenroth/Unicamp.

[86] "É tudo Nostro". Revista TRYP, n. 204, 24 de outubro de 2011.

Em entrevista à mencionada reportagem da Revista Agora!, Condessa relembra sua inconformidade com o fato de ser homem até os 21 anos, quando começa a tomar hormônios, compreendidos por ela como algo muito natural e que cuja falta a deixaria "sem sono, irritada e nervosa"[87]. Sua vida na noite teve início coincidentemente no mesmo ano em que passou no concurso para o 1º Tribunal de Alçada da Capital, no começo da década de 1970. Um amigo havia desafiado o então Clóvis a se vestir com roupas femininas para subir ao palco, sendo o momento em que se realiza:

> No primeiro dia, tudo deu certo e Clóvis se realizou completamente. Dali em diante, aquele homem bem afeminado, triste e solitário deixou de existir, e subiu ao palco uma mulher alegre, comunicativa e muito carinhosa, coincidentemente chamada Condessa.

Essa sensação positiva, próxima da ideia de "acontecer" relatada por Jacque Chanel em outro trabalho[88], ilustra aquilo pelo que Condessa seria capaz de lidar com situações constrangedoras em seu emprego como oficial de justiça, assim como enfrentar a discriminação e segregação no âmbito famíliar. Condessa corajosamente prosseguiu vivendo sua vida como desejava: estava casada há seis anos com Artur, rapaz de então 26 anos, e lidava com sutileza e inteligência tática em situações nas quais sua identidade era um impasse:

> E para solucionar situações desagradáveis, do tipo verificação de documentos, pagamento de cheques, apresentação de carteira de identidade, Condessa, resolveu adotar o seguinte sistema: depois ou antes de fazer as compras, explica à vendedora que seu "marido Clóvis", deixou-lhe uns cheques assinados e depois de exibir a carteira de oficial judiciário do próprio, a vendedora não tem dúvidas e o pagamento é feito normalmente.

Entre relatos jornalísticos, memórias e outras fontes, é muito provável dizer que as experiências de discriminação e o preconceito por ela vivenciados, aparentes na própria reportagem que escreve seu nome em itálico, foram compreendidos por Condessa em termos de uma necessária resposta coletiva e social, fundamentos de pelo menos parte dos motivos que faziam com que abrisse suas portas "como uma mãe" a tantos outros que teriam acontecido ou não.

---

[87] Interessante notar como os hormônios são importantes para sua compreensão identitária, elemento que converge com tese central da obra de Veras (2017).
[88] Refiro-me ao testemunho presente em Vieira & Fraccaroli (2018).

Figura 7. Anúncio da Nostro Mondo (divulgação interna)

Fonte: Acervo Edgard Leuenroth/Unicamp.

Fechada em 2013, o "Castelinho da Consolação", que era a casa mais antiga de São Paulo voltada para o público dissidente, foi relembrada pelos depoentes sempre em relação à fase que foi administrada pela Condessa. De fato, muitos não sabiam que a casa havia sido fechada, o que pode indicar certo distanciamento mais recente, relação inversa à que viria a ser demonstrada nas rememorações da boate Homo Sapiens, quase sempre relembrada ou relacionada ao atual empreendimento lá instalado, o ABC Bailão.

Sobre o fim da vida de Condessa, encontramos poucas informações. Lair recorda em seu testemunho que ela havia se mudado para Franco da Rocha no fim da década de 1980, onde hospedaria portadores do hiv/aids em sua casa, entre elas, a pessoa que recebia as doações e assistência de Lair. Em alguns registros jornalísticos, achamos informações de que a Condessa faleceu justamente nessa época, aos 47 anos, em decorrência da epidemia do hiv/aids.

3.1.3. Homo Sapiens

A boate Homo Sapiens, conhecido entre os mais íntimos como HS, ou até jocosamente chamada de Hospital do Servidor, devido à atual frequência de público mais velho, foi um local quase sempre relembrado a partir da evocação do atual empreendimento que lá funciona, o ABC Bailão, voltado ao público dissidente de mais idade.

Foi curiosa a reação de surpresa de Rui ao saber que o local ainda estava aberto: "Os caras tão aí há 30 anos, 40 anos, cara! Quer dizer que ainda existe o ABC? Onde tinham as matinês de domingo?". Na opinião de Bira, que frequenta esporadicamente a casa, o espaço tem até hoje a mesma configuração física que no passado:

> tudo é muito parecido, não mudou quase nada internamente, só que onde agora é o bar, no térreo, agora tem dois bares, um quando você entra à direita, na porta assim, você entrou na porta logo à direita e outro no fundo do térreo e tem outro bar em cima. Esse, entrando logo à direita, que hoje é um bar, era um palco, porque ali tinha muitos shows, shows bem legais.

Os primeiros minutos do curta-metragem "Bailão" (2009), de Marcelo Caetano, ilustram esse espaço de encontro de tempos e gerações. Arrumando sua gravata listrada e alisando uma camisa de forte tom vermelho, um funcionário da casa, com idade entre cinquenta e sessenta anos aproximadamente, verifica as mesas ao lado de uma pista de dança xadrez iluminada por um brilhante globo. Ao lado da pista, está também o que aparenta ser uma mesa de frios, algo num estilo *brunch*. Com tudo certo, aos poucos, a casa vai se enchendo, a música começa a tocar, as mesas dispostas em estilo jantar são ocupadas e, entre abraços, risadas e sorrisos, antigos e novos frequentadores da casa dão vida a um encontro intertemporal, sensivelmente captado pelas lentes do documentarista.

Diferentemente da Medieval e da Nostro Mondo, observa-se que poucas foram as recordações da HS. Bira a recorda apenas como símbolo de um momento em que a Marquês de Itu, rua onde é localizada, fervia. P.J., ao mencionar sua única visita à Medieval, afirmou apenas de forma acessória que lá esteve também, indicando que era um local de "festas de luxo" e de frequência selecionada. Apenas Regis se lembrou especificamente de algum acontecimento da casa, com o inusitado relato de um episódio por ele vivenciado:

> Aí de repente, tava vendo agora há pouco: "ah, vai estrear o Bohemian Rhapsody, a vida do Freddie Mercury". Porra, ele teve no Bailão, gente! Eu vi o cara. 85. 81, perdão, quando ele veio fazer um show no Morumbi que eu fui. Entendeu? Aí, porra, tô lá, aqui no HS, aí, porra,

> de repente, Freddie Mercury! Mandou fechar a casa. Eu fui obrigado a sair! Porque ele queria só pra ele. Aí escolhia a dedo: esse garoto, essa garota aqui, esses ficam. Eu era feio, magrinho e bigodudo, então foi área: "olha, gente, a gente vai ter que até talvez devolver o dinheiro pra vocês, mas nós estamos com uma visita ilustre, ele mandou fechar a casa, a gente permitiu, vocês tavam sabendo que até uma hora tudo bem, depois da uma não". Vaza. Aí eu tô saindo, chegou o carro, vidro fumê, desceu Freddie Mercury, uma boneca, escandalosa, pintosa. Chegou, dois carros, segurança, pau, ele entrou, eu tava saindo, já tava na rua, ele entrou, passou por mim, então assim, você vê? História… essa eu ainda vou contar, não contei no site ainda.

A memória de Regis faz referência ao show realizado no estádio do Morumbi em março de 1981, primeira ocasião em que a banda inglesa Queen se apresentou no Brasil em turnê apelidada por seu vocalista como "Queen Carnival". O show recebeu mais de 80 mil pessoas[89] e foi aberto com a canção "We Will Rock You". A infra-estrutura do show seria de um nível de requinte jamais visto no Brasil, com "140 mil watts de aparelhagem que não falharam em um único momento"[90].

Especificamente sobre o episódio recordado por Regis, em entrevista na qual comenta a produção audiovisual "São Paulo em Hi-Fi", Lufe Steffen também faz referência ao acontecimento na HS, mas a partir da perspectiva de quem "ficou lá dentro", caso consideremos a divisão esboçada por Regis: "Diz a lenda que o Freddie Mercury foi lá uma vez, bebeu um pouco, tirou a roupa e ficou só de sunga preta. Aí o povo colocou ele nos ombros e foi um fervo, claro"[91].

É também o diretor Lufe Steffen (2017) quem em outra produção textual dá mais informações sobre a casa, indicando o ano de 1978 como seu marco de fundação, enfatizando que a boate teria uma orientação similar a Nostro Mondo e a Medieval, mas com propostas de eventos um tanto diferentes, como concursos de melhor corpo masculino, *pocket-peças* de teatro e shows de humor.

Retomando a afirmação de P.J., quando considera que a casa era um local de "festas de luxo", é interessante notar como que, apesar de que mesmo não existindo ainda uma oferta de espaços tão diversificada como a atual, certas operações de classificação fossem produzidas pelos usuários, principalmente em relação aos tipos de público frequentador. Essa clivagem é explícita nas páginas introdutórias do guia O Bandeirante Destemido (1981, p. 6), com a

---

[89] "Queen, a grande festa do rock no Morumbi". Folha de S. Paulo, 21 de março de 1981.

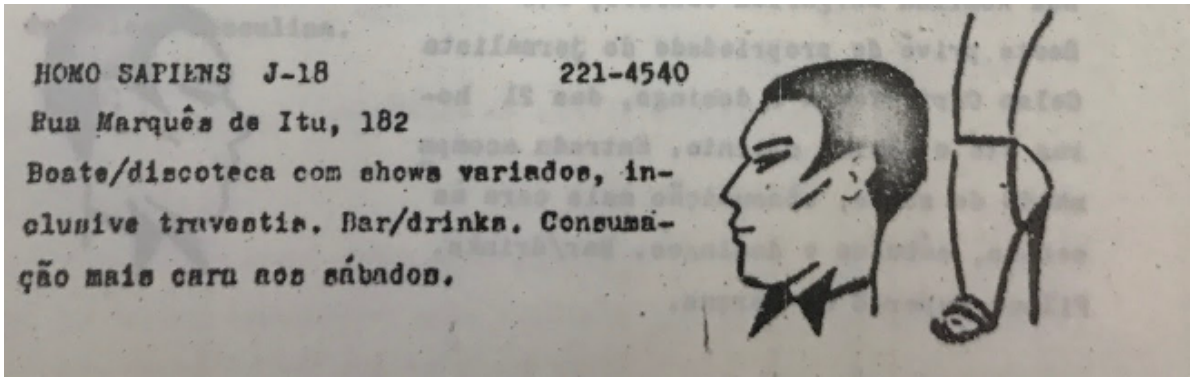
[90] "Queen no Brasil". Texto do portal Queen Brazil. Recuperado de: < http://queenbrazil.com/qv/banda/no-brasil/>.

[91] "Em filme, Lufe Steffen reconta noite gay dos anos 60, 70 e 80 em SP: 'Freddie Mercury ficou de sunga na HS'". NLucon, 7 de novembro de 2013.

produção de símbolos que indicavam o grau de sofisticação do local, o poder aquisitivo dos frequentadores, a presença ou não de michês e/ou travestis, assim como sinalizavam os riscos de contágio de doenças venéreas. Apontava-se também a faixa etária dos frequentadores e a predominância masculina ou lésbica.

No guia, os símbolos que são utilizados para descrever a HS são dois. O primeiro é um homem de gravata borboleta que, segundo a legenda, significava "clientela de maior poder aquisitivo. Ambiente mais sofisticado" (1981, p. 6). O segundo ilustra parte de uma perna feminina vestida com um sapato de salto alto, indicativo de "travestis (trottoir, clientela ou show)". A descrição da casa é sucinta: "Homo Sapiens. Rua Marquês de Itu, 182. Boate/disco com shows variados, inclusive travestis. Bar/drinks. Consumação mais cara aos sábados" (1981, p. 13).

Figura 8. Informações sobre a Homo Sapiens no Bandeirante Destemido


HOMO SAPIENS J-18 221-4540
Rua Marquês de Itu, 182
Boate/discoteca com shows variados, inclusive travestis. Bar/drinks. Consumação mais cara aos sábados.

Fonte: O Bandeirante Destemido em Acervo Edgard Leuenroth/Unicamp.

Encontramos mais informações sobre a casa em duas edições do Jornal do Gay, veículo de comunicação do Círculo Corydon, com opiniões políticas bem diferentes do Lampião. Em 1978, em sua primeira edição, já há menção da casa: "Bom som e atendimento. Funciona em dias e horários normais de discoteca". Na edição de número 7, publicada em 1980, encontra-se o relato de uma festa de Réveillon realizada na casa e as expectativas para o Carnaval de 1980:

> O Reveillon do Homo-Sapiens. A boate Homo-Sapiens promoveu uma maravilhosa [sic] noite de carnaval, e conforme informações, terminou pelas 7 horas da manhã. Quem participou, divertiu-se ao som de muita música e comes e bebes. Para o Carnaval 80 que está bem próximo, provavelmente a casa repita o sucesso do seu réveillon que realmente mereceu os nossos elogios.

Também no Jornal do Gay, em sua primeira edição em 1979, é anunciada a inauguração no dia 3 de março da "Mais nova casa gay de São Paulo", explicando o sentido de seu nome (o homem sábio, que entende):

> A casa é bastante ampla, permitindo uma livre circulação do pessoal, que pode assim, rodopiar a vontade. São três ambientes: Amplo local térreo com pista de dança acrílica (iluminada por baixo, luz sequencial), mezanino equipado com luz rítmica, e o privé especialmente criado para um bate papo mais sossegado [...] Finalmente, coincidindo com a apresentação dos shows, a Homo Sapiens inaugurou um serviço especial de drinks, concebidas em poções misteriosamente preparadas por uma cigana espanhola[92].
> .

Assim como nas memórias da Medieval, percebe-se a falta de referências minuciosas de momentos vivenciados na casa ou qualquer relação de pertencimento ou proximidade, panorama distinto das menções ao Bailão. Inexistem também referências a alguma "figura da casa" como, por exemplo, ocorreria nas memórias do Val Improviso, evocações sempre atreladas às imagens de Andréa de Mayo, travesti e empresária da noite paulistana.

3.1.4. Andréa de Mayo: o Val Improviso, o Val-Show e a Prohibidus

Talvez como sinal de uma "memória viva", em parte motivada por recentes empreendimentos de memória LGBT[93], mas também como efeito da própria força que sua imagem parece ainda transmitir, devo dizer que conhecia a figura de Andréa de Mayo antes da escuta dos testemunhos desse estudo. Acredito ser importante fazer menção a esse fato como início da escrita desta seção quando consideramos as mais clássicas conceituações inaugurais de Halbwachs sobre o conceito de memória coletiva (2013), sintetizado no exemplo das lembranças de um menino preso em um buraco, máxima que ensina que nunca nos lembramos sozinhos. Portanto, uma maior presença de Andréa nos testemunhos aqui analisados pode, sem dúvidas, ter sido motivada por um conhecimento prévio meu, ou seja, a presença em mim habitada por essa memória coletiva, que certamente deixou suas marcas e impressões nos encontros intersubjetivos realizados e, consequentemente, no processo de escrita.

---

[92] "A mais nova casa de São Paulo". Jornal do Gay, ano I, n. 1, 1978.

[93] Em especial, destaco o evento realizado pelo Serviço Funerário Municipal em ação conjunta com o pesquisador Renato Cymbalista em 2017, que fixou placa com o nome social de Andréa de Mayo em seu túmulo, localizado na Rua 25 LE Terreno 22, no Cemitério da Consolação. A placa foi doada por Renato Cymbalista. Para mais informações: São Paulo, 2016.

Nesse sentido, faz-se mister dizer que a memória que tenho de Andreia é fruto do íntimo envolvimento que tive com Bruno da Mata Farias[94] e seu trabalho investigativo, quem realizou monografia sobre o direito do uso social no post-mortem partindo do caso da fixação de placa com o nome social de Andreia de Mayo em seu túmulo (Farias, 2018), cerimônia à qual ele contribuiu decisivamente uma vez que trabalhava no Serviço Funerário Municipal à época.

Figura 9. Arte de divulgação da cerimônia de reparação de Andrea

Fonte: Acervo Acervo Pessoal de Pedro Augusto

A cerimônia de reparação da memória de Andréa foi relatada por Pedro Augusto, ator integrante do VIADAS, coletivo que preparou uma performance a partir do convite de Marcelo Soler, diretor e fundador da Cia Teatro Documentário. Por meio de pesquisas, o grupo descobriu alguns elementos da vida de Andréa, como sua fé religiosa de matriz africana e a rigidez ao selecionar o público que poderia ingressar em seus estabelecimentos – aspecto "firme" frequentemente rememorado de sua personalidade e que retomarei mais à frente. Sobre a performance, Pedro nos conta:

> Em pesquisa, acabamos descobrindo que a Andréa tinha um segmento religioso de origem africana, então foi escolhida a música Canto de Ossanha para a performance. Afinal de contas, ela era filha de Ossanha, é o orixá da mudança e, pela sonoridade, ele é confundido com um orixá feminino, então acabamos juntando tudo isso. Ela ser filha de Ossanha, Ossanha ter essa dualidade do feminino com o masculino, e também ela era filha de Oxóssi, então unimos também um poema sobre Oxóssi. A performance foi chamada de Ossanha de Mayo, e ela iniciava com um ator representando Ossanha, vindo do fundo do cemitério, tocando uma

[94] Fruto desse diálogo entre a pesquisa de Bruno, as discussões que realizei em projeto de Mestrado sobre o conceito de precariedade em Butler e as experiências políticas e subjetivas da pesquisadora Helena Vieira, publicamos artigo [no prelo] intitulado: "Vidas precárias, mortes precárias: considerações iniciais sobre o direito ao uso do nome social *post-mortem*".

> flauta, tocando a música o canto de Ossanha e aos poucos, iam surgindo drags por todo o cemitério, passando por cima dos túmulos, vindo distantes até se encontrarem no túmulo de Andréa de Mayo, formando um grande coral e cantando em homenagem a ela. Lembro que havia muitas pessoas em volta, pessoas da Prefeitura, pessoas que apoiavam a causa, jornalistas, lembro que tava rolando também uma *live* que foi transmitida e muitas pessoas do mundo inteiro assistiram. Então foi um momento histórico, né, a primeira retificação social e foi muito tocante, foi muito tocante, eu sou muito feliz e honrado de fazer parte disso[95].

Figura 10.. Fotos da performance realizada pelo grupo VIADAS no Cemitério da Consolação (Novembro/2017)

Fonte: Acervo Pessoal de Pedro Augusto

* * *

Foi também Bruno quem me contou pela primeira vez sobre a existência de uma música de Cazuza que falava de uma - senão a mais importante - das casas noturnas de Andréa de Mayo: o Val Improviso. A letra diz: "Você nunca varou/ A Duvivier às 5/ Nem levou um susto saindo do Val Improviso/ Era quase meio-dia/ No lado escuro da vida…" (Cazuza, 1985).

A menção ao horário na letra de Cazuza não é em vão. O Val Improviso, ou apenas Val, era conhecido por ser o lugar do fim das noites, como nos explica Bira: "A Val era a última boate que fechava, a Val fechava de manhã. Então, no Val, ia muita travesti depois de terem feito os shows todos, às vezes faziam shows lá, mas era três e meia, quatro da manhã, né?". Além de ser a última boate da noite, o Val ficaria conhecido também por seus shows de travestis, como ressalta Rui:

[95] Depoimento realizado para o autor via WhatsApp em 29 de Abril de 2019.

> O Val normalmente ia um pessoal mais abonado, sentava na mesa, tinha contas, né. E o Nostro Mundo já era uma coisa mais popular eu acho e nem sempre tinha show. Mas o Val Improviso não! O Val Improviso era certeza, cara, final da noite, pode ir, que cê vai encontrar, o que restou da noite tava lá no Val.

Localizado na Marquês de Itu, mesma rua em que estava o HS, o Val Improviso, diferentemente das afirmações de Seu Lóris, era uma empresa de sociedade entre Valdemir Tenório de Albuquerque e Andréa de Mayo, inaugurado um pouco depois do retorno de Andreia de seu voo da beleza[96], ou seja, de sua chegada de Paris. A outra casa, o Val-Show, estava situada em região próxima, exatamente, na Rua Frederico Steidel. Mais a frente, Andréa viria a abrir o Prohibidus, na Amaral Gurgel.

Como recorrentemente afirmado nos testemunhos, as casas eram conhecidas por suas atividades frenéticas, com festas que chegavam muitas vezes até ao meio-dia, conforme relata Erika Palomino[97], quem também faz referência ao papel de Andreia como "uma espécie de mãe de todas", protetora das travestis em um tempo que, como se percebe nos testemunhos deste estudo, as travestis eram marginalizadas até mesmo nos espaços do gueto e, geralmente, sofriam experiências de violência de modo mais acentuado que homens que se identificavam como homossexuais, ponto que analisaremos em seção seguinte sobre a memória política. Em um segundo momento, como relatou Regis, essa aura de mãe seria corroborada pelo espírito de solidariedade despertado durante a epidemia do hiv/aids. De fato, Andréa teria feito contribuições à casa Brenda Lee, já que além das casas por ela gerenciadas, era também negociante de carros[98].

De forma similar às memórias da Nostro Mondo, falar do Val ou da Prohibidus foi invariavelmente falar de Andréa, principalmente em relação à sua corporalidade não conforme aos padrões estéticos da época. Rui se lembra de Andréa a partir de seu quadril: "não é uma de quadrilzão? É isso. Eu falava: 'mas pra quê tudo isso?'. E de barba na cara, né, botava assim um peitão, um quadrilzão, ai, a Andréa. E com barba por fazer. Era uma coisa assim: meia sereia, meio tubarão. A gente sempre usava essa expressão: meia sereia, meia tubarão".

Bira também dela se relembrou como "uma figura meio esquisitona, porque ela era muito abrutalhada, muito grandona, às vezes deixava a barba meio crescer, não tirava direito, tinha uma bunda meio grande demais, meio amassada a bunda dela, era toda uma figura". De

---

[96] Palomino, E. "Histórias de um underground brasileiro". Folha de S. Paulo, 19 de maio de 2000.
[97] Palomino, E. "Histórias de um underground brasileiro". Folha de S. Paulo, 19 de maio de 2000.
[98] Palomino, E. "Histórias de um underground brasileiro". Folha de S. Paulo, 19 de maio de 2000.

seu leito, Seu Lóris gesticulava forte com as mãos e logo apontou para a porta de seu quarto ao dizer que "a bunda dela não passava dessa porta".

É preciso, entretanto, tentar compreender à luz da época e para além dos preconceitos o que poderia vir a ser o corpo de Andréa para ela e para as pessoas que se entendiam como travestis e/ou trans naquele tempo. Palomino tenta sintetizar o que parece ter sido tal entendimento: "Naquela época, anos 70, quanto mais litros de silicone tivesse um travesti mais poderoso ele era, mais respeito conquistava em seu meio. E Andréia se encheu de silicone"[99].

As discussões de Veras (2019, p. 68-69) sobre a insurgência de um novo sujeito, diferente do homossexual, contribui à compreensão de Palomino. O autor retrata como a hormonoterapia, a siliconização e a constituição do "corpo bombado" competiria com noções baseadas no discurso psiquiátrico, transição de uma compreensão de "sair de travesti", como era comum no carnaval, mas de "virar travesti", mantendo suas inversões de gênero: "Essas novas personagens promoveram fissuras na estrutura binária heteronormativa, na medida em que, ao contrário dos homens presumidamente heterossexuais que se "vestiam de mulher", mantinham sua "inversão de gênero" depois da Quarta-feira de Cinzas" (Veras, 2019, p. 69).

Para além de seu corpo, como mencionado, se a imagem de Andréa poderia ser entendida como a de "uma mãe", é claro que se trataria de outro tipo de maternidade, diferente daquela utilizada em referência à de Condessa. Conforme Wonder[100]: "Ela não era uma cafetina babadeira, do mal. Mas ninguém folgava com ela, michê, traficante, ladrãozinho... ninguém [...] Uma vez uma travestizinha roubou uma correntinha do meu pescoço na Val Improviso. Andréia ficou sabendo, subiu no palco e falou que, se não devolvessem na hora, quem pegou ia se ver com ela. Não deu 2 min a correntinha estava de volta na minha mão".

"Atrevida", conforme Seu Lóris, Andréa teve uma infância muito complicada, chegando até mesmo a ter morado na rua, dormindo em um banco na Praça da República, local onde, no futuro, às vezes retornaria acompanhada de seu pequinês Al-Capone[101]:

> Andréia cuidava e dava amparo. Servia de sentinela, de guardiã daquele mundo perigoso e cheio de regras veladas. Mas também tinha lá seus problemas, claro. Envolveu-se, apaixonada, com um rapaz viciado em drogas que, depois de uma discussão, disparou nela seis tiros. Andréia (que não bebia nem usava drogas) foi atingida na mão, nos braços e nas

---

[99] Bocchini, L. "Poderosa chefona". Revista Trip, n. 190, 07 de Julho de 2010.
[100] Bocchini, L. "Poderosa chefona". Revista Trip, n. 190, 07 de Julho de 2010.
[101] Prefeitura de São Paulo. Andréa de Mayo. Primavera de 2016. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/servicos/servico_funerario/Andreia%20de%20Mayo%20biografia%20Homenagem%2017%20de%20novembro%20de%202016%2015%20horas-3.pdf>.

> pernas. Sofreu 13 cirurgias. Nunca mais foi a mesma. Ganhou um olhar tristonho e distante, quase ausente.[102]

Esta imagem de tristeza e/ou melancolia, que por vezes veio associada à sua imagem, foi também comentada por Bira:

> A lembrança que eu tenho é a de uma pessoa triste, sabe? Nunca falei, sentei, bati papo com ela, mas olhando, observando de longe, eu tinha a impressão de que ela era uma pessoa triste, uma pessoa envolvida nessa coisa da noite, porque tem um amargura da noite. [...] Então eu vi e achava que ela não sei, ela tinha uma nuvem meio negra assim, eu achava. Não que ela fosse uma pessoa ruim, não é isso, mas eu sentia que ela tava um pouco imersa numa coisa meio escura assim.

Talvez por um desencantamento com a vida nestes espaços ou pelo avanço da idade, Erika Palomino relata que Andréa em seus últimos dias de vida se preparava para mudar para um sítio em Ribeirão Pires, dizendo sentir mais prazer em conversa com os caseiros do que "ouvir bobagens e ver as pessoas se destruindo em troca de um sonho que nem se sabe onde vai dar"[103].

Esta possível referência a uma ideia da busca um sonho, seja nos espaços da noite e/ou nas experiências travestis, aparece também no depoimento de Brenda Lee ao documentário "Dores de Amor". Ao ter sua opinião indagada sobre as meninas que viviam em sua casa, são recorrentes as menções a um futuro de sucesso e/ou de uma superação de uma atual situação de limitações, quer dizer, de um melhor momento na vida ou até mesmo de um estrelato: "A Jéssica? A Jéssica será uma estrela do futuro".

Um tanto mais negativa é a opinião de Condessa expressada na mesma produção audiovisual, ao fazer referência a uma incontornável tristeza na experiência de viver e envelhecer travesti, apontando esse desejo inalcançável (em falta) como o motor da experiência travesti, embora mais importante do que ir de um ponto a outro, seria o caminho: "a definição de um travesti mesmo é a fantasia criada por um homem com alma de mulher. Que na realidade, ele nunca chega naquele ponto crucial no qual ele gostaria de ser. Então o que acontece? Milhões de cirurgias, milhões de fantasias, que o próprio embelezamento faz com que as pessoas se submetam a isso".

---

[102] Palomino, E. "Histórias de um underground brasileiro". Folha de S. Paulo, 19 de maio de 2000.
[103] Palomino, E. "Histórias de um underground brasileiro". Folha de S. Paulo, 19 de maio de 2000.

"Um embelezamento que cobra seu preço"[104] poderia ser a explicação de Condessa para a morte de Andreia, que veio a óbito após cirurgia em clínica com o objetivo de remover parte do silicone que havia injetado em seu corpo durante a vida. Sem embargo, de noites quase intermináveis, entre shows às quatro da manhã e garçons nus em festas que "misturavam todo mundo"[105], permanece viva a memória e a história de Andréa e de suas casas em São Paulo: "uma história ímpar e, ao mesmo tempo, uma história comum no Brasil, Andréia de Mayo, que nasceu e morreu em maio, já é um mito na vida de São Paulo".

3.1.5. Outras purpurinas: Caneca de Prata, Gay Club, Off e Corintho.

Ainda que não tão detalhada e recorrentemente citados como os espaços analisados, também foram feitas menções a outros bares e boates da cidade de São Paulo, dos quais, considerarei para análise nessa subseção o pioneiro Caneca de Prata; o Gay Club, representante de uma época em que o Bixiga seria um point da boêmia, como afirmou Bira e também relataria Rui, assíduo frequentador da região; e a Corintho, boate que abriria na década de 1980 pela ex-proprietária da Medieval, Elisa Mascaro e Fernando Simões.

* * *

Nos testemunhos, o Caneca de Prata foi frequentemente referido como provavelmente o bar para o público dissidente mais antigo da cidade de São Paulo: "quase sexagenário", "que ainda tá aberto" foram algumas das expressões para descrever o espaço. Foram recorrentes também descrições do espaço como "de luxo" anteriormente e, atualmente, como um lugar decadente.

Localizado na Avenida Vieira de Carvalho, n. 63, tomei alguns chopps super geleado e muito bem servidos, acompanhado de Bira em duas ocasiões, quem me disse que o espaço interior seria tal qual era nas décadas passadas. Em estilo pub, com papel de parede bem destacado, luzes quentes, um quadro pintado em óleo sobre tela que retrata uma multidão aglomerada de homens grisalhos e barbudos, o espaço é composto por dois andares. No andar de baixo, cadeiras e mesas, assim como um balcão no qual pode-se tomar um drink sentado em banquetas, conversando com o garçom ou o dono da casa. No fundo, está o banheiro. Na parte

[104] Referência à fala de Condessa em Meier e Kalin (1988).
[105] Palomino, E. "Histórias de um underground brasileiro". Folha de S. Paulo, 19 de maio de 2000.

de cima, há uma espécie de mezanino ocupado por mesas e cadeiras e a "famosa mesa 7", onde ocorriam e ocorrem pegações mais fortes, propiciadas por uma iluminação mais fraca.

Apesar de sua longevidade, poucas referências encontramos do bar. Sabe-se pelos relatos no gueto que antes de ser o Caneca, como é chamado, seria um bar de intelectuais, artistas e integrantes da alta sociedade paulistana. Nesse contexto, o relato presente no blog *Grisalhos – Maturidade e Sexualidade*, apesar de não apontar as fontes utilizadas para sua escrita, para além da experiência relatada, é interessante ao apontar alguns aspectos da história do bar. No texto, a forma como o autor se refere ao tamanho do espaço me parece extremamente interessante: "Todos os ambientes eram pequenos, mas para um rapaz gay saído da periferia da cidade aquilo era tão grande quanto os seus sonhos"[106].

O texto faz menção a sua suposta fundação no ano de 1943, sob o nome de Bar Pierrot[107], apontando a mudança de nome no ano de 1962, quando passa a se chamar Caneca de Prata em referência aos recipientes nos quais eram servidos os chopps da casa. Segundo o autor, o público mudaria um pouco: inicialmente seria frequentado por empresários e executivos no final do expediente, entretanto, com o tempo, a clientela passaria a se tornar cada vez mais composta por "entendidos", em ambiente marcado pela constante "elegância, maturidade e discrição".

Nos depoimentos, assim como no texto, a percepção de luxo e elegância fica diretamente vinculada ao passar do tempo, sendo difícil operar uma separação entre certa nostalgia das lembranças do bar e as mudanças que por ali ocorreram. Sem embargo, o texto descreve que essa elegância teria sido um dos fatores que fizeram com que o bar sobrevivesse o tempo da ditadura civil-militar, em razão da polícia saber que era frequentado por "grande parte da elite paulistana" e também por "militares gays".

De fato, com o passar do tempo, como indicou Regis em seu testemunho, outros bares passariam a surgir aos arredores e as calçadas da Vieira seriam conhecida por seus ferventes fluxos. A pesquisa de Trindade (2018) aponta alguns dos espaços ao redor do Caneca já nas décadas de 1980 e 1990, explicando um pouco das dinâmicas das atuais circulações que por lá operam, indicando sua frequência atual pela população dissidente de maior idade.

---

[106] "Um bar chamado caneca de prata". Grisalhos. Disponível em: acesso em: https://grisalhos.wordpress.com/2011/03/10/um-bar-chamado-caneca-de-prata/

[107] "Um bar chamado caneca de prata". Grisalhos. Disponível em: acesso em: https://grisalhos.wordpress.com/2011/03/10/um-bar-chamado-caneca-de-prata/

Figura 11. Área interna do Bar Caneca de Prata

Fonte: Site Guia da Semana

Por ser testemunha viva dessa história, pode-se certamente dizer que o Caneca de Prata é um dos principais espaços de memória coletiva da dissidência sexual na cidade de São Paulo. Para além dos bons drinks e das possibilidades de caçação com homens mais velho, tendo a escuta um pouco atenta, o espaço é uma oportunidade ímpar de estar em contato com uma São Paulo que, conforme alega o texto, "que não se conhece mais".

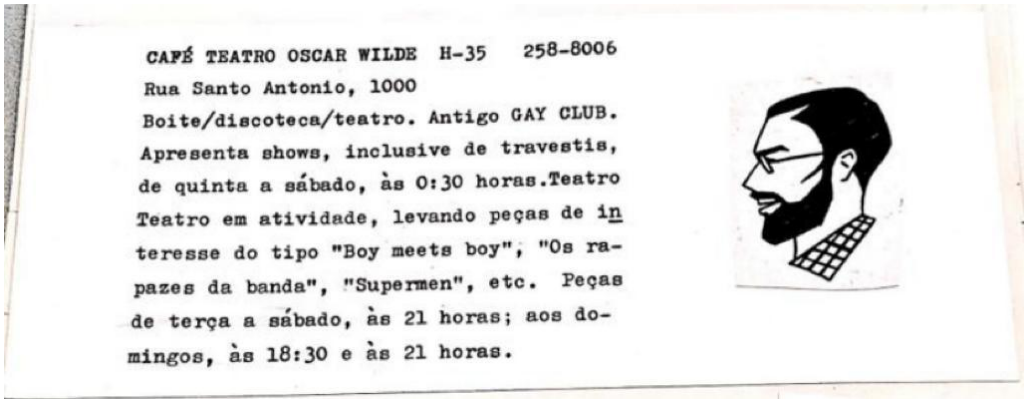
* * *

"Então fui e logo no primeiro dia que eu cheguei aqui em São Paulo, domingo de manhã, domingo à noite já tava saindo com uma moçada lá pro bar no Bixiga. Que aí foi que eu fiquei durante anos ali, dez anos ali, eu era diário frequentador do Café do Bixiga e do Gay Club que era na rua de trás", me contou Rui naquela que seria a primeira menção mais aprofundada do Gay Club, café-teatro ocalizado no Bixiga, bairro que, como apontou Bira ao folhear as páginas do guia Bandeirante Destemido (1981), teria ocupado um lugar de destaque da boemia na cidade de São Paulo[108].

[108] Em tempo, analisarei na seção sobre a memória política essa relação entre boêmia e homossexualidades, entre outras relações que aparecem nas memória e textos, que indicam certa proximidade das experiências de desvio sexual, marginalidade, boemia, degenerescência, entre outros termos que seriam entendidos como atos subversivos, alvo de preocupação da ditadura civil-militar.

Pelo guia em questão, já em 1981, o Gay Club é apresentado como espaço frequentado por intelectuais e artistas e referenciado a partir de outro nome: “Café Teatro Oscar Wilde”, localizado na Rua Santo Antonio, 1000. O local é descrito como “boite’/discoteca/teatro”, com apresentação de shows, “inclusive de travestis, de quinta à sábado, às 0:30”. Enquanto teatro, apresentava peças como a aclamada “Boy meets boy”, “Os rapazes da banda”, “Supermen”, de terça-feira à domingo. Segundo Steffen (2017), após a apresentação das peças, o clube virava uma boate.

Figura 12.. Descrição do Café Teatro Oscar Wilde (Antigo GAY CLUB) no Bandeirante Destemido



CAFÉ TEATRO OSCAR WILDE H-35 258-8006
Rua Santo Antonio, 1000
Boite/discoteca/teatro. Antigo GAY CLUB.
Apresenta shows, inclusive de travestis,
de quinta a sábado, às 0:30 horas.Teatro
Teatro em atividade, levando peças de in
teresse do tipo "Boy meets boy", "Os ra-
pazes da banda", "Supermen", etc. Peças
de terça a sábado, às 21 horas; aos do-
mingos, às 18:30 e às 21 horas.

Fonte: O Bandeirante Destemido em Acervo Edgard Leuenroth/Unicamp.

Outra referência ao Gay Club, foi encontrada na edição número 1 do Jornal do Gay, na seção Noites em São Paulo, onde é anunciada uma festa para seus associados intitulada “Volta as aulas”: “apresentado por Sergio Buck, e com participação do seguinte elenco: Claudia Wonder, Vera Abelha, Sissi, Charisse, Makiba, Cassandra e Paulette. E a última notícia é que Acácio Gonçalves, ator principal da peça Boy Meets Boy é o principal integrante da peça “A Gata Borralheira”, o mais recente espetáculo da casa”[109]. Ne edição de número 3 do Jornal do Gay (1979), há menções também de shows às terças, quartas e quintas e a realização do espetáculo Bijon Banana Great Star com Marizette, Nadia Kendall, Yoko, Tani, Paulette e Makiba[110]; a realização de bingo musical às quartas-feiras, apresentado por Marizette, dias em que também haveria o número “Lia Mara (a Invicta) contra Darby Daniel (A Poderosa) com desfile das mais belas criações. Números musicais, apresentados pelas malditas. Não percam![111]”

[109] “Gay Club – Uma casa Privé”. Jornal do Gay, ano I, n. 1., p. D, 1978.
[110] “Gay Worldat Night”. Jornal do Gay, ano II, n. 3, p. K, 1979.
[111] “Gay Worldat Night”. Jornal do Gay, ano II, n. 3, p. K, 1979.

Um interessante fato sobre o Gay Club foi noticiado pela Istoé em fevereiro de 1986[112], indicando tanto o que talvez seja uma das primeiras expressões daquilo que entendemos atualmente como *pink money,* quanto a falta de maiores informações sobre o espaço que durou pouquíssimo tempo com tal nome.

A curta notícia relate que o advogado e empresário Virgílio Siena, quem havia aberto o Gay Club no ano de 1978, teria decidido fecha-la pouco tempo depois para se dedicar a um negócio mais lucrativo: a exploração de sua marca. O empresário teria registrado a marca "gay" no Instituto Nacional de Propriedade Industrial, passando a notificar aqueles que a utilizassem sem sua autorização. Entre aqueles que seriam notificados, a revista cita o empresário carioca Guilherme Araújo, promotor do baile pré-carnavalesco Grande Gala Gay, realizado anualmente no Canecão. Ao não fazer caso das notificações, Guilherme Araújo, segundo a revista, teria desembolsado uma "gorda multa" após sentença judicial. Também notificados foram a tradicional Galeria Alaska, que manteve seus shows Rio Gay e Tropical Gay, sofrendo a sanção de multa, porém mais leve, e o quadro Capitão Gay de Jô Soares, que mesmo recorrendo à Justiça, teve que sair do ar.

A notícia relata ainda que Ricardo Amaral, produtor do pré-carnavalesco The Gay After, teria feito contrato de uso de marca, com a porcentagem de 5 a 10% para a Proarte Produções Artísticas, cujo sócio majoritário era Virgilio: "A exploração é lícita e tenho direitos assegurados pela Constituição"[113]. Opinião contrária de Guilherme Araújo, quem considerava extorsão e mudara o nome de Grande Gala Gay para Grande Gala G, situação entendida por Virgílio como apenas um adiamento e que Guilherme deveria entender que "alguém teve mais inteligência do que ele"[114].

Outra boate citada esparsamente nos testemunhos foi a Off que, como mencionou Rui, era de propriedade de seu "amigo pessoal" Celso Curi, jornalista conhecido por ter escrito a pioneira coluna gay do Brasil, a Coluna do Meio publicada no Jornal Útilma Hora de 1976 a 1979. "A Off era de gente meio mais chique assim", disse Bira. Consonante a essa fala, o guia Bandeirante Destemido apresentava a casa como uma boate privê de Celso Curi, com a necessidade de estar acompanhado de um sócio para ingressar, aberta de terça à domingo, das 21 horas ao último cliente, com consumação mais cara no fim de semana e projeção de filmes

---

[112] "Gay agora tem dono. E dá muito dinheiro". Istoé, fevereiro de 1986. Agradeço ao Professor Luis Morando por esta referência.
[113] "Gay agora tem dono. E dá muito dinheiro". Istoé, fevereiro de 1986
[114] "Gay agora tem dono. E dá muito dinheiro". Istoé, fevereiro de 1986

super-8 às terças. O símbolo utilizado pelo guia para descreve-la é o homem com gravata, indicando "público com alto poder aquisitivo".

Um dado importante é que a casa teria sido a primeira a se deslocar do centro da cidade para outras regiões, no caso, o Itaim Bibi, sendo um point de referência até 1986, quando se tornaria espaço de teatro, posteriormente, transformando-se no Guia Off de Teatro, editado por Curi até os dias de hoje (Steffen, 2017).

* * *

Citada apenas por um dos depoentes e analisada por último nessa seção, é preciso ter cuidado para que não se confunda essa posição de pouco destaque com o nível de importância que a boate Corintho teve para a arte transformista. Seguramente, pode-se dizer que a Corintho foi a expressão máxima desta arte em São Paulo, tendo sua inauguração coberta até mesmo pela grande mídia, como demonstra o vídeo disponível no Youtube[115] em que Amaury Jr. entrevista Samanta, Geórgia, Lana, Cíntia, Marizete, Elisa Mascaro e a famosa Makiba, quem explica a origem de seu nome: teria sido Isolda Bourdot, conhecida por suas composições com o cantor Roberto Carlos, que a teria batizado.

Vendo outros vídeos do Youtube, podemos assistir fragmentos de alguns dos espetáculos da luxuosa casa, como as primeiras partes dos musicais "Elas por Eles"[116] e "7 pecados"[117], a abertura do espetáculo "Champagne", de 1986[118], assim como seu número "Time is Money", estrelado por Makiba e contando com a presença no elenco de Cinthia Levy, Lilian Paixão, Marizette, Kassandra Terra, Biá, Margot Minnelli e Lola.

Localizada na Alameda dos Imarés, 64, ao lado do Shopping Ibirapuera, sob a rígida direção de Elisa Mascaro e Fernando Simões, os espetáculos eram concebidos com toda a atenção, sem contemplar a possibilidade de improvisos ou falhas. Nesse sentido, as coreografias eram duramente ensaiadas, os figurinos feitos com perfeição pelo costureiro Bastos[119] em processos de produção de chegavam a dura mais de três meses (Bortolozzi, 2016, p. 16).

---

[115] "Amaury Jr. apresenta Boite Corintho". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YB0n6ImxGi0>. Acesso em: 12 de Julho de 2019.

[116] "1º PARTE ELAS POR ELES CORINTHO". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DyznkPMgN7E>. Acesso em: 12 de Julho de 2019.

[117] "SHOW BOATE CORINTHO 1º PARTE 7 PECADO". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5ZU8AXsEGT0>. Acesso em: 12 de Julho de 2019.

[118] "DRAG SHOW- CHAMPAGNE (abertura) – Boite Corintho 1986". Disponível emL <https://www.youtube.com/watch?v=icdvTe_lwbM>. Acesso em: 12 de Julho de 2019.

[119] "Amaury Jr. apresenta Boite Corintho". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YB0n6ImxGi0>. Acesso em 12 de Julho de 2019.

Em depoimento ao filme São Paulo em HiFi (Steffen, 2013), percebe-se o papel de liderança de Elisa nessas produções, que cobrava até mesmo multas por atrasos e faltas nos ensaios e viajava para Paris e outras capitais para a busca de novas inspirações para novos números e espetáculos.

Para que se tenha um pouco de ideia do nível de sofisticação da casa, Bortolozzi (2017, p. 16) relata que no primeiro aniversário da casa, Elisa teria instalado uma fonte de estilo neoclássica a qual jorrava vinho branco. Ainda segundo o pesquisador, a casa em seu auge teria contado com 65 funcionários, figurino feito com materiais importados da Europa ou dos Estados Unidos, e era composta por um corpo de 29 bailarinos e coreógrafos, para além das travestis e transformistas, "tidas como as estrelas do espetáculo e divas da Broadway" (Bortolozzi, 2017, p. 16). A casa era também conhecida por sua decoração primorosa, sendo reconhecida pelas publicações especializadas como uma das melhores do Brasil, espaço ocupado anteriormente pela Medieval (Bortolozzi, 2017, p. 16).

Nos comentários dos vídeos, é possível somar algumas vozes aos relatos de Bira. São frequentes menções a um ambiente de liberdade, como relata um internauta ao relembrar dos Carnavais da casa, quando teria sido "um dos primeiros clientes a ir travestido". Outro comentário relembra a alegria e prazer da adolescência do usuário do Youtube que afirma ter conseguido entrar na casa "sendo menor de idade" e que muito teria se divertido lá dentro. É constante também nesses comentários certo sentimento de saudosismo, perceptível nas comparações entre o que teria sido uma comunidade de gays e travestis naquela época, mais unida que essa "geração de hoje, formada na Parada", competitiva, pouco unida e que não produziria arte do mesmo nível.

Por último, não poderia deixar de registrar o falecimento de Elisa em 17 de abril de 2019, momento o qual escrevia essa seção. Seu falecimento, aos 78 anos, foi noticiado por alguns canais na internet, do qual pode-se destacar a Folha de São Paulo[120], que traçou seu perfil como alguém que apesar de sua mão de ferro, foi uma mãe para as transformistas de sua casa, provendo trabalhos de carteira assinada e estabilidade incomum para essas pessoas durante a ditadura militar. Segundo o obituário, com a eclosão da epidemia do hiv/aids, Elisa teria importado remédios dos Estados Unidos para tratar pacientes e, no caso de negativa de familiares, teria até mesmo ido ao Instituto Médico Legal (IML) buscar corpos daqueles e

---

[120] Ferraro, M. "Mortes: Empresária acolheu gays e transformistas durante a ditadura". Folha de S. Paulo, 14 de maio de 2019.

daquelas que sofreriam fatalmente nesse momento. No texto, também se informa que Elisa se afastou da noite em 1991, ano da morte de seu filho.

Pessoalmente envolvido com a temática, gostaria de expressar não apenas a gratidão ao seu trabalho em vida, mas também refletir sobre a importância de sua trajetória, que, a meu ver, mereceria um maior destaque.

3.2. Quando espaços são práticas

"Nosso amor
é contra/partida
é des(z)amor,
ponto de vida.
O nosso ato
Sobre as goteiras,
É desatrato
sob as esteiras.
O nosso uivo
É aço,
Nosso mundo,
Eu faço.
Da nossa trama,
Quem se ama?
E no meu avesso,
pago meu preço".
(As incertezas do tempo, Políbio Alves
no Lampião da Esquina, n. 3., 1978)

Ir-e-vir de corpos. Roupas, cheiros e fragrâncias, das nacionais às importadas, barbas brilhantes, camisas e calças jeans. Posturas, gestos corporais, expressões de interesse, entonações de vozes e, sobretudo, olhares. "Aquele era ou não o meu número", como me diria Regis, despertando em mim todo um imaginário sobre o que poderiam ser os espaços relatados à seu tempo.

Memórias que versaram sobre fluxos descontínuos pelas ruas, territorialmente demarcados, palco de encontros entre pedestres e carros. Lembranças de roça-roças e encostas entre poltronas de cinema, de grandes prazeres com cheiros nem sempre tão agradáveis em banheiros públicos, e, posteriormente, relatos também sobre contatos "mais liberado" com outros homens em saunas, marcando um prazer sem o medo de extorsões policiais, de *outings* forçados, nem de agressões físicas.

No presente subcapítulo, busco analisar os espaços relatados pelos depoentes a partir da assunção de sua confluência com as práticas sexuais e/ou eróticas que aí ocorriam ou as quais eram buscadas, ponto do qual decorre a máxima que o intitula: "quando espaços são práticas".

Em outras palavras, tratam-se de espacialidades as quais foram sempre referenciadas a partir das práticas eróticas e sexuais que aí ocorriam ou que eram buscadas: espaços públicos ou semi-públicos, apenas privados posteriormente com o surgimento das saunas, como relata Bira:

> E os banheirões... no Largo do Arouche. Lembra que eu te falei que tinha um banheiro no Largo do Arouche? Que fazia fila para entrar?
>
> [...]
>
> Mas a pegada, sobretudo, era cinema [...] era sobretudo em cinema, sauna veio depois do cinema, cinema veio antes mesmo e depois que começou a pintar saunas... era uma delícia, uma libertação, **porque você transava com quantos você queria e seguro, não tinha aquele medo do cinema, porque o cinema tava envolto em medo e sujeira, aquele cheiro ruim e tal...** [grifo do autor] mas era bem gostoso, tinha uns cinemas que era, nossa, muito babado! Eram muito bons, mas tudo putaria, né?

Para além dos aspectos previamente destacados, no fragmento do relato de Bira, percebe-se também o reconhecimento de inconvenientes e riscos (medo e sujeira) nessas práticas, o que levaria, como suscita P.J., a criação de táticas para formularem mensagens compreensíveis que transmitissem o desejo preferencialmente apenas para aqueles que também as buscavam, mas que nem sempre assim sucediam, em razão do risco sempre presente.

Entretanto, é interessante notar como esses "perigos e riscos" despertariam até mesmo o interesse e "tesão" de alguns, como aponta Regis ao recordar do perigo. Conjunção entre desvio, medo e desejo – combinação de erotismo que é centro da análise etnográfica de Perlongher (1978), a qual tomo como principal base teórica para compreender o relato das vivências e experiências de caçação e pegação, utilizando as categorias êmicas dos depoentes.

3.2.1. Cinemas

"Na Ipiranga tinha aquelas sessões de cinema. Tinha sauna, mas eram saunas que eu já fui próximo do final dos anos 70", disse Lair sobre esses espaços que também seriam referenciados como "cinemas de pegação" e "cinemões", locais de pegação anteriores às saunas. Tratavam-se de salas de cinemas nas quais contatos homoeróticos eram buscados, valendo-se do escuro propiciado pelo ambiente e da atenção dos frequentadores às telas de projeção, o que, apesar dos riscos, fazia com que fossem mais seguras que os espaços públicos (Green, 2000, p. 164). Esses contatos poderiam ou não ser estendido para práticas sexuais em outros espaços, como quartos de pensão ou residências (Perlongher, 1987, p. 167).

Ao analisar a cidade de São Paulo no começo do século XX, James Green (2000, p. 164) comenta também que esses cinemas se localizavam no centro da cidade, região habitada por muitos homens nesse momento e que, devido aos preços relativamente baixos de entrada, seria uma das opções mais populares de entretenimento para pessoas de baixa renda. O autor ainda indica certo "luxo" e "elegância" desses "novos elegantes palácios" (Green, 2000, p. 164), que propícios para a prática de sexo com outros homens, sendo também frequentados por aqueles que buscavam tais práticas de forma encoberta e/ou por parte daqueles que ainda não conheciam a "topografia sexual" da cidade (Green, 2000, p. 164).

Sem embargo, por mais interessante que seja essa genealogia dos cinemões paulistanos, o contexto relatado nas memórias, ainda que certamente influenciado pela longa "tradição" dessa prática, faz referência especificamente às décadas de 1970 e 1980, momento no qual a decadência do centro de São Paulo e também desses espaços faria com que os proprietários e funcionários de alguns desses cinemas ignorassem tais atividades (Green, 2000, p. 401). Sobre essa "nova realidade", Trevisan (2018, p. 22) comenta: "é fato já bastante conhecido que salas decadentes passaram a sobreviver como pontos de paquera homossexual".

Ainda sobre esse momento de contraste entre um antigo luxo e uma recente decadência, mas também marcado por certas continuidades, Perlongher (1987, p. 168) observa um cinema localizado na Avenida Rio Branco em São Paulo:

> sob pretensioso nome, um prédio antigo, ruinoso, vestígio da época em que a Avenida Rio Branco conservava certa aura chique, logo confiscada pela crescente "lumpenização". O Palacete reúne um público dos estratos mais baixos da sociedade. Sua frequência é majoritariamente negra; seus espectadores, pedreiros, soldados, operários não especializados, bichas proletárias, malandros, adolescentes de periferia. O baixo preço do ingresso favorece esta distribuição social.

O antropólogo segue sua análise pontuando que esses espaços funcionavam como os cinemas de antigamente, ou seja, como centros de reunião social com "ativa sociabilidade", não restritos apenas a amizades, mas também a contatos sexuais nas salas e banheiros, em contatos que muitas vezes os participantes "sequer se veem as caras, [e ocorrem] roçares 'casuais' de membros na massa que se amontoa nas últimas fileiras da sala, penetrações apressadas nas toaletes diminutas e fedorentas, num espaço buliçoso, que cheira a suor masculino" (Perlongher, 1987, p. 169).

O trecho em questão faz referência ao cinema "Palácio do Cinema", descrito pelo Lampião como o "famoso cinema dos viados de São Paulo". As observações presentes em matéria intitulada "Um palácio para muitas rainhas" explicam com muitos detalhes as dinâmicas desse local, no qual "a verdadeira arte cinematográfica [...] acontece não na tela, mas na plateia, nos banheiros, nos cantos atrás das cortinas"[121].

Segundo o jornal, os banheiros do Palácio estariam sempre ocupados por "alguma bicha de plantão [...] desafiando o mal [sic] malcheiro, formando grupos, batendo papo, discutindo, paquerando os que vem mijar", sendo, inclusive, algumas dessas práticas efetivadas por meio de transações financeiras: "algumas põem roupas de mulher, pintura e vão para o banheiro 'faturar'. Dizem que conseguem sempre arrancar pelo menos duzentinhos do bode. As outras juram que é mentira". Nos horários de intervalo, o jornal afirma que os banheiros seriam lotados por mais de 200 bofes, que "vão mijar, tudo de uma vez. Fica aquele sufoco no banheiro, com o fecha das bonecas, as risadinhas dos rapazes (geralmente migrantes. Muita paquera"[122].

Sobre os locais e modos de pegação no cinema, além da pegação nos banheiros, o jornal indica as pegações nas escadas e a chamada prática do "fazer plateia" ou "tricotar": "os bofes [...] sentam-se exatamente nas segundas cadeiras de cada fila. E as bichas vão sentando nas primeiras cadeiras, apalpando, tirando o pau para fora, chupando ali mesmo"[123].Menciona-se também o "público das cortinas", que seriam aqueles que ficariam em pé atrás das cortinas: "é o pessoal do encostamento, que tem preferência pelo roça-roça furtivo".

Utilizando os termos de Perlongher (1987, p. 169), essa "parcialidade da deriva homossexual" foi comentada por P.J. quando explica o que seria o rala-rala, categoria próxima ao que o autor identifica como "roçares casuais", descrito pelo Lampião como roça-roça furtivo: "naquela época, o máximo que eu fazia era no cinema, o máximo era rala-rala. Era tipo assim, acho que hoje não tem, um sentava perto do outro, começava a tocar o pé, encostava e aí no máximo o que pegava era no órgão genital...".

Como mencionado, as trocas de carícias nesses espaços, que poderiam ser estendidas aos banheiros do mesmos ou a outros locais, eram propícias para aqueles que procuravam a vivência de seus desejos homoeróticos de forma velada, como também comentou P.J. ao fazer o nexo entre armário/vida encoberta e as práticas de pegação nos cinemas, destacando também a diferença entre os cinemas e os espaços que caracterizariam uma "vida gay", que na

[121] Dantas, E. "Um palácio para muitas rainhas". Lampião da Esquina, ano 3, n. 37, p. 8, 1981.
[122] Dantas, E. "Um palácio para muitas rainhas". Lampião da Esquina, ano 3, n. 37, p. 8, 1981.
[123] Dantas, E. "Um palácio para muitas rainhas". Lampião da Esquina, ano 3, n. 37, p. 8, 1981.

composição semântica, parece se referir aos espaços analisados na seção anterior (boates, cafés, bares, etc):

> Na época da ditadura, era tudo no submundo, no armário. Eu nunca frequentei a Vieira de Carvalho, mas acho que já tinha aquele bar, o Caneca de Prata Quer dizer, já tinha uma vida gay, mas mesmo os que frequentavam lá, muitos deles não eram militantes. Ficavam na surdina. Então nosso meio de pegação era o cinema.

Surdina e submundo como referências à marginalidade desses espaços, frequentados por um amplo espectro de sujeitos marginais como prostitutas, michês, travestis, ex-presidiários, bandidos (Perlongher, 1987, p.). Sobre estes aspectos, ao contrastar com as saunas, espaços "mais seguros" que viriam futuramente, Bira elabora uma interessante composição em que estes aspectos são tanto relacionados ao medo, como ao desejo: "o cinema tava envolto em medo e sujeira, aquele cheiro ruim e tal... mas era bem gostoso, tinha uns cinemas que era, nossa, muito babado!".

Os principais medos envolvidos nestas pegações seriam os riscos de violência policial e de extorsões baseadas ou não em chantagens de *outings* forçados, como nos dois casos relembrado por Bira, que também identificou uma relativa recorrência de casos em que pessoas fingiam que eram "policiais":

> Quando a gente terminou de brincar, ele botou a mão no meu ombro e falou assim: "agora você vem comigo" e foi me levando... o cara era super mais alto do que eu, grandão, me levou pra fora do cinema e me falou que ele era policial, tava à paisana, né, óbvio, que ele era policial e que ia me levar em cana, que ia fazer boletim de ocorrência, porque acho que era atentado ao pudor, né? Mas acontece que nós dois tínhamos brincado, então, teoricamente, se fosse hoje, eu teria outra atitude. Mas isso era comum, os caras falavam, fingiam que eram da polícia e que iam levar pra fazer boletim de ocorrência, avisar à família e cê já imaginava que sua família ia ficar sabendo que você era gay, que seus amigos iam descobrir, uma situação vexatória, que você foi pego fazendo pegação no cinema e não sei quê e aí os caras pediam uma grana e você dava a grana.
>
> [...]
>
> Eu tinha muita vergonha, medo da vergonha de ser exposto numa situação assim. Nem de ser descoberto como gay, também, mas sobretudo nessa situação, nessa circunstância, né? De repente as pessoas sabendo que você foi preso porque você tava cometendo um ato violento contra o pudor. Isso é desagradável, né?

Sobre esses riscos, P.J. relembrou que “às vezes a polícia batia e pegava todo mundo que tava na plateia, levava todo mundo pra achacar”, mas que, felizmente, nunca passou por essa situação, suscitando então também a possibilidade de experiências de violência e extorsão em casos de “não correspondência”, assunto que tratarei em subseção seguinte, já que referenciado aos olhares em espaços públicos. Entretanto, considerando os pesos e estigmas associados aos desejos para além da ordem erótica oficial (Gonçalves Filho, 2003), são comuns referências na bibliografia e na imprensa alternativa da época relatos de atitudes de violência posteriores aos atos de prazer, como o caso de extorsão de Bira posterior à “brincadeira” da qual ambos haviam participado.

Essa possibilidade de inconvenientes e riscos é comentada na introdução da seção “Cinemas” do Bandeira Destemido (1981, p. 16): “Inclui apenas os mais frequentados e próximos de outros pontos habituais, o que não exclui o perigo de repressão ou discriminação. O asterisco indica sessões à meia-noite”. Da lista de cinemas, os cinemas Bristol e Liberty, na Avenida Paulista, 2064, e o Cine Metrópole na Galeria Metrópole são indicados com o símbolo de “policial”, suscitando maiores perigos de “repressão policial ou hostilidade” (Outra Coisa, 1981, p. 6).

A ênfase na frequência é curiosa, pois pode apresentar tais espaços como resultado de uma ocupação ativa dos sujeitos dissidentes e não necessária e/ou unicamente como resultado da oferta desses espaços pelos proprietários, interpretação que poderia decorrer de uma leitura apressada da já referenciada decadência. É também interessante notar como os cinemas são também categorizados por sua frequência pelo guia, sendo, por exemplo, descritos como locais com presença de michês o Cine Ipiranga, localizado na Avenida Ipiranga, 786, e o Cine Marabá, na mesma avenida, número 757; como cinemas de frequência de maior poder aquisitivo o Cine Olido, na Avenida São Joao, número 473, e o Cine Arouche no Largo do Arouche, 426; por último, o cine Belas Artes, na Rua da Consolação esquina com a Paulista, é descrito como local frequentado por “intelectuais e artistas” (Outra Coisa, 1981, p. 6).

Sobre essas diferenciações, Perlongher (1987, p. 170) identifica que, conforme o status social do cinema, pelo menos para os sujeitos etnografados em sua pesquisa (michês), seria mais provável que as transas fossem “mais românticas” e que os encontros não ficassem circunscritos aos territórios dos cinemas, relações que adquiriam então, segundo um dos

entrevistados de sua pesquisa, aspectos de uma "coisa menos materialista, menos no nível da mercadoria"[124].

* * *

Espaços de potenciais dessubjetivação (Foucault,), em que entendidos, bichas, bofes, homens "no armário", casados, machos, entre tantas outras categorias identitárias que poderiam servir para descrever a miríade de homens que buscavam sexo com homem nesses locais, é importante frisar que, como aponta Trevisan (2018, p. 25), queiram os mais conservadores ou não, espaços e práticas como esses são parte da vida e da cultura brasileira, sendo invisibilizados pela tendência brasileira à dissimulação e a à conciliação (Trevisan, 2018, p. 28).

Nesse sentido, resulta oportuno retomar o conto de Aguinaldo Silva referenciado e sintetizado por Trevisan (2018, p. 25), que o toma como base para suas reflexões e que, em conjunto às descrições e análises realizadas previamente, trazem visualmente a contradição constitutiva desses espaços, silenciados, mas conhecidos; reprimidos, mas permitidos; proscritos, mas frequentados:

> [...] uma bicha debutante, mas bastante curiosa, resolve visitar o Cine Íris – paraíso popular da pegação gay carioca -, para conferir a existência de certa frase inscrita nas paredes do banheiro local. Mergulhando como um Dante no inferno, o personagem tateia na escuridão do cinema, onde só as prostitutas assistem ao filme, enquanto a população masculina se comprime nos cantos ou detrás das cortinas podres, em agitado intercâmbio erótico. Dentro do banheiro, a fumaca dos cigarros e a luz mortiça deixam entrever uns trintas homens, num clima de erotismo macabro que o fedor de urina velha só acentua. Aí, abrindo caminho por entre machos que gemem e suspiram em vários tons, a bicha debutante depara-se finalmente com a relevadora frase inscrita, em caracteres enormes, na parede de uma privada em ruínas: "O Cine Íris também é Brasil" (Trevisan, 2018, p. 25).

Dissimuladamente ou não, a ênfase do autor ao referenciar o texto, é justamente destacar que tais vivências homoeróticas fazem parte da vida cotidiana brasileira, dissidente ou não.

---

[124] "No Ártico, o nível social é baixo, mas não tão baixo quanto no Palacete. Nesses cinemas pobres é só transa: encontra-se alguém, fala-se em dinheiro, vai-se para o hotel (quando a transa não é no cinema mesmo) e pronto. No cinema Lira, por exemplo, as transas acontecem mais romanticamente. Os caras convidavam um jantar, jantávamos, depois íamos transar. Pagava sim, mas ficava uma coisa menos materialista, menos no nível de mercadoria". Citação integral de fragmento de depoimento em Perlongher (1987, p. 170).

3.2.2. Banheiros

A busca por sexo e outras práticas homoeróticas em banheiros públicos, sejam estes em rodoviárias, cinemas e/ou em bares e casas noturnas, foi apenas mencionada por um dos depoentes, Bira. Entretanto, trata-se de uma antiga e difundida prática, sendo ainda existente em muitos dos banheiros da cidade de São Paulo.

Ao analisar o período compreendido entre os anos de 1920 e 1945, Green (2000, p. 162) afirma que os banheiros públicos da Estação da Luz atraíam um alto tráfego de homens que buscavam contatos sexuais com outros homens, influenciados, sobretudo, pelo vai e vem de passageiros que poderiam se desviar ao parque, localizado ao outro lado da rua (Parque da Luz), ou dirigirem-se aos banheiros da estação. Conforme o autor (Green, 2000, p. 163), os banheiros públicos ofereciam um espaço de fácil acesso relativamente privado, atraindo tanto homossexuais, como aqueles que não se identificavam como tal, mas que "ainda assim apreciavam atividades homoeróticas" (Green, 2000, p. 162). Os contatos que ocorriam lá poderiam ser expandidos para pensões baratos e bordéis ao redor da estação, possibilitando maior identidade para as práticas sexuais (Green, 2000, p. 162).

A pegação ocorria e usualmente ainda ocorre em mictórios. Iniciando com a troca de olhares nos mictórios e a exibição de pênis eretos ou no chamado estado meia-bomba, a partir da decodificação de um desejo mútuo, acerca-se, apalpa-se, sendo possível que se restrinja apenas aos olhares e aos toques, mas que também se possa avançar para práticas de sexo oral, masturbação, entre outras práticas nos mictórios ou então nas cabines fechadas e/ou em outros espaços. A decodificação do desejo e as distintas possibilidades de se engajar nessas práticas é assunto de matéria publicado em Lampião, dedicada a "ANALisar"[125] a "miconjuntura (micro ou micto?)"[126] dos banheiros da cidade de São Paulo:

> Não creio tratar-se de um frívolo ou mero desfile, mas de uma exacerbação masturbatória inconsequente e gostosa, se os personagens tiverem algo a ver com suas fantasia. Isto só se pode tornar efetivamente excitando com a captação e decodificação dos olhares insinuantes, com atenção às partes nuas – braços, cara, peitos e, naturalmente, as cacetas [...] Os prazeres nesses lugares podem ser vários, comprometedores ou não. Podemos adotar, conforme o astral, só a via voyeurística. Também podemos assistir, tocar, ser tocados, chupados, chupas, gozar, ser esporrados; ou laçar içar algum para paragens mais tranquilas[127].

---

[125] Toledo, J.L. "Caçando eira no meio da cabunga". Lampião da Esquina, ano 3, n. 31, p. 5, 1980.
[126] Toledo, J.L. "Caçando eira no meio da cabunga". Lampião da Esquina, ano 3, n. 31, p. 5, 1980.
[127] Toledo, J.L. "Caçando eira no meio da cabunga". Lampião da Esquina, ano 3, n. 31, p. 5, 1980.

Segundo Perlongher (1987, p. 170), esse tipo de pegação "ocupa o lugar mais baixo na categorização dos locais de engate homossexual. É, junto com as saunas, o mais diretamente sexual, o menos 'amoroso'; mas é também o mais perigoso, pois está sujeito a esporádicas irrupções policiais", sendo "fortemente despersonalizada, desenvolvida num rigoroso silêncio" (Perlongher, 1987, p. 172).

Sobre o perigo, ao elencar os mictórios de São Paulo, o guia Bandeirante Destemido (Outra Coisa, 1981) indica que todo tipo de risco seria subentendido nesses espaços, espelhando-se na categoria "at your own risk" do guia gay americano Spartacus, ponderando, entretanto, que: "não obstante, a aventura tem probabilidade de êxito suficientes para compensar a margem de risco" (Outra Coisa, 1981, p. 18). Os banheiros elencados pelo guia são: o da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, o da Biblioteca Presidente Kennedy, o da Galeria Prestes Maia, os banheiros públicos do Largo do Arouche, Largo do Paissandu, Parque da Luz, Praça Ramos de Azevedo, Praça da República, os banheiros dos metrôs São Bento, Sé, Santana e Jabaquara e da Rodoviária (Estação Central). Em todos os banheiros, figuram a imagem descritiva que indica a presença de michês, que, segundo Perlongher (1987, p. 171), seriam aqueles considerados como ocupantes do status mais baixo "na escala social do negócio".

Sobre os riscos de perigo policial, apesar do mencionado "risco subentendido" em todos, aponta especificamente para o banheiro do Largo do Arouche, que foi aquele comentado com mais ênfase por Bira. Este banheiro é também apontado como de grande perigo na mencionada matéria do Lampião, que ainda indica os banheiros da Fábrica Antarctica da Mooca e o do Piso superior do Túnel da Avenida 9 de Julho, e também elabora alguns "conselhos", nos quais a segurança é também um aspecto.

Figura 13. Roteiro eclético dos WCs pau-listas no Lampião (1980).

Roteiro eclético dos WCs pau-listas

* Praça Ramos de Azevedo
* Piso superior do Túnel da Av. 9 de Julho
* Estações de Metrô: São Bento, Jabaquara, Sé e Santana
* Fábrica Antártica da Mooca
* Largo Paissandu
* Praça da República
* Parque da Luz
* Rodoviária Central (Praça Júlio Prestes)
* Bibliotecas Municipais Mário de Andrade (Centro) e Pres. Kennedy (Santo Amaro)
* Galeria Prestes Maia (Viaduto do Chá)

DEZ CONSELHOS PARA BANHEIRISTAS

1. Saque a barra, perscrute a conjuntura mictória; antes de agir, insinue, quantas vezes forem necessárias, do modo mais sensual possível.
2. Procure esses locais nos horários de pique: das 7 às 9; das 11 às 13; das 17 às 19.
3. Não se sinta obrigado a contribuir com as caixinhas estrategicamente dispostas nas portarias.
4. Não entre no WC do Largo do Arouche: exploração, chantagem e pacto com michês.
5. Quando a fetidão for demais e o tesão ibidem, não fuja da raia: convide o ilustre passageiro para um passeio mais confortável. O tesão é a máquina motora desta História.
6. Nem tudo que reluz é ouro.
7. Tamanho não é documento.
8. Cuidado com michês e assaltantes — conselho não-paternalista para os incrivelmente mais inocentes ou pusilânimes.
9. O peixe morre é pela boca.
10. Não fique tensobcecado: assim o tesão não pinta.

Página 5

Fonte: Lampião da Esquina, Ano 3, n. 31, p. 5, 1980.

Sobre o espaço da 9 de Julho, o jornal destaca que, "abaixo do porões do Masp [...] as bichas governam tão tranquilamente que chegam ao cúmulo de estacionar por perto, descer os 148 degraus e passar um tempão futiando pelo monástico solar encolunado da 9 de Julho"[128]. Segundo a matéria, o tipo de frequência seria "polivalente", agregando "mendigos, trombadinhas, boys e office-boys da Paulista, frequentadores do MASP e pessoas atraídas pelos psius que bichas dirigem aos amontoados nas paradas de ônibus da 9 de Julho"[129]. Sobre a ação policial no local, é mencionado um episódio em que várias pessoas foram presas, inclusive, "intelectuais da cidade", e que desde então a polícia se aproveitaria da invisibilidade do local para "pegar de surpresa"[130] os frequentadores, que "juram que já treparam com vários policiais entendidos"[131].

* * *

[128] Toledo, J.L. "Caçando eira no meio da cabunga". Lampião da Esquina, ano 3, n. 31, p. 5, 1980.
[129] Toledo, J.L. "Caçando eira no meio da cabunga". Lampião da Esquina, ano 3, n. 31, p. 5, 1980.
[130] Toledo, J.L. "Caçando eira no meio da cabunga". Lampião da Esquina, ano 3, n. 31, p. 5, 1980.
[131] Toledo, J.L. "Caçando eira no meio da cabunga". Lampião da Esquina, ano 3, n. 31, p. 5, 1980.

"Todo o mundo tem pegação em mictórios", refletiu Bira. Sobre esse aspecto, são certeiras as discussões de Preciado (2006) que consideram a arquitetura desses espaços como tecnologias de gênero, ou seja, artefatos e disposições materiais que longe de serem resultado de uma natureza autoevidente do sexo e/ou gênero, as constitui: "podríamos pensar que la arquitectura construye barreras cuasi naturales respondiendo a una diferencia esencial de funciones entre hombres y mujeres. En realidad, la arquitectura funciona como una verdade prótesis de género que produce y fija las diferenciais entre tales funciones biológicas" (Preciado, 2006).

Contrastando os espaços de banheiros femininos e masculinos, o autor indica lógicas opostas entre eles, sendo que se ao banheiro feminino corresponderia um "minipanóptico", no qual todo avanço resultaria numa agressão masculina, os banheiros masculinos seriam espaços propícios para a experimentação sexual, "resto quase arqueológico" do tempo de um "masculinismo mítico", onde podem os homens "liberar-se a jogos de cumplicidade sexual por baixo da aparência de rituais de masculinidade" (Preciado, 2006, tradução do autor).

Nesse sentido, se são os banheiros cenários de produção da masculinidade, o autor entende-os também como "um teatro de ansiedade heterossexual", separando funções genitais (à mostra) e anais (fechadas): "el ano masculino, orifício pontecialmente abierto a la penetración, debe abrirse solamente en espacios cerrados y protegidos de la mirada de otros hombres, porque de outro modo podría suscitar una invitación homossexual".

Ainda que, como demonstrei anteriormente, nesses espaços de exibicionismo, de fato, se ingresse e se pudesse ingressar em práticas homoeróticas, a distinção de Preciado é precisa ao demonstrar espacialmente as condições que propiciam a homens ingressarem em jogos de olhares, toques e até mesmo em intercursos sexuais, assim como argutamente capaz de ironizar os tão pouco precisos limites que poderiam supostamente distinguir um olhar pretensioso de um olhar desejoso, tema presente em inúmeras piadas cisheterossexistas masculinistas e em arranjos linguísticos, como a famosa "lei do respingo".

Um exemplo de tão grande ansiedade heterossexual nesses espaços pode ser encontrada na edição online do jornal O Estado de São Paulo, em matéria denominada "A Economia do mictório"[132], em que o autor traduz parte de um post publicado no blog xkcd, intitulado "Protocolo Internacional do Mictório". A partir desenhos e de complicados cálculos matemáticos, estes últimos não traduzidos, explica-se como se portar nesses banheiros a partir de uma lei geral da masculinidade afirmativa (?), que estabeleceria, minimamente, um mictório

[132] Guterman, M. "A Economia do mictório". O Estado de S. Paulo, 3 de setembro de 2009.

de distância, sendo recomendado ocupa-los desde as extremidades, indicando ao final que um banheiro certo seria aquele com "oito mictórios, porque gera mais oportunidades de encaixe"[133].

Figura 14. Ansiedade heterossexual e a "economia do mictório" ou "como mija o macho"

Vemos como os rapazes geralmente se distribuem num banheiro com cinco mictórios. A lei geral da masculinidade afirmativa manda que se mantenha distância de pelo menos um mictório entre você e o adversário. Assim, a lógica no banheiro masculino é ocupar primeiro os mictórios nas extremidades e depois o do centro.

Fonte: O Estado de S. Paulo, 3 de setembro de 2009.

Interessante notar que, no texto, apenas em caso de "aperto", o que se prioriza fazer são as necessidades, seguindo da última citação o seguinte trecho: "Obviamente, o protocolo não funciona em caso de aperto irresistível"[134]. Provocativamente, me causa muita curiosidade a proximidade entre o "aperto, o "encaixe" e o "irresistível"... enfim, a masculinidade é também construída nesses espaços de íntimas trocas.

3.2.3. Saunas

"Tinha sauna, mas eram sauna que eu já fui próximo do final dos anos 70", disse Lair, refletindo sobre uma diferença temporal que apareceu com frequência em outros testemunhos, como o de Bira, que estabelece um tempo "de cinemas" e um tempo já com "saunas", marcado por uma maior segurança e condições mais favoráveis para a prática de sexo com outros homens: "sauna veio depois do cinema, cinema veio antes mesmo e depois que começou a pintar saunas... era uma delícia, uma libertação, **porque você transava com quantos você queria e seguro, não tinha aquele medo do cinema** [grifo do autor], porque o cinema tava envolto em medo e sujeira, aquele cheiro ruim e tal...".

De fato, a diferença entre as práticas em banheiros e cinemas e aquelas que passariam a ocorrer em saunas e casas de banho seria apenas marcada basicamente pelo grau de conforto, higiene e segurança, e, consequentemente, maiores possibilidades de manter o anonimato,

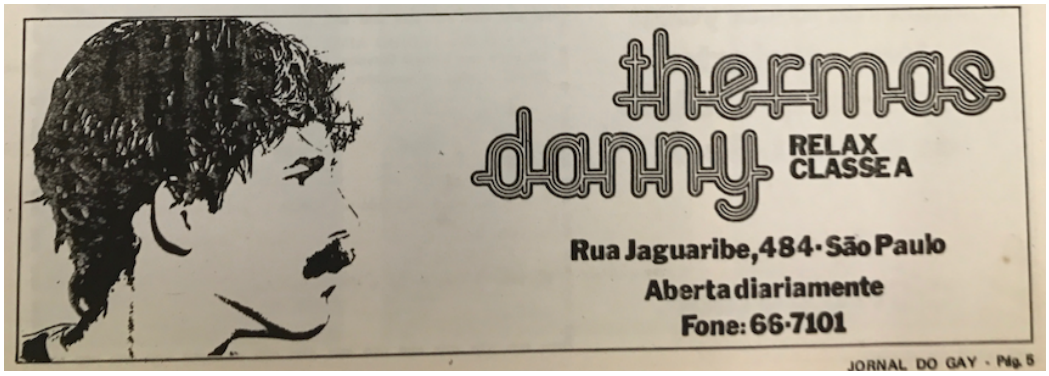
[133] Guterman, M. "A Economia do mictório". O Estado de S. Paulo, 3 de setembro de 2009.
[134] Guterman, M. "A Economia do mictório". O Estado de S. Paulo, 3 de setembro de 2009.

desejo e/ou necessidade por parte de alguns, como relata P.J.: "Na sauna, era só pegação. Poucas vezes nos falávamos. Poucas amizades extrapolavam aquele contexto e as pessoas iam lá justamente para esse fim. E eu sempre percebi que tinham pessoas que eram casadas, muitas que eram casadas, isso não era exceção".

A fala de P.J. dá ênfase a uma pegação com pouco contato afetivo, ou seja, caçacões marcada pela busca de corpos e prazeres de forma despersonalizada, algo próprio de muitas das práticas da deriva homossexual, como demonstra Perlongher (1978). Nesse sentido, a fala de Lair sobre a sua indisposição em frequentar tais espaços por "falta de material" para mostrar (referência à sua magreza), pode ser interpretada como indício dessa busca por órgãos e corpos, "pelo seu número", de forma distantes. Como também diria P.J., as saunas não seriam locais para "conhecer gente", mas sim, para fazer pegação, sentido próximo da ênfase destacada por Regis ao dizer que "sauna não é espaço de convivência", distinguindo-as dos espaços que também surgiriam nessa década, como bares e boates.

Sobre essa diferença (tempos do cinema x tempos de sauna), Green (2000, p. 401) afirma que poucas saunas existiam nos anos 1960, sendo apenas na década seguinte que cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte começariam a contar com uma variedade de saunas[135]. Segundo o autor, algumas delas funcionariam como os cinemas, agregando homens de todas as classes sociais, com a possibilidade de anonimato. Por outro lado, algumas seriam abertas em bairros distantes do centro da cidade, com condições de acesso e de transporte mais restritas, para além da cobrança de ingressos de preço elevado, excluindo clientes de baixa renda.

Figura 15. Anúncio do Thermas Danny



Fonte: p. 5 numero 7 de 1980 jornal do gay

[135] Do ponto de vista histórico (Green, 2000, p. 395), os motivos para a expansão desses espaços seria o já mencionado "fenômeno generalizado do crescimento das oportunidades de consumo da classe média urbana" (Green, 2000, p. 395).

Sobre a segmentação de público, em outra fala de P.J., percebemos mais um critério de diferenciação para além da classe social, que seria a presença ou não de michês: “Aí em 80, eu comecei a ir em saunas, mas não tive contato com os michês, só uma única vez... tinha uma sauna lá em Arthur Alvim, uma única vez que eu fui, eu me constranjo com isso. Porque tinha também uma sauna que era na Borges Lagoa, que nem sei se tem ainda, que lá era de michê também”.

O Bandeirante Destemido apontaria ainda a presença de travestis em alguns desses espaços, assim como reitera as diferenciações em relação ao poder aquisitivo e ao perfil dos frequentadores desses espaços, com horários de funcionamento diferentes, e que contariam com facilidades como piscina, ducha escocesa, circular, compartimentos individuais, massagens, manicure, sala de tv com telão, bar, drinks, snacks, cabeleireiros, entre outros. A Sauna Le Rouge 90 teria ate mesmo uma biblioteca, “private rooms”, piscina de água quente e hidro-massagem (Outra Coisa, 1981, p. 20). Vale observar que todos os espaços citados pelo guia se destinam única e exclusivamente para homens, incluindo apenas “as mais conhecidas e onde não ocorre discriminação”, não havendo nenhuma menção à presença de michês. Também é curioso notar que todos os espaços ou são marcados com os símbolos que indicam frequência por “clientela de alto poder aquisitivo” ou por “artistas e intelectuais”.

Figura16. Anúncios das Saunas Thermas Danny e Le Rouge 80.

Fonte: Anúncios costumeiramente publicados em números de Lampião da Esquina.

Em excerto sobre a Thermas Danny SP publicado na coluna “Noites em São Paulo” da edição número 2 do Jornal do Gay, o apelo ao status social dessa sauna é gritante, assim como

seus preconceitos e o desejo da casa em se vender como um lugar de classe: "Higiene, muita higiene. Bar sofisticado servido por garçons amáveis. Discrição: travestis não entram [...] A classe social dos frequentadores do Danny é da média para a alta. A direção não é intolerante com o comportamento razoável dos clientes". No mesmo texto, há descrições dos valores do ingresso, o que estaria incluído e qual seria o valor dos drinks e massagens: "Quem quiser encontrar um amigo vá ao Danny. Para uma sauna desse nível os preços são bem razoáveis: entradas de 80 cruzeiros, com direito à toalha, chinelo, champu, etc. Massagens custam 60 cruzeiros (Com o Ari valem a pena!) Martini 15,00; Whisky 25,00; Sucos 15,00; Refrigerantes 5,00"[136].

3.2.4. A Rua: trottoir, footing e autoramas.

Outra prática de caçação relatada pelos depoentes foi o chamado *trottoir* ou *footing*, que como bem me explicaria Lair, não se trataria da espera de alguém em um ponto específico, mas seria justamente o ir-e-vir em determinadas regiões da cidade em busca de parceiros: "Não de ponto, a gente andava pela rua, assim: 'vamo na praça lá em cima', a gente ia na praça lá em cima, 3km de distancia, a gente ia andando e voltava".

Perlongher (1987, p. 156) descreve essas "circulações desejantes" como uma espécie de *nomadização* da rua, que retomaria seu uso mais arcaico, tornando-se mais do que um simples lugar de passagem ou de admiração de consumo: "Trata-se de pessoas que saem à rua à procura de um contato sexual, ou simplesmente 'vão para o centro para ver se pinta algo' [...] A paquera homossexual constitui, no fundamental, uma estratégia de procura de parceiro sexual adaptada às condições de marginalização e clandestinidade dos contatos homossexuais"(Perlongher, 1987, p. 156-157). O encontro poderia ser entre pedestres, como relatou Bira sobre suas iniciais andanças pela Praça da República, ou entre pedestres e motoristas, conforme descrição de Lair:

> Pessoal passava de carro olhando e aí eles paravam ou não e aí a gente saía de carro pra fazer sexo. Era mais ou menos assim, eu tava passando, o cara passava devagar, eu passava, olhava. Assim, caçação igual é em todo lugar. Sempre vinham de carro. [...] Aí parava, olhava, gostava ou não gostava... porque se ele tava te paquerando significava que ele tava afim, então se eu gostasse, já ia, naquela época não tinha perigo, não tinha essa coisa de assalto, não tinha nada disso, então a gente que ia mesmo.

[136] "Thermas Danny S.P. Uma Sauna Gay". Jornal do Gay, n. 2, 1978, p. R.

Muitos eram os locais em que se poderia caçar pela cidade, sendo importante pontuar a intensidade de tais práticas. Segundo Trindade (2018, p. 63), tamanha a certeza de que esse tipo de experiência aconteceria costumeiramente na rua que, por exemplo, um de seus entrevistados teria seguido seu "eleito" do centro da cidade até o Largo do Glicério, consumando relações sexuais por lá. Segundo o autor, sob o prisma dessas práticas de ressignificação das ruas, um trajeto para o trabalho ou a andança em busca de lazer não teriam muitas diferenças, havendo sempre a possibilidade da troca de olhares e a possibilidade de viver uma aventura sexual.

Esta parece ser a avaliação imbuída nas memórias de P.J. tanto ao retornar à lembrança de um passeio em Santos, que inesperadamente se converteria numa aventura sexual, como no trajeto do cinema à sua casa após um filme:

> Quando você passava na rua, você olhava, o outro olhava e de repente seguia e você virava pra ver. Quando você virava, o outro virava e aí parava. No centro, eu lembro nitidamente, foi nos anos 80, meados dos anos 80, eu tava no Cine Belas Artes antigo, não tem aquele subterrâneo? Eu tava naquele subterrâneo, eu vinha de um lado e ele vinha do outro, aí passou, me encarou, quando passou, eu olhei e ele olhou, aí paramos. Incrível isso! Uma coisa, sabe aquele encontro que você nunca mais vê a pessoa? E que foi marcante. E uma vez também quando eu morava no litoral. Morei lá de 77 a 2002, meus filhos nasceram lá e tudo. Eu tava em Santos, isso eu lembro perfeitamente, em 83, foi o primeiro carro que eu tive, um fusquinha. Eu tava andando na rua, na orla do porto, aí uma pessoa parou, eu tava no carro, ele olhou, eu olhei, fomos parar num hotel lá em São Vicente! O olhar...

O olhar, assim como nos cinemas e mictórios, também seria o código de comunicação dessas práticas, aspecto que analisarei especificamente na próxima seção, buscando compreender os processos de codificação e decodificação dessa economia libidinal.

* * *

Como um dos primeiros espaços de sociabilidade dissidente pelas ruas de São Paulo, Trindade (2018, p. 57) cita os arredores da Biblioteca Mario de Andrade, onde "homossexuais circulavam lentamente em automóveis [...] trajeto que ficaria conhecido como autorama". Retomando suas experiências no centro de São Paulo, Regis indicou essa região específica como um dos principais territórios para a paquera, indicando que, após certo convívio em "pequenos coletivos", se faria "o gênero pra flertar mesmo", espécie de

preparo/postura/performance, lançando-se então à deriva (Perlongher, 1978) em busca de possíveis parceiros, sendo possível até mesmo "cruzar o negócio dos michês":

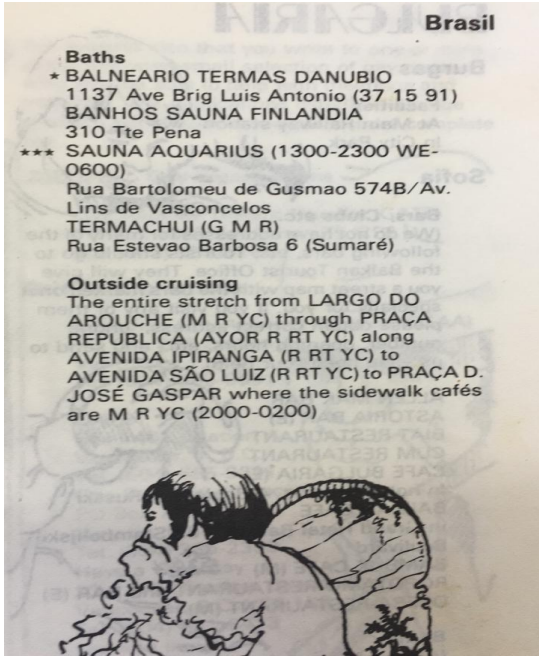
> A calçada de lá pra quem sobe, então você saía, porque tipo assim um grande espaço de calçada que começava lá na São Luís, perdão, na Ipiranga com a São João, ali onde tem a música do Caetano. Aí saía dali, vinha pelo Cine Ipiranga, pelo calçadão, aquilo tava lotado! Quinhentas, oitocentas pessoas, mil numa noite. Ao ar livre. Não chegava a ser um carnaval, porque ninguém ficava batucando, fantasiado, então as pessoas faziam o *footing*, alguns vinham até a Sete de Abril, a rua no escuro, vinham pra São Luís. E na São Luís era como se fosse mercado de sexo. [...] O michê encostava lá numa porta qualquer e ficava, aí vinha um carro, parava, chamava, o cara falava: "ah, eu cobro tanto" e o cara ia embora. Sabedores disso, aqueles que não faziam por dinheiro competiam com os michês. Sabiam quem eram os caras, que já eram habitués do pedaço, entendeu? E se aventuravam e atravessavam o negócio dos miches. E daí saía sexo, saía caso. Saía relação.

Ambos as avenidas mencionadas são indicadas como locais com presença de michês pelo guia Bandeirante Destemido (Outra Coisa, 1981, p. 21-24), que descreve intensa movimentação na Avenida Ipiranga no trecho que vai da esquina com a São João à esquina com a Avenida São Luís, e também na esquina com a São Luís à praça Roosevelt, trecho com presença mais marcante de travestis (Outra Coisa, 1981, p. 22). A Avenida São Luís é também apontada como outro espaço com presença de michês e que receberia o fluxo de pessoas proveniente da Avenida Ipiranga e dos calçadões da Barão de Itapetininga. Como ponto de prostituição também é citada a Praça Dom José Gaspar (Outra Coisa, 1981, p. 23).

Sobre esse aspecto, Green (2000, p. 403) entende a crescente visibilidade de travestis e michês durante a década de 1970 como o reflexo de uma crescente comercialização e mercantilização do sexo no Brasil. O historiador aponta essa tendência como o outro lado do milagre econômico, uma vez que, se os estratos sociais médios e altos teriam se beneficiado do chamado "milagre econômico", as classes mais baixas teriam sido excluídas desse processo. Haveria ainda o componente da dificuldade em se estabelecer conseguir emprego no caso de ser mais efeminado, por exemplo (Green, 2000, p. 403)[137].

[137] As complicadas relações entre michês e tias, referenciadas por Green (2000, p. 407-408), constituídas pela busca de masculinidade por um lado e pela busca de benefícios materiais por outro, foram minuciosamente analisadas por Perlongher (1987). Como elaboração poética dessas diferenças, ver Apêndice I.

Figura 17. Saunas e "Cruising" em São Paulo.



Brasil

Baths
* BALNEARIO TERMAS DANUBIO
1137 Ave Brig Luis Antonio (37 15 91)
BANHOS SAUNA FINLANDIA
310 Tte Pena
*** SAUNA AQUARIUS (1300-2300 WE-0600)
Rua Bartolomeu de Gusmao 574B/Av. Lins de Vasconcelos
TERMACHUI (G M R)
Rua Estevao Barbosa 6 (Sumaré)

Outside cruising
The entire stretch from LARGO DO AROUCHE (M R YC) through PRAÇA REPUBLICA (AYOR R RT YC) along AVENIDA IPIRANGA (R RT YC) to AVENIDA SÃO LUIZ (R RT YC) to PRAÇA D. JOSÉ GASPAR where the sidewalk cafés are M R YC (2000-0200)

Fonte: Guia Spartacus de 1977 (Acervo Bajubá)

Utilizando os termos de Green (2000, p. 403), a percepção de uma "mudança de paisagem" em alguns pontos é "nostalgicamente" retratada em texto no Jornal do Gay do começo da década de 1980[138]. Intitulado de "A Av. Ipiranga não é mais aquela?", supostamente baseado em "recente pesquisa", o Jorna afirmaria que a Avenida Ipiranga, reconhecida internacionalmente, já não seria a mesma. No desenvolvimento do texto, percebe-se que a presença de michês como o principal fator que explicaria a eliminação das "possibilidades de arrumar um amor verdadeiro":

> A maioria das pessoas consultadas sentem saudades dos tempos em que ainda não existiam os fliperamas, do autorama, da Salada Paulista. Lembram a São Paulo da garôa, da Praça da República, antes do Metrô. E lembram saudoso também, dos rapazes que vinham à cidade em busca de aventuras, e não dos barões. Antigamente, caçava-se mais calmamente, dialogava-se, namorava-se dizem. Hoje, os rapazes ficam expostos como estivessem em vitrines para serem avaliados. Os fliperamas ficam apinhados de garotos e rapazes que consomem fichas dos interessados, e que se prostituem a troco de barões. Alguns preferem ficar encostados nos carros estacionados ao longo da avenida, e os mais atrevidos não esperam ser caçados, oferecem-se. A av. Ipiranga é conhecida hoje como Pegue e Pague ou Pague e Pegue[139].

[138] "A Av. Ipiranga não é mais aquela?". Jornal do Gay, n. 6, p. 18, 1980
[139] "A Av. Ipiranga não é mais aquela?". Jornal do Gay, n. 6, p. 18, 1980

Essa mudança parece ser também a referência de Seu Lóris, quando embebido por uma nostalgia e reproduzindo certos preconceitos, diz: "Os homossexual daquela época não é o que tem agora, agora tem homem que faz programa, entendeu? Antigamente, não tinha isso. Tinha um respeito muito grande, por exemplo, um pro outro e hoje não... nossa senhora! Hoje existe muita gente que, sabe, a maioria dos travesti, eles são pra roubar". Essa discriminação de michês e travestis como base da afirmação de "tempos diferentes" e da impossibilidade de "arrumar um amor verdadeiro" é explicitamente mencionada no referido texto, fazendo até mesmo menções à possibilidades de contrair doenças venéreas: "Pela facilidade de contatos, os relacionamentos tornaram-se superficiais, perigosos. Tornou-se mais frequente os casos de 'babados' flagrantes de porte de tóxicos, e de doenças venéreas. A concorrência eliminou de vez as possibilidades de se arrumar um amor verdadeiro"[140].

Para além dos já mencionados aspectos econômicos, que colocariam em cheque essa "culpabilização' de michês, a cidade de São Paulo passava por uma miríade de transformações urbanas que impactariam a região, como por exemplos as obras do metrô na Praça da República e um aumento da violência em termos gerais, reportadas pelo mesmo Jornal do Gay em outra edição, na coluna Notícias de São Paulo:

> Devido os constantes assaltos à mão armada, brigas, assassinatos e a ostensiva vigilância da polícia, os gays paulistas paulatinamente estão abandonando aquele tradicional hábito de frequentar ou passear pela Praça da República [...] Apenas alguns pregadores crentes e operários do metrô, permaneceram no local. Com o término das obras, quem sabe os gays paulistas retornem a frequenta-la?[141]

Alguns anos antes, a famosa reportagem de Bivar, daria uma visão da região "desde fora" ignorando as diferenciações preconceituosas internas e reproduzindo certo senso comum da época, considera-os todos degenerados marginais: "Ali a mélange é total. Travestis, decrépitos, bichas velhas, bichas novas, ladrões, assassinos, pivetes, *boys*, tarados, michês, prostitutos, viciados em drogas, bissexuais e batidas da polícia a qualquer momento. O *gay footing* noturno na Praça da República, por exemplo, faz lembrar uma versão miserável dos *Miseráveis* de Victor Hugo. Ali o sutil não existe e a vulgaridade predomina"[142].

* * *

[140] "A Av. Ipiranga não é mais aquela?". Jornal do Gay, n. 6, p. 18, 1980

[141] "A Praça da República está morrendo". Notícia na coluna Notícias de São Paulo. Jornal do Gay, Edição 8, p. 6, 1980.

[142] Bivar, A. Revolução Sexual à paulista. Revista Ele Ela, Ano IX, Abril de 1977.

Outros espaços citados pelo Bandeirante Destemido como locais para caçacão seriam: Avenida Angélica, Avenida Cruzeiro do Sul, indicadas como locais com presença de travestis; Avenida Dr. Vieira de Caralho, Boca do Lixo, Boca do Luxo, Avenida São João, Largo do Arouche, Galeria Metrópole, locais que segundo o guia seriam maiores os riscos de violência policial. Também constam como locais de risco de violência policial a região da Rego Freitas, ponto com presença de travestis, e a Praça da República, que além desse fator, é descrita como lugar de "frequência [...] bem mais heterogênea ('peões', 'camelôs, feira de artesanato nas manhãs de domingo, pregadores e pregoeiros)" (Outra Coisa, 1981, p. 26), sendo sinalizada com o símbolo que representa "ambiente perigoso com risco de violência, assalto, contágio venéreo, etc" (Outra Coisa, 1981, p. 6). Esse mesmo símbolo também descreve a Praça Ramos de Azevedo e o Largo do Paissandú.

O Parque Trianon, chamado de "Bichódromo" ou "Autorama", como indicou Bira, seria espaço de prostituição de alto status. São também mencionados Jardim da Luz, Estações São Bento, Sé e terminal Jabaquara, Galeria Califórnia (local de michês) e a Avenida Radial Leste, próxima ao viaduto Mooca (estação de metrô Bresser). Os arredores do Ibirapuera também seriam um espaço de caçação, com seus banheiros, assim como funcionaria como uma espécie de "autorama" (Trindade, 2018, p. 63). Assim um humorado leitor de Lampião descreve o parque: "O Parque Ibirapuera possui um sanitário disputadíssimo por patinadores, motoqueiros e rapazes da vida fácil, fica próximo ao gabinete do prefeito e à Fundação Bienal; a pedida é amor sobre rodas com muita imaginação"[143].

3.2.5. Era um olhar e pronto

A questão do olhar como codificação presente/necessária para a transmissão e recepção de desejos perpassou todas as práticas relatadas. Antes da pegação em si, a troca de olhares e as confirmações de desejos recíprocos foram frequentemente presentes nos testemunhos. não apenas em saunas, cinemas e pela rua, mas também em bares, onde o flerte entre mesas por meio dos olhares poderia resultar em um encontro ou "em um caso", como descreveu Bira ao recordar sua primeira experiência com César, que teria sido iniciada em um bar. Regis também comentou sobre esses rituais entre mesas, reconhecendo inclusive a possibilidade de recusas nesses olhares, que poderiam resultar até mesmo em violência: "Eu cansei de rolar no chão com

[143] "Mais banheirismo". Carta do leitor André, de São Paulo, em seção "Cartas na Mesa" de Lampião da Esquina, ano 3, n. 32, p. 2, 1981.

hétero, cara. "Tá achando que eu sou viado?", "Eu não, você é? Eu sou", então, porrada. Cansei de rolar no gueto e fora dele".

P.J., ao comentar "o negócio do olhar", como nomeou, destacou uma intensa vivência desses desejos, a despeito da repressão social e política:

> Eu acho que **apesar dos pesares do regime e da repressão e antes do advento da aids** [grifo do autor], as pessoas eram mais soltas, era um olhar e pronto. Já podia fazer. A promiscuidade era total. [...] O negócio do olhar era assim, você também não sabia quem era o outro. A questão era: quando você olha pra trás e o outro também olha, pronto. Não tem mais isso, mas era um tesão, nossa, uma delícia. Era uma coisa fogo de palha, depois daquele momento, você nunca mais via, entendeu?.

Frente à inviabilidade e ao anacronismo analítico que incorreríamos ao comparar e, consequentemente, avaliar se as pessoas eram "mais soltas" ou não, é interessante perceber um possível entrelaçamento entre a "repressão" e os "pesares do regime" com a criação e utilização desses códigos como uma espécie de necessidade desse tipo de ação tática. Sobre esse aspecto, ao analisar as experiências homoeróticas em Santiago do Chile, Salazar (2015, p. 1) compreende a necessidade da elaboração desses códigos como efeito da repressão e da prevenção sanitária por parte do Estado e do banimento cultural do desejo homoerótico, o que, segundo o autor, faria com que suas manifestações fossem obrigadas ao segredo, criando uma cultura invisível, que transgrediria a divisão entre os espaços público e privado.

"*Ojo de loca no se equivoca*", como diz um ditado espanhol, ou em sua versão americana, mais cyborg, a palavra "*gaydar* ", representariam a inevitabilidade identificatória desse tipo de troca intersubjetiva. Vitalmente, se entendo essa prática de modo intuitivo, talvez devido à memória-hábito (Bosi, 2016, p. 48-51) dessas práticas que seguem vivas, a despeito de uma criticável, mas inegável abertura e da existência de inúmeros aplicativos, como explicar e/ou analisar teoricamente essas trocas de olhares? No caso da análise por uma via centrada na linguagem, provavelmente entendida aqui em relação aos usos da função performativa, como procederíamos para entender essas codificações e decodificações?

Sem a pretensão de esgotar a questão ou de inviabilizar outras possibilidades de leitura, as discussões levadas a cabo por Perlongher (1987, 2005) foram extremamente importantes e oportunas para minha análise, não apenas por levarem em consideração o nível territorial, como já mencionado, mas também por reconhecer uma re-territorialização dessas práticas dissidentes, ou seja, a organização de sistemas classificatórios internos dessa codificação que surge como escape, mas que é também capturada pelo sistema do qual escapa, expandindo nossa discussão

do olhar em si em direção a outros questionamentos como: a que esse olhar se dirige? O que busca? Como busca?

"Aqueles que eram o meu número", "não tinha material para mostrar", "olhar a mala", "um homem lindo"... Nos termos de Perlongher (1987), tentarei explicar e compreender essa "organização do acaso" (Perlongher, 1987, p. 159). Evidente nas tantas categorizações e marcações que encontramos em arquivo, psicossocialmente, é interessante tentar compreender essa dinâmica viva.

* * *

Lançando mão das discussões de Pollak (1983) e Foucault (1985), Perlongher (1987, p. 157) define a paquera homossexual como "uma estratégia de procura de parceiro sexual, adaptada às condições históricas de marginalização e clandestinidade dos contatos homossexuais". Dos autores citados, o antropólogo traz de Foucault a origem da prática do *cruising* como uma necessidade de "ir direto ao assunto" em razão do espaço marginal ocupada pela homossexualidade na cultura ocidental; de Michel Pollak, empresta suas observações no que concerne à "dissolução das relações após a prática do sexo" e o desenvolvimento de um "sistema de comunicação", com o propósito de minimizar os investimentos e maximizar os "rendimentos orgásticos" (Perlongher, 1987, p. 157).

Nesse sentido, dando o significado à expressão deriva, Perlongher indica uma predisposição à aventura daqueles que se lançavam à rua em busca de um acaso, o chamado "acontecer na rua" (Perlongher, 1987, p. 159), ou seja, situações que derivariam diferentemente da intenção original do passeio despretensioso pelas ruas (Perlongher, 1987, p. 158-160), que subverteria a circulação usualmente típica das ruas, descritas como "lugar de trânsito direcionado ou de fascinação espetacular perante a proliferação consumista" (Perlongher, 1987, p. 156). Tratar-se-ia de uma circulação desejante pelas ruas, como aquela descrita por Carella no romance "Orgia", em que, como a imagem do flâneur de Baudelaire analisado por Benjamin (Perlongher, 1987, p. 157), "o sujeito que paquera se desliza entre a multidão e capta-sexualizando-os – os incidentes aparentemente anódinos ou insignificantes do espetáculo da rua" (Perlongher, 1987, p. 158).

Entretanto, essa fuga teria seus limites. O que Perlongher propõe é que parte desse acaso seria regido pelo que identifica como microdispositivos de seleção, tanto no que se refere ao "grau de desejabilidade", quanto aos eventuais "riscos de periculosidade" do candidato/parceiro

(Perlongher, 1978, p. 159). Nesse sentido, o olhar não seria apenas uma forma de comunicar e seduzir, mas também se constituiria como uma "máquina de cálculo" que atribuiria valor para esses corpos transeuntes observados a partir de processos que são explicados por meio da analogia aos conceitos de territorialização/desterritorialização.

Fortemente influenciado pelas discussões de Deleuze e Guattari, o que Perlongher busca apontar é que se as práticas analisadas são em certo sentido dissidentes e transgressoras, supondo um movimento de desterritorialização em relação a categorias como "família" e o "universo normal", assim como o próprio "circular pela rua", não seria por isso que elas criariam necessariamente "sistemas de sociabilidade autônomos e contrapostas aos da sociedade respeitável" (Perlongher, 1987, p. 186). Nesse contexto, o autor propõe que tais sistemas marginais não estariam, portanto, opostos aos sistemas de uma sociedade normal, mas justamente, teriam como território uma zona de deriva, quer dizer, existiriam de modo subterrâneo na cultura dominante, aquela tida como normal/hegemônica.

É nesse sentido que o autor aponta que alguns dispositivos de poder local captariam essas fugas desejantes, reterritorializando-as por meio da sujeição desses desejos e corpos às regras do mercado, sendo o valor erótico atribuído conforme estas regras (Perlongher, 1978, p. 188). Como a leitura de "Territórios Marginais" (Perlongher, 2005) ajuda a compreender, ao trazer o conceito de "código-território", o sujeito desejante é reinscrito em outro código literalmente por meio da "produção de marcas no corpo, tipificação da indumentária, modelizações de tiques e trejeitos, serializações de moldes gestuais e sexuais, seleção e valorização do parceiro sexual, etc" (Perlongher, 1978, p. 187). Essa "inscrição perversa", como indica o autor, não opera em termos de totalidade, mas sim de modo paralelo, ou seja, capaz de transitar conforme as regras "paralelas do mercado sexual", assim como capaz de circular pelo "mercado da normalidade" (Perlongher, 1978, p. 187). Portanto, seria nessa "faixa de indiscernibilidade" que o autor entende ser possível emergir a ideia de uma "deriva subterrânea" (Perlongher, 1987, p. 190).

Crime e não-crime, transgressão e lei, ou no caso, nomadismo e sedentarismo, seriam as próprias tensões que constituiriam esse campo de "forças social e libidinal": "Estas tensões de nomadização e sedentarização, então, transindividuais: a posição do sujeito, numa leitura deste tipo, vai se medir pelo seu grau relativo de 'desterritorialização' e 'reterritorialização'num campo de forças social e libidinal" (Perlongher, 1987, p. 191.

Voltando aos testemunhos, acredito ser fácil reinterpretar como se certa segmentarização existia no plano da oferta de locais de sociabilidade, essa atribuição de valores

também ocorria no plano da procura de parceiros. Assim, "o negócio do olhar" conforme intitula P.J., seria uma das muitas expressões do "negócio do desejo", que seria atravessado não apenas pela maximização do prazer e minimização do risco, mas também composto por outros fatores culturais e marcadores sociais da diferença, como localização de classe, raça e nível intelectual, por exemplo.

Expandindo as discussões, Perlongher (1987, p. 220) reconhece ainda certo gosto pelo perigo que rondaria as relações no gueto paulistano, expressão aparente quando Regis afirma: "Então assim, eu não sou saudosista, mas era mais gostoso. Sabe aquela coisa do proibido? Que é mais gostoso? De você flertar o cara e não saber no que que vai rolar, podendo levar porrada? Sabe aquela coisa do perigo, era gostoso, era...".

3.3. Acontecimento e Tempo nas Narrativas

Ao relatarem os espaços e as práticas de sociabilidade na cidade de São Paulo, contaram também os depoentes os caminhos de suas vidas. Como se estruturou a narrativa? Quais foram os eventos tomados como referência para a junção sintética de elemento heterogêneos? Histórias do que foram contadas? Nesse subcapítulo, busco cruzar as vozes sobre quatro dos eventos que foram tomados como "acontecimentos" importantes para a composição narrativa: uma fase de descoberta/aceitação de si; a vivência no gueto e certa pulsão sexual intensa; a violência policial durante a época de Richetti; a epidemia hiv/aids.

3.3.1. Descobrir-se? Assumir-se? Negociando identidades.

"Antes eu tinha vergonha e complexo
de ser como sou.
Sentia-me diminuído por ser "diferente".
Você ria de mim, me critica,
considerava-me espécime raro.
Eu era posto à margem da sociedade.
Megulhava, então, num abismo tenebroso.
de traumas e frustrações.
Mas hoje não! [...]
Sou capaz de amar de várias maneiras
e tu não és.
Por isso o ri, o [sic]escárneo,
o desprezo".(Dionésio Prates)[144]

Diferentemente das grandes considerações pela família expressadas pelas memórias e de sua análise presentes na obra de Bosi (2016, p. 423-434), as memórias que escutei pouca referência fizeram à família e ao espaço de vida comumente chamado de infância. Se isso se explica parcialmente em razão das indagações que motivaram o elaborar mnemônico dos depoentes, é preciso reconhecer também certa colisão entre os interesses e sentimentos despertados pela percepção de uma sexualidade dissidente, assim como um relativo afastamento dos familiares nas vivências que viriam a partir de uma assunção mais clara desta dimensão da vida, que apesar de ser uma entre "um conjunto de coisas", como diria Regis, seria razão para até mesmo "sair de casa": "E aí eu tive que sair de casa, por causa da sexualidade? Sim".

Tomando como referência de discussão as próprias considerações de Bosi (2016, p. 423) sobre a família, é fácil entender o seio familiar como a primeira instância de mediação entre o mundo e a criança, na qual a criança passa a conhecer o mundo e os acontecimentos que "vem de fora" a partir dos processos de filtragem e interpretações elaborados pelos pais. Nesse contexto, Bosi (2016, p. 423) destaca a força de coesão do ambiente familiar e os vínculos de pertencimento que são aí traçados, ou seja, o enraizamento que o núcleo familiar supõe a despeito de posteriores distanciamentos.

Entretanto, não haveria algo de estranho nessa coesão familiar, nesse grupo? Ainda que reconheçamos todos os aspectos positivos relacionados à vivência familiar, acredito ser

[144] Prates, D. Seção Cartas dos leitores. Jornal do Gay, ano I, n. 1, 1978, p. G.

necessário questionar quem pode fazer parte dessa unidade grupal, dessa coesão ou, ao menos, refletir sobre o que essa coesão pressupõe. É preciso dar um passo atrás: o que há de não marcado nessas formulações? O que se desenha silenciosamente como universal, ou seja, representação não marcada que a partir de si pode não apenas representar a si mesma, mas também ao outro (Louro, 2018, p. 18-19)?

Como o próprio silêncio heteronormativo nas narrativas e na análise pressupõe e denuncia, é inegável que a família aparece como o primeiro *face-to-face group* (Heller, 2016, p.) incumbido de transmitir os valores que permitem o amadurecimento do indivíduo para sua vivência autônoma na estrutura da vida cotidiana, o que, em um contexto capitalista ocidental, em muito se cruza com a heteronormatividade e a inerente inteligibilidade de um corpo: somos sujeitos generificados. Se a crítica de Bosi (2016) denuncia um efeito do capitalismo no desenraizamento da experiência familiar, faz-se mister pensar como essa própria ideia de família, como bem demonstrou Foucault (2015), é também produto do mesmo capitalismo. Assim, para a reprodução de seus valores, é necessário que uma ideia de família persista e, consequentemente, que certos papéis de gênero e possibilidades de experiências sexuais sejam legitimados, enquanto outros tornar-se-iam proscritos.

Utilizando os termos de Louro (2018) para instrumentalizar o conceito de *face-to-face group* que tomamos emprestado de Heller (2016), é a família uma das primeiras instâncias reprodutoras daquilo que poderíamos chamar de "pedagogias da sexualidade", isto é, o aprendizado de ser homem ou mulher e o que sexualmente isso supõe, até mesmo - ou principalmente - quando a criança nem mesmo tem consciência destas questões, como bem demonstra a experiência de P.J. na cena do ponto de taxi por ele relembrada com muita dor:

> meu pai era taxista em Santo André e uma vez eu devia ter cinco ou seis anos, eu tava lá no ponto dele, o amigo dele tinha uma filha e meu pai falou pra ele que a filha dele queria me abraçar e eu fiquei parado e senti que meu pai ficou puto da vida comigo, sabe? Uma cena marcante na minha vida, foi terrível você ficar se sentindo uma aberração. Devia ter uns cinco anos, seis no máximo, mas essa experiência foi marcante pra mim. Meu pai veio: "ei, você não é homem? Vai lá, a menina tá querendo te dar um abraço". Ele não disse verbalmente, mas até hoje me incomodava, eu lembro perfeitamente onde eu estava, foi uma cena marcante, eu não devia ter mais que seis anos. Como quem diz: "você tem que ser homem, vai lá, se a menina tá te abraçando, abraça". Eu fiquei estático e senti o escárnio tanto dele quanto dos amigos, muito marcante isso. Me senti mal. Na época, eu não tinha noção de nada, nem sabia dessas questões.

Pela lembrança de P.J., percebemos como o "ser homem" é definido por seu atravessamento com determinada prática, o "abraçar a menina", composição semântica capaz de ilustrar o gênero como conceito performativo, conforme Butler (2015, 2018b), fundado na linearidade e coerência dos termos sexo-gênero-prática sexual-desejo. Ou seja, a partir dessa classificação, fundamentada em uma divisão binária do corpo, P.J. é lido como "um menino" (sexo), que "tem que ser homem" (gênero), processo que, nessa cena, se consumaria por meio de um abraço (prática sexual), que não apenas deve ser praticado, mas por ele desejado (desejo), já que parte de sua natureza (referência ao sexo natural, conceito primeiro desde onde parte toda a assunção e a ele regressa). Longe de um voluntarismo do sujeito, como é claro em sua memória, tornar-se homem ou mulher é um processo marcado por adjetivações constritivas, que tornarão um corpo viável ou não (Dornelles & Dal'Igna, 2015, p. 1590), na qual a família desempenha seu papel em tal conformação desde o batismo: "é um menino", "é uma menina".

Entretanto, apesar da ação da família nesse sentido repressivo, é importante se ter o cuidado em não aderir uma visão maniqueísta da realidade social, imputando-lhe responsabilidades e culpas por processos sumamente sociais. Nesse sentido, duas cenas recordadas pelos depoentes são interessantes ao dotar de mais cores as relações entre a família e a percepção do desvio.

Na cena de *coming-out* de Bira, é interessante observar como sua mãe se vê impelida a adotar uma enérgica postura de defesa de seu filho, ação que paradoxalmente reitera o exterior como possibilidade de contágio, mas que reconhece certa inclinação do filho a práticas que não eram consideradas morais/normais. Nessa mesma cena, vemos também o peso de suportar o papel de gênero feminino, em uma composição na qual a compreensão do "amor" romântico mencionado por Bira é impossível de ser entendido por ela, já que suas relações sexuais e afetivas seriam demarcadas por outras possibilidades, obrigações e limitações. Ou seja, essa mesma heteronormatividade que lhe impunha o papel de defesa do filho e a crítica ao desvio sexual, é também aquela que lhe restringiu uma série de possibilidades de experenciar seu próprio corpo e afetos.

Outra memória à qual gostaria de me reportar é aquela em que Regis, ao refletir sobre a necessidade de guardar um silêncio sobre o que entende como sua homossexualidade, aponta os limites de informações e das possibilidades históricas de se conceber esse desvio, lançando mão de um encontro temporal (passado x presente) para expor a delicadeza e as dificuldades da questão à época:

> Quando você descobre a sua sexualidade, ou a homossexualidade, meu, o cara pira! Eu vejo e acompanho, jovens se matando, sabe? E assim,

> nós estamos na época da comunicação, Yuri. Ainda assim, gays estão se matando por não aceitação, por um choque. Muitos se antecipam dizendo: "ai, eu não tenho futuro sendo gay. Minha família vai me matar, eu vou apanhar, sabe? Eu vou ser colocado à margem da sociedade, vou virar chacota". Então assim, não era diferente lá atrás. Então quando você descobria, você não tinha com quem compartilhar, cara. Você vai chegar pra mãe que só lia o jornal uma vez por mês e dizer: "oi mãe, sou gay… sou viado, sou homossexual. Sou pederasta, sou boiola". É todos os nomes que se tinha lá atrás. Cê entendeu? Não, então cê guardava no meio familiar e social, vizinhos, parentes, você não tinha com quem falar.

Ao eleger o sexo como natureza essencial e destino único que tornará um sujeito e seu corpo viáveis, uma série de constrições operará sobre a formação desse sujeito. Considerando o arcabouço teórico-metodológico do presente estudo, poderíamos dizer que a heteronormatividade limitaria a própria possibilidade do sujeito/narrador de eleger sua própria trama, seja aquela enquanto experiência viva ou já quando relatada.

Nesse sentido, não é difícil refletir a dor e o trauma presente em certas experiências com a família e na infância, experiências por vezes impossíveis ou não desejadas de serem relatadas, como advertiu-me Lair ao firmar: “disso, não quero falar hoje”. O silêncio também diz, e muito. Se o conceito de família é passível de crítica teórica, por outro lado, é preciso reconhece-la enquanto parte importante de um complexo vivo de significações que aí operava. Como aponta Bosi (2016, p. 426), baseada em Halbwachs, nesse espaço somos tidos por nossa individualidade, onde a rigidez das categorias sociais não aparece com tanta precisão. Mesmo com a compreensão dos processos que permeariam estas relações, entendo ser de outra ordem os afetos e sentimentos aí presentes, nem sempre passíveis de uma fria racionalização.

* * *

“Eu sempre fui muito precoce, então eu com onze anos, eu já tava me catando com outro homem mais velho que eu”, disse Regis. A experiência erótica, sexual e/ou afetiva com outros homens foi recorrentemente tomada com o ponto de partida das narrativas, momento o qual se percebe que “há algo de diferente”, mas que, como perceberemos, não necessariamente significaria a assunção de uma identidade.

Pelo contrário, nessas experiências iniciais, como as “brincadeirinhas de quinze anos” de Rui nas praias do Rio de Janeiro ou as experiências de “troca-troca” de P.J. com seu primo, ainda não há um processo de identificação das práticas a partir da operação de um significante

baseado na ideia da "homossexualidade". Como o todo das narrativas articula, é apenas posteriormente que se dará a leitura desses momentos como a "descoberta da homossexualidade", aqui já tida enquanto uma identidade. Nesse sentido, baseado nas memórias relatadas, o máximo que podemos afirmar é que, nesse momento, talvez se poderia perceber algo de diferente, mas não que disso decorresse alguma identidade necessariamente.

P.J., ao relembrar essas práticas com seu primo, afirma categoricamente que, em razão de ser "ativo" e mais "masculino" do que seu primo, não se entenderia como "viado": "Mas na época, eu não tinha essa **consciência** [grifo do autor], entendeu? Como eu era mais masculino, ativo, eu achava que eu não era, mas depois eu comecei a perceber que como eu não tinha atração por mulheres, só por homens, então alguma coisa estava errada".

Essa situação é muito similar ao relato de Bira sobre sua primeira experiência com um homem, no caso, César. Após algumas horas entre flertes e conversas, Bira, por fim, vai à cama com César e, chegando lá, passa a ocorrer um confronto entre seu desejo, o desejo de César e o que se poderia fazer, mais uma vez marcado pela questão da posição no ato sexual e sua correlação com o ser e não ser homem:

> ... a gente deitou e a ideia era sexo mesmo. Então a gente deitou e aí ele queria me beijar e eu não queria beijar porque na minha cabeça eu ia comer ele e eu achava que eu comendo ele não significava nada, né, em termos da minha sexualidade. E aí eu acho que ele não gostou muito da minha atitude assim, né, de não beijar, de só querer comer ele, de não querer botar a mão no pinto dele e tal, aí deu uma travada assim e acabamos nem transando, mas ficamos pelados juntos na cama. A expectativa era de trepar, mas sei lá, passou. Passou porque na realidade eu não me abri pra aquilo exatamente, né? Enfim... eu queria fazer um teatro com ele pra eu me salvaguardar de uma posição masculina.

Dar/comer, mulher/homem. Desde uma leitura no presente, sobretudo, quando permeada pela vivência em aplicativos nos quais as principais perguntas giram em torno do eixo "ativo/passivo", certa cautela histórica se faz necessária nessa leitura, pois como avisaria Lair: "Eu vim conhecer essa história ativo e passivo aqui em São Paulo e já numa outra dinâmica, porque aí já tinha boate, tinha coisa, onde você ia num lugar **você encontrava uma pessoa igual a você**. **Nessa época, as bichas não tinham relações entre elas, elas tinham relações com homens** [grifo do autor]. Pessoal passava de carro olhando e aí eles paravam ou não e aí a gente saía de carro pra fazer sexo".

Na fala de Lair, chama a atenção a referência a uma igualdade entre homossexuais precedida por um momento de diferença, marcado pela relação entre bichas e homens. Ou seja, ao "dar/comer, mulher/homem", acrescentaríamos o "bicha/bofe", modelo hierárquico da

sexualidade no Brasil (Fry, 1982), precedente ao modelo igualitário que seria objeto de construção da militância nas décadas seguintes, processo que foi etnografado com maestria por MacRae (1983).

As contribuições teóricas de Peter Fry (1982) no clássico "*Para Inglês Ver – Identidade e Política na Cultura Brasileira*" foram cruciais ao apontar justamente os limites da estrangeira categoria "homossexualidade", geralmente entendida como a relação entre iguais, para demonstrar outro universo cultural e sua leitura das práticas sexuais no Brasil, sistema no qual o que seria considerado desvio era a relação entre iguais, ou seja, a prática de sexo entre homens e homens ou entre bichas e bichas:

> As relações sexuais verdadeiramente discordantes de acordo com esse sistema de classificação são as que ocorrem entre pessoas que desempenham o mesmo papel de gênero, isto é, entre uma "bicha" e outra ou entre um "homem"e outro. Essas relações são consideradas desviantes porque quebram a regra fundamental do sistema que exige que as relações sexuais-afetivas "corretas" sejam entre diferentes papéis de gênero ordenados hierarquicamente. (Fry, 1982, p. 90).

Fry aponta que esse sistema, que se espelha nas relações sexuais-afetivas entre homens e mulheres, estaria marcado pelo signo da divisão fundamental entre dominação e submissão e não "sobre 'homossexualidade' em si" (Fry, 1982, p. 90). Para fazer esse ponto, o antropólogo aponta que nesse sistema sexual, o homem não perderia seu status enquanto homem caso praticasse sexo com bichas, algo permitido pelas regras do sistema, desde que mantivesse a posição ativa no sexo: o homem penetra e a bicha é penetrada (Fry, 1982, p. 90). As possibilidades desse desvio foram comentadas por P.J.: "Muitos falavam isso [comer um viado], era comum, os homens não tinham vergonha de dizer: "ah, comi um gay". Mas como assim, comi um gay? Não falava gay, né, falava viado, gay é coisa mais recente".

O estigma da passividade enquanto elemento que define um homem ou uma bicha aparece com clareza na fala atribuída por P.J. a seu irmão, que diz: "pelo menos o meu só sai e o seu entra. O meu é mais limpo do que o seu, porque o meu só sai, o seu entra". Sobre esse aspecto da cultura brasileira, tanto em relação ao estigma, quanto ao pânico causado inclusive para aqueles que não praticariam o desvio, Trevisan (2018, p. 266) comenta a peça "Toda nudez será castigada – Obsessão em três atos" de Nelson Rodrigues, na qual o estupro de um dos personagens na prisão por um ladrão boliviano é tido como sinônimo de "pederastia irrecuperável" e, ao mesmo tempo, "mito [que passa] a rondar os medos de cada um". Ao relembrar sua grande paixão, Lair comenta sobre tal interdição: "Ele era casado e não permitia nenhum, nenhuma aproximação do rabo dele, não podia tocar, nem nada".

Esse modelo mais hierárquico, segundo Fry, com o surgimento na década de 1960 da categoria "entendido", começaria a ser questionado, pois ao "entendido" já caberia maior liberdade no que se refere à posição no ato sexual e ao "homem", que continuaria no papel ativo, seria necessário relacionar-se com mulheres para ser concebido enquanto tal. Ou seja, aqui surgiria a orientação sexual enquanto critério crucial para a compreensão identitária dos sujeitos inseridos nesse sistema sexual, como podemos compreender pela explicação do amigo de Bira sobre o que seria o "entendido": "entendido é quando um cara curte outro cara, gosta de outro cara".

Percebemos traços de ambos os sistemas nas memórias dos depoentes, seja na cobrança de uma consciência igualitária por P.J. ou na ressignificação da primeira experiência de Bira, reconhecendo que ali imperaria outro universo cultural. Vale também ressaltar que quando Lair se refere a "outra dinâmica", é interessante reconhecer as possibilidades que surgiriam com a oferta de espaços de sociabilidade na década de 1970 e também as próprias movimentações militantes, que contribuiriam para um entendimento outro das práticas sexuais, mais igualitário e baseado em relações mais horizontais, sem a necessária assunção de um papel masculino/dominador e outro feminino/dominado.

Sobre esse último aspecto, é interessante observar como na fala de P.J. vemos a compreensão desses dois modelos em uma linha evolutiva, expressando o igualitário como mais "moderno" e, portanto, mais próximo da realidade, da verdade, melhor descritor do que seria a realidade: "Eu não tinha essa consciência, entendeu" e, adiante, ao comentar sobre o entendimento de seu parceiro: "Como lhe falei, o conceito dele é que ele não era gay; como ele só era ativo, quem era gay era o passivo. Hoje ele aceita, mas não gosta... muito tradicional, muito... como eu diria?".

A referência a uma "consciência", mais esclarecida, "assumida", menos machista e que era um dos principais objetivos dos grupos de liberação, e sua convivência conflitiva com outros ideários sobre as práticas e identidades sexuais é comentada por Fry e MacRae (1982, p. 8):

> Da mesma forma, um jovem rapaz na cidade de São Paulo poderia manter uma relação sexual com um senhor mais velho em troca de alguns cruzeiros. Como o nosso amigo paraense não é menos homem por isso e jamais se pensaria como homossexual. Na mesma cidade de São Paulo, um homem universitário, militante do movimento homossexual, pode discordar com o jovem prostituto e afirmar que ele é um homossexual só que não sabe, **não tem consciência**. [grifo do autor]

Esse abismo entre uma "consciência" homossexual defendida pelo militante e outras significações das práticas sexuais, por vezes, tidas como menos "conscientizadas", é comentada por um leitor de O Lampião da Esquina, que critica aquilo que identifica como uma demanda obrigatória por uma consciência homossexual exigida e tida como pressuposto normativo pelo jornal:

> Outra coisa: você cai de porrada nas bichas com uma fúria de fazer vibrar o líder da TFP! Pense um pouco. Será que essas pessoas (sim, são gente também) não estão com todos os seus "artefatos de consumo e tique ridículos", tentando vingar as múltiplas agressões com que a sociedade lhes salga a vida? Não estarão pondo para fora em trajes e gestos tudo o que são obrigados a esconder dia a dia? Você pode dizer que é uma vingança frustrada, um desabafo inútil. Vá lá. Só que nem todos chegaram a esse nível de consciência. Somos, no geral, um povo atolado até o pescoço no mangue do subdesenvolvimento cultural (e outros). Não é realista exigir do homossexual brasileiro (que é povo e, portanto, amostra cultural, nem mais nem menos) um nível de conscientização como o do americano ou do europeu (que nem é tanto assim – também lá há "bichórida"). Não é sério querer que todos os entendidos sejam Winston Leyland.[145]

No número seguinte, outro leitor também questiona o preconceito expressado pelo jornal em relação às execradas "bichas"[146], trazendo em sua defesa argumentos até mesmo históricos, posto que, na interpretação do leitor, no passado, teriam sido elas mesmas as responsáveis por transgredirem as forças moralistas, movimento que daria espaço para os "atuais entendidos" que as criticariam:

> Por outro lado, há uma outra categoria de gueis, aqueles que irritam e enojam os entendidos: as bichas, aquelas mesmas que há não sei quantos anos atrás já perambulavam pela São João e Ipiranga. [...] Eu quero aqui lembrar que essas aí foram as pioneiras, as cuspidas e repudiadas, que impuseram, dada sua ousadia, a existência do homossexualismo à sociedade. Quer dizer, as pessoas são obrigadas a ver que existe, não é fantasia. Isso beneficiou inclusive os "entendidos", que tanto repudiam essas bichas. Então, que é que está sendo revolucionário nisso tudo? Quem é que está contribuindo para a modificação do atual estado de coisas?[147]

---

[145] "De frentes e querelas". Carta do leitor Camargo (S Paulo Capital) na seção Cartas na Mesa de Lampião da Esquina, Ano I n. 3, 25 de julho a 25 de agosto de 1978.

[146] Sobre esse ponto, consultar MacRae (1982) sobre "os respeitáveis militantes e as bichas loucas".

[147] "Quem está com a bandeira". Carta do leitor Iso Fischer (São Paulo Capital) em seção Cartas na Mesa. Lampião da Esquina, ano I, n. 4, 25 de agosto a 25 de setembro de 1978

* * *

O primeiro movimento aqui analisado diz respeito a um perceber-se diferente ou, melhor dito, desviante em um momento cultural marcado, todavia, pela convivência nem sempre pacífica entre dois modelos de compreensão das práticas sexuais e as identidades que daí decorriam. Se somarmos a isso as performances irruptivas de Ney Matogrosso, os questionamentos dos papéis de gênero tradicionais (Green, 2000), assim como a liberação em uma série de instâncias da vida, tidas até então como essências a-históricas e imutáveis (Louro, 2018), torna-se potencialmente complicado definir assertivamente o que viria a ser um "assumir-se", posto o risco de imputarmos aí valores do presente e, assim, tornarmo-nos anacrônicos.

Sem embargo, certa generalização de um "assumir-se" torna-se possível quando pensamos nas restrições que adviriam de uma posição de recusa ou ao menos de escape em seguir ritos tradicionais, tidos como naturais, como o relacionamento com mulheres, o casamento, a constituição de família, entre outros fatores que gerariam pressões sociais sob esses sujeitos. Sempre oportuno recordar como a possibilidade de habitar o humano é marcada também pela obrigatória assunção de uma vida heterossexual e cisgênera, como aponta Bento (2018). Porém, para além desse movimento em relação ao que era externo e aos medos de interdições decorrentes a partir de certa posição de recusa à heteronormatividade, seria reducionista desconsiderar as angústias e aflições que adviriam do choque entre o perceber de certa repetição no desejo e os valores sociais internalizados ao longo da vida.

No primeiro sentido deste "assumir" ("assumir-se para o mundo"), pelas narrativas, torna-se possível vislumbrar diferentes trajetórias, claramente demarcadas por fatores sociais que iriam além do voluntarismo dos depoentes. Se para Bira era palpável a possibilidade de sair de casa "caso algo acontecesse", não sabemos com precisão as condições financeiras que permeariam o sair do lar familiar no caso de Regis. No caso de Lair, as restrições de ordem financeira são claramente expostas ao longo da narrativa, inclusive, posteriormente, no seu ambiente de trabalho, quando ele afirma que por não ocupar um cargo importante, logo não lhe seria demandada uma posição enquanto heterossexual e/ou que tivesse um casamento e, por isso, não seria necessário ocultar suas práticas sexuais. Por outros motivos, Rui também comentou sobre a ausência de pressões em seu ambiente de trabalho, por tratar-se de um espaço cultural, relacionado ao campo das artes e, por isso, "mais liberal".

Sobre essas diferenças socioeconômicas e suas relações com o processo de "assumir-se", ao finalizar seção intitulada "Algumas histórias de amor", publicada no número I do Lampião, a qual relata os entendimentos sobre a questão de "assumir-se" por parte de um jovem casal entrevistado, descrito como "ricos", Antônio Chrysóstomo declara: "Nossos entrevistados, pelo visto, são rapazes ricos, sem maiores problemas de (com) pressão social. Outros, certamente adotariam o mesmo estilo de vida, se tivessem igual desafogo para escolher"[148].

Retornando ao caso de Lair, percebemos também que nesse processo de "assumir-se" para o mundo, era comum que certo deslocamento geográfico ocorresse. Rui sai de Salvador para São Paulo para poder vivenciar sua vida tranquilamente. Lair intencionou sair de Ribeirão Preto para "ser um anônimo no meio da multidão e ninguém reparar em mim, que eu sou gay". Regis também teve que sair do seio familiar em razão de sua sexualidade não-heterossexual.

Também apareceriam nessas cenas a reação familiar, assim como o peso das práticas psiquiátricas, médicas e/ou psicológicas[149]. Rui, antes de "tomar sua decisão", é aconselhado por sua mãe a passar por um psicólogo, quem sancionaria sua "autorização" para vir a São Paulo. A mãe de Bira, ao saber de seu caso com Marcos, lhe recomendou que passasse por orientação psicológica. P.J., sem ter contado o por que entendia estar em um consultório psiquiátrico, relatou que imaginava que o psiquiatra que lhe atendeu soubesse do que se tratava.

Sobre o caso de P.J., poderíamos também indagar sobre quais as condições que lhe eram apresentadas e que contribuíram para uma opção de tentar o casamento como estratégia de "cura" para seus desejos. Se não podemos inferir quais seriam tais condições, deste ponto, podemos deslocar a presente discussão para o segundo sentido desse assumir, que seria o de assumir-se a si mesmo, isto é, confrontar a vontade e o desejo autopercebidos com aqueles valores internalizados, que apareciam e atuavam como instâncias regulatórias dos impulsos e afetos sentidos por estes corpos.

Claramente, como o próprio relato de P.J. suscita, esta divisão tem um caráter puramente metodológico, sendo impossível pensar numa real separação dessas duas esferas, também ficcionais. Sem embargo, o que busco destacar aqui são os processos psíquicos internos decorrentes da assunção desta posição de recusa ou conformismo a um modelo de sociedade baseado na heterossexualidade como norma. Nesse sentido, com o tempo e mediante a leitura da seção "Cartas na Mesa", consegui elaborar uma melhor compreensão do que poderia

---

[148] Chrysóstomo, C. "Algumas histórias de amor". Lampião da Esquina, ano I, n 2, 25 de junho-25 de julho, 1978.
[149] Por considerar extensamente satisfatória a quantidade de análises que se dedicam a recuperar os discursos psi-médicos, faço uma opção metodológica, com clara posição politica, de não retomar explictiamente esses discursos.

intencionar dizer-me Regis ao afirmar que "assumir é pra você mesmo", assim como tentar ser contemporâneo (Agamben, 2014) dessa sensação de solidão, de "ser o único no mundo", elaborada tanto por Regis, quanto por P.J.

Em texto publicado no Lampião, na seção "Opinião", o histórico militante João Antônio Mascarenhas expressa tanto uma definição do "assumir-se", quanto os motivos para tal. Como definição, o autor entender que "Assumir-se, no caso, significa o processo de aceitar com naturalidade a condição de homossexual, sem alardeá-la, mas sem escondê-la. Isto não se consegue nem rápida nem facilmente, mas, em geral, a duras penas, depois de angústias e frustrações"[150]. Como motivos, após uma primeira lista em que alguns aspectos individuais e sociais são comentados, Mascarenhas traz alguns dos sentimentos mais próximos da ideia do "assumir-se para si", destacando: "maior auto respeito, pela ausência de sentimento de culpa; aumento de segurança, por nos vermos livres de tensões e angústias; melhor relacionamento com nossos parentes e amigos, pela maios franqueza; possibilidade de plena realização pessoa e profissional, pelo conjunto de condições acima".

Desde a perspectiva daqueles que sofriam esse impasse e que, todavia, não haviam "resolvido" essa questão, encontramos o relato de um angustiado leitor de Recife na edição de número 0 de Lampião. O leitor inicia sua carta dizendo ter vontade de se matar frente ao deboche por parte de seus pais, na escola e na rua e a falta de saber o que fazer quanto sua condição. Entretanto, o que chama a atenção é a resposta dada pelo jornal: "a nosso ver, o problema está em você mesmo, que não se aceita"[151]. Ou seja, longe de desconsiderar o que haveria de construção política e social por trás do preconceito, essa luta interna de si contra os valore de introjetados em si mesmo era um aspecto considerado importante para a chamada liberação homossexual. Nesse sentido, seria válido retomar as dinâmicas de conversas sobre histórias de vida e troca de experiências pessoais, visando construir uma proximidade entre essas experiências, diminuindo assim as sensações de solidão e de não aceitação de um desejo fora das normas.

Às conversas nesses grupos, somar-se-iam ainda a publicação de periódicos como Lampião, a criação de amizades e contatos no gueto, por exemplo, que poderiam funcionar no sentido de demonstrar a essas pessoas que não estariam "sós", que não seriam as únicas a padecer desse sofrimento, sentimento comumente relatado nessa época e que foi retomado diversas vezes por P.J., ao perguntar: "será que sou o único?", aspecto também retomado por

---

[150] Mascarenhas, J. "Assumir-se? Por quê?". Lampião da Esquina, Ano I, n. 2, 25 de junho-25 de julho de 1978.
[151] "Pintou o bode". Carta do leitor Infante (Recife – Pernambuco) em Seção Cartas na Mesa. Lampião da Esquina, edição experimental, n. 0, abril de 1978.

Regis ao apontar a importância do gueto nesse sentido de romper com tal sensação: "no gueto você tinha a aprendizagem, sua aprendizagem enquanto ser humano, sabendo que você não era o único. Você não tinha notícia no jornal, televisão muito menos, você não tinha notícia de que tinham gays no mundo, todo mundo achava que era único. É verdade…".

Justamente sobre esse sentimento, em matéria ao Lampião, Celso Curi relembra e reproduz uma carta que recebeu quando editava a Coluna do Meio e que muito lhe marcou. Nessa carta, o leitor, que se identifica como "homossexual passivo", relata alguns dos traumas do início de sua vida sexual, violentado e chantageado por amigos e primos, e relata que, a partir da coluna de Celso Curi, passa a ter ideia de que existem pessoas como ele, que inclusive apenas por saber que elas teriam espaços para frequentar e trocar experiências diminuiria em muito seu sofrimento, de sentir-se solitário:

> Celso, se eu realmente estou aqui é graças a você, eu jamais poderia imaginar que existem clubes, bares, cinemas, saunas, hotéis, etc, especialmente para os homossexuais [...] Ainda tenho receio de que estou vivendo um pesadelo acordado e que tudo isso é mentira, que não existem tanto homossexuais passivos em São Paulo. Será que é verdade mesmo? E se for, porque eles não se correspondem, não sabem ele o mal que estão fazendo aos do interior, como eu, que sofrem da maior solidão e que às vezes desespero é tão grande que já abandonei serviço, estudo, diversão e chorava dia e noite sem parar[152].

Essa sensação de isolamento e solidão, de anormalidade e até mesmo da ideia de "aberração", junto ao antecipar de todas as consequências decorrentes da assunção de uma postura e/ou identidade dissidente, decorrente do forte preconceito dessas práticas, como bem demonstra o documentário "Hunting Season/Temporada de Caça"(Moreira, 1987)[153], faria com que muitos sofressem e, em alguns casos, até mesmo levassem o que P.J. chama de uma "vida dupla", dispositivo que conjugaria os desejos tidos como "próprios", vivenciados discretamente em determinados territórios, e os desejos estabelecidos pela norma e suas instituições, como o casamento e a constituição de família. Sem embargo, como o próprio testemunho de P.J. suscita, essa postura também cobraria muito em termos psíquicos, essa incapacidade de "viver por

---

[152] "Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Curi?". Lampião da Esquina, edição experimental, n. 0, abril de 1978.

[153] Em parte do filme, transeuntes são abordados pela jornalista e indagados sobre suas opiniões sobre a homossexualidade e a onda de assassinatos divulgados pela imprensa local. Como resposta, os entrevistados produzem comentários e opiniões a favor da matança dessas pessoas, como: a acusação de que estariam poluindo a cidade de São Paulo, de que seria natural que isso ocorresse, que não deveriam existir, e que "homem nasce para ser homem" e que, então, seria correto o que estaria acontecendo.

inteiro", como destaquei anteriormente ao trazer a ideia de dignidade de Caio Fernando de Abreu.

* * *

Como último comentário desse subcapítulo, gostaria apenas de, mais uma vez, demarcar a operação de distintos marcadores sociais da diferença nesses processos de compreensão de si mesmo, claramente, desde distintas interpelações, seja pelo histórico peso dos saberes e discursos da ciência psi-médicas, ou, em um segundo momento, às demandas de consciência a partir dos chamados dos movimentos de liberação, em curso a partir do final da década de 1970.

Além das questões de classe social, raça, idade e localização geográficas, é importante também destacar o contexto político brasileiro desse momento, marcado pela repressão política e pelo cerceamento e censura de instâncias de comunicação, o que contribuía também à manutenção de um estigma, conservada por um silêncio. A partir desses elementos e tendo em conta também a coexistências de, pelo menos, dois sistemas em operação das práticas e identidades sexuais, como notamos ao longo dos relatos, longe de uma livre eleição ou voluntarismo, entendo que os depoentes vão ao longo de sua trajetória "negociando" culturalmente as possibilidades de vivenciarem seus desejos, assim como as maneiras pelas quais vão entendendo e construindo a si mesmos.

Sobre as etapas de vida referenciadas nesses marcos temporais (infância, trânsito para um fase adulta, etc), valeria pontuar como a percepção e/ou assunção de uma identidade ou experiências dissidentes viria a romper com aquilo que Henning (2016, p. 346) denomina como uma teleologia heteronormativa, conceito utilizado para se referir justamente ao conjunto de elementos que pressionaria os sujeitos dissidente à heteronormatividade a tomar determinados rumos em sua vida, sobretudo, em relação às transições, sendo marcadas por aquilo que o autor aponta como "referenciais normativas heterossexuais".

3.3.2. Sabe um vulcão em erupção?

Como contraponto à violência policial e anteriormente à epidemia do hiv/aids, Rui citou a boate Tifon como representante de um momento de "grande liberação e abertura", influenciado pela abertura da própria ditadura civil-militar, em que "a cocaína é mais aberta, né, o sexo se torna mais aberto nessa época [...] porque depois do Richetti, cê tava numa linha de liberação sexual muito grande, sabe? As pessoas já não se perguntavam, começou a deixar de ter sentido essa coisa 'qual é sua opção sexual', tá?".

P.J. estabeleceu temporalmente um momento em que "ficou na dele", pós-casamento, esperando que seus desejos passassem, mas que, após segurar tanto, algo aconteceu: "chegou um ponto que deu, sabe um vulcão em erupção? Não dá mais pra ficar segurando".

Bira operou uma distinção em suas práticas, sendo os passeios pela Praça da República e seu namoro com Marcos representantes de um momento de descoberta e um segundo momento caracterizado pelos conselhos de seu amigo "putanheiro, bem, bem, bem putanheiro" e sua curiosidade em conhecer locais de pegação: "Cinema, tentar conhecer, tava muito curioso, então queria conhecer [...] Então el sabia as putarias e falavas putarias e eu ficava super a fim de conhecer, né? Então eu ia, fui, conheci alguns lugares". Fazendo referência a momentos distintos, implicitamente, Regis também distingue suas primeiras experiências ("catar homens mais velhos") com outros homens daquelas que viriam a ser próprias da frequência do centro da cidade de São Paulo, quando se "introduz no mundo gay": "Eu saía do bairro, pegava um ônibus sozinho e vinha pro centro. Porque o centro das grandes cidades do Brasil e do mundo sempre foram ponto de referência para tudo, inclusive de encontro gay. Então assim, quando eu me introduzi no mundo gay já tinha alguns bares [...]".

Justificando as ações de repressão de Richetti, Seu Lóris sinteticamente fez referência a um momento no qual "estava acontecendo "muita coisa", expressão capaz de condensar tantos elementos sociais e políticos que se referem a uma etapa de agitação política e cultural, com claros desdobramentos na vida pessoal de muitos indivíduos.

Narrativamente, esse ponto se figura como um "depois" das vivências de experiências mais próprias de uma dinâmica de "descobrimento", sendo constituída também como um "antes" dos episódios de violência policial e da epidemia que marcariam a inflexão desse percurso.

Se no subcapítulo anterior, busquei descrever os locais e as práticas de caçação e pegação, considerando as dimensões intersubjetivas e territoriais do que convencionalmente chamei de "gueto", assim como alguns fatores de ordem histórica, na presente seção, busco

ampliar essa discussão contemplando elementos de ordem temporal, considerando a percepção "desse tempo" de liberação por parte dos testemunhos ao adicionar também elementos de ordem cultural.

Momento marcado por relatos de prazer, seriam essas lembranças referências ao que parte da literatura entende como um *boom* gay e o famoso *desbungay*? Esse é o questionamento central a partir do qual cruzei as vozes nas próximas linhas.

* * *

"Mesmo sendo ditadura, acho que agora é maior e te digo isso com absoluta convicção. Não é que eu tenho saudades da ditadura, longe disso. Essa questão é uma faca de dois gumes", refletiu P.J. sobre ao atual momento de recrudescimento conservador em relação ao que identifica como o clima moral durante o período da ditadura civil-militar.

De fato, muitas referências culturais sobre performances e artistas que questionavam a rigidez heteronormativa foram feitas ao momento analisado, a despeito de certo papel secundário em análises pretensamente gerais da cultura de resistência durante o período da ditadura civil-militar, como a de Napolitano (2017, p. 321-324), que, apesar de seu sólido ensaio e da importante e necessária crítica revisionista empregada, considera as movimentações punk, do movimento negro e o "movimento gay" baixo a rubrica "outras contraculturas", pequena seção que aglutina movimentos e temporalidades tão distintas.

Do ponto de vista histórico, sinteticamente, caberia considerar o fim do Ato-Institucional n. 5 no ano de 1978 como uma nova etapa da política de abertura, o refluxo das movimentações por direitos nos Estados Unidos, que passam a timidamente aparecer nos jornais brasileiros de grande circulação no começo da década de 1970, como demonstram Green e Polito (2005, p. 159-163). Mais para o fim dos anos 1970, grandes matérias como a da revista *Manchete* sob o nome "São Paulo: os acordes da liberação gay" e "A explosão do homossexualismo" na revista *Nova*, ambas de 1977 (Green & Polito, 168-169), passam a dar ênfase mais direta sobre a questão, sem esquecer da Coluna do Meio de Celso Cury no jornal *Última Hora*. Valeria lembrar também que em 1978 surge a primeira edição de *Lampião da Esquina*, mesmo ano em que surge o primeiro número do *Jornal do Gay*.

Em diversas frentes, novos sujeitos passam a aparecer na cena pública, sendo um dos exemplos a arte transformista, registrada em subcapítulo anterior. De acordo com Trevisan (2018, p. 270), se anteriormente ao período em questão haveria artistas que se propunham a

versar sobre a dissidência sexual, como Assis Valente e Johnny Alf, isso se daria de forma extremamente velada ou enigmática. Considerando a importância da posicionalidade das análises de Trevisan, é interessante notar como o autor introduz a ideia do desbunde, em especial, o *desbungay*:

> Ainda que a contragosto, a cruel ditadura brasileira instaurada a partir de 1864 acabou imprimindo um impulso peculiar a certas áreas da vida nacional. A urgência de uma modernização em ambiente avesso à prática política democrática talvez tenha favorecido, entre jovens, o surgimento de movimentos de liberalização **nem sempre alinhados com orientações ideológicas precisas** [grifo do autor]. Daí porque uma das palavras-chave do período foi "desbunde" ou "desbum". Alguém desbundava justamente quando mandava às favas – sob aparência frequente de irresponsabilidade – os compromissos com a direita e a esquerda militarizadas na época, para mergulhar numa liberação individual, baseada na solidariedade não partidária e muitas vezes associada ao consumo de drogas ou à homossexualidade. (Trevisan, 2018, p. 270).

O fim da década de 1960 e o começo da década de 1970, segundo o historiador James Green (2000, p. 409), teria sido marcado pela penetração no Brasil das ideias de contracultura, sobretudo, em jovens da classe média, sendo um momento marcado por desafios aos valores hegemônicos, o uso de drogas, a rejeição à sociedade de consumo e, o que nos interessa em especial, um intenso processo de desestabilização dos padrões sexuais, como a virgindade antes do casamento para as mulheres e a heteronormatividade (Green, 2000, p. 409).

A análise de Napolitano (2017, p. 324) coincide com a dinâmica identificada por Trevisan ao apontar essa relação de modernização demandada pelos militares e a ânsia social: "Na década de 1980, abrigados na imprensa e na ânsia da sociedade por liberdade política e comportamental a um só tempo, fruto dialético da modernização incrementada pelos militares, os defensores de uma 'política do corpo' retomavam questões colocadas na cena 68". Apesar de incorrer em tom que concede demasiada boa vontade à imprensa em acolher o desbunde[154], concordo com a ênfase identificada nesses movimentos de trazerem o corpo como espaço da

[154] O autor identifica um "amplo sucesso na imprensa" do desbumde (Napolitano, 2017, p. 324). Lidando com arquivos sobre a temática no período, não consigo entender a que o autor se refere, sendo inclusive oportuno lembrar a perseguição a Celso Cury e a Coluna do Meio e ao jornal Lampião ao fim da década de 1970 e começo da década de 1980, momento no qual persistem as tensas relações dos principais jornais de São Paulo, sobretudo, no período de auge da violência policial com as operações de José Wilson Richetti. Em entrevista de Ney Matogrosso a Lampião, o clima de hostilidade da grande imprensa com o tema é explícito: "No Jornal do Brasil, eles nos disseram que havia uma ordem superior: não se pode falar em homossexualismo no Jornal do Brasil. 'Até proibiram a publicação de fotos do Ney Matogrosso". A que o autor se refere com esse amplo sucesso?

política, questionando a própria ideia do que seria a política, sobretudo, em relação a seus espaços e práticas próprias.

O clima de contestação cultural e as opacas fronteiras entre os temas e práticas dessas movimentações foram comentadas por Bira, quando afirmou: "todo mundo tava experimentando tudo, então, assim, cê chegava lá, tava numa república, chegava uma mulher, que morava lá, com dois namorados e levava pro quarto e trepava... um cara de repente vinha trepar comigo e com meu namorado, sabe? Era uma coisa meio que bagunçada assim, **porque o lance era experimentar, o tesão era conhecer coisas diferentes** [grifo do autor]".

A ênfase na experimentação também foi mencionada por Rui ao dizer que sua vida durante esse período foi "sexo, drogas e rock'n roll", relembrando inclusive uma época identificada por ele como *junkie*: "Todo mundo consumia droga diariamente. O máximo cocaína. A gente pegava uns pontos pretos da USP, que era sei lá, uns *lsd's* fajutos, não tenho certeza, a gente ficava assim, era anfetamina. A gente falava: "hoje é o dia do quatro formaggi!". Vish! Já sei. Quatro formaggi era o quê? Maconha, cocaína, o ponto preto e álcool". Regis também esboçou essa relação quando disse que os anos 1970 e 1980 foram "louco, louco, louco": "É, então, assim, eu não bebo, já fumei maconha, já cheirei cocaína, lá na adolescência, né? Tomei bolinha, anfetamina, era uma época louca, sabe? Os anos 70 e os anos 80 eram louco, louco, louco, louco. Talvez hoje também seja…".

Para Trevisan, esse movimento de contestação ocorreria a partir de "três núcleos deflagradores" no teatro e na música popular que Trevisan (2018, p. 270): Caetano Veloso, o grupo de teatro Dzi Croquettes e o cantor Ney Matogrosso. Como diria P.J.: "[...] foi um desbunde total, vê o Ney Matogrosso! [...] Caetano Veloso, Ney... Nossa, 1972! Eles foram vanguarda na época".

Caetano Veloso, cuja amizade com Gilberto Gil e as vestes femininas utilizadas na volta de seu exílio em Londres despertavam suspeitas, chegou a afirmar em entrevista seu "desejo de ser múltiplo", confessando uma identificação feminina desde sua infância (Trevisan, 2018, p. 272). É interessante notar também que os membros do Tropicalismo nunca fizeram questão de desmentir especulações levantadas sobre suas relações homossexuais (Green, 2000, p. 409).

Entretanto, mais contundentemente, desafiando os rígidos padrões de gênero e sexualidade à época, Ney Matogrosso foi o personagem mais relembrado, já que, como diria Bira, não foi apenas um sucesso estrondoso, mas também um "escândalo estrondoso". O fascínio exercido na juventude e o choque causado pelas vestes, cantos e declarações de Ney foram relatados por ele, ao apontar, justamente, a opinião de seus pais sobre Ney como uma

tática também de tentar “regenera-lo”: Ele não foi só um sucesso, ele foi um escândalo! Foi um escândalo. E os jovens, todo mundo gostava do som dele, um som legal e tal, mas eu lembro dos meus pais recriminando, falando: “esse anormal!”. Eu lembro do meu pai falando isso, bem assim: ‘esse anormal, isso não é homem, isso não é normal’. A minha mãe também falava... eu acho que no começo, eles tinham uma esperança de meio me regenerar”.

Green (2000, p. 409) aponta que tanto Ney, quanto os Dzi Croquettes anteriormente, utilizariam da então chamada “androginia” como recursos para “desestabilizar as representações padronizadas do feminino e do masculino”. Previamente a Ney, os Dzi Croquettes, mencionados pelos testemunhos, mas pouco relembrados como experiências próprias, foi um grupo oriundo do Rio de Janeiro, formado no ano de 1972, composto por artistas amadores liderados sob a batuta do profissional Lennie Dale, norte-americano da Broadway radicado no Brasil (Green, 2000, p. 410).

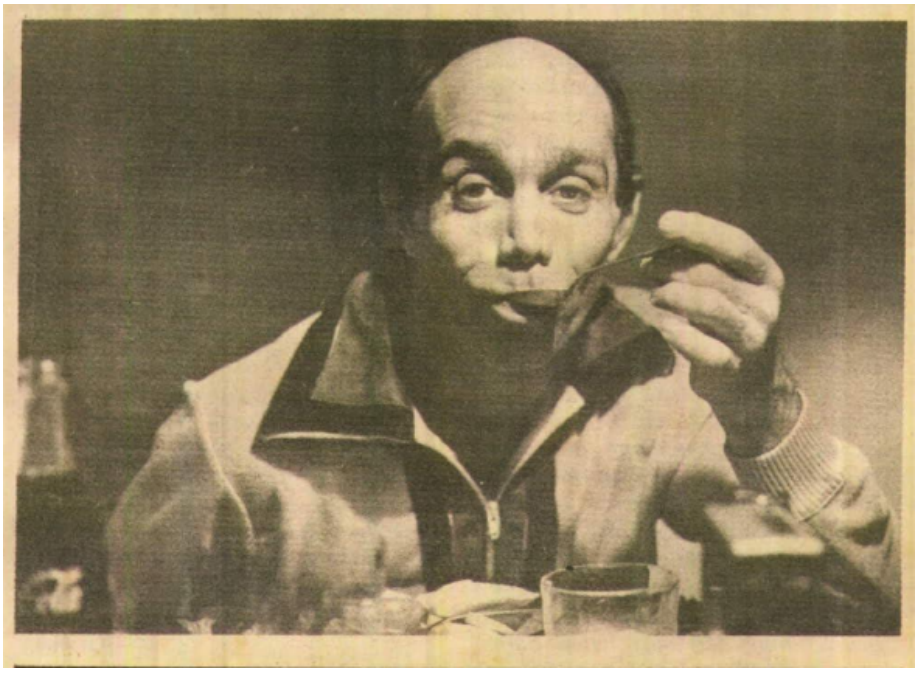
Figura 17. Anúncio em jornal de Dzi Croquettes em 1973.

Fonte: Acervo Digital Folha de S. Paulo

Em matéria do jornal Folha de S. Paulo, Lennie é descrito como filho de uma pobre família italiana, radicada no bairro do Brooklyn em Nova Iorque, momento o qual convivia com muita violência doméstica. Saiu de casa com apenas treze anos para estudar dança, sob a maldição de seus pais: “saiu levando nas costas a maldição e os xingamentos de pai e, na cabeça, as previsões alentadoras da mãe: ‘Você vai é se tornar um toxicômano, um homossexual!’. Saiu levando consigo apenas uma pequena parte do dinheiro que havia ganho como apresentador de

um programa infantil de televisão[155]". Sua chegada ao Brasil ocorreria no ano de 1961 quando Carlos Machado conheceu seu trabalho em Nova Iorque e o convidou para produção na boate Night and Day, posteriormente, indo trabalhar no Au Bom Gourmet, convidado por Aluisio de Oliveira, que tendo o visto dançar no Night and Day, acreditou que o local não estaria a sua altura: "Foi aí que Lennie começou a ficar famoso para os brasileiros. Inventou a dança de bossa-nova: pôs para fora 'o Tio Sam que eu tinha dentro de mim', em troca, recebeu nosso Tio Samba".

Figura 19. Lennie Dale fotografado em Lampião.



Fonte: Lampião da Esquina, Ano I, n. 2, 25 de junho-25 de julho de 1978.

A influência desse modo de dançar influenciaria o começo do Dzi Croquettes, minuciosamente descrito pelo início de mesma matéria: "Faltam duas horas para começar o espetáculo dos Dzi Croquettes e o camarim onde eles se maquiam, se vestem, se transformam em seres estranhos, multi-coloridos, andróginos, estandartes contra a intolerância, a anti-vida e o mau-humor está quase vazio"[156].

Sem serem travestis ou bichas (Green, 2000, p. 411), sucesso entre "a juventude mais insatisfeita da época" (Trevisan, 2018, p. 274), o grupo Dzi Croquettes propunha uma estética

[155] "Com vocês, o internacional Lennie Dale". Folha de S. Paulo, 30 de julho de 1973.
[156] "Com vocês, o internacional Lennie Dale". Folha de S. Paulo, 30 de julho de 1973.

libertária, apresentando performances que funcionavam como fogos de artifícios[157], essenciais em questionar os padrões morais da época e explodir suas rígidas divisões. O grupo, segundo Trevisan (2018, p. 273), buscava embaralhar os padrões de gênero masculino e feminino em seus números, em espírito contestatório influenciado nos *gender fuckers* dos Estados Unidos, sendo o próprio nome uma piada de duplo sentido: bolinho popular feito de resto de carne e gíria para pênis no gueto gay do país.

O espetáculo "Gente Computada Igual a Você" teria sido originado na casa noturna TonTon em São Paulo e transferido para o Teatro 13 de Maio, onde torna-se sucesso de público e crítica[158]. O espetáculo apresentava alguns números cantados, dublados atravessados por monólogos que traziam as histórias de vida dos integrantes, primando "pela ironia, duplo sentido e tom farsesco"[159], mesclando os gêneros de revista musical, show de cabaré e o entertainment norte-americano[160].

Figura 20. Foto do grupo Dzi Croquettes.

Fonte: Wikidança.net

[157] Faço referencia à metáfora utilizada por Leopoldo (2017).
[158] DZI Croquettes. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo399377/dzi-croquettes>. Acesso em: 23 de Ago. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7
[159] DZI Croquettes. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo399377/dzi-croquettes>. Acesso em: 23 de Ago. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7
[160] DZI Croquettes. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo399377/dzi-croquettes>. Acesso em: 23 de Ago. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Em entrevista para o Lampião, ao ser questionado se os Croquettes teriam sido sua obra mais importante, o polêmico Lennie, que teria ficado preso por onze meses por porte de maconha[161], respondeu:

> Uma das, né, amorzão/ Acho que na minha vida tem muita coisa por chegar. Mas os Dzi Croquettes são a minha família. Eu amo eles, eles me ama, a gente vai continuar o trabalho juntos. Mas eu acho que o nosso trabalho foi importante porque conseguiu passar para o público não apenas o espetáculo, teve aquela coisa libertária, da androginia. Isso a gente conseguiu aqui no Brasil. Mas na França também foi novidade, acrescentou, foi sucesso. Jeanne Moreau se apaixonou pelo Rogério. Liza Minelli transou adoidada com a gente. Até hoje o Rogério está casado com o Rodolfo Nureiev. Pode?[162]

Ao ser questionado sobre o que seria a androginia, Lennie respondeu "Nós conseguimos passar para o povo que não somos homens nem mulheres, somos gente". A resposta causa a réplica de Antonio Chrysóstomo, que pergunta se a androginia não seria apelido de vadiagem (não seria viadagem?), a qual Lennie reage: "Não! Somos homens que podem ser mulheres, que podem ser homens". Chrysóstomo treplica perguntando se isso não seria a fantasia, causando resposta de Lennie que causa ao entrevistador indignação: "Mas toda nossa homossexualidade não é fantasia ou não é?"[163].

As respostas de Lennie demonstram parte das intenções e pensamentos por trás de espetáculos que seriam marcados pela indefinição do masculino e do feminino, comum a todos, segundo Green (2000, p. 410), que identifica um humor *camp* do grupo capaz de inverter "todos os padrões de papéis sexuais normativos, abalando as marcas e representações de gêneros tradicionais de masculinidade", e que, segundo o próprio Lennie na mesma entrevista a Lampião, teria passado pelo controle da censura pela falta de compreensão dos censores em entender o espetáculo. Sobre o aspecto humano destacado por Lennie, Green (2000, p. 410) comenta que fluidez do grupo em termos de gênero sustentava justamente a ideia de que todo ser humano possuía em si características de ambos os sexos.

---

[161] "Com vocês, o internacional Lennie Dale". Folha de S. Paulo, 30 de julho de 1973.
[162] "De presidiário a Dzi Croquette – Lennie Dale chega, assalta a geladeira e abre o verbo: -Eu sou muito tinhoso". Lampião da Esquina, Ano I, n. 2, 25 de junho-25 de julho de 1978.
[163] De presidiário a Dzi Croquette – Lennie Dale chega, assalta a geladeira e abre o verbo: -Eu sou muito tinhoso". Lampião da Esquina, Ano I, n. 2, 25 d ejunho-25 de julho de 1978.

O grupo saiu para turnê internacional entre 1973 e 1974, apresentando-se por longa temporada no Le Palace e tengo participado do filme Le Chat et la Souris, de Claude Loulouch[164], daí provavelmente a referência internacional de Seu Lóris quando relembra a figura de Lenny que, em sua opinião, seria inspiração de outra figura icônica:

> Aí depois veio um homem, maior bailarino, tanto na França, como São Paulo, ele chamava... o show chamava Dzi Croquettes, do Lenny Dale Nossa Senhora! Aquilo ficava assim, ó, parecia formigueiro. Ele fazia show mais no teatro da Brigadeiro. Um teatro grande, era coisa assim... nossa, dançava, puta que pariu. Eu acho que o Ney Matogrosso baseou muito nele. Ele se transformava, cê tem que ver que coisa mais linda que era aquele cara.

Ney Matogrosso, cantor do grupo Secos & Molhados, que revolucionaria a cena musical na década de 1970, representava esse comportamento questionador dos limites entre o masculino e feminino, próprio de uma estética *glitter* (Trevisan, 2018, p. 274), trazendo aos palcos uma imagem andrógina por meio de estridentes requebrados e vestuário e maquiagem nada convencionais: "Ora de rosto maquiadíssimo, peito nu e longas saias, ora cheio de penas, com chifres enormes na cabeça e minúsculo tapa-sexo, ele se notabilizou pelo rebolado frenético e voz de contralto [...] Homem? Mulher? Viado?".

Em 1974, a performance o de Secos & Molhados em um Maracanãzinho lotado foi reproduzida no programa dominical *Fantástico* da Rede Globo. Anteriormente à exibição de três músicas (Rosa de Hiroshima, Sangre Latina e O Vira), as câmeras captavam os artistas do grupo se maquiando frente a um espelho e comentando sobre a ansiedade e expectativa do show. Sem embargo, o que mais me pareceu curioso e representativo desse tempo foi a introdução didática, como diria Pedro Bial[165], do que seria a "androginia":

> Você sabe o que é andrógino? O dicionário diz: andrógino, adjetivo. Hermafrodita, comum ao homem e à mulher. Diz-se principalmente das plantas que tem flores masculinas e femininas, agrupadas na mesma espiga. Erra, portanto, quem associa o sucesso fulminante dos Secos & Molhados à androginia. Ney Matogrosso, o líder do grupo, diz que eles

---

[164] DZI Croquettes. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo399377/dzi-croquettes>. Acesso em: 16 de Ago. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

[165] "Ney Matogrosso no Pedro Bial faz revelações curiosas no 'Conversa com Bial' 29052017". Vídeo disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=mfmvcIn2vt4&t=613s>.

> existem atrás das máscaras. Afinal, os Secos & Molhados são a explosão de um novo caminho musical ou de um comportamento?[166]

Considerado um fenômeno, as performances de Ney em Secos & Molhados ou, poucos anos depois, em sua carreira solo, foram um grande sucesso de público, que se encantava com sua postura irreverente no palco. De ousadia ímpar, Ney chegou a abrir seus shows cantando "Yes, nós temos bananas", descendo do palco à plateia para distribuir as bananas de um cacho, sendo que em dado momento do show, descascaria com calma uma banana, gerando a expectativa da plateia, que logo cairia em gargalhadas ao observar Ney mastigando-a[167]. De acordo com Green (2000, p. 412), em algumas performances, Ney utilizaria colares, contas no pescoço e cocar na cabeça, assim como teria um número de *strip-tease* que apenas pararia poucos momentos antes da nudez total.

O público de seus espetáculos variava, desde crianças à idosos, era o cantor um sucesso e alvo de curiosidade das pessoas, interessadas em sua sexualidade e seus desejos, despertando o interesse sexual de homens e mulheres. Claramente, houve momentos de agressões e de certos riscos profissionais em razão de suas performances, como a perseguição promovida pelo compositor e produtor Carlos Imperial (Trevisan, 2018, p. 275) e o famoso episódio no festival do Colégio Objetivo, assim relatado por ele: " o Curso Objetivo, um lugar de débeis mentais, de filhos de papai irresponsáveis, de imbecis, porque me pagaram muito bem pra fazer um 'show'lá e, depois não me deixaram cantar"[168]. Na mesma entrevista, Ney relata também o caso de um senhor que abandonou sua esposa "puto" da vida com a performance das bananas. Quando questionado sobre a variedade do público que assistia suas performances, Ney indicava apenas a "geração intermediária" como um problema, dizendo que a geração mais nova não teria grilos, e concordando com o jornalista Alceste que a geração mais velha estaria acostumada com o teatro de revista e performances provocativas como as de Carmen Miranda[169].

Avesso à política partidária, ainda que reconhecesse o potencial político e existencial de sua arte e a influência que teve na chamada liberação sexual, Ney fazia questão de destacar a primazia dos aspectos artísticos em suas expressões: "Quando estou no palco tenho a minha

---

[166] Transcrição de fala de Marcos Miele em apresentação de especial que fechou a edição do programa Fantástico em 24 de fevereiro de 1974. Vídeo disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=fFytvXSahIw>.
[167] "Ney Matogrosso sem bandeira: Liberação? Cada um cuide da sua". Lampião da Esquina, edição Extra n. 1, dezembro de 1979.
[168] "Ney Matogrosso sem bandeira: Liberação? Cada um cuide da sua". Lampião da Esquina, edição Extra n. 1, dezembro de 1979.
[169] "Ney Matogrosso sem bandeira: Liberação? Cada um cuide da sua". Lampião da Esquina, edição Extra n. 1, dezembro de 1979.

colocação cênica, que é um pouco ousada, reconheço; mas antes de mais nada sou cantor, estou ali para cantar, e o que eu quero é cantar cada vez melhor [...] com frescura ou não-frescura, nenhum problema com masculino ou feminino. **Procuro é fazer uma coisa harmônica** [grifo do autor]". Uma política existencial[170], como diria, com especial ênfase na liberdade e na individualidade, seria uma melhor definição para o posicionamento político do cantor que se recusava em assumir um papel de compromisso com uma imagem ou luta homossexual, mesmo compreendendo o impacto que sua imagem poderia ter nessas questões: "Comprometido, não. O único que eu tenho é com a minha vida. Eu não sou estandarte de nada. O que eu mostro pras pessoas é um indivíduo livre, uma alma livre. Se a minha vida pode ajudar outras pessoas, se o fato de eu me expor como eu me exponho pode ajudar outras pessoas, tudo bem. Agora não me coloquem estandarte nas mãos de jeito nenhum, pelo amor de Deus [...][171]".

De fato, difícil seria negar a política não apenas de suas performances, mas das próprias declarações e posicionamentos declarados pelo cantor à imprensa e de letras como "Homem com H" e "O Vira". Ícone para a cena homossexual, a ambiguidade seria a marca de Ney, como me diria minha amiga Daniela: "as mulheres também se encantavam com o Ney". Sobre essa questão, Trevisan (2018, p. 274) retoma algumas das declarações em que o cantor se colocava para além das divisões binárias de gênero, provocando até mesmo o meio artístico, que prezava o enrustimento como algo positivo então: "Sou uma pessoa que tem emoção e sensibilidade e me orgulho de não ter que escondê-las. Eu manifesto. Agora, se dentro dos padrões isso é feminino, caguei". Green (2000, p. 413) cita uma fala em que Ney afirma que as mulheres, ao entenderem que ele era homossexual, morriam de tesão por ele, porque "machão não sabe dar prazer. Trepa, gozou, sai de cima. Pelo fato de ser homossexual, eu sei acariciar a mulher como eu gosto de ser acariciado. E quando estou na cama com um homem, não sou uma fêmea, sou um homem".

Pessoalmente, mesmo em outro tempo histórico, posso dizer que a figura de Ney me causava certo fascínio, sobretudo, pela incapacidade dos adultos em definirem sua identidade quando eu, aos seis anos, encantado, perguntava se era ele homem, viado, mulher ou travesti. Em 16 de agosto de 2019, em apresentação no Espaço das Américas, do alto de seus 78 anos de idade, caí em lágrimas ao vê-lo cantar "Meu Bloco na Rua", perdendo a razão co1mo tantos outros jovens, adultos e idosos seduzidos por seu dançar e seu tom de voz único. Entoando

---

[170] "Ney Matogrosso sem bandeira: Liberação? Cada um cuide da sua". Lampião da Esquina, edição Extra n. 1, dezembro de 1979.

[171] "Ney Matogrosso sem bandeira: Liberação? Cada um cuide da sua". Lampião da Esquina, edição Extra n. 1, dezembro de 1979.

gritos de “gostoso”, “delícia”, “maravilhoso”, pude entender minimamente o que esse fenômeno poderia significar em tempos políticos tão restritos. Especialmente na música “Pavão Misterioso”, pensei no que teria significado a exibição de Ney no programa Fantástico, por exemplo, na década de 1970 em plena ditadura civil-militar. Sobre sua última turnê e o atual contexto político, Ney afirma: “O que é mais importante no contexto todo são as palavras. E as palavras colocadas em uma determinada ordem. E quando eu vejo o que eu idealizei, que podem achar que é uma viagem particular, sendo absorvido, me deixa muito feliz. Sinal de que as pessoas estão ligadas”[172].

* * *

Outra comum referência a esse período de transição dos anos 1970 e 1980 foi a constante presença de sujeitos autodenominados travestis, como nomeia e explica Veras (2019, p. 99), que passam a sair dos limites do teatro, do carnaval e de festas privadas, invadindo os noticiários e confundindo as divisões entre o masculino e feminino. Como bem aponta o autor, se antes se saberia com quem se estava falando, com a insurgência de um tempo fármaco-pornográfico, “as fronteiras do gênero e do público-privado se tornaram mais flexíveis” (Veras, 2019, p. 99).

“Os travestis no Brasil eram tão famosos e tão bonitas que eles iam pra França, como... ela não era daqui, mas era famosa, a Rogéria, daqui tinha a Thelma Lipp, a Cristina, a Teresa, mas o nome dela de travesti chamava Nataly, que foi uma das travestis mais bonito de São Paulo”, relembrou Seu Lóris fazendo provável referência a uma fase de grande visibilidade de travestis que, a partir de 1979, passariam a aparecer com frequência na televisão brasileira, fruto dos ares de abertura política e do interesse midiático no tratamento “parodístico” dessas identidades, como aponta Trevisan (2018, p. 295).

Apesar de apenas uma citação nos testemunhos, é também importante registrar a importância da literatura subversiva de Cassandra Rios, autora *best-seller* que foi perseguida pela ditadura civil-militar devido ao conteúdo homoerótico de seus livros, tema considerado subversivo. Em razão da censura, a autora reconheceu para Lampião o peso que a proibição de seus 36 livros teve materialmente em sua vida: “Já imaginaram o choque? Eu não senti na hora, só vim sentir três anos depois, quando comecei. Porque não dou valor a bens materiais, mas

[172] Ávila, M. “’Minha intenção não é agredir, é acariciar’, diz Ney Matogrosso sobre show Bloco na Rua que chega a SC”. G1 SC, 6 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/musica/noticia/2019/02/06/minha-intencao-nao-e-agredir-e-acariciar-diz-ney-matogrosso-sobre-show-bloco-na-rua-que-chega-a-sc.ghtml>.

sinto saudade daquilo que eu adquiri porque gostava. Então fui me desfazendo de uma coisa, de outra"[173].

* * *

Concomitantemente à agitação cultural e política, como mencionado anteriormente, os anos 1970 e 1980 foram também marcados pelo aumento da oferta de espaços de sociabilidade dissidente na cidade de São Paulo. Do ponto de vista narrativo, foi curioso observar como esse pulsante clima se imprimiu nos relatos das vivências pessoais, marcando um ponto de intensidade ápice nos processos de relatar a si mesmo. Como a variação de intensidade em uma canção, de *pianissimo* a *mezzo forte* a *fortissimo* (< = crescendo), as lembranças desse momento expressam uma forte vibração, exemplo da absorção do tempo individual pelo tempo social, como afirma Bosi (2016, p. 418).

Por um lado, é interessante notar como a vivência nos espaços do referido "gueto" permitia não apenas performances mais livres, mas também contatos afetivos mais próximos com outras pessoas, ainda que circunscritos a essas localidades. Os laços de amizade foram minuciosamente comentados por Regis, que identificou uma importante dinâmica de troca intersubjetiva, marcado pelo que ele entende como "um curiosidade mútua" de contato, essencial para o fortalecimento pessoal frente a um silêncio socialmente imposto:

> Não, então cê guardava no meio familiar e social, vizinhos, parentes, você não tinha com quem falar. Muito menos em escola. Tinha *bullying*? Tinha, mas era pro menininho afetado, afeminado, entendeu? Então cê não tinha com quem falar e aí você saía, sexta-feira, vou tomar uma cerveja lá na Vieira de Carvalho. Uma hora de busão, pá-pá, não tinha nem metrô na época… não tinha nem metrô! Foi inaugurado a linha em 73, mas era Santana-Jabaquara. Então chegava na Praça do Correio, caminhava, parava em um ou outro bar, às vezes encontrava alguém e então fazia conhecidos: "e aí, tudo bem? Vamos bater um papo", "ah, cê tá sumido, por onde anda?". " e aí, tá com alguém, não tá?", sabe? A curiosidade era mútua, era mútua, tanto minha, quanto do meu interlocutor. Aí quando chegava no gueto mesmo, aí tudo bem: "oi, amiga, e aí, como é que tá?", sabe? "E aí, sumida? E aí, casou?", sabe? Porque quem some, casa. No gueto, quem sumia, casava. Não sei se hoje é assim. Então era isso, no gueto você tinha a aprendizagem, sua aprendizagem enquanto ser humano, sabendo que você não era o único. Você não tinha notícia no jornal, televisão muito menos, você não tinha notícia de que tinham gays no mundo, todo mundo achava que era único. É verdade…

[173] "Com 36 livros proibidos, ela só pensa em escrever – Cassandra Rios ainda resiste". Lampião da Esquina, Ano I, n. 5, Outubro de 1978.

Por um lado, é interessante notar a possibilidade de utilizar a linguagem de um jeito mais livremente nesses locais, com o uso de expressões no feminino e no masculino "E aí, sumida?". Por outro, é curioso observar como certos comportamentos eram permitidos nesse local em comparação a "seu fora", como declarou também Regis ao dizer: "Ninguém saía do gueto e ia na minha casa 'Oi, Regis, vamos sair'. Não. Muito menos eu ia". Essa parece ser a mesma referência de Lair ao comentar a diferença no tratamento dos pintosos nas "boates" e no dia-a-dia:

> Mas tinha sim uma diferença, porque, na realidade, o pessoal muito pintoso, a gente evitava. Tinha essa percepção. Dentro da boate, eu tinha contato com os pintosos, assim, fazia... tinha alguns pintosos que cê vai conhecendo na vida, né não? Pintosos que você tem amizade, **mas você só fica com ela naquele lugar, fora dali, não existe** [grifo do autor]. Ah, por quê? Porque queima o filme, você sabe como é? Mas é que assim, não é uma pessoa que eu encontro na rua fácil. Cada vez que eu encontrava com alguém numa boate, eu dizia: "oi!", ela mora lá na Zona Norte, eu morava no Centro, pronto.

Reflexo do contexto político da época, como discutirei na próxima seção, faz-se mister observar a íntima relação dessas amizades e laços de contato afetivo com certas territorialidades, em especial, àquelas próprias do gueto. Entretanto, reduzir as amizades e contatos "mais liberados" ao gueto parece-me ser uma limitação das possíveis posturas da época, quando levamos em consideração, por exemplo, os relatos de Bira sobre o apartamento identificado como "A Gaiola das Loucas", presenciado na noite em que conheceu César, a importância do grupo de amigos de Rui, que realizavam até mesmo peças de teatro anualmente, ou o apartamento dos amigos professores de Lair, onde também se poderia "dar uma escorregada mais na banana [...] no apartamento deles, então era assim... fora de lá, eles eram bem diferentes".

Por vezes como resultado do afastamento familiar, seja pela migração geográfica ou pelo ostracismo familiar, essas amizades ocupariam um importante papel na vida social dessas pessoas, arranjos afetivos em certo sentido similares às *clichés* descritas por Barbosa da Silva (2005). Sobre esse tipo de contato, MacRae (1983) aponta como a discussão entre amigos contribuiria para uma relação de menor culpa dos sujeitos com suas práticas sexuais dissidentes, relembrando a importância das dinâmicas de reflexão e trocas de experiências nos grupos de militância, o que ocorreria informalmente no chamado gueto, assim como, adicionalmente diríamos, em espaços como os apartamentos de "entendidos" e bichas. Não seria uma reflexão

tão fora de propósito pensar a persistência do questionamento de P.J. em relação a si mesmo ("Será que eu sou o único?") em paralelo ao pouco contato na dimensão social e afetiva com outros homens que também desejavam homens. Como afirma Regis: "no gueto, você tinha a aprendizagem, sua aprendizagem enquanto ser humano, sabendo que você não era o único".

Como último aspecto de análise, é interessante observar como o relato dos espaços de sociabilidade dissidentes e as práticas de caçação são descritas em paralelo às experiências de prazer e de diversão. "Eu não me segurava, né?", disse Rui em relação aos primeiros anos de sua estadia "aqui sozinho em São Paulo" sem ter que "dar satisfação", criando um ciclo social e sendo presença frequente no Gay Club na região do Bixiga. Regis, ao descrever o crescimento dos bares na Vieira de Carvalho, se coloca também como testemunha desse processo. Mais adiante, ao relembrar dos olhares e cacações pela Ipiranga, relembra de um caso que teve com o dono de um Opala Verde: "Saía tudo! Eu mesmo tive caso com um cara que eu conheci ali".

Sobre as saunas, o relato do encontro de Regis com seu professor, que havia negado seus desejos anteriormente, e a explicação de P.J., que diz "frequentava sauna, mas barzinhos, eu raramente ia", são alguns exemplos de como esses espaços em muito serviriam para aqueles que, apesar de uma inevitabilidade do desejo, mantinham essas práticas confinadas a um segredo.

Um "vulcão em erupção", como disse P.J. Como refleti, muitas são as possíveis referências dessa metáfora e as possibilidades de significação, já que a "erupção" era tanto individual, quanto coletiva (nos guetos) e social, considerando os processos de abertura e contestação política e cultural da sociedade brasileira como um todo. Acredito que o vigor e a energia dessas memórias estão justamente na carga de liberação libidinal presentes nessas trocas, seja apenas pelas práticas sexuais ou pela criação de outros laços afetivos. São relatos de experiências que formam parte de um processo de liberação individual, mas também coletiva, repletas de potência e de uma libido que também imprime suas marcas sob as memórias. Entretanto, como apontam MacRae (1983) sobre o contexto brasileiro e Foucault (2016) em uma perspectiva europeia, essa liberação baseada na afirmação homossexual teria seus limites discursivos, como veremos nas duas próximas seções.

Ainda sobre a metáfora da erupção, é interessante notar como o ponto máximo (a explosão), que traz toda uma liberação, pode suscitar um questionamento temporal para além da posição e do momento em si da erupção. O que vem depois dela? Ou ainda, valeria a pena questionar o que vem à superfície com a erupção desde outras posições?

Nesse sentido, acredito que as próximas duas seções são cruciais para a significação dessas memórias, posto que, além de trazerem os elementos sociais mais conservadores que se rearticularam também frente a essa "liberação", mostra como, depois de um "ápice", viria a destruição e o medo de uma reação, protagonizadas pelo hiv/aids e pela repressão policial.

Narrativamente, é o ponto da virada. Se a dinâmica[174] rítmica era crescente, com a menção e relato de dois acontecimentos (a violência policial e a epidemia), passamos a observar uma diminuição gradativa (< = diminuendo) na liberação homossexual, refletindo nas próprias vivências pessoais.

3.3.3. Saudades do Dr. Richetti? A memória política

Na contramão[175] do ocorrido em países vizinhos que também vivenciaram anos de ditadura, como a Argentina, onde as pressões por verdade, reparação e justiça foram fortes o suficiente para instaurar os chamados *Juicio a las Juntas* pouco tempo após a queda da ditadura militar (Capelato, 2006), o acerto de contas com o passado da ditadura civil-militar brasileira ainda esboça tímidos avanços, prevalecendo "a ocultação dos acontecimentos, a negação do direito à verdade e de acesso à justiça, o que limita a articulação e a transmissão da herança daqueles anos de violência" (Teles, 2010, p. 253).

Uma breve consideração sobre o período de transição para a democracia no Brasil seria suficiente para elucidar essa ausência de transparência e responsabilização política que se expressam numa quase sistemática negativa de reparação àqueles atingidos pelo aparato de repressão do Estado nesse período e a inerente reprodução e continuidade de práticas de violência, conformando um problemático panorama, a partir do qual desprende-se em parte as razões pelas quais a instauração da Comissão Nacional da Verdade (CNV) ocorre apenas trinta anos após o fim da ditadura civil-militar brasileira (Teles, 2010, p. 253)[176].

Do ponto de vista legal, cabe destacar que, anteriormente à promulgação da lei 12.528/2011, sancionando a Comissão Nacional da Verdade, que passa a funcionar em 2012, um grande número de processos já tramitava na justiça, em movimentos marcados por idas e vindas em razão de interpretações divergentes de dispositivos jurídicos e em função de

---

[174] Curioso lembrar que a palavra dinamica vem do grego dynamos, que significa força.

[175] Nesse sentido, é oportuna a argumentação desenvolvida por Edson Teles e Vladimir Safatle (2010, p. 9-12) sobre o que denominam ser a "exceção brasileira", na qual tecem algumas relações entre o déficit democrático das políticas de transição e os resquícios de violência da ditadura brasileira que, todavia, podemos observar em nosso presente.

[176] Sobre esse aspecto, faz-se mister destacar as relações entre a temporalidade desde a qual parte a memória e suas relações com as versões e narrativas que são estabelecidas. Nesse âmbito, resulta oportuna a leitura do resumo de pesquisa do cientista político argentino Guillermo O'Donnell presente em Vezzetti (2007).

mudanças na legislação que estabelece as regras de acesso aos arquivos de Estado. Sem embargo, grandes avanços na questão ocorreram durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva e, principalmente, na presidência de Dilma Rousseff[177], que desde seus tempos na Casa Civil tratava da questão. Dessa feita, concordo com Marcos Napolitano (2015, p. 32) quando afirma que, durante os governos petistas, houve "o aprofundamento de uma política de memória do Estado, calcada na memória hegemônica, crítica ao regime militar e tributária da cultura democrática (grifo nosso)".

Esse contexto favorável é reconhecido por Renan Quinalha e James Green como um dos principais aspectos que contribuíram à articulação na CNV das discussões sobre ações persecutórias do Estado que tiveram as "homossexualidades"[178] como alvo persecutório. *Ditadura e homossexualidades*: trata-se de um empreendimento de memória que tem início durante a realização das Comissões da Verdade (Nacional e Estaduais), onde historiadores, pesquisadores e militantes LGBTTT participaram ativamente para discutir a repressão às homossexualidades e a resistência durante a ditadura civil-militar, com o propósito de demonstrar a atenção que a chamada questão do "homossexualismo" despertava nos órgãos de segurança pública nacional, e, portanto, a necessidade de ações de reparação: "a CNV tem que aprender com esse passado e ser parte da transformação que ainda hoje se espera da democracia brasileira, no sentido de prestigiar a diversidade e o respeito dos direitos humanos" (Green & Quinalha, 2015, p. 303).

Se há tempos existiam registros e ações pela história e pela memória[179] de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros em diversas partes do território brasileiro que versavam ou não sobre a ditadura e suas relações com às expressões de gênero e de sexualidades dissidentes, pode-se dizer que esse agenciamento de memória coletiva (Lifschitz, 2014) fomentou uma nova onda de pesquisas, produções audiovisuais e interesses pela temática, consolidando uma perspectiva de enquadramento político daquilo que poderíamos chamar de memória LGBTT. Este momento possibilitou e tem possibilitado a eclosão de diversas vozes

---

[177] Para além da Comissão da Verdade, o governo de Dilma sancionou a Lei de Acesso à Informação (lei nº 12.527/2011), revogando a lei nº 11.111/2005. Consultar: Joffily, 2012.

[178] Frente às limitações de espaço, não podemos nos estender em uma maior identificação desses atores, entretanto, resulta válido destacar que, para um leitor do campo das histórias da homossexualidade no Brasil, a opção pela terminologia "homossexualidades" não é fortuita e tampouco neutra, estando claramente vinculada a um entendimento conceitual e político de James Green.

[179] No sentido em que a expressão memória assume nesse trecho, entendemos que a construção de uma memória do passado LGBTTT se confundiria com a construção de uma história, sendo impossível dissocia-las. Sobre as imbricações entre memória-história, ver: Nora, 1993.

sobre esse período por parte daqueles que, historicamente, foram afastados da possibilidade de narrarem a história.

Nesse sentido, este capítulo é também reflexo desse movimento. Como já mencionado, minha ideia inicial de estudo partia da indagação da experiência/consciência política daqueles que não militaram nos grupos de liberação, considerando a diversidade de relações entre a ditadura e indivíduos dissidentes à heteronormatividade e a impossibilidade de uma narrativa *una* sobre a questão, com o reconhecimento da necessidade de mantê-la em aberta, posição necessária, conforme Jardim (2016, p. 246), quem conclui sua pesquisa da seguinte forma:

> A sustentação da postura de renúncia [o autor se refere à ideia da pesquisa enquanto conclusão] quanto ao tema da pesquisa pretende manter a escuta aberta para as vozes que ainda não puderam se fazer ouvir. A manutenção da questão em aberto intenciona mantê-la viva, respeitar seus mistérios e seus brilhos, e continuar desvelando e percorrendo seus caminhos.

Se identificava certa ausência da esfera do cotidiano e da ideia de um homem comum em detrimento da figura do militante como protagonista da "resistência" e a ditadura enquanto ator da "repressão", é importante pontuar que, ainda que as relações entre a ditadura e as homossexualidades tivessem sido formuladas parcialmente em escritos que versam sobre a história das homossexualidades e do movimento LGBTT no país, o nexo entre essas duas dimensões não figurava como foco analítico (Quinalha 2017, p. 17) até o recente momento de discussão pautada pela CNV e em trabalhos que individualmente começavam a elaborar esse trajeto.

Ou seja, se certas críticas hoje passam a ser passíveis de operacionalizações, é necessário reconhecer a visibilidade produzida por esse campo, a validade de suas propostas ao propor certo essencialismo estratégico (Spivak, 1985), tão necessário em contextos políticos marcados pela representação (Butler, 2003, p.) e a qualidade de seu labor historiográfico, tarefa pautada pela memória social em movimento que, por sua vez, dialeticamente, também foi tocada por ações de história (Napolitano, 2015).

Busco, portanto, nessa seção contribuir com esse campo, trazendo as cenas que continuam vivas na memória daqueles que vivenciaram este contexto em posições que, por vezes, confundem o binômio repressão e resistência, caso de Seu Lóris, quem apesar de trabalhar na "repressão", tentava "aliviar a barra" das travestis que prendia, ou até mesmo o caso de P.J., funcionário da baixa burocracia do DOPS. Encontramos também aqueles que, apesar da vivência da sexualidade dissidente, se sentiam mais ameaçados pela posição de

estudante e "a pecha de subversivo", caso de Bira. Regis e Rui, que apesar da percepção de uma repressão por parte de Richetti aos homossexuais, deixam bem claro que haveria uma lógica diferencial que operaria de acordo às identidades e expressões de gênero para além da cis-heteronormatividade: "sempre quem apanha são as bibas, né?", pontuou Regis.

Politicamente, escutei opiniões multissituadas no arco direita-esquerda: desde o saudosismo expressado pela súplica de Lóris pela volta de Richetti até asserções de que "todo mundo tinha medo", mas que, a partir das operações do delegado Richetti, especificamente, os frequentadores do gueto seriam mais punidos.

* * *

"Não podia, você não podia... não era por você ser ou não ser homossexual, mas pelo motivo do que você tava fazendo na rua". Seu Lóris, policial militar reformado, iniciou seu testemunho justamente pela explicação do motivo pelo qual os "homossexuais" seriam alvo de revista policial, dando ênfase, posteriormente, aos precedentes legais que a permitiriam e a certo juízo moral que identifica esse momento (o da ditadura) como aquele em que haveria mais respeito dos "homossexuais" com a sociedade e "entre eles": "Tinha um respeito muito grande".

A ideia de respeito emitida por Seu Lóris é tecida por meio de uma referência espacial. Refere-se à rua e ao que se poderia fazer nela, fazendo breves comentários sobre a Lei de Vadiagem e a prática de *trottoir* por alguns que, mesmo cientes da lei, "gostavam mesmo é de fazer trottoir".

Essa referência a uma possibilidade e/ou permissão do que se "fazia na rua"/"fora de casa" apareceu com frequência em outros testemunhos, como o de Lair, que também faz menção a essa divisão espacial:

> dentro de casa, eu era uma coisa, fora de casa eu era outra coisa. Sou o que eu sou desde sempre. Então, assim, hoje eu vejo o pessoal andando de mão dada na Paulista, se beijando na Paulista, eu fico às vezes "ah", olhando e pensando: "meu Deus", porque no meu tempo nada disso acontecia. Isso é uma coisa que acontece atualmente, no metrô então eu fico... **na época, não, nada disso era permitido** [grifo do autor].

No que parece operar no mesmo sentido, Bira relata que apesar de alguns espaços serem reconhecidos enquanto territórios de caçação *gay*, como os bares da região do Largo do Arouche, as pessoas não poderiam se beijar, pegar na mão, abraçar... *a menos que fosse a portas fechadas*: "você passava, era um grupo de gente sentada e como se fosse... como se não fossem gays, entendeu?".

Essa duplicidade de experiência, fruto do impedimento de habitar o espaço público conforme se desejava se configura como uma das principais restrições em termos de liberdade política que pude identificar durante as leituras dos testemunhos. Nelas, a ideia de "rua" se constitui como referência àqueles espaços públicos onde a experiência de práticas homoeróticas era proibida, seja pela ação policial ou pela própria violência que poderia ser efetivada por outros cidadãos. Ou seja, trata-se de uma composição semântica que determina "a rua", "o fora de casa", em síntese, o espaço público, como l*ocus* no qual não seria possível *ser* aquilo que se imaginava ser e/ou fazer aquilo que se desejava fazer.

Tomando como referência as discussões realizadas no capítulo anterior em que propus a divisão das práticas de caçação e de sociabilidade dissidente entre estratégias e táticas, pode-se perceber como o medo da violência policial operava como critério de separação entre um tipo e outro de prática, produzindo até mesmo certas inteligências e criatividades para o uso de alguns espaços públicos. Porém, vale relembrar que esse medo, segundo Bira, não era específico daqueles que tinham práticas homoeróticas, tratando-se de um medo compartilhado por todos: "Era universal [...] porque a polícia podia fazer o que ela quisesse [...] e ninguém podia fazer nada, ninguém pensava assim: "tenho direitos, eu tenho... onde estão os meus direitos?". Não! Quem tem direito é a polícia e de fazer o que ela quiser. Então você que tome cuidado de não fazer nada que eles não gostem, né?".

Desta feita, é crucial considerar a artificialidade que incorreríamos caso dissociássemos esse medo específico vivenciado por aqueles identificados como "homossexuais" daquele compartilhado por todos os cidadãos. Entretanto, este capítulo se baseia na ideia de que as experiências e percepções de violência seriam marcadas pela própria interseccionalidade dos distintos marcadores sociais que operam a diferença no Brasil, sendo, portanto, desnecessário reafirmar que os medos aqui narrados, ou até mesmo a percepção de "segurança" decorrente da ditadura militar, citada por parte de alguns, não devem ser lidas fora dos já mencionados limites dos testemunhos selecionados. À experiência dissidente em termos de gênero e sexualidade, teríamos que somar as questões raciais, de classe social, educacionais, entre tantas outras.

* * *

Para justificar a legitimidade de prisões arbitrárias de transeuntes pela rua, Seu Lóris menciona a Lei da Vadiagem, identificando sua etapa "vigorosa" no momento em que impera

o “respeito”, mas que logo cairia em desuso, em razão do aumento do desemprego. De que versaria tal lei? Qual a relação com o desemprego e a homossexualidade?

Do ponto de vista jurídico, faz-se mister afirmar que a “homossexualidade”, ou como se dizia até então, o “homossexualismo”, não era tipificado explicitamente pelo Código Penal de 1890, nem pelo de 1940, ainda que nas discussões iniciadas em 1938 para a mudança do Código, conforme Green e Polito (2006, p. 96), tenha se proposto o artigo 258, adicionado de cláusula, que, pela primeira vez, fazia referência às práticas homoeróticas de modo explícito, com a prescrição de “medidas de segurança adequadas às circunstâncias”.

Sobre o Código Penal de 1890, segundo leitura de Green e Polito (2006, p. 77-79), quatro artigos seriam utilizados de forma arbitrária para a prisão e demais explorações de homossexuais: art. 266 (Capítulo I – Da Violência Carnal); art. 282 (Capítulo V – Do Ultraje Público ao Pudor); art. 379 (Capítulo VII – DO Uso de Nome Suposto, Tïtulos Indevidos e Outros Disfarces) e art. 399 (Capítulo XIII – Dos Vadios e Capoeiras). Este último artigo, que punia aqueles que não exercessem “profissão, ofício, ou qualquer mister em que ganhe a vida” era majoritariamente utilizado para controlar as pessoas que viviam do sexo, formulando então o chamado Crime de Vadiagem.

Faço menção específica a esse artigo, pois com a mudança do Código Penal em 1940, proposta por Getúlio Vargas, a vadiagem passa de crime para contravenção penal, tipologia que, conforme Ocanha (2015, p. 155), surge para descrever crimes mais leves, sendo esta mudança em certo sentido uma necessidade do modelo de relação trabalhista adotado pelo varguismo. Ao estabelecer implicitamente a obrigatoriedade do trabalho regulamentado por lei (Ocanha, 2015, p. 155), o porte da carteira de trabalho assinada tornava-se uma prerrogativa da polícia para abordagens arbitrárias, dentre elas, a de travestis, homossexuais, lésbicas, entre outros “degenerados”[180], situação que seria também fomentada por uma infinidade de portarias em âmbito municipal e estadual para a repressão destes (Morando, 2015, p. 54).

Á época dos testemunhos, eram estes os principais entendimentos e dispositivos políticos e legais vigentes utilizados para a repressão aos dissidentes sexuais e de gênero. Uma situação em que, apesar de não serem considerados como criminosos pela legislação, o tratamento jurídico, político, midiático e social assim operava em relação com os “homossexuais”, como bem demonstram as recomendações jurídicas do guia Bandeirante Destemido (1981):

[180] Faço referência às discussões de Morando (2015).

> Pela Constituição brasileira, a polícia só pode prender em dois casos: flagrante delito ou por ordem escrita de autoridade competente (mandado judicial). Na prática, porém, prevalece a ARBITRARIEDADE e a chamada "prisão para averiguações" [...] Perante a legislação penal brasileira, o HOMOSSEXUALISMO não está previsto como "crime", mas é encarado pela polícia como "vício social" e, segundo a doutrina existente (em medicina legal), o comportamento homossexual é definido como "personalidade psicopata" [...] Portanto, a discriminação, embora ilegal, é efetiva. (Outra Coisa, p. 26).

Neste fragmento, chama-me a atenção a imbricação entre "vício social" e "personalidade psicopata", aspecto que pode nos conduzir a outra categoria política mencionada durante os testemunhos e que aponta para um aspecto todavia não ressaltado. Refiro-me à Doutrina de Segurança Nacional e, como diz Bira, "a pecha de subversivo":

> Mas naquela época, era uma coisa meio acintosa, porque eu era jovem, estudante, então tinha aquela coisa do "subversivo", né? Então a pecha de "subversivo", ela pairava sob a cabeça de todo mundo... [...] Porque como eu te falei, eu não era de ficar na rua, eu vou num lugar, entro lá dentro, tô lá dentro, saio e vou pra casa.

Para uma melhor compreensão do que viria a ser a subversão, as recentes contribuições de Benjamin Cowan (2015, 2017), Morando (2015) e Quinalha (2017) sobre o que podemos chamar como a política sexual da ditadura civil-militar brasileira explicam alguns dos traços que viriam a ser ressaltados justamente pela CNV, ou seja, a relativa centralidade do controle da sexualidade como parte do substrato ideológico que serviu de apoio social à ditadura: moral, família e bons costumes.

Ao tomar como base uma linha de análise que considera a articulação do conservadorismo no Brasil desde o período do Integralismo (Cowan, 2015, 2017), lançando mão de várias fontes de arquivo, como a Revista Militar e os estudos apresentados na Escola Superior de Guerra (ESG) na década de 1970, o trabalho investigativo de Benjamin Cowan aponta como a homossexualidade foi compreendida pelos setores conservadores como parte de um "complexo de desvios sexuais, culturais e morais que trariam o triunfo da subversão" (Cowan, 2015, p. 28). Nesse contexto, o autor explana como as já existentes ideias contrárias à prática de sexo entre homens, baseadas nos saberes difundidos sobretudo pela medicina legal, passam por um momento de transição na década de 1970 com a eclosão de uma identidade gay a nível mundial (Cowan, 2015, p. 29).

Mais do que a prática, essa identidade, na esteira de controle da ditadura das movimentações sociais de oposição, passa a ser considerada como um "complô arquitetado

pelos inimigos do estado". Ou seja, nesse momento, ocorre uma transformação destes saberes, ainda que em ambas perspectivas, "a homossexualidade foi associada com ameaças ao estado, à sociedade e à segurança nacional, que augurariam a dissolução social e, no contexto da Guerra Fria, o triunfo da subversão comunista" (Cowan, 2015, p. 30).

É curioso notar como o os argumentos que sustentam a noção de dissolução social em muito se baseiam no ideário da homossexualidade enquanto doença e seu potencial risco de contágio. Nesse aspecto, impossível não relacionar esse ideário com as postulações de Hocquenghem (2000), quando desenvolve o conceito de uma "paranoia homossexual". Nessa leitura, é interessante notar como fundações supostamente racionais e neutras, baseadas em abstratos esquemas individualistas e na ideia de uma natureza imanente, permitiram aproximar o "sujeito homossexual" e suas práticas à criminalidade, à perversão e à degenerescência, estabelecendo concomitantemente o fenômeno marginal em si, a normalidade e os mecanismos de controle e intervenção de um mal do qual o sujeito não apenas padeceria, mas também exporia a sociedade "como um todo" a um grande risco de contágio (Hocquenghem, 2000).

Alguns dos episódios desse período relatados por Cowan (2015, p. 33) ilustram essa transição combinatória. Em 1969, por suspeita de "subversão", representantes do Itamaraty no exterior foram investigados por "boatos de embriaguez, homossexualidade, prostituição, 'insanidade', inconformidade de gênero ou alguma combinação dessas infrações". Nessas operações de investigação, os suspeitos foram submetidos à exame médico e psiquiátrico (Cowan, 2015, p. 33). Nos anos 1960, na Revista Militar Brasileira, segundo Cowan (2015, p. 33-34), começa a ser discutida a relação entre declínio moral e homossexualidade. Em algumas edições, à homossexualidade acopla-se o temor aos novos meios de comunicação, a linhas filosóficas como a de Marcuse, e outros símbolos de transformação social, sentidos com grande ansiedade pelos ideólogos conservadores, como: o uso de entorpecentes e de anticoncepcionais, o enaltecimento do adultério, a prática do que hoje se entende como swing, entre outros temas (Cowan, 2015, p. 34)[181].

Sobre esse último aspecto, valeria retomar as considerações de Luis Morando (2015) sobre o conceito de degenerescência. Para o autor, junto aos homossexuais como grupos de preocupação para as forças de repressão devido ao seu potencial risco de contaminação,

[181] Sem embargo, para o pesquisador, o ápice da "inscrição da homossexualidade numa litania de transgressões vinculadas tanto com o a patologia social (e corporal), quanto com a subversão tomou sua forma mais impressionante nos foros de ideólogos de alto nível da ESG" (Cowant, 2015, p. 35). Foram nestes debates que a ideia de um ataque do MCI foi desenhada.

considerados, portanto, subversivos, desviados e anormais, estariam transviados, cabeludos, mulheres da vida, bêbados, usuários de drogas, entre outros (Morando, 2015, p. 56).

Sem adentrar na especificado dos mecanismos legais e paralegais utilizados para a repressão, movimento elaborado com destreza por Quinalha (2017), bastaria apenas mencionar que, considerando a mencionada preocupação da ditadura com a visibilidade desta identidade e de sua formação enquanto movimento social, a censura seria também outro dos focos de ação do governo militar. A fala de P.J. bem expressa esses dois focos de ação (repressão e censura), assim como elabora o caráter de "oposicionismo" como um dos critérios diferencias nas relações entre cidadãos e Estado:

> E na ditadura, eu acho que assim, ah... eu passei pela ditadura e não tive nenhum problema. Claro, quem não tinha, não era contrário ao regime, a vida ia, tocava, as coisas iam, só que quem não se incomodasse, por exemplo, de você estar andando na rua, para um policial, te pede o documento ou dentro de um ônibus passa a batida pra pegar documento. Então tinha esses inconvenientes **e também censura** [grifo do autor], de um jeito ou de outro, mas a vida ia.

Explicados os aspectos gerais, torna-se um pouco mais fácil de compreender o contexto sociopolítico que subjaz as memórias dos depoentes sobre os episódios de repressão mais duros vivenciados na transição dos anos de 1970 a 1980, em razão da nomeação de Delegado José Wilson Richetti para o 3º Distrito Policial da Seccional Centro em maio de 1980 e o início de suas operações de "limpeza" no centro de São Paulo: as operações Rondão e Limpeza, que levariam de 300 a 500 pessoas por dia, atingindo a cifra de 1.500 pessoas em uma semana (Perlongher, 1987, p. 94).

Em tempo, desde um ponto de vista psicossocial, torna-se também mais compreensível a angústia e o impedimento relatados pelos depoentes em vivenciarem livremente sua sexualidade e seus desejos. Com isso, não pretendo imputar à ditadura civil-militar todos os preconceitos e discriminações sociais, já que as bases da LGBT-fobia e da misoginia remontam a tempos anteriores a esse período (Vieira & Fracccaroli, 2018, p. 359-360). Entretanto, é preciso reconhecer o papel ativo jogado pelo aparelho ditatorial nesse sentido, visível tanto no campo bibliográfico, como nas interdições de habitar a condição humana relatadas pelos depoentes. Na intersecção entre o pessoal e o social, são corpo e cotidiano esferas claramente políticas, espaços de fronteira compreensíveis apenas a partir dessa imbricação, ou seja, elementos "difíceis de considerar apenas pelo lado do indivíduo ou apenas pelo lado da sociedade" (Gonçalves Filho, 1998).

* * *

A onda de repressão atribuída ao delegado Richetti foi, sem dúvidas, um dos principais acontecimentos que ordenaram a trama narrativa dos depoentes. Por mais que possamos encontrar referências a outras experiências de repressão ou medo de abordagens policiais, como em sessões em "cinemões", as operações de Richetti no centro parecem ter atingido a todos de uma forma sem precedentes, tratando-se de uma experiência certamente traumática[182].

Outro aspecto curioso a ser comentado é a também unânime percepção de que travestis, transexuais, pintosas e afeminadas estavam posicionadas alguns passos à frente quando os depoentes se referiam às experiências de violência policial, inclusive nas operações de Richetti. Segundo P.J., a visibilidade da dissidência seria um aspecto decisivo no que se refere à violência policial: "A ditadura foi dessa forma. Quem tava no armário vivia tranquilo, agora quem padecia mesmo e até hoje acho que é quem padece é o afeminado ou travesti. Travesti então...". Sobre essa situação diferencial, sintetizou Bira:

> Mas é lógico que as travestis e as afeminadas sofriam mais! Elas foram... na época do Richetti, foi terrível o que fizeram com elas, né? Eu lembro, mas eu não sofri a violência diretamente, mas eu sabia que ela existia e que ela estava acontecendo, o Luis, que eu te mostrei lá do quadro, ele foi preso numa dessas arrastões aí do Richetti, então os viados **também sofriam isso, não só as travestis, mas muito mais as travestis, porque ele levava, dava porrada mesmo** [grifo do autor], porque ele tava completamente empoderado pela ditadura e o Jânio Quadros dizia: "tem que limpar isso aqui", então era uma questão de higienização mesmo, de higiene pública. Então, quem tava na rua, por exemplo, se eu tava na rua, mesmo entendidinho, mas se eu tava no meio das travestis, se passasse, me levava também.

Nessa narrativa, percebemos algumas diferenças sociais entre as travestis e o "entendidinho", que, a partir desse entrelaçamento semântico, "pode ser" levado para a prisão **se** estiver junto às travestis. Lair também explica essa diferenciação ao contar que nunca "tomou um baile" na rua: "eu nunca tomei um baile na rua, aqui em São Paulo nunca fui achincalhado de qualquer forma, nunca fui...mas claro que tinha gente que sofria sim. Porque, assim, **quando você é muito pintoso, você normalmente vai ser discriminado**, **então** [grifo do autor], eu não

[182] Nesse sentido, é interessante observar que o impacto dessas ações foi tão grande a ponto de reunir para protesto em 13 de junho de 1980 o então fragmentado movimento homossexual de São Paulo (MacRae, 2018).

tenho experiência de discriminação nenhuma, eu nunca tive". Regis foi ainda mais assertivo em suas ponderações, dizendo que "nada mudou", já que essa diferenciação continuaria presente nos dias de hoje:

> Era a mesma coisa. Sempre, sempre. As bibas sempre tomavam no pau. As travecas que fazia, que ficavam fazendo ponto ou pra sexo ou não, polícia vinha, pegava, jogava no camburão e prendia. Aí elas faziam um escândalo, tirava a roupa, ficava pelada, gritava, levava porrada. Agora o gay mais heteronormativo, não acontecia nada disso. Por isso que eu digo que nada mudou.

Faz-se mister dizer que essa diferenciação encontra também alguns ecos na história, especificamente, em episódios anteriores às operações de Richetti. De acordo com Ocanha (2015, p. 157), de 1976 a 1977, o delegado Guido da Fonseca conduziu um estudo criminológico em São Paulo com 460 travestis, das quais 398 foram importunadas mesmo portando os documentos obrigatórios pela "Lei da Vadiagem", já que, além destes documentos, por designação da Portaria 390/1976, as travestis deveriam portar xerox dos documentos que deveriam ser encaminhados para a autoridade seccional com função de arquivo. Além disso, o pesquisador relata que as travestis eram obrigadas a assinar um Termo de Declarações, no qual deveriam prestar informações sobre renda, profissão, gastos, consumo de hormônios e valores de aluguel. A ênfase na imagem das travestis neste estudo é algo interessante a ser pontuado: "Sempre que possível, as sindicâncias serão ilustradas com fotografias desses pervertidos em trajes femininos que estiverem usando na ocasião, para que os MM. Juízes possam avaliar sua nocividade" (Fonseca, 1977, p. 76-77 apud Ocanha, 2015, p. 157).

A referência a esses episódios prévios e não relatados pelos testemunhos serve para indagar sobre certa posicionalidade das memórias relatadas, já que, em sua totalidade, elaboradas por sujeitos autoidentificados como homens e que, frequentemente, traçavam travestis e pintosas como alteridade. Por outro lado, tive também a intenção de demonstrar a preocupação com as travestis por parte do Estado e de setores conservadores, já que uma das principais razões, senão a principal, para que a onda de violência policial protagonizado por Richetti se iniciasse foi uma série de notícias e reportagens publicados por O Estado de S. Paulo, que levariam à produção do editorial de Lampião intitulado: "Um apelo da família Mesquita: prendam, matem e comam [sic] os travestis!", publicado em maio de 1980.

Trevisan (2018, p. 606) afirma que o fato que motivaria o "apelo da família tradicional" seria o caso de um suposto antiquário assassinado por uma travesti, que teria ocorrido na zona sul da cidade. Conforme o autor (Trevisan, 2018, p. 607), esse suposto crime motivaria o então

delegado da zona sul, Paulo Boncristiano, e o coronel da Polícia Militar, Sidney Palácios, a traçarem ações em conjunto para a repressão de travestis e homossexuais, com a pretensão de juntar a Polícia Militar e Civil para "tirar os travestis dos bairros residenciais, reforçar a Delegacia de Vadiagem e destinar um prédio (o desativado prédio do Hipódromo) para abrigar especialmente homossexuais".

Perlongher (1978, p. 91) entende a insurgência dessas ações policias e o apoio social que tiveram como reações ao que denomina como a "explosão gay" no centro da cidade (tema tratado na seção anterior) cujo ponto culminante seria o verão de 1980, onde o centro foi "praticamente ocupado por massas de bichas, *gays*, travestis, marginais, bofes, prostitutas, etc" (Perlongher, 1978, p. 92). O autor ainda explica, territorialmente, que o apoio social às ações de Richetti decorreram da razão de que o Largo do Arouche, a Praça Roosevelt e demais pontos de sociabilidade dissidente no centro estariam circundados por prédios residenciais de classe média e restaurantes de luxo.

Também de acordo com essa interpretação, MacRae (2018, p. 287) aponta um relativo clima de "abertura" da ditadura e uma gradual liberalização da censura, fatores que teriam contribuído a um clima de maior segurança dentro do gueto, ponto comentado por Regis ao dizer: "eu me sentia seguro no gueto, eu não sentia que se eu tivesse num bar, se eu soltasse, se eu desmunhecasse, que ia vir alguém e ia dar porrada. Não. Como se tivesse paredes invisíveis que te protegiam".

Pintada até mesmo como a "San Francisco do Brasil", MacRae (2018, p. 287) comenta que se já era comum a postura homofóbica e pró-policial de jornais como *Notícias Populares* e *Folha da Tarde*, a novidade seria tal série de artigos publicados pelo *O Estado de S. Paulo* em campanha pela erradicação das travestis, sobretudo, quando localizadas em bairros de residência da classe média alta paulistana, como a Avenida República do Líbano: "Esses artigos eram de uma violência inusitada para o sisudo jornal, embora sua tônica anti-homossexual não fosse nova para a empresa onde se dizia que a Família Mesquita, dona do jornal, normalmente censurava qualquer tipo de referência à homossexualidade" (MacRae, 2018, p. 287).

Figura 21. Coluna Opinião de Lampião, ano 2, número 24, maio/1980.

OPINIÃO

Um apelo da tradicional família Mesquita: prendam, matem e comam os travestis!

Tendo como ponto de partida um crime cometido por travestis numa zona residencial de São Paulo, o jornal "Estado de São Paulo" publicou nos dias 28 e 29 de março duas reportagens em que, com a escusa de prestar serviços públicos, comentava a invasão destes nas ruas da Capital e alertava a população para "o perigo dos travestis". Aparentemente úteis e até didáticas às pessoas alheias ao assunto, as reportagens porém revoltaram os mais esclarecidos porque o sisudo jornal, que sempre evitou referências ao homossexualismo em suas páginas, fazia-o então, mas de forma incitadora de violência, essencialmente

ideologia do sistema. Assim, além dos homossexuais, as feministas, os negros, os índios, etc. e tantos quantos reivindiquem direitos, poderão ser enquadrados e... com o requinte de delegacias e prisões especializadas.

Ocorre-me, de repente, um lapso por esquecimento ou ingenuidade: em matéria de **especializadas**, já tivemos até bem recentemente prisões políticas e temos em pleno funcionamento os hospitais (?) para loucos e a própria FEBEM, que mal disfarça a sua missão geradora de marginalizados irrecuperáveis. A lista desses "es-

HARTUR

Fonte: Grupo Dignidade

De uma "explosão gay" à repressão, essa parece ser a referência de Seu Lóris ao explicar o antes e depois de Richetti: "E existia, aí depois apareceu o Richetti naquela época, aí começou a por ordem no galinheiro, que era muito coisa". Sobre o delegado Richetti, Fernandes (2015, p. 135) o caracteriza como um "obscuro chefe de carceragem do DEIC, na cidade de Guarulhos", que com a mudança do Secretário de Segurança Pública, passa a ocupar o posto de delegado do 3º Distrito Policial do Centro a partir de maio de 1980. Segundo Trevisan (2018, p. 605-6), Richetti se vangloriava de ter expulsado as prostitutas de São Paulo e criado a zona de meretrício em Santos, na década anterior.

Com o apoio do Secretário de Segurança Público, do chefe do Departamento de Polícia da Grande São Paulo, delegado Octávio Gonzaga Jr, que na década passada havia executado a Operação Camanducaia[183], Richetti começaria as operações "Limpeza" e "Rondão" em maio de 1980, executadas por diversas regiões do centro de São Paulo (Trevisan, 2018, p. 606).

As operações consistiam em batidas policiais e invasões policiais nos espaços frequentados pelos sujeitos dissidentes. Segundo o próprio delegado, que contou com o apoio de comerciantes e vizinhos da área (Perlongher, 1978, p. 93)[184], o objetivo seria tirar "pederastas", "maconheiros" e "prostitutas" das ruas. Como explicitam os testemunhos,

[183] A chamada "Operação Camanducaia", realizada em 1974, consititui em operação na qual "menores infratores" de São Paulo foram capturado e removidos para o interior de Minas Gerais, sendo soltos sem roupas no meio da cidade (MacRae, 2018, p. 288; Trevisan, 2018, p. 606). Além disso, Trevisan ainda aponta que Richetti

[184] "Centenas de cartas e telegramas de apoio e, pelo menos, 60 abaixo-assinadors com cerca de duas mil assinaturas de comerciantes e moradores do centro da cidade de São Paulo". Folha de S. Paulo, 15 de Maio de 1980 In: P

camburões e os chamados carros de chapa fria (Trevisan, 2018, p. 606) percorriam o centro, levando aqueles que não tivessem carteira de trabalho assinada para a delegacia. Conforme Fernandes (2015, p. 135): "Nestas operações invadiam bares, boates, restaurantes, saunas, cinemas de pegação, praças, ruas e parques. Foram cometidas tantas arbitrariedades contra a população-alvo do delegado que Richetti chegou mesmo a rasgar vários habeas corpus concedidos por juízes às prostitutas e travestis alegando: "a lei aqui sou eu".

Como efeito das operações, como relatam os testemunhos, o gueto se esvaziaria e o medo se tornaria a tônica geral para todos, inclusive para os que não eram dissidentes, mas que frequentariam esses espaços, como diria Rui. Entretanto, valeria lembrar que anteriormente às operações, já havia uma forte hostilidade por parte dos moradores do Arouche com aqueles que frequentavam os estabelecimentos da região e uma pressão para o esvaziamento do local, como é possível ler no Jornal do Gay publicado alguns meses antes às operações de Richetti:

> Os redatores do Jornal do Gay estiveram no local e constataram que os gays frequentadores do local constantemente saem encharcados de água que os moradores de prédios jogam nos que transitam nas calçadas. Além da água jogam também muitas coisas que podem ferir os menos avisados. [...] Enquanto ninguém se pronuncia, os gays paulistas continuam desfrutando do largo para suas caçadas e badalações noturnas. Afinal quem ganhará essa briga? Sugerimos que todos os gays demonstrem sua solidariedade para com os frequentadores do Largo, passando a frequenta-lo também[185].

* * *

Dos seis depoimentos, o que talvez mais tenha me chamado atenção foi o de Seu Lóris, policial que realizou algumas dessas batidas policiais e que, ao relembrar essas experiências, deu indícios de qual seria o tratamento dado a esses cidadãos e cidadãs, apesar de afirmar que tentava atenuar "confusões" em seu trabalho, relembrando a prática de travestis de se cortarem para evitar os abusos que aconteciam na delegacia:

> Aí eles punham eles pra lavar banheiro, punha pra... como que fala? É, punha pra varrer, é castigo. Chá de banco. E muitas deles, isso daí foi muito triste, se cortava... nossa, cada uma. Tinha muita gente que se deformou se cortando. Não sei se teve gente que morreu, porque a gente não ficava sabendo, né? Mas era, e na repressão daquela época, na repressão não tinha isso, depois é que veio.

[185] "Heteros contra gays em São Paulo". Jornal do Gay, n. 6, 1980

Essa percepção de que "era a repressão da época" e "depois é que veio", como o sinônimo de um estado político regido pela não existência de leis ou, melhor dito, pela arbitrariedade dos agentes policiais, é muito próxima do sentimento relatado por Bira, já citado anteriormente, ao dizer que não existia "essa coisa de meus direitos":

> Não adianta mostrar holerites milionários se você é uma bicha desmunhecada. 'Quem for viado pode ir entrando no camburão'. Leis, constituições direitos? Até prova em contrário, todos os cidadãos são suspeitos. É por isso que o Centro de São Paulo agora anda em paz: pelas ruas passeiam apenas bandos de policiais. (Trevisan, 2018, p. 607).

Nesse âmbito, o relato de Jacque Chanel, mulher transexual que trabalhou pelas ruas de São Paulo durante a década de 1980, elucida que até mesmo quando "se cumpria a lei", apresentando os documentos demandados, era comum que fossem levadas para a delegacia:

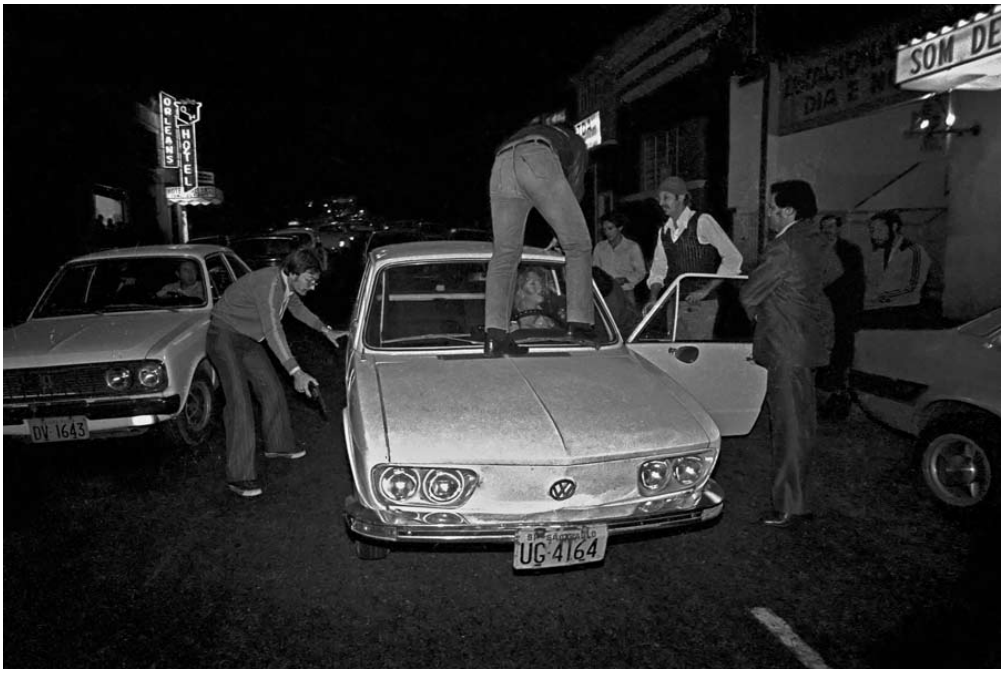
> eles chegavam na avenida e jogavam como se chama aquilo, um refletor, um holofote, jogavam aquilo na cara da gente, uma luz muito forte, e diziam assim: "entra aí, vagabunda". É... pra entrar no caminhão, tinha um caminhão atrás da viatura, e a gente entrava naquele caminhão sem tar fazendo absolutamente nada, sem ser bandida, mas a gente era tratada dessa forma [...]A gente assinava um termo lá, aí eles liberavam a gente no dia seguinte, entendeu? Aquele monte, um monte, um caminhão cheio e quando chegava aquilo em dava tanta raiva, e eu anotava a placa do carro, e ele dizia: "não adianta vagabunda, não adianta tu anotar a placa não", entendeu. Aí levava a gente, aquilo gente, **aquilo era todo dia, era uma coisa banal** [grifo do autor].

Relatando outra experiência marcada pela vivência cotidiana com a arbitrária e violenta atuação policial, Jacque relata uma ocasião em que foi presa por estar "circulando pela rua" em certo horário e o policial teria implantado um estilete em sua bolsa, valendo do que ela nomeia como uma fama atribuída às travestis "de cortar todo mundo". Entretanto, o "se cortar" referido por Seu Lóris remete a uma estratégia de travestis e transexuais para se livrarem da violência que ocorria nesses enquadres policiais, que seria a de cortarem os pulsos e outras partes do corpo para serem encaminhadas para hospitais, evitando assim práticas de tortura e demais abusos nas delegacias.

Se a memória de Seu Lóris não nos permite aceder ao que de fato ocorria portas adentro das delegacias durante essas operações, relatos jornalísticos e midiáticos que, à época denunciaram as práticas de Richetti, dão conta dessas histórias. Trevisan (2018, p. 607) indica

que o primeiro escândalo foi noticiado pela revista Istoé, com a publicação de foto em que uma travesti aparece sendo pisada por um policial durante uma revista.

Figura 22. Travesti sendo violentamente abordada por policias durante as operações de Richetti.



Fonte: Foto de Juca Martins, disponível online em Memorial da Democracia.

Figura 23. Após abordagem em seu carro, travesti é violentamente jogada no chão.

Fonte: Foto de Juca Martins, disponível online em Memorial da Democracia.

Figura 24. Travesti é presa. De gravata, o torturador José Wilson Richetti.

Fonte: Foto de Juca Martins, disponível online em Memorial da Democracia.

Logo foram divulgados casos como o da prostituta Idália, que havia se atirado do segundo andar da delegacia para escapar das violências sofridas ou até mesmo se matar diante tanta violência (Trevisan, 2018, p. 607). Entre as práticas de tortura, estavam "banhos de água fria [...] porradas que arrancavam dentes, quebram pés e provocam abortos [...] extorsões mascaradas em fianças altíssimas para serem liberadas e roubos sistemático de objetos de valor ou dinheiro, no ato da prisão" (Trevisan, 2018, p. 607). O próprio Richetti foi acusado de realizar esses atos, como indica também Trevisan (2018, p. 607): "[...] é o próprio Richetti quem esmurra as costas ou a cabeça das mulheres que deixam a prisão, exigindo que mantenham o bico calado [...] E um travesti relata como Richetti abriu uma gaveta e fechou violentamente, prendendo seus seios".

Considerada a já percebida distribuição diferencial de humanidade (Bento, 2018; Butler, 2018) deste período, é possível entender porque apenas com a prisão de um sociólogo do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, que esteve desaparecido por três dias (Trevisan, 2018, p. 608), maiores manifestações políticas ocorreram, com a manifestação do Comitê Brasileiro da Anistia. A partir desse fato e a representação judicial interposta por Hélio Bicudo com o pedido de prestação de esclarecimento em face das denúncias registradas contra o delegado, é que Richetti passa pela primeira vez a ser contestado politicamente, ainda que, conforme relata MacRae (2018), apesar do impulso inicial, no dia em que se encaminhou a Assembleia

Legislativa do Estado de São Paulo, efetivamente, nenhuma medida rígida tenha se tomado contra o delegado em razão de uma série de incidentes e o pouco apoio por parte políticos que inicialmente haviam se comprometido com as denúncias, mas que teriam retrocedido com medo das reações de seus respectivos eleitorados.

Houve também a organização da famosa manifestação no centro por parte do grupo SOMOS, o Grupo de Ação Lésbica-Feminista e o Grupo Outra Coisa de Ação Homossexualista. Mencionada em quase todas a bibliografia que versa sobre o período (MacRae, 2018; Trevisan, 2018; Green, 2000; Fernandes, 2015; Perlongher, 1978), parece-me curioso como nenhum dos depoimentos fez menções a esse ato. Nenhum dos depoentes relatou ter participado da manifestação, sendo esparsas as menções ao movimento organizado pela militância. Sobre esse abismo entre o que se entende como a "política" e o "cotidiano", gostaria de finalizar essa seção.

Figura 25. Fotos dos protestos de 13 de Junho contra a violência policial.

Fonte: Foto de Juca Martins, disponível online em Memorial da Democracia.

* * *

Apesar da percepção de que existiam abusos policiais, inúmeras repressões, e em alguns casos, até mesmo a percepção de que por trás desses atos, haveria uma ditadura, chamou-me a atenção o fato de como operaram certas diferenciações entre o que seria "a política" e o que seria o cotidiano vivenciado por esses sujeitos e suas experiências.

Essa distância da "política", de forma intencional no caso de Regis ou pela falta de interesse no caso de Bira, parece ser um dos traços marcantes da ditadura civil-militar brasileira (Ansara, 2008). Entretanto, é preciso retificar a expressão. Não tratar-se-ia de distância da política, mas sim de distanciamento de experiências de participação política em si, o que é

muito compreensível quando pensamos nos cerceamentos de instituições de representação, de oposição e de debate público pela ditadura civil-militar.

Em alguns casos, como o de Rui, esse medo viria de experiências traumáticas ou até mesmo de uma não-percepção do contexto político enquanto tal: "Então, assim, eu tive assim uma certa trauma e nessa época, essa coisa de militância 60, início de 70, e eu em 1970 eu tava maravilhado com Copa do Mundo, o Brasil ganhando Copa do Mundo, eu não tava preocupado com guerrilha, nem ouvia falar, não sabia o que era guerrilha, né". Aqui entendemos também alguns dos motivos pelos quais a ditadura tomaria certa cautela com a repressão dos espaços de lazer, explicitados em seção anterior.

Essas percepções também vão de encontro com a de P.J., quando diz que a vida poderia correr sem restrições durante a ditadura, **desde que** não se tomasse ações de contestação ou oposição ao Estado ditatorial e suas práticas. É nesse contexto social que entendo que sejam possíveis opiniões como a de Regis, posto que a ditadura tal como a concebemos comumente, ou seja, como um bloco homogêneo e monolítico, não existiu como tal.

Em um momento de distensão lenta e gradual da ditadura civil-militar, em que certas práticas já eram permitidas desde que circunscritas a territorialidades específicas, parece-me plausível que certas experiências individuais não tenham sido tão marcadas pelas repressões como outras. Para além da mencionada diferenciação da violência decorrente das performances de gênero, claramente, operavam também critérios de classe social, escolaridade e raça. Como Fernandes (2015, p. 135) faz questão de apontar, Richetti não fazia batidas pelas casas noturnas da chamada Boca do Luxo. Ou seja, qual é o gueto seguro a qual se refere Regis? Essa interpretação é corroborada por outra parte do testemunho do próprio Regis, ao questionar os limites do que se entende como "gay" ou "homossexual", fazendo menções a experiências de pessoas com desejos e práticas dissidentes nas periferias dos grandes centros ou no interior.

Paralelamente, também é importante destacar como nas memórias, ainda que Richetti apareça com o apoio da ditadura, sua ação é interpretada de forma deslocada de um contexto político-social mais amplo, sendo mais diretamente relacionada ao movimento anterior de liberação sexual e as experiências pessoais no gueto, por exemplo. Nas composições semânticas, Richetti aparece como fator de cerceamento de um momento crescente em termos de liberdade sexual. Movimento de interpretação similar à significação que se dará à epidemia de hiv/aids, como veremos na seguinte seção.

O que trato de dizer é que nessas leituras das operações de Richetti, poucas vezes foi utilizado o conceito da "ditadura" tal como a concebemos hoje, o que entendo ser em razão do

próprio condensamento que o termo hoje traz, fator que ocorre parcialmente em face da ausência de um complexo de significações que um dia esteve vivo (Bosi, 2013a, p. 20). Ou seja, assim como atualmente dizemos viver em uma "democracia", numa era de direitos humanos, mesmo sabendo dos alarmantes números do genocídio de jovens negros no país e a continuidade de práticas de violência policial e de arbitrariedades do sistema de justiça, é necessário pensar como no passado também existiam diferentes vivências e percepções valorativas, sempre posicionadas (Haraway, 1995), claramente, mas que juntas e de muitas formas, compunham um todo.

Destarte, resulta oportuno reconhecer a existência passada e presente de um estado de exceção[186] não apenas para LGBT's, mas mulheres, negros, pobres, indígenas, entre outros, onde operaram e seguem operantes distribuições diferenciais de precariedade (Butler, 2018, p. 41), nas quais, politicamente, certos grupos sofrem de uma condição de precariedade politicamente induzida, sendo assim, expostos a maiores riscos de "doenças, pobreza, fome, remoção e vulnerabilidade à violência sem proteção do Estado" (Butler, 2018, p. 41).

Isso não significa um abrandamento do peso da ditadura civil-militar brasileira, muito menos a justificação de opiniões favoráveis a esse arranjo político ou que o flexibilizem e/ou questionem. Pelo contrário, a permanência de traços que restam da ditadura (Teles & Safatle, 2010) demonstra a necessidade de se discutir cada vez mais o tema (Adorno, 1986), tanto quando localizado no que se diz ser o passado, quanto o presente, buscando condições para que ocorra aquilo que Arendt entende como o alargamento de mentes, com o objetivo de que experiências como estas não se repitam e/ou continuem a se reproduzir. Valeria lembrar a leitura de Meleau-Ponty por Bosi, quando diz que "o tempo da lembrança não é o passado, mas o futuro do passado" (Bosi, 2003c, p. 67).

Por último, entendo ser a distância das experiências relatadas do que seriam "A política" ou "A história" como sintoma do afastamento de grande parte da população brasileira e, no caso de análise, sobretudo, as pessoas LGBT's, das possibilidades de enunciarem[187] e escreverem os saberes que governam sobre si (Vieira & Fraccaroli, 2018, p.) e registrar suas histórias e memórias. Considerando os objetivos traçados e uma das indagações da qual parte

---

[186] Como apontam Silva & Bettine (2018, p. 59), ao elucidarem o conceito de estado de exceção e homo sacer do filósofo Giorgio Agamben: "O *homo sacer* é o ser humano excluído das relações políticos, excluído da comunidade política. Representa, hoje, o indivíduo à mercê do tráfico ou das milícias urbanas, o indivíduo encarcerado privado de qualquer humanidade, o indivíduo torturado em Guantánamo, os indivíduos em diversas outras situações que, por algum motivo, são qualificados como de segunda categoria".

[187] "Se há uma relação que une época e narrativa, contém verificar se a perda do dom de narrar é sofrida por todas as classes sociais; mas não foi a classe dominada que fragmentou o mundo e a experiência; foi a outra classe que daí extraiu sua energia, sua força e o conjunto de seus bens" (Bosi, 2003a, p. 25).

o trabalho, é importante indicar o abismo entre a narrativa "dos militantes penetrados de consciência histórica e a dos que apenas buscaram sobreviver" (Bosi, 2013a, p. 19)

3.3.4. "Aí foi um baque": a aids e o retorno do recalcado

> *"Arquipélagos de lentejoulas, toucados de penas iridescentes (em cada requebro da coxa trepidante, as galas de cem flamengos que flutuam no ar tornado um pó rosada), constelações de purpurinas transformando o rosto numa máscara a mais, como esses bonecos de Martha Khun-Weber tão fascinantes quanto horríveis dependendo do perfil, toda uma alvenaria kitsch, de uma impostada delicadeza de uma estridência artificiosa, desaba sob o impacto (é preciso dizê-lo) da morte. A homossexualidade (pelo menos a homossexualidade masculina, que dela trata-se) desaparece do cenário que tão rebuscadamente armara, some de mansinho, apaga-se como a esfumação de um pincelinho em torno da pestana rígida, melada". (Perlongher, 1992)*

Lembro bem do tom provocativo e sarcástico de Rui ao deslocar a palavra *punk* da referência à qual havia utilizado inicialmente, tom presente também nas frases que a sucederam, ao brincar com o duplo sentido do nome do bairro paulistano em que residia durante o início da epidemia do hiv/aids[188]:

> aí que veio a parte *punk*, mas não de estilo musical, que foi a coisa da aids. A coisa da aids, cê tava assim com essa pulsão sexual dos anos 80, ela tava acontecendo quando veio a aids. E ninguém sabia muito bem o que era naquela época. Eu morava no *Paraíso*, acho que eu vivi porque eu não *tava* no inferno...

Uma das tantas metáforas (Sontag, 1989) que seriam utilizadas para descrever esse momento que talvez constitua o maior ponto de clivagem temporal nas narrativas escutadas. Certamente, mais do que a experiência de repressão protagonizado por Richetti. Experiência que, por vezes, escaparia às palavras e traria à tona o absurdo e talvez por isso apenas possível de ser relatada por meio de expressões metafóricas, linguisticamente entendidas como estas contradições significantes que dizem algo de novo acerca da realidade (Ricœur, 2018, p. 77)

* * *

[188] No texto, opto pela grafia do termo em minúsculo tendo em consideração as críticas formuladas por Miskolci e Pelúcio (2009, p. 127) sobre o pânico sexual (e eu diria também moral) em torno da aids, sendo a grafia em minúsculo uma opção política para questionar esse pânico.

Um baque, uma freada, precisou tirar o time de campo, aí foi que a porca torceu o rabo, aí acabou, né? Pelo uso de diferentes expressões, sobretudo, pela produção de metáforas (Sontag, 1989)[189], a imagem da epidemia se constituiu narrativamente como a ruptura de um tempo, figurando como principal acontecimento que assustaria pela morte rápida e instauraria um novo ordenamento nas relações sociais para dentro e para fora dos guetos. Estabelece um antes e um depois, crucial ponto de conjunção para a compreensão do todo narrativo que se buscou relatar.

Depois de uma suposta abertura ou pelo menos do relato da percepção de uma maior liberação sexual em nível individual e/ou coletivo, as narrativas produzem em certo sentido um retorno ao amargo por vezes relatado em momentos anteriores, como aqueles presentes na infância e na adolescência, em especial, aos sentimentos produzidos pelo escárnio e pela humilhação social (Gonçalves Filho, 1998) decorrentes de uma compulsória identificação/enquadramento enquanto sujeitos desviantes e a negação de habitar a condição humana. Em síntese, parece ser a volta da sujeira inicialmente relatada, volta que ocorre *coincidentemente* após algum período de prazer no gueto, de certo declínio do saber-poder da medicina e também de uma suposta superação de parte dos sentimentos negativos associados à dissidência sexual.

Talvez aqui fosse o momento de explicar o uso do "recalcado": um antes 'amargo' que se apaga (é recalcado) no 'suposto' período de liberação, que se quebra e traz à tona tudo de novo, escancarando ali algo do traumático. O que escapa novamente é algo da 'verdade' social, historicamente construída e alterada – sujeira colocada para embaixo do tapete. "O retorno do recalcado consiste no fracasso do recalque e na irrupção do recalcado à superfície" (Coutinho Jorge, 2005).

Entretanto, trata-se de movimento que apesar de rearticular elementos anteriores, advém em nova configuração e com efeitos que não eram/são totalmente conhecidos. *"Aí deu uma segurada"*, comentou Regis, que identifica até hoje os efeitos da epidemia sob as sexualidades dissidentes, movimento sempre relatado em sua força retrativa, que o leva até mesmo a cunhar

[189] Caberia observar, no entanto, que a utilização do conceito de metáfora de Sontag opera parte do entendimento de Aristóteles, que considera a palavra como unidade semântica, enquanto a compreensão de Ricœur (2018, p. 72) dá ênfase a criação de sentido por meio da semântica da frase, isto é, a metáfora obtém seu sentido não por substituição ou deslocamento de palavras apenas, mas sim como fenômeno de predicação e não de denominação, isto é, só obtém seu sentido a partir "da tensão de dois termos de uma enunciação" (Ricœur, 2018, p. 72). Ou seja, não trata-se da substituição da palavra aids por guerra, por exemplo. Haveria que atentar-se ao que as expressões metafóricas dizem em nível de frase.

o termo “homossexualidade abstêmica”, percepção próxima da relatada por Bira ao dizer: “teve muita gente que ficou neurótica quanto à sexualidade e que tá neurótica *até hoje*, né”. Esta parece ser a mesma referência dos comentários de Sontag (1989, p. 86-87) ao observar como o advento do hiv/aids inseriu até mesmo *uma nova compreensão temporal* nas práticas sexuais, configurando o medo delas como novo registro:

> O medo da aids impõe a um ato cujo ideal é a experiência de puro presente (e criação do futuro) uma relação com o passado que não pode ser ignorada, a menos que se queira pôr em risco a própria vida. Agora a sexualidade não mais retira da esfera do social, ainda que por um momento apenas, os que a ela se entregam. Não pode mais ser encarada simplesmente como uma relação a dois: é toda uma cadeia, uma cadeia de transmissão, vinda do passado.

O que trato de dizer é que ao movimento de retração, ou seja, a volta a um ponto anterior, somar-se-ia as sensações de horror, terror, medo e angústia, termos que se relacionam ao traumático e que foram utilizados para descrever esse momento/movimento (não desejado) desde a perspectiva daqueles que todavia não sabiam de que se tratava efetivamente tal epidemia, mas que, em pouco tempo, já teriam que lidar com os deletérios efeitos psicossociais provocados pela rapidez das mortes e uma instantânea associação da doença com as sexualidades dissidentes: “Falavam a peste gay naquela época, tava muito associada aos homossexuais, foi persecutório” (P.J.).

Figura 26. Charge de Michele Iacocca ilustrava o artigo de Perlongher (1985)

Fonte: Revista Lua Nova, v. 2, n. 3, 1985.

Em suma, tal composição temporal poderia ser resumida da seguinte forma: após um suposto ponto máximo das possibilidades de experiências sexuais, parece haver ocorrido a volta daquela sujeira narrada em episódios anteriores com maiores requintes de dor e medo, uma vez

ameaçada a própria vida, sem perspectivas de tratamento e com a culpabilização de certos grupos sociais, a criação de comunidades-pária e a insurgência de um mecanismo de responsabilização extremamente individualista (Sontag, 1989).

Faz-se mister perceber que este movimento é também uma reação às ideias "subversivas" dos anos 1960, oportunidade ímpar de mobilização ideológica (Sontag, 1989, p. 15) contra um conjunto discursivo que já era alvo de preocupações político-sociais por parte do Estado e de grupos sociais conservadores anteriormente, como bem descrevem Cowan (2015, 2017), Quinalha (2017) e Morando (2015) sobre o contexto brasileiro. Concomitantemente aos avanços da medicina e a percepção de um "fim" das doenças venéreas, a chamada revolução sexual teria contribuído para o usufruto do corpo e talvez produzido uma falsa percepção de que as obsessões culpabilizantes em torno do sexo haveriam, por fim, cessado. (Birman, 1994, p. 111)

Esta compreensão, que viria a se mostrar deveras problemática, é didaticamente ilustrada em resposta à carta de leitor no Lampião da Esquina, em que a justificativa para a defesa de práticas de uma sexualidade livre seria o próprio bem-estar e saúde, incluindo até mesmo referências biológicas: "[...] transar (qualquer que seja a forma de transação) é gostoso, é saudável, combate à cárie, faz um bem enorme à pele **e, acima de tudo, não dá câncer** (grifo do autor)[190]".

Concepções, declarações e práticas como estas acabaram por figurar como recursos para aqueles setores político-sociais dedicados às tradicionais e ainda tão presentes argumentações que constroem conexões causais/temporais que intencionam explicar qualquer suposto declínio político/crise moral percebido como efeito de uma "frouxidão moral" (Sontag, 1989, p. 65; Moscovici, 2012; Butler, 2015), frouxidão que, naquele momento, se configurou como uma difusa "política de vontade para se aproveitar dessa paranoia [a epidemia]" (Sontag, 1989, p. 65).

Desde o que parece ter sido essa situação de retorno aos mais antigos terrores e estigmas à sexualidade poliforma atualizados em sua mais nova forma (Birman,1994, p. 112) para aqueles que a habitaram, é que Perlongher opta por deixar para um amanhã histórico a análise da contiguidade entre esses dois tempos, centrando então sua operação de análise nas percepções e sentimentos desde seu aqui e agora, reconhecendo a importância de registrar tais percepções contemporâneas:

---

[190] "Assumir o quê". Seção Cartas na Mesa. Jornal O Lampião da Esquina, n. 1, p. 14, 1978.

> Seja lá o que for, há uma coincidência. Caberá aos historiadores determinar a força e a qualidade da irrupção mórbida no devir histórico, compreendê-las. Aos que agora sentimos esses acontecimentos não pode escapar a sinistra coincidência entre um *maximum* (um esplendor) de atividade sexual e a emergência de uma doença que utiliza os contatos entre os corpos (e usou, em Ocidente, sobretudo dos contatos homossexuais) para se expandir em forma terrificante, ocupando um lugar axial na constelação de coordenadas do nosso tempo, em parte por se registrar aí a atraente (por ser misteriosa e ambivalente) colusão de sexo e morte. (Perlongher,1992, p. 40)

Nestor Perlongher, em outra produção textual (1985), descreve de modo mais enfático essa curiosa contiguidade, fazendo clara referência a alguns dos eventos que a caracterizariam como um "dispositivo de moralização que busca[ria] reordenar os corpos e suas paixões" após o chamado desbunde (*desbumgay*) e "seus excessos" e, talvez por coincidência, ao mesmo tempo em que se havia retirado a homossexualidade das listas de doenças do Conselho Federal de Medicina: "Com a desculpa do combate à aids, se tentaria estabelecer uma nova ordem sexual, na qual a homossexualidade pudesse ser tolerada ao preço da sua disciplina e autocontrole" (Perlongher, 1985).

Essa "derrubada de máscaras", esse algo que já estava aí e que com o advento do hiv/aids foi revelado é também comentado por João Silvério Trevisan (2018, p. 399), que a partir de citações a Antonin Artaud e à obra seminal de Sontag, comenta essa compulsória associação da aids com a "homossexualidade", como castigo à uma comunidade de licenciosos (Sontag, 1989, p. 55), de retorno daquilo que tudo permaneceu a despeito das frágeis e relativas conquistas éticas e políticas dos anos anteriores (Birman,1994, p. 112):

> os fenômenos sociais aparentemente novos que a acompanharam constituem, na verdade, apenas a revelação de algo que sempre esteve lá, de modo latente, mas rigorosamente camuflado. A aids nada criou. Ela exacerbou elementos que as convenções sociomorais não deixaram aflorar à luz do dia. *In peste veritas:* na peste, o momento da verdade.

Sem a pretensão de debater o que foi *historicamente* esse momento e o que viria ou vem a ser a epidemia, o vírus hiv e a síndrome da imunodeficiência adquirida, apenas busco nesta seção estabelecer diálogos entre as narrativas e outras fontes e análises sobre os principais pontos que nelas surgiram com mais destaque em minha leitura e que, em grande parte, revelou a presença de estereótipos e mitos associados à síndrome, que a partir da leitura de Sontag (1989) poderiam ser identificados como: 1. Doença causada pelo estrangeiro (vem de fora, é do outro, associação com a metáfora militar [invasão]); 2. Mito sobre sua origem/genealogia; 3. Doença como ameaça social (ideia de peste, promiscuidade e castigo); 4. Doença como corte

temporal catastrófico (ponto pelo qual iniciei a presente seção); 5. Doença como volta do estigma após um período de suposto liberalismo (declínio do gueto e da afirmação homossexual).

Uma vez que resultam como memórias de um trauma, é preciso ter certo cuidado com aquilo que foi relembrado e retratado nos testemunhos, assim como respeitar seu silêncio (Bosi, 2013d, p.), situação um pouco distinta das análises anteriores, nas quais uma possibilidade dos mais diversos pontos de vista e certas inferências especulativas não significariam tão abruptamente práticas de redução de possibilidades de aparição da condição humana. Nesse sentido, a tarefa é dupla: é preciso estabelecer o diálogo com respeito ao que foi lembrado e silenciado, principalmente, ao se ter em conta as terríveis condições vivenciadas pelo medo e suas tão reais (e irreais) marcas e angústias. Mas para isso, resulta crucial que se evite a todo custo reforçar estereótipos (Bosi, 2013e**)** e produções narrativas que contribuam a uma já existente marginalização de certos sujeitos e práticas sociais.

Ainda sobre este aspecto, considerando a abordagem dialógica metodologicamente desenhada, é importante relembrar que diálogo não significa necessariamente o consenso e que uma leitura pormenorizada e um tanto quanto mais crítica das opiniões e percepções relatadas não supõe o desrespeito ou a transformação do outro em vilão. Contra tal posição, bastaria analisar o quanto desse momento de tensão resta nas metáforas que cotidianamente utilizamos para nos referirmos ao sexo, assim como nos entendimentos que materialmente resultam em práticas que adotamos e as políticas que hoje nos interpelam, seja como "público geral" ou como "grupos de risco".

Busco, portanto, nas próximas páginas retornar aos cinco pontos identificados. Em tempo, de modo transversal aos cinco pontos, gostaria de inocentemente lançar mão do conceito psicanalítico de "retorno do recalcado", principalmente ao se ter em conta esse movimento simultâneo entre certo declínio do saber-poder da medicina sob as sexualidades (Perlongher, 1985b; Sontag, 1989; Trevisan, 2018), a troca de algumas das instâncias de validação da experiência humana (García, 2010) que passavam a ser vivenciadas por aqueles que frequentavam o gueto e, principalmente, a percepção desse traço recalcado como algo a ser vislumbrado no outro desde uma posição de fora, constituindo-o como o estranho (Freud, 1919).

* * *

Com raras exceções, os relatos sobre a epidemia começaram sempre pela referência a alguém, a um outro que padeceu da doença. Alteridade por vezes próxima, por outras nem tanto, mas alguém que cumpre o papel de introduzir as memórias do narrador sobre essa experiência. É um outro necessário para o relato: um amigo, um conhecido, alguém que frequentava o mesmo bar. Pessoas com nome e com rosto para as testemunhas e que "ficaram pelo caminho", como diz Bira.

Associada a essa alteridade vem acoplada também uma referência geográfica, vetor que não apenas indica de onde vem a doença, mas também o *modus* pelo qual se daria o contágio: a promiscuidade. Por fim, ainda que discordando do termo "peste gay" e sofrendo seus efeitos, *mesmo sem a terem contraído*, decorre a imagem da aids como castigo e surgem os relatos das táticas ou explicações dos motivos e das razões de não a terem contraído, reforçando uma ideia de resposta/responsabilidade /atribuição de culpa individuais à epidemia (Sontag, 1989, p. 15), ainda que posteriormente possam ser procedidos por relatos de solidariedade e de ativismo social. Retornemos então às memórias a partir desse ponto.

Para Regis, "pensar em aids é pensar em Francisco", conhecido que era um empresário bem-sucedido, bonitão, alegre, bem vestido, **mas** que era muito promíscuo. Dentro dessa construção semântica, a primeira parte indicaria suas características positivas e, logo, a partir de uma partícula adversativa, haveria uma contradição que o constituiria, que vem por meio da referência a seu lado "promíscuo", termo que parece significar a parte de seu caráter contrário às características inicialmente enumeradas e responsáveis pelo contágio: é seu lado sujo. Em seguida, de modo alegórico (Ricœur, 2018, p. 81), entendemos essa articulação entre classe social/beleza/estilo/dinheiro (+) e promiscuidade (-) quando Regis conta que Francisco era frequentador de saunas e que foi para Nova York, onde transou com "uns dez num mês" e, posteriormente, com mais 20 em São Francisco, contraindo então o vírus e padecendo da doença que "mesmo sendo 1981, era Peste Gay". Frente a esta situação desconhecida, Regis alega que teria se dado conta da gravidade da situação e tomado uma atitude consciente: "dessa doença, eu não vou morrer", dizendo ter se abstido de práticas sexuais por três anos, tanto por medo, quanto por não confiar em preservativos.

O percurso narrado por Rui, P.J. e Bira, ainda que de modos distintos, compartilham muitos elementos com a narrativa de Regis. Nas narrativas de Bira e Rui, a doença vem de fora (Portugal ou Estados Unidos da América), existe alguém muito próximo que faz parte dos primeiros casos reportados no Estado de São Paulo e há também um motivo para não terem sido infectados, ainda que não tão enfaticamente quanto nas lembranças de Regis.

No caso de Bira, o motivo é a proximidade precoce com a doença e os cuidados preventivos, embora quando relembre o caso de Gera indique uma relativa incerteza ao adicionar a partícula "penso eu", suspendendo seu juízo em parte. A explicação de Rui é marcada também pela incerteza, pouco depois de dizer que: "Eu sempre fui o cão que ladra, mas não morde" e de dizer que "começou a se cuidar", Rui relativiza esse posicionamento dizendo que "quando ficava louco, sabe-se lá Deus e a gente sobrevivia esse grupo de droga pesada que a gente consumia".

Ambas narrativas, apesar de mais delicadas, produzem certas afirmações sobre a epidemia e concebem performativamente os principais sujeitos responsáveis-vítima e as razões do contágio: a promiscuidade ou o descuido, seja na prática sexual e/ou na ingestão de drogas. Rui, ao falar de dois amigos, além de apontar a promiscuidade, elucida a passividade no ato sexual como motivo do contágio também: "eles gostavam de tomar no cano", reforçando indiretamente as associações entre a doença e uma suposta falta de virilidade (Sáez e Carrascosa, 2017). P.J., apesar de não apontar uma origem da doença, também entende contraditoriamente a promiscuidade como o motivo do contágio de Maurício, ainda que frequentasse saunas e com ele tenha tido algumas relações sexuais: "Mas éramos grandes amigos, eu sinto até hoje saudades dele, fizemos sexo algumas vezes. Mas é exatamente por isso, porque ele era muito promíscuo e exatamente por conta disso que ele contraiu a aids, entendeu? Eu fiquei muito preocupado e com medo de que eu tivesse pegado também, felizmente não".

* * *

Comecemos então pelas noções geográficas envolvidas nestas composições: o vírus é uma ameaça (ataque) que vem de fora. Sobre esse contexto, Trevisan (2018, p. 393) relata a preocupação no ano de 1984 expressada por "certo jornal brasileiro" com a chegada de um voo fretado pela agência de turismo Slander's Gay, com aproximadamente 370 turistas dos Estados Unidos, para aquele que seria o primeiro carnaval pós-repercussão das "manchetes espalhafatosas" de 1983 sobre uma epidemia no Brasil e no mundo, que atingiria, sobretudo, homossexuais e, portanto, chamada de "peste gay" ou "câncer gay".

Sobre esta ideia da aids como peste, Sontag (1989, p. 54-58) afirma que para que uma doença seja considerada uma peste, termo que vem do latim (pestis, flagelo calamidade), não basta apenas que cause a morte de modo implacável, mas que seja, principalmente, motivo de

vergonha e de asco, capaz de promover a desumanização daqueles que dela venham a padecer. Para além do castigo para o indivíduo transgressor e a culpabilizaçao da pessoa como "fonte de poluição", a ensaísta ressalta o aspecto territorial que as falas e o relato de Trevisan indicam: "a doença vem de outro lugar, é algo estrangeiro", ligando o imaginário da doença ao imaginário do estrangeiro, entendido como o errado, o que vem de fora, o estranho, em síntese, aquele/aquilo que não somos nós (Sontag, p. 56-57). Ideia que apesar de genealogicamente europeísta, como aponta Sontag (1989), foi reelaborada das mais diversas formas a depender da localização geográfica de seus usos, inclusive produzindo escalas diferenciais de responsabilização pela peste: se eram os usuários de drogas e homossexuais culpabilizados, operaria outro tipo de olhar para hemofílicos e crianças infectadas, por exemplo.

Entretanto, para o funcionamento dessa metáfora é necessário que se compreenda suplementarmente o corpo de modo metafórico: se há um outro que não somos nós e que invade, há tanto algo a ser invadido, quanto algo a ser defendido, protegido. É a partir da ideia do corpo enquanto fortaleza que Sontag (1989, p. 12) passa a introduzir o que talvez seja a mais antiga metáfora quando se trata de doença e saúde pública: a metáfora militar. Esta metáfora, para além de todo o caráter de emergência que lhe acompanha (Sontag, 1989, p. 15), considerando seus aspectos reais e fantasísticos, chegando até mesmo a ser uma paranoia para alguns, transforma a doença na alteridade temida, movimento que não apenas a transforma em inimigo a ser combatido, mas que atribui a culpa ao paciente, mesmo quando entendido como vítima (Sontag, 1989, p. 15-16).

Vemos essa compreensão de maneira hiperbolizada em matéria publicada no Jornal O Globo de 08 de Setembro de 1985, no qual a doença é concebida e representada graficamente em termos de uma "batalha mortal" entre dragões e soldados, cavaleiros e arqueiros, sendo cada "etapa" da doença representada por uma função bélica, difundindo sua representação enquanto ciclo temporal (Sontag, 1989, p.) e trazendo o inimigo como oponente invencível e astuto (Sontag, 1989, p. 24). Um breve olhar ao acervo da Turma Ok, em busca de notícias sobre a epidemia, é capaz de demonstrar a frequência de termos como "luta" e "combate" para se referir a ela, como, por exemplo, em manchete de matéria sem identificação: "AIDS: a luta da ciência contra uma ameaça crescente"[191].

Não seria de se estranhar, portanto, que numa "situação de guerra", de algo que se apresenta como uma ameaça ao corpo e, portanto, a toda a sociedade e que exige medidas de emergência, se atribuísse um estigma e responsabilidade a determinados grupos sociais,

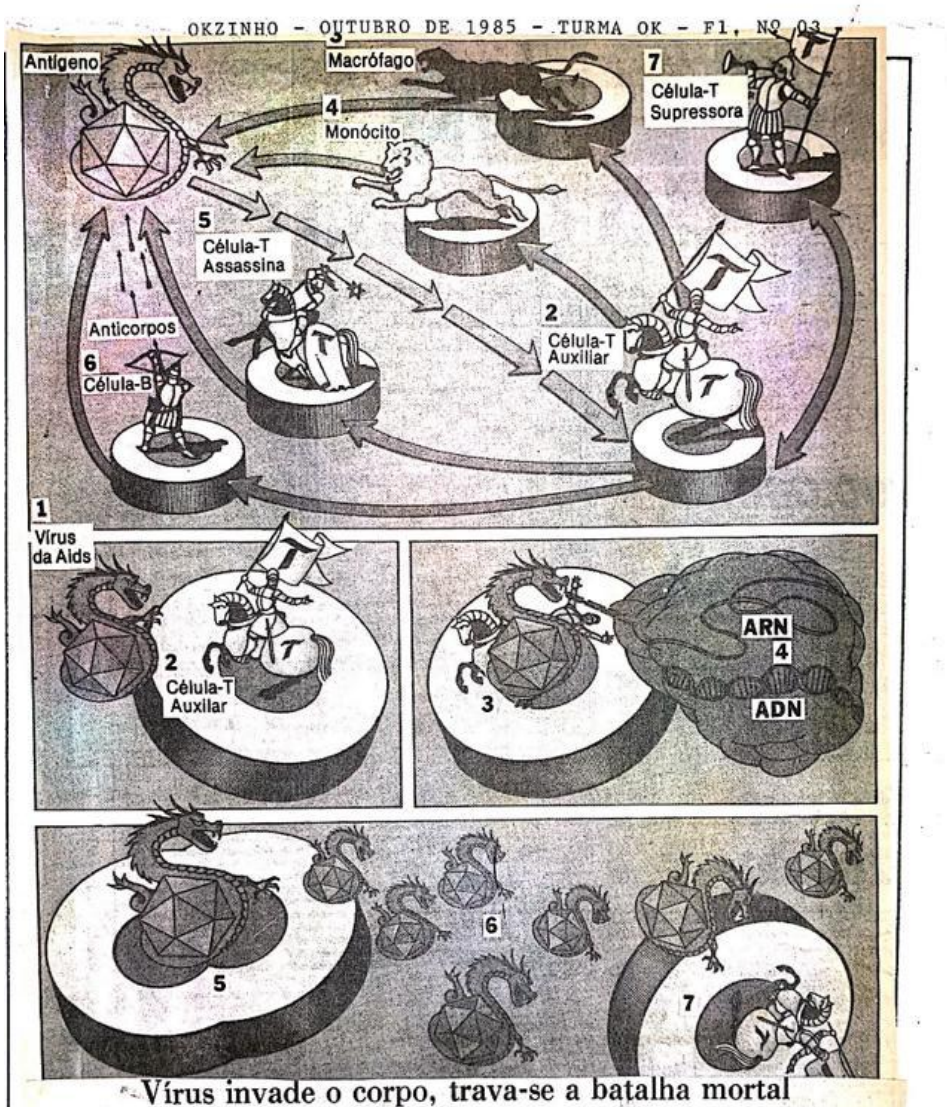
[191] Pasta 4, Acervo Turma Ok, Arquivo Edgard Leuenroth.

situação que, conforme afirmado, parece ter sido deliberadamente utilizada para reforçar antigos preconceitos e valores sociais que, em parte, haviam sido minados ou, ao menos, fortemente questionados pelas transformações culturais e econômicas durante as décadas de 1960 e 1970, principalmente aquelas que seriam entendidas pelo termo revolução sexual. Sobre este aspecto, um exemplo que demonstra a produção política dessa "triste coincidência" como resultado de excesso (promiscuidade), pode ser facilmente observada em matéria da Revista Veja sobre o caso do ator Rock Hudson: "Naquela época, a prática sexual entre homossexuais tinha se tornado extremamente permissiva e, por uma dolorosa ironia do destino, foi nesse momento que a epidemia de AIDS começou a brotar"[192].

Nesse sentido, é importante recordar que anteriormente ao advento do hiv/aids, até mesmo desde o integralismo, é possível identificar no Brasil algumas relações entre as ideias de desvio sexual e degenerescência, elementos que (re)produzem a divisão entre sano/insalubre, limpo/sujo que viria a ser tão utilizada posteriormente para a compreensão desta "peste". Como apontamos em outro trabalho (Vieira & Fraccaroli, 2018), a ideia de degenerescência, que incluía homossexuais junto a outros "subversivos", demonstra tanto a preocupação com a "sociedade enquanto um corpo" por parte do Estado, como as relações entre patologia/desordem social, presentes até mesmo na literatura científica da época (citar). Conforme Cowan (2015), com o fim dos combates diretos com a guerrilha, o regime militar brasileiro não teria um inimigo claro que funcionasse como ameaça que justificasse seu funcionamento e coesão, sendo então o papel cumprido por um híbrido e imaginário Movimento Comunista Internacional que operaria por via cultural o principal inimigo a ser combatido.

[192] "Diário de uma agonia". Rock Hudson e Sara Davidson. Veja, 25 de junho de 1986.

Figura 27. Diagrama da aids como metáfora da guerra em recorte jornalístico.



Fonte: Recorte de jornal no boletim Okzinho (outubro/1985). Disponível no Acervo Edgard Leuenroth.

Se faltavam elementos e/ou inimigos mais claros, é neste contexto político-social que o vírus parece ter sido utilizado também como uma oportunidade de mobilização ideológica (Sontag, 1989, p. 15; Pelúcio, 2007), provendo recursos e elementos para uma reação conservadora. Esta "reação", que retoma elementos tradicionalmente associados a uma ideia de ordem política, presentes no famoso lema família, moral e bons costumes (Quinalha, 2017), é analisada por João Carlos Rodrigues em artigo chamado "Paranóia não" publicado no boletim Okzinho de novembro de 1985, no qual, apesar de certos exageros que a distância histórica nos permite inferir, o autor expõe os cuidados em se aderir às lógicas moralistas mais vigentes à época que transformavam os homossexuais em principais responsáveis pelo risco social que se apresentava à sociedade:

> E houve também neste século a revolução sexual, queda de tabus e a badalada liberação da mulher, do homossexual [...] uma grande revolução, sem dúvidas. Tão grande que começou a incomodar. Sentado em seu torno de ouro, na sua radical posição contra os homossexuais, o ex-ator na Polônia e atual Papa da Igreja Católica, João Paulo, o segundo, vê, com maus olhos, a liberação da mulher, e se contorce diante da ascensão gay [...] É preciso fazer alguma coisa, pensa Sua Santidade. E quando Sua Santidade pensa, o ocidente se curva. Preocupada em não permitir a expansão dos recém liberados, forças não tão ocultas se uniram ao pensamento de Karol Voytjla, e ressuscitam Tomaz de Rorquemada, dando-lhe o nome de AIDS e ordenando-lhe que fosse (re)instalada uma nova "grande inquisição", como nos moldes da velha Europa.

João Antonio Mascarenhas, então presidente do grupo Triângulo Rosa, protestava contra essa produção da doença enquanto algo dos gays em matéria com manchete irônica ("Os 'gays' não gostam'") do Jornal do Brasil de 1986: "Há uma exploração muito política e muito safada. É uma tentativa de reforçar a discriminação de que são objeto os homossexuais. Do ponto de vista estatístico, o número de pessoas portadoras do vírus em relação a outras doenças é mínimo"[193].

É neste contexto que se tornava um campo em disputa a definição do tratamento à epidemia: dirigir-se à sociedade como um todo ou apenas aos grupos de risco? Sobre este aspecto, Trevisan (2018, p. 405-407) narra os debates na medicina, notadamente ideológicos, assim como expõe as opiniões de figuras políticas, midiáticas e religiosas da época, que sugeriam medidas profiláticas extremas, incluindo o isolamento como medida protetiva, caso do radialista Afanásio Jazadji: "tem que se isolar esses canalhas", e até mesmo o extermínio, entendimento difundido pelo editorial do jornal A Tarde da Bahia: "Quando houve a peste suína no Brasil, a solução foi a erradicação completa dos porcos ameaçados de contágio. Portanto, a solução tem que ser a mesma: erradicação dos elementos que podem transmitir a peste guei" (A Tarde, 1985 apud Trevisan, 2018, p. 406-407)

[193] "Os gays não gostam". Jornal do Brasil, 11 de janeiro de 1986

Se até hoje perduram os preconceitos associados à epidemia como algo dos "homossexuais"[194], inclusive fomentado por políticas discriminatórias[195], o citado artigo de Rodrigues parece retratar a mencionada sensação de alguns frente a esta "bomba" que foi o hiv/aids após os anos de liberação e de afirmação no que se refere às recentes experiências sexuais e/ou identitárias. Lembremos como na seção anterior o movimento de liberação, de "saída do armário" e de aceitação era muitas vezes um aceitar a si mesmo, por vezes viabilizado pela produção de uma ideia de "naturalidade" das próprias práticas. Nesse sentido, pensemos por um instante em como a utilização dessa epidemia poderia despertar uma paranoia sobre os atos sexuais e sobre si mesmo, rearticulando alguns dos elementos que remanesciam a despeito dos supostos avanços. Mais do que uma "homossexualidade abstêmica", alguns chegaram até mesmo a cometer o suicídio (Trevisan, 2018, p. 394). No boletim Okzinho do ano de 1985, um pequeno poema tragicômico sintetizava essa situação: "Atenção... Atenção... Atenção... Bomba... A I D S – Agora é Impossível Dar Sossegado... eis o alerta e o novo significado da palavra".

Em consonância com aquilo que afirmei anteriormente, a ideia da aids enquanto castigo a uma comunidade de licenciosos (Sontag, 1989) permitia o refluxo de discursos religiosos, morais e científicos sobre o sexo: "A aids estaria, assim, em corpos previamente marcados por comportamentos tidos como desviantes. Desta forma, falar de aids é também de velhos e (novos) processos de estigmatização" (Pelúcio, 2009, p. 15).

Essa configuração, apesar de sua nova configuração, parece também aportar resquícios dos preconceitos anteriores. É interessante observar como a frequência às saunas durante a década de 1970 e até mesmo a frequência em banheirões relatadas pelos depoentes não eram inicialmente tidas como práticas de "promiscuidade" em um primeiro momento, mas em um segundo momento, seriam, como demonstram as mudanças no discurso de Regis "E era. Hoje eu concordo que era". Percepção *a posteriori* como a de P.J.: "a promiscuidade era total".

De fato, muitas das saunas fecharam nesse período e o gueto se esvaziou (Trevisan, 2018, p. 397), movimento que faz Trevisan (2018) refletir posteriormente se realmente a

---

[194] Vale dizer que esse preconceito que constitui a doença como algo próprio dos homossexuais é também responsável pelo atual aumento de casos de infecção, já que o preconceito pode impedir a procura de ajuda ou retardar a busca por atendimento. Para um breve apanhado sobre a questão, consultar: "Discriminação e falta de informação elevam casos de Aids no Brasil", BBC Brasil, São Paulo, 18 jul 2014, disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140717_hiv_aids_discriminacao_mdb_kb>.

[195] Para mais informações, consultar os dados presentes no Relatório "Agir para mudar leis discriminatórias" publicado no Dia Mundial de Zero discriminação 2019, disponível em: < https://unaids.org.br/relatorios-e-publicacoes/>.

liberação realmente teria ocorrido, no sentido de questionar se os preconceitos e estigmas talvez tivessem permanecido enquanto não-ditos, mas que ali ainda estivessem não superados:

> Sim, é verdade que a aids levou muitos homossexuais a abandonar bares e saunas para encher os consultórios de terapia. Mas também faz sentido olhar o outro lado da moeda. Olhando retrospectivamente, não é falso considerar que a "revolução sexual" do passado mascarou muita angústia de homossexuais que, digamos, teriam começado a frequentar bares e saunas para não ir aos consultórios psicoterapêuticos. Naqueles tempos "liberados", sua vida sexual pode ter sido mais intensa, mas, nem por isso, menos culpabilizada" (Trevisan, 2018, p. 424)

É sob este ponto que talvez a noção freudiana de retorno do recalcado possa mais uma vez nos servir, sobretudo ao apontar o recalque enquanto produção que mantem algo à distancia e o retorno do recalcado como "o fracasso do recalque e a irrupção do recalcado à superfície" (Coutinho Jorge, 2005, p. 24).

Se o gueto poderia permitir um aumento da confiança e a criação de um ambiente de amizade e de maior aceitação de certas práticas como a arte transformista, que ganharam certa visibilidade e até mesmo aceitabilidade, ingênuo seria supor que o preconceito e a discriminação com as sexualidades dissidentes haviam cessado durante tal período. Teria sido a internalização de tais preconceitos regressado a largos passos com a explosão da epidemia e seu uso político por setores conservadores, que passam a afirmar de modo mais agressivo aquilo que claramente também diziam antes? É sobre esse aspecto, que Trevisan (2018, p. 398) também comenta que, com a peste, haveria uma "deflagração da verdade":

> apareceu à luz do dia esse medo subjacente e muito anterior, nunca suficientemente checado nem resolvido, em relação ao próprio prazer e à sua outra face, a morte. Já mencionei antes a possibilidade de que, no tocante à prática homossexual, nosso inconsciente tenha se ressentido de um terror secular, com raízes nas mais antigas interdições, cujos efeitos incessantemente acumulados de geração a geração eclodem no presente, de maneira quase irracional (Trevisan, 2018, p. 422)

Especulações teóricas à parte, voltemo-nos às referencias a esta doença desconhecida, com vias e motivos de transmissão inflacionadas pela ignorância ou o preconceito, enfática ameaça à vida e à esperança, retratada muitas vezes como sentença de morte. Responsabilidade de um grupo social estigmatizado uma vez mais e talvez deste ponto é que tenha surgido a tão necessária solidariedade nos "enfrentamentos" que viriam.

* * *

Dois episódios narrados com detalhes por Rui e Bira me chamaram a atenção por terem sido muito enfáticos ao demonstrar o desconhecimento sobre as causas de transmissão do vírus e a consequente angústia que isso provocava nas pessoas, sobretudo, quando decorria da convivência com pessoas próximas atingidas pela epidemia.

Após fazer referência ao almoço de despedida de seu amigo e a complicada situação vivenciada frente ao medo de ingerir a sobremesa de morango, em razão do medo de que houvesse sangue nela, já que o morango havia sido cortado, Rui tratou de explicar essa embaraçosa situação em sua ambiguidade do momento: "era um comentário meio totalmente discriminatório e coisa, mas ao tempo ele era fruto de um medo nosso, que a gente não sabia o que podia acontecer".

Bira, ao relatar poeticamente seu encontro com Gera, faz menção justamente ao ambiente de isolamento vivenciado por seu amigo no Hospital Emilio Ribas: "Não era permitido, nesses primeiros tempos em que pouco se sabia da doença, entrar nos quartos". Entretanto, mesmo assim, o narrador conta ter se atrevido a entregar o livro e abraça-lo longamente.

Em matéria publicada na revista Reader's Digest em junho de 1983, vislumbramos tanto os aspectos dessa situação de pânico decorrentes do próprio desconhecimento médico e a alta taxa de mortalidade, quanto pela potencialização dessa situação via sensacionalismo midiático, do qual a própria matéria padece parcialmente: "Grita a manchete de um jornal: o simples contato pode transmitir a aids. À noite, uma estação de TV lança, em seu telejornal, a pergunta sinistra: 'você está imunizado contra a AIDS?' O mesmo de grito de alarme ecoa por toda a parte"[196].

Se com o passar do tempo as vias de transmissão passaram a ser conhecidas, como a própria matéria já dava indícios no ano de 1983, por meio da opinião de um especialista estadunidense que afirma não ter encontrado a doença "em colegas de trabalho de vítimas da AIDS, ou em pessoas que tenham contato com elas"[197], em um primeiro momento, como diz Rui: "você não tocava nas pessoas por receio, porque cê não sabia como passava".

---

[196] "Aids – a epidemia do terror: finalmente estão começando a surgir indícios das causas dessa doença fatal". Denise Grady e Kelly Tasker. Reader's Digest, junho de 1983, p. 114.

[197] "Aids – a epidemia do terror: finalmente estão começando a surgir indícios das causas dessa doença fatal". Denise Grady e Kelly Tasker. Reader's Digest, junho de 1983, p. 115.

Ainda que ambos os narradores relatem uma forte inclinação de solidariedade, apesar do medo, não podemos considerar que essa tenha sido a tônica geral da resposta social à epidemia no Brasil. Trevisan (2018, p. 404) narra o preconceito de profissionais da saúde em instituições como o Hospital das Clínicas de São Paulo, os conservadores entendimentos e decisões de alguns dos juristas do país, além de acusar a omissão e segregação política em muitos casos, que, em conjunto à já mencionada difusão de opiniões e posicionamentos sensacionalistas via imprensa, fomentariam o clima de pânico, preconceito e animosidade social, legitimando certas práticas de discriminação, violência e intolerância.

Sobre esta situação, Trevisan faz referência a alguns casos cotidianos de violência que ocorreram no país neste período, como, por exemplo, a expulsão e o espancamento de um rapaz em São Paulo por parte daqueles que eram seus amigos, em ocasião na qual ele chegou ao bar o qual costumava frequentar e foi duramente acusado e agredido por "querer passar a doença para seus amigos" (p. 405). Um dos casos que ganhou grande notoriedade pública foi a expulsão de alguns garimpeiros do garimpo de Serra Pelada, no Estado do Pará. Após palestra realizada sobre a e epidemia e os riscos de contágio, garimpeiros "suspeitos" tiveram seus cabelos, sobrancelhas e cílios cortados ou raspados por seus companheiros de trabalho, sendo então posteriormente retirados por dois caminhões que levavam a faixa "Transporte Gay" (p. 407).

O escritor ainda relata o preconceito de dentistas que se recusariam a atender pacientes homossexuais e hemofílicos e algumas práticas cotidianas como a presenciada por um amigo do autor, que escutou, dentro de um ônibus, um homem recomendar a outro que não se sentasse em um banco após "dois delicados rapazes terem se levantado", pois correria o risco de pegar aids (p. 407).

Podemos compreender essa reação social como a terceira fase da epidemia conforme classificação de Daniel e Parker (1991). Para os autores, após a etapa em que ocorre a silenciosa infecção (primeira), adviria a epidemia da própria aids (segunda) com o surgimento doenças relacionadas à imunodeficiência, sendo a última etapa considerada pelos autores como "talvez, portencialmente, a mais explosiva", que seria aquela em que ocorre "a epidemia de reações sociais, culturais, econômicas e políticas à AIDS, reações que, nas palavras do dr. Mann, são tão fundamentais para o desafio global da AIDS quanto a própria doença".

É nesse sentido que, mesmo com o posterior aumento no número de vagas, leitos e contingente de profissionais preparados para o tratamento de pacientes soropositivos e/ou portadores da síndrome da imunodeficiência adquirida, muitos pacientes vivenciaram uma condição de interdição de habitar a condição humana (Gonçalves Filho, 1998). Desassistidos

pelo serviço de saúde, já que não em estágio terminal, mas sofrendo os efeitos político-sociais decorrentes dessa concepção da doença enquanto "sentença de morte" e todo o estigma social associado, essas pessoas vivenciaram uma condição de morte em vida (Ruiz, 2018).

Em nível individual, essa internalização da estigmatização e do preconceito, por vezes levava o indivíduo ao próprio isolamento, à exclusão da vida social e à impossibilidade de manter relacionamentos sexuais, com sensações resultantes que levariam à consequente sensação de interdição, de não participação na sociedade civil (Almeida e Labronici, 2006), situação que em seu limite decorria até mesmo no suicídio (Almeida e Labronici, 2006).

Entretanto, é preciso certo cuidado para que não se compreenda essa condição de modo individualizado, uma vez que, evidentemente, decorria de aspectos e fatores sociais, clara experiência de humilhação social, exemplo de uma classe de "problemas intermediários, difíceis de considerar apenas pelo lado do indivíduo ou apenas pelo lado da sociedade" (Gonçalves Filho, 1998). Para entender essa sensação de angústia, poderíamos indagar os sentimentos vivenciados pela moça que Bira recebeu em sua casa durante a epidemia:

> Eu atendi uma moça, atendi... era amiga na realidade de um cara que morava comigo, que a mãe dela não quis quando ela descobriu que ela tinha aids. A mãe dela não quis cuidar dela e então ela veio pra minha casa, ficou na minha casa por um tempo e tal. Então era isso, quer dizer, as pessoas se ajudavam mutuamente e se escoravam umas nas outras e tentando fazer o que era necessário fazer, né? Levar no hospital pra fazer um exame, levar alimento...

Quais os sentimentos decorrentes dessa expulsão para aqueles que vivenciaram condição similar a desta moça? Se é notório que a expulsão decorria de um estigma associado à doença ("a mãe dela não quis quando descobriu que ela tinha aids"), quem a expulsava era sua própria mãe e, considerando os poucos elementos que temos sobre essa história, seria impossível inferir maiores assunções sobre essa situação de abandono por parte daquela que, em uma cultura ocidental católica, talvez represente o maior ideal de amor e devoção. Mais do que "uma mãe", era a sua mãe.

A noção de humilhação social é aqui muito importante para ressaltar como por trás desse fenômeno coletivo e social, houve uma infinidade de experiências de angústias subjetivas, vivenciadas em suas incontáveis particularidades, que ainda que não possam ser inteiramente compreendidas apenas a partir de seus elementos individuais, tampouco podem dispensá-los.

Sem embargo, retornando ao princípio de nossa argumentação, de fato, houve também pessoas que agiriam de modo distinto, que frente ao desconhecimento e ao terror provocado

por esse pânico social, colocar-se-iam nas mais diferentes frentes de solidariedade, ainda que sem saber muito bem se corriam risco ou não. Exemplo deste último caso poderia ser a travesti Brenda Lee, que, como me contou Bira durante um rápido café que tomamos no Arouche a meados de fevereiro de 2019, mesmo acreditando que a aids seria uma doença de contágio, criou aquela que seria a primeira casa de apoio a pessoas com hiv/aids no Brasil, destinada a acolher os ditos "pacientes socais", em especial travestis soropositivas, chamada num primeiro momento de "Palácio das Princesas" (1984), tornando-se a "Casa de Apoio Brenda Lee" em 1986 (Carvalho & Carrara, 2013, p. 325), instituição que segue em funcionamento.

Participar destes primeiros grupos de ação voluntária, como o mencionado Grupo de Apoio à Prevenção à Aids (GAPA) não era tarefa fácil. Em recorte de revista presente no boletim Okzinho de setembro de 1985[198], podemos observar que há uma ênfase justamente na dificuldade dos voluntários em não se contagiarem com a angústia dos pacientes que conviviam diariamente com a morte, situação que gerava grande ansiedade nos pacientes, e que fazia até mesmo que fossem necessárias terapias para os voluntários conseguirem prosseguir com os atendimentos: "sem ela, fica difícil segurar", dizia o sociólogo associado ao grupo Claudio Monteiro, com então 23 anos e voluntário do GAPA. Nesse sentido, havia uma divisão de funções que iam desde "atender telefonemas ou distribuir filipetas convocando a população para debates e palestras", com o reconhecimento por parte de alguns que não dariam conta de lidar com os pacientes, como Mario Silvio Gomes, promotor artístico de 31 anos que diz à reportagem: "não estou preparado para visitar pacientes nos hospitais, isso é muito sério".

As considerações de Caetano, Nascimento e Rodrigues (2018, p. 290) são oportunas ao destacar que a formação de tais redes de solidariedade durante a década de 1980, com a participação de grupos de homossexuais, seria posteriormente discutida dentro dos componentes do então chamado Movimento Homossexual Brasileiro, em razão do temor de que a participação no enfrentamento à epidemia poderia aumentar a associação entre homossexualidade e hiv/aids, problemático fator para grupos que buscavam "referências positivas".

Entretanto, conforme os autores (Caetano, Nascimento & Rodrigues, 2018, p. 291), com a criação do Programa Nacional de DST e Aids do Ministério da Saúde na década seguinte, essa relação viria a ser alterada a partir da criação de parcerias entre organizações sociais, entre elas, de grupos homossexuais, em um quadro de atuação mais profissionalizada, onde se passa

[198] "No Gapa, 150 voluntários apoiam e acompanham portadores de Aids". Por meio de outros recortes, imagino que a matéria seja parte do Jornal do Brasil de junho de 1985.

a associar o enfrentamento do hiv/aids à promoção da cidadania e direitos humanos: "É importante ressaltar que a movimentação social articulada pelas entidades da sociedade civil na década de 1980, contribuiu para o estabelecimento de uma corrente, que se fortaleceu à medida que as reivindicações de direitos pressionaram os atores políticos para a tomada de decisões" (Caetano, Nascimento & Rodrigues, 2018, p. 291). Essa dinâmica é identificada por Simões (2018, p. 321), que indica que se a epidemia fez revigorar "o ideal fatalista do infortúnio ou da maldição homossexual, precisamente num momento em que os territórios de visibilidade gay descortinavam as práticas homossexuais clandestinas", por outro, a própria tragédia contribuiria para o caminho por políticas de visibilização e a luta por direitos.

Em direção à conclusão desta seção, considerando os relatos e a bibliografia consultada, pode-se dizer que este espírito de solidariedade e de atuação mais direta e em termos assistenciais, provavelmente, faz maior referência a eventos ocorridos durante a década de 1980, suscitando a hipótese de que as lembranças mais presentes seriam justamente àquelas mais próximas do *boom* do tema como alvo de preocupação e medo no imaginário social, no qual as discursividades psi-médicas e/ou religiosas que identificam ou aproximam a homossexualidade com a patologia voltam a circular com força. Se houve o relato de situações de ajuda humanitária nos relatos, também se fizeram presentes alguns estereótipos e mitos sobre a doença, talvez resquícios da memória de um trauma. Deve ser considerado também o relativo silêncio sobre a atuação militante nos anos posteriores aos eventos relatados.

Por fim, tomando como fundamentação as prescrições sobre a tragédia na Poética (Aristóteles, 2017), gênero de maior magnitude na apreciação de Aristóteles, poderíamos sem dúvidas dizer que se os relatos conseguem operar uma trama, formando um todo nos quais as personagens assumem não a *mimesis* de personagens em si, mas de caráteres que desempenham certas ações, muito se deve à constituição do hiv/aids como a necessária cena de reconhecimento e peripécia[199] para o articular da trama narrada pelos depoentes.

Se considerarmos ainda que esse todo é para o filósofo "aquilo que tem princípio, meio e fim" (Aristóteles, p. 91), sendo o meio "o que está depois de alguma coisa e tem outra depois de si" (Aristóteles, p. 91), a epidemia seria o meio desse todo narrado, onde haveria um claro antes (desbunde/liberação) e um depois (pós-hiv/aids). Compreensão que, para além do agenciamento de elementos heterogêneos em um todo, produz também uma temporalidade,

[199] Faço referência ao reconhecimento enquanto elemento qualitativo do mito entendido como a "modificação que faz passar da ignorância ao conhecimento" (Aristóteles, p. 105), sendo a peripécia "a mutação dos sucessos no contrário", elementos que, quando coincidem, suscitam "terror e piedade, e nós mostramos que a tragédia é imitação de ações que despertam tais sentimentos" (Aristóteles, p. 105-109).

conforme propõe Ricœur (2012) ao fazer a Poética dialogar com as discussões de tempo em Santo Agostinho.

É fácil identificar essa operação no depoimento de Rui, que estabelece o *advento*[200] do hiv/aids, até mais do que a repressão política, como o ponto de referência para sua percepção do tempo e da liberdade de vivenciar seus desejos: "Eu sinto dessa forma: eu peguei abrindo, aí vem o Richetti e dá uma grande fechada na gente, ainda não tinha a aids". Composição poética que entendemos mais profundamente em outra parte de seu depoimento, quando diz:

> Aí é que a porca torce o rabo, né? Porque aí cê começa a ter uma série de receios, porque depois do Richetti, cê tava numa linha de liberação sexual muito grande, sabe? As pessoas já não se perguntavam, começou a deixar de ter sentido essa coisa "qual é sua opção sexual", tá? [...] Quer dizer, não existia rótulos sexuais, cê podia fazer o que quiser, podia sair com delegado, com sei lá.... um monte de gente de lá de dentro. Aí vem a AIDS que fode novamente as histórias, as relações. Um dos primeiros cinquenta caras que faleceu era amigo meu... deixa eu ir ao banheiro.

Ainda que tenha havido a repressão política, parece-me ser a aids o que estabelece majoritariamente o antes e o depois do todo narrado, conforme propõe Simões (2018, p. 320) ao afirmar que a experiência traumática da epidemia cravaria uma marca, "um antes e um depois" nas trajetórias ou itinerários de vida.

* * *

Para finalizar este ponto, é importante registrar os sentimentos despertados em mim durante os processos de escuta e posterior escrita. Ao escutar os trechos dos depoimentos relacionados à epidemia, que frequentemente fechavam o depoimento, impondo um certo silêncio, saía sempre com uma sensação de angústia, que era revivida quando reescutava as gravações.

Escrever sobre estas memórias me despertou medo por um tempo, tanto no sentido de temer a real possibilidade de reviver essa angústia, quanto pelo temor de não ser capaz de escrever sobre algo que, apesar de não vivido diretamente por mim, é parte do imaginário de meu cotidiano enquanto sujeito dissidente e das opiniões estereotipadas sobre a dissidência que

[200] É curioso observar as origens desta expressão de etimologia latina (*adventum*), que significa vinda ou chegada, a fundação ou criação de algo.

tenho que conviver e confrontar diariamente. Associações que, ainda que de forma mais sutil, continuam a operar sinonímia entre hiv/aids e “homossexualidade”.

Da minha parte, posso dizer que a cada teste rápido realizado, como bem descreve Sontag (1989), sinto-me como em um tribunal: culpado ou inocente de uma história com já longa jurisprudência que me interpela (Butler, 2017), ainda que logo pronto para pecar novamente, tendo até mesmo escutado de uma atendente em um posto de saúde na zona leste de São Paulo a seguinte recomendação, após a realização de mais de um teste no mesmo mês: “não é necessário vir com tanta frequência! Relaxa um pouco.”.

DEPOIS DE TUDO

Do alto da esquina situada entre as ruas Helvétia e São João, olho com certa relação de exterioridade panóptica (Certeau, 2014, p.) o trânsito de carros e pedestres pelo Largo da Santa Cecília. Avisto também o viaduto João Goulart, abrigo do Terminal Amaral Gurgel, um cantinho do Largo do Arouche, assim como a pontinha das torres da Catedral da Sé. A Rego Freitas e a General Jardim estão por aí... como a Marquês de Itu, "que naquela época bombava", como me diria Kika Medina. Não vejo a praça da República, mas sei que está naquele canto próximo ao Edifício Itália e ao Copan.

A Amaral Gurgel me lembra o Val de Andrea; mencionar a Rego Freitas é automaticamente lembrar-me das memórias de Jacque Chanel, corajosa migrante, de tantas histórias e de forte fé, quem muito gentilmente me relatou sua trajetória. O Largo do Arouche, onde encontro meu amigo Bira, é onde ainda posso ver a fachada do Cine Arouche, passar em frente de alguns dos bares e restaurantes mencionados nos testemunhos. Caminhar pela São Luís, a caminho da Galeria Metrópole, subir as escadas rolantes paralelas às que descem é automaticamente pensar no sobe-e-desce com tantas trocas de olhares, comentado por Green no filme de Steffen (2013)... é algo que sempre me causa uma estranha sensação de nostalgia identitária, próxima do frio na barriga que senti antes da primeira entrevista, em que, ao descer na estação República, ensaiava passos e afetos pela Vieira de Carvalho, interrompido logo em seguida ao me dar conta de que havia confundido o local da entrevista.

Assistir a peça Transderella no Paiol Cultural, a convite do querido Pedro Augusto, para além das emoções causadas pelos atos e de me sentir mais próximo de Ciambroni, foi também oportunidade única para pensar os tantos fluxos, refluxos e mutações pelos quais o espaço passou: de teatro a cinemão, de cinemão a teatro. Na mesma poltrona em que me sentava, assistindo uma peça sobre questões trans, alguns anos antes, fluxos de corpos e secreções faziam o espetáculo ao revés, desde a plateia, diante dos mesmos tijolinhos furados, gambiarra acústica deste ambiente subterrâneo. O jogo entre visibilidades e subterrâneo, entre marginalidade e arte, entre continuidades e irrupções, choque temporal entre momentos em um mesmo espaço, muito me disseram. A sala do Teatro/Espaço Paiol também conta um pouco das memórias e histórias de nossa cidade.

Não me sinto dono desses espaços e sei que tampouco fazem parte da minha vivência pessoal, mas há algo que escapa e ao mesmo tempo me captura, algo que me torna contemporâneo, algo que me desperta emoções e que cria vínculos dos mais profundos com

essas espacialidades e seus tempos. Talvez, pela primeira vez, espaços significam histórias e pessoas para mim. E aqui, impossível não rememorar o lançamento do livro de Ronaldo Trindade, quando o autor me descreveu o atravessamento de temporalidades e memórias, individuais e coletivas, que estampa a capa do livro que tanto me ajudaria nesse percurso, na qual aparece iluminado em vermelho o Edifício Altino Arantes[201], o Banespa ou Banespão, visto desde a posição de alguém que se encontra no Vale do Anhangabaú:

> Essa imagem, pra mim, é muito significativa, porque assim, por volta de 1993, eu era aluno de graduação do curso de história da UFPA e a minha orientadora tinha vindo num encontro de história oral da PUC-SP, isso em 1993. Ela conheceu o James Green, que estava apresentando um trabalho chamado "Os amores masculinos no Vale do Anhangabaú", pegou esse texto, uma cópia desse texto e levou pra mim. E esse foi, efetivamente, meu primeiro contato acadêmico com o tema, isso significou na minha cabeça por muito tempo. Aí quando a gente pensou na capa, essa alegoria toda, me veio à cabeça. A ideia é dar imagem de uma vista que as bichas que tavam no Vale do Anhangabaú tinham no começo do século... a imagem que elas tinham é a mesma imagem que eu tenho agora de alguma forma, eu e ela vemos a mesma coisa[202].

Extremamente significativa, para além dessa contemporaneidade entre tempos distintos[203], o relato de Trindade me fez também pensar nos múltiplos agenciamentos que compõe um livro, isto é, agenciamento *somente* produzido como conexão com outros agenciamentos (Deleuze & Guatarri, 2000). Mas o que busco dizer com isso?

Depois de Tudo, título desse capítulo conclusivo, faz alusão ao curta-metragem protagonizado por Ney Matogrosso e Nildo Parente (Saar, 2008), sensível recomendação de P.J., que depois de me contar do que se tratava o curta, marejaram seus olhos. A película, de poucas palavras, retrata o encontro de dois senhores que se amam, de uma forma retratada como escondida pelo filme, no apartamento de um deles. O filme relata a chegada do amado, sua permanência, sua partida e a renovação de um desejo de reencontro, que muito me lembrou as discussões de se anda o amor impossível de Rolnik (s/d).

---

[201] O Edifício Altino Arantes foi projetado em 1939 e construído ao longo da década de 1940, sendo inaugurado em 27 de junho de 1947. O projeto tem a autoria de Plínio Botelho do Amaral e foi construído pela empresa Camargo & Mesquita.

[202] Depoimento de Ronaldo Trindade por WhatsApp (12/08/2019), após ser indagado por mim sobre o que teria me contado no dia de lançamento de seu livro (24/11/2018) no Le Kitsch Bar, na Praça Roosevelt.

[203] Valeria retomar parte de sua dedicatória a mim escrita: "[...] passado, presente e futuro são contemporâneos, você vai se ver nesse livro. Espero".

Chorei eu também ao assisti-lo, não sei se pela conexão com a experiência de P.J., pela identificação de algumas cenas por mim vividas ou pela sensibilidade estética do filme em retratar algo que escapa as palavras. Depois de tudo, é preciso reconhecer os possíveis encontros entre tantos agenciamentos. Ou seja, não apontar uma trajetória una, mas sim fragmentária e plural. Reconhecer as inúmeras possibilidades de leitura (ou não leitura, já que não sendo a escrita e a linguagem os únicos registros) de como posso retomar o trajeto que supostamente parte de uma experiência identitária, marcada por certas experiências, por sua vez agenciadas por instituições escolar e familiar, por sua vez agenciadas pelo capitalismo... e como tudo isso pôde desembocar num projeto de pesquisa que, por sua vez, era inicialmente agenciado pela Psicologia Política, que concebia um objeto, posteriormente, fagocitado por outros referenciais teóricos e reinventado... é preciso reconhecer como esse trabalho foi composto por tantas linhas de fuga, quanto por tantos pontos de captura. Como a ideia de um próprio "objeto" foi sendo produzida ao longo desse caminho.

Ouvi Ney Matogrosso *ad nauseam* durante o trabalho. Meu companheiro de apartamento Andre não aguentava mais ouvir os trechos de "Time is Money" do vídeo da Corintho disponível no Youtube. Pela primeira vez, me atrevi a passar batom. Em setembro de 2018, tonteado por álcool e pela leitura de "Territórios Marginais" (2005), numa deriva na deriva, me vi como o tal do flâneur de Perlongher (1987) pelas ruas de um gueto. Pude presenciar as discussões do movimento LGBTT, ler algumas das principais referências bibliográficas, apropriar-me delas, tarefa necessária no labor acadêmico, mas também pude compreender a importância de outros agenciamentos para além destes e vislumbrar a possibilidade de, ao menos, tentar minimizar o modo em que trazia esses sujeitos para minha máquina produtiva, permitindo que parte dos refluxos dos fluxos os quais propunha pudessem também fazerem-se presentes nesse tímido trabalho. E aqui acho que o exercício de atenção foi sem dúvidas fundamental.

Nessas páginas fiz e refiz, propus e fui proposto por tantos registros, que variaram de fontes e suportes, do testemunho oral ao teatro, passando pelo cinema, à musica, à literatura, à imprensa... por vezes, propunha possibilidades de composição e junção, claramente vislumbradas em operações desde outros agenciamentos, sobretudo, pela leitura de Ricœur (2016, 2012) e das ideias de memória de Bosi (2013), mas, por outras, sentia como se a leitura de antigos jornais e a escuta de determinadas músicas me levassem por si também a outros possíveis caminhos. Isso sem contar tantas vezes (inclusive agora lendo outros referenciais), em que pensava em outros possíveis caminhos e lamentava aquilo que já havia feito. Não

chamaria de “neurose”, mas sim de abertura e de uma declarada e intencionada falta de compromisso com um campo ou saber científico.

Enfim, opto concluir esse escrito de um modo algo distinto do esperado e demandado pela pureza do saber científico (discurso um pouco complicado em tempos de cortes de verbas de pesquisa, em que dizem que o fazemos não é ciência e nos vemos compelidos a defender que fazemos ciência para podermos dizer que não queremos fazer essa ou aquela Ciência), do qual essa voz aqui também é parte. Gostaria de demarcar que foi *apenas* por esse processo que percebi a impossibilidade de portar a voz de determinada categoria ou sujeitos e perceber como a ideia de um objeto de um trabalho, ainda que deva prezar sempre uma relação com a realidade das coisas (Bosi, 2013), é também fruto de nossas maquinações e derivas.

Sendo assim, esse foi apenas o registro de um percurso, que não tomou autores ou saberes como bíblias capazes de traduzir “o real” e que reconhece suas limitações, ciente de que categorias como “humano” e “mundo” já foram alvos de muitas críticas pelos estudos feministas, por exemplo, assim como ciente dos limites da posição do pesquisador que o escreveu. Essa foi *nada mais* do que uma aposta posicionada que apenas humildemente pretende inspirar outras apostas. Nesse emaranhado conclusivo, gostaria ainda de retornar ao movimento pelo qual comecei esse excerto: essa sensação de pertencimento, mas também de escape. E aqui, sinto-me impelido a *academicizar*, retomando ao sentido de enraizamento.

Simone Weil (1996, p. 347) entende o enraizamento como a necessidade “mais importante e mais desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivo certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro” (Bosi, 2013f, p. 175). Seguindo a leitura da autora por Bosi (2013f, p. 180), destaca-se a importância para Weil do *estar juntos*, da quebra do isolamento como um bem em si, “talvez o maior dos bens”, não se alimentando de “imagens de um passado idealizado nem de um futuro utópico” (Bosi, 2013g, p. 185).

Não lembro em que parte da obra de Weil li a afirmação de que esse enraizamento seria diferente de um apego. Pois, de fato, muito me serve essa acepção de enraizamento, ao pensa-lo não como um apego identitário, mas como a possibilidade de estar junto de outros, de uma sensação de comunidade e, somente assim, reconhecer a possibilidade de tantas leituras de um presente e passado que passam a ser nossos, respeitando e compreendendo suas produções, as necessidades e condições políticas e sociais de cada formação, e, em conjunto, seguir traçando os rumos das mudanças e revoluções que desejamos, criando assim novos mundos possíveis.

Em síntese, juntos inventarmos e reinventarmos uma miríade de possibilidade leituras. Que em cada operação de busca, no passado ou no presente, estejamos prontos para surpreendermo-nos com a possibilidade de caminhos e inteligências outras, e deixarmo-nos levar por esses acasos. Que desejemos encontrar e criar uma pluralidade de compreensões identitárias e de modos de ser e estar no mundo, cientes também das inevitáveis capturas, dos riscos de que nos convertamos ao shopping queer (Mombaça, 2018) e ao pink money, sempre cautelosos com ideias como a busca do primeiro, do inovador, da nova leitura. Nem o apego narcisista por um mítico passado, sobrecodificado como única leitura possível, muito menos o deslumbramento com um futuro utópico, que mais serve para relatos de si mesmo do que projetos efetivamente coletivos, que se proponham a ser agenciamentos coletivos de enunciação (Guattari, 2013).

Sobre essa última questão, as reflexões iniciais de Getúlio Abelha no videoclipe "Aquenda" são precisas, ao comentar a infinidade de opiniões individuais nas eleições de 2018, as fronteiras entre questões pessoas e coletivas, porém, vislumbrando a possibilidade de, nesse conturbado emaranhado, forjar alianças e outros arranjos políticos a partir do uso da precariedade como potência irruptiva:

> Aquela loucura toda da internet... na época, cada pessoa era uma página, e eu não conseguia entender até que ponto as pessoas tavam trabalhando e se manifestando em prol de um coletivo e até que ponto elas tavam falando só sobre elas mesmas. E eu também não sabia, ninguém sabia de nada. Naquele momento eu acreditava que eu poderia unir a minha vulnerabilidade com a minha força e me arriscar por isso. Por mais que eu me colocasse num lugar de risco, tinha gente que não tinha a possibilidade de se colocar nesse lugar de risco[204].

Enfim, entendo essas memórias como um interessante antídoto contra o desenraizamento.

* * *

Desde um ponto de vista psicossocial, sinto que é necessário não apenas expandirmos os marcos de memória da ditadura e de violações de direitos humanos perpetradas pelo Estado, mas sim, aproximarmo-nos das marcas, medos e traumas deixados em nosso tecido social; das

[204] Transcrição de fala de Getúlio Abelha no videoclipe "Aquenda". Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=q3XnyYWJPw4>.

atitudes, estereótipos e opiniões extremistas que ainda remanescem nos microfascismos cotidianos. A ideia de uma questão que não tem um fim, conforme Jardim (2016), deve servir ao que aqui busquei escrever, sendo este também um ponto inicial, o qual não intenciona nenhuma pretensão de universalidade. Aqui vale mais uma vez a citação de Butler (2003), quem reconhece que há cada inclusão, operam certas exclusões, justificativa que sustenta o posicionamento citado em Jardim (2016) da importância de manter em aberto o diálogo sobre uma experiência tão sensível.

Se também intencionei responder ao convite feito por Jardim (2016, p. 242) ao fim de sua pesquisa, quando reconhece a necessidade de escuta de experiências *desde outros lugares*, dentre os quais, são citadas as pessoas "homossexuais", muito me alegraria que tensionsamentos e diálogos surjam em relação a esta escrita, questionando e ampliando perspectivas desde outros lugares dessas margens, que tampouco são homogêneas.

Comecemos nossos trabalhos de escuta.

REFERÊNCIAS

Ackerly, B., & True, J. *Doing feminist reserach in political & social science*. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

Adé Dudu. (1981). Negros homossexuais – pesquisa realizada pelo Grupo Adé Dudu. Recuperado em Arquivo Edgard Leuenroth, Pasta letra (dossiê movimentos).

Adorno, T. W. (1986). "Educação após Auschwitz". Trad. de Aldo Onesti. In: Cohn, G. *Adorno, Theodor W. Coleção Grandes Cientistas Socais*. São Paulo: Ática, 1986

Agamben, G. (2014). O que é o contemporâneo?. In: Agamben, G. *Nudez.* Belo Horizonte: Autêntica Editora.

_____, G. (2017). *Studenti*. Recuperado de: quodlibet.it/giorgio-agamben-studenti.

Almeida, R. (2017). A onda quebrada – evangélicos e o conservadorismo. *Cadernos pagu*, 50.

Almeida, M.R.; Labrocini, L.M. (2007). A trajetória silenciosa de pessoas portadoras de HIV contada pela história oral. *Ciência saúde coletiva*, 12 (1). Recuperado de: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232007000100030>. Acesso em: 23/08/2019.

Ansara, S. *Memória Política, Repressão e Ditadura no Brasil*. Curitiba: Juruá Editora, 2009.

Arendt, H. (2018). *Entre o passado e o futuro* (8ª ed.). São Paulo: Editora Perspectiva. Texto original de 1954.

Aragusuku, H.A.; Lee, H.O. (2015). A Psicologia Brasileira e as Políticas LGBT no Conselho de Psicologia. *Revista Gestão e Política*, 5 (1), 131-154. Recuperado de: http://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/125153.

Andrada, C. (2018). O método no centro: relatos de campo de uma pesquisa psicossocial de perspectiva etnográfica. *Psicologia USP*, 29 (2), 236-245. Recuperado de: < http://www.scielo.br/pdf/pusp/v29n2/1678-5177-pusp-29-02-236.pdf>.

Aristóteles. (2017). *Poética*. (2ª ed., Trad. de Pinheiro, P.). São Paulo: Editora 34. Texto original de 384-322 a.C.

Barbosa da Silva, J.F. (2005). In: Green, J.N.; Trindade, R. (Org.) *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos* (1ª edição, Parte I – Reprodução da monografia histórica e inédita de José Fabio Barbosa da Silva, 39-212). São Paulo: Editora Unesp.

Bento, B. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação? *Cadernos pagu [online]*. Campinas, (53), 2018. Recuperado de: http://www.scielo.br/pdf/cpa/n53/1809-4449-cpa-18094449201800530005.pdf .

Birman, J. (1994). Sexualidade: entre o mal e as maledicências. In: Loyola, M. A. (Org.). *Aids e sexualidade: o ponto de vista das ciências humanas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UERJ. 1994.

Borrillo, D. (2010). *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.

Bortolozzi, R.M. (2015). A Arte Transformista Brasileira: Rotas para uma genealogia decolonial. *Quaderns de Psicologia*, 17 (3), 123-134. DOI: 10.5565/rev/qpsicologia.1274

_____, R.M. (2017). Itinerários para memórias da arte transformista paulistana. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, (5), 9-21. Recuperado de: https://www.sescsp.org.br/files/artigo/13b75b14/bac9/4183/.../25e683952483.pdf

_____, R.M., & Areda, F. (2017). Nosso caos, nosso cosmos: notas sobre a memória e a cultura lgbt brasileira. *Uniletras*, 39 (2), 157-173. Doi: 10.5212/Uniletras.v.39i2.0001

Bosi, A. (1995). A Escrita do testemunho em Memórias do Cárcere. *Estudos Avançados*, 9 (23).

Bosi, A. (2002). Camus na Festa do Bom Jesus. In: BOSI, Alfredo. Literatura e Resistência. (144-162). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Bosi, E. (2013a). A substância social da memória. In: ____, E. O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social (3ª ed., cap. 1, parte, 13-48). São Paulo: Ateliê Editorial. Original publicado em 2003.

____, E. (2013b). A pesquisa em memória social. In: ____, E. O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social (3ª ed., cap. 2, parte I, 49-58). São Paulo: Ateliê Editorial. Original publicado em 2003.

____, E. (2013c). Sugestões para um jovem pesquisador. In: ____, E. O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social (3ª ed., cap. 3, parte I, 59-68). São Paulo: Ateliê Editorial. Original publicado em 2003.

____, E. (2013d). Memória da cidade: lembranças paulistanas. In: ____, E. O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social (3ª ed., cap. 4, parte I, 69-80). São Paulo: Ateliê Editorial. Original publicado em 2003.

____, E. (2013e). Entre a opinião e o estereótipo. In: ____, E. O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social (3ª ed., cap. 2, parte II, 113-125). São Paulo: Ateliê Editorial. Original publicado em 2003.

____, E. (2016). *Memória e sociedade: Lembranças dos velhos* (19ª ed.) São Paulo: Companhia das Letras

Bourcier, S. (2019). Arquivos = vida – A pulsação do arquivo que bate em nós. Tradução de L. Morando. Texto original publicado em *Friction Magazine* em maio de 2018. Recuperado de: https://resistaorp.blog/2019/02/12/arquivos-vida-a-pulsacao-do-arquivo-bate-em-nos/.

Butler, J. (2003). O parentesco é sempre tido como heterossexual? *Cadernos pagu [online]. Campinas, (21), 219-160.*

_____, J. (2015a). *Quadros de Guerra – quando a vida é passível de luto?* (1ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira

_____, J. (2015b). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* (8ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____, J. (2015c). *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética.*Belo Horizonte: Autêntica Editora.

_____, J. (2018). *Corpos em aliança e a política das ruas - notas para uma teoria performativa de assembleia***.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____, J. (2018b). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: Louro, G.L. (Org.). O corpo educado – Pedagogias da sexualidade (4 ed., 191-219). Belo Horizonte: Autêntica.

Caetano, M. (Diretor). Desbun Filmes,, Paleo TV (Produção). (2009). Bailão. São Paulo. Recuperado de: <http://portacurtas.org.br/filme/?name=bailao>.

Caetano, M.; Nascimento, C.; Rodrigues, A. Do caos re-emerge a força: AIDS e mobilização LGBT. (2018). In: J.N. Green, Quinalha, R., M. Caetano, & M. Fernandes (Org.). *História do Movimento LGBT no Brasil* (1ª ed., 279-287). São Paulo: Alameda.

Candau, J. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2016.

Candida Smith, R. (2012). Publicando história oral: Trocas orais e cultura impressa. In: Circuitos de subjetividade: História oral, o acervo e as artes (45-60). São Paulo: Letra e Voz.

Capelato, M.H. (2006). Memória da Ditadura Militar Argentina: Um Desafio para a História. *CLIO*. Série História do Nordeste (UFPE), 1, 61-81.

Carvalho, M.; Carrara, S. (2013). Em direito a um futuro trans? : contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil**.** *Sex., Salud Soc.* [online], Dossiê 2, 319-351. Doi: 10.1590/S1984-64872013000200015.

Cavarero, A. (2011). *Vozes Plurais: filosofia da expressão vocal*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Carrara, S. (2015). MORALIDADES, RACIONALIDADES E POLÍTICAS SEXUAIS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO. *Mana*, 21(2), 323-345. https://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n2p323

Certeau, M. (2014). *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer* (22ª ed). Petrópolis: Rio de Janeiro.

Chauí, M. (2016). In: Bosi, E. (2016). Memória e sociedade: Lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras.

Cornejo, G. (2015). Por uma pedagogia queer da amizade. Tradução de J.F.J. Coelho. *Áskesis*, 4 (1), 118-129. Recuperado de: www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/download/104/pdf.

Costa, J. F. (1992). *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo* (3ª ed). Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Cutuli, M.S., & S.J. (2015). Insausti. Cabarets, corsos y teatros de revista: espacios de transgresión em la memoria marica. In: *Memorias, identidades y experiencias trans: (in)visibilidades entre Argentina y España*. Barcelona: Editorial Biblos.

Cowan, B. (2015). Homossexualidade, ideologia e "subversão" no regime militar. In: J.N. Green, & R. Quinalha (Org.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade* (Cap. I, 27-52). São Carlos: EdUFSCar.

Cowan, B. (2016). *Securing Sex: Morality and Repression in the Making of Cold War in Brazil* (1ª ed.). Chapel Hill: University of North Carolina Press.

Daniel, H.; Parker, R. (1991). AIDS: A Terceira Epidemia. São Paulo: Iglu.

De la Dehesa, R. (2007). El Sexo y la revolución: la liberación lésbico–gay y la izquierda partidaria en Brasil. Revista de Estudios Sociales, (28), 44–55.

Deleuze, G. (1998). Uma conversa, o que é, pra que serve?. In: DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos* (Cap. 1, 9-28). São Paulo: Escuta.

Deleuze, G.; Guattari, F. (2000). Introdução: rizoma. In: Deleuze, G.; Guattari, F. *Mil Platôs – Capitalismo Esquizofrenia v. 1*. São Paulo: Editora 34.

Dornelles, P.G.D.; Dal'Igna, M.C. (2015). Gênero, sexualidade e idade: tramas heteronormativas nas práticas pedagógicas da educação física escolar. *Educação e Pesquisa*, 41 (especial), 1585-1599.

Duvignaud, J. (2013). Prefácio. In: Halbwachs, M. (2003). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.

Facchini, R. (2005). *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. (1 ed). Rio de Janeiro: Garamond.

Facchini, R. (2012). Entre compassos e descompassos: um olhar para o "campo" e para a "arena" do movimento LGBT brasileiro. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, *3* (04), 131-158. Recuperado de https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2300.

Fernandes, M. Lésbicas e a ditadura militar: uma luta contra a opressão e por liberdade. In: J.N. Green, & R. Quinalha (Org.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade* (Cap. IV,125-148). São Carlos: EdUFSCar.

Fico, C. Prefácio. In: J.N. Green, & R. Quinalha (Org.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade* (Prefácio, 13-16). São Carlos: EdUFSCar.

Figari, C. (2017). *@s Outro@s Cariocas – interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro Séculos XVII ao XX.* Belo Horizonte: Editora UFMG/Rio de Janeiro: IUEPRJ.

Fonseca, G. (1977). *Relatórios da polícia civil*. São Paulo. Tomo XXX.

Foucault, M. (1981). Da amizade como modo de vida, entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty,
J. Danet e J. le Bitoux. *Gai Pied*, (25), 38-39. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Recuperado de: http://escolanomade.org/2016/02/12/599/

Foucault, M. (1985). Opcíon sexual y actos sexuales, entrevista a James O'Higgins. In: Steiner & Boyer (org.). *Homosexualidad, literatura y política*. Madrid: Alianza.

Foucault, M. (2015). O saber gay. Tradução de E.A. Silva, & H.B.C. Rodrigues. *Revista Ecopolítica*, 11, 2-27. Recuperado de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/download/23545/16906>.

Foucault, M. (2015a). História da Sexualidade 1: a vontade saber. São Paulo: Paz & Terra.

França, I.L. (2010). *Consumindos lugares, consumindos nos lugares = homossexualidade, consumo e produção de subjetividades na cidade de São Paulo* (Tese de Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Fraccaroli, Y. (2018). *Consciência e Memória Política: vidas cotidianas e homossexualidades masculinas na ditadura civil-militar brasileira* (Relatório de Qualificação). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Fraccaroli, Y.; Arantes, V.S.; Aragusuku, H.A. (2018). Memória e Consciência Política: uma proposta de revisão teórica e metodológica para o campo da Psicologia Política. *Revista Psicologia Política*, 18 (41), 69-85. Recuperado de: < http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v18n41/v18n41a06.pdf>. Acesso em: 13/07/2019.

Freitas, B.P. (2014). Hannah Arendt: uma vida vivida na unidade entre pensamento e ação por amor ao mundo. *Cadernos Zygmunt Bauman*, 4 (7), 49-74. Recuperado de: < http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/download/2192/3021>. Acesso em: 29/06/2019.

Freud, S. (1919/1996). O estranho. Obras completas, ESB, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Fry, P. (1982). Da Hierarquia à Igualdade: A Construção Histórica da Homossexualidade no Brasil. In: ___, P. *Para Inglês: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Fry, P, & MacRae, E. (1985). *O que é homossexualidade?*. São Paulo: Abril/Brasiliense.

García, V. M. A. (2010). Política y política de la vida, la lucha por el placer, una lucha por el poder. *Revista Electrónica de Psicología Iztacala*, 13(2),32-44. Recuperado de://www.journals.unam.mx/index.php/repi/article/view/17657/16837

Giard, L. (2014). Apresentação. In: Certeau, M. (2014). *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer* (22ª ed, 9-34). Petrópolis: Rio de Janeiro.

Gonçalves Filho, J. M. (1998). Humilhação social - um problema político em psicologia. *Psicologia USP*, 9(2), 11-67. Doi: 10.1590/S0103-65641998000200002

Gonçalves Filho, J.M. (2003). Problemas de método em Psicologia Social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante. In: Bock, A.M.B. (org.). *Psicologia e Compromisso Social* (1ª ed., 193-239). São Paulo: Cortez. Texto recuperado com alterações em: < http://www.ammapsique.org.br/baixe/problemas-de-metodo-psicologia-social.pdf>.

Gonçalves Filho, J.M. (1988). Gonçalves Filho, J. M. (1988). Olhar e memória. In: Novaes, A. (Org.). *Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras.

Green, J.N. (2000). Além do carnaval – a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP.

Green, J.N. (2018). *Revolucionário e gay: a extraordinária vida de Herbert Daniel – pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão* (1ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Green, J.N. (2018b). Forjando alianças e reconhecendo complexidades: as ideias e experiências pioneiras do Grupo Somos em São Paulo. In: J.N. Green, Quinalha, R., M. Caetano, & M. Fernandes (Org.). *História do Movimento LGBT no Brasil* (1ª ed., 63-78). São Paulo: Alameda.

Green, J.N., Polito, R. (2006). Frescos trópicos – fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

Green, J.N., Quinalha, R. (2015). In: _____. (Org.) *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade* (Introdução, 17-26). São Carlos: EdUFSCar.

Green, J.N., Quinalha, R. (2015b). Contribuição sobre o tema ditadura e homossexualidades para o Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade e parceiras. In: _____. (Org.) *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade* (Cap. X, 301-320). São Carlos: EdUFSCar.

Grele, R.J. (2002). Pode-se confiar em alguém com mais de 30 anos? Uma crítica construtiva à história oral. In: Ferreira, M.M.; AMADO, J. (Org.) *Usos e abusos da história oral* (267-77). Rio de Janeiro: Ed. FGV.

Guasch, O. (2007). *La crisis de la heterosexualidad* (2ª. ed.). Barcelona: Laertes.

Guattari, F. (2013). *Líneas de fuga: por outro mundo de posibles*. Buenos Aires: Editorial Cactus.

Guimarães, C.D. (2004). *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond.

Halbwachs, M. (2003). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro (Original Publicado em 1925).

Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu,* 5, 7-42.

Heller, A. (2016*). O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro: Paz & Terra.

Henning, C. (2014). *Paizões, tiozões, e tias e cacuras : envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo* (Tese de Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Henning, C. (2016). "Na minha época não tinha escapatória": teleologias, temporalidades e heternormatividade. *Cadernos pagu*, 46, 341-371. Recuperado de: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010483332016000100341&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 14/07/2019.

Hopkins, P.E. (2016). Mulheres, homens, posicionalidades e emoções: fazendo geografias feministas da religião. In: Silva, J.M.; Ornat, M.J.; Junior, A.B.C. (Org.). *Geografias Feministas e das Sexualidades: encontros e diferenças*. Ponta Grossa: Toda Palavra Editora.

Jardim, L.E.F. (2016). *A Ditadura Militar na cidade, no trabalho e na casa de cidadãos brasileiros. Um estudo de depoimentos*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Joffily, M. (2012). Direito à informação e direito à vida privada. *Est. Hist.*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 49, 129-148.

Jorge, M.A.C. (2005). Fundamentos da Psicanálise, vol. 1: de Freud a Lacan. (2ª ed). Rio de Janeiro: Zahar.

Lang, B. (2013). Trilhas da pesquisa, convicções e diversidades. In: Santhiago, R.; Magalhães, V. (Org.) *Depois da utopia: A história oral em seu tempo* (71-80). São Paulo: Letra e Voz.

Leopoldo, R. (2017). Análise d'O anti-Édipo: críticas de Deleuze e Guattari a Sigmund Freud. *Rev. psicol. polít. [online]*, 17 (39), 293-303. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1519-549X2017000200008&lng=pt&nrm=isso>.

Lifschitz, J.A. (2014). Os agenciamentos da memória política na América Latina. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, *29* (85), 145-158. Recuperado de http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v29n85/10.pdf

Louro, G.L. Pedagogias da sexualidade. In: ____, G.L. (Org.) O corpo educado – Pedagogias da sexualidade (4 ed., 7-42). Belo Horizonte: Autêntica.

MacRae, E. (1982). Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: A. Eulálio (Org.). *Caminhos Cruzados: linguagem, antropologia, ciências naturais* (99-111). São Paulo: Brasiliense.

MacRae, E. (1983). Em defesa do Gueto. *Novos Estudos CEBRAP*, *2* (1), 53-60. Recuperado de: http://novosestudos.uol.com.br/produto/edicao-05/#58d42a5626821.

MacRae, E. (1987). Afirmação da identidade homossexual: seus perigos e sua importância. In: I.A. Tronca (Org.). *Foucault vivo* (81-88). Campinas: Pontes. Recuperado de: http://www.giesp.ffch.ufba.br/Textos%20Edward%20Digitalizados/8.PDF.

MacRae, E. (2018). A Construção da Igualdade – política e identidade homossexual no Brasil da "abertura". Salvador: EDUFBA.

Martín-Baró, Ignácio. (1991). El método en psicología política (2013, Fernando Lacerda, trad.). O Método em Psicologia Política. *Psicologia Política*, 13(28), 575- 592.

Martín-Baró, I. (2017). *Crítica e Libertação na Psicologia: estudos psicossociais*. Tradução e organização de Lacerda Jr., F. Petrópolis: Vozes.

Mcclerary, L. (2011). História oral: questões de língua e tecnologia. In: Magalhães, V; Santhiago, R. (Org.). *Memória e diálogo: escutas da Zona Leste e visões sobre a história oral* (93-125). São Paulo: Letra e Voz.

Meier, P.A.; Mattias, K. (Diretores). (1988). *Dores de Amor*. Brasil/Suíça: coprodução Amidon Paterson Film, Jürg Müller Filme, Thelma Film AG. Distribuído por Antiprod.

Montero, M. & Dorna, A. (1993). La Psicología Política: una disciplina en la encrucijada. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 25(1), 7-15.

Morando, L. (2015). Por baixo dos panos: repressão a gays e travestis em Belo Horizonte (1963-1969). In: J.N. Green, & R. Quinalha (Org.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade* (Cap. II, 53-82). São Carlos: EdUFSCar.

Mombaça, J. (2018). não se nasce monstra, tampouco uma se torna. In: cidade Queer, uma leitora (16-21). São Paulo: Edições Aurora / Publication Studio SP.

Moreira, R. (Diretora). (1988). *Hunting Season.* São Paulo. Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=rjan_Yd0C5g>.

Moscovici, S. (2013). *La era de las Multitudes: un tratado histórico de la psicología de las masas*. México: Fondo de Cultura Económica, 2013.

Napolitano, M. (2015). Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro. *Antíteses*, cidade, v. 8, n. 15 (esp).

Napolitano, M. (2017). *Coração civil: a vida cultural brasileira sob o regime militar (1964-1985)*. São Paulo: Intermeios.

Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Proj. História*, São Paulo, v. 10, 8-10.

Ocanha, R.F. As Rondas policiais de combate à homossexualidade na cidade de São Paulo (1976-1982). In: GREEN, J.; QUINALHA, R. *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade* (Cap.V, 149-176). São Carlos: EdUFSCar, 2015.

Outra Coisa. (1981). Bandeirante Destemido: um guia gay de São Paulo. Recuperado de: Acervo Edgard Leuenroth.

Paiva, V. (2014). Gênero como categoria de análise... e da psicanálise? In: Ambra, P.E.S.; Silva Jr., N. (Org.). *Histeria & Gênero: sexo como desencontro*. São Paulo: nVersos.

Pinto, D. (2013). *Consciência e Memória*. São Paulo: WMF Martins Fontes.

Perlongher, N.O. (1987). *O negócio do michê – prostituição viril em São Paulo* (1ª ed.). São Paulo: Editora Brasiliense.

_____, N.O. (1992). O desaparecimento da homossexualidade. In: Lancetti, A.; Souza, H.B.; Costa, J.F. (Coord.) Saúde loucura (3ª ed., 39-45) São Paulo: Editora Hucitec.

_____, N.O. (1985). Disciplinar os poros e as paixões. *Lua Nova*, 2 (3), 35-37. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/ln/v2n3/a07v2n3.pdf>.

Platero, R.L. (2015). *Trans*exualidades: acompañamiento, factores de salud y recursos educativos.* (1ª ed.). Barcelona: Edicións Bellaterra.

Pelúcio, L. (2007). Ativismo Soropositivo: a politização da AIDS. *Ilha – Revista de Antropologia*, 1 (09), 119-141. Recuperado de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/7947>

Pelúcio, L. (2009). *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. (1ª ed.). São Paulo: Annablume.

Pelúcio, L.; Miskolci, R.(2009). A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes". *Sexualidade, Salud y Sociedad*, 1, 125-157. Recuperado de: <

Pereira de Queiroz, M.I. (1988). Relatos Orais: Do Indizível ao Dizível. In: von Simon, O.M. (org.) - *Experimentos com História de Vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice.

Perra, H. (2014). Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma. *Revista Periodicús*, 1 (2). Recuperado de: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/12896/9215>. Acesso: 25/06/2018.

Pollak, M. (1983). A homossexualidade masculina, ou: felicidade no ghetto?. In: *Sexualidades Ocidentais* (51-73). Lisboa: Contexto.

Quinalha, R.H. (2017). *Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)*. (Tese de Doutorado). Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Rich, A. (2012). Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, *4* (05). Recuperado de https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309

Ricœuer, P. (1994). *Tempo e Narrativa* – Tomo 1. Campinas: Papirus.

Ricœur, P. (2006). La vida: un relato en busca de narrador. *Ágora – Papels de Filosófia*, 25 (2), 9-22. Recuperado de: < https://minerva.usc.es/xmlui/bitstream/handle/10347/1316/;jsessionid=D1E4BB50258537DDD7AC99068D97FC48?sequence=1>.

Ricœur, P. (2018). *Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Lisboa: Edições 70.

Rolnik, S. (sem data). *Amor, o impossível e uma nova suavidade*. Recuperado de: http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Novasuavidade.pdf.

Ruiz, F.T.B. (2018). *Hiv/aids: análise de discurso e laço social*. (Projeto de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Saar, R. (Diretor). Muniz, E.S. (Produtor). (2008). *Depois de Tudo*. Rio de Janeiro. Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=NLMlRKYqk_w&t=609s>.

Saez, J.; Carrascosa, S. (2017). *Pelo cu – políticas anais*. (1ª ed.). Belo Horizonte: Letramento.

Salazar, G.A. (2015). *El deseo invisible: homoerotismo masculino em Santiago de Chile (1950-1973)* (Dissertação de Mestrado). Escuela de Postgrado, Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad de Chile, Santiago de Chile.

Sandoval, S.A.M.; Silva, A.S. (2016). O modelo de análise da consciência política como contribuição para a Psicologia Política dos Movimentos Sociais. In: Hur, D.U.; Lacerda, F.J. (org) *Psicologia, políticas e movimentos sociais*. Petrópolis: Editora Vozes.

Scott, J. (1998). A invisibilidade da experiência. *Projeto História*, 16, 297-325. Recuperado de: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11183.

Silva, A.S.; Barboza, R. (2005). Diversidade sexual, Gênero e Exclusão Social na produção da Consciência Política das Travestis. *Athenea Digital*, 8, 27-49.

Silva, V.F.; Bettine, M. (2018). Brasil em transe: o Estado de exceção permanente em Glauber Rocha e Giorgio Agamben. *Revista brasileira de estudos de cinema e audiovisual*, 7 (2), 53-72. Recuperado de: <https://rebeca.socine.org.br/1/article/view/517/324>.

Silva, J.M.; Ornat, M.J.; Junior, A.B.C. (2017). Geografias feministras e pensamento decolonial: a potência de um diálogo. In:_____ (Org.), *Diálogos Ibero-latino-americanos sobre geografias feministas e das sexualidades* (Prefácio, 11-30). Ponta Grossa: Todapalavra Editora.

Simonetto, P. (2017). Movimientos de liberación homosexual en América Latina. Aportes

historiográficos desde una perspectiva comparada entre Argentina, Brasil, Chile, Colombia y México (1967-1982). *Iberoamericana*, XVII (65), 157-177. DOI: 10.18441/ibam.17.2017.65.157-177

Simonetto, P. (2018). Intimidades disidentes. Intersecciones en las experiencias de homosexuales y lesbianas en Buenos Aires durante los sesenta y setenta. *Revista Americana de Historia Social* ,11, 28-50.

Simões, J.A.; França, I.L. (2005). Do "gueto" ao mercado. In: Green, J.N.; Trindade, R. (Org.) *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos* (1ª edição, cap. 5, parte 2, p. 309-336). São Paulo: Editora Unesp.

Simões, J.A. (2018). Gerações, mudanças e continuidades na experiência social da homossexualidade masculina e da epidemia de HIV-Aids. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, (29), 313-339. https://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2018.29.15.a

Soliva, T.B. A confraria gay: um estudo sobre a trajetória da Turma OK. In: J.N. Green, Quinalha, R., M. Caetano, & M. Fernandes (Org.). *História do Movimento LGBT no Brasil* (1ª ed.,121-136). São Paulo: Alameda.

Sontag, S. *A AIDS e suas metáforas*. (1ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Spivak, G.C. (1985). Interview with Angela McRobbie. *Block* (10), 5-9.

Steffen, L. (Diretor). Lima, E. (Produtor). (2013). *São Paulo em Hi-Fi* [Mídia Digital]. São Paulo: produção independente.

Steffen, L. (2017). Do footing aos afters: vem com a gente fazer um tour pela cena noturna LGBT de São Paulo nos últimos 100 anos. *Music non stop*. Recuperado de: <https://musicnonstop.uol.com.br/uma-viagem-pela-cena-noturna-lgbt-de-sao-paulo-nos-ultimos-100-anos/>.

Svartman, B.P. (2010). Trabalho e desenraizamento operário: um estudo de depoimentos sobre a experiência de vida na fábrica. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Trevisan, J.S. (2018). *Devassos no Paraíso – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. (4ª ed.). São Paulo: Objetiva.

Trevisan, J.S. (2018b). Somos o quê mesmo?. In: J.N. Green, Quinalha, R., M. Caetano, & M. Fernandes (Org.). *História do Movimento LGBT no Brasil* (1ª ed., 137-156). São Paulo: Alameda.

Trindade, R. (2002). Atores/Autores: histórias de vida e produção acadêmica dos escritores da homossexualidade no Brasil. *Cadernos de campo*, 10 (10), 63-78. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v10i10p63-78.

Trindade, R. (2018). *De dores e de amores: (re)construções da homossexualidade paulistana* (1ª ed.). São Paulo: Annablume.

Veras, E.F. (2019). *Travestis: carne, tinta e papel* (2ª ed.). Curitiba: Appris.

Vieira, H., & Fraccaroli, Y. (2018). Violências e dissidências: um breve olhar às experiências de repressão e resistência das travestis durante a ditadura militar e os primeiros anos da democracia. In: J.N. Green, Quinalha, R., M. Caetano, & M. Fernandes (Org.). *História do Movimento LGBT no Brasil* (1ª ed., 357-378). São Paulo: Alameda.

Vieira, H., & Fraccaroli, Y. (2019). Expandir o humano: direitos humanos, violência e transfobia no Estado do Ceará. [Capítulo no prelo].

Weil, S. (1996). *A condição operária e outros estudos sobre a opressão.* Rio de Janeiro: Paz & Terra.

Wonder, C. Olhares de Claudia Wonder – crônicas e outras histórias. (1ª ed.). São Paulo: Edições GLS.

Vezzeti, H. (2007). Conflictos de la memoria en la Argentina. Un estudio histórico de la memoria social. In: Pérotin-Dumon, A. (org.). *Historizar el pasado vivo en América Latina*. Recuperado de: <http://etica.uahurtado.cl/historizarelpasadovivo/es_contenido.php>.

Teles, E.; Safatle, V. (2010). *O que resta da ditadura – a exceção brasileira* (1ª ed). São Paulo: Boitempo.

Teles, J.A. (2010). Os familiares de mortos e desaparecidos políticos e a luta por "verdade e justiça" no Brasil. In: Teles, E.; Safatle, V. *O que resta da ditadura – a exceção brasileira* (1ª ed). São Paulo: Boitempo